

ontrolados

Peterson Silva

ontrolados

A ALIANÇA DOS CASTELOS OCULTOS

1ª edição
2013

Série Controlados — Volume I: A Aliança dos Castelos Ocultos

Peterson Silva

1ª edição, 1ª revisão

ISBN: 9788580455465

eISBN: 9788580455458

Arte da capa: Lucas Machado

Produzida com o uso de ferramentas livres como Ubuntu, L^AT_EX, Kate e LibreOffice

Obrigado por ler!



seriecontrolados.com.br/ue

Universo Estendido



seriecontrolados.com.br/lj

Loja Controlados



seriecontrolados.com.br/rs

Redes sociais

Se você comprou o livro (versão física, PDF ou ePub), fez uma doação ou comprou um produto da Loja Controlados, visite o site do Universo Estendido acima para ter acesso a ele!

Licença Pública de Marca 1.0, 2013, Peterson Silva, “Controlados”, série de livros de fantasia épica contemporânea.

Esta licença permite que você copie, distribua, compartilhe e transmita em qualquer dispositivo físico ou virtual, mas não pode alterar, transformar ou construir sobre esta marca.

Esta marca é distribuída de forma livre mas, de nenhuma forma o autor ou o proprietário legal dela endossa o produto associado a esta marca.

A íntegra desta licença está publicada no Portal do Software Público em www.softwarepublico.gov.br/lpm.

Texto registrado na Fundação Biblioteca Nacional. Reproduzir esta obra — no todo ou em parte — só é permitido com a autorização do autor, conforme os termos da licença Creative Commons *Atribuição – Uso não-comercial – Partilha nos termos da mesma licença* 3.0.



Para ver uma cópia desta licença na íntegra visite

www.creativecommons.org/licenses/by-nc-sa/3.0/br

ou envie uma carta para

559 Nathan Abbott Way, Stanford, California, 94305, Estados Unidos da América.

Para Carlos, Enedir e Aline.

Parte I

A esperança no crime

Capítulo 1

Isolados

As nuvens passeavam pelo céu, estufadas e lúdicas, impedindo o sol de aquecer a terra tanto quanto poderia. Flutuavam devagar, amarelas como campos de trigo, atravessadas por serenos raios de luz já levemente alaranjados em um firmamento que insistia em permanecer azul.

Em pé diante do Rio da Discórdia, que seguia lépido seu curso, ele olhava além. Não conseguia discernir sequer contornos, grosseiros que fossem, das Montanhas do Céu — o limite do deserto de Imiorina, que se estendia impiedoso e seco num horizonte a perder de vista. Atrás de si ficava a pálida colina que ele contornou pra chegar àquelas paragens aos pés d'água, afastadas do centro da cidade mas nem por isso difíceis de encontrar; apenas o suficiente para que ele e seus alunos ficassem distantes, isolados.

Estava em pé porque não gostava de se sentar. Não ali, não naquele momento; não pensando em quem deveria ser. Não quando não se continha em si mesmo de nervoso entusiasmo. Juntava as mãos inquietas atrás das costas, sentindo a aspereza rude das vestes marrons, andando de um lado para o outro de vez em quando.

— Mestre? — Disse uma distante voz feminina à esquerda.

— Estou aqui! — Respondeu ele, pigarreando em seguida. Logo viu surgir por detrás da colina uma mulher de rosto abatido e um longo vestido roxo. Apressou os passos abertos, andando até ele com um corpo largo e cabelos dourados sem brilho.

— Boa tarde, mestre!

— Boa tarde, Enrita.

O professor baixo e calvo, com um rosto que a escassez emagreceu mas não tornou menos redondo, voltou a olhar para o rio enquanto a aprendiz sentava ao pé do morro. Outros alunos foram chegando; sozinhos ou em grupos. Serenos e sorridentes, heterogêneos e simpáticos, juntaram-se em uma pequena multidão de vinte e seis pessoas. A quantidade de homens e mulheres era bastante igual, com tantos jovens quanto adultos, mas sem nenhuma pessoa mais velha.

Lamar, desfazendo a posição dos braços, passou a segurar as duas mãos

à frente do corpo, como se uma precisasse acalmar a outra. Tudo tinha dado certo na última vez em que estiveram naquele lugar — isto é, considerando quão *errado* tudo poderia ter dado. Fazer aquilo era arriscar muito, como ele já havia, a seu modo, amargamente aprendido.

— Bom... — Começou ele, esfregando as mãos. — Já que todos estão aqui, então... Podemos começar.

Lamar girava o pescoço, tentando captar num só olhar todas aqueles rostos obstinadamente curiosos. Sorriu, o nervosismo escapando pelas narinas, e logo inspirou a certeza de que todos ali estavam sedentos pelo saber que lhes era proibido.

— Hoje nós vamos começar a treinar um ataque. Um ataque bastante simples. — A mudança de postura e os inibidos murmúrios de excitação indicavam interesse. — Na verdade, eu penso que essa é a técnica mais simples de todas.

Alguns homens realmente jovens, vestindo coletes de couro por cima de largas camisas azuis, o observavam ainda mais suspensos em expectativa, à esquerda. Lamar fez um esforço mental para se lembrar do nome deles, mas não conseguiu.

Aquilo não era realmente um problema — afinal, lembrava do nome de muitos outros. Havia alguém lá, porém, que não lhe era nem um pouco familiar. Parecia um homem, e confundia não apenas sua aparência como também a atitude; algo de todo incomum, sem dúvida, ainda que o parâmetro de comum não estivesse bem estabelecido ainda. Usava uma veste laranja, grossa, longa e chanfrada, e por cima uma grande capa negra, com um capuz em que o tecido sobrava. Lamar não conseguia ver o rosto por debaixo dos panos.

— *Então...* — disse ele, num rompante, seguindo um impulso de continuar a aula. Poderia interpelar o aluno novo mais tarde; não havia tempo a perder. — Vamos formar pares, sim?

Os estudantes aquiesceram, começando o arranjo de duplas. Ficaram de frente um para o outro, de pé, a uma curta distância. Antes de passar a eles as instruções iniciais, Lamar sentiu-se um pouco cansado nas pernas. Era uma sensação incômoda; uma espécie estranha de dor nas articulações que crescia enquanto ele caminhava — Só podia ser o resultado de tanto andar para chegar até ali. Resolveu sentar no chão para ver se conseguia se sentir melhor.

Os aprendizes olharam para ele, confusos. Percebendo o pesado silêncio, Lamar concluiu que talvez não fosse um bom momento para sentar e descansar. Como que querendo desfazer o que havia acabado de fazer, rapidamente levantou-se e prosseguiu.

— Vocês lembram que... Do que falamos na aula passada? — Alguns murmuraram que sim. — Que, para praticar magia, a intenção é muito

importante? Sentir a intenção e dirigi-la para alguém? — Mais cabeças balançando afirmativamente. — Bem, agora vocês vão fazer isso de novo, só que agora a intenção vai ser uma intenção em especial. Vocês vão se concentrar em enviar para o seu par um sentimento de *conforto*, c-como se vocês fossem... Dar um abraço nele, só que vão provocar essa mesma sensação a *distância*, entendem? — O ar que respirava enchia-lhe de um fôlego de urgência. — E lembrem-se, *lembrem-se!* Cada um por vez! Não ofereçam resistência ao outro! Deixem que o sentimento tome... *Conta* de vocês, caso ele estiver surgindo. É nisso que vocês têm que prestar atenção, sim?

Lamar começou a vagar pelas duplas para observá-las de perto, embora soubesse que nesse estágio do treinamento não precisaria fazê-lo. Os iniciantes eram fáceis de ler em suas tentativas; fazem caretas contorcidas, como se aquilo lhes drenasse todas as energias do corpo. Outros, mais centrados, fechavam os olhos em um semblante tranquilo. Provavelmente não conseguiam nada, mas algo começou a acontecer, deixando-o pouco a pouco desconfortável. Era um murmúrio, que Lamar logo percebeu vir de dois alunos em uma dupla.

Eles riam.

A mente de Lamar imediatamente inundou-se com estimativas. Riam de *quê?* Talvez rissem um do outro, por escárnio ou lembranças... Ou talvez achassem que a aula era simples demais para eles. Algo de todo muito básico.

E eles riam; riam com cada vez mais liberdade.

Se achavam-na *fácil*, talvez *já fossem* magos. Lamar sentiu medo por um momento — que logo foi embora, como vento frio. Não, não eram magos. Se algum mago viesse à aula não seria imprudente de se revelar desta forma.

Sentia as bochechas pegarem fogo por dentro. O medo logo passou a irritação subindo-lhe a garganta, enchendo a cabeça como combustível para o que houvesse de mais negativo. Acaso achavam-se melhor que todos ali?

Não deveria pensar aquilo dos alunos. Não deveria principalmente repreendê-los assim, incentivando-os a abandonar a aula, não, isso ele não poderia fazer de maneira alguma... A *raiva* o sufocava. A situação, afinal, prejudicava a concentração dos outros aprendizes! A Lamar parecia, quando olhava em volta, que olhavam de volta para ele, não mais para os causadores de distúrbio. Procuravam seu olhar, guardando-lhe a repreensão mais dura, em que deixavam claro esperar *dele* uma atitude, por certo. Cobravam uma medida enérgica, repressiva — que se fazia necessária, é claro, já que as risadas prosseguiam, acintosamente sinceras e ruidosas. Pelo menos ninguém parecia entender do que riam.

Os garotos gargalhavam ainda mais abertamente. Quase caíram pra trás, desequilibrando-se por um momento. Certamente não estavam apren-

dendo, não estavam tentando — *Por que estavam ali, então?* Por que não ficaram em casa trabalhando, ou fazendo qualquer outra coisa? Por que vieram? Ou, se tinham alguma fazenda para estar, uma ocupação que fosse na cidade — se a vida estava fácil para eles, bem, *certamente* não estava para muitos. Para Lamar, para aqueles alunos, para... .

— O que *É* tão engraçado? — explodiu Lamar, irritado.

A dureza quebrou a espinha dorsal da risada. Os alunos passaram a olhar para Lamar, que mantinha um olhar revoltoso. As bocas se fecharam; as bochechas, murchas, denunciavam a vergonha recém-adquirida.

— Não... N-Não sei.

— Não *sabe*?! — Ralhou Lamar, um pouco desconcertado com a resposta. Esperava por alguma coisa. Qualquer coisa.

— Não, a gente... — Disse o outro, olhando para o chão. — Riu, só... Desculpa.

Lamar sustentou seu olhar contra o deles por mais alguns segundos. Ora... De fato fora duro demais. Mas eles *mereceram*. Estavam sendo... Abusivos, impertinentes... Foi necessário. Foi preciso.

Sem dizer nada que encerrasse o assunto, recomeçou a andar para longe deles. Sussurrava para outras duplas, já totalmente dispersas do exercício, que retornassem às atividades. Gritar com aprendizes. Perder a paciência. “Isso *não* sou eu...”

Lamar caminhou pelo lugar, completamente alheio. Olhava para a grama com a cabeça no que havia feito e por que o fizera. O que adicionava ainda mais peso à culpa era o silêncio, que não era absoluto; era antes ritmado por sons variados que expressavam a esmerada tentativa e a desalentada frustração — com sorte era consequência da prática, e não de quase-mudos vereditos.

Um aluno chamou discretamente por Lamar, que perguntou o que ele sentiu. Tudo foi descrito conforme o esperado. Lamar estava quase zozinho, mas todos o viam com um sorriso no rosto; pelo menos tinha sucesso em parecer feliz por poder ser útil novamente. Enquanto ouvia coisas sobre calor, abraços e conforto, felicitava uma aluna pela magia praticada com êxito. Não sabia dizer quantos haviam ficado felizes e esperançosos, e quantos haviam visto aquilo como sinal de que estavam atrasados e não eram bons o suficiente. Lamar não tentou ajudá-los com aquilo. Não recordava mais o que havia acabado de dizer a quem quer que fosse.

Depois de um tempo, resolveu que já estava na hora de seguir com o plano para a aula.

— Bem, é... Escutem! — Chamou Lamar. — Se vocês fossem capazes de... De produzir essa sensação sem um olhar, sem expressões, sem... Movimentos; seria ótimo. Mas, se não, está tudo bem. Existe algo que pode ajudar vocês. É um movimento com o punho! — Ele agora voltara a ficar de

frente para todos. Notou que havia se esquecido do homem de capa preta no fundo, à direita. — Um movimento simples, só... Observem. Observem primeiro e depois repitam.

Abriu os dedos das mãos duas vezes, e então girava os punhos. Era um movimento simples, mas devia ser delicado, e muitos dos aprendizes o faziam de um modo grosseiro e desleixado. Precisou de vários ajustes para ensinar uma porção específica da turma e, mesmo depois de passado muito tempo de prática, o movimento não ajudara ninguém a causar o efeito esperado.

Lamar se aproximou novamente de seu púlpito inexistente à margem do rio e olhou para o grupo. Percebeu que não dera atenção suficiente aos alunos mais à direita, que continuavam com alguns vícios que conseguira eliminar em outros. Poderia fazer isso na próxima aula, pensou, quando todos já estariam mais acostumados com o movimento.

— Atenção! Atenção, por favor! — Pediu Lamar.

Naquele momento percebeu, enfim, que o homem de laranja fazia o movimento. Movimento estranho, por alguma razão não imediatamente óbvia chamava a atenção de Lamar. Percebeu, enfim, que o movimento era perfeito. Lamar podia comprovar aquilo mesmo de longe.

Como pôde se esquecer daquele homem?

— É... Bem, fizemos um... Bom trabalho hoje... — Começou ele. Como pôde simplesmente deixar que um estranho encapuzado assistisse à aula? — E... É um trabalho difícil. É difícil mesmo conseguir realizar essas movimentações, essas... Esses *movimentos* do jeito certo leva muito tempo, não é qualquer um que consegue. — Deu mais uma olhada de esguelha para ele. Como nem sequer pôde dar uma olhada no *rosto* do sujeito? — Espero que na próxima aula vamos ter algo mais... Mais concreto.

— Daqui a cinco dias?

— Isso, isso mesmo. — Confirmou Lamar, sem saber quem perguntava. — Isso mesmo... Obrigado e até a próxima aula.

Quase cuspidando as últimas palavras, voltou-se para o rio. O sol se aproximava de Nauimior, o horizonte, e o céu adquiria cada vez mais os tons alaranjados que deveriam ser alegres e quentes, mas agora eram apenas melancólicos — e nada disso o ajudava. Respirava devagar — *forçava-se* a isso — tentando se acalmar. Tinha quase certeza de que vira o homem de capa permanecer exatamente onde estava, mesmo em meio às conversas que foram enchendo o ar de balbúrdia. Alguns falavam sobre o frio, que começava a agir também sobre Lamar. Outros falavam sobre as coisas que deixaram incompletas quando vieram para a aula. Outros falavam sobre a própria aula.

Lamar não ouvia nada. Pensava em milhares de olhos o observando de cima com penúria e decepção; olhos de pessoas que ele não conhecia, mas

que estiveram sempre ali. Vizinhos, parentes, concidadãos. Invisíveis, sem nome, julgando-o todos a cada fracasso.

Não conseguia dizer por quanto tempo havia ficado parado ali. Ao se virar, viu o capuz deslizado para as costas, os braços cruzados, a guarda da espada aparecendo na cintura. Viu um rosto que, sem dúvida, conhecia: claro, pacífico, até mesmo um pouco bobo, mas que já não parecia tão inocente por detrás da basta barba negra. O cabelo, também escuro, estava desvairado e cheio, dividido ao meio e caindo ao lado dos olhos como colunas enquadrando suas feições.

— Lamar. *Lamar. Lamar.* — Disse ele, resolvido a saborear cada sílaba.

— Então quer dizer que virou *mestre*?

— Tornero. — Reagiu, engolindo em seco. — ... É.

— Mestre de... O quê... Seriam... Trinta, trinta e cinco? Não parei para contar.

— Vinte e seis. Vinte e cinco sem você.

Tornero, que já exibia um sorriso minúsculo, deixando entrever apenas parcialmente seus dentes, abriu-se num riso ostensivo e ritmado.

— Você é um *toló*.

Lamar engoliu mais uma vez.

— O que... O que foi que você disse?

— Que você é um *toló*, Lamar, um *toló*. Você não achou *mesmo* que poderia ensinar magia bomin em Prima-u-jir sem que ficássemos sabendo, não é?

Olhava nos olhos de Tornero, forçando-se a não quebrar a conexão; era como se ela fosse a única forma de resistência que podia opor. Desviar os olhos significaria *perder*.

Mais uma vez.

— O que é que você é, Lamar? Um *alorfo*?

— Sim.

— E onde você aprendeu essa bobagem?

— Não interessa.

— *Insolente.* — Comentou Tornero, com os olhos repletos de desprezo ardendo em brasa. — ESCÓRIA dessa cidade e desse mundo, é *ISSO que vocês são!* Você é um fracasso, Lamar. Um fracassado. Sempre foi e sempre será. Não se contentou em ter dado errado quando mostrou que era um *fraco* para a magia... Quis continuar tentando, não é? É *claro* que encontrou um lugar entre aqueles que acham que todos deveriam ser magos.

— Você não entende, Tornero...

— *Você não entende!* — disse ele, escancarando os olhos. — Você não entende e é *isso* que me preocupa.

— Preocupa?

— Sim, preocupa, Lamar. Quando Byron disse que você estava dando aulas eu não acreditei. Eu *disse* a ele. *Disse* que era mentira, *disse* que você era um inútil. Mas ele pediu que eu averiguasse... Então eu vim. E, de fato — Tornero permitiu-se um minúsculo riso — você não decepcionou minhas expectativas. Continua tão *tolo* e imprestável como julguei que fosse.

— E-Eu sei que você não aprendeu magia desse jeito, mas sei também que todos demoram pra aprender... Estou ensinando de um jeito mais fácil. Do jeito que eu aprendi.

— É verdade, Lamar? Então você se considera um *grande mago*?

Tornero deu dois passos para trás, como se quisesse ver aquele mestre noviço por uma perspectiva diferente. Lamar sabia que aquela era uma pergunta perniciososa. Não podia responder que sim, mas ao mesmo tempo não conseguia admitir — não, não para Tornero — que não *era* um bom mago.

Decidiu ficar quieto.

— Você sabe que não pode me atacar, não é? — Perguntou Tornero, com a voz baixa à nova distância. — Pois bem. Eu quero que pare.

— Não vou parar.

— Eu quero que você pare, Lamar... Eu vim *mesmo* pedir que pare. Você está ensinando coisas que não *devem* ser ensinadas. Você está nos *agredindo*, Lamar. E você sabe que nós não *gostamos* de ser agredidos. Mas... — Tornero fez um sinal com a mão, sinalizando para que Lamar não dissesse nada. — Também vim pedir que pare porque isto é vergonhoso. Sinceramente... *Sinceramente*... Você *sabe* que magia não é movimentos de mãos, Lamar. *Sabe* que não tem a ver com olhares. Com essas... *Caras* e bocas. Não é *possível*, Lamar, mesmo com sua inteligência *limitada*, que você tenha esquecido disso, não é?

Havia algo difícil de explicar na forma como Tornero falava. Um jeito cheio de penúria. Lamar começou a sentir como se aceitar aquelas palavras de salvação fosse a única forma de escapar da iminente destruição. Uma destruição por irrelevância e ostracismo; uma forma de irreversível encolhimento de si mesmo, ao invés de rápida consumação no fogo. Lamar conseguia prever todo o tipo de coisa que Tornero poderia fazer; todo tipo de estrago. Era como lentamente cair em uma espiralada torrente de desespero; uma corrente sem fim de consequências e mais consequências de seus atos, levando ao mais nefasto dos fins.

Tornero explodiu em risadas condescendentes.

— Você é mesmo patético, Lamar...

O mestre levantou os olhos, percebendo com os pelos da nuca uma verdade que vinha lentamente à tona.

— Sua tarefa foi fácil, Lamar. Seus alunos são uns incompetentes. Fazer aqueles dois *imbecis* rir foi fácil. Fazer com que você se indispusse com

eles. Que sentasse no chão...

“Não... Não...”

“*Não, não, não, não, não...*”

— *Soterrei* você em seu próprio castelo tão rápido que você não sentiu *nada*. — Tornero começou a caminhar, enquanto o alorfo continuou parado. — Você, Lamar — disse Tornero, voltando-se uma última vez para a conversa — é como... Hm, como dizer? — Levantando a mão, mostrou a ele a região em volta. — Como um *passeio no campo* para mim.

Quando estimou que ele já devia estar longe, Lamar caiu no chão, de joelhos, com todas as suas culpas o atacando como rochas que caíam em um abismo — ou como se ele próprio, na verdade, estivesse com elas, caindo. Despencava, podendo sentir cada palmo de sua inevitável morte no fundo de uma profunda fenda.

Enquanto lágrimas caíam pelo rosto, sua visão ficou turva. Sabia o que viria depois, e sentiu um tremor percorrer seu corpo; passou a intermitentemente contemplar uma espécie de escuridão espessa e seca, e sentiu-se apertado por todos os lados, em cada parte do corpo; sentia-se nauseado como toda vez que se deixava conduzir àquela terra estranha e, quase sufocando, sabia que pedir ajuda era inútil.

Na magia, mais do que em qualquer outra coisa, era verdade o que diziam: não se pode deixar de ver o que foi visto. Mas, ainda assim, ele não conseguia deixar de tentar.

Cada vez mais desesperado, levou a mão aos olhos úmidos. A escuridão se dissipava e se transformava, aos poucos, em uma espécie de claridade marrom-clara, com alguns focos de luz azul como os espaços deixados para as janelas em uma construção de madeira. Via Tornero. Via o céu e via luzes de velas, tudo em uma estranha dança da qual não queria ser espectador.

Começou a esfregar o rosto violentamente com as duas mãos. Apertava as pálpebras tão forte que a vertigem veio.

Viu-se, enfim, esticado entre os dois mundos.

Caiu pra trás, mas sentia-se em pé — ou deitado — e tonto. Perdeu a noção do tempo que passou massageando o rosto, ora mais calmamente, ora de forma mais nervosa. Apenas quando voltou a ver somente o negrume incompleto das próprias mãos sobre sua vista esfoliada, sentindo a grama fria roçando a nuca — só então sentiu-se seguro para abrir os olhos de novo. Contemplou o céu laranja e as pálidas nuvens com alívio. Convencendo-se de que o melhor a fazer era ir para casa, levantou-se e, com passadas lentas, foi embora.

Capítulo 2

A charrete dos cinco yutsis

A palavra *rosano* vinha da língua antiga, a na-u-min. Roun, o nome em na-u-min para o sol, juntava-se à palavra sana, de tempo. Um rosano se passava ao final do ciclo das quatro estações — cada uma com cinquenta e quatro dias: inasi-u-sana, a mais fria, na qual estavam já quase pela metade; kerlz-u-sana, a seguinte, mais bela e primorosa; torn-u-sana, a mais quente, e gargsel-u-sana, a cinzenta. Era comum que uma pessoa chegasse aos noventa rosanos de vida, embora algumas conseguissem viver com paz e estabilidade para além dos cento e vinte.

Lamar aprendera quase tudo que sabia sobre o mundo em um livro velho e puído, que ele conservava até hoje, embora nas mãos de um novo e ávido leitor. O livro, *Registro Geral*, foi um presente de um amigo que fizera em Kerlz-u-een, cidade em que passou a morar com a ajuda da família quando tinha cerca de trinta rosanos. O mesmo amigo fez com que esquecesse tudo que tinha conseguido aprender sobre magia. Na verdade, fez com que *rejeitasse* tudo aquilo, e visse as coisas de um jeito bastante diferente. O resto de seu pequeno arcabouço de sabedoria vinha das músicas de sua terra natal, cheias de histórias vivas.

Lamar sabia também sobre minérios, os fenomenais objetos de vários formatos, cores e propriedades. Lamar sabia que os minérios pentagonais, discos razoavelmente espessos — mas ao invés de circulares, contendo cinco lados retos e iguais — geravam luz. Sabia que a corvônia, material extremamente resistente e invariavelmente negro, era obtida através de um minério octogonal — o único com este formato, roxo e translúcido. Sabia que por aquela estrada passava, de hora em hora, uma charrete controlada por um condutor carrancudo, e levada adiante por cinco yutsis. Ele não sabia que horas eram, então esperava que ela não demorasse muito, pois ele não queria mais ter que lembrar de detalhes da história de Heelum para se distrair do pesadelo em que sua aula se transformara. Queria logo chegar em casa e receber, na medida do possível, o carinho e o cuidado de Myrthes e de Ramon, e depois, se conseguisse, dormir como um minério.

A trilha era sinuosa e estreita, uma estradinha que circundava o lado leste de Prima-u-jir, ligando terras mais distantes a outras mais próximas

do centro. Já estava quase completamente escuro, e ali apenas um minério no topo de um alto poste de corvônia iluminava a região com uma fria luz azul. Para além do distante foco ficavam as estrelas.

Por mais que tentasse pensar em histórias e pedras, nada que ele pudesse imaginar o deixaria imune a memórias. Ao calcular horas, dias e rosanos, lembrava-se do passado que queria ignorar. Ao pensar em trilhas, refazia em sua mente o caminho que fazia, quando era menor, até uma mansão na colina mais alta do centro de Prima-u-jir. Dias mais cinzentos que aquele tomavam conta de suas sensações, como se ele estivesse lá, e pudesse sentir de novo a grandeza de um mundo além de sua imaginação. Um mundo grande, grande demais para sua pequenez.

Barulhos e vento o despertaram da nostalgia às avessas. O chão estava sendo pisoteado com violência, e as vibrações faziam qualquer coração bater mais forte.

Ninguém ficava indiferente diante da beleza bestial de um yutsi, um ser absurdamente grande. Quadrúpede, com mais de oito pés de altura e quase dezessete de comprimento, era todo coberto por um exoesqueleto duro e levemente áspero, cingido em pequenas partes curvas, encaixando-se em seu corpo como a armadura mais perfeita já vista. Sua respiração pesada e seus movimentos do tórax eram vibrantes e ritmados como tambores de guerra, e de seu torso roliço saía por um pescoço curto uma também protegida cabeça. Seus olhos eram tortos como fendas, e de um vermelho irritadiço. A boca, menor do que se poderia esperar, carregava os dentes mais resistentes dentre os animais de Heelum, e havia também dois chifres tortos, sempre assimétricos. A cauda era sólida e hostil como o corpo e, articulada, normalmente apontava para o céu. Ao invés de ser o ponto fraco do animal, era na verdade uma arma por vezes mais poderosa que o próprio galope determinado.

Os cinco yutsis pararam, obedientes, diante do único homem parado na estrada. Suas cabeças continuaram viradas para a frente, prontas para partir a qualquer sinal de impaciência do condutor, que virou o rosto para Lamar.

— Vai entrar ou não vai?

Lamar mais uma vez reuniu suas forças e se levantou. Subiu na espaçosa carroceria, ocupada também por outro homem, e acomodou-se no canto direito de trás, apoiando os dois braços sobre a madeira que compunha o comboio.

O outro que viajava parecia ser mais velho. A charrete seguiu viagem, e logo ficou rápida novamente. O que a luz dos minérios esparsamente distribuídos por aquela região permitia ver era que o companheiro de viagem ostentava uma longa barba escura, longa, aparentemente dura e áspera. Ruínas pareciam correr para as orelhas como rios abundantes. Logo passaram

perto de um outro poste, e dessa vez uma luz amarela revelou mais de si mesmo e de seu colega. Ele tinha uma pele mais escura, e os olhos negros e diminutos, quase ocultos debaixo de um chapéu, demonstravam um tímido interesse no novo passageiro. Suas roupas eram simples e estavam rasgadas em vários lugares; seus pés, completamente descalços e bastante sujos. Lamar se surpreendeu por ele não estar encolhido, considerando o frio da noite.

— É... — Começou ele com uma voz arrastada. — ...É o senhor que é o mago, não é não?

Lamar respirou fundo, aproveitando o retorno da escuridão para esperar que isso passasse despercebido. Pergunta difícil. Em Prima-u-jir, cidade em que a magia era proibida para os parlamentares, era impossível adivinhar a reação que as pessoas teriam ao se confrontarem com um mago. Aquele homem parecia ser experiente, mas isso não significava muito. Olhando na direção dele, Lamar quase podia ver seus olhos brilhando, suspensos pela pergunta. O professor tinha a sensação de que um sorriso estava sendo preparado com cuidado e paciência, a fogo brando. Empatia ou ameaça?

A ligação entre os olhos se quebrou, mesmo agora que um pouco de luz poderia possibilitá-la. Lamar a desfez. Mentiras e verdades pareciam tão irrelevantes naquele momento; afinal de contas, ainda que não corresse risco em contar a verdade, qual era a verdade? Poderia se considerar um mago? Que tipo de mago ele era? Certamente não um daqueles que podiam ser tidos como responsáveis, no fim das contas, pela situação daquele pobre homem e de tantos como ele. No fundo, não sabia qual situação era a mais desesperadora. A perda diária daquilo que nunca se teve ou a perda constante de identidade.

— Sou sim.

— Ah, sim! — ele disse, e o sorriso veio, como esperado. Os dentes, poucos, espalhados e manchados, contrastavam com o coração que parecia estar mais leve. — Meu filho faz aula com o senhor! O senhor é o mestre, não é não?

— Sim, sou sim. — Ele conseguiu responder com um sorriso.

— É bom... É muito bom! Sonho que ele seja um grande mago, sabe. É assim que a gente *vence* na vida! — disse ele, levantando o dedo indicador e destacando os olhos.

— É... É mesmo.

Coitado, pensou Lamar. Seu filho muito provavelmente não seria um grande mago. Talvez, se revelasse talento para a magia — ou vontade de participar de seu projeto de transformação — ele pudesse se tornar um alorfo, como o professor. Os ataques mágicos que ensinaria primeiro seriam os mais simples dos bomins. Causar sensações. Manipular sentimentos. Mas apenas coisas muito básicas.

“Até porque não vou muito além disso...”

E, depois, o que viria? Pretendia conscientizar todo aquele povo acerca do modo como a magia operava. Pretendia contar-lhes histórias. Histórias sobre os governores — os governores e os monstros, e a luta do povo contra a opressão; a luta deles contra a dominação e as injustiças. Quem sabe eles não abriam os ouvidos e o coração para uma voz que viesse com palavras de mudança e de melhoria?

Talvez aquele senhor não pudesse mudar, refletia Lamar. Talvez ele não concordaria com coisa alguma — muito menos com algo perigoso e incerto como isso. Talvez não tivesse mais *forças* para isso. Mas alguns... *Alguns* ele conseguiria influenciar. Alguns ele conseguiria aliciar, e então teriam em Prima-u-jir pessoas dedicadas à causa, que se expandia cada vez mais para o sudoeste.

Prima-u-jir era uma cidade tradicional, sem grandes pretensões. Parecia não ter vícios ou máculas. Ao contrário de Kerlz-u-een, potente, imponente e complexa, Prima-u-jir era como uma grande vila camponesa. Dentro das jirs — os aglomerados de casas em que as pessoas de fora do centro moravam e trabalhavam — havia grandes casas, em geral redondas, que abrigavam irmãos, irmãs, e por vezes amigos. Casas pequenas, em que cabiam apenas os pais e um filho (como a de Lamar), eram raras, assim como nunca fora comum um alorfo na cidade. Depois que voltou de Kerlz-u-een, demorou até tomar coragem de contar suas intenções para a família. O resultado foi particularmente desolador.

Lamar olhou para o homem e pensou, assaltado pela cortante realidade: *eles sabem*. Pôs a mão na testa. *Eles sabem*. Eles, os magos de Prima-u-jir, e um — dois — em especial. “*Sabem* que estou aqui de novo, sabem que estou lecionando e que quero causar problemas. Vão querer me causar problemas *antes* disso. Não demorará até que achem minha casa e ameacem minha mulher — até que ameacem meu *filho*. Não demorará muito para que os tomem de mim e exijam que eu pare. Ou que me prendam, inventando uma acusação qualquer e tornando o julgamento silencioso e repentino... Não demorará para que eu morra, ou para que eu seja torturado em nome de uma macabra mistura de diversão e vingança.”

Myrthes abriu a porta. Lamar já tinha saído da charrete, andado até sua casa e não havia se dado conta; a escuridão que o envolvia era mais do que literal. Nada mais parecia estar chegando a seus sentidos como deveria, mas foi capaz de identificar sua mulher e sorrir. Myrthes era uma mulher de rosto fino, alongado e corado. Vestia um largo roupão laranja, já desbotado, e um pano azul ajudando a prender o cabelo escuro. Quando seus olhos encontraram os de Lamar, ela soube que algo de ruim aconteceu.

Ele ficou parado, estancado à frente da porta. Apoiou a mão no batente para ajudar a controlar tudo que havia dentro de si. Sabia que deveria

entrar, sorrir e abraçar sua mulher. Ir ver como estava o filho. Sabia que não deveria fazer o que estava fazendo, mas estava farto — do dia, dos pensamentos que não conseguia evitar. Continuou lá, incapaz de se mover. Movia os olhos, mudando-os de direção sem parar, alternando entre regiões variadas do pescoço da mulher. Ela, por sua vez, segurava firme a porta, apertando-a cada vez mais. A outra mão balançava em penosa ociosidade, esperando por alguma reação.

— Querido...?

— É, eu...

Parou. Teve vontade de coçar o nariz, mas não o fez. Olhava agora para o chão atrás de Myrthes; o estado letárgico fora apenas trincado, recebendo um golpe fraco demais para se levar a sério, mas forte o suficiente para que ele praticamente desabasse na cadeira da cozinha. Mais que ligeira, Myrthes buscou numa jarra um pouco de água. A luz azul escura e forte da cozinha o deixava ainda mais frio por dentro, incomodado pelas grandes sombras que ele e a mulher projetavam na mesa e no chão.

— O que foi que aconteceu, querido, diga pra mim... O que foi?

— Meu bem, a... A aula foi... — Balançou a cabeça enquanto ela massageava seu braço de leve por cima da roupa.. — Um desastre.

— Por quê? O que aconteceu?

— A *aula* foi boa, na verdade... — Ele começou, voltando a recobrar uma melhor consciência dos atos e das palavras. Olhava para ela enquanto falava. Queria dizer que a maioria dos alunos da aula passada voltou para esta, e que treinaram um ataque simples, mas o jeito certo de formar as frases foi sendo esquecida à medida que era pensado. — E... Deu tudo certo, até... Mas eu não fui capaz de ver, Myrthes, porque eu estava cego, eu... Atacado. Derrotado. Desde o começo, desde o início, o começo da aula... *Tornero* estava lá. Estava usando uma capa pra cobrir o rosto, eu não vi que era ele. Teria reconhecido se tivesse visto o *rosto* dele.

— E quem é *Tornero*?

— Eu nunca falei dele. — Voltou os olhos para o chão numa brevidade; Myrthes começou a dizer que não havia problema algum nisso, mas parou para que ele pudesse ir em frente. — Ele é... Quando meu ex-mestre se recusou a continuar tentando me ensinar e... Eu não fui em frente... Ele adotou *Tornero*. Como novo aluno, entende?

— Ele te fez alguma coisa?

— Não me bateu, ou... Me feriu com a espada. — Ela pouco se tranquilizou. Sabia que isso não era o pior que ele podia fazer. — Mas me disse umas coisas... Me ameaçou... Disse que eu deveria parar de ensinar. E me *atacou*.

— E o que ele fez?

— É-é impossível saber... Alguns alunos riram, eu... Eu me irritei com eles. Mas me *manipulou*, e eu *permiti* que ele me manipulasse, porque eu sou fraco, e... Sou *fraco*, Myrthes, sou *fraco*! — Ele aumentava tanto o volume quanto o tom de lamúria na voz cansada. Ela, preocupada, tentava dissuadi-lo da autopiedade. — Sou um mago, um mestre, um professor, mas o *quê* que eu tenho pra ensinar? Não consigo me... Me defender, então e-eu sou uma vergonha... Ele mesmo disse isso, e... Não consigo me defender. Não vou conseguir defender vocês se...

— Escuta... — Ela usou as palmas das mãos para fixar seu rosto, forçando-o a olhar para ela. — Você voltou para cá muito mais forte. Você é um *alorfo*! E se não conseguiu se defender é porque *renegou* a magia, e com consciência, com mente *feita*! Você é *muito* mais corajoso do que esse covarde. Você está *acima* deles, e o que nós viemos fazer aqui é... Uma coisa que nós não *podemos* parar! Que nós não *podemos* acabar!

Ele a olhou entristecido, mesmo sabendo que aquelas eram palavras doces de razão.

— Você me ouviu?

— Sim... É verdade.

— Sim, é claro que é! — Ela sorriu um sorriso simples de triunfo. — Ele atacou e intimidou porque queria que você desistisse! Talvez, se isso for possível... Até agora ele estava aí dentro ainda.

Ele a olhou mais uma vez, pensando o quanto de razão tinha o que ela dizia. Ele ainda estava ali, influenciando tudo o que sentia com suas ofensas e chantagens. Mas ele precisava ir embora, e Lamar sentia que estava pronto para expulsá-lo.

O silêncio foi rompido por uma voz infantil que vinha de um dos cômodos da casa.

— Papai?

Lamar e Myrthes sorriram um para o outro, em cumplicidade; um sorriso rápido, sobre o qual Lamar não teve tempo de refletir.

— Sim, eu acho que sim... Eu tenho medo por você. Tenho medo por ele.

— Se você teme por nós, então *não tema*. Ele precisa de um pai forte.

— Papaaaai...?

Myrthes deu um rápido beijo em Lamar e aproximou-se da porta do quarto.

— Mamãe, o papai chegou?

— Será? Vai ali ver! — brincou ela, dando um sorriso que entregou a presença do professor na casa.

— Ebaaaaa! Papaaaai... — Sua voz foi abafada por um abraço forte e completo instantes depois.

O calor encheu novamente a casa. O mestre alorfo pôs o filho no chão e deu uma boa olhada no rebento de pouco mais de dez rosanos, que tinha uma cabeleira negra e espessa como a da mãe. Mirrado, mas já alto para a idade, tinha o sorriso e os olhos do pai. Mesmo orgulhoso com a semelhança, Lamar podia apenas ter esperanças de que ele fosse mais corajoso.

Capítulo 3

O Yutsi Rubro

A casa de Lamar, Myrthes e Ramon não era grande. Não apenas não precisavam de muito espaço; não podiam se dar ao luxo. Oval, era dividida em quatro cômodos: uma cozinha, um banheiro, e dois quartos; um dos pais, outro para o filho.

Tudo nela era bagunçado e parecia provisório. A cozinha tinha espaços abertos nos quais utensílios, e a pouca comida estocada, eram guardados, além de uma mesa encostada à parede interna da casa e um banco, grande somente para os três. O minério azul-escuro que iluminava a casa inteira ficava pendurado no teto, perto da janela do banheiro, que ficava para o lado de dentro justamente para receber a luz da mesma fonte. Havia um outro gerador de luz na casa: um pentágono verde cintilante que iluminava o quarto de Ramon. Ele dormia junto com a pedra, pois os minérios davam luz a partir do frio (as noites de Inasi-u-sana eram as mais iluminadas) e o calor humano do garoto deixava o quarto escuro como breu, bem ao gosto de seu sono pesado.

Técnicas para dormir melhor não eram realmente necessárias. Todos os dias Myrthes, Lamar e Ramon acordavam cedo e andavam até a casa de Jenia, uma senhora de idade, doce e afável, proprietária de todo aquela jir. De lá pegavam cestas e passavam horas colhendo os vários tipos de frutas cultivados naquelas propriedades; de uvas a laranjas. Ramon não trabalhava, e passava o dia brincando; muitas vezes sozinho, algumas vezes com filhos de outros trabalhadores, mas sempre por perto. Voltavam para casa cansados, com a noite já dando as cartas. Quando Ramon ficou sabendo que não iriam trabalhar um dia a cada cinco, ficou feliz, mesmo os adultos da casa sabendo o tipo de consequências que isso traria para eles.

Depois do desabafo e do ganho de confiança, Lamar divertiu-se com Ramon. Passaram o resto da noite pintando a parede do quarto do garoto. Tinham apenas três cores de tintas, cedidas por Horacil, um parente de Lamar que não havia cortado relações com ele. Vermelho, verde e rosa formavam uma esplêndida combinação de desenhos e frases, ainda que a variedade fosse reduzida: guardado em uma alta prateleira de madeira perto da parede interna da casa justamente para que os iluminassem enquanto

brincavam, o minério verde tornava o trabalho possível, mas obscurecia a usual vivacidade da tinta de mesma cor.

Depois de algum tempo trabalhando, e com a parede quase toda coberta, Ramon sentou-se, parecendo exausto. Lamar parou de pintar também, acompanhando o filho.

— Pai... Como é o branco?

— O branco? — Disse Lamar, pego de surpresa. — Bem, eu... Nunca vi branco.

— Mas e os arcos brancos? Não são brancos? — ele estava esperançoso.

— São. Mas eu nunca vi os arcos também, filho. Nunca estive na Cidade Arcaica.

— Mas a mamãe disse que você foi lá.

— Não, eu não fui não... Na verdade eu fiquei durante um tempo em uma cidade bem próxima, que se chama Kerlz-u-een.

— Lá onde você conheceu a mamãe?

— Isso. Essa mesmo.

— E... Então você *nunca* viu nada branco? Nada *nada*?

— Não, filho. A não ser os arcos, não tem mais nada branco no mundo.

Uma expressão de nítida frustração brotou no rosto de Ramon, que estava tendo dificuldade em entender aquilo. Esperava que o pai pudesse explicar. O branco existia; era uma cor como as outras, mas ao mesmo tempo nada podia ser branco. Será que conseguiria imaginar algo que jamais havia visto em lugar algum?

— Filho... Sabe as nuvens, quando é de dia?

— Uhum.

— De que cor são?

— Amarelas... — respondeu, intrigado com a pergunta simples.

— E é um amarelo claro ou escuro?

— Hmmm... Claro, pai.

— Certo. Agora... Você consegue pensar num amarelo *mais* claro?

— Hmm... Uhum! — Disse, pensando na nuvem mais clara que já havia visto.

— Então. Dizem que o branco é a cor mais clara que existe. Como se você pudesse tirar *toda* cor do amarelo, e só o que sobra é... Claridade.

— *Uau!*

O menino se esforçou. Olhava para frente, mas se concentrava em uma nuvem imaginária. Por mais que tentasse, não conseguia tirar a cor dela. Sempre que tentava, era como se ela desaparecesse em sua mente.

— Ou então... Olhos! Vem cá — Lamar aproximou-se do garoto e ficou face a face, os olhos dos dois a uma pequena distância uns dos outros. Ramon riu quando ficou vesgo ao tentar olhar para o rosto do pai vindo em sua direção; Lamar riu junto. — Que cor são os meus olhos?

— Preto por dentro... E azul de fora!

— É um azul claro?

— Aham... — Ramon já tentava, estreitando os olhos, clarear o azul dos olhos do pai o mais que podia.

— Mais claro! *Cada vez mais claro!* E os nossos dentes? — Lamar abriu a boca e, levantando a cabeça, fez como se tentasse morder o nariz do filho, que se afastou pra trás, rindo. — São amarelos, não são?

— São! — Ria o garoto.

— Imagina um dente *bem bem bem* claro agora!

O filho ria de um jeito bobo que Lamar achou irresistível. Viu-se, de repente, em um daqueles momentos em que seu medo de perder sua família mais aumentava: quando era mais do que incrível estar com eles.

— Eu imagino a gente *sem dente*, pai!

E os dois entregaram-se à alegria ainda mais. O riso de Lamar durou menos; não pôde deixar de lembrar do senhor com o qual conversara na volta para casa.

— Pai... Conta pra mim a história da luz? — Pediu Ramon, acalmando-se mais.

— Qual história?

— Aquela primeira! Dos guerreiros!

— Ah... Bem, vamos sentar ali na cama então.

O filho se jogou com velocidade em cima do colchão velho, coberto com três camadas de lençóis e cobertores. Lamar o acompanhou, mas chegou devagar e cauteloso. Ele sabia que, para contar essa história, era preciso começá-la devagar. Era preciso aguçar a espera. Ramon eventualmente pediria para que ele pulasse algumas partes desinteressantes, mas seu pedido seria propositalmente negado. A expressão no rosto do filho quando ele pedia por aquilo era algo que Lamar nunca se cansava de rever.

— Bem... Confortável?

— Sim! — Respondeu ele, sorridente.

— Então vamos lá... Há muito, muito, *muito* tempo atrás... No começo dos tempos dos homens... Todas as pessoas moravam em uma só cidade. Não era uma cidade grande, mas era boa o bastante para todo mundo.

“Lá *todos* se conheciam e *todos* se gostavam. Todos ajudavam a fazer a cidade, a colher a comida, como a gente faz... A cuidar das casas, das pessoas. No final, todos tinham tudo que precisavam para viver. Era um tempo sem guerras e sem divisões. Todos eram um só povo, uma só cidade... E viviam em harmonia. E isso tudo por causa da Rede de Luz, a única coisa *branca* em *toda* Heelum.

Ninguém sabe há quanto tempo a Rede de Luz estava ali antes de ela criar as pessoas, mas só sabemos que um dia ela criou a gente. A Rede de Luz fazia coisas fantásticas. Ela unia todo mundo, porque todo mundo se

entendia. Cada um tinha um pouquinho da luz, mas... Ninguém *mandava* na luz. Se eu tinha luz, e você tinha luz, nós podíamos trocar nossa luz e aí podíamos *sentir* um ao outro. Podíamos *pensar* o que o outro *pensava*, sentir o que o outro sentia... Então todo mundo se entendia mais. Todo mundo brigava menos.

Mas um dia algo *terrível* aconteceu! Um homem ruim, *muito* mau, achou que podia enganar a todo mundo. Uma vez, alguém deu a ele o pouquinho de luz que tinha, mas o homem não deu a dele de volta! O homem fugiu com o punhado de luz que tinha, pegou as armas de caça da cidade e fez outras pessoas de prisioneiros, roubando a luz delas. Ele achou que ia começar a mandar em todo mundo, ia ficar *mais forte e melhor* que todo mundo!

A Rede de Luz então aplicou uma lição no fugitivo: ele foi transformado em um terrível yutsi. Ele não era como um yutsi normal; e isso que um yutsi já é assustador sozinho...

Não. Ele era um yutsi *vermelho*, que todos chamaram de *Yutsi Rubro*. Esse yutsi era *mau*.”

— Nem todos são maus? — perguntou Ramon.

— Não, nem todos! — disse Lamar, com uma voz tranquilizadora. Ramon sempre reagia à história como se fosse a primeira vez que a ouvia, e fazia uma pergunta diferente a cada vez que a escutava. Tudo aquilo deveria ser surreal para ele. Lamar desejava, por um momento, ser criança outra vez e ouvir essas histórias no quarto, contadas pelo pai, pela mãe ou por um irmão mais velho. Ramon estava deitado em um quarto em Prima-u-jir, e através de sua janela podia ver estrelas de todas as cores pontilharem o céu. Dentro do quarto, à luz de um sombrio minério verde que envolvia o rosto do pai em sombras, ouvia uma história sobre um homem que foi transformado em yutsi. E os yutsis que ele via quase todos os dias, levando as charretes? Não poderiam ser eles também homens transformados?

E os monstros então, o que eram?

“Esse yutsi, depois de um tempo, foi até a cidade dos homens uma noite e destruiu *tudo*! Ele estava cheio de ódio, raiva... Só queria a destruição! Os homens tentaram se defender e salvar o que podiam, mas ele era poderoso *demais*! Ninguém conseguia segurar. Ele acabou com as casas, com a comida... *Matou* pessoas, antigos *amigos* dele! A Rede de Luz criou uma coisa realmente ruim.

Então os homens se separaram e fugiram da cidade, que hoje é a Cidade Arcaica. Deixaram pra trás a única coisa que ficou de pé ainda: os arcos brancos, criados pela própria rede de luz, e que serviam como registro dos homens, que escreviam o que ia acontecendo na cidade. O yutsi não era capaz de destruir os arcos. Eram resistentes demais até mesmo para ele!

Então passou-se muito, muito, *muito* tempo e os homens criaram muitas cidades. A primeira foi Kerlz-u-een, a cidade em que eu morei, conheci a

mamãe. Que você nasceu... A segunda..."

— Ah, pai, pula essa parte, pai! Pula! Essa parte é *chata!*

— *Claro que não!* — O sorriso provocador de Lamar causou um delicioso som arranhado de quase angústia no filho, que o pai saboreou lentamente. — ... E... Onde é que eu estava... Ah, a segunda foi Enr-u-jir, uma cidade que quase sempre chove. Depois Al-u-een, a *cidade bela*, e, por último, Roun-u-joss, a cidade dos navios.

“O engraçado de todas essas cidades é que elas conseguiam manter contato. Isso quer dizer que as pessoas se *falavam*, mesmo estando muito longe umas das outras. Elas conseguiam fazer isso por causa da Rede de Luz. Na noite em que os homens foram expulsos da Cidade Arcaica, a Rede de Luz subiu aos céus e, mais brilhante que o sol, ficou lá em cima, visível em todos os lugares, para todo mundo, e os homens podiam se falar por ela.

Não demorou muito para outras cidades começarem a aparecer... Os homens foram descobrindo mais sobre Heelum. Viajaram até os limites da terra. Foram até as *praias!* E eles começaram a fazer armas, também! Passaram a querer voltar para a Cidade Arcaica. Recuperar a cidade, derrotando para *sempre* o Yutsi Rubro!

Foi então que eles formaram o *Exército da Luz*. Cada cidade mandou um homem e as armas que pudesse fazer, e eles foram se organizando para chegar à Cidade Arcaica e atacar o yutsi. Então, depois de muito viajar, eles chegaram. E, mesmo depois de muitos e muitos rosanos, já que aqueles guerreiros *não eram* os mesmos que saíram da Cidade Arcaica... Muito tempo já tinha passado, não é? Bem, depois de *muito* tempo... O Yutsi estava lá! Enorme, forte... E *mau*.”

— *Uau!* E aí eles brigaram!

— Ah, sim. Brigaram sim.

— Com espadas!

— Claro, com espadas, escudos... Eles lutaram por horas e horas sem fim, sempre ficando feridos, sempre com medo, nunca conseguindo atacar o yutsi! Parecia que iam perder; o animal era muito rápido, e nunca se cansava! Eles achavam que era o fim deles.

Ramon esperou um pouco, desconfiado com o tom mais triste do pai, e então adicionou:

— Maaaaas...

— Maaaaas... Um guerreiro teve uma ideia! — Lamar levantou o dedo indicador e sorriu novamente, alterando o tom de voz. As coisas pareciam ter se ajustado novamente; Ramon ria e, ansioso, esperava pelo final. — Ele atraiu o yutsi para perto dos arcos brancos e, *bem* na hora em que o yutsi ia atacar, saiu de perto e o inimigo deu com o *focinho* nos arcos, e tombou no chão!

— *Bem feito*, Yutsi! — repetiu o garoto; os olhos brilhavam de excitação.

— Bem feito mesmo! E então... Os guerreiros aproveitaram que o Yutsi estava fraco e ele finalmente foi derrotado de vez. Naquele momento, *todas* as cidades ficaram sabendo do que aconteceu pela Rede de Luz, e todas as pessoas comemoraram a morte do Yutsi Rubro.

— Ê! Isso aí!

— Ê... Mas eles não sabiam do que aconteceria *depois*.

— E o que aconteceu?

— Enquanto os guerreiros se davam parabéns, *o corpo do yutsi começou a se desintegrar!*

— E como é isso, pai?

— Bem... Ê... É quando o corpo começa a se desfazer em vários pedacinhos pequenos, do tamanho de uma... Deixa eu pensar... Do tamanho de uma grama. Sabe, folha de grama, uma graminha? E os pedacinhos, porque eram leves, começaram a voar, voar, e começaram a entrar nos *corpos* dos guerreiros!

— Ai, *não!*

— Ê... E desde aquele dia, a luz *sumiu*. A rede de luz desapareceu e nunca mais voltou... Nós, infelizmente... A perdemos. E todo mundo teve que aprender a viver sem ela. — Lamar, que adorava contar aquela história, tinha que reconhecer que ela tinha um triste fim. Não conseguia evitar a incômoda tristeza que acompanhava aquela história; a história do desencontro entre os homens. Quão felizes e unidos não poderiam ser se ainda tivessem a rede de luz?

Depois de divagar um pouco, Lamar voltou a atenção para o filho e percebeu que ele o olhava com uma feição neutra. Seus olhos passaram rapidamente de alegria a algo que muito lembrava o medo, mas era uma inquietação maior.

— Que foi, filho? Algum problema?

— Pai... Eu estou conseguindo ler aquele livro, sabia? O livro dessa história.

— O *Registro Geral*?

— Uhum. Mas... De vez em quando... Ele é meio *difícil*...

— Não se preocupe, filho. Eu sei que ele é.

— E na parte dessa história eu vi um monte de vezes a palavra *magô*, papai.

Lamar sorriu de leve. Olhou para o teto e respirou fundo antes de voltar a ouvir o filho.

— O que é *magô*, papai?

— Ah, filho... Magos são... Pessoas diferentes.

— ... Diferentes?

— Elas... Conseguem fazer coisas que pessoas normais, que não treinaram bastante, não conseguem.

— Como o Yutsi Rubro?

— Mais ou menos.

Lamar tentava explicar magia da maneira mais simples possível para o filho. Se dissesse o que de fato a história conta sobre os vinte e três guerreiros — que provavelmente foram os primeiros magos — podia acabar destruindo a visão heroica que o garoto tinha deles. Também poderia, pelo contrário, destruir a própria perspectiva de fazer o menino pensar à moda alorfa quanto aos magos, se ele resolvesse que eles eram bons porque os guerreiros também eram. Resolveu deixar que ele descobrisse a seu tempo, lendo o livro. Se ele mesmo não foi alorfo desde o princípio, por que o filho deveria ser?

— E você, papai? Você é *magô*?

— Eu... Sou sim, filho. Só que de um jeito diferente.

Capítulo 4

A porta

A luz do sol sempre fazia o mesmo caminho do céu até aquela porta durante a manhã. Entrava por uma janela suja e que não fechava mais — ela emperrara e ninguém na casa sabia consertar, tampouco havia dinheiro para contratar alguém que soubesse — e durante algumas horas a luz amarelada aquecia a longa e espessa tábua de madeira que ficava à direita da escada de ferro, sempre disposta a amedrontar qualquer visitante com sua ruidosa fragilidade.

Leo estava parado bem em frente à porta. Seu quarto ficava à esquerda da escada, e só não era mais próximo do lugar onde estava agora que o quarto de Beneditt. No final do corredor, ainda mais longe, ficava o banheiro e, à direita, o quarto de Fjor. A porta que Leo observava dava acesso ao quarto de Leila.

A madeira era marrom e escura. Fosca, estava completamente riscada e arranhada. Alguns dos riscos faziam sentido; outros, não. A maçaneta, em forte contraste com a madeira, por vezes profundamente sulcada, era impecavelmente limpa e negra.

Leo passava os dedos pela superfície de cima a baixo, lentamente, sentindo a textura sem deixar as unhas encostarem nela, para não fazer barulho. Leila estava do lado de dentro do quarto, e ele não queria alertá-la para sua presença. Era frequente Leo encostar o ouvido à porta, sentindo as farpas nas bordas dos cortes encostando na orelha, tentando ouvir o que ela estava fazendo. Na maioria das vezes alguns sussurros soltos voavam pelo ar e vinham de encontro a ele, mas quando passavam pela barreira perdiam todo o significado.

Quando isso acontecia, Leila estava provavelmente compondo. Leo e ela tocavam juntos — formavam uma banda, todos os moradores da casa, a única exceção sendo a avó de Leo e Fjor, Cordélia. Tinham sorte de ter nascido na cidade mais musical de Heelum: Novo-u-joss, berço da guitarra. Estavam no lugar mais apropriado de todos para serem criativos, e tentavam ser reconhecidos por isso. Fjor tocava o contrabaixo; Beneditt era o baterista — embora soubesse tocar guitarra também. Leo e Leila dividiam os vocais e as duas guitarras, embora ela fosse a responsável pela maior

parte das letras.

Os dedos de Leo alcançaram a parte mais interessante, de frente para sua cintura. Cavadas com força, violência e provavelmente pressa, letras grosseiras formavam três simples frases:

*Pode um cantor cantar
O que ele não pode ver
Mas o ar lhe faz falar?*

Leo sorriu.

Como a maioria dos sofrimentos impingidos à epiderme da porta ao longo do tempo, Leila não sabia quem havia escrito aquilo. Leo também não fazia ideia. Ainda assim, se precisasse apostar, diria que a própria Leila o fez, e estava apenas criando um mistério ao redor de uma genial criação. A única coisa que ela admitiu fazer, no entanto, foi a continuação: um único verso, trabalhado de maneira substancialmente mais cuidadosa, e que terminava perfeitamente a já boa tríade.

Farfalhar lhe faz falhar

A porta abriu de supetão. Leo deu um passo pra trás, com o coração batendo mais rápido, mas tentou fazer aquilo parecer o mais normal possível; olhou direto nos olhos de Leila e, respirando fundo, fechou a boca ao perceber que ela continuava aberta desnecessariamente. Fechar a boca provocou uma vontade inelutável de engolir em seco. Fez, quase que querendo desfazê-lo no meio do caminho, e pareceu ainda mais suspeito.

— Oi... Leo — disse Leila, com seus grandes olhos bem abertos.



Leila era como a porta do próprio quarto. Muito mais agradável de se olhar, é verdade, Leo diria, mas provocava o mesmo efeito de fascinação. Quem poderia saber o que significava aquela porta, e tudo que havia nela? E quem poderia fazer sentido de Leila, e de tudo o que escrevia, dizia e fazia?

Toda vez que Leo lembrava dela, imagens do azul real do céu e do verde mais vivo das colinas vinham à mente. O cheiro daqueles bosques em que eles podiam passar horas intermináveis escrevendo e falando sobre tudo invadia a mente dele como um aríete. Leo ouvia o que a garota criava, e impressionou-se desde o primeiro momento com as músicas que ela compunha. Logo passou a colaborar com ela.

Leo sabia que se apaixonaria por ela. Não sabia como reagir a este conhecimento futuro tão íntimo, fatalista, certo: não sabia como esperar

aquilo surgir, se deveria agir desde o primeiro momento, ou... Não sabia com quem deveria falar. Com quem contar. O pai fora embora. A mãe não parecia apta a dar conselhos. Fjor não era um poço de sabedoria confiável. Tudo que Leo sabia é que Leila o teria na palma da mão. Era só uma questão de tempo.

Quando os dois se conheceram tinham a mesma diferença de altura. Leo não chega a encostar na porta, que não era nem alta, nem baixa, mas está um tanto mais próximo do topo que Leila. Ele tem a pele morena, mas não no mesmo nível da cor da porta. Seus olhos eram escuros, de um escuro tom-de-maçaneta.

Ela era diferente. O cabelo era castanho, um marrom similar ao da porta; uma espécie de camuflagem que só era interrompida pelos diversos cortes no pano de fundo. Mas os cortes, de um amarelo mais claro, embora vivo, se assemelhavam, ainda mais incrivelmente, à cor de sua pele. Os olhos, castanhos — um pouco esverdeados — eram expressivos, mas tão misteriosos como as diversas inscrições naquele portal cheio de história: mostravam-se a quem quer que fosse, sem pudores, mas recusavam-se a dobrar à inquisição do observador mais atento.



Fazendo-se de assustado, Leo logo soltou uma risada nervosa, que contagiou Leila.

— Nossa, você... Me assustou um pouco!

— É, e-eu vi! — comentou ela, colocando a mão fechada por sobre a boca risonha. O quarto dela, com a janela deliberadamente aberta, era sempre claro durante o dia. Leila não gostava de compor no escuro. — Você me assustou também... Um pouco.

— Eu... Vim falar com você.

— Sobre o quê?

— Sobre... Hoje à noite. Se está tudo certo pra gente tocar lá.

— Sim, é claro. Por que não estaria? — Retrucou ela, a testa franzida. Leo souou um pouco mais e teve vontade de punir a si mesmo severamente pela estúpida improvisação.

Os cabelos não deixavam explícita uma conexão que de fato existia entre os dois: cada um escolheu um estilo para o outro. Leila fez com que Leo o deixasse curto e bagunçado. Ela dizia que o cabelo deveria funcionar como a poesia de uma canção: elas surgem e crescem, mas só ficam boas quando mãos habilidosas as cortam e as recombina.

Leo não via as coisas do mesmo jeito. Achava a beleza da natureza algo muito maior — ainda que visse as colinas mais como molduras para o rosto

de Leila. Há algo de especial naquilo que surge espontaneamente, sem pressões ou interferências; algo de inexplicavelmente e intrinsecamente belo naquilo que simplesmente *acontece*. E a vasta cabeleira de Leila *acontecia*, e era seu crescimento raramente interrompido (por causa da decisão de Leo) que o deixava cada vez mais exuberante.

— Não, é que... Faz algum tempo que a gente não te vê. P-Por... Aí.

— É, eu fui trabalhar de novo ontem. Fui com o Beneditt.

— Uhum.

— *Mas* estive fazendo umas coisas novas aqui e... Bem... Uma hora eu te mostro.

— Certo.

— Certo. — Os dois balançavam a cabeça afirmativamente, sorrindo de leve, como que concordando com algum arranjo abstrato. Os olhares se encontraram, e naquele momento de contato Leo desejou ser capaz de entender o que ela estava tentando dizê-lo. Se é que estava tentando dizer alguma coisa. — ... Bem, eu... Vou voltar.

— Claro.

— Até.

Com algo que se assemelhava a um sorriso nervoso, Leila fechou a porta.

Capítulo 5

Magnífico e fantástico

Novo-u-joss fica na região norte de Heelum ou, mais precisamente, na região noroeste. Há muito tempo, quando a música era feita de contrabaixos, flautas e instrumentos de percussão, descobriram na cidade o níquel, metal que fez os homens se perguntarem se não poderiam criar outro instrumento. A resposta a essa pergunta foi a guitarra, que logo se espalhou por todo o continente.

O som do instrumento de freixo era algo único, marcadamente diferente de tudo que qualquer um já havia ouvido. Pensou-se até que era mais um dos mistérios de Heelum. Era robusto, encorpado — e alto: enchia uma sala de som com pouco mais que um puxão em uma corda, e parecia ter um tipo de força gutural que arrepiava a todos que a ouviam pela primeira vez. Admiração, respeito, *medo*. As guitarras eram imponentes, mas sua altivez era diferente daquela de um yutsi: um impulso que fazia tremer de dentro pra fora, ao invés de o contrário; um impulso que fazia crescer ao invés de desejar encolher. A cidade cresceu em torno do estilo musical que a guitarra ajudou a inventar.

O quarto de Beneditt era pequeno, tanto quanto o dos outros homens da casa. Suas roupas, poucas e enegrecidas pelo tempo (de uso), ficavam amontoadas no único canto livre do dormitório. Com a janela acontecia o oposto da do corredor: não abria mais. As paredes eram azul-claro, mas a pintura, descascada e mal feita, tornava todo o ambiente ainda mais soturno do que se fosse apenas pálida, cinza ou marrom. Beneditt não gostava do próprio quarto, mas não porque queria um maior. Queria era poder morar em um lugar diferente a cada rosano. Mas tinha um quarto com dois amontoados de tecidos; um que vestia e outro no qual dormia. O resto do espaço era dedicado aos tambores, pratos e bastões que criavam, combinados, sua própria bateria.

— Quase pronto? — perguntou Fjor que, como Beneditt acabara de perceber, estava parado em frente à porta aberta.

— Quase sim.

Beneditt colocava suas coisas em uma mala feita de goma escura, um dos únicos luxos da casa em que moravam. Precisava de uma dessas para

que nada molhasse. Olhou brevemente para Fjor, e mínimos sorrisos cor-deais surgiram em ambos os rostos. Fjor, carregando seu baixo nas costas, partiu para o andar de baixo da casa.

Leo colocava sua guitarra na caixa. Era preta e velha, com um formato clássico: simples e eficiente. Ou, talvez, nem tão eficiente, já que uma das cordas estava produzindo um som diferente — como se ela estivesse perdendo a força e, arrastando-se com a ajuda das outras cinco amigas, ia sobrevivendo. Não foi a primeira guitarra de Leo, mas com certeza era a mais especial. Tinha pintado um “L” na borda de cima, que ele reforçava toda vez que a letra ameaçava se apagar. Todos pensavam que significava “Leo”. Quando perguntavam por que ele não desenhava na parte de frente, para que todos a vissem, ele simplesmente dizia que gostava da ideia de ter algo que somente ele poderia ver durante um show. Mas isso não importava muito para ele. Não olhava tanto para o “L” quanto para quem a letra representava.

A guitarra de Leila já era um pouco diferente. O formato era também clássico; nunca teve dinheiro o suficiente para comprar algo mais original, que definitivamente queria. Mas era vermelha, imaculadamente vermelha, e era tão perfeita em seu estado natural que Leila não ousava modificá-la de qualquer forma. A cabeça da guitarra tinha um desenho original que ela preservava com ainda maior devoção: um onioto, uma gigantesca ave da região montanhosa do centro de Heelum, com um bico longo e um olhar severo.



Leo desceu as escadas e, quando chegou ao primeiro andar, viu Beneditt encostado em uma parede e Fjor em outra.

— ... Hoje tem muitos desses *malandros* que não tocam nada, mas querem tudo! *Muitos!* Quando eu era mais nova o povo daqui se *recusava* a ouvir uma coisa dessas! *Aaah*, é um absurdo!

Cordélia era a vó materna de Fjor e Leo. Já de idade avançada, não era mais tão capaz de trabalhar, e não conseguiria ganhar o suficiente para se manter se não passasse a dividir a casa com os netos e com os amigos de Leo, Beneditt e Leila.

Com pele e cabelo bem escuros, o rosto enrugado e o corpanzil lento não faziam jus à atividade da mente e a justeza do coração. Cordélia era ácida crítica de uma nova geração de músicos adeptos ao “rock de cidade”. Ortodoxa, ganhava a admiração de pelo menos um dos netos, que seguiam, ao ver dela, o caminho da boa música.

— Mas por que é que as pessoas *gostam* disso, então? — perguntou Beneditt.

— Porque esses jovens não têm nada na cabeça, meu querido...

— Não penso assim não, vô. — Interrompeu Fjor. — Eu sei *bem* o que acontece...

— Ah, claro... — disse Leo, entrando na conversa e atravessando a cozinha até ficar do lado de sua avó — Fjor e sua explicação “mágica” pra tudo...

— Leo, você *sabe* que eles têm poder pra fazer isso.

— *Claro*... — dizia ele, extremamente irônico, para fugaz diversão de Cordélia.

— Não quer dizer que todos os agentes do ramo sejam magos, mas muitos devem ser. — disse Beneditt.

— *Obrigado*, Beni — Disse Fjor, com um olhar duro, mas agradecido. Voltou-se para o irmão novamente. — Então você gosta de rock de cidade, querido irmão?

— Não acho a coisa mais bonita que inventaram, não, mas não vejo problema em gostar.

— Ah, sim. Temos músicos sem habilidade musical — Beni concordava, balançando a cabeça com as sobrancelhas levantadas — tocando instrumentos muito mal e cantando letras que sempre dizem a mesma coisa. Com certeza, não tem problema nenhum com esse tipo de música, não é mesmo, Beni?

— Sem falar da falta de solos.

— *Sim*. Como eles *conseguem*?!

— Está vendo? É uma *habilidade*! — Contra-atacou Leo, risonho.

— É uma *limitação*! Se não houvessem pessoas muito empenhadas em fazer as outras se sentirem bem em relação a essa gente...

— Fjor, *para* de achar que tudo de ruim nesse mundo é culpa dos magos!

— Não, nem tudo, mas eles têm *influência*, Leo!

— Ei, vocês dois, parem já com isso! — disse Cordélia. — Vocês têm uma apresentação daqui a pouco e não podem ficar assim, não!

Beneditt sorriu olhando o vazio à frente, como se lembrasse de algo.

— Às vezes até ajuda, Cordélia.

Fjor e Leo ainda se olhavam como se tentassem dizer algo um ao outro sem usar a voz. Leo parecia querer mostrar ao irmão o quanto achava aquilo tudo uma bobagem. Para isso tinha que olhá-lo como se estivesse *decepcionado*. Fjor era o irmão menor, por uma pequena diferença de três rosanos, e Leo sabia que ele entenderia esse olhar mais do que ninguém. Já Fjor parecia querer fulminar o irmão com os olhos, pois essa era a forma mais definitiva de dizer que eles estavam em terrenos claramente opostos.

Beneditt direcionava para o chão seus amendoados olhos verdes, pensativo. Se o território fosse dividido da maneira como Fjor propunha, ele não

saberia dizer de que lado estava. Rock de cidade nunca lhe agradou — e desconfiava que os magos tivessem alguma a coisa a ver com a “proliferação” do gênero; mas *como*, ele nunca entendeu.

Suspirou baixinho, coçando o curto cabelo loiro. Deixou aparecer seu sorriso largo, mas ocasional e, encostando a cabeça à parede, misturou raciocínio à memória. Quase tudo nele era diferente dos irmãos, mas nem por isso parecia estar a meio caminho dos dois. Como se fosse uma terceira alternativa, seguia sendo ele mesmo.

— Leila? — Chamou Leo, um pouco preocupado com a demora. Ele se sentia desconfortável com atrasos.

Alguns segundos depois veio a resposta. Um som melodioso e melindroso invadira a casa, balançando a escada, fazendo Cordélia abrir um sorriso e aproximar-se para ver mais de perto.

Eram acordes completos e harmoniosos, mas rápidos, esguios e ritmados. Leila descia as escadas usando um grosso vestido negro, largo e com espaçosas mangas. Botas velhas, mas talvez por isso mesmo bonitas, provocavam um barulho domesticado no ferro. À tiracolo vinha a guitarra; os dedos da mão esquerda deslizavam pelo braço com precisão, e os da mão direita seguravam a palheta com firmeza. Ao final do último acorde, quando todos os homens da casa estavam com a boca levemente aberta e sorrisos bobos, Leila mostrou os dentes com delicadeza e até mesmo timidez, dizendo:

— Vamos?

— Magnífico, minha querida, *magnífico!* — Disse Cordélia, respondendo por todos. Com quase lágrimas nos olhos, ela pôs-se a comentar o quanto tinha saudades dos shows de que tinha participado e das bandas que tinha visto enquanto todos se arrumavam. Beneditt agarrou sua pesada mala e Fjor, com o baixo nas costas, voluntariou-se para ajudá-lo a dividir o peso. Antes de ir até o amigo, Fjor foi interrompido por Leo.

— Escuta, eu não sei se a magia é mesmo assim tão importante. Mas quando eu ouço isso aí... — Ele apontou pra Leila com um aceno de cabeça. — Eu me arrepio. Isso aí é mais que mágico! É *fantástico!*

Capítulo 6

Buscando

Leila e Beneditt espremeram um lugar no canto da charrete, ao lado de um desatento homem loiro e defronte aos dois irmãos. Assim que todas as pessoas e todos os instrumentos estavam a bordo, a charrete seguiu. Ninguém conversava. Leila tocava acordes que, embora soltos, formavam um ritmo estimulante, e tudo o que eles queriam era aproveitar o esplêndido cenário das colinas de Novo-u-joss, especialmente antes que precisassem entrar em uma maratona de preparação rumo ao palco.

No princípio seguravam-se para não cair; os yutsis corriam a toda velocidade nas descidas e subidas dos campos sedutores, a maioria castrados por terraços com batatas, todos com a presença de no mínimo alguns arbustos densos. Conseguiram, ainda assim, admirar algo das montanhas ao norte e ver, quando passavam pelos pontos mais elevados do trajeto, um pouco do rio Pudro. O que mais gostavam era, sem dúvida, as estrelas, que podiam ver de qualquer lugar: azuis e verdes (por vezes tão escuras que eram quase invisíveis ante o manto púrpura do céu), algumas vermelhas, alaranjadas, amarelas ou rosas. As estrelas de Novo-u-joss lhes desejavam boa sorte; podiam sentir o vento trazendo aquela mensagem do céu.

Começaram a chegar às jirs mais próximos ao centro. Pessoas com guitarras, baixos e por vezes baterias completamente montadas se reuniam no espaço pavimentado entre as casas, a maioria delas com um andar apenas e paredes vivamente coloridas — tons que só se deixavam adivinhar pelos minérios de luz que, solitários quanto a seus pares, sustentavam as singelas noites musicais por horas a fio. Os sons, que de qualquer forma seriam fugidios demais, não chegavam à charrete. Leila, com seu repetido padrão, não deixava.

A maioria das pessoas naquele pedaço de mundo sabia tocar alguma coisa. Ainda que não abundasse habilidade, não faltaria admiração a quem se dispusesse a fazer mais do que entreter amigos. A música movia a cidade — ou, pelo contrário, a mantinha no lugar. A sensação geral era de que ali ninguém conseguiria se comunicar bem sem música. Mais do que isso, sem a *própria* música.

Leila aumentava o ritmo das palhetadas, e arriscava um solo ou outro

apenas para gracejar com Leo. Os dois se olhavam, cúmplices na aflição. Beneditt batia os pés. Fjor observava tudo ao seu redor, mesmo já tendo corrido aquele caminho várias e várias vezes. Os sorrisos de Leo e Leila cresceram, assim como os solos de Leila, que começavam a ficar um pouco mais rápidos. Mais uma jir se passou, e a charrete descia com violência o último morro antes do centro. As luzes da cidade passaram a encher cada vez mais os olhos dos músicos.

A jovem mulher de cabelos finos que comandava os yutsis diminuiu a velocidade ao efetivamente entrar na cidade. A rua em que trafegavam agora era larga: dos dois lados eles viam casas que serviam como residências — certamente muito mais bonitas e funcionais que as deles. Misturavam-se a elas casas de shows, padarias, pequenas lojas e grandes espaços abertos em que crianças brincavam enquanto uma roda de uns poucos adultos cantava um leque de modas populares. Quem andava nas ruas ao lado da charrete acompanhava Leila e sua guitarra com sorrisinhos satisfeitos, ainda que ela tivesse voltado a tocar uma simples sequência de acordes. Leo pensava que, diante de algo tão fácil de fazer, a maioria das pessoas estava apenas achando aquela moça bonita. Perguntou-se se ela chegara à mesma conclusão.

A cidade oferecia um espetáculo à parte; parecia uma única avenida sem fim com todo o tipo de letreiros coloridos, sons exóticos e cheiros que viravam pescoços. Tudo que eles viam era trazido à luz por minérios azuis e amarelos amarrados, nesta parte da cidade numerosos, pendurados em finos postes de ferro ao centro da rua. Todos os tipos de timbres de guitarra que os quatro integrantes da banda pudessem reconhecer estavam presentes, e havia também outras coisas a se fazer naqueles infinitos espaços fechados. Peças de teatro, da comédia ao horror, e restaurantes, com suas glamorosas ofertas gastronômicas pelas quais eles não poderiam pagar.

Pararam em um lugar cômodo para a banda e mais dois passageiros, que desejaram uma boa noite aos camaradas desconhecidos antes de se afastarem, puxando as dobras verticais das vestes longas para proteger as mãos do frio. Os músicos agradeceram, em momentos diferentes, agradecendo também à cocheira enquanto terminavam de descarregar a bagagem. Ela sorriu brevemente, olhando para trás por pouco tempo, e logo a charrete já estava longe.

Estavam em frente ao Colher de Limão, uma das mais conceituadas casas de show de Novo-u-joss — embora não fosse nem de perto a maior delas. Era como diziam: grandes músicos precisam tocar no Gran Bosque para provar que têm público, mas precisam tocar no Colher de Limão para provar que têm qualidade. Muitas bandas que ao longo dos anos conquistaram a fama, mesmo dentro do estilo tradicional de rock, tocaram no Gran Bosque e atraíram milhares de pessoas para a apresentação. Ainda assim,

não encararam o Colher de Limão.

Por outro lado, muitas bandas iniciantes tocavam ali. O dono do lugar abria espaço para qualquer músico sério mostrar o que conseguia fazer. A plateia era sempre composta por pessoas preocupadas com o quanto uma banda conseguia trabalhar em suas músicas tudo que uma boa música deve ter, com os elementos básicos investigados com reservas: riffs, batalhas de solos, mas também aquilo que os torna especiais. Que os torna *únicos*. Não ser especial poderia levar qualquer banda a muitos lugares razoáveis em Heelum, mas não ser especial no Colher de Limão significava não ser bom o suficiente.

— São os Colineiros? — perguntou Leo, em dúvida, ao reconhecer a música que vinha forte de dentro do bar. Beneditt respondeu que sim com um balançar de cabeça.

Entraram na casa. Não seguiram em frente; viraram à esquerda, entrando na área de funcionários. Cumprimentaram brevemente todos que encontravam por lá, e, já conhecendo o caminho desde quando foram contratados para o show (por um módico preço; nada mais justo, concordavam), foram subindo as escadas que os levariam para a sala dos músicos.

A sala ficava atrás do palco e de várias outras acomodações do Colher de Limão. A banda passava por cima de todas elas através de uma espécie de passarela, um túnel de fortes estruturas metálicas no segundo andar. Enquanto passavam por cima da sala de shows, Leila parou para observá-la.

— Leila? — Perguntou Leo.

— Eu vou depois... — Disse, compenetrada.

Os outros foram em frente. Leila via que a banda tocava bem. Empolgava o público. Eles tinham uma guitarra lilás de som marcante, e um baixo ainda mais presente. Olhou então para aqueles que se balançavam, contidos, à frente do palco. Seriam eles exigentes? O que seria preciso para impressioná-los?

Mesmo diante de mutáveis zonas sem luz, era possível ver que a plateia era essencialmente heterogênea. Alguns vestiam capas, grossas vestes e vestidos — a roupa tradicional das cidades do oeste de Heelum. Alguns vinham de calça e de camisa de algodão, mas eram mais raros sem algo que os protegesse do frio por cima. Não havia cor que predominasse. O que ela podia sentir, na barriga, na nuca, na inquietação dos joelhos, era que eles não vieram para se divertir. Vieram para conhecer.

E para julgar.

Foi precisamente por isso que Seimor escolhera o “Colher”, como era carinhosamente conhecido, naquela noite em que visitava Novo-u-joss. Ele entrou no estabelecimento ouvindo apenas uma parte da música de encer-

ramento dos Colineiros. Pensou que se à primeira vista o lugar parecia pequeno, à segunda parecia minúsculo.

Do lado de fora, pessoas conversavam no pequeno jardim, com animadas conversas florescendo ao redor de mesas e bancos dispostos ao longo da avenida da cidade. Tudo era espaçoso e amplo. Mas quando Seimor (com uma grande barriga e, em parte por isso mesmo, sentindo-se desconfortável quanto a ficar em lugares pequenos) entrou no Colher, percebeu que talvez tivesse escolhido o lugar errado para ir. Mas decidiu ficar. Várias pessoas indicaram o lugar; algumas outras, a banda. Talvez aquela noite fosse valer o investimento.

Ao passar da porta, a primeira coisa visível era uma parte do palco, avistada através da abertura em arco que dividia a antessala e bar do lugar em que o show de fato acontecia. Via o baixista andar de um lado para outro, ocasionalmente aparecendo no seu campo de visão. De resto, via apenas os ouvintes, de costas. O primeiro andar, já alto, não era dividido do segundo por um teto. Era no andar de cima que ficavam os minérios de várias cores que iluminavam a casa inteira.

— Você vem aqui pela primeira vez. — Seimor ouviu um homem dizer.

Não era uma pergunta, e o homem que a fizera vestia um grosso casaco negro de goma escura com longas mangas. Ficava atrás do longo balcão de corvônia que se estendia pela antessala. Percebia, certamente por experiência, que aquele homem careca, com um largo e endurecido rosto, deveria ser novo na casa ou na cidade.

Seimor olhou com momentânea desconfiança para o surpreendente interlocutor e então deu um sorriso que, por mais que se esforçasse, jamais pareceria amável.

— Sim. Deve ser fácil dizer de onde sou.

— Na verdade não, senhor. Fale mais um pouco e posso tentar descobrir pelo sotaque. — Respondeu ele.

— Não tenho paciência para charadas. Meu nome é Seimor. Sou de Jinsel.

Tentando segurar-se para não levantar uma sobrançelha, o empregado foi mal-sucedido. Para sua sorte, estava escuro no interior da casa e Seimor nada viu.

— Nenhum comentário?

— Como?

— Sobre Jinsel.

— Não, senhor. Nunca estive lá.

— Não há muito pra ouvir. Vocês não vão gostar.

— E o que o senhor faz aqui? Algum motivo em especial?

— Procuro gente nova. Sou um agente musical.



Dentro da sala de espera dos músicos, quase do tamanho da sala onde ocorriam os shows, Leo se apoiava numa bancada negra em frente a uma superfície de prata polida — sujo e escuro espelho — deixando a cabeça pender entre os ombros. Tentava relaxar, mas não muito; queria dar o melhor de si.

Leila andava de um lado para outro, e Fjor estava deitado em um espaçoso sofá azul-marinho, de olhos fechados e braços cruzados. Cada um tinha seu jeito de aliviar a tensão, e Leila o fazia também ao observar os métodos alheios. Sabia, por exemplo, que Beneditt estava fazendo mais do que apenas um serviço necessário: ao arrumar a bateria, no palco, dava a si mesmo a impressão de que tudo ia ficar bem.

Alguém bateu na porta, de leve, e entrou. Fjor apenas abriu os olhos; Leila e Leo viraram os pescoços para o homem com sobranceiras levantadas, que apenas disse “cinco minutos” após um olhar cansado e foi embora, fechando a porta atrás de si. Leo tirou as mãos de cima da bancada e ficou de frente para Leila.

— Nós vamos conseguir, não vamos?

— Sim. — Respondeu Leila, com um sorriso travado.

— Esse é o show mais longo que já fizemos.

— Sim.

— E com a plateia mais exigente...

— Sim, m-mas já fizemos *muitos* shows e ensaiamos *bastante* pra isso.

— E somos bons. — disse Fjor, levantando-se devagar. — Parem com isso. Se acalma, Leo, isso é o que a gente sabe fazer de verdade. — Fjor colocou a mão no ombro do irmão. — Queria desejar boa sorte aqui, mas não faço isso sem o Beni, então... — Agarrando o fino e elegante contrabaixo preto e caramelo, saiu. Leo e Leila o seguiram de perto.



— Então o senhor procura por talentos?

— Novos. Quero pessoas com talento e força.

— Certamente. E o senhor, de todas as casas de show, escolheu o Colher de Limão.

— Ora, não finja surpresa. Este lugar é o mais famoso de Novo-u-joss, embora... — E ele puxou as vestes mais para perto de si enquanto mais pessoas entravam — Pudesse ser maior.

— É como pedir que um momento seja maior, senhor. Ele deixaria de ser um momento, e em uma hora estragaria tudo que coubesse nele.

— Tudo bem. — Seimor parecia contrariado, mas não o bastante para se importar com isso. — Qual é o nome da próxima banda?

— O senhor não gostou desta última?

— Não. Agressivos demais.

— Hm. Bem, o nome da próxima é Buscando.

— *Buscando*? Talvez encontrem...

— É uma... Oportunidade, senhor. — Como Seimor não estava rindo, talvez não fosse uma piada. O que deveria dizer?

— É claro que é. Diga, como funciona esse rock tradicional?

— Como *funciona*?

— Do que eles falam?

— Podem falar de qualquer coisa, senhor. Creio que hoje em dia é uma tendência falar sobre as dificuldades da vida das pessoas simples ao redor de Heelum.

— É isso que eles falam? Essa *Buscando*?

— Ah, não. *Eles* são um pouco diferentes.

— Hm. E como eles tocam?

— Com guitarras, baixo e bateria, senhor. — Disse o homem, esfregando um copo recém-lavado.

— Ouvi dizer que há uma *batalha* de solos...

— Sim. Em geral são dois guitarristas, que, novamente, *em geral*, não tocam juntos a maior parte do tempo... Mas há uma parte de cada música em que eles vão tocar solos, e que agirão como se tentassem superar um ao outro. É muito bonito de se ver, senhor.

Seimor não respondeu. Olhou para o palco sem demonstrar qualquer emoção óbvia. Todo o salão estava iluminado apenas por luzes vermelhas.

— Em Jinsel não se... Faz isso nas músicas?

— O povo não gosta muito dessas coisas. — Disse Seimor e, virando-se de volta para ele, soltou mais um sorriso fora de sintonia — Nós somos mais... Diretos.

O anfitrião concordou com um sutil balançar da cabeça. Colocou o copo e a toalha no balcão de corvônia e ficou feliz ao ver que algumas pessoas queriam alguma coisa. Murmurou um simples “Com licença, senhor” e se afastou do homem de Jinsel, que não respondeu; apenas se levantou e, ajeitando-se um pouco mais, abriu caminho até a sala principal. Ainda que fosse maior do que ele inicialmente supôs, não caberiam cem pessoas nela, calculou. Arranjou um lugar perto à parede e pôs-se a esperar.



— Bem... Estamos aqui — Disse Leo.

Todos concordaram silenciosamente. Os instrumentos estavam posicionados. Tudo estava de acordo. O tempo se esgotara, e eles podiam começar quando quisessem.

— Vamos lá. Boa sorte! — Disse Fjor, sorrindo.

Cada um tomou suas posições atrás de um fio que pendia do teto, segurando à altura do peito de cada músico um minério de som, que tornava mais alto o volume do que eles cantassem ou tocassem. Minérios de som eram esféricos, negros e opacos, além de raríssimos: controlados pelas agências de música e casas de shows, era praticamente impossível comprar um para uso pessoal. Leila, Leo, Fjor e Beneditt esfregavam com as mãos as esferas. Dali em diante o que quer que falassem seria ouvido desde a porta do Colher.

A sala, em que uma quantidade amedrontadora de pessoas conversava, continuou banhada em vermelho, rodeada pelo alaranjado que se tornavam as paredes amarelas com aquela iluminação. Leo, que vinha no centro, logo à frente de Beneditt, fez um sinal positivo para o alto. Os empregados do Colher que trabalhavam especificamente com os minérios colocaram pequenas tochas atrás de uma pequena mureta, embaixo do suporte das pedras escarlate. As luzes rapidamente se apagaram, e a sala foi tomada pela escuridão. As conversas foram dando lugar ao silêncio.

Leila buscou o olhar de Leo, mas não o encontrou; apertou a mão esquerda no braço da guitarra, que parecia rosnar sob sua guarda.

Uma luz amarela surgiu, mostrando apenas Leo.

— Oi... Boa noite. Nós somos a Buscando, e... — As palavras escorregaram como água entre os dedos. Era estranho falar com a escuridão, ainda que fosse a origem de um místico burburinho. — Bem, eu... Gostaria de agradecer o Colher de Limão e... Espero que vocês gostem.

Leila, Fjor e Beneditt teriam se entreolhado, se pudessem. Onde estava a frase que haviam combinado?

— E... — Hesitou Leo. — Essa se chama... — Engoliu. — *Começando a madrugada.*

Os integrantes da banda respiraram mais tranquilos, mas logo as sensações voltaram, pantagruélicas. Os iluminadores se mexiam, rápidos, e logo um novo foco de luz surgia, enquanto o de Leo desaparecia. Leila ficou de baixo de um holofote azul e, não conseguindo evitar um sorriso enquanto olhava para os fios de níquel do próprio instrumento, posicionou a mão esquerda nas cordas e começou a tocar.

As primeiras notas, em um primeiro momento parecendo dissonantes, mas surpreendentemente envolventes, começaram a ganhar corpo com as batidas em um único tambor que surgiram com Beneditt — e junto com elas um foco de luz vermelho sobre ele. À batida de pratos, que fez o público

acordar para a música, uma luz verde revelou Fjor e o baixo, que adicionaram movimento à música.

Era um som essencialmente tranquilo, mas rápido e intrigante: o baixo ia e vinha, e levava com ele a guitarra de Leila — travesso, tirava de cena na sequência o que acabava de mostrar. Beneditt, depois de introduzir o baixo num prelúdio, tocava de maneira mais cadenciada.

Depois de duas sequências do riff principal, a luz amarela voltou a focar Leo, que, batendo o pé ao ritmo e olhando para o espaço acima de onde achava estar as cabeças do público, cantou:

*Tarde da noite, eu conheci
A alma da tarde, eu descobri...*

Aos poucos Beneditt começava a incluir mais os pratos no ritmo simples e espaçado que criara, aumentando a força que usava neles a cada batida; Leila, começando a se soltar, olhou para o lado e viu Fjor, tocando serenamente, com a cabeça abaixada, enquanto Leo aproximava a esfera de som da boca novamente.

*Que agora era cedo... Ainda!
Lá fora então a vida finda...*

Depois de cantar a última palavra com os olhos fechados, Leo deixou a esfera cair de propósito para tocar um curto riff com sua guitarra, ao mesmo tempo em que Beneditt virava nos tambores e acelerava o passo; as luzes do palco tornaram-se todas vermelhas, e os dois guitarristas começavam a tocar acordes feitos com uma palhetada, rápidos e incisivos. Mais volumosa, a música vinha para o refrão — que Fjor, Leila e Leo cantavam juntos.

*O que eu vi, eu não posso esquecer...
O que eu sei é que eu não vou me perder
E no meu fim, só o que é resta é ver...*

As luzes se apagam, o baixo e a bateria se interrompem: apenas as duas guitarras tocam os mesmos acordes, repetidamente, rapidamente; uma profusão de luzes de tom quente vão pouco a pouco iluminando a sala inteira, e o público vê que Leila e Leo, ela sorrindo como uma feliz criança, olham um para o outro ao tocar o simples mantra musical. Leila sorria como uma feliz criança e, antecipando uma batalha de solos, fez-se silêncio; mas quando as luzes atingiram o pico da intensidade, Beneditt recomeçou a bateria e Fjor, o baixo. Leo rapidamente voltou à posição enquanto Leila continuava nos acordes do verso.

*Não tenho lar, apenas par
Não tenho pra quem mais olhar
Não tenho outra profissão
Quem me ganhou foi a escuridão...*

A banda recomeçava o refrão, com cada vez mais força e autoconfiança. O público parecia se deixar envolver. Seimor via que a banda tocava bem; bem o suficiente para o que quer que pudesse fazer com eles. O baterista não parecia ser genial, mas esta podia ser uma música que exigia pouco dele. O baixista era centrado; deveria tomar cuidado com ele, caso fosse um mago. O vocalista masculino era carismático e agia naturalmente no palco.

No entanto, o que mais chamou a atenção de Seimor foi Leila. No momento em que a luz a atingiu, ele viu-se tomado por uma curiosidade que se tornou, pouco a pouco, luxuriosa necessidade de *tê-la*. Cantava excelentemente, e era de uma beleza estonteante. Não apenas seria ótima como líder da banda — obviamente deveria substituir o atual, ainda que ele pudesse cantar *parte* das músicas — mas também seria a adição mais bela aos seus anos de experiência. Seria, na verdade, única; nunca havia provado o exótico néctar das fortes mulheres de Novo-u-joss.

Enquanto fazia planos em sua mente — tanto profissionais como pessoais — Seimor viu do que o homem do balcão falara há pouco. O público parecia estar gostando da batalha de solos em que, apoiados pela bateria e pelo baixo, os dois guitarristas revezavam-se fazendo solos cada vez mais intrincados e complementares. Curiosamente, enquanto o homem no centro do palco esforçava-se em solar para o público, Leila, quando tocava ou esperava sua vez, sempre olhava para ele — sempre o buscava, com um sorriso encantador e brincalhão. Para ele aquilo era uma performance, com controladas margens para o gozo do momento; mas para ela, aquilo era como uma divertida competição, e o público podia gostar ou não — ela sentia-se iluminada por estar tocando, e nada mais parecia importar.

Seimor cruzou os braços.

Capítulo 7

O efeito Jinsel

Fjor e Leo vinham andando lado a lado, abraçados; Beneditt vinha logo à frente, ofegante, com um sorriso que exalava completude estampado no rosto. Leila vinha correndo, quase aos prantos, ainda que misturados a risadas intermitentes. Depois de tocar mais nove canções, os músicos esperavam descansar um pouco antes de dar a noite por encerrada.

Leila foi a primeira a entrar na sala, esbarrando a porta para abri-la. Quase caiu, mas se recuperou, e aos tropeços jogou-se no sofá, soluçando de alegria por alguns segundos. Seus olhos miravam o teto, mas na verdade ela olhava o nada à sua frente; uma simples alternativa a fechar os olhos. A euforia a dominava e seus pensamentos eram confusos. Havia tantos momentos para relembrar, tanto para repensar — se pudesse, reviver! Os rostos dos companheiros, do público; os sucessos e os pequenos, quase imperceptíveis, fracassos — que noite incrível, *incrível* havia sido aquela!

Ao lado, os amigos se abraçavam e riam, congratulando um ao outro. De alguma forma ela sentia que naquele momento não deveria fazer parte daquilo. Queria seu próprio espaço, seu momento para si; um momento de silêncio depois de tanta música. Tinha, é claro, que fabricar o próprio silêncio e a própria paz, uma vez que os garotos tinham o mais comum tipo de euforia; aquela que obriga as palavras a saírem, ligeiras e por vezes sem sentido, da boca para fora.

Com olhos que misturavam o brilho do suor com o brilho de incipientes lágrimas, os homens reforçavam laços de sangue e amizade. Leila se perguntava se eles conseguiam sentir o quanto suas solidões continuavam intactas, erguidas como muralhas ao redor de todo humano, cada um vivendo em um casaréu particular, com cortinas fechadas e janelas empoeiradas? Aquilo fascinava as entranhas de Leila, que sentia como se elas se esmagassem depois de cada sucesso, de cada vitória. Sentia falta do pai.

Beneditt passava a mão no cabelo, que pingava suor. Por dentro, estava finalmente em paz, encostado à parede como estava. Leo e Fjor serviam-se de água num apêndice arquitetônico nos fundos da sala, perto do sofá.

Alguém bateu à porta. O susto, apesar de pequeno, foi geral. Olhares logo se cruzaram, como se todos precisassem de respostas que sabiam que

ninguém tinha. Leo deu uma última olhada sem sentido para Beneditt e, largando o copo em cima da mesa encostada à parede, atravessou a sala.

O homem do lado de fora deu um sorriso singelo quando viu aquele jovem, com um cabelo incrivelmente — já que era tão curto, pensou Seimor — bagunçado e um nariz pouco notável por qualquer particularidade. Leo exibiu um rosto neutro ao observar o homem gordo, careca e possivelmente trinta rosanos mais velho.

— Posso entrar? — perguntou Seimor, apontando para o interior da sala.

Leo, temeroso, ampliou a abertura da porta e lançou olhares para Beneditt, mais próximo a ele, e Fjor, que voltava ao centro da sala com um copo de água na mão.

Seimor entrou devagar, olhando para todos, demorando-se em cada um. Os olhares de Leo procuravam por ajuda — ajuda para entender; queria poder confirmar que seus pares também nada sabiam sobre aquele homem. Os olhares de Seimor estabeleciam uma cordialidade fugaz. Com uma expressão facial séria, o largo e espaçado rosto parecia investigar com pacífico escrutínio os músicos antes de decidir se mereciam ou não uma saudação.

Os olhos de Seimor eram de um castanho-escuro muito vivo. Quando encontraram os olhos castanhos com um leve toque de verde de Leila, provocaram um calor — e uma determinação — que o fustigavam ao extremo. Ela sentiu-se apenas curiosa pelas intenções daquele homem, que passava considerável tempo a mais olhando para ela ao invés de dizer logo a que veio.

— E o seu nome é...? — Perguntou Leo.

— Meu nome é Seimor. Sou um agente musical.

Os olhares se transformaram, cruzando-se em um ritmo alucinante demais para registrar; Leila sentou-se no sofá, pois a posição relaxada em que estava não condizia com seu estado de alerta. Ela buscou o olhar de Leo, que olhou para Fjor; este olhou para o chão no instante do anúncio, com medo de que engasgasse. Beneditt procurou olhar para Leila, mas quando esta tentou olhá-lo de volta, ele já havia buscado o olhar de Leo no momento em que este olhava de volta para o homem — enquanto Fjor tentava, em vão, comunicar-se com Leo.

— Gostei *muito* do show.

— Obrigado, senhor! — Disparou Leo, sorrindo tanto quanto no fim do show. — Obrigado mesmo!

— É, nós... Demos o nosso melhor essa noite! — Completou Beneditt, sem saber o que dizer. Pensou, logo depois, que essa talvez não fosse a melhor coisa a ser dita. E se aquilo não fosse bom o bastante para ser o *máximo* do potencial deles?

— Sim, sim... E não é sempre que uma banda nova ganha *essa* aprovação do Colher de Prata.

— Limão. — Corrigiu Fjor, recebendo um forte olhar de reprovação por parte de Leo.

— Limão! Sim, Colher de Limão! — O sorriso de Seimor diante da correção pareceu a Leila um pouco menos autêntico. Ela ficou nervosa. Por que Fjor *tinha* de corrigi-lo?

Seimor passou mais algum tempo com os olhos voltados para o irmão mais novo de Leo, mesmo sem ter o olhar retribuído; deixou de ver, por isso, a muda bronca que Leo tentava transmitir. Seimor parecia concentrado.

Fjor voltou-se para ele, subitamente desconsiderando a conversa sem sons que estava tendo com o irmão.

— Quer um copo de água? — Perguntou, como se tentasse consertar as coisas.

— Não, obrigado. — Seimor olhou de esguelha para Leila. — Eu disse *prata* porque estava pensando no *Mina* de Prata.

— Mina de Prata? — Perguntou Leo.

— É uma casa de shows. Quero convidá-los a se apresentarem lá. Não se preocupem. — Fez um movimento com as mãos, como se quisesse tranquilizá-los. Voltou a olhar para Leila. — Receberão pelo show, como receberam aqui. Quero que venham e toquem na Mina de Prata e, então... Poderemos ter um acordo.

— Acordo, que... Tipo de acordo? — Leo desenvolveu um sorriso simultaneamente amedrontado e feliz; é como se estivesse ou com medo da felicidade que aquilo lhe traria, ou com medo de ter entendido erroneamente o sentido da palavra “acordo”.

— Mas onde fica o Mina de Prata? Eu nunca ouvi falar. — perguntou Leila, atravessando-se à pergunta.

— Ah, sim, pois não, eu... — Seimor olhava agora mais profundamente para Leila. Ele apertava os olhos, como se visse algo de errado com ela. Leo aproveitou que ele se virava na direção oposta e, com a boca e as mãos, perguntou aos outros: “O que há de errado com ele?”. Depois de algum tempo, ele voltou a falar, respondendo. — Você nunca ouviu falar porque não fica em Novo-u-joss. Qual é o seu nome?

— É Leila. — Disse ela. Por um momento sentiu-se irritada com o desvio da conversa, mas logo sentiu-se melhor. — E onde fica, então?

— Em Jinsel.

Novos olhares cortavam o ambiente, incidindo cruelmente sobre cada um dos membros da banda.

— Algum problema? — Perguntou Seimor, sério, tornando a olhar para Leo.

— Não, é que...

— ... Jinsel não é apreciada por aqui. Entendo. Bem...

Seimor fez menção de ir embora e Leo o alcançou, aflito, segurando-o pelo ombro.

— Não, espera! Eu... — Ele olhou para os outros, buscando argumentos. Como só via pessoas sem saber o que fazer, decidiu falar por si. — Nós não temos problema algum com Jinsel, podemos ir até lá. — Leila concordava, de leve, com a cabeça; os outros não mostravam aprovação. Era como se estivessem em estado de choque. — Apenas diga como podemos chegar lá e quando, e-e nós vamos.

Seimor virou a cabeça para Leo.

— Pois bem. Cheguem daqui a dez dias, até as dez da noite. Perguntem pelo Mina de Prata. Todos sabem onde ele fica.

E, dizendo isso, começou a caminhar mais uma vez.

— Senhor Seimor... Que tipo de acordo era aquele?

— Ora, um acordo! — Respondeu ele, virando-se antes de alcançar a porta. — O acordo que vocês provavelmente sempre quiseram. Colocaremos vocês nas maiores casas de show de Heelum. Novo-u-joss é *pouco*. Iremos a Kor-u-een. Al-u-een. Ia-u-jambu. A Cidade Arcaica. — Ele falava em um tom profético, mas átono, como se a certeza fosse, sozinha, responsável pelo formigamento que os músicos, sentindo-se convencer, viam subir aos membros. — As pessoas ouvirão vocês. *Conhecerão* vocês. Vocês *nunca* terão que trabalhar de novo.

“Viverão de música”.

O olhar de Leo parecia ter trincado ao ouvir aquelas palavras. Leila as digeriu, e um entusiasmo que ela nunca havia sentido antes tomou conta dela. Beneditt e Fjor, pensando em sintonia, não se sentiam à vontade com o forasteiro levando a eles uma proposta tão boa.

— E que música nós vamos tocar depois do acordo? — Perguntou Fjor. A raiva de Leila e Leo só fazia crescer; como era possível que ele estragasse tudo tão frequentemente?

Seimor riu, dispensando a pergunta com a mão e, balançando a cabeça de uma maneira amigável e contida, respondeu:

— Eu gosto de música boa. Como todo mundo!

Então aquela era a oportunidade deles. Leila colocou o punho fechado sobre a boca e tentou entender, enfim, o que se passava em sua mente. Em geral, gostava de música. Gostava de escrever música e de tocar música. Antes, ela não se importava de não fazer disso sua profissão. Mas agora...

Queria poder ir pra Jinsel naquela mesma noite, tocar no Mina de Prata e fechar o acordo de uma vez!

Leila olhou para a frente, assustada, e viu que Seimor olhava para ela com o mesmo rosto de quem tenta ou descobrir algo no local para onde olha — ou tenta se lembrar de algo.

— Mais uma coisa... — Ele se virou para frente, passando a encarar Fjor e Beneditt. — Nenhum de vocês é um... *Mago*, certo?

Todos balançaram a cabeça automaticamente, sem precisar pensar a respeito.

— Não, senhor... Por quê? É-é preciso saber de magia ou conhecer alguém?

— Não. Pelo contrário. Em nossa agência somos estritamente contra magos. Então, é melhor não estarem mentindo.



O caminho de volta para casa não foi esperançoso, alegre ou mesmo sonoro como o anterior. A charrete estava mais cheia; cerca de onze pessoas se amontoavam junto aos quatro integrantes da banda e seus instrumentos. Algumas conversavam — embora nenhuma, aparentemente, esteve no Colher de Limão naquela noite — mas o semblante perdido dos músicos indicava a qualquer um que falar com eles não era uma opção naquele momento. Leila, com a cabeça abaixada, lançava olhares furtivos para os companheiros vez ou outra. Queria poder se comunicar com eles, de uma maneira simples como aquela que fosse, para tentar descobrir o que sentiam. Se sentiam o mesmo que ela.

Ela se perguntava, afinal: quando foi que deixou de acreditar na simplicidade da música que faziam? Não deixara, ela concluiu; ainda esperava que continuassem assim. Mas a vida seria tão diferente se eles fossem para Jinsel... *Positivamente* diferente. Os shows em grandes casas, uma vida de viagens e aventuras — mas também de dinheiro suficiente para comprar terras quando estivesse cansada daquilo tudo.

Sim, porque sabia que se cansaria. Não havia um dia em que a imagem de Cordélia não a inspirasse a pensar em seu próprio futuro longínquo. Ora, teria uma mente sã como a dela? Ainda conseguiria escrever? Mas, ainda que escrevesse, conseguiria aguentar um show? *Gostaria* de fazer isso? E seu corpo, o que mais se daria ao luxo de se permitir? Quem se responsabilizaria pelos gastos da casa quando ela não pudesse mais fazê-lo? Ela teria que formar uma nova família, feita de pessoas extremamente benevolentes que quisessem suportá-la. Aquela pressão em seu peito era tão asfixiante quanto libertadora; sentia-a quando pensava em um futuro desse tipo, mas sentia agora também, quando o calor de uma decisão se aproximava e ela queria... Mordia os lábios por não saber como terminar a frase.

Fjor, de cabeça jogada pra trás, buscava conselho nas estrelas. “Por que é que não temos mais a luz?”, pensava ele. Alva luz, sábia conselheira...

Mesmo que não desse conselhos e mostrasse um caminho, pelo menos faria com que fosse menos difícil chegar a uma opinião comum.

Fjor pensava que precisariam de um sério plano de contingência. Aquele homem não lhes tinha oferecido uma conversa sobre um acordo: lhes dera uma missão a cumprir caso quisessem conversar. E se a missão não fosse completada de maneira satisfatória? Ainda teriam o emprego quando voltassem para Novo-u-joss? *Conseguiriam* voltar para Novo-u-joss?

O mesmo tipo de dúvida permeava os pensamentos de Beneditt. Ora, de onde aquele homem tinha vindo? Pra onde ia, por que era tão estranho? Era como se algo dentro dele estivesse preso, e ele precisasse recolocar as coisas no lugar antes que tudo pudesse funcionar de novo. A proposta não lhe parecia ruim, mas, de forma reversa ao que acontecia com Leila, sentia medo agora que tinha a chance de sair dali. Achava que não queria um lugar só para si, mas embora realmente não quisesse viver sempre no mesmo lugar, começava a achar pouco conveniente não ter um lugar para o qual voltar. Se este fosse o caso, apoiaria ou não a “expedição” rumo a Jinsel?

Leo, por sua vez, sonhava. Estava ciente das dificuldades — e esperava convencer os outros de que tudo ia ficar bem. Poderiam conseguir emprego em outros lugares, mas apenas se de fato precisassem. Talvez seu empregador (de todos que moravam com ele, na verdade), senhor Josep, entenderia a situação e não os demitiria.

Essa era a chance da vida deles. Não podiam desperdiçá-la.

Quando finalmente percebeu que estava no chão, e não mais sacolejando na charrete, Fjor já estava chegando perto de casa; a luz amarela vazava por debaixo da porta e pelas frestas da janela. Todos os outros iam à sua frente quando ele parou.

— A gente precisa discutir isso.

Eles olharam para trás, parando também.

— É uma proposta boa... — Começou Leo.

— A gente não conhece aquele homem, Leo. — ponderou Beneditt.

— Eu vou subir. — disse Leila antes de virar as costas e seguir em frente.

— Leila! *Leila!* — Fjor tentou chamá-la para a discussão, mas ela se negou a ouvi-lo.

— Ela está certa, Fjor. Eu também estou cansado, a gente devia discutir isso amanhã.

— Não quero discutir isso amanhã. E você nem vai conseguir dormir, Leo.

— Bem... — Riu ele. — Do jeito que eu estou, é tão possível que eu durma quanto o contrário...

Leila deixara a porta aberta, e os três foram entrando. Largaram os instrumentos no chão e foram até a cozinha, de forma que a luz enfraqueceu.

— Isso é muito arriscado.

— Eu acho que devemos ir. — Contrapôs Leo.

Os dois irmãos olharam para Beneditt, que sentiu o peso do que quer que dissesse.

— Eu não sei. De qualquer forma, a Leila tem que falar também.

— Queremos ouvir *você* também. — disse Fjor. A expectativa em seu olhar igualava à de Leo.

— Eu... Eu acho arriscado também, Leo. — O irmão mais velho fechou os olhos e virou o rosto para o outro lado, para não ter que olhar Beneditt ou Fjor, que já se virava para ele com uma expressão de vitória no rosto. — Mas também não acho que isso seja motivo para *não* irmos.

— ... Droga, Beni, por que você tem que sempre ficar em cima do muro?

— Eu não fico sempre em cima do muro! — Defendeu-se, embora soubesse que raramente tomava partido.

— Não importa se fica ou não. — Replicou Leo, ainda sério. — Vamos mudar a pergunta, então. O que você *quer* fazer?

— Você não entende, Leo... Não é sobre o que a gente quer fazer, mas o que a gente *pode* fazer! — Fjor expressou concordância, e Beneditt continuou. — O *porquê* de a gente fazer é tão importante quanto a gente fazer ou não.

— Eu não... — começou Leo.

— Por isso que eu não digo sim ou não, simplesmente... A gente precisa pensar isso direito, porque a *avó* de vocês depende de nós, inclusive.

— Eu *sei* disso! — Leo ficou visivelmente irritado. — Você faz parecer que eu não me importo com ela!

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Mas falou como se fosse o primeiro a pensar nela.

— Leo, não foi isso... — Fjor tentou acalmá-lo, mas sua voz foi morrendo no caminho.

— ... Escuta, eu sei que a minha avó precisa da gente, mas com o que ganharmos num acordo como esse podemos dar a ela tudo o que já damos agora e muito mais!

— Mas se falharmos... — Advertiu Beneditt. — Não teremos mais nada.

— Mas o que é que temos agora, hein? Hein, Beni? Moramos juntos há dois rosanos e temos tocado em pequenos lugares há muito mais tempo. Isso tem sido ótimo, embora seja cansativo trabalhar como a gente trabalha. Mas tudo bem. Agora, deixa eu te perguntar: você quer ficar assim pra sempre?

— Isso não é apenas sobre nós, Leo... — Disse o amigo em tom de alerta.

— Não use a minha avó como desculpa pra não *tentarmos*, Beni! — Leo quase berrava agora, e Fjor o lembrou de que Cordélia dormia no quarto ao lado.

— Não é desculpa, é uma *razão*!

— Não podemos deixar os nossos sonhos de lado, Beni, a gente precisa arriscar, precisa...

— *Nossos* sonhos ou os *seus* sonhos, Leo?

Leo parou de falar. O clima havia ficado mais pesado do que Fjor esperava que ficasse.

— Então você não quer viver de música?

— Seria bom, é claro... Mas a que preço, Leo?

— Você não falou de *preço* dessa vez, você falou de sonhos, Beni. Você *quer ou não quer* viver de música?

Beneditt não sabia como responder, e buscou compreensão em Fjor, que tampouco sabia o que falar. Os três ouviram a escada metálica ranger, e viraram-se na direção da porta da cozinha. Depois de alguns segundos de silêncio, Leila soube que denunciara sua posição e desistiu de se esconder, descendo as escadas. Ainda vestia a mesma roupa do show e, parecendo bastante acordada para o sono que implicitamente professara sentir, aproximou-se dos homens que a olhavam com curiosidade.

— Eu... Acho que a gente deve ir.

Leo deixou escapar, com um sorriso, a respiração que havia prendido. Fjor deixou a cabeça pender para o chão, e Beneditt a olhou com paciente preciosidade, à espera de uma novidade que viesse mudar o que ela dissera.

— Eu também acho, Leila. — Apoiou Leo.

Beneditt queria perguntar qual era a lógica da amiga, mas preferiu ficar quieto, colaborando para um silêncio que já não deixava ninguém tranquilo. Pelo contrário: os esmagava com indeterminação.

— Acho que já está tarde e a gente pode discutir isso melhor amanhã. Com a vó junto. — Leo passou por Leila enquanto subia as escadas. — Eu vou dormir. Boa noite.

Fjor o seguiu, murmurando boa noite para os dois que sobraram, sem olhar para Leila. Ela começava a se virar para sair da cozinha.

— Leila... — Chamou Beneditt. — É realmente importante pra você, isso? Ser “grande”? Ter um acordo?

Ela se voltou para ele novamente, sorrindo.

— Eu não achava que fosse, Beni. Mas eu também nunca tive a oportunidade, e... Era algo sempre distante. Mas quando ela apareceu essa noite, eu... Senti que é a coisa certa a fazer. Senti que é o que eu *quero* fazer.

Os dois diziam muito mais sem falar nada. Ele, de braços cruzados, apoiado no balcão da cozinha, esperava que ela lhe dissesse tudo. Sabia que

havia mais para ser dito. Ela, por sua vez, tentava lhe dizer que aquilo era o seu limite.

— É por causa dele, não é? — Apertou ele.

— Beni. . .

— Leila, você não *precisa*. . .

— Beni, me ouve! — Leila se aproximou. — Sou eu, tudo bem? Eu realmente quero fazer isso, mas só estava indecisa. Como você e o Fjor, eu estava com medo. Mas eu sei que esse é o sonho do Leo, e. . . Eu não *posso* deixar isso morrer. Isso *acabaria* com ele.

— E isso fez você decidir?

— Bem. . . Sim.

Havia muitas coisas que Beneditt queria dizer a ela, mas sentiu-se desprovido de forças para tentar convencê-la de qualquer coisa. Convencê-la de quê, afinal? Já não sabia mais por que brigara com Leo. Ele estava perseguindo seus sonhos, e Beneditt precisava decidir logo quais eram os seus ao invés de exigir que os outros permanecessem abertos a opções. Como se Leila pudesse ler seus pensamentos, acariciou sua mão e, momentos depois, foi para o quarto, fazendo a luz da cozinha brilhar mais forte.

Capítulo 8

Poder

O ex-soldado de sessenta e oito rosanos que, embora forte e alto, não gostava de vaidades, estava sentado à mesa com um copo de água. Enquanto seu rosto de traços duros voltava-se para a porta entre duas janelas na frente de sua loja, um menino, que não tinha sequer metade de sua altura, varria o chão. Estava concentrado, e não fosse pelo jeito preciso de limpar o assoalho da Maxim Minérios, poder-se-ia dizer que estava até mesmo triste.

O lugar era estreito, mas comprido. Espremido entre uma grande loja de roupas e um restaurante, nunca houve razão para levar o empreendimento para outro lugar. A loja ficava bem no centro comercial da cidade, e sua fama atingia os quatro cantos de Heelum. Como não havia necessidade de atender dezenas de pessoas ao mesmo tempo, seu modelo de negócios ia bem. Da porta até o balcão ficavam duas mesas, com duas cadeiras cada uma, encostadas à parede de tábuas da esquerda. Por detrás do balcão, dispostas em várias prateleiras básicas de madeira, ficavam vários caixotes. Cada um continha um tipo de minério. Junto a eles, na prateleira mais alta, em um lugar em que caberia mais uma caixa, havia um grupo de minérios de cinco lados amarelos, que mantinham o lugar sempre bem iluminado. Atrás de uma porta com três fechaduras, entre todas estas prateleiras, ficava o estoque e uma cama improvisada para o garoto, Prior, que trabalhava para Maxim. Recebia seu pagamento na comida e no lugar para dormir. Devia se dar por satisfeito.

Com um gesto brusco, Prior parou de varrer e olhou para Maxim. O rosto, inexpressivo; a postura, reta. Maxim olhou para ele com seus olhos verdes acinzentados, que pareciam desprezar o garoto, e este devolveu o olhar de um jeito adormecido, mesmo sem sono.

Maxim virou seu rosto em direção à porta, desperto; as gotas de chuva caíam no telhado e na fachada da loja, fazendo muito barulho e impedindo-o de ir para casa logo, mas ainda assim o homem pensou ter ouvido, em meio a tanto ruído, batidas na porta. Prestou mais atenção.

Ouviu-as de novo; desta vez, mais fortes. Prior largou a vassoura, que bateu com estrondo no chão. Foi até a janela e, afastando um grosso pano,

tentou ver quem estava em frente à porta.

— Vejo só roupa preta. — Comentou ele em um tom monótono.

Maxim levantou-se para verificar a situação ele mesmo, e Prior jogou-se com força contra a parede do outro lado, dando passagem. Havia, de fato, um vulto negro do lado de fora. A intensa iluminação noturna da Cidade Arcaica, toda em laranja, não ajudava a descobrir a identidade de quem quer que fosse. O visitante bateu outra vez.

— Quem é? — Perguntou Maxim.

— Cinco velhos amigos. — Respondeu uma voz masculina.

Fechando os olhos devagar e soltando o ar pela boca, Maxim abriu a porta. O homem ainda desconhecido entrou, visivelmente encharcado, mas sem sinais de pressa. Ele vestia uma extensa capa preta, com várias camadas de tecido, e um gigantesco capuz que encobria todo o rosto. Virando-se para o anfitrião, tirou o capuz e revelou-se um jovem homem de curto e reto cabelo negro. Seu rosto, impecavelmente limpo e barbeado, era pálido e, num toque que concedia ao seu semblante algo de pitoresco, tinha lábios de um vermelho vivo e olhos de peixe morto tão escuros quanto o cabelo. Olhos que, altivos, não prestavam atenção em outra coisa que não os olhos seguros de Maxim.

— Qual é o seu nome?

— Desmodes.

— *Demoun?*

— *Dê-môld* — Explicou ele a pronúncia, falando devagar.

— De onde você vem, Desmodes? Quer sentar?

— Obrigado.

Por fim quebrando o contato visual que havia mantido desde o início, o homem de preto puxou uma cadeira, sentando-se justamente de frente para o lugar que Maxim ocupava antes — no qual este se sentou novamente.

— Posso? — Perguntou Desmodes, sem tirar os olhos de Maxim.

— Fique à vontade.

Prior, que continuava encolhido contra a parede, começou a andar. Passou pelos adultos, entrou na área atrás do balcão, pegou as chaves da porta do estoque e começou a destrancar a porta.

— Venho de Jinsel.

— Passou aqui antes de voltar ao Conselho?

— Sim. Preciso de duas coisas.

Maxim tentava descobrir quais eram as intenções daquele mago. Ele dominou Prior sem sequer olhar para o garoto. Não que isso fosse difícil, mas ali estava um mago jovem *demais* para estar no conselho. E, no entanto, ele conhecia a senha.

— Qual é a sua tradição?

— Espólico.

— Ora... Feliz coincidência.

Prior voltou à mesa com um copo de água, colocando-o em frente a Desmodes.

— Preciso de um hexagonal prata.

— Esse deve ser o pedido fácil. Se me dá licença...

Desmodes concordou com um leve aceno, acompanhado de um breve pestanejar. Prior voltou a sair de perto dos dois, e voltou alguns segundos mais tarde com uma pedra prateada fosca. Colocou-a em cima da mesa e deu dois passos para trás; juntou as mãos em frente ao corpo e abaixou a cabeça.

— Do que mais precisa? Aqui tenho quase tudo.

— Uma heptagonal.

Maxim não tinha mais prestado atenção à chuva, mas o silêncio que invadiu aquele diminuto espaço em que eles estavam era algo diferente: não apenas a falta do que dizer, mas a necessidade de não dizer coisa alguma — e, ainda mais imperiosamente, a de ter cuidado com o que se decide dizer. Nesse ínterim a chuva se fez mais presente, açoitando a Cidade Arcaica como raramente fazia.

— De que tipo... *Exatamente* estamos falando?

— Marrom e verde.

Maxim colocou as mãos sobre a mesa, as palmas viradas para baixo. Balançando a cabeça negativamente, olhou para o próprio copo de água.

— Infelizmente terei que dizer não. Não tenho o minério aqui e, aliás... Há muito tempo que não consigo achar quem o venda pra mim.

— Eu não disse que era um pedido.

Maxim socou a mesa com as duas mãos, apertando-as em um punho fechado.

— Você *não sabe* com quem está lidando... — Seu olhar para Desmodes na fala baixa. — Eu vendo minérios pra vocês há *mais de uma década* e nunca um fedelho *arrogante* como você me ameaçou dentro da minha PRÓPRIA LOJA! Se você tentar me atacar, eu *juro* que vou matá-lo. E o conselho ficará do *meu* lado.

Prior os observava, sem saber em qual dos dois deveria prestar atenção. Desmodes aproximou seu corpo da mesa.

— Você não vai conseguir fazer nada sem os braços.

Maxim entendeu antes mesmo de tentar voltar a Neborum. Saía de lá por um segundo, e ao voltar encontrou apenas escuridão.

Desmodes enfim sorria. Maxim não conseguia mover os braços. Olhou para eles, como se procurasse um modo de dar-lhes forças, mas isso não adiantava; tremiam como se o mundo tremesse, e seu antebraço doía como se tivesse sido profundamente perfurado. Ainda assim, sufocava em inanição, ofegando de medo; não encontrava forças para berrar por ajuda.

— Eles... — sussurrou ele — Saberão...

— Shh... — Desmodes pôs o dedo em riste em frente à boca.

Maxim não percebera que Prior havia saído do lado deles. Ele voltava com uma outra pedra; desta vez, uma forma geométrica com sete lados e uma mistura caótica e opaca de marrom e verde distribuída por toda a superfície. Na outra mão, uma faca.

— O que... O que que... — E então foi impedido de falar. Desta vez queria, *precisava* saber o que iria acontecer, mas apenas ao suor era permitido se expressar. Desmodes colocou as duas pedras em um compartimento interno das vestes e, posicionando o copo na mesa de forma a fazê-lo ficar mais perto de onde Prior estava, levantou-se e foi embora. Adentrou a chuva sem medo, e Maxim olhou uma última vez para Prior, prestes a cometer uma vingança que não planejava.

Capítulo 9

Tradição

O cenário era o melhor que os dois já haviam visto em suas curtas vidas. Um dos motivos para tanto era o cenário; o outro, o contexto. É certo que sentavam no chão, encostados no amontoado de terra que os levaria mais acima no morro, mas eram assentos privilegiados, próximo ao topo de uma elevação coberta por pinheiros de folhas anormalmente grandes e grossas. Para além deles começava uma complexa rede de casas simples e lojas agregadas em prédios de dois ou três andares, já em terras planas. Mais longe ficava um conglomerado de grandes castelos de corvônia: um número sem-fim de túneis, corredores, câmaras, salas, pequenas torres e, atizando a curiosidade e fantasia de muitos, passagens secretas — crescimento, para Al-u-ber, significou a simbiose do que um dia foi símbolo de belicosa divisão. Mais perto do litoral havia várias torres longas e imponentes — a maior delas, a Bela Torre, contrastava com o azul e amarelo do céu em sua potente negritude esguia. No solo era possível discernir um pouco do Rio Trojinsel. Atrás das figuras das torres o mar estendia-se, limpo e plano, espraiando-se como promessa e destino.

Tadeu e Amanda conheciam quase todos os detalhes daquela paisagem. Jovens e enamorados, os dois abraçavam-se, as duas mãos de cada um dadas, ligadas pelos vãos dos dedos. Visitavam aquele lugar de quatro em quatro dias, sempre ao pôr do sol, para poderem ficar juntos longe da vigília urbana: ninguém sabia do romance, e se quisessem ficar juntos era assim que as coisas precisavam ser.

— O que você acha que vai acontecer hoje à noite? — Perguntou ela.

— Não sei. Você *quer* aprender?

Ela deu de ombros.

— Acho que é importante.

Ele olhou para a esquerda. O sol sucumbia, desaparecendo por detrás da linha do horizonte, feita de matagais e daquilo que pareciam ser casas e construções de distantes jirs.

— Me sinto como ele. — Disse Tadeu, sem saber ao certo se deveria adicionar um “às vezes” ao comentário.

Amanda olhou em direção à luz.

— Como quem?

— Como o sol.

— Desaparecendo? — Perguntou ela, franzindo o cenho.

— Não. Fazendo parte de uma história que eu sei como vai acabar.

— Ah, Tadeu... — Ela se aninhou mais nos ombros dele, tentando confortá-lo sendo confortada no processo.

— É sério. Roun. *Brilhante* Roun... Todos os dias começa vencendo Nauimior e, depois de um tempo passando pelo céu, tem que enfrentar seu destino. Ser *derrotado*.

Ela riu, baixinho.

— Está vendo como ele anda bem devagar? — Reafirmou ele. — É desse jeito que ele vai rumo ao fim...

Ela passou a encarar Tadeu de frente, ainda com o rosto cômico. Puxou o rosto dele para si, de leve, com a ponta dos dedos.

— Você não vai morrer. Isso vai ser *bom*!

— Até hoje só tem separado a gente.

— É, mas... Se não fosse por isso nós não estaríamos juntos, não é?

Agora foi a vez dele de sorrir, olhando para a própria mão descansando sobre a calça.

A primeira vez que os dois se viram foi quando tinham cerca de dezessete rosanos. O pai de Tadeu, Galvino, era um proeminente mago e político. A mãe, Eva, também maga, apenas acompanhava Galvino na carreira, sem exercer uma profissão independente. Os três foram um dia a um jantar na casa de um mago que, por alguma razão inescrutável para um menino tão jovem, também viria a fazer parte dos círculos de poder da cidade.

O mago, Barnabás, aparentava ter mais que oitenta rosanos, mas era ligeiramente mais jovem. Majoritariamente calvo, com o cabelo que lhe restava tomado por uma tempestade cinza, tinha um rosto cansado, mas um sorriso encantador.

Em contraste, Galvino tinha um longo e liso cabelo loiro e, apesar de bastante experiente, aparentava ser mais jovem. Seus olhos azuis — que Tadeu também tinha, para explícita alegria de Amanda — eram emoldurados por feições sérias. Raras vezes Tadeu vira seu pai sorrir; raras vezes ele não usava sua máscara habitual de homem preocupado, ocupado e atarefado.

A mãe não era tão atarefada, mas em seus olhos ovalados uma preocupação era tão perceptível que Tadeu aprendera, por direta intuição, que não deveria sempre chamá-la, depender dela. Não deveria falar com ela por muito tempo. Morena, tinha um curto cabelo negro e ostentava o nariz mais perfeitamente reto que Al-u-een já havia visto.

Barnabás não tinha uma família normal para os padrões de Al-u-ber. Sua mulher havia morrido durante o parto da única filha que tiveram, e

desde então ele não quisera outra mulher em sua vida. Tadeu lembrava que, enquanto sua mãe se desculpava por tocar em um assunto tão pessoal, ele olhava para Amanda com curiosidade e suprimido espanto. Ele ainda não havia tomado consciência de afastamento algum em relação à própria mãe, mas não tê-la por perto? *Como* isso era possível para aquela menina?

Amanda também olhava para ele com curiosidade. Daquela noite Tadeu pouco lembrava quanto ao que ela vestia, mas lembrava que seus cabelos eram lisos, como os de Galvino, porém ainda mais longos e, ao invés de loiros, dotados de uma espécie de acobreado que combinava com seu rosto de linhas macias. Os olhos castanhos dela surpreenderam-se com o escuro cabelo penteado à esquerda do garoto, e também com seu pequeno nariz coberto em manchinhas beges.

— Se não fosse por isso talvez a gente tivesse amigos. — Argumentou ele.

Ela torceu a boca. Sabia que era verdade.

Depois de tanto tempo, o cabelo dos dois havia se transfigurado: ele não tinha mais cabelo algum, e ela havia cortado o seu. Ele, porque precisava fugir da vontade de ter cabelos longos, finos e retilíneos como os do pai. Ela, porque precisava fugir das boas razões para se cultivar um cabelo comprido em Al-u-ber.

Se a magia fosse proibida, qualquer descendente direto de magos teria que crescer sabendo mentir, tendo medo do que significaria ser íntimo de alguém. Com a magia sendo a chave para o poder, aquela era a cidade do interesse. Crescer em uma família poderosa significava também ter medo de ser íntimo de alguém, mas por razões completamente diferentes.

Depois de se conhecerem, Tadeu e Amanda continuaram a se encontrar pelas ruas de Al-u-ber e em ocasionais visitas. No entanto, não importava o quanto suplicassem aos pais, não conseguiam se ver regularmente — faltava boa vontade aos pais. Quanto menos aleatórias as visitas se tornavam, menos os pais gostavam da ideia de que convivessem tão de perto. Eles nunca diziam isso, mas mostravam: suas expressões faciais, seus olhares enviesados, comentários abafados.

Um adorava poder sentir no outro uma relação de verdade. Era como se não precisassem ter mais medo. Os pais, contudo, preferiam que eles se relacionassem com outras crianças — crianças que também eram incentivadas pelos *próprios* pais a frequentarem a casa de Barnabás ou de Galvino.

Mas os dois tinham uma sensibilidade superior. Tanto para saberem que gostavam um do outro quanto para verem que havia algo de errado com aquela rotina que lhes era cada vez mais imposta. Sempre que os pais estavam por perto, sentiam-se bem dispostos. Até conseguiam, com os colegas sugeridos e pré-aprovados, compartilhar momentos bons. Mas, à distância dos progenitores, nada funcionava tão bem. Por vezes eram perguntados

sobre magia, mas dela nada sabiam; e quando isso vinha à tona, a conversa morria, afogada em inexorável frustração. Tadeu e Amanda pareciam ser os únicos a terem interesse quase nulo por magia. Não demorou muito para que Tadeu relacionasse a ausência do pai à ausência de vontade, de significado, de apetite — e entendesse na raiz de quem era o sentido da palavra solidão.

Uma vez, sepultando suas antigas dúvidas e suscitando novas, escutou uma briga do lado de fora do quarto dos pais.

— Você vai parar com isso, Galvino.

— Por que, Eva? Porque estou tentando dar uma vida pra esse garoto?

— Ele *tem* uma, seu *estúpido!* — Dizia ela, com uma voz contida, mas claramente irritada. — Ele *tem* uma e você está *arruinando* ela!

— Tem certas coisas que não podem acontecer, *you sabe do que eu estou falando...*

— Ele é só um *garoto*, Galvino, ele não sabe de nada disso e não tem como descobrir. Do que você tem medo?

— Você diz que se preocupa com ele, mas *eu* sei o que pode acontecer se ele sair da linha quando começar a aprender o que *deve!*

— *Eu* também sei *muito bem*. Não me chame de desinformada ou me acuse de negligência. E eu sei que o *seu* jeito de lidar com isso tudo vai fazer tudo acabar do jeito que você e eu *não queremos*.

— Então o que você sugere, Eva?

— Você não vai atacá-lo de novo. Eu vou protegê-lo.

— E como você vai fazer isso?

Silêncio.

— Você vai me *atacar?*

Ao ouvir isso, Tadeu respirou pela boca, assustado, fazendo um barulho alto demais para a quietude da casa. Andou para longe da porta o mais sorrateiramente que pôde, já nem sabendo se isso tinha funcionado, e quando pensou estar a uma boa distância dali começou a correr.

Os próximos dias foram de batalha. Uma em que os lutadores brandiam espadas por debaixo das aparências. Sempre que os pais estavam perto, Tadeu podia ver que os dois, às vezes por minutos inteiros, deixavam de prestar atenção ao que faziam. O garoto não sabia qual parte daquilo era culpa sua, mas sentia-se mal. Na verdade, chegava até a sentir como se precisasse encontrar alguns amigos — aqueles garotos que o pai tanto queria que *tivesse* por amigos — mas isso era passageiro; em outras ocasiões sentia apenas que precisava ficar em casa, e durante esses dias fazia muito pouco, ocupando-se basicamente de teorias, uma pior que a outra, quanto ao desentendimento entre os pais. Às noites, durante o jantar, era como se ninguém na casa dormisse há dias, mesmo que nada minimamente cansativo tivesse sido feito o dia inteiro.

Depois de algum tempo, as coisas estranhamente começaram a voltar para o lugar. Eles não pareciam mais tão cansados. Galvino saía de casa todos os dias para suas atividades, como fazia antes. Todos retomavam suas tarefas e rotinas de outrora, mas apenas o silêncio permanecia: algo havia sido estabelecido entre os pais. Eles só haviam esquecido de dizer a Tadeu o quê.

Preocupado e nada satisfeito, saiu de casa um dia e bateu à porta da casa de Barnabás. Ele, nervoso e assustado com as possibilidades daquele encontro inesperado, lembrava-se que ela mesma atendeu a porta e, olhando para os lados — tão nervosa quanto ele — o puxou pela mão.

Os dois subiram a colina de pinheiros o mais rápido que puderam por uma trilha. Tadeu tinha medo daquele lugar, em que as sombras eram frias mesmo sob o forte sol de torn-u-sana, mas não queria mais ter medo de nada. Amanda parecia conhecer bem o trajeto, e o guiava com simplicidade. Chegaram ao mesmo lugar em que estariam sentados rosanos depois, e tentaram compreender o que Tadeu havia escutado.

— Mas o que isso quer dizer? — Perguntou a Amanda de cerca de vinte rosanos ao terminar de ouvir o relato.

— Eu não sei. Você não sabe de nada sobre magia?

Ela olhou para ele com um misto de decepção e raiva.

— Você parece as minhas amigas. — Disse, virando-se de costas.

Tadeu abriu a boca, arregalando os olhos ao perceber que parecia exatamente como os supostos amigos *dele* também.

— D-desculpa.

Quando ela se virou de novo, estava chorando. Ele não soube como reagir, mas seu corpo soube: um arrepio perpassou sua coluna; ele queria poder fazer algo. Qualquer coisa que parasse aquilo. Que a confortasse.

— Eu só... Estou tão cansada de não sentir nada pela minha mãe. Ou, de... E-evitar, n-não pensar no que eu sinto... Eu fico ouvindo na minha cabeça que não vai adiantar de nada chorar por ela, mas... Eu queria *tanto* ter conhecido ela, Tadeu...

Ela começou a soluçar violentamente, e Tadeu cedeu ao impulso de abraçá-la. O fez de maneira desajeitada, e a cabeça dela tremia enquanto se deixava envolver pelo afago do garoto.

— Eu só... — Ela se afastou; seus olhos se comprimiam ao ponto de quase fecharem enquanto as lágrimas rolavam pelas bochechas — Estou tão cansada de seguir a minha cabeça o tempo todo...

E então, de um jeito doce como ele não conseguiria sequer imaginar, ela o beijou.



Tadeu acariciava as costas da mão de Amanda com o polegar; os outros dedos sentiam a textura da própria calça bordô e da longa capa verde-musgo que Amanda emprestara do pai.

— Lembra de quando a gente brigou feio?

— Lembro. . . — Respondeu ele, nostálgico.

— Você ainda acha que o seu pai fez tudo aquilo? Fez a gente ficar com raiva um do outro?

— Eu não sei. Só sei que foi uma boa chance pra passar a ideia de que a gente estava separado. De vez. — A tristeza de ambos foi verdadeira apenas por um tempo, e estava sendo falsamente prolongada desde o incidente. Oficialmente, um estava mais do que disposto e inclinado a esquecer o outro, e a recíproca era verdadeira. Já *tinham* esquecido.

— Será *mesmo* que eles acreditam nisso?

— Não sei.

Amanda suspirou, abatida, como sempre ficava quando chegava aquele momento. O sol já havia se posto por completo. Ela queria perguntar se ele imaginava que eles pudessem ficar juntos algum dia, como um casal normal, ignorando o que quer que houvesse de errado com a combinação de seus afetos. Mas a pergunta morreu no tempo.

— Temos que ir.

— Sim.

Os dois se levantaram e, ainda com as mãos juntas de frente um para o outro, se beijaram devagar e apaixonadamente; depois de separarem os lábios, ficaram ainda com os rostos em contato. Ela passou a mão na cabeça lisa do garoto, deslizando para a nuca. Ele, nas curtas madeixas lisas da garota, deslizando para o pescoço.

— Boa sorte. — Disse ele, baixinho.

— Pra você também.

Foram embora, um para cada lado. A charrete dela a esperava ao fim da trilha tradicional, que ela conhecia bem; a dele, bem longe, em uma que ele abria sozinho.

Capítulo 10

Educação familiar

Tadeu abriu a porta e passou os olhos com atenção por todos os cantos da casa. A sala era ampla e alta, com fortes paredes de corvônia. Havia à direita uma grande mesa retangular, em cujas cadeiras de prateados entalhes se encaixavam minérios de luz vermelhos. As duas compridas janelas do lado oposto à entrada eram de um vidro rugoso e vermelho, bem como aquelas à frente da casa, ladeando a porta que Tadeu fechava. Pendurados ao longo da parede esquerda estavam outros três minérios de iluminação, dois amarelos e um azul, intercalados. Acoplada à corvônia ficava uma escada com degraus claros, quase cintilantes, mas um corrimão de madeira escura.

Seus olhos escrutinaram o lugar, desconfiados da ausência do pai. Não sabia o que esperar da primeira aula de magia, ainda mais considerando que seria ministrada por ele; eles iriam para outro lugar? Mais pessoas estariam presentes?

Tadeu ouviu algo; descobriu serem as botas da mãe, que surgiu vagorosamente pela porta que levava à cozinha, trazendo as duas mãos dadas à frente do corpo.

— Seu pai está esperando. — Disse ela, encostando-se à moldura da porta.

— Onde?

Eva acenou com a cabeça na direção de um corredor à esquerda, que começava antes da escada. Tadeu assentiu.

Quando Amanda entrou em casa, um empregado logo veio tirar-lhe a capa. Amanda agradeceu, e ele avisou que seu pai a esperava em uma sala no terceiro andar. Com um sorriso nervoso subiu as escadas, eventualmente pulando dois degraus de uma vez — evitando certa feita o ranger de uma das tábuas. Chegou rápido à única sala de porta fechada do longo corredor escarlate. Bateu antes de entrar.

A sala, gigantesca e praticamente vazia, estava com as altas e finas janelas abertas para o lado de fora. Além das curvas colunas amarelas que surgiam da parede interna em direção a um teto inatingível, havia na sala uma coleção de almofadas lilases, um par de copos e uma jarra com água.

O vento fresco de início de noite dava ao lugar um aspecto relaxante — exatamente o tipo de coisa de que ela precisava.

— Boa noite, filha. — Disse Barnabás, deixando ver um sorriso amável ao voltar-se para Amanda. — Está tudo bem?

— Ótimo, pai. Vamos começar?

— Se você estiver pronta... Por que não?

Ela levantou as mãos, dando um nervoso riso de indiferença.

— Já que eu não sei o que é estar pronta...

Galvino estava parado diante da lareira.

O corredor levava a uma confortável sala que o pai, parado diante de uma lareira, usava para reuniões quando era inasi-u-sana. Era uma sala fria, ainda que ali não houvesse janelas, o que significava que o fogo precisava crepitar. As paredes, por mais uniformemente escuras que fossem — como, aliás, eram em quase todos os ambientes daquele pequeno castelo — eram muito bem iluminadas por minérios amarelos, dispostos simetricamente em duas das paredes. No centro do recinto dois confortáveis e luxuosos sofás, longos e com encostos de estofado vermelho, ficavam em cima de um tapete dourado e preto de motivos geométricos. A sala provocava uma sensação saborosa que Tadeu, por mais que não quisesse, achava insuportável.

— Como tem estado? — Perguntou Galvino, servindo-se de água. — Quer um pouco?

— Não, obrigado. Tenho estado bem.

— O que tem feito? Por que estava fora?

— Estava aprendendo cultivo. Plantas, flores... — Amanda o ensinara algo sobre plantas medicinais. Ele também sabia reconhecer minérios de cura graças a essa conveniente mentira.

Galvino balançou a cabeça, como que aprovando a atividade, e se aproximou da lareira.

— É um bom lazer, meu filho. A natureza é realmente algo que... Devemos admirar. Melhor ainda, é algo de que devemos tirar *lições*. — Fez uma pausa para a água. — ... Mas a vida dos homens, Tadeu, e especialmente de homens como nós, é mais importante.

— Eu sei. — “Não, não sei”, pensou Tadeu.

— Você deve considerar a carreira política, Tadeu. Seriamente.

— Pai, eu...

— Não, não é preciso decidir por ela agora. — Emendou ele, voltando-se para Tadeu novamente. — Ou, bem, decidir-se por ela. Mas é algo que corre no seu sangue. Isso é algo que não se pode desrespeitar sem consequências. Por que não se senta?

Amanda sentou-se ao chão de frente para o pai; as pernas cruzadas à maneira dele. Ela logo evitou o olhar que ele lançou, pondo a pequena (e

por isso mesmo irritante quando solta) franja atrás da orelha com a mão, que inevitavelmente tremia.

— Minha filha... Minha pequena... Você passou por tantas coisas. Veio à vida sem uma mãe que pudesse ajudá-la mais do que eu. Mas eu ajudei você a fazer da sua vida até agora o... O melhor que eu pude.

— Eu sei. — Ela disse, ainda olhando para o chão a sua frente.

— Mas hoje vamos começar a sua caminhada rumo à integração à elite de Al-u-ber. Você vai aprender o que é magia, e como usá-la. Um dia poderá seguir meus passos, e ser uma importante líder nessa cidade.

Amanda reagiu com arrepios ao que ouvia.

— E se... Eu não quisser ser uma *líder*? — Perguntou ela, cautelosa.

— Não, *não*, não estou falando só de política, filha, me desculpe... — Disse ele, juntando as palmas das mãos. — Me expressei mal. Eu quero dizer que, com a magia, você vai se destacar *no que quer* que você faça.

Amanda balançou a cabeça positivamente.

Galvino andou até ficar exatamente de frente para Tadeu, e esperou até que o filho o olhasse nos olhos para começar a falar.

— A magia, Tadeu... Consiste em... *Influenciar* pessoas. A primeira coisa que nós vamos aprender é a lidar com Neborum. *Acessá-lo*.

— Neborum?

— Neborum é uma realidade diferente. — Explicou Galvino, caminhando para longe. — Lá você vê as coisas de um jeito que não as vê *aqui*. *Faz* coisas que não faz *aqui*.

— Diferente...

— É como um grande campo.

Galvino parou de novo diante da lareira, olhando fixamente para o foco do fogo. Tadeu o observava, esperando por mais; estava diante do mistério e fora fisgado por uma explicação incompleta.

Estaria o pai em Neborum *naquele momento*?

— Sem montanhas. — Disse Galvino, de repente; movimentou a íris, depois todo o rosto, e enfim andando de volta em direção aos sofás. — Sem colinas. Sem rios. Sem nem árvores, na maioria das vezes. Apenas *grama*. À noite o mundo é escuro como a noite. De dia, é claro como o dia. Há um céu e há um sol. E é isso.

— E... Neborum... *Existe*? — Perguntou Tadeu. — Digo, é... É *fora* de Heelum? P-precisamos viajar para chegar lá?

— Sim, viajar, sim. — Respondeu Galvino, críptico. — Mas sem sair do lugar. Esse mundo existe dentro de todos. O tempo todo. Mas apenas os *magos* conseguem vê-lo. Conseguem entrar nele. Apenas nós conseguimos *agir* nele.

Tadeu buscava com formigante freneticidade respostas para suas inquietações. Sua mente viajava, reinterpretando o passado.

Se havia um mundo ao qual apenas magos tinham acesso, era lá que seus pais estavam enquanto brigavam, rosanos atrás?

Barnabás bebeu um copo de água enquanto deixava Amanda processar o que havia ouvido. Sorriu ao perceber a incredulidade estampada em seu rosto.

— O que é importante, filha, é saber que esse mundo está *sempre* dentro de você. O que existe nele muda de acordo com as *pessoas* que estão perto de você. Com aquilo que está à sua volta. Se você conseguisse ver este mundo agora mesmo, filha, você veria nele um chão coberto de grama, mas estaria vendo isso de dentro de um *castelo*.

— Um castelo... — Repetiu ela. — De corvônia?

— Alguns são. Isso não importa muito, na verdade... Isso depende muito, filha.

— Certo... E... O que mais eu veria?

— O *meu* castelo, se andasse até uma janela do seu castelo, por exemplo.

— Respondeu Barnabás. — Um pouco mais longe, mais à frente. O *meu* castelo representa a mim, a *minha* pessoa. O *seu* representa a *you mesma*.

— Então em Neborum eu sou um castelo.

— Sim.

— E eu vejo todas as pessoas de Heelum lá? Todas são um castelo?

— Não, não todas. Só as que estão perto de você no momento.

— E quem é a pessoa que vê isso tudo? Eu seria capaz de ver *you* lá? Quer dizer, não o seu castelo, mas o seu... *Corpo*, por exemplo? — Perguntou Amanda.

— Em Neborum o seu corpo, aquilo que você *vê* como o seu corpo e o corpo das pessoas, é o seu *iaumo*, filha. Sua alma. Sua essência.

Tadeu estava confuso; seu pai, sentado. Morava num castelo, e aparentemente também *era* um — *em Neborum*.

— O que foi? — Perguntou Galvino.

— Não sei... O castelo sou eu, e “eu”, em Neborum... — Tadeu foi interrompido pelo pai, que adicionou “Sim, o seu corpo” quando Tadeu sublinhou o “eu” na frase. — Sim, eu, o meu corpo é... O *iaumo*.

— *Exato*. — Reafirmou Galvino. — E dentro do meu castelo, se você entrasse nele, você encontraria uma pessoa como eu. *Meu iaumo*.

— E a alma? — Arriscou Tadeu. — É a mesma coisa?

— Vejo que as aulas de tradição lhe serviram bem. — Disse Galvino, enfim recostando-se completamente no sofá. — O *iaumo* é uma palavra em na-u-min para a alma. Na época em que a magia surgiu já não se falava mais na-u-min, mas... Os magos esconderam sob essa palavra a ideia da alma. Nós, magos, *conhecemos* a alma, Tadeu.

— E o que é magia?

Galvino levantou as sobrancelhas e abriu a boca, preparando-se para dizer algo.

Barnabás sorriu, levantando as sobrancelhas.

— Bem, magia... Magia é *atacar*, minha querida. Quando dizemos que alguém vai *atacar* alguém, é como dizer que fará *magia* nessa pessoa. Magia significa sair de seu castelo... Invadir um castelo de outra pessoa, ou simplesmente *entrar* nele se a porta não estiver trancada, e... Realizar uma *técnica* dentro desse castelo. Cada técnica é um *jeito* como você pode *influenciar* alguém. Depois que você *realiza* a técnica, você pode voltar para o seu castelo diretamente, sem precisar refazer o caminho. Podemos fazer isso em qualquer momento.

— E como eu faço isso tudo? — Perguntou Amanda. Mesmo com as janelas abertas, sentia calor.

— Calma... — Disse Barnabás, fechando os olhos e levantando de leve a palma da mão. — Uma coisa de cada vez, filha. Agora... — O sorriso foi lentamente desaparecendo. — Há uma coisa que... É *essencial* que você saiba.

— O quê?

— Magia é algo muito perigoso, Amanda. Muito, *muito* perigoso. Com ela você pode levar alguém à maior das alegrias, mas também ao pior dos infortúnios.

Galvino parecia ter ficado subitamente preocupado. Colocara uma cláusula ao entendimento de Tadeu, mas parecia relutante em informá-la. Voltou a se empertigar no sofá, e eventualmente se levantou.

— O que foi, pai? — Insistiu Tadeu.

— Existe muito a saber sobre magia. — Começou Galvino, pondo-se novamente em frente ao fogo. — Por isso existem as tradições. Cada uma tem um conhecimento *específico* sobre as técnicas, Tadeu.

Tadeu ouvira falar vagamente sobre elas.

— Existem três delas. — Continuou Galvino. — Os bomins, os preculgos e os espólicos. Os bomins conseguem provocar sensações e sentimentos. Emoções e vontades. Os preculgos influenciam o modo como as pessoas pensam.

Tadeu colocava as peças do quebra-cabeça no lugar. Ser um mago significa invadir. Ele parecia se encaixar, afinal, na definição da vítima de um mago. Após a invasão, o mago pode influenciar pessoas. Alguns influenciam o que as pessoas sentem. Outros, o que as pessoas pensam.

Uma onda avassaladora de medo perpassou seu corpo, arrepiando-o com a ideia que ele havia intuído, ainda que não compreendido. O medo era real, e o fez querer fugir do olhar do pai instantaneamente; tinha medo de fazer a pergunta que precisava ser feita.

Faltava descobrir algo.

— E os espólicos, pai? — Perguntou Amanda.

— Bem, filha, eles... Eles são diferentes. — Barnabás derramara um pouco de água na mão, que esfregou na outra, enfim passando as duas nos trajes que vestia. — Eles não têm técnicas que influenciam alguém. Eles não invadem seu castelo e procuram por coisas para fazer em uma sala ou outra.

— ... Então o que eles fazem?

— *Eles buscam a sua alma*, filha. Vasculham o castelo atrás dele, do iauomo, e quando o encontram, o dominam, o prendem em uma rede de força que... É impossível de descrever sem que você a veja ou, ainda pior, a sinta... E a partir daí, você está controlada. Você faz o que eles quiserem que você faça, não importa o que pense ou sinta quanto a isso.

Amanda tentou imaginar aquilo. Não sabia como imaginar Neborum, mas seguiu as dicas do pai. Viu a si mesma em meio a um infinito campo verde, debaixo de um sol tripudiente, diante de um Galvino enrolado por uma teia de grossos fios negros de lã. Ele parecia amedrontado, olhando para ela com a boca aberta e os olhos azuis aterrorizados. Estava pronto a implorar por misericórdia; a barganhar por clemência.

Amanda riu pra si mesma, sentindo um pouco de vergonha por imaginá-lo naquela situação. Pensou que sequer sabia se deveria imaginar a si mesma como espólica.

— E o que nós somos, pai? — Perguntou ela.

— Tadeu, eu... — Hesitou Galvino. — Espero que entenda que há certas coisas que fazemos por necessidade. Nós, magos.

Tadeu não entendia por que a conversa tomava aquele rumo. Galvino prosseguiu.

— Uma pessoa não pode conhecer todos os tipos de técnicas. Ela seria poderosa demais. Por isso as tradições mantêm-se *estritamente* separadas. O que você aprender aqui pode contar a um bomin por sua conta e risco, mas...

— Nós somos bomins? — Interrompeu Tadeu.

Galvino sorriu, confirmando.

— Gosto do fato de que você usou a palavra *nós*.

Galvino esperou que Tadeu fizesse as conexões por si mesmo. Alguns instantes depois, o jovem olhou para o pai novamente:

— O que o Barnabás é, pai? Qual é a tradição dele?

Mais silêncio por parte de Galvino, que limitou-se a olhar para o filho. Tadeu irritava-se a cada momento que precisava esperar.

Estaria ele em Neborum?

— Você tem que entender, meu filho, que... Se você ainda fosse... *Amigo* dela... Se a filha de Barnabás estivesse nos seus círculos de amizade... Isso seria perigosíssimo para você.

— Por quê?

— Porque Barnabás é um preculgo, Tadeu. E Amanda será uma também.

As chamadas, que pareciam ter ficado mais fortes, deixavam a sala mais clara, mas também mais quente. Isso fazia a luz variar, e o fazia ainda mais para Tadeu, que era constantemente obscurecido pela sombra de seu pai. Apenas agora começava a entender o quanto sua vida também dependia da sombra dele, e quanto mais escura a sala parecia para ele, na oscilação da luz do fogo, mais ele se entristecia, ao mesmo tempo que se enfurecia, com a visão de seu futuro.

— E o que tem de errado com isso? Eu i-ia... — Com a cabeça confusa e inebriada pelo pouco de coragem que lhe restara a nova angústia era falar o que não devia. — ... Manter isso longe dela! E ela poderia fazer o *mesmo*!

— É possível, mas vocês seriam investigados à exaustão. *Entenda*, Tadeu. Procure *pensar*. Todos os magos desconfiariam muito de vocês dois juntos. Dois alunos, e tão jovens... Ficaria claro de que lado estaria a lealdade de vocês. Vocês poderiam se ajudar. Entender a magia um do outro.

— Mas de que importa se... E se quiséssemos...

— Você morreria, filho. — Disse Galvino. Tadeu finalmente sentia que Galvino de fato olhava para ele. — Você e Amanda. E também eu, sua mãe e Barnabás. Todos nós seríamos condenados se vocês compartilhassem *qualquer* coisa e alguém descobrisse. Uma acusação que seja. Infundada que fosse. Já seria o bastante.

Capítulo 11

Alorfos e filinorfos

Al-u-een foi a terceira cidade a ser fundada depois que os homens fugiram do Yutsi Rubro, deixando a Cidade Arcaica para trás. No entanto, diz o ditado popular local que ela foi a primeira, já que foi a única cujo povo, à época, quis ficar exatamente onde estava. Na época, Kerlz-u-een e Rirn-u-jir não passavam de postos militares; fortalezas provisórias que todos desejavam abandonar ao primeiro sinal de que pudessem voltar para o lugar de onde vieram. Um ditado jocoso de Roun-u-joss dizia que ela foi a primeira cidade a descobrir a justiça — o que, curiosamente, alguns em Al-u-een ouviriam sem notar o sarcasmo.

Ambos os ditados informavam muito sobre a cidade. Ao longo da história foi um dos locais mais influentes de Heelum: sua arquitetura, cheia de colunas, igualdades e proporções, era muito admirada e copiada. Suas esculturas, que complementavam de forma brilhante o urbanismo perfeccionista, geraram toda uma tradição por seus próprios métodos. Sua política serviu como modelo natural para Roun-eeen, Ia-u-jambu e Novo-u-joss em seus primeiros tempos.

Na manhã seguinte àquela noite gelada, Al-u-een seria o cenário de um assassinato.

Ao sul do rio Ia dois homens caminhavam por uma rua em frente à praia, vestindo grossas capas negras por sobre roupas presumivelmente ainda mais quentes. As ondas iam e vinham, no eterno *quid pro quo* com a fina areia. A distâncias regulares, um poste de corvônia brotava da calçada da rua de paralelepípedos. Altos e resistentes, tais postes terminavam em uma esfera oblonga da qual saíam oito finas hastes curvilíneas, simetricamente dispostas como as de um polvo. As hastes juntavam-se em uma espécie de pedestal, acima da esfera, a lá era colocado o minério que iluminaria aquele pequeno trecho da cidade. Com as mãos nos bolsos, os dois andavam despreocupadamente, mas nisto fingiam: pensavam seriamente no que aquela noite podia trazer.

— Que casa é? — Perguntou Kan.

— Esta.

Enfim pararam. O homem que identificou a casa, Lenzo, tinha um rosto

redondo e relativamente pequeno. Seus olhos, amendoados e castanhos, vasculhavam a rua à procura de algum estranho a observá-los.

— Me esconde. — Pediu ele.

Kan, com longos rosto e corpo e a barba por fazer, fez que sim com a cabeça. Mergulhou em um outro tipo de escuridão, e quando emergiu estava pisando não em pedra, mas em grama.

Olhou para o lado e viu um imponente castelo dourado fosco; reconheceu estar ao lado da torre oeste. Voltou-se para a frente e, com um rápido escrutínio, percorreu a região inteira. Sentiu o vento no rosto ao percorrer toda a área, todas as direções, e voltar até onde estava. As estrelas ainda giravam e se recombinavam no céu quando ele assegurou-se de que aquele era mesmo o único outro castelo na região — quando assegurou-se de que estavam, enfim, sozinhos.

Levantou as mãos em direção à construção, um pouco menor que a própria e, como numa súplica por esmola, manteve a palma da mão para cima. Logo a escuridão do céu começava a se misturar com as sombras do castelo, e as luzes, vindas dos minérios nas salas com janelas, começavam a brilhar mais forte, para depois serem engolidas para dentro da escuridão que caía por sobre o prédio como se o céu derretesse. Enquanto os últimos raios de luz entortavam-se num redemoinho, o próprio castelo chegava mais perto dele; a destruição fazia aproximar, sem força e sem movimento, sem tirar do lugar.

O próprio céu ganhou as tonalidades das paredes externas do castelo e, logo depois, o mago se viu do lado de dentro, e todos os objetos do salão principal — das velas às cadeiras — estavam distorcidos e estendidos; ora grandes demais, ora pequenos demais, formando uma redoma de paredes e luz ao redor do centro que havia se tornado o mago. O teto esférico começou a convergir para ele e, antes que tudo entrasse em colapso, o mago fechou os olhos.

Após sentir um breve calafrio, abriu-os e contemplou a rua em frente à praia novamente.

— Não tem mais ninguém? — Perguntou Lenzo.

— Eu não vi. — Respondeu Kan. — Agora anda, me esconde também.



Lenzo bateu duas vezes na porta da pequena casa. Ela ficava no meio de um terreno grande, e suas paredes externas, pintadas em azul real, estavam longe das paredes de todas as casas da vizinhança. Completamente quadrada e com apenas uma janela nos fundos, emoldurada com madeira pintada de amarelo, a casa era de arquitetura tão empobrecida que era uma raridade naquele bairro de Al-u-een.

— Quem? — Perguntou uma seca voz feminina.

— Lenzo e Kan.

A porta se abriu. A fraca luz da rua não conseguia adentrar o recinto, tão intensa a escuridão do lugar; os dois magos, com seus castelos tornados invisíveis um pelo outro, conseguiam ver apenas um fino braço, iluminado de azul claro, segurando a porta pelo lado de dentro.

Assim que entraram e a porta se fechou, a escuridão foi completa. Ouviram um barulho; um farfalhar que adivinharam estar relacionado a roupas ou tecidos, e depois um baque maciço de algo como uma pedra batendo contra uma superfície de madeira. Uma luz vermelha começou a surgir em cima daquilo que parecia ser cada vez mais uma mesa redonda. A luz, ainda que não tão forte quanto poderia ser se cinco pessoas não estivessem aglomeradas naquele espaço abafado, revelava os rostos dos convidados e dos anfitriões da noite.

— Boa noite, Lenzo.

Aquele com a palavra era um homem moreno e forte, com um rosto grande e cheio. Seus olhos escuros abaixo de uma cabeça perfeitamente lisa, juntamente à boca fechada disposta em um contido sorriso, davam efusivas boas vindas aos visitantes.

— Obrigado por trazer Kan. — Completou ele.

— Hiram. Há muito tempo não nos vemos. — Disse Kan, com um sorriso similar.

— Não querem se sentar?

Kan pigarreou após acomodarem-se, ele e Lenzo, nas cadeiras disponíveis.

— Quem são os amigos?

— Este é Gagé, filinorfo de Kerlz-u-een — Hiram apontou para o homem à direita dele, de pele ainda mais escura que a própria e com um curto cabelo encaracolado. — E esta é Raquel, de Roun-u-joss. — Hiram apontou para a mulher de rosto experiente, e cabelo castanho-claro preso num grande coque. — Este, meus amigos, é Kan, o alorfo de quem *muito* falei esta semana.

Gagé era musculoso, mas de baixo porte, enquanto Raquel era o completo oposto. Alta, mas magérrima. Hiram fazia uma boa média aritmética entre os dois tipos.

— Aposto que não fala muito bem de mim, não é?

— Eu?! — Perguntou Hiram, ponto o dedo indicador no próprio peito ao libertar-se numa risada contundente. — Pode apostar que *sempre* falo muito bem de você, meu amigo!

Hiram ria sempre com vigor, as bochechas quase forçando os olhos a se fecharem. Disso Kan se lembrava.

— Lenzo me disse que você queria falar comigo. Por que me chamou aqui, Hiram?

Hiram respirou fundo, olhando para os dedos médios de Kan, que tamborilavam na mesa.

— Porque precisamos de você, Kan.

— Por quê? O que vocês pretendem?

— Matar Hourin. — Respondeu Hiram, com simplicidade.

Kan olhou para Lenzo, cujo olhar parecia estar em outro lugar.

— Você enlouqueceu?

— Não.

— Você está falando sério?

O filinorfo aproximou seu corpo da mesa e, com as mãos ficando perto do minério, a luz levemente feneceu.

— Eu vou ser sincero com você, Kan. Você era um dos nossos. Estava conosco. Lembra-se de nós? De *nós dois*, antigamente? — Kan balançou a cabeça, sem parar de olhar com o que parecia ser regulada curiosidade para Hiram. — Eu sinto saudades. De verdade. Não consigo esconder isso, você sabe como eu sou... E então você nos abandonou. Preferiu ser um alorfo... Preferiu acreditar que você pode consertar *tudo de errado* que há com o mundo ensinando magia às pessoas. Tudo bem. Não deixa de ser um nobre objetivo. A *conscientização*. — Se afastou novamente, ficando levemente deitado na cadeira, a luz vermelha produzindo sombras tortas nos olhos de Hiram, Gagé e Raquel. — Mas me dói acreditar que você realmente *cai* nessa ilusão.

— Qual é a maior ilusão, Hiram? Acreditar que a educação das pessoas para a magia é a melhor forma de ajudá-las ou acreditar que a morte de um político qualquer vai mudar alguma coisa?

— Você está dando *veneno* às pessoas achando que vai curá-las da *doença*, Kan!

— Mas a magia não é veneno. É ferramenta. Você pode usá-la para o bem ou para o mal.

— Ah, *disso* eu já ouvi... E você, que já foi um mago comum? Um preculgo? Acha mesmo que seu *mestre* se preocupava com o bem ou o mal, Kan?

— Eu me preocupo. — Agora era Kan a recuar na cadeira. — É o que me basta.

— Que pena, Kan. Que pena que não basta às milhares de pessoas doentes, miseráveis ou simplesmente vivendo em condições *terríveis* de vida porque elas trabalham, às vezes como *loucos*, para saciar a fome inesgotável dos senhores *magos*. — Hiram pôs uma ênfase tamanha na última palavra que era como se falasse de pragas de lavoura. — Pessoas sem cuidados médicos, com casas podres, sem uma roupa digna, sem comida suficiente.

Lenzo observava Kan, continuando os dois tão sérios quanto antes.

— Eu sei, Kan, eu sei... Não se preocupe em demonstrar sua frustração. Eu conheço você, e sei que a sua incapacidade de falar não significa que reconheceu sua derrota.

— Isso não é uma disputa.

— Ah, Kan, *sempre* é! — Riu-se Hiram. — *Sempre* é uma disputa! Mas nesse caso é uma disputa de você consigo mesmo... Tentando *justificar* o que você faz.

— *Justificar*, Hiram? — Disse Kan, estreitando o olhar. — Eu tenho ensinado o que significa a magia, a *dezenas* de pessoas, para que elas *entendam* o poder que os magos têm em Al-u-een e em Heelum. Um poder que não *deveriam* ter.

— Isso é bom. Tem ensinado seus alunos a *lutar* contra isso também?

— Não. Não quero que eles virem foragidos que têm que viver em casas como essa.

Hiram entortou a boca, assentindo com a cabeça. Reconhecia, até com um quê de orgulho, que merecia o insulto.

— Então ensina seus alunos a serem como os algozes deles?

— Por que está me perguntando isso tudo, Hiram? — Questionou Kan, bufando.

— Para que perceba o que está fazendo, Kan. — O olhar de reprovação de Hiram parecia irritar Kan profundamente, já que Lenzo podia ver, ainda que apenas através de imprecisos contornos, o punho fechado do colega por debaixo da mesa. — Você sabe que este poder é o problema, mas ao invés de querer acabar com ele, você quer que todos tenham o *mesmo* poder. A *mesma* capacidade de dominar uns aos outros.

— E você acha que é *possível* acabar com esse poder? Olhe o que você tem. — Kan percebeu, com uma olhada rápida para todas as cantos da sala, que Gagé e Raquel olhavam para Lenzo, e que este, por sua vez, olhava para baixo, com a luz vermelha deixando sua pele rosada demais para perceberem que estava pálido, mas brilhante o suficiente para verem o quanto ele suava. — Você tem quatro pessoas dispostas a tirar de cena um político mago em Al-u-een, e existem milhares de magos em Heelum, *todos* coordenados, se ajudando, disso nós sabemos... Como você espera conseguir isso?

— Com a sua ajuda, Kan.

Kan desviou o olhar, em silêncio. Hiram sorria, aberto como um velho amigo.

— A magia nunca vai acabar.

— Vivíamos sem ela antes, podemos viver sem ela daqui pra frente, Kan.

— Ela é um *mistério de Heelum*, Hiram. Como é possível... *Reprovar* isso?

— Está dizendo que é natural um ser humano dominando o outro e usando o outro como se faz de praxe, Kan?

Kan voltou a se recostar, parecendo cansado do jogo de palavras.

— Não foi pra isso que a rede de luz nos criou, Kan. A educação para a magia não vai salvar ninguém. *Acorde, Kan! Metade* dos seus alunos acaba sendo *resgatada* por magos tradicionais. São envoltos pela *ganância!*

Era uma estatística bem próxima dos alunos de Lenzo, pelo que ele próprio podia recordar.

— Outra parte acaba caçada, morta, intimidada... Os magos dão tanto trabalho *infrutífero* para a polícia dessa cidade, Kan!

— E você quer dar ainda mais trabalho pra eles.

— Quero. Quero sim. Mas um que valha a pena.

Kan refletiu em silêncio, cruzando os braços.

— Você vai, Lenzo?

Lenzo deixou de olhar o que quer que estivera olhando anteriormente na mesa e olhou para Kan. Os olhos arregalados e lacrimejados significavam, na linguagem dos gritos desesperados, que uma decisão estava sendo tomada.

— Eu... — O silêncio durou alguns instantes apenas, e mesmo assim conseguiu fazer o coração dos filinorfos da sala parar. — Tudo bem.

Kan olhou para baixo por uns instantes e enfim deu-se por vencido, abrindo os braços e voltando a colocá-los sobre a mesa.

— Tudo bem.

Hiram sorriu, satisfeito.

— Qual é o plano? — Perguntou Kan.

— Correm boatos — recomeçou o líder filinorfo — de que as portas de Hourin estão abertas. A filha está doente. Há dias não vai ao parlamento. Não sai de casa.

— Eu fui até lá e falei com ele. — Interrompeu Lenzo. — E... Quando eu olhei pro castelo, o-o castelo dele, as portas estavam abertas sim.

— Lenzo o conhece. É sobrinho dele. — Clarificou Hiram. — Ele é um mago enfraquecido, essa é a verdade... Um mago não deixa as portas abertas, você bem sabe, Kan. A ideia é que, enquanto Gagé, você e Lenzo falam com ele pela porta da frente, eu e Raquel entramos no quarto da filha dele, que fica no segundo andar.

— Da *filha*?

— Sim. Atacamos a filha, que está frágil também, para que ela fique quieta, apenas. Atrás da porta outro de nós espera. Com a *espada*.

— E qual é a nossa parte?

— Vocês falarão com Hourin ao mesmo tempo que o atacam. É preciso fazer com que ele sinta que há algo de *errado* com a filha. No momento certo, é claro. Depois nós pegamos o maldito quando ele subir.



Lenzo já havia saído da reunião, e sem dispensar mais que uma ou duas palavras despedira-se de todos. Kan o observou sair apressado em direção à maresia, mas permaneceu por mais um tempo diante da luz vermelha.

— Obrigado, Kan. Amanhã nos vemos. — Disse Hiram, recolhendo o minério e colocando-o dentro das vestes azuis.

— Esse plano não pode passar de amanhã. — Sussurrou Kan, para um escuro cheio de ouvidos e atenção. — Ele foi difícil de convencer. Se não for amanhã, não vai dar certo.

Hiram concordou, solene, com um único movimento da cabeça.

— Não se preocupe. Será amanhã.

Capítulo 12

Por um triz

Amanheceu em Al-u-een pela trigésima-quarta vez naquela estação. Kan sentava em um banco de uma praça na zona norte do centro, vestindo uma longa capa verde-escura. Estava velha, pequena demais para ele e, escolhidas regiões específicas, cheirava a peixe. Vestir a indumentária dos breves tempos de preculgo trazia à baila uma série de memórias; todas coisas sempre importantes de se ter em mente.

Gagé e Lenzo se aproximaram momentos depois, surgindo dos arredores de crianças sorridentes e casais deitados na grama. Kan deixou de observar as minúcias das nuvens amareladas por detrás de um leitor ávido no banco à frente para silenciosamente se juntar ao grupo. Lenzo olhava para baixo, mas ocasionalmente pendia-se para os lados e para trás. Talvez quisesse continuar lá atrás, com as crianças, como se aquele plano não existisse. O passo forte liderado pelo semblante de Gagé, que traduzia seu prévio estilo de vida de lutador, não o deixava esquecer, e levava os três cidade afora em direção à casa de Hourin.

Passaram por grandes e velhas árvores que o período de frio não conseguira atingir; permaneciam cheias de vitalidade nas folhas. Saíram da praça, cuja trilha interna era apenas terra batida, e entraram em uma ruela de pedra em que várias casas de dois ou três andares se erguiam juntas, como blocos retos que se encaixavam perfeitamente uns ao outros, ainda que a altura por vezes diferisse. Entraram na próxima rua à direita, onde mais casas funcionavam da mesma maneira. Ao lado, o que destoava eram as vassouras, de extremidades ainda quentes de mãos enérgicas, largadas pelo lado de fora depois de ter deixado os empregados ocupados e as famílias mais felizes. Cada casa era coberta com uma camada externa de madeira, que os donos pintavam e ornavam a gosto, o mesmo acontecendo pelo lado de dentro. A estrutura, no entanto, era de corvônia, de modo que as casas eram resistentes. A madeira era duplamente posta porque a aparência da corvônia não era valorizada na estética das residências, que seriam tidas por feias e de aspecto sujo — em contraste com monumentos e prédios públicos, aos quais o mesmo material conferia um ar de poder e glória atemporais.

Gagé parou em uma intersecção onde à rua em que estavam se juntava um beco escuro. Oposta ao beco, uma comprida casa rosada exibia várias janelas fechadas, apenas algumas com as rubras cortinas para o lado de fora. Em uma das casas da esquina que formava a rua sem saída, o vazio parecia imperar: completamente fechada, com a pintura bordô desgastada. A outra tinha dois andares de uma impecável pintura verde com ricos detalhes dourados em textura. No vértice, na divisão entre o primeiro e o segundo andar, os detalhes dourados ganhavam cada vez mais relevo até acabar em uma gloriosa flecha apontava para cima, mas destacada da parede. A casa que hoje era de Hourin — e abrigava somente ele e sua filha — fora conhecida, no passado, por ter entre os seus membros excelentes arqueiros.

Se Hourin fosse arqueiro, pouco a magia poderia fazer para ajudá-lo. Mas como era político, a magia era essencial. Em Heelum, a magia não era familiar: proibida, tinha que encontrar maneiras sutis de sobreviver à sombra de tudo que era oficial. Os magos recrutavam apenas um discípulo por vez, muitas vezes ainda muito jovens, e lhes ensinavam a lidar com Neborum. Os filhos, protegidos das potenciais sanções aos magos, não ficavam totalmente de fora da partilha das benesses: os magos costumavam ser bem-sucedidos e, ricos, ofereciam a eles tudo o que precisavam e queriam.

O povo de Al-u-een era orgulhoso de sua cidade por vários motivos. Mas, de todas as coisas que eram e faziam, nada deixava a população mais contente do que a crença de que a cidade funcionava *sem* a dominação dos magos. Na política, cada pessoa — inclusive as crianças — tinha direito a um voto. Os votos elegiam mais de setenta parlamentares que, em debates públicos, discutiam assuntos relevantes para a cidade, tomando decisões. Prezando a justiça e a equanimidade, a maior parte dos cidadãos de Al-u-een, mesmo os que não viviam tão bem quanto outros, via a si mesma como modelo para toda Heelum, e acreditava-se imune à forma egoísta como os magos lidavam com as vidas de todos que os cercavam.

Kan percebeu que no final do beco estavam os outros dois filinorfos. Hiram pegou uma longa escada de ferro que estava encostada em um muro nu entre as duas casas e a pôs em contato com um parapeito dourado e curvilíneo no segundo andar.

Lenzo bateu à porta três vezes com força desmedida.

Em Neborum, Kan e Gagé viram as nuvens se movimentarem rapidamente em um céu que se tornou púrpura, como se cada uma estivesse tentando achar um novo lugar para estar, mas nenhuma conseguisse. Um castelo de um cinza levemente amarelado apareceu no horizonte a aproximou-se rapidamente, a terra entre ele e os dois magos tremendo com violência enquanto encolhia.

— Ele está vindo... — Sussurrou Kan.

A porta da casa se abriu, e um homem velho vestindo uma fina calça verde e um grosso blusão marrom atendeu a porta. Seus dedos estavam sujos de um vermelho aquoso, provavelmente vindo de uma solução curativa feita para a filha. A barba, irregular como jamais esteve, tomava conta de um rosto pálido e oleoso, e as olheiras profundas indicavam algumas noites mal-dormidas. Atrás dele podiam ver as costas de um sofá vermelho, a ponta de um tapete bege e preto, e parte de uma longa escadaria prateada.

— Lenzo... O que está fazendo aqui?

Mantendo-se parados enquanto Lenzo cuidava da situação, Gagé e Kan rapidamente se aproximaram do portão principal do castelo, que era grande e de madeira tão escura como a porta da casa em Heelum, mas duplo. Com grandes inscrições e letras nele talhadas, possuía duas trancas enferrujadas que com um chute Gagé desconsiderou, entrando no salão principal. Antes de entrar Kan viu, ao longe, mais três castelos. O salão não passava de um átrio vazio, com largas escadarias em “U” que Gagé já subia correndo. Kan seguiu o comparsa, deixando a porta aberta.

Já no topo da escada de ferro, do lado de fora da casa de Hourin, Raquel olhava para dentro do cômodo de janelas semicerradas. Via um quarto imerso em rosa, com alguns poucos detalhes em verde, ambas as cores muito suaves. A filha de Hourin, uma adolescente de cabelos castanhos e encaracolados, estava deitada à cama de grosso colchão e armação roxa que pouco chamava a atenção, apesar da cor. As mãos estavam juntas em cima da barriga, com um cobertor de um rosa mais intenso fazendo um intermédio.

O castelo dela era uma muralha circular com um grande portão de ferro cercando um prédio simples de cerca de três andares, com uma torre apenas um pouco mais alta e de paredes completamente ligadas ao prédio principal. O portão estava aberto, mas ao tentar avançar Raquel e Hiram voltaram, escondendo-se atrás da muralha do lado de fora. Hourin estava no pátio, com a mão direita acima da cabeça. O cotovelo estava num ângulo reto, e a mão esquerda na mesma posição, mas segurando o punho do outro braço.

— E agora? — Perguntou Raquel num quase sussurro, sem esperar por aquele empecilho.

Hourin virou a cabeça para a esquerda por um momento e, após engolir em seco, voltou a olhar para Lenzo.

— Oi, tio. Eu... Eu vim aqui saber como o senhor está.

Hourin olhou para Kan e Gagé, que olhavam fixamente em retorno.

— Quem são vocês?

Kan e Gagé tropeçaram nos últimos lances de escada e caíram no chão, que se destruiu em mil pedaços, e o teto que passaram a olhar balançou em ondas como se uma pedra tivesse sido jogada com raiva numa poça d'água.

— Meu nome é Kan, este é Gagé. — Disse Kan automaticamente, ignorando uma fisgada na cintura. — Somos seus eleitores, senhor Hourin.

Gagé balançava a cabeça, concordando. Tentava prestar o mínimo de atenção, já que tentava fazer as paredes do castelo aparecerem de novo ao seu redor. Assim que se sentiu seguro quanto às apresentações em Heelum, começou a correr em direção a uma galeria à frente. Kan logo o seguia, ainda aos tropeços.

— Eles insistiram muito para vir, tio, porque... — Falava Lenzo, com as sobrancelhas arqueadas. *Ele vai descobrir.* — ... Porque estamos preocupados com o senhor. Faz dias que o senhor não sai de casa, e...

— Ataque-o! — Disse Hiram, mais com os lábios do que com a voz.

— Não, ele vai *saber!* — Raquel respondeu, em fúria quieta.

— Então *cale* a filha dele com as *mãos!*

Ela concordou com um aceno de cabeça.

— Avise os outros.

Raquel deixou a escada e subiu no parapeito, que era preenchido com terra e uma dúzia de flores. Entortou a maioria com os joelhos. Abriu a janela empurrando-a toda para a esquerda, e esgueirou-se pela metade livre. Caiu em pé em cima de um tapete rosa claro, ao lado da cama da filha do político, que estava acordada. Seu tom de pele era mais escuro que o do pai, mas estava insalubre, num tom quase esverdeado: os olhos, estreitos e confusos, voltaram-se para a desconhecida.

— Q... Quem...

Sem dizer palavra, Raquel aproximou-se e, sem que a garota tivesse tempo de reagir, juntou os braços dela e segurou-os acima da boca, que feria em febre. Pôs seu corpo sobre o dela, um joelho de cada lado nas bordas da cama. Com a pressão que sentia, a garota logo começou a entender que estava sendo imobilizada para impedir que gritasse.

Gagé, com Kan logo nos calcanhares, encontrou uma porta pintada de rosa. Ignorando a espécie de mofo ao redor da maçaneta, testou a porta, que estava aberta.

A sala era grande, alta e bem arejada; possuía três grossas colunas dispostas na linha central e três gigantescas janelas correspondentes, todas abertas e pelas quais entrava uma clara luz azul, como se um céu de briga-deiro fosse a fonte de luz em si mesmo.

O que não estava no lugar eram os retratos de uma menina de cerca de trinta rosanos que Kan logo reconheceu ser a filha. As molduras estavam rachadas, embora continuassem a segurar as imagens, nítidas e bem desenhadas. O mesmo bolor que lentamente cobria a porta pelo lado de fora espalhava-se pelo papel das figuras; o vidro que deveria protegê-la estava quebrado e, estilhaçado, cobria o chão como um mar de cacos. Havia centenas desses retratos, em igual situação: pendurados nas paredes e nas

colunas, em cima de simplistas mesas e cadeiras, muitas delas também quebradas.

Gagé não sabia o que fazer.

— Para ele, ela *já corre* perigo.

— Eu... — Começou Hourin, piscando algumas vezes. — Agradeço a todos vocês, mas, agora, se dão licença, eu preciso...

Lenzo não sabia o que dizer, ou se deveria dizer algo; se era preciso que ele fosse embora ou se não podia deixar isso acontecer. Segurou o braço do tio, arrepiando-se ao pensar, num impulso, se aquela seria a última vez que o veria.

— Tio, eu...

Raquel continuava apertando as mãos da jovem contra a própria boca. Ela se agitava, da melhor forma que podia, para tentar se livrar da opressora; os olhos cor-de-mel, despertos e amedrontados, viam nela uma perturbadora frieza. Seu castelo começou a tremer, e o iaumo de Hourin caiu pra trás, sem saber o que estava acontecendo; levantou-se e tentou sair dali, mas os portões se fecharam, e o vento soprou forte como se uma tempestade se aproximasse. O céu enegreceu.

— Vocês... — Disse Hourin, libertando o braço dos dedos de um Lenzo atordoado. Percebeu que Kan e Gagé não prestavam atenção à conversa.

Hourin fechou a porta com um baque, e o som dela sendo trancada se fez ouvir mais que depressa.

Quando Kan percebeu que a luz que vinha das janelas tornava-se roxa, Hiram entrou na sala, ofegante.

— Ele está vindo! *Façam* ele pensar que não há perigo!

— É tarde. — Disse Gagé.

Kan voltou a olhar para o dia claro, a parede verde e o explícito atordoamento de Lenzo de cara para a porta.

— Vamos. — Liderou Kan. — Vamos sair daqui.

Hiram entrou com dificuldade pela janela e se preparou para a emboscada, escondendo-se. A menina ainda se debatia como um peixe, mas Raquel a mantinha presa, usando mais força do que nunca, com os dentes raspando uns nos outros, olhando diretamente em seus olhos desesperados.

A porta do quarto escancarou-se, e Hourin, vendo aquela cena, vociferou enquanto avançava com a espada em riste contra Raquel. Hiram aproximou-se mais rápido por trás e perfurou decisivamente as costas do velho homem, que gemeu alto de dor. A lâmina fatal, ensanguentada, encostou-se às costas de Raquel pela ponta, que sentiu a espinha congelar por um instante.

Ouvindo o que havia acontecido e sentindo a espada do pai cair em cima de suas canelas, a menina passou a se debater e virar ainda mais in-

tensamente, com os olhos arregalados, arrebatando o estrado da cama. As lágrimas vazaram dos olhos que ela fechou depois de um momento de particular agitação.

— Raquel, VAMOS!

Hiram passou pela janela e começou a descer a escada. Quando Raquel libertou as mãos da garota, ouviu um choro convulsivo nos breves momentos em que permaneceu olhando para ela. Despertando para a situação, saiu de cima da cama e, aos tropeços, foi embora.

— Vamos, Raquel, *vamos!* — Dizia Hiram, tentando o menos possível chamar a atenção.

Quando Raquel enfim chegou ao chão e os dois começaram a sair do beco, ouviram um grito feminino de dor e desespero que a vizinhança toda pôde notar. Um grito agudo, desafinado e sem fôlego, que fez o olho direito de Raquel se contrair involuntariamente. Perceberam que as janelas das casas se abriam, violentas, e muitas já estavam cheias, com pessoas de todos os tipos e tamanhos a se debruçar sobre elas, olhando para fora ao descobrir o que exatamente era aquilo tudo. Raquel e Hiram começaram a correr.

Monstros não existem

Grossas colunas de corvônia sustentavam um prédio comprido e austero de apenas dois andares; o primeiro deles era uma grande galeria formada pelas colunas, o chão pavimentado com hexágonos e iluminado por minérios amarelos. Após esse espaço, no qual as pessoas se refugiavam em caso de chuva, paredes formavam salas à altura da terceira linha de colunas. Entre elas, escadas conduziam a um segundo andar — andar de ainda mais vastas salas, de pequenos gabinetes e janelas circulares.

Três prédios iguais a esse e um lado aberto para o resto da cidade formavam no centro de Ia-u-jambu uma figura quadrática no mapa. Em seu interior ficava uma praça cujas árvores fechavam a vista, crescendo densas, mas conviviam com trilhas organizadas e limpas. Havia áreas afastadas, cercadas de calma, onde palcos retangulares de madeira foram construídos. Funcionavam como salas ao ar livre uma vez que preenchidos com poltronas e mesas.

Esse era o coração da Universidade. Ela não se restringia àqueles três prédios, a casas ou mesmo a pessoas. A universidade se fundia com o distrito, e os dois passeavam de mãos dadas, olhando-se de esguelha e dentes à mostra, cabeça inclinada para o lado, sem vergonha da pura cumplicidade. Era principalmente nos prédios e em suas salas de aula que cursos e reuniões aconteciam todos os dias, mas por todo lugar havia espaço para aprender e pesquisar. Conhecer é um estilo de vida.

Eram oito e cinquenta em Ia-u-jambu quando Jen passava pelo primeiro andar do prédio norte da Universidade. Não gostava daquele lugar; não àquela hora da noite, pelo menos. Era escuro demais naqueles vãos abandonados, e o espaço parecia se multiplicar — e para daí abrigar gente mal-intencionada não demoraria muito. Havia histórias, como em todas as planícies e morros de Heelum; mas virar os olhos negros para aquela escuridão simétrica depois de ouvir os contos era uma experiência no mínimo preocupante. Jen virou os olhos negros para a escuridão simétrica várias vezes, fazendo balançar o curto cabelo loiro.

Parou de olhar quando sentiu-se tola. Riu, mas voltou a si: não era um nervosismo infundado. Na tarde anterior Christine escorregou uma

mensagem por debaixo da porta de seu gabinete, ou pelo menos alguém a seu mando o fez. A mensagem dizia, com uma letra cuidadosa:

Encontre-me em frente à sala

230

às nove da noite.

Venha sozinha.

Jen conhecia a sala 230. Ficava no canto direito do primeiro andar no prédio norte, e quase nunca era usada para nada. Muitas vezes, enquanto ela passava por lá, via uma placa de manutenção pregada acima da maçaneta. Era como se a sala fosse intocável: era a única na qual nada *nunca* acontecia.

Vestiu botas pretas, uma comprida saia rosa de algodão e uma camisa azul-bebê. A capa preta por cima da combinação foi o toque final. Graças aos óculos avistou Christine, uma forma mais baixa e mais larga que ela própria, por entre as colunas e as sombras. Inquietou-se menos e tomou discreta coragem de se deixar engolfar mais pelas sombras do primeiro andar, chegando perto do olhar diagonal da mulher de cabelos vermelhos e franja reta por sobre as sobrancelhas.

— Então você veio. — Disse ela, desamarrando o semblante com um sorriso tão tangencial quanto o ângulo do rosto inteiro.

— Então *você* veio! — Disse Jen, cruzando os braços. — Que mensagem foi aquela?

— Eu tentei falar com você, mas você não estava. Eu acho que você vai gostar do que vai ver aqui.

Jen percebeu que estavam mesmo em frente à sala 230. A placa que alertava sobre a manutenção estava lá.

— O que está acontecendo aí dentro? Eu vi a programação na praça, mas não diziam nada sobre essa sala...

Christine entortou a boca e olhou para o chão, como se dissesse que aquilo seria difícil de entender.

— Jen, faz... Algum tempo que eu frequento essas reuniões. As que ocorrem nessa sala. — Jen franziu o cenho. — Elas são secretas e muito, *muito* fechadas, então nunca pude te contar. Mas depois que você me falou das suas ideias...

— Christine! — Interrompeu Jen, instintivamente olhando para os lados. Não que achasse que alguém estaria ali. — São *desconfianças!*

— Que precisam de *pesquisa!* — Retrucou a amiga, num tom irritado. — Depois que você me falou delas eu percebi que esse é o lugar onde você vai encontrar uma chance, amiga.

Jen retesou as costas.

- Uma chance?
- Sim, uma chance. Mas eu não posso te explicar aqui fora. A gente tem que entrar.



Jen é uma animóloga, o que significa que se preocupou, desde quando criança, em estudar a vida dos animais; seus hábitos, sua vida, seus corpos. Achava a investigação de um coelho ou de macaco muito mais interessante do que pensar sobre pessoas. Além disso, aprender mais sobre os animais era uma forma de se conectar aos pais. Grandes pesquisadores, punham os pés nos lugares mais não-habitados do mundo, juntos, para estudar as formas não-humanas de vida. Morreram quando colocaram os pés em um lugar muito arriscado.

Anos depois Jen encontrou entre os pertences dos pais uma série de papéis contendo observações curiosas quanto a algumas de suas viagens. Enquanto cortavam caminho rumo a Kor-u-een, tiveram um inusitado encontro com um grupo de vaziros. As observações contrariavam, e muito, o senso comum em relação aos animais que eram comumente chamados de monstros.

Quando as duas entraram na escura sala, um magro rapaz negro de cerca de trinta rosanos — se Jen tivesse que apostar, pensaria em algo como trinta e cinco — interrompeu a entrada. Portando uma espada e fazendo uma cara séria, ordenou, com a mão, que parassem.

- Boa noite, senhoras. O que vieram fazer aqui?
- Viemos para a *reunião*, Richard. — Disse Christine, como quem já teve que repetir aquilo várias vezes.

Ele abriu um largo e acolhedor sorriso, e piscou para ela.

- Quem é a sua nova amiga?
- Velha amiga. Essa é a Jen. Jen, esse é Richard.
- Boa noite. — Disse ela, apertando a mão do rapaz.
- Bem-vinda à reunião. Sentem-se! A apresentação de Kinsley já vai terminar. Quem chega tarde come frio! — Christine esbofeteou displicentemente o braço do segurança, que voltou a encostar-se à parede.

A coisa mais notável para Jen, assim que ela se acalmou e foi percebendo melhor o ambiente à sua volta, foi a quantidade de pessoas. Algo entre vinte e trinta pessoas olhavam para frente, atentas, dispostas em um semicírculo de confortáveis cadeiras azuis. Reconheceu meia-dúzia de pesquisadores, mas o discursante em particular: Kinsley, um célebre historiador da Universidade. Cabelos cinzentos, mas oleosos. Nariz bem feito, mas orelhas um tanto destacadas do rosto. Esteticamente, uma charada; intelectualmente, uma arma afiada. E sob sua mira estavam todos ali, ouvindo-o

com caixas direcionando a luz de dois minérios pentagonais verdes para ele.

— ... Então, o que nós podemos entender com tudo isso? Que a cartografia de Heelum na época da Primeira Guerra foi resultado de muito esforço, coordenação e inteligência por parte dos nossos antepassados. Não foi o fato de que a “luz” — ele marcou a palavra com desdém — nos mostrou o caminho, e apontou, através do cruzamento de dados de diferentes grupos humanos, os pontos cardeais e a localização das coisas. *Houve* cruzamento de dados, mas foram trocas difíceis, puramente humanas, *diretas*, de material cartográfico.

Kinsley continuou a falar, e quanto mais Jen ouvia mais começava a entender o motivo da reunião.

Aquilo era simplesmente revolucionário. Não havia dúvida quanto ao porquê de tanto segredo.

O historiador atacava cada vez mais a ideia de que a rede de luz havia ajudado os humanos, na época em que descobriam Heelum, a fazer mapas que os ajudassem a se localizar no mundo. Ao invés disso, o que se sugeria é que a luz não teria tido nenhuma importância na confecção desses mapas; que tudo foi resultado do esforço humano bem empregado.

— É fascinante, não é? — Perguntou Christine. Jen olhou para o lado e viu que a amiga a observava com um sorriso sábio.

— O que foi?

— Você está *completamente* ligada nele. E o pior é que eu *sei* que é no que ele está falando, não naquele *lindo* rosto *maduro*... Ai...

Jen sorriu e começou a observar melhor os entornos. Ficou surpresa ao perceber que finalmente havia entrado na sala 230, mas mesmo assim não tinha prestado atenção ao que ela era por *dentro* — isso porque, evidentemente, tudo que acontecia ali estava sendo muito mais importante e inusitado. As paredes carmins eram dramáticas; as janelas vedadas com tiras de goma escura, muito mais.

— Como se chama isso aqui?

Christine fez que não sabia com as mãos.

— Acho que não há um nome. Nós nos reunimos para discutir nossas ideias, hm... *Pouco ortodoxas*... Uma vez a cada doze dias. Na maioria das vezes alguém faz uma apresentação interessante, mas em outras apenas discutimos. Nós nos sentimos em casa aqui porque, bem... Podemos falar o que quisermos.

— E o que vocês querem falar?

— Sobre toda a história de Heelum, Jen. Muito provavelmente é uma mentira.

A novata piscou olhava para o rosto tranquilo da veterana.

— Certo... Tudo bem... — Ela olhou para a frente, ajustando os óculos sem necessidade alguma. Ou talvez fosse apenas a necessidade de colocar alguma coisa em seu lugar. — Isto eu estou disposta a considerar, mas... Qual *parte* da história?

— Provavelmente tudo desde antes das primeiras Guerras Modernas e do Concílio da Modernidade. Pessoas como Kinsley nos mostram como a Rede de Luz provavelmente nunca existiu.

— Mas... E o que isso tem a ver comigo?

— Porque essas reuniões são independentes da Universidade. Usamos a sala, mas o dinheiro pra essas pesquisas vêm do pessoal daqui. Alguns, como o próprio Kinsley, são muito ricos, e estão dispostos a bancar essas coisas que a Universidade normalmente não bancaria.

Jen balançou a cabeça afirmativamente, voltando a olhar para frente. Kinsley terminava a apresentação.

— E você acha que eu posso conseguir isso aqui?

— Eu já disse que alguns, como o próprio Kinsley, são *muito ricos*? — Riu Christine.

— Sim, mas eu vou precisar que eles me *deem* esse dinheiro.

— Não sei. Exponha a sua ideia e veremos o que você pode conseguir, que tal?

Luzes amarelas clarearam o ambiente. Kinsley tirava minérios de dentro de caixas e os colocava de volta nos pedestais apropriados. As pessoas agora conversavam animadamente, ainda que o burburinho fosse mínimo. O historiador, ao posicionar o último minério, olhou de relance para o público e fixou seu olhar em Christine.

— Sim? — Perguntou ele.

Jen viu que Chris estava com o braço levantado, e sabia aonde aquilo ia levar. Era tarde demais para impedir, tanto ela quanto o vermelhidão das bochechas. “Desgraçada”, pensou ela enquanto tentava controlar a raiva e a ansiedade. A sala toda já estava prestando atenção nela.

— Eu gostaria de apresentar uma nova integrante do nosso grupo, que gostaria de dizer algumas palavras a vocês. Esta é Jen, que estuda animais.

A recepção foi singela, mas afetuosa. Várias saudações, além de silenciosos acenos com a cabeça e com a mão — todos acompanhados de sorrisos e atenção — cortaram o ar em direção a Jen, o que só aumentou sua vergonha. Por outro lado, lhe dera o pouco de confiança que precisava; não havia se preparado para falar em público, ainda mais sobre um assunto tão delicado. Descobrira havia tão pouco tempo que os ouvintes estavam supostamente inclinados a apoiá-la em suas dúvidas que isso pouco importava.

— Colegas... — Disse Kinsley, apertando os olhos. — Eu peço uma salva de palmas à filha dos dois maiores animólogos que Ia-u-jambu já conheceu. Dwight e Jeanine.

Pegos de surpresa tanto quanto a própria Jen, os estudiosos da sala a aplaudiram; alguns, inclusive, levantaram-se para prestar ainda maior homenagem. Jen fechava os olhos e curvava a cabeça como uma forma simples de reconhecer a recepção.

— O que a traz aqui, Jen? — Perguntou Kinsley, da frente da sala, quando a ovação terminou.

— Meus pais. — A própria história veio à cabeça, apesar do trocadilho que ainda provocou algumas esparsas risadas contidas na sala. — Foi um caderno deles que me intrigou e motivou algumas pesquisas pessoais.

— Pesquisas sobre o quê?

E então Jen percebeu que talvez os monstros fossem um assunto tão delicado quanto a rede de luz. Ou mais.

— Sobre monstros.

Alguns remexeram-se nas cadeiras. Outros olhares desviaram-se dela durante algum tempo. O silêncio permaneceu.

— Sim, todos vocês conhecem a história. — Prosseguiu ela. — Heelum teve uma guerra antiga, contra o Yutsi Rubro, e três modernas. A primeira contra Mosves, de Prima-u-jir. A segunda contra Fennvir, em Al-u-tengo, e a terceira contra Napi czar, da Cidade Arcaica.

“Todos eles foram magos que tiveram poder demais nas mãos e quise-ram mais. Destruíram muitas vidas para isso. Dominaram muitas pessoas. Parte dessa gente, conta a história, foi destruída por dentro por essa... Essa força *terrível* desses homens, desses *governores*. Algo dentro dessa gente mudou e, então... Surgiram os monstros. Humanos degenerados, que perderam a essência. Estão condenados a uma vida indigna.

Os vaziros ficam nas Montanhas do Sul, castigados pela vontade de Mosves de jamais se render. Os furturos, num pântano na região noroeste, que até leva o nome deles. Os procos, na Grande Cordilheira Oriental, também a noroeste daqui.”

— Se os monstros são só humanos, mas degenerados — prosseguiu ela — por que são *tão* diferentes? Por que vivem de maneira tão... Tão *animal*, sem nem sinal de coisas como linguagem ou... Uma vida social complexa como a nossa?

— Mas qual é a sua teoria, afinal? — Perguntou um homem careca e óculos dourados sentado logo à frente dela.

Ela pôde ver a estupefação em seus olhos de uma forma que ninguém mais podia, já que ele olhava diretamente para ela. Parecia querer espantá-la com um braço, com as costas da mão aberta; com a armação dos óculos se fosse isso o que estivesse à mão. *Xô, umenau, xô.*

Ela não queria ser os umenau que ela tanto espantava quando criança.

— Eu não tenho uma teoria. — Respondeu ela. — E... É por isso que eu quero pesquisá-los. Quero saber mais sobre eles, só que... Para isso eu preciso de dinheiro.

Ela não conseguia dizer se a expressão de Kinsley era de sólido interesse ou de profundo ceticismo. Nem a dele, nem a do homem careca, nem a de ninguém mais.

Parte II

Planos e caminhos

Capítulo 14

Realidades

Da colina mais alta de Prima-u-jir Tornero podia ver todo o pequeno centro da cidade. Era composto, basicamente, por casas de no máximo dois andares e algumas praças, mas havia outras coisas interessantes: uma ampla região aberta usada para as festividades da cidade, e também como mercado; o prédio do parlamento e o palácio do mestre da cidade; um pequeno teatro decadente. A natureza acidentada da região agradava aos olhos: as colinas preenchiam grande parte do cenário, e mais ao longe era possível ver o Rio da Discórdia e o Rio Pesado dando origem ao rio Prima.

Uma charrete puxada por dois yutsis chegava perto, subindo a estrada. Logo o transporte parou em frente às escadarias da mansão de Byron. A porta laranja se abriu, e por ela saiu uma mulher alta e magra, com um rosto triangular e cabelos loiros muito lisos. Ela se vestia com elegância; seu longo vestido começava azul-claro no chão e escurecia até ficar completamente preto na altura dos ombros. Virou-se em direção a Tornero ao sair da charrete e, com um olhar rápido e altivo, saudou-o com um movimento da cabeça. Tornero retribuiu o gesto. Intuíu que ela deveria ser respeitada, especialmente na presença de seu mestre, mas ainda não entendia por que — E enquanto isso não ficasse claro se recusava a prestar a ela saudações muito efusivas.

Byron parou ao lado da mulher. Era baixo, comparado a ela; atarracado e já bastante velho, seus óculos conferiam ainda mais rosanos à idade que já aparentava ter. Seu cabelo e barba eram como que misturados, uma contínua faixa curta e grisalha cobrindo seletivamente a clara superfície da pele.

— Tornero, esta é Gisell. Ela é uma bomin de Den-u-tenbergo que veio fazer negócios conosco.

— Seja bem-vinda a Prima-u-jir, Gisell.

— É uma terra belíssima! — Comentou ela, com uma voz levemente anasalada. — Essas colinas lembram muito Den-u-tenbergo.

— Vamos entrar. — Disse Byron, que sempre deixava os ouvintes confusos quanto as suas intenções. Ninguém sabia se aquilo era um convite ou uma ordem.

Acolhido como discípulo por Byron logo depois que Lamar foi deixado de lado, Tornero viu seu sonho se tornar realidade. Ele sabia que era merecedor daquilo. *Ele*, e não Lamar. Afinal, era corajoso, ambicioso, inteligente — tudo que um mago deveria ser. Lamar era fraco, inseguro, e só tinha conseguido aquela chance por causa dos pais. Tornero não tinha pais que pudessem dar isso a ele, com favores ou dinheiro. Teve que lutar sozinho pelo que quis. E venceu.

Os três subiram as escadarias cinzentas em silêncio; Byron na frente, com passadas determinadas, e os outros dois atrás. De um harmonioso tom caramelo, a porta combinava perfeitamente com a alvenaria bege da casa de quatro andares — a maior da cidade. Um empregado abriu a porta pelo lado de dentro antes que eles vencessem os degraus, e o grupo encaminhou-se diretamente para a sala de reuniões, nos fundos do andar térreo.

Bem iluminada em amarelo, a pequena sala contava com dois retratos de um Byron dez rosanos mais jovem em suas paredes; em um deles, vestia uma capa laranja, e em outra as escuras vestes de ofício de um parlamentar de Prima-u-jir. O mestre bomin tomou assento na grande poltrona atrás de uma mesa de escritório bem organizada. De frente para ele restavam duas cadeiras grandes e pouco confortáveis, nas quais Gisell e Tornero sentaram. Ele, puxando a cadeira com naturalidade e descaso. Ela, cuidando para causar menos ruído.

— Pois bem. — Byron observava a mesa e balançava a cabeça, como se visse, enfim, que tudo estava em ordem. — O que você tem para me dizer, Tornero?

— Eu vi Lamar.

Gisell o observava com a pacífica qualidade da desinteressada ignorância. Já o semblante de Byron permaneceu na mesma seriedade pronta a rir ou a explodir em berros.

— E o que houve?

— Ele está dando aulas. Vinte e cinco pessoas quando estive lá. Isso foi há dois dias. Como eu disse antes — prosseguiu Tornero, com prazer na autorreferência — ele é fraco. Ataquei a ele e a seus alunos sem dificuldade. Ele deve ser eliminado imediatamente.

— Trata-se de um alorfo? — Perguntou Gisell. Byron discretamente fez que sim. — *Pestes!* Não sei como vocês daqui lidam com esses baderneiros, mas em Den-u-tenbergo eles ficam presos para sempre em uma casa em uma *bem* distante.

— Aqui nós somos cautelosos, minha cara Gisell. — Explicou Byron. — As coisas são diferentes em Prima-u-jir. Não poderíamos fazer isso ou, assim, de repente, tomar qualquer atitude *impensada*.

Tornero intuiu que ele disse, indiretamente, que não faria nada.

— Creio, mestre, se me permite a recomendação, que devemos eliminá-lo porque *ele* é a razão pela qual no futuro precisaremos ser *ainda mais* cautelosos! É preciso...

— Tornero, *acalme-se*. — Byron mostrou ao discípulo a palma da mão com o punho ainda encostado à mesa. — Acredito que está sendo passional demais para um bomin.

Tornero vira Byron dentro do próprio castelo, por detrás de uma coluna, mas o deixou trabalhar sem interrupções. Sua fúria contrastava com a regozijante paz que começava relutantemente a tomar conta dele. Sua mente lhe ditava razões para odiar seu próprio mestre, mas sentia como se o sangue se tornasse um fluido refrescante, pulsando de forma a relaxar cada parte do corpo, contradizendo sua razão.

— Mestre... Lamar ainda é *fraco*. Ele pode ser liquidado enquanto ainda é *cedo*.

— Não... Não estou tão certo disso... — Interveio Byron, tamborilando os dedos sobre a superfície da escrivaninha. — Sua fraqueza de iaumo não significa falta de *fibra*. Sua história deveria tê-lo levado a esquecer a magia, mas ele não apenas se tornou alorfo como teve a *coragem* de voltar para Prima-u-jir com um admirável projeto de transformação!

Gisell achou aquele um estranho arranjo de palavras, mas não disse nada. Tornero não conseguia mais sentir o que quer que Byron estivesse fazendo com ele. A sensação passara; virou fogo que o tomara por completo; seus lábios tremiam, e ele não conseguia encarar o mestre nos olhos. Quando o fez, recebeu um olhar benevolente. Poderia jurar que viu Byron dar um leve sorriso — *cínico escárnio*!

— Continue monitorando, Tornero. Pode ir.

Tornero se levantou e foi em direção à porta. Antes de sair, virou-se uma última vez.

— Da próxima vez que me atacar, mestre... Eu me defenderei.

Capítulo 15

Sonhos

Lamar estava correndo desesperadamente por entre galhos, folhas e raízes. Conhecia aquela floresta. Era sem dúvida a Floresta dos Oniotos, em Kerlz-u-een. Cortava com suas passadas descoordenadas uma névoa que encobria o lugar, iluminada por uma luz verde sem origem definida. Tudo o que ele podia ouvir era o som da própria respiração ofegante. Corria de um inimigo que sabia estar atrás de si; cada vez mais próximo, cada vez mais rápido. Sabia que não poderia escapar dele, mas mesmo assim corria.

— AGUENTA FIRME, LAMAR! AGUENTA! — Berrava Kerinu. Estaria correndo ao seu lado ou atrasando o caçador?

Para onde estavam indo? Aonde aquele caminho os levaria?

Lamar foi atingido. Olhava para frente e, logo depois, viu-se caindo como se o tempo passasse mais devagar. Algo acertara seu joelho direito, e a dor era intensa; berrando e gemendo assim que caiu no chão, viu que recebera uma flechada. O sangue escorria rapidamente pela canela. Nervoso e sentindo uma excruciante dor a cada mínimo movimento, chamava por ajuda, mas Kerinu parecia ter ido embora — ou estava morto.

Então alguém se aproximou. Lamar sabia quem era. Era o atirador arqueiro. O predador de quem fugia. Aproximava-se com cruel demora, pisando nas folhas espalhadas pela terra. Juntando o resto de suas forças, levantou o pescoço o quanto pôde para tentar olhar para seu nêmesis. Viu a si mesmo.

Sentou-se na cama num pulo, o coração batendo forte, o suor abundante dando motivo para arrancar a coberta levemente esburacada de cima da perna. O quarto do casal era escuro, e apenas duas coisas traziam um pouco de claridade para dentro do cômodo se as janelas estivessem fechadas: o minério azul da cozinha e o sol. O minério sempre brilhava por debaixo da porta enquanto dormiam. O sol, por outro lado, os despertava. Sua luminosidade estava ainda tímida na altura do peito deles; o horário perfeito para acordar era quando ela alcançava os olhos de Lamar. Mesmo antes disso acontecer, Myrthes não estava mais na cama.

Deitando de novo, Lamar começou a pensar com mais calma no sonho que tivera. As imagens já se desgastavam, fugidias, mas ele sentia ainda

o medo apertando-lhe a mente. Lembrava de ter visto Kerinu, seu amigo de Kerlz-u-een, alorfo desde tempos imemoriais e irmão de Myrthes. Lembrava de ter visto a si mesmo.

Ouviu vozes. Uma era certamente de Myrthes, mas a masculina era muito diferente da do filho. Será que sonhara com Kerinu porque ele estava ali? Improvável... Tentou ouvir mais alguma coisa, mas o silêncio imperou novamente.

Levantou-se e, cuidadoso, abriu a porta do quarto. Viu Horacil em pé em frente aos armários da cozinha. Myrthes estava sentada no banco, à mesa, tomando chá com as pernas cruzadas e o rosto sério. Lamar olhou para o primo, que lhe devolveu o olhar por apenas um instante, voltando a olhar para baixo.

— Bom dia, Horacil.

— Bom dia, Lamar. — Respondeu.

— E... Tem alguma coisa errada? Aconteceu alguma coisa?

Myrthes levantou os olhos para Horacil, que coçou a nuca.

— Lamar, eu... A gente está se mudando.

Lamar estancou, sem expressão.

— Mas... Como, ou...

— O barco sai às cinco. A gente vai pra Den-u-pra.

Era como receber outra flechada.

— Então é lá que... O pai e a mãe estão?

— Não sei, Lamar, a gente agarra a oportunidade que pode! — Horacil falava misturando defesa à súplica, com os ombros arqueando à proporção das sobranceiras.

— Oportunidade de fugir de mim...

— As notícias estão se espalhando... Logo todo mundo vai saber que você é um alorfo e está ensinando magia. A gente não pode arriscar... Nem você podia, tendo filho pequeno desse jeito...

— Horacil, não... Não, não, veja... n-não vá, não vá embora. — Ele aproximou-se do primo com as duas mãos próximas à frente do corpo. Queria pegar as mãos dele, mas deteve-se. — Nós precisamos de você, e-e sem você não íamos ter nem *vivido* até agora, você nos ajudou e ajuda tanto, e-e...

— Lamar... — Disse Horacil, mais frio. Saiu da frente do primo e foi para mais perto da saída. — Eu podia dizer que é por causa das crianças, e você *sabe* que eu não ia estar mentindo, mas... A verdade é que eu tenho vergonha. — Myrthes agia como se ninguém ali estivesse discutindo algo daquela importância. — Eu posso ter te ajudado porque gosto muito de ti, homem. Pelo nosso passado te dei o que eu pude. Mas eu não posso fazer mais isso não.

E, murmurando um fraco “adeus” em tom mais baixo, abriu a porta e saiu. Ela foi, com um leve rangido, fechando-se sozinha até que o trinco encostasse no batente. Foi nesse preciso momento que Lamar realmente entendeu que estava acabado. Ele realmente se fora. Não voltaria atrás.

Lamar sentou-se ao lado de Myrthes, que tomou mais um gole de chá. Ficou de cabeça baixa, tentando digerir aquela notícia indigesta, esperando por alguma coisa que sua mulher fizesse. Talvez ela pudesse dizer como deveriam agir dali para frente. Ao invés disso, Myrthes se levantou e começou a guardar os utensílios.

— Você não vai falar nada? — Perguntou ele.

Terminou de guardar as coisas ao pôr a chaleira no lugar. Respirando fundo, voltou-se para ele.

— Lamar, a gente... *Dá um jeito.* Ele foi embora. Agora a gente tem que trabalhar mais.

— Trabalhar mais *como?* De madrugada?

— Sim, ou... Ou talvez... — Ela olhou para as portas dos quartos, uma do lado da outra. Lamar entendeu imediatamente o que ela quis dizer.

— Ah, Myrthes, não. *Não, isso não...*

— Mas, Lamar...

— Você sabe o que a luz nos ensinou desde o começo dos tempos e não vamos fazer diferente. Ele não vai trabalhar nessa idade, Myrthes, por favor, ele é *muito* novo!

— A luz ensinou mas foi *embora*, Lamar. — Ele deixou de encarar a mulher, preferindo a fria dureza do chão. — Muitos fazem isso porque precisam. Ele não precisa trabalhar muito, pode ganhar só um pouco... Qualquer coisa para nós já é uma ajuda.

Ela o deixou processar a acidez antes de puxar seu rosto gentilmente para si. Com um beijo rápido, levantou-se do banco e entrou no quarto do filho.



Trabalhar não era exatamente o melhor remédio contra as inquietações, mas tampouco era uma escolha. Ressentido, Lamar ficara distante por toda a manhã. Até o filho, cujo sono só desaparecia por volta das dez horas, podia perceber que ele estava abatido. Tentou saber o que havia acontecido, mas a mãe abafou as perguntas, pedindo por silêncio.

As horas passaram como marteladas. Lamar não conseguia parar de pensar em sua nova situação; era um retorno sem fim à mesma questão de sempre: o que fazer agora? Tendo perdido o último porto seguro, não tinham como se sustentar por muito tempo. Alguma coisa ia eventualmente dar errado. O preço da comida ia subir. Ou o preço do aluguel. Algum deles

ficaria doente. Podiam ser demitidos. Podiam até mesmo perder o dinheiro que tinham em algum acidente, em um roubo que, não obstante raro onde moravam, nunca podia ser descartado.

As possibilidades faziam seu suor parecer mais molhado; seu corpo, mais pesado, e o sol, mais quente, como se ele castigasse Heelum com um calor fora do comum para a estação do frio. Como se já não bastasse, o saco de laranjas demorava a se encher. Era como um pesadelo sutil e sádico, em que a coisa mais terrível era, na verdade, não ter o que fazer. Quanto a nada.

— Pai?

Lamar virou-se. De cima de uma escada de madeira de cinco degraus, lançou um olhar confuso e antecipadamente cansado para o rosto do filho, que o observava com as mãos para trás e os pés descalços juntos — só os dedos apareciam por debaixo das vestes salmão desbotado, compridas demais para ele.

— Oi, filho.

— As laranjas vão estragar, papai...

— Que lá... Mas...

Lamar então percebeu que havia deixado um rastro considerável de frutas pelo corredor de laranjeiras em que trabalhava. Devia estar as coletando de um jeito tão displicente que muitas vezes sequer *acertava* a abertura do saco. Bufando de impaciência com o prognóstico de ter que voltar um bom pedaço de caminho, desceu da escada para encontrar, com um arrepio, o filho juntando do chão uma porção de laranjas.

Ele agachava e levantava diversas vezes, com o braço direito colocando laranja sobre laranja no espaço entre o braço esquerdo e o peito. Com o tempo algumas laranjas caíam, e ele pacientemente ia atrás delas de novo. Ocorreu uma leve mudança de tática: o braço esquerdo subiu, e as laranjas agora eram pressionadas também pelo queixo. A técnica não funcionou muito bem; logo a pressão da cabeça impulsionou as esferas para o chão, e dessa vez ele pareceu ainda mais resoluto a pegá-las todas de uma vez.

— Filho... Tudo bem, deixa que o papai pega. Deixa, filho.

Sem mostrar sinais de tristeza ou de consciência de que falhara miseravelmente em seus objetivos, Ramon observou o pai juntar as laranjas em grupos de quatro, duas em cada mão, e levá-las até o saco, garantindo que elas estivessem mesmo lá dessa vez.

— Papai, preciso fazer cocô.

Lamar parou no caminho até o saco. Fechou os olhos em culpado desespero.

— Filho, a gente já não tinha *conversado* sobre isso?

— Eu consigo fazer cocô sozinho, papai — disse o menino, riscando o chão com um dos pés — mas é que a mãe disse que agora eu sempre tenho

que ficar junto de vocês e se fosse para fazer cocô era para chamar ela ou chamar você, papai, então eu chamei *você!*

— Ah. — Respondeu Lamar, livrando-se das últimas laranjas e pensando no que aquilo significava. — ... Ela disse?

— Disse... Vamos lá, papai?

Lamar sentiu-se ainda pior por entender que Myrthes estava adotando medidas de segurança. Não que não fosse um bom conselho; estar por perto dos pais era um adágio sempre reforçado, mas que consequências essa regressão de comportamento traria ao garoto? Precisar da presença dos pais para ir ao banheiro... Aparentemente, Myrthes esperava por uma consequência apenas: proteção.

Andaram por alguns minutos por entre laranjeiras cada vez menos altas, até encontrarem uma das construções de latrinas da área em que colhiam.

— Você vem, papai?

— Não. — Respondeu ele, olhando em volta. — Vai você, filho... Eu fico do lado de fora.

Ramon concordou e entrou. O medo de Myrthes alertara Lamar para a cinzenta pressão que ele conseguira gerenciar até então ao racionalizar que não fariam nada com ele. Afinal de contas, Prima-u-jir tinha leis e uma polícia sensata. Ele não seria preso de uma hora para outra — não poderia simplesmente desaparecer. Isso provavelmente não faria bem à reputação de Byron. Não *podia* fazer.

— Pai? — Perguntou Ramon, com uma abafada voz tranquila.

— Hm.

— Quando vai ter mais uma festa?

“Ah, claro. Não se pode esquecer de levar em conta o dinheiro para as festas...”

— Hmm... Não sei, filho.

— Não é sempre no mesmo dia?

— É... Acho que é, filho.

A clareira em que ficavam os banheiros estava decididamente calma. Se Byron ou Tornero fossem tentar alguma coisa, não seria ali. Não naquela hora.

Ramon começou a entoar uma velha canção. Ele tinha ouvido quando era pequeno, ainda em Kerlz-u-een. Era uma festa que celebrava o começo de torn-u-sana, e a música era festiva e alegre. Lamar sorriu de leve. Aproveitava seu súbito orgulho. O filho podia não se lembrar da letra, mas a melodia ainda o marcava.

Naquela festa retornar a Prima-u-jir era uma ideia, apenas. Um cenário incerto em que Lamar via um punhado de pontos positivos, muitos dos quais mais relacionados ao passado do que ao futuro. Mas Lamar ainda

lembrava, fosse pelo quê fosse, daquela vontade borbulhante que lhe surgia ao pé do ouvido quando ele pensava em voltar. Voltara; viera, e ali estava, como quisera — como quiseram todos. Não sabia mais se os riscos valeriam à pena. Não conseguia mais sentir as bolhas de excitação; só as do espectro que a qualquer momento, ele sentia, traria o obscuro infortúnio.

A porta se abriu, e Lamar voltou-se para o filho, surpreendido. Ramon agradeceu o pai, a seu próprio modo despreocupado, e começou a correr de volta aos corredores do laranjal. Lamar demorou até voltar para o saco e a escada.

Capítulo 16

Realidade fabricada

— *O quê?*

— Foi isso mesmo que vocês ouviram. — Disse Josep enquanto assinava alguns papéis com uma caneta-tinteiro. — Vocês não trabalham mais para mim.

Ao chegarem na propriedade Fjor e Leila foram convidados a entrar na residência de Josep e conversar um pouco. Nenhum dos quatro havia estado dentro daquela casa em circunstâncias tão amigáveis e longe da formalidade: entraram no lugar sabendo o que foram fazer ali e quando iriam sair (em geral, o mais rápido possível). Dessa vez foram ainda além: não só entraram na casa como foram até o segundo andar. Lá, em um gabinete apertado com cheiro de couro de bufão exposto ao sol, o dono da fazenda sentava-se numa posição bem disposta. O velho senhor mostrava rigidez, mesmo que sua cabeça careca e os globos oculares saltados, quase que perfeitamente esféricos, lhe conferissem aparência doentia.

— Por quê? — Questionou Fjor.

— Eu não preciso mais do serviço de vocês. — Disse ele, sequer olhando para frente, falando com a simplicidade de quem escolhe qual será o cardápio do almoço. — De nenhum de vocês, que fique claro. Os *quatro* estão dispensados.

— O senhor tem *muita* terra, eu tenho certeza que nós podemos encontrar uma...

— Pare. — Ele finalmente olhou para Fjor, tirando os óculos e segurando-os na mão. Leila torceu de leve os lábios, expirando silenciosamente ao sentir que seria impossível convencê-lo a readmiti-los. — Pare com isso. Não preciso e não quero. Quero que vocês vão embora. Tomem. — E, dizendo essa última frase em um tom levemente paternal, tirou de dentro de uma gaveta no balcão uma sacola negra. Entregou-a nas mãos de Fjor, que olhou dentro dela e viu algo em torno de duzentas moedas de ouro. — Vão ficar bem com isso ou não?

— A-acho que sim, por um tempo, mas...

— Ótimo. Agora vão. Não precisam mais voltar.

Depois de tanto tempo trabalhando para ele, Leila sentia-se traída. Fjor

fechou a sacola, impaciente, fazendo um nó de qualquer jeito. Ele olhava para ela de esquelha; ela buscava uma compreensão que ele, indignado, não podia oferecer.

Não sabiam como sair sem se despedir, mas aparentemente era o que Josep estava pedindo ao ignorá-los de forma tão clamorosa. Logo ele, que era atencioso e respeitoso, sempre pagando em dia e com exatidão (ao contrário de outros patrões, como ouviram falar). Mas agora, literalmente da noite para o dia, ele agia daquele jeito. Pagava um valor inexato num montante que julgava justo para se ver livre deles sem remorsos.

— Sem ressentimentos. — Falou ele, antes que fechassem a porta. — Negócios são negócios.



A viagem de volta foi silenciosa. Fjor só queria, enquanto podia só querer isto, ouvir o barulho do chão sendo pisoteado pelos yutsis. O caminho margeava colinas bem populadas, com casas simples em tons pasteis dividindo o cenário com cedros altos, com copas largas servindo de abrigo a pequenos pássaros cinzentos. O sol não deixava que tudo ficasse muito frio, e produzia sombras e contornos particularmente bonitos. Parecia sarcástico que não pudessem aproveitar melhor uma paisagem que fazia querer rolar na grama. Ou que nuvens negras se aproximassem pelo leste.

O que deveriam fazer? Procurar outro emprego imediatamente ou, agora que não havia *risco* de perder o emprego, viajar até Jinsel?

— Ele não podia... — Comentou Fjor, respirando fundo. Leila pensou, por um momento, que ele fosse chorar. Seria a primeira vez que o veria fazendo isso.

— Fjor, talvez...

— Eu *sei* o que você está pensando. — Rasgou ele. — Nós não vamos, Leila.

Leila não quis discutir. Sabia o que se passava pela cabeça do amigo, e não podia culpá-lo. Sem esse emprego, como ficaria sua avó? Sem esse emprego, como ficariam *eles mesmos*? As moedas serviriam por um tempo, se bem racionadas, mas por quanto tempo? Viajar para Jinsel não deixava de ser arriscado só porque não tinham mais *tanto* a perder.

Desceram da charrete e, quando podiam avistar a casa, viram que Leo e Beneditt sentavam-se em bancos de madeira do lado de fora; Beneditt tocava a guitarra de Leo e este ouvia a sequência de acordes. Leo pediu que parasse e tentasse outra combinação; a partir desta, ele tentou encaixar algumas letras que estava compondo. Não deu certo, e Beneditt teve outra ideia. Parou de falar quando percebeu os dois colegas de banda chegando muito mais cedo do que o previsto.

- O que houve? — Perguntou ele.
- Fomos demitidos. — Explicou Leila. O baixista da banda sequer olhava para os outros integrantes, e mexia a perna compulsivamente.
- Vocês dois? — Questionou Leo.
- Não. Nós quatro.
- Leo e Beneditt se assustaram.
- Como assim?
- *Nós quatro*, Leo, eu, você, Leila e Beni. Demitidos por causa de *nada*.
- *Tem* que haver uma razão! — Disse Beneditt.
- Ele disse que não precisava da gente. — Fjor jogou a sacola entre eles, no chão. — Ele deu um saco com esse ouro e falou pra gente ir embora.
- Leo e Beneditt olhavam para a sacola, paralisados. Leila estava de braços cruzados, esfregando a própria pele como se precisasse de um abraço.
- Quanto tem aqui dentro? — Indagou Leo, levantando a cabeça.
- Umas duzentas... M-mas a gente não contou.
- A gente devia contar. — Comentou Beneditt, colocando a guitarra no chão.
- Temos que procurar outro emprego. — disse Fjor.
- Ou podemos ir pra Jinsel. — Respondeu Leo, levantando-se.
- Não dá, Leo. Com a gente trabalhando era uma coisa, mas assim?
- Você não vê, Fjor? É a nossa chance!
- Era *antes*. Agora não é mais.
- Nós precisamos de dinheiro... Podemos conseguir em Jinsel!
- A gente viu aquele homem uma vez só.
- É, e ele entrou na nossa sala pra nada. Só pra pregar uma peça na gente, não é, Fjor? — Disse Leo, irônico e ameaçador.
- Fjor bufou, irritado, e caminhou rápido para dentro de casa. Leo o seguiu, com Leila e Beneditt logo atrás.
- Por que você fez aquela cara? — Perguntou Leo, encostando no ombro de Fjor, que movimentou-se rápido, sentindo-se provocado.
- Porque você não mede as consequências do que quer fazer, Leo.
- Você quis dizer que eu corro atrás dos meus sonhos? Não tenho *razão* de fazer isso?
- Você não corre atrás de *todos*.
- Fjor lançou um sorriso zombeteiro para o irmão antes de se servir de água. Leo ficou olhando para ele, perplexo com o fato de que ele mencionara aquilo.
- O que exatamente isso era pra significar? — Perguntou Beneditt, que entendera tão pouco quanto Leila.
- Beni, isso é entre mim e meu irmão...
- Não, não é não. — disse Leila, entrando na cozinha também, seguida de Beneditt. Leo engoliu em seco, pensando no que ela quis dizer. — Essa é

uma discussão da *banda* sobre o futuro da *banda*. Nós todos somos partes disso.

— Nós não devemos ir. — Disse Fjor, mantendo sua opinião.

— Qual é o seu plano, Fjor?

— Arranjar um emprego, Beni. Todos nós temos que procurar por um. Juntos, ou separados... Temos que ganhar dinheiro.

— Fjor... — Começou Leo, procurando formar uma frase sem ironias de qualquer tipo. Ele olhava para o chão, ainda irado, sem certeza sobre como reagiria aos olhos do irmão. — Você... Pode nos explicar que diferença faz procurar emprego *antes* de irmos a Jinsel ou depois?

Fjor ficou quieto por um tempo. Ainda estava nervoso, mas não queria mais brigar.

— Faz sentido isso, Leo... — Apoiou Beneditt.

— O meu plano é o seguinte. — Disse ele, animado pela possibilidade de conversa. Olhava agora para Leila, sentindo-se mal por seu semblante estressado. — Vamos a Jinsel. Fazemos o show, e vemos o que aquele homem quer com a gente.

— Seimor. — corrigiu Fjor. Os olhos dos irmãos se cruzaram por um instante.

— Isso. Vemos o que ele quer. Se gostarmos, ficamos e o próximo dinheiro que ganharmos já mandamos para nossa avó.

— E se não der certo, viemos embora e arranjamos um emprego? — perguntou Leila.

— É. É isso.

Era uma grande decisão. A viagem poderia mudar tudo para melhor, ou fazer tudo piorar. Um momento de silêncio alongou-se em uma pequena eternidade enquanto cada um considerava as opções. Olhavam-se aqui e ali, e daqui a pouco de novo, intermitentes; pareciam pensar juntos, mas estavam sozinhos.

— Vamos, então. — Concordeu Fjor, ainda sério.

— ... Quanto será que custa uma charrete pra Jinsel? — Perguntou Leila.

— Só vamos de charrete se Cordélia morrer de fome. — Respondeu Beneditt. Seu pai fora condutor de charretes que viajavam entre cidades, e ele sabia que essas viagens não saíam por menos de quinze mil moedas ou quinze barras, quantias equivalentes. — Precisamos ir a pé.

— E... Vamos chegar a tempo?

— Não sei, Leo. Mas acho que não podemos esperar pra ir. Tem que ser amanhã... Se não hoje.

— Eu posso sair e comprar um mapa. — Ofereceu Fjor. — Enquanto isso vocês comecem a arrumar as coisas.

— Se você quiser, eu posso...

— Não precisa, Leo. Quero ficar um pouco sozinho.

— O que está acontecendo aqui? — Perguntou Cordélia, preocupada.

Ela havia entrado na casa sem que ninguém percebesse; a porta ficara aberta. Todos se entreolharam brevemente, sem certeza quanto a quem deveria explicar.

— Vó, aconteceu algo muito legal com a gente ontem. E algo... — Ele pensou em um adjetivo que coubesse. — *Ruim*, hoje.

Ela espremeu os olhos, intrigada. Colocou a bolsa de algodão no quarto e rapidamente entrou na cozinha.

— O que aconteceu, Leo? — Havia um pouco de medo em sua voz.

— Bem, ontem, depois do show, um agente musical de Jinsel visitou a nossa sala. — Ela balançava a cabeça, incentivando-o. — Disse que tocamos bem e que poderíamos ter um acordo com ele se fôssemos lá e tocássemos em uma casa de shows famosa.

Um grande sorriso brotou no rosto da velha senhora.

— Ora, Leo, isso é *magnífico*!

— É. Mas também fomos demitidos.

— Ah, mas isso não é nada! — Disse ela, quase às gargalhadas de felicidade. Fjor levantou as sobrancelhas e olhou para baixo. — Esqueçam isso... Vocês estariam desperdiçando o *talento* de vocês num emprego normal, de qualquer forma! Quando vocês vão?

Sem esperar uma resposta tão efusiva, Leo olhou para trás, rindo. Leila já se permitia sorrir.

— Bom, acho que... Amanhã!

— Então vamos, vamos organizar tudo... — Disse ela, batendo palmas. — Fjor, vá até o centro da cidade, como você dizia antes, e compre um mapa! Vocês precisam comprar também comida para a viagem!

— Precisamos deixar dinheiro pra senhora também, vó, nós...

— ... Não, não, Fjor, eu posso me arranjar, não se preocupe... E também os vizinhos podem ajudar, tenho *certeza* de que entenderão!

— Dona Cordélia, sabe quantos dias demora a viagem até Jinsel a pé? — Perguntou Leila.

— Sei sim, minha querida. Oito dias!

Capítulo 17

O Conselho

A erna região do centro de Heelum era composta por um conglomerado de colinas e árvores que, acreditava-se, era inabitado. Ainda que ninguém morasse ali, o lugar era usado como passagem: das montanhas Iarna nascia o rio Joss, pelo qual desciam de barco aqueles que viessem da Cidade Arcaica com destino a Kerlz-u-een. Era também um atalho, ainda que não claramente definido, para Imiorina; podia-se chegar à cidade do deserto pelo norte, através de uma longa estrada a partir de Enr-u-jir, mas aqueles com pressa tinham a aventura como a opção mais adequada. Esse era o caso de alguns magos que, pagando um pouco a mais, eram deixados logo na outra margem do rio, e adentravam um espaço longo e solitário que qualquer um preferiria evitar. Aqueles que permaneciam na embarcação observavam, meditativos, as reservadas figuras que se dispunham a seguir aquele caminho, e concluíam que eles deveriam ter uma boa razão para fazê-lo.

De fato tinham. Desmodes seguia apressado rumo às Montanhas dos Oniotos. A charrete seguia por um estreito vale em que o chão tinha marcas de rodas e cascos; a trilha ladeava verdes campinas, oliveiras cujas folhas mais baixas tinham frágil aspecto e eventuais coelhos e raposas. O caminho seguia sinuoso, mas mantinha-se relativamente reto rumo ao centro das altas montanhas. Na última meia hora de trajeto observadores ficavam escondidos, camuflados em uma mata um pouco mais fechada, para evitar que estranhos seguissem o caminho até o final. Desmodes não era um estranho para eles.

Agora o caminho era de subida, mas os yutsis não pareciam abalados; seguiam firmes por uma terra já sem vegetação. Logo já era possível perceber o quão alto era o lugar: o tablado curvo de toda região ao leste aparecia ao longe.

Desmodes seguiu em frente e passou por uma abertura entre duas paredes rochosas. Entrou em uma gigantesca planície completamente cercada pelas montanhas. Um suntuoso castelo fora construído próximo à entrada, com colunas frontais exibindo ricos e complexos detalhes em prata e uma torre de três andares, no canto mais distante da entrada, para que pudessem observar as terras mais baixas, situadas após um desnível: um acampa-

mento militar, com cerca de duzentos homens de prontidão, entre soldados e oficiais. Aquele era o exército do secreto Conselho dos Magos, e o castelo servia de reunião e quartel general do Conselho, além de residência para qualquer mago membro do Conselho que quisesse ficar ali.

Desmodes parou a charrete. Desceu dela e, sem esperar por alguém que viesse tirá-la dali primeiro, entrou no castelo.

A sala de entrada era ampla, alta e principalmente vazia; uma câmara escura em que as luzes das janelas, uma a cada lado da porta principal, lançavam raios espectrais sobre um chão de escuros pisos azuis. Havia uma entrada à esquerda e uma à direita, sem portas, e uma escada de pedra cor de bronze em cada parede subjacente, ambas convergindo para o segundo andar. De lá vieram Igor e Ramos. Este, um homem mais velho e carismático com alguns fios grisalhos no preenchido couro cabeludo e alguns fios negros na aguda barba cinza — e nenhum dos fatores dava a entender que perdera o viço de sua juventude. Aquele, um sujeito baixo com um peculiar bigode espesso, trazia na boca dentes irregulares e espaçados.

— É Desmodes, não? — Perguntou Igor, com um sorriso que parecia ser torto devido a uma disfunção de ótica.

Desmodes era novo no conselho; era natural que alguns magos não lembrassem seu nome.

— Sim, de Jinsel. — Respondeu ele. — Vocês são Igor e... Ramos.

— Certo. — Disse Igor, enquanto Ramos confirmou com um aceno. — Está voltando de onde? De Jinsel?

— Vim de Enr-u-jir. Já estão todos aqui?

— Quase... Só esperando por Lucy, agora que você está aqui. — Igor passou a olhar para algum lugar fora do castelo. — cremos que ela chegará em breve.



A porta era grossa e pesada; a maçaneta, reta e feita de um metal escuro, exibia a letra “E” em relevo para quem entrava. Desmodes ocupava o quarto que fora de uma maga espólica de Novo-u-joss.

O Conselho dos Magos era composto por vinte e um magos: sete de cada tradição, independentemente da cidade de origem. Quando um entrava, outro deveria sair, e os escolhidos eram eleitos tendo em vista o envolvimento com a comunidade. Com o conselho formado, um mago deveria ser escolhido para liderar a todos. Este seria o mago-rei.

O Conselho foi formado durante a Aurora da União, antes de todas as guerras modernas, por bomins e preculgos dispostos a colaborar uns com os outros a fim de prosperar. Os espólicos não existiam ainda, mas depois

da guerra em que Napiczar aterrorizou Heelum com exércitos disciplinados e cruéis, foram incluídos no grupo.

O quarto de Desmodes era longo e bem iluminado. À esquerda da porta havia um armário e uma porta para o banheiro, enquanto que logo à frente ficava a alta e larga cama, coberta em rubros lençóis. À direita e sem sólidas divisões estava uma pequena sala com sofás azul-marinho e uma mesa de canto com duas cadeiras de madeira clara.

Logo uma mulher em um curto vestido amarelo apagado entrou, apressada, trazendo uma bandeja. Em cima do prato, um largo pedaço de carne de onioto — azul-claro e succulento — com alguns grãos e folhas de alface, além de um doce marrom, fruta com uma polpa cremosa e doce. Enquanto isso um homem usando vestes também amarelas entrou e deixou as duas malas que Desmodes trouxera na charrete em cima da cama, começando a abri-las e organizar as roupas no armário. O novo habitante do castelo olhava pela janela, com apenas uma breve visão do acampamento militar, e sentia com a mão direita em um bolso interno o raro minério verde e marrom que havia conseguido na breve passagem pela Cidade Arcaica.



Desmodes entrou em uma casa pequena demais para ser um castelo, mas luxuosa demais para pertencer ao tipo de pessoa que poderia ter uma casa daquele tamanho em Jinsel. Fechou a porta atrás de si, dourada e alta, e desceu alguns degraus azuis para chegar a uma sala estranhamente ampla. Nela, quatro sofás verde-escuros formavam um quadrado de assentos em meio a chão e paredes amarelos como o sol. O ambiente de janelas fechadas só fez aumentar o calor, e Desmodes tirou o colete negro que trazia por cima da camisa bordô.

— *Desmodes!* — Exclamou uma mulher alta e magra, que entrara na sala batendo palmas ritmadas. — *Parabéns! Pa-ra-béns!*

Ela continuou de pé, olhando para ele com dois penetrantes e enraivados olhos aquáticos, plena de consciência de que não haveria resposta. Seu curto vestido azul-claro, que parecia não ter saído de seu corpo desde uma festa sem hora para acabar, servia bem como cálice para o cabelo loiro e seco que abaloava a cabeça, começando a balançar assim que ela começou a ir embora.

Logo parou, como se houvesse uma parede invisível que não pudesse transpor. Seu corpo relaxou e ela fechou os olhos, respirando fundo. Virou a cabeça para a direita e encontrou um rosto frio no sofá.

— Vamos. — Disse Desmodes, convidativo. — Sente-se comigo.

— Inasi-u-sana ainda não começou. — Rebateu ela, ríspida. — Não costume usar essa sala em outras estações.

— Não penso que tenha *tantas* salas boas como essa.

Eleonora desaprovou o comentário do visitante, sem dar à bronca qualquer impressão cômica ou amigável. Seu andar era duro e férreo; seu fechado sapato negro, o cume invertido de uma roupa apertada e nebulosa, fazia uma som abafado e sinistro ao entrar em contato, pé por pé, com o chão de etérea tonalidade.

— Então. — Sentou-se ela no sofá em frente, entrelaçando os dedos das mãos. — Como já disse, parabéns. Você deve ser muito poderoso.

— Nem todos os magos do Conselho são poderosos.

— Digo isso porque você deve ter precisado de magia para entrar no Conselho. Você nunca fez *nada* por nós. Eu quase não *lembrava* do seu nome. Como é que você foi escolhido para *me* substituir, Desmodes?

— Eu não reconhecia o valor da comunidade antes.

Eleonora fez um muxoxo de rebelde incompreensão, olhando para a porta que levava à cozinha a sua esquerda. Balançava a cabeça; seu pé da perna que cruzava sobre a outra, o esquerdo, começava a tremer.

— Mas você está certo... Nem todos os magos do Conselho são poderosos.

— Fale mais sobre eles.

Ela o olhou diretamente nos olhos.

— Se eu não falar você vai me machucar, não é?

Desmodes concordou com um aceno breve. Eleonora deu de ombros e reclinou-se sobre o encosto acolchoado.

— O mago-rei é Dresden. Ele é um homem de honra, e não chegou lá por acaso... É muito habilidoso, e que eu me lembre nunca usou magia lá dentro entre eles...

— Um mago leal.

— Sim, ele é leal. — Confirmou ela, levantando as sobrancelhas. — É firme... E cuidadoso. Deve ser um bom homem... E, como eu disse...

— De que tradição? — Interrompeu Desmodes.

— Ele é preculgo. Os outros preculgos são... — Ela começou a contar nos dedos, pensativa. — Maya, Anke, Sandra... Saana, Sylvie... Não, Sandra é uma bomin. Ela e Valeri são bomins... Temos o Igor também como preculgo, e... O Duglas.

— O que sabe sobre eles?

— Bem, Maya é muito organizada. *Metódica*. Eu não gosto dela. É inteligente, mas não é muito boa. Anke, por outro lado, é uma cobra...

— Por quê?

— Ela vai perceber *tudo* sobre você quando você *começar* a falar com ela.

— Eleonora parecia ressentida, ainda que satisfeita por poder destilar em alguém toda sua crítica. — Os instintos dela *não devem* ser subestimados, Desmodes, *nunca*.

— Lembrarei disto.

— Quem mais... Ah, sim, *Sandra*. Sandra é uma mulher de cabelo curto, eu lembro... Encontrou o amor no Conselho, veja só. Valeri é a sua companheira. Duas malditas, aquelas duas bomins. São diferentes, as duas, você vai ver, mas são todas insuportáveis, *cada uma* de um jeito. Saana e Sylvie são duas fracas, as duas preculgas, mas Sylvie pelo menos faz parte da corte em Den-u-tenbergo.

— Den-u-tenbergo. — Confirmou Desmodes.

— Sim. Ela não parece boba, mas eu nunca conversei muito com ela...

— Você conversava com alguém, Eleonora?

Ela aproximou-se dele vagarosamente.

— Eu conversava mais com os *homens*, Desmodes.

— Então fale sobre eles.

Eleonora voltou a se recostar no sofá, bufando com força.

— Temos o Duglas, por exemplo. Esse é preocupado... *Detesta* os filinorfos e os alorfos mais do que muitos ali, se não mais que todos.

— Quem mais é como ele?

— De odiar filinorfos? Bem, temos o Elton. Vem de Enr-u-jir, o coitado, o que podemos dizer? Vive com problemas e por ele matava esses rebeldes um por um... O Duglas é preculgo, mas o Elton é bomim.

— E os outros?

— O Souta é um mequetrefe daqui de Jinsel. Ele provavelmente vai tentar *socializar* com você, mas é um tolo. É um espólico, também. Bem, Desmodes, eu não sei mais o que você quer que eu diga. Quer mesmo que eu fale sobre *todos* os magos naquele lugar?

Desmodes a observou enquanto ela pedia por clemência, mais entediada que cansada.

— Voltarei amanhã.

Levantou-se para ir embora, e antes de alcançar a porta a ex-membro do Conselho o chamou:

— Tem uma coisa sobre Dresden, o mago-rei. Ele consegue se duplicar com... Mais *facilidade*.

Desmodes virou-se para ela.

— É o que dizem. — Reiterou Eleonora. — Não tenho certeza, mas... O que eu ouvi dizer é que ele *nunca* está numa cidade só.



A sala de reuniões era do mesmo tamanho de um quarto e ficava no andar térreo, logo abaixo das escadarias de acesso ao segundo andar no salão de entrada. As luzes bruxuleantes de dez tochas — oito distribuídas

entre as paredes longas, e uma para cada parede mais curta — deixavam o lugar pronto para o mais acalentador banquete.

A mesa era longa, com dez lugares de cada lado e uma cadeira posicionada em apenas uma ponta — a cadeira do mago-rei Dresden. Ele usava uma grossa capa verde-escura, refletindo sua tradição. Em seu rosto claro, coberto por áspera barba, havia uma cicatriz que começava na orelha e parava na metade da bochecha, misturando-se às rugas de expressão.

Atrás da cadeira do mago-rei havia um grande relógio negro, com números, ponteiros e longo pêndulo recortados em pura prata. A reunião estava marcada para as quatro horas, e o tempo se esgotava. Antes que Dresden pudesse anunciar o início da reunião, os magos se olharam, numa chuva de comunicações redundantes.

— Vamos esperar. — Disse Dresden, sorrindo.

Desmodes ocupava seu lugar na ponta mais distante do mago-rei, do lado esquerdo da mesa; sentava-se ao lado de Janar, um brando espólio de Imiorina, e de frente para Robin, um carrancudo bomim da Cidade Arcaica. Enquanto um era um moreno forte e alto de escuras sobranceiras grossas, o outro era pálido, com cabelo cinzento, podendo ser confundido com alguma espécie de irmão mais velho e menos satisfeito de Dresden.

Alguns dos magos estavam ausentes na primeira reunião de que Desmodes participara, mas ele certamente lembrava-se dos outros. De Eiji, no mesmo lado da mesa, bem arrumado com seu geométrico cabelo escuro curto. Eiji tinha pequenos olhos precisos, exatos em sua arquitetura engenhosa, e trazia no formato dos lábios uma espécie de sorriso predatório do qual não conseguia escapar, estando triste ou feliz. Lembrava-se também de Anke, atraente mulher que cultivava sua pele morena de maneira espetacular. Seus olhos claros destacavam-se, intensos, disputando do interlocutor a atenção com sua fala macia. Maya, por sua vez, trazia nos olhos grandes a irrefutável identidade de seus agastadiços encantos. De frente para Maya estava Saana, com um brilhante cabelo loiro encaracolado, e do outro lado de Anke ficava Sylvie, com seu pescoço longo e nariz arrebitado, o que ajudava a ossatura exposta a dar um caráter mortuário a uma maga que já não praticava gentilezas com frequência.

— Desculpem o atraso. — Disse Lucy, uma maga de voz doce e o mais longo cabelo da mesa, loiro e ricocheteante. Sentou-se na cadeira vaga do lado esquerdo da mesa.

— O importante é estarmos todos aqui. — Atenuou Dresden. — Esta é a nossa segunda reunião de Inasi-u-sana, no vigésimo-segundo dia da estação. Suponho que não haverá problemas se marcarmos a terceira para o quadragésimo dia.

Ninguém se manifestou.

— Ótimo. Imagino que esta reunião será ocupada, haja vista a quantidade de ausentes da última vez.

— *Realmente* me surpreende que todos vieram hoje. — Disse Elton.

Desmodes deslocou-se de leve para frente, observando o mirrado homem negro de Enr-u-jir, que tinha uma musculatura surpreendentemente destacada, quase tão notável quanto os olhos revoltosos.

— Você parece incomodado, Elton. — Disse Dresden, acomodando-se na poltrona com uma das mãos a massagear a testa.

— É *claro* que sim. E aposto que não estou sozinho. — Ao fazer o comentário, voltou-se para os colegas, dos quais alguns assentiam. — A existência desse Conselho nos dá esperanças, Dresden. Esperanças que não estão sendo correspondidas.

— Talvez o senhor não entenda o objetivo deste Conselho, Elton. — Respondeu o rei.

— Eu creio que entendemos, Dresden. — Disse Valeri, à diagonal de Desmodes. Sua voz, de todo contundente, era uma luta para transformar um quê de frustração em esforço conciliatório. Valeri, que trazia em seu rosto pouco vaidoso as marcas de uma indubitável guerreira, era uma das principais comandantes do exército de Prima-u-jir. — Nós, magos, temos que nos ajudar... Mas já faz muito tempo desde a criação deste Conselho, e hoje os tempos são... Simplesmente *outros*.

— Temos mais alorfos agora. Alorfos e filinorfos. — Disse Duglas, enfim materializando o que estava na cabeça da maioria deles. De corpo robusto e compacto, apesar da não tão baixa estatura, Duglas tinha uma voz rochosa que bem retratava o jovem rosto. — Enfrentamos *resistência*. É por isso que eu estive fora. Eu, pelo menos, estava tendo problemas em Den-u-pra.

— Isto é besteira. — Disse Dresden, com uma feição de desgosto. — Não duvido que todos nós estejamos em animosidades contra estes... *Grupos*... Mas nosso objetivo é nos *unirmos* contra eles. Não é isso o que estamos fazendo?

— Mas *como* temos feito isso? — Rebateu Elton. — Ainda somos proibidos em Ia-u-jambu e em Inasi-u-een. Em muitos lugares temos que evitar nos revelarmos ou *perderíamos* nossos cargos!

— Temos que ter *calma* quanto a isso, Elton. Ia-u-jambu é um caso à parte, você conhece o orgulho daquele povo. Se nós somos proibidos hoje é porque já somos proibidos há muito tempo.

— Nós estamos liderando a discussão quanto à abertura aos magos em Al-u-een. — Colaborou Maya. — Em um ou dois rosanos vamos ter uma grande vitória para comemorar, eu tenho *certeza*.

— Além disso — interveio Saana — combinamos um incentivo em *todas* as cidades para aprovar leis contra alorfos e filinorfos, não é? A *polícia* vai

nos ajudar a combatê-los. Ou vai investigar menos os casos em que nos *defendemos*, pelo menos...

— E temos apenas uma vitória quanto a isso, e que nem se pode *contar* como vitória... — Ironizou Duglas. — Ia-u-jambu os proíbe apenas porque *nos* proíbe também.

— O importante é que nós *estamos* agindo — Opinou Saana, tirando os braços da mesa e recostando-se à cadeira. — Eu penso que...

— Essas medidas são ruins.

Os magos que não identificaram de pronto a origem do comentário logo a descobriram através dos outros, que, próximos, viraram-se para Desmodes.

— Qual é o seu nome? — Perguntou Duglas, com a testa exibindo leve consternação.

— Desmodes.

— Por que não concorda, Desmodes? — Indagou Dresden.

— Fazer dos alorfos e filinorfos foras-da-lei e tornar o poder dos magos mais visível só vai aumentar a ira e intensificar a ação dos mesmos alorfos e filinorfos. Além disso, vai provocar debate. Se eles devem ser condenados, isso deve ser natural, e não objeto de polêmica.

— Então supõe que devamos deixar as coisas como estão. — Presumiu Duglas.

— Não. Alorfos e filinorfos se desenvolvem à sombra da inação. Devemos exterminá-los.

— Já se vê que você vem de Jinsel! — Replicou Elton, irritadiço. — Você pode não ter esses problemas lá, *Desmodes*, mas alorfos têm família, têm amigos, não são perdidos no mundo. Muitos deles vivem no *centro* das cidades. Por quanto *tempo* acha que podemos segurar a polícia?

— Não disse que seria fácil. O plano exige competência. — Rebateu Desmodes. Elton desviou o olhar de Desmodes como se precisasse fritar alguma coisa.

— Estamos *claramente* mal representados... — Disse Sylvie, como se pensasse alto.

— Quer mais magos de Den-u-tenbergo, Sylvie? — perguntou Eiji.

— O único modo de *piorar* seria termos mais magos de *Den-u-pra*...

Conversas paralelas dispararam ao longo da mesa. Eiji dizia para os magos das imediações que era um verdadeiro absurdo terem três magos de Den-u-pra no Conselho. Souta, um espóico baixo e calvo, prestava mais esquiwa atenção a Desmodes do que à conversa. Elton concordava em silêncio, enquanto Duglas gerou sua própria conversa ao concordar com ressalvas, afirmando que todos os magos da cidade *mereceram* os postos. Igor e Saana defenderam-se, um com contida veemência, outra com justificati-

vas, dizendo ora que ninguém havia dito o contrário, ora que eles também haviam merecido os cargos.

Peri, um mago de modos gentis e colares de madeira pendurados no pescoço, comentava o quanto Kerlz-u-een precisava da ajuda do Conselho. Com o apoio quieto de Brunno e um mais vocálico de Kevin, Lucy defendeu-se ao dizer que a necessidade da cidade não deveria significar benefícios dentro do Conselho. Brunno era um jovem rapaz de cabelo loiro rasteiro e desajustado em cuja pele macilenta estava estampada a gélida indiferença que sentia por todas aquelas disputas de ciúmes e inveja entre cidades. Kevin, por sua vez, era um comerciante de nariz adunco e longo cabelo negro, tendo por volta de cinquenta rosanos. Já mais envolvido com os desafios do sucesso ao lidar com diferentes vontades e modos de viver em Rirn-u-jir, estava profundamente interessado no tema.

Sylvie dizia para Anke que, historicamente, Den-u-tenbergo e Al-u-tengo sempre tiveram menos magos no Conselho do que era justo. Maya levantava a voz, tentando passar adiante a certeza que tinha de que as coisas não eram desequilibradas daquela forma. Ramos, pescando no ar a acusação, concordou prontamente com Maya (dando a ela chance de falar), adicionando depois que na verdade lembrava-se de muitos magos de Al-u-tengo no Conselho. Cássio participava de duas ou três conversas, mais observando-as do que lhes adicionando algo. Janar, num discreto tom elogioso, congratulava Desmodes por seus argumentos, e os dois eram observados por Robin, com feições de leve desdém, aquilo que sente quem não quer estar em um lugar mas, em função do falatório inútil de outrem, não pode sair.

Dresden precisou pedir por silêncio algumas vezes até que todos se acalmassem.

— Só estamos dizendo, Dresden — disse Duglas, por fim — que seria melhor se pudéssemos trazer *três magos por cidade*. Um de cada tradição. Essa é uma proposta antiga, que há *muito tempo* é ignorada aqui no Conselho.

— Sabemos que há magos em Ia-u-jambu, mas há quanto tempo não os ouvimos aqui? Eles não têm *chance* de serem conhecidos porque simplesmente não *podem* se expôr. — Apoiou Maya, incrementando o argumento.

Desmodes, rangendo os dentes, permaneceu quieto.

— Não podemos fazer isso. Não agora. — Disse Dresden, balançando a cabeça negativamente ao dar a palavra definitiva. — O que vocês pedem é uma reestruturação muito grande para tempos como esses. Há mais uma coisa a discutir antes de pensarmos no que estamos fazendo em cada cidade. — Recomeçou Dresden, não dando margem aos murmúrios que já eram gerados a partir do desapontamento dos magos. — Precisamos visitar os al-u-bu-u-na novamente.

Os al-u-bu-u-na viviam na floresta Al-u-bu, a nordeste do centro de Heelum. Eram uma comunidade que não construiu grandes complexos urbanos, preferindo viver de forma mais modesta em meio a adaptações menos radicais do meio. Foram descobertos nas peregrinações que visavam reconstruir e recolonizar a Cidade Arcaica, mas desde então mantinham uma relação fria e distante com os outros — em oposição não muito radical à relação anterior, simplesmente inexistente — desconfiados que eram das intenções deles, e em especial das intenções dos magos.

— Há algum problema? — Perguntou Robin.

— Não, mas nós sabemos como os alorfos têm nos dado dores de cabeça.

— Explicou Dresden, lançando olhares inquisidores para Duglas e Elton. — Temos que nos certificar de que a lealdade deles continua conosco.

— Eu irei, é claro. — Disse Robin.

— Desejo ir também.

Robin, , surpreso, apontou seus olhos negros para Desmodes.

— *Por quê?* — Indagou ele.

— Acredito que é uma boa chance de conhecer o tipo de atividade que nós, magos do Conselho, fazemos de diferente e essencial para os magos de Heelum como um todo.

A eloquência foi o suficiente para convencer Dresden, que não fez mais que agitar a cabeça em sumária aprovação antes de voltar-se ao resto da pauta.

Capítulo 18

Lições de silêncio

O sol se punha de maneira sempre igual, cena reprisada a cada dia aberto. O abraço que unia Tadeu a Amanda parecia igual no que tocava à mecânica do movimento, em que um braço vai por lá e o outro por ali. Os dedos se arrastam enfim pelo tecido que separa as peles, e se acomodam quando os músculos ou os ossos se anteparam, e não há mais como apertar ou para onde ir. Dessa vez, tanto um quanto o outro sabiam o que dizia cada batida descompassada de coração; o que significava o afastamento mais ligeiro, o beijo mais curto, a mão trêmula que há rosanos já não tinha o hábito de tremer. Afinal, mesmo nos mais idênticos fins de dia as nuvens garantem que nenhum pôr-de-sol seja igual a outro.

Sabiam que não podiam falar nada, e o eco dessa regra repelia olhares ansiosos. Sabiam, na verdade, que sequer poderiam se encontrar, mas ver um ao outro era tudo pelo que esperavam todos os dias. Uma das coisas que mais incomodavam os aprendizes de mago era justamente que precisavam vir, nem que fosse para cancelar encontros futuros — embora isso significasse cancelar muito mais do que meras reuniões.

— Como... E-estão sendo as aulas? — Perguntou Amanda.

Tadeu suplicou pelo semblante que ela não fizesse aquilo. Ela entendera a mensagem.

— Isso é tão injusto...

— É, eu... — Ela começou, embarcando na fracamente expressa rebeldia dele. — Eu não preciso saber o que você faz, mas... Por que a gente não pode nem se ver?

Continuaram de pé, os dois com as mãos nas do outro.

— E agora? Eu *não posso* deixar de te ver. Não posso...

Lágrimas desciam pelos rostos de ambos. As mãos se apertaram mais.

— Meu pai disse que... Que não podíamos ficar juntos porque todo mundo ia desconfiar da gente. Nós somos muito jovens...

— Ele *sabe?! — Interrompeu Amanda, apavorada.*

— *Não* — emendou Tadeu — mas quando ele me explicou por que ele não queria me ver perto de você, ele disse isso.

Amanda torceu os lábios.

— Por que isso é importante agora?

— Bem, eu... Estava pensando... Talvez isso quer dizer que quando formos mais velhos... Talvez possamos ficar juntos. Quando acharem que nós vamos nos controlar melhor e...

Amanda puxou Tadeu para perto e o beijou. Ele reagiu lentamente, passando a beijá-la depois de um tempo de estupor, tomado pela boa sensação dos lábios mornos dela. Não sabia se ela sorria ou se desesperava; não sabia se havia pensado em uma solução que não envolvesse paciência, segredos e riscos.

— A gente vai consertar isso. — Sussurrou ela ao se separar dele.

Tadeu suspirou pela boca, esperando ter um dia a mesma confiança.

— Eu estava pensando também... — Recomeçou ela. — Você sabe que de vez em quando eu... Pensava em ser médica, lembra?

— Sim. E eu achava que a gente tivesse que escolher entre ser mago ou ser outra coisa.

— É, eu também.

— Como se ser mago fosse uma profissão, que...

— ... Que você tivesse que fazer *só* isso! — Completou ela.

— Uhum.

— Bem... — Amanda parou, olhando para a boca de Tadeu. Ele sabia que ela, na verdade, selecionava palavras com especial cuidado. — Eu *posso* ser médica... E ser maga vai ser bom porque eu vou... Poder...

Tadeu abriu a boca e ela freou a frase, preocupada. Amanda levantou os olhos para ele, e seus dentes apareciam num sorriso constrangido. Ela não podia terminar aquela frase.



Dentro do quarto majoritariamente bege, com ocasionais detalhes rosados, Amanda experimentava um longo vestido verde-claro comprado pelo pai. Era reto e liso no topo, tinha uma alça grossa que apoiava-se no pescoço, e se desenvolvia em volume e complexidade perto do chão, onde parecia desfigurar-se em fumaça verde, intacta, apesar de difusa, sempre que a garota se mexia. Permitiu-se sorrir de leve ao tocar no próprio cabelo, que roçava na nuca. Alguém bateu à porta.

— Filha?

— Entra, pai.

Barnabás, vestindo elegantes vestes negras, abriu a porta do quarto.

— Só quis ver como você estava, e se estava pronta.

— Acho que estou.

Ela tirou os olhos do espelho e, dando meia volta, sorriu ao pensar que o pai estava realmente bonito.

— Estou bem? — Perguntou ela.

— Hmmm... Sim, minha querida, está deslumbrante... — Dizia ele, em um tom alheio que prenunciava reprovação. — Mas acho que você passará frio, filha.

— Eu queria pegar a sua capa. A verde-escura. Eu adoro ela.

— Claro, querida. — Disse ele.

Um sorriso satisfeito brotou em seu rosto. Ele permaneceu por mais alguns segundos olhando para ela ao invés de ir buscar a capa. Quando ela enfim chegou perto da porta, tencionando sair do quarto, viu que ele continuava ali.

— O que foi, pai?

— Não, não é nada importante. Hoje vou apresentá-la a outros magos. Apresentá-la não apenas como filha, mas como parte dos preculgos.

Amanda fez que sim, com um sorriso singelo. Pensava em Tadeu.

— Bem... Estou ansioso por fazer você vislumbrar seu futuro! — Terminou ele, alcançando a mão da filha. — Quero fazer seus sonhos se tornarem realidade, minha querida, nada menos que isso. Vou buscar sua capa. — Ela assentiu com a cabeça. Antes de sair do quarto, ele se virou novamente e viu que ela ainda olhava para ele. — Sabe... Sua mãe achava que eu ficava bem bonito naquela capa.



Tadeu colocava uma capa azul clara por cima da roupa menos importante que pôde achar em seu armário escuro, embutido de modo que a madeira se transformava parcialmente na corvônia da parede ao fundo. Um quarto feito sob medida: luzes amarelas para iluminar o bom, porém negro espaço; mobília imóvel, motivos prateados em todos os detalhes, uma única, central janela vermelha que a mãe abria mais que ele. Não queria ir àquela festa dos magos bomins. Detestava não poder contar com Amanda para entendê-lo.

Levou um susto quando percebeu, ao virar-se para a porta, que a mãe o observava da entrada do quarto.

— Mãe, que... Que *susto*! — Reclamou ele. Eva aproximou-se do filho, sem sorrir mais do que já sorria antes, e tirou-lhe a capa.

— *Azul*, meu filho, é a cor dos espólicós. — Ensinou ela. — *Laranja* é a cor dos bomins. Procure usá-la. Ou pelo menos não use azul nas reuniões, tudo bem?

Ele confirmou de qualquer jeito.

— E os preculgos? Que cor são?

“Ela não vai desconfiar por causa disso.”

— Hmm... Você não consegue adivinhar?

Ele imediatamente pensou nas roupas que Amanda usava, mas eram tantas — e podiam não significar nada já que ela as usava *antes* de ser maga, ou aprendiz de maga. Tampouco conseguia se lembrar das roupas que o pai dela usava.

Percebeu que Eva o observava enquanto ele se concentrava; ela sorriu mais uma vez, um sorriso que o tocou como algo, de algum modo, forçado.

— Mãe... Você é uma maga, não é? — Desviou-se ele.

— Sou.

Eva alisou os ombros da capa laranja-escura que pusera no filho.

— Você... Está triste? — Perguntou ele.

Ela olhou para baixo, suspirando com descrição.

— Você não quer que eu aprenda magia?

— Você *quer* aprender magia? — Rebateu ela, tranquila.

— ... E-eu não sei.

— Nessa cidade esperam muito de nós, filho. Às vezes isso significa que temos que deixar algumas coisas pra trás.

— E se eu não quiser deixar nada pra trás?

Tadeu xingou a si mesmo em silêncio por talvez ter deixado transparecer nos olhos alguma das dezenas ou centenas de mentiras que escondiam tudo dos pais. Eva passou a mão por seu rosto, expressando um sorriso apertado que durou pouco.

— Às vezes não temos escolha.

Tadeu tentou não pensar através de uma perspectiva conspiratória, mas lhe parecia que a mãe queria que ele tivesse.



Amanda entrou em um salão baixo, mas comprido, em que minérios verdes e amarelos enchiam o lugar de luz. Claro como o dia, ainda que fosse noite, o lugar era aconchegante e até mesmo divertido: um restaurante e bar exclusivo situado no primeiro andar de um castelo reto e sem destaque, espremido entre dois hotéis no centro da cidade.

Não foram muitos os que olharam para eles quando entraram no lugar, mas Amanda percebeu que os rostos, bem dispostos sobre capas e golas, sob chapéis femininos e masculinos, ficaram positivamente surpresos. Havia algumas pessoas de idade, outras que poderiam ser seus pais e mães — mas que, ainda bem, não eram, pensou ela — e rarefeitas mesas exclusivamente formadas por jovens, em geral separadas por gênero.

A música do ambiente era clássica, com uma flautista tocando uma relaxante melodia em um canto mais ao fundo. Amanda acompanhou o pai, que ia cumprimentando todas as pessoas que via (de outros políticos e burocratas até militares e arquitetos), o que significava que Amanda deveria

fazer o mesmo. Sua cabeça estava confusa com todos aqueles nomes, dos quais não conseguiria se lembrar, e todos aqueles olhos, que ficavam sempre intensamente agradecidos pela nova presença no grupo.

— Querida... Há uma mesa com pessoas mais jovens lá. — Apontou Barnabás. — Acredito que prefira passar seu tempo com suas amigas do que comigo, que devo falar de assuntos entediantes para você a noite inteira...

Ela duvidou da sugestão por algum tempo. O que era pior? Fazer parte da mesa em que todos a empurrariam para um futuro sem Tadeu ou da mesa em que nenhuma das pessoas era uma amiga de fato? Ela e aquelas meninas não tinham nada em comum; aquilo sempre ficara claro para todas as partes de cada conversa que já tiveram. Um desperdício seguido de outro.

Na verdade, agora *tinham* algo em comum.



Tadeu descera da charrete com o pai no encalço. Pararam em frente a um grande castelo na área leste da cidade, bem perto do mar e das torres; a maresia chegava até eles numa lufada de vento ou outra. Ele estava decorado de amarelo e laranja por fora, e os portões principais, abertos, davam acesso a um longo e bem iluminado corredor, em cujo chão se estendia um vivo tapete vermelho.

— Tente não se impressionar muito. — Recomendou Galvino, com um sorriso.

Tadeu olhava para os lados, esperando ver algo diferente, mas tudo que havia era uma parede bronzeada de alvenaria e mais minérios simulando os primeiros momentos do crepúsculo vespertino.

Ao virarem à direita puderam ver um piso azul-claro brilhante. Por cima dele, mesas circulares, com toalhas alaranjadas que quase encostavam no chão. Ao longe via-se algumas das mesas ocupadas com figurões da cidade; generais, professores, donos de terras, muitos dos quais Tadeu se lembrava, pois visitavam a casa do pai. Reconheceu o próprio professor de tradição numa mesa logo adiante.

Quando finalmente entraram por completo no salão, Tadeu viu uma profusão de luzes em espiral cobrindo as paredes dos mais de quatro andares do castelo sem cobertura: os convidados da reunião tinham o céu por teto enquanto animadamente levavam garfos e copos à boca, enchendo o local de educado burburinho.

— Está ótimo este ano. — Comentou Galvino, seguindo em frente.

Tadeu caminhou mais para o centro, maravilhado, procurando ver tudo acima de si, e esbarrou sem querer em algo maior que ele. Olhou para frente, aparvalhado, e encontrou Jorge.

— Oi.

— Oi, Jorge.

Tadeu voltou a olhar para o chão, o encanto das luzes quebrado por aquele desagradável encontro. Jorge, “amigo” de infância, parecia ter o conteúdo do rosto injustamente concentrado no centro. Tadeu viu que a mesa que parecia ser dele tinha ainda outros dois garotos, cujos nomes levaria infinitos segundos para lembrar.

— Posso me sentar? — Tadeu perguntou, num impulso.

— Ham... É, sim. Acho que sim. — Jorge parecia ainda mais surpreso que Tadeu.

Qualquer mesa seria melhor que, por falta de opção, a do pai.



— Vocês sabem o que é uma charrete com dois bomins caindo de um penhasco?

O silêncio que precede o humor.

— Um *desperdício!* Cabiam muito mais!

Risinhos insuportáveis seguiam-se, todos diferentes — uns mais agudos, outros mais ritmados, outros obviamente exagerados — mas igualmente destoantes à enfadonha trilha musical. Amanda não rira; nem dessa vez e em nenhuma outra. Já tinha ouvido anedotas sobre trabalhadores rurais (“O que um camponês disse para o outro quando acidentalmente descobriram um minério de luz? Estamos ricos! Com toda essa luz agora vamos trabalhar a madrugada inteira!”), contos sobre alguns homens de Al-u-een (“Minha mãe jura que eles quase desmaiaram quando viram a altura da torre. Não são uns *fracotes?*”) e irritantes piadas sobre outras tradições mágicas (“Quantos espólicos são precisos para pendurar um minério de luz na parede? Um só, e ele manda o minério se pendurar sozinho!”). Ela segurava o queixo com a mão direita, o cotovelo em cima da mesa, e viu que o pai lançava um olhar preocupado para ela enquanto ouvia algum outro homem falar.

Amanda pensou que estava provavelmente desapontando o pai. Endireitou-se na cadeira, perturbada com a vigilância.

— E então, Amanda... Seu pai te trazendo a uma festa preculga, é? — Dizia Anna.

— É. Estou começando a aprender.

Havia cinco meninas além de Amanda na mesa. As três que não estavam conversando — todas com longuíssimos cabelos loiros e impecáveis vestidos verde-água — arregalaram os olhos, surpresas. Havia uma outra dupla que não prestara atenção na conversa, já que conversavam entre si; uma menina de grandes olhos azuis e cabelo preto levantado em um coque e uma outra, com um triangular rosto cadavérico que parecia concentrar

todos os músculos do corpo nas maçãs do rosto. Uma das loiras deu um tapa no braço de uma das morenas, contando o que estava havendo. Anna, balançando e levantando as mãos, deu um sorriso largo.

— Oh, querida, por que não disse *antes*?!



Tadeu não conseguia encontrar uma posição confortável na cadeira. Sua má vontade de estar de frente para Alex, aquele garoto de olhar esnobe e ondulado cabelo firme, era tamanha que ele não conseguia olhar para outro lugar que não o centro da mesa, num ponto qualquer que fosse menos mortificante que aquela conversa.

— Meu pai acabou de comprar mais terras em Kor-u-een. — Dizia ele, com o cotovelo esquerdo jogado para trás da cadeira. — Ele disse que é um excelente negócio no leste lá.

— Onde é Kor-u-een? — Perguntou Jorge.

— No sul, seu idiota. — Respondeu Geraldo, o garoto magricelo e com um negro cabelo escorrido do outro lado da mesa, à direita de Tadeu. — Acho que a minha mãe vai comprar também.

— Mas a sua mãe é uma... Arquiteta...

Geraldo olhou pela primeira vez na noite para Tadeu, logo voltando-se para os outros dois para compartilhar signos de paternalista indulgência.

— Sim, mas... — Disse ele, fazendo uma pausa para uma risada atravancada. — Ela vai comprar pra ganhar mais *dinheiro*.

Tadeu ponderou que não deveria ter pensado assim alto. Suportou com irônica honraria o segundo momento na noite em que pensava balbúrdias de si mesmo e resolveu ir mais fundo — ficou curioso quanto àquela situação. Amanda de fato havia dito que era possível ser outras coisas além de apenas um mago.

— A sua mãe não é... Não participa da política? — Perguntou.

— Não, ela diz que irrita ela demais. Por quê?

— Ele está aprendendo magia agora... — Comentou Jorge, com um sorriso malicioso nos lábios acompanhando um vagaroso balançar vertical de cabeça.

— Seu pai é um *grande* político. — Comentou Alex. — Provavelmente pensa que os magos são todos envolvidos com a política.

— Quem pensa, eu ou o meu pai?

— Você, é claro. — Ele riu brevemente, franzindo as sobrancelhas. Os outros o acompanharam. — Que pergunta...

Tadeu não sabia o que fazer ao ser publicamente humilhado. Lembra-se dos velhos tempos em que nunca soube o que era sentir-se superior a alguém, ou pelo menos igual. Todos os garotos com os quais conversava

chegavam a ele impondo respeito de qualquer jeito que pudessem. Tadeu nunca jogou aqueles jogos. Eram uma estupidez; ele sequer conhecia as regras. Aqueles jogos, no entanto, pareciam ser a essência daqueles meninos, mesmo tendo vários rosanos se passado.

— A beleza de ser um mago... Qual é o seu nome mesmo?

— Tadeu.

— Tadeu. A beleza de ser um mago, Tadeu, é que você pode ser qualquer coisa. As portas do futuro estão abertas para você. Mas você precisa ter as chaves.

Tadeu não estava gostando do rumo daquela conversa. Desviou os olhos dos de Alex antes que ele resolvesse ter ideias. Era melhor passar despercebido por aquela festa.

— Está na hora de ser iniciado, Tadeu.

Alex fez um movimento com a cabeça, indicando uma das saídas. Sorria abertamente agora; um sorriso sem controle, com os músculos travados na expressão que inspirava loucura. Tadeu não fazia ideia do que estava acontecendo.

— Vamos lá fora.



— Iniciada? — Perguntou Amanda, pega de surpresa.

— Sim. Todas as novas magas *devem* passar por isso.

— E... O que vocês vão fazer?

— Simples! Vamos te invadir e *brincar* um pouco com você.

Anna sorria, e os olhos das outras brilhavam de expectativa enquanto respondiam, nem sempre silenciosa mas sempre afirmativamente, quando Anna perguntou se não era assim que funcionava. Amanda olhou para o pai. Estava distraído; conversava com uma mulher em longas vestes roxas, encostando a palma da mão cuidadosamente em suas costas.

Depois disso, passou a pensar com frieza num fato novo que a deixou mais quente. Se elas a invadissem, talvez pudessem descobrir sobre Tadeu.

Isso não podia acontecer.

— Não... Vocês não vão não...

— Você *tem* que deixar, Amanda.

— Não... — Amanda tentou sorrir. Era uma brincadeira, afinal, não era?

— Você vai *deixar* ou ficará *de fora* — Ameaçou Anna.

— Fora *do quê*? — Retorquiu Amanda, irritada.

Anna a olhou com declarado desprezo. Balançou a cabeça por um tempo, deixando a boca aberta ao ponto de os amarelos dentes da frente aparecerem por completo, e por fim levantou-se com ares de determinação.

— Vamos, meninas. Deixem ela aí.

A boca da aparente líder do bando já não jazia aberta quando elas se levantaram e foram embora, para longe daquela mesa e em direção à saída. Andavam devagar, algumas com um passo mais estranho que outras, mas todas acima de dourados sapatos abertos, todos iguais. Amanda se levantou logo depois de olhar para o chão, refletindo sobre as consequências do que fez.

Pensou em chamá-las de volta. Tinha todas as razões para querer que elas não a atacassem, mas sabia que deixá-las ir não era bom. Mas o que diria para que voltassem? Que *deixaria* que elas a invadissem?

— Filha?

Amanda fechou os olhos e tremeu, deixando o ar nos pulmões escapar dolorosamente. Desapontamento paterno era algo de que não precisava. Virou-se e encarou Barnabás, que parecia preocupado.

— O que aconteceu?

— Uma... Iniciação estúpida. Elas queriam me invadir, e eu não deixei.

— Você *lutou* com elas? — Perguntou Barnabás, mais interessado do que preocupado.

— Não pai, eu mal consigo me manter de pé lá... Você sabe disso...

Barnabás inspirou forte; foi o que Amanda pôde ouvir, estando com a cabeça abaixada observando, envergonhada, o polegar direito digladiar-se com uma pele sobressalente no indicador esquerdo.

— Querida, eu... Não posso te forçar a fazer isso, e não quero pedir que faça. Mas peço que pense *bem* no que está fazendo. Essas meninas serão grandes mulheres um dia. Mulheres importantes. Podem um dia ser a chave do seu futuro.

E, com um beijo suave na testa da filha, Barnabás saiu de perto, deixando-a sozinha em frente à grande mesa, de braços cruzados e rosto culpado. Prestou atenção ao som da flauta, que a tirava ainda mais do sério naquele momento. Bateu a palma da mão na mesa, olhando em volta para todas as cabeças, agora desobrigadas com os chapéus, e que não pareciam prestar atenção nela. Melhor, pensou Amanda, já que não era nada bom protagonizar brigas memoráveis.



Alex, Geraldo e Jorge acompanhavam Tadeu para fora do castelo. Seu coração batia rápido, preocupado com o que lhe fariam; não tanto pela dor que pudesse sofrer, mas apenas pela inquietude de ter que se submeter a eles.

Chegaram. Alex empurrou Tadeu de leve, continuando até que ele encostasse no muro externo do castelo, e então deu alguns passos para trás, voltando a ficar no meio, mas um passo à frente, dos outro dois.

— Hoje nós vamos te atacar, Tadeu. Já foi atacado antes?

Tadeu não tinha certeza, mas não conseguiu responder àquilo. Pensou imediatamente em Amanda. Seria fácil descobri-la em seu castelo? Seria *possível* descobri-la?

Naquele momento entendeu que seu segredo estava longe de estar seguro.

— Então... Chegou a hora!

— E-eu vou contar pro meu *pai*!

Foi a única coisa que conseguiu pensar para se livrar daquele julgo. Logo — a partir do sorriso maníaco de Alex transformado em risada geral — percebeu que foi uma *péssima* ideia.

— Vai contar para o *papai*, é, Tadeu?

— Você faria a mesma coisa. — Soltou, desesperado.

Poderia até falar sobre a mãe, que também era maga, mas *por que piorar as coisas*? Piscou os olhos com força. Não percebera, mas apertava os punhos contra a parede.

— Você está certo... Depois meu pai lida com o seu.

— Alex!

A voz feminina, que não era adulta mas tampouco era infantil, veio da escuridão atrás do grupo. Tadeu conseguia discernir apenas que o vulto usava uma capa que ia até o joelho, e de lá para baixo a calça seguia até o que pareciam ser botas. Os braços pareciam cruzados — ou pelo menos não caídos pelos lados do contorno.

— Anabel?

— Deixa ele em paz.

— Alex, vamos embora... — Dizia Geraldo.

— Eu vou te dar um soco na cara! — Urrou Jorge, abandonando a magia.

— Eu faço você gritar de dor primeiro. — Ela respondeu, afiada.

Tadeu tentava parar de tremer quando Alex se virou, olhando para Tadeu uma última vez.

— Vamos embora.



Amanda foi até o balcão no fundo da sala, ao lado de onde antes estava a flautista, e pediu para o garçom um copo de água. Olhou para o lado e percebeu um garoto de sua altura, com um curto e organizado cabelo loiro, pequenos olhos castanhos, e um copo que parecia conter suco de laranja.

— Eu vi o que aconteceu. — Disse ele, mexendo o suco com uma vareta de madeira.

Amanda o observou, incerta se deveria falar com ele. “Como o dia pode ficar pior?”

— Você viu o quê?
— O jeito como aquelas meninas te pressionaram.
— Hmm... — Entendeu ela, voltando os olhos para a água que acabara de chegar.

— O que você queria com elas?
— Como assim?
— Bem... — Ele tomou um gole do suco e voltou a olhar para ela. Havia algo de sério em seu jeito encantadoramente simples. — Elas pensam que se você se aproxima é como se já tivesse assinado um contrato. Elas assumem que você vá se sujeitar a elas, e quando não faz isso, elas acham que você é uma traidora.

Amanda concordou com a descrição.

— É... Eu não sabia disso.
— Se soubesse não teria chegado perto delas?
— É que... Eu não quis que elas me atacassem.
— Você sabe que elas podiam ter te atacado de qualquer jeito.

Isso também a incomodava. Seu segredo não estava a salvo. Só depois dessa experiência é que ela se dera conta disso por completo. Ele terminou o suco e, levantando-se, virou-se para o lado de fora.

— Estou indo embora.
— Não, espera. — Pediu ela. — Você é do tipo... *Influente?*
— Como? — Sorriu ele, confuso.
— É... Como elas, você é alguém importante para o meu futuro?
— Ham... — Ele olhou para o chão e ela percebeu que ele entendera errado. Não era pra menos. — Você é *franca*.

— Não é isso. É que você perguntou o que eu queria com elas. Eu já *conhecia* elas, só não era *amiga* delas. Mas meu pai está começando a me ensinar magia agora e ele disse que era importante pra mim ficar amiga delas e... Bem, eu estraguei tudo. Ele está decepcionado comigo. Se eu ficasse amiga de você talvez ele visse que pelo menos eu fiz um amigo.

— Bom, então deixa ver se eu entendi... Você não está me usando para o seu futuro, mas está me usando para não decepcionar seu pai?

— Não é bem isso. — Disse ela, mas já reconhecendo a estranheza do que havia proposto. “Pelo menos não fui falsa”, pensou. — É que você é legal... Parece legal... E achei isso... Diferente. Meu nome é Amanda, aliás. Por que eu nunca te conheci quando eu era menor?

— Bem, se eu vou ficar e falar disso... — Disse ele, sentando-se novamente. — Então é melhor eu sentar e pedir outro suco. Meu nome é Gustavo.



Anabel aproximou-se de Tadeu, que deslizara para o chão, assustado, e agachou-se à frente. Ele agora a via por completo: ela tinha um liso cabelo ruivo um pouco mais abaixo dos ombros, e a capa que vestia era uma mistura sem sentido de laranja e preto.

— Por que fez isso?

— Não gosto deles.

— Procura briga por diversão?

— Mais ou menos. E aí, você está bem?

— Vou ficar. — Garantiu Tadeu. — Só não queria... Participar daquela coisa.

— É, mas você sabe que agora tem três opções. Ou você fica longe deles... Ou fica perto e se prepara para ser atacado... Ou se prepara para quando eles vierem.

Tadeu analisou as opções. Nenhuma parecia boa, então ele imediatamente criou uma quarta: ficar por perto dela para que ela pudesse ameaçá-los mais uma vez.

Ele viu que os olhos dela eram pretos. Ela viu que os olhos dele eram azuis. Os dois sorriram; ela mais que ele. Deixando a posição que já começava a fazer doer os pés, Anabel sentou-se ao seu lado.

— Você podia me ensinar a ameaçar eles do jeito que você fez.

— Não, não posso fazer isso. Sou discípula, não mestre. Mas te digo, eles vão voltar. Falar do seu pai *não foi* inteligente.

— É, eu sei. Mas eu precisava impedir que eles me atacassem *hoje*.

— Mas você sabe o que isso significa, não sabe? — Disse ela, mostrando-se levemente confusa. — Eles queriam que você fizesse parte do grupo. Isso era a iniciação, era...

— É, eu sei. Eles me disseram. Mas é que eu não podia... Eles não podiam me atacar.

Ele evitou o olhar dela, que parecia já ter entendido do que ele estava falando.

— Segredos.

Ele assentiu com a cabeça. Fechou os olhos mais uma vez ao pensar no risco que corria, sem saber que já o carregava havia rosanos.

— Por favor não me ataque.

— Não, eu respeito isso. Eu também tenho os meus. Meus segredos. Também não fiz nenhuma iniciação.

A menina olhava para a frente, absorta. Com o canto do olho, Tadeu notou que ela parecia ser apenas um pouco mais velha que ele — embora sutis diferenças de idade sejam sempre difíceis de discernir.

— Meu nome é Tadeu.

— Ah, verdade! Eu nem perguntei antes... Bem, você já sabe o meu.



— Eu não sou daqui. — Dizia Gustavo. — Eu vim de Den-u-pra com o meu pai há uns... Dois rosanos.

— Hmm... Eu já tinha passado da época em que procurava por amigas. Ou era *ofertada* a elas...

— Como assim?

— É que... É complicado.

— Hm. Tem a ver com o porquê de não querer aquelas meninas vasculhando seu castelo?

O silêncio confirmava enquanto ela olhava para baixo. E se *ele* a atacasse?

— Bem, de qualquer forma... Eu sou novo aqui. Meu pai insiste que eu venha nessas reuniões pra conhecer gente da minha idade, mas... Eu já conheci quem eu precisava nessa cidade.

— Você fala de um jeito... — Disse ela, notando um quê de tristeza e nostalgia na voz de Gustavo. — Você quer voltar pra Den-u-pra?

— Sinto falta de lá. De observar as estrelas, que eu sinto que brilhavam muito mais do que aqui. Do teatro, do *espírito* daquelas praças.

— Parece bom lá.

— E é. Mas falo sério quando eu digo que eu já conheci quem eu queria.

— Isso quer dizer que você já faz parte de algum grupo que não tem espaço para mim?

— Ah, isso seria triste. Seu pai ficaria muito desapontado.

Ela sorriu, na esperança de que ele sorrisse de volta e as duas frases fossem tidas como as brincadeiras que eram. Ele sorriu de volta, permitindo a Amanda aprender, aos poucos, a decifrar aqueles dois olhos brincalhões.

— Não, não quis dizer isso. Como eu disse, venho aqui por causa do meu pai. Eu também não fiz a iniciação. Não gosto dessa gente.

— Mas ainda assim já conheceu todo mundo que precisava...

— É, mas... Podemos ser amigos. Posso ajudar você, se você quiser.

— Sério? — Ela disse, esperançosa.

— É. Bem, você já viu que eu não posso influenciar muito o seu futuro, mas... Pode dizer ao seu pai que tem um novo amigo.

— E... Se eu disser isso pro meu pai eu vou estar mentindo?

Ele riu, levantando-se da cadeira.

— Você é boa. — Ele riu ainda mais. — Muito, *muito* boa.

E, pagando pelo copo de suco a mais que consumiu, botou no balcão seis moedas de ouro e foi embora.

— Espera, só mais uma coisa... — Disse ela. Ele se virou, com uma surpreendente ausência de sinais de impaciência. — O que o seu pai faz?

— Ele é médico.

Amanda levantou as sobrancelhas, com a mente a mil. Pensou, enquanto via o novo amigo distanciar-se com um andar altivo, que talvez ele pudesse ajudá-la em seu futuro mais do que ele poderia adivinhar.

Capítulo 19

Fuga

Lenzo estava sentado; as costas curvadas e os cotovelos sobre os joelhos. No sótão completamente vedado, com ele, o mesmo minério vermelho que antes servira de guia aos outros filinorfos e o barulho da chuva, mais forte na parte da casa que recebia o primeiro baque das gotas. Só se podia entrar por uma portinhola que abria mediante o uso de um truque, e ainda assim Lenzo teria tempo de esconder o minério e a si mesmo caso um estranho adentrasse o lugar.

O ambiente refletia bem, em todos os sentidos, a situação do homem. Fedendo a mofo e a todo tipo de coisas velhas, aquele era o depósito da casa de Kan, que estava atualmente em estado de aluguel. Para o governo de Al-u-een, naquela casa morava Gagé — que, discreto ao longo das mais recentes atividades, conseguira ficar limpo de qualquer ligação com os filinorfos. Sua fama não o precedia e, portanto, se a polícia viesse atrás de Kan, este não seria um lugar por onde começar. Mas, por precaução, escondiam-se no sótão enquanto arrumavam as coisas para partir para Roun-u-joss, onde estariam muito mais a salvo.

Enquanto cheirava a podridão de um lugar que não era seu, esperando para ser jogado em uma jornada que não queria que fosse sua, Lenzo ficava se perguntando, imerso em uma profundidade vermelha que só intensificava sua dor de cabeça, *por que fez o que fizera*. Como pôde fazer aquilo a seu próprio tio?

Não que ele tivesse sido um parente presente em sua vida, mas nada justificaria aquilo. Lenzo quase nunca havia feito algo por convicção. Ficou deslumbrado com os alorfos e com Neborum, e aprendeu os simples ataques de algumas tradições e as técnicas únicas do grupo do qual fez parte por um longo tempo. Realmente acreditava naquilo? Se sim, como tudo parecia tão raso e sem sentido agora?

Sua crença era forte no método, mas não aguentou a pressão dos resultados. Conhecera Hiram e tornara-se um dissidente; um filinorfo. Viu que havia algo de errado com Heelum. Algo que os alorfos não podiam consertar. Se ele desejava fazer a diferença de verdade, não podia continuar mentindo para si mesmo. Era como se ouvisse Hiram repetir isso dentro da

própria cabeça: seu trabalho era *irrelevante* enquanto alorfo.

Eles incomodavam, certamente, e por isso estavam sendo cada vez mais perseguidos. Mas não incomodavam a ponto de transformar as coisas. Ninguém transforma nada do conforto de um lar. *Arriscar* era preciso. E Lenzo, apesar de ter se mostrado disposto a fazer algo, nunca teve de fato oportunidade. Hiram tinha um paradeiro errante, e Lenzo sempre fora esquivo quanto a suas determinações.

Mas a hora havia chegado. Um plano estava bem arquitetado, e Hiram veio com reforços. Agora, mais do que nunca, precisava de Lenzo: precisava de um acesso simples e direto à presença de Hourin, ou o plano seria muito mais difícil de concretizar. Maldita hora em que Hiram disse que precisava de Kan. Não precisava. Kan foi um pretexto, uma armadilha; Hiram, a víbora Raquel e o bandido Gagé o haviam atraído para aquela maldita casa de fugitivos e, sabendo que Lenzo jamais cederia à pressão de um ataque, confiaram o golpe fatal ao amigo em quem Lenzo confiava.

Kan o atacou e o convenceu a participar daquilo; era a única explicação. Agora sua vida estava acabada.

Tinha que escolher entre ser preso e, ainda pior, receber a ira dos magos de Al-u-een, ou embarcar em uma viagem que provavelmente o levaria até a costa oeste de Heelum sem nunca ser capaz de lhe trazer paz.

Um barulho no assoalho assustou Lenzo, que se levantou num salto e bateu com a cabeça no teto.

— Sou eu. — Disse Kan, tranquilizando o homem do lado de dentro.

Lenzo não respondeu. Permaneceu de pé, mas curvado. Como é que Kan, que se dizia um alorfo, de repente ficara tão confortável andando naquele bando? Não, uma conversa não o convenceria daquele jeito. Sabia muito bem que uma conversa com Hiram não era uma conversa comum, mas aquilo tudo foi uma armação. *Tinha* que ter sido.

Kan subiu, já estando completamente dentro do sótão.

— Já empacotamos tudo e conseguimos uma charrete. — Ele dizia, com as mãos nos joelhos. Um pouco mais alto que Lenzo, tampouco podia se dar ao luxo de ficar de pé naquele espaço. — Vamos esperar anoitecer um pouco mais e vamos.

— Eu vou embora, Kan.

Lenzo viu um sorriso tímido brotar no rosto abaixado de Kan.

— É claro que vai. Todo mundo vai.

— Eu não vou com vocês.

— Lenzo...

— Você mentiu pra mim, Kan! — Interrompeu Lenzo. — Você... Você me *atacou* para me convencer! Você me convenceu a matar o *meu tio*!

— Que *idiotice* é essa?

— Idiotice?! *Idiotice?* Eu vi a sua mão debaixo da mesa, Kan, e eu vi os outros nos castelos deles, e mesmo não vendo os castelos eu via eles nas janelas, nas torres, m-mas e *você? Onde* você estava?

— Eu estava quieto dentro do *meu* castelo! — Rebateu Kan, com as sobrancelhas caindo para perto dos cílios.

— Eu estava preocupado com eles, Kan, mas não com *você...* Foi realmente um plano perfeito, seu preculgo *nojento!*

Kan olhava diretamente para a raiva de Lenzo. Ficou irritado com a impossibilidade de se levantar completamente; aquela discussão feita com o corpo curvado era ainda pior, por irrisório que aquilo fosse.

— Eu estava com Hiram nessa. Nós armamos um teatro para *você.* — Explicou ele, com a voz mais dura. — Mas nós não usamos magia.

— É *claro* que não usaram, não é? — Lenzo riu da própria estupidez, olhando para o chão. — Se *vocês* matam... Até usam a magia para ajudar a matar... Usar a magia de vez em quando não é *nada...*

Kan chegou mais perto de Lenzo, pé por pé, e este não conseguiu recuar a ponto de evitar que os rostos estivessem separados por um palmo de ar abafado.

— Tenho uma notícia pra *você,* Lenzo. — Disse Kan, antes de levantar arquear as sobrancelhas e balançar sutilmente a cabeça. — Nós não fizemos isso sem *você* junto.

— N-não me importa. Nada do que *você* me diz me importa, se a polícia perguntar, é isso que eu vou dizer para eles. Que *vocês* me atacaram. Que eu fui obrigado a fazer isso.

Kan agitou a cabeça ainda mais afirmativamente; a língua percorria as costas dos dentes.

— Tudo bem.

— Quer dizer, e-eu não vou à polícia, mas n-não posso impedir que venham até mim. Se eles vierem.

Ele estava só cuidando de si mesmo, pensou Kan. “Muito justo”.

— Eu fui fraco ontem e me deixei enredar por *vocês,* mas eu estou fora disso. De vez. — Culminou Lenzo, resolutivo. — E se *vocês* quiserem me matar, v-vocês...

— Cala a boca, Lenzo. — Disse Kan, por fim. — Nós vamos te deixar aqui como *você* quiser. Só não venha depois pedir asilo para *nenhum* de nós.

Kan virou-lhe as costas tortas e foi embora, deixando Lenzo outra vez na companhia de chuva e de pedra.

Perspectivas

Dalki estava sentado em um grande sofá marrom com os joelhos distantes e a ponta dos dedos na têmpora. Olhava para a penumbra de sua casa, no centro de Al-u-een. A sala combinava a cor do sofá ao amarelo das paredes com uma atitude positiva, e nada da harmonia branda do espaço era afetado por minérios porque Dalki gostava de ficar não apenas sozinho — tarefa fácil, já que *morava* sozinho — mas também no escuro. A pouca luz vinha do lado de fora apenas, dos postes da cidade.

Dalki era o chefe de polícia. De costas largas, o homem cultivava uma aparência simples; tinha uma grande marca de nascença na bochecha direita, que ocupava quase um quarto do rosto. O formato de seus olhos sugeria que ele era um homem triste, mas a verdade é que na maioria das vezes estava inexpressivamente contente. Se não com seus resultados, pelo menos com os desafios que lhe eram dados. Afinal de contas, ser um policial era um trabalho complexo: Al-u-een almejava ter na realidade a justiça que se punha na cabeça das crianças. Ele, portanto, precisava evitar a ação dos magos, prendendo-os ou banindo-os da cidade caso fossem descobertos — qualquer mago que fosse, sem se preocupar com o modo como uns desenhavam os outros. Bandidos ou mocinhos, ninguém sairia impune de um assassinato. Não se Dalki pudesse evitar.

O caso em que ele se envolvera no dia anterior era peculiar. Hourin, notável parlamentar, fora mortalmente ferido com uma espada atravessando-lhe o peito. Influyente e rico, sempre gerou a ira de parcela da população que acreditava nos boatos acerca de seu *status* enquanto mago. Ele, no entanto, negava o rumor — obviamente — e jamais algo substancial foi encontrado.

Dalki foi chamado por um homem que morava na rua de Hourin, onde os vizinhos ouviam gritos desesperados vindo da casa do político. Quando ele e mais dois policiais chegaram lá, não havia mais gritos. Espadas em punho, arrombaram juntos a porta da casa e procuraram por um pressuposto agressor no andar de baixo. Não viram ninguém.

Subiram e começaram a vasculhar os quartos. Começavam a chamar por Hourin quando abriram a porta do quarto de sua filha. Viram a própria, lívida e ensanguentada, deitada na cama, virada para a direita; ele,

de braços no chão, o peito levemente sustentado na direção da garota pela espada, que ainda estava lá.

A primeira coisa que Dalki fez foi verificar a pulsação da filha — ele, certamente, não sobrevivera; além disso, se os gritos eram femininos, ela ainda estava viva quando presenciou o ferimento do pai. Ardendo em febre, lutava pela vida. Dalki chamou os outros policiais e disse para um deles trazer imediatamente uma charrete. O outro deveria alertar a casa de saúde da cidade, para onde ela deveria ser levada.

As portas não aparentavam violação, e todas as janelas estavam fechadas. As cortinas estavam cerradas também. Ao analisar o quarto onde encontrara a vítima, viu que os caules das flores do parapeito estavam quebradas, como se tivessem sido amassadas. No beco em frente à janela viu uma longa escada de ferro que alcançava o segundo andar da casa.

Procurou superficialmente pela casa por algum papel solto e rabiscado: algum tipo de carta explicando o assassinato. Se Hourin fosse mesmo um mago, poderia ter sido morto por um filinorfo; alguém que acreditasse estar agindo em função de alguma nobreza de alma. Nesse caso, era possível que tivessem deixado uma explicação, um manifesto, um desenho que fosse explicando o motivo do crime. Nada encontrou.

Procurou por indícios de que fosse um ladrão: se algo fora roubado, então talvez o assassino tenha subido a escada, fugindo de Hourin. Ao ser encurralado no quarto do segundo andar, vencera Hourin em uma luta. Uma alteração explicaria a presença de uma segunda espada no quarto da filha. Isso, evidentemente, excluiria a noção de que Hourin fosse um mago. Um mago não chegaria a ser uma pessoa da importância de Hourin se não fosse capaz de repelir um mero ladrão com alguma artimanha. Contudo, não havia sinais claros de que algo havia sido roubado, pelo menos não com pressa. Tudo parecia estar em seu devido lugar à primeira vista. Dalki cuidou para que uma segunda vista começasse.

Tinha sorte de a filha do político ainda estar viva. Quando ela acordasse, poderia esclarecer muitas coisas. Era improvável que o corpo tivesse sido simplesmente largado no quarto após o acontecimento, já que não havia sangue em nenhuma outra parte da casa. Ele provavelmente havia sido morto na frente da própria filha. *Crueldade*, pensou Dalki. Se isso de fato acontecera, ela poderia ter visto o assassino. Quem sabe ter ouvido um nome. Também seria capaz de verificar a casa para se certificar de que nada havia sido roubado. Um cenário promissor.



O prédio do parlamento de Al-u-een era um dos mais bem cuidados da cidade. Sua última ampliação era antiga, mas fez do lugar um imponente

prédio de três andares, largo e comprido, que misturava polidas esferas e colunas cilíndricas a monumentais estruturas de corvônia e vidraças azuis. A praça à frente do parlamento era um espetáculo à parte; com trilhas simétricas por entre um bosque iluminado por minérios rosados, continha, bem ao centro, para onde todas as trilhas convergiam, uma estátua pela qual Al-u-een era famosa.

Chamada de “O Nascimento”, a escultura mostrava uma explosão gigantesca em que todas as cores estavam presentes. Do cerne da explosão surgiam ondas em que a esfera maciça ao centro expandia-se de maneira cada vez mais caótica, e de dentro da expansão saíam braços, pernas e cabeças com expressões confusas nos não poucos rostos. O nível de detalhe da obra era impressionante, e via-se que as cores não eram escolhidas ao acaso ou jogadas em qualquer parte: possuíam zonas de influência específicas, e criavam um todo harmônico — mas ao mesmo tempo complexo e difícil de entender antes de admirar.

Dentro do parlamento as notícias da morte de Hourin apareceram de uma vez, e dali causaram massiva estupefação. Kent, uma figura tão antiga quanto Hourin naquele palco, pediu por silêncio logo no começo da sessão da chuvosa manhã seguinte. Quis proferir um discurso na sala pequena, como era a chamada a sala de reuniões exclusiva para os parlamentares.

O nome, no entanto, não deixava de ser irônico: a sala era pequena se comparada ao campo aberto que servia para as reuniões públicas — a praça em frente ao prédio — mas não deixava de ser grandiosa. Por dentro, minérios verdes dispunham-se em losangos ao longo das paredes que ocupavam dois andares do prédio. Não havia cadeiras; apenas sofás voltados para um púlpito bem retilíneo com um metálico símbolo de um martelo cruzando uma espada acoplado à frente. Aquele era o símbolo de Al-u-een, e embora a maioria dos cidadãos pensasse no martelo como uma ferramenta que representava a justiça (com boas razões para fazê-lo), ele na verdade estava ali por ser uma das mais antigas ferramentas usadas na arte da escultura. Al-u-een, embora se preocupasse com o equilíbrio entre os cidadãos, via a si mesma, acima de tudo, como *bela*. Bela e poderosa.

Kent subiu no lugar de destaque. Os outros presentes, usando as ubíquas capas negras com botões no topo, logo abaixo do queixo, estavam prontos para ouvir o que ele tinha a dizer. O tradicional homem de cabelo raso e fino, com óculos estreitos e a mandíbula justa observou a plateia com sentimentos mistos. Faria uma apologia arriscada; previu um discurso tempestuoso, considerando que quem estava logo ali, à frente, provavelmente escolhera um lugar apropriado para tentar provocá-lo.

— Colegas de profissão! — Sua voz era arrastada, como se a garganta precisasse de muito esforço, mas também era clara. — Caros parlamentares de Al-u-een, somos espectadores infelizes de uma verdadeira tragédia. Hoje

nos reunimos como em um dia qualquer. Mas sabemos todos que este não é um dia qualquer.

“Irei mais longe esta manhã!”, continuou ele. “E direi que não somos espectadores de uma tragédia. A tragédia é um *destino*. O destino de Hourin não era falecer desta maneira indigna. Seu destino era muito mais glorioso. Mas foi interrompido de maneira bárbara. Senhoras e senhores, somos espectadores de um *crime*. Um crime como esse há muito tempo Al-u-een não presenciava...”

Minoru, um político sentado em um sofá logo à frente do púlpito, não impedia que os lábios se alargassem em um sorriso. Regulava-se no apoio mal fadado; os dentes perfeitamente alinhados em um largo sorriso contradiziam os olhos negros que falavam a linguagem da raiva agarrada.

— ... E nós temos que remanesecer *fortes* frente a essa perda e essa ameaça. Sim, é uma ameaça!

Minoru já ria ruidosamente, chamando atenção. Os cabelos escuros e lisos à altura dos ombros tremia junto com a caixa torácica do homem sarcasticamente risonho.

— Porque enquanto a justiça não for feita... Enquanto não soubermos o real *motivo* deste assassinato... Não poderemos voltar a trabalhar tranquilos.

— Nós *sabemos* porque ele foi morto, senhor Kent. E isso não vai atrapalhar nossas atividades. Vai *livrá-las* de uma *sombra*!

O burburinho nasceu como se estivesse preso desde o começo, esperando por um momento que o libertasse. Kent olhou por alto para as conversas dos companheiros. Estavam divididos; em todo foco de conversa via-se mãos agitando-se em discussões.

— Ora, senhor Minoru... — Retomou Kent. O silêncio aos poucos retornou. — Se o senhor sabe... Deveria contar à polícia! E se considera que... O falecimento de um parlamentar fará algum *bem* a Al-u-een... Terá sido o senhor a tirar-lhe a vida?

— Ora, não seja *ridículo*! — Respondeu ele mais que rápido que as reações do público. — Todos aqui sabiam muito bem o que ele era. Um *magô*! Ele se foi por causa disso, não há dúvida.

— Está fazendo acusações *muito sérias*, senhor Minoru. — Kent começava a descer do púlpito, lentamente.

— O senhor está tentando *glorificar* a vida de um mago, senhor Kent, o senhor está consciente desse desrespeito com a memória dessa cidade? Ele não deveria estar nesta casa *ou sequer* nesta cidade!

— E o senhor está dizendo que a vida de um mago de nada vale? Este foi um crime *terrível*! Merece ser punido *exemplarmente*!

Minoru se levantou. Os dois parlamentares se aproximavam cada vez mais, numa tensa dança que se construiu ao largo das atenções da pequena multidão.

— Se o senhor fosse um homem que se inteira dos *verdadeiros* problemas de Al-u-een não diria as *besteiras* que disse. Dizes que por *muito tempo* não vemos um crime como este. Não temos trinta dias corridos, *trinta*, sem que a polícia tenha que lidar com um alorfo ou um filinorfo morto nas imediações da cidade!

— Então o senhor crê que *estes* magos devemos preservar, senhor Minoru?

— Certamente são os mais inofensivos.

— Hourin está *morto*, senhor parlamentar! Devemos honrar sua memória *prendendo* seu assassino como demanda nossa *justiça*!

— Hourin era um *PÚSTULA*! Um *CORRUPTO*! É *PENA* que não temos a *morte* como punição para esse crime, porque não é só *ele* que enfrentaria problemas, não é *mesmo*, senhor Kent?

O homem que antes discursava perdeu a paciência, rompendo a linha que o impedia de cair em luta aberta como se o peso a mais que faltasse tivesse sido jogado com satisfação. Kent partiu para cima de Minoru; a mão prontamente alcançando a guarda da espada na cintura, seu oponente fazendo o mesmo. Não tiveram tempo para chegar a uma batalha de fato, pois os políticos próximos a eles os puxaram para trás, impedindo o combate.

— *MENTIROSO*! — Bradava Kent, o rosto vermelho de fúria, enquanto era arrastado para uma parede da sala.

Minoru olhou para ele mais uma vez, de longe, depois que se livrou da tutela preventiva de outros colegas. Ofegava, sentindo as pálpebras vibrarem no ritmo do coração asfíxiado.

Suas atitudes foram, de fato, inadequadas. Onde é que estava com a cabeça? Via que Kent parecia tão estarecido quanto ele, sendo este um inédito contato visual, completamente diferente dos outros. Num arrombo de vergonha, deixou o zunido incoerente da sala para trás.

De Ia-u-jambu a Enr-u-jir

Jen saiu de casa e trancou a porta vermelha. Olhou para cima, onde o telhado azul podre fazia as vezes de seta, apontando para cima. O resto da casa, pequenina e bem moldada, toda bordô em tijolos finos, ficaria vazia por um bom tempo.

Pisou na rua e se concentrou na tarefa. Tinha certeza de que pôs tudo o que precisava na pequena mala gorda. Encaixou-a no fundo da charrete, junto à de Richard, e deixou os braços caírem e balançarem como um pêndulo após o esforço. O céu claro, deixando Roun desimpedido, afastava o frio, trazia pra mais perto a fadiga e mantinha a distância segura a preguiça. Do outro lado da contenda estava o medo; expectativa azul frente ao desconhecido. Distante, mas similar o suficiente para ser confundido com a letargia que desencoraja quem não precisa de fato viajar.

— Já podem ir? — Perguntou Christine, aproximando-se com o mesmo divertido olhar de esguelha que sempre lançava a Jen.

— Desse jeito até parece que você está feliz por se ver *livre* de mim.

Christine riu enquanto as pressões do abraço se encontravam, fortes.

— Você realiza um sonho *seu* e um *meu* vai junto. Me parece bom!

Jen ficou boquiaberta, e Christine riu mais ainda, travessa. Quando as risadas cansaram, Jen pensou pela mais cansativa das vezes no porte da viagem na qual estaria prestes a embarcar.

— Eu vou ficar fora por muito tempo.

— Uma estação?

— Duas... Se tivermos sorte.

— Richard é legal. Você vai se divertir com ele.

Kinsley havia aceito a proposta de pesquisa. Financiaria tudo, do próprio bolso. Jen nunca imaginara que levaria a cabo aquele sonho louco; a Universidade nunca a ajudaria. Eram muitos os riscos envolvidos.

— Ou talvez eu me canse...

Teria todas as despesas pagas: viajaria de charrete até Al-u-tengo, passando por Enr-u-jir, contando com muitas provisões. Teria Richard, o guardião das reuniões secretas, como guia. Lá contratariam um guerreiro do exército da cidade, e então partiriam novamente. Iriam de charrete somente

até Rirn-u-jir, a cidade da chuva, na passagem entre as duas Grandes Cordilheiras do Noroeste. De lá abandonariam o veículo e seguiriam pela floresta da região a pé até chegar ao Pântano dos Furturos, onde encontrariam o que procuravam.

Richard se aproximava da charrete trazendo uma caixa cheia até a borda de doces marrons.

— Não seria uma viagem divertida sem marrom. — Explicou, causando tristes sorrisos.

— Boa viagem. — Desejou Chris, enfim.

— Obrigado. — Respondeu ele, ajeitando os novos suprimentos junto ao resto da bagagem.

— Adeus, Chris.

— *Até mais*, Jen. — Censurou ela. — *Até mais*.

Richard subiu na charrete, com Jen fazendo o mesmo pelo outro lado. Christine se afastou quando Richard, com um movimento rápido e decidido, fez os dois yutsis avançarem devagar pela ruela à frente da casa de Jen.



Os dois viajantes logo chegaram ao início da estrada que saía para o oeste, circulando o Lago do Meio. Foi no ponto em que o rio de mesmo nome deságua no lago que Ia-u-jambu fora construída. Aquele era o segundo maior lago de Heelum, menor apenas que o Lago Ia do Leste.

Saíram dos muros da cidade às dez da manhã do vigésimo-quarto dia de inasi-u-sana. Ia-u-jambu era a única cidade murada de Heelum. Isso se devia à decisão de proibir os magos: toda vez que alguém de fora entrava na cidade, recebia um lenço vermelho-berrante que deveria ser usado em todos os momentos. Caso algo de anormal acontecesse, qualquer pessoa poderia denunciar o forasteiro, e ele seria imediatamente expulso. Muitas vezes se discutiu o fato de o sistema fazer da desconfiança, prerrogativa, mas tempos de desespero exigem medidas drásticas. A cidade sempre foi consciente do preço das medidas, e sempre esteve disposta a pagá-lo.

Saíram da margem do lago e passaram por dentro de diversas jirs: círculos de casas pequenas e simples, com apenas algumas mais elaboradas, e várias plantações e culturas que continuavam mais ao norte, embora não na direção em que iam. Em uma hora já estavam perto do lago de novo, e as planícies, desertas de gente, de casas e de hortas, abriam-se limpas à frente. Jen admirava a paisagem enquanto o vento batia forte em seu rosto; os yutsis, encorpados, deixavam facilmente o chão para trás.

Jen pensou nos pais, e pensou nos diários que havia lido. Pensou no que poderia encontrar — a morte? Uma revelação que mudaria muita coisa? Pensou nas outras pessoas na reunião secreta, que pareciam absortas em

pensamentos absolutamente transformadores, mas os geravam para prendê-los ali dentro, sufocá-los mesmo antes de lhes dar espaço para respirar. Por que não saíam a público a respeito do que pensavam?

A primeira parada que fizeram foi cerca de três horas e meia depois, quando almoçaram algumas frutas e verduras com pão. Maçãs, goiabas e uma ocasional laranja; rúcula, tomate e alfaces e uma surpreendente cenoura. No princípio falaram apenas o necessário para preparar o lanche; sentaram na grama, comeram, beberam do reservatório de água que trouxeram e enfim descansaram mais um pouco.

— Você não trouxe carne, certo?

— Não... Não valia a pena. Vamos comer melhor quando chegarmos em Enr-u-jir.

— Amanhã?

— Talvez. Provavelmente.

Ela olhou para a superfície do lago. O céu estava claro, sem nuvens, exatamente como antes. O lago só acompanhava a limpidez do céu, sem protagonismos.

— Por que vocês não têm um nome? — Perguntou Jen.

Richard olhou para ela por um instante. Voltou a olhar para o lago.

— Sabe, Jen... Dar um nome para alguma coisa é como... É como dizer que ela existe.

Ela reforçou o olhar para ele, confusa.

— Mas o grupo *existe*.

— Para *nós*.

— Mas algo não precisa ter um nome para existir.

— Claro que não, é verdade. Mas como saber *o que* algo é sem um símbolo... Sem algo em que eu possa ancorar todo... Todo um conjunto de coisas e... E ser capaz de passar esse símbolo a você?

Jen pensava naquilo enquanto se perguntava se deveria externalizar mais dúvidas. No final, não quis interromper; ele parecia estar tendo uma oportunidade de finalmente dizer algo em que estava pensando há tempos.

— ... Enquanto algo não tem limites... Pode ser qualquer coisa. Se a nossa reunião tiver um nome... É como se reconheçêssemos o que ela *é*, e *pra quê* ela existe. Ela não tem *nome* porque queremos que seja a coisa mais *secreta* possível.

Jen sorriu. Richard sorriu de volta.

— Por que você entrou no grupo?

— Exército. Saí de lá porque Kinsley me ofereceu esse trabalho.

“Kinsley. Em todos os lugares. Fazendo tudo. Sabendo de tudo.”

— Então você não era especialista em nada?

— Não. Estudei bastante um punhado de coisas, mas gosto mesmo de lutar, sabe? Trabalhar com o meu corpo.

— Você não parece muito forte... — Disse ela, a sobrancelha levantada. Ele riu, fechando os olhos.

— Eu sou um cara que gosta de trabalhar com o corpo usando a cabeça. Gosto de estratégia. De tática. Sou esse tipo de pessoa, entende?

Jen fez que sim com a cabeça. Será que preferia ficar quieta por haver muito de tudo em sua cabeça?



Continuaram pelo caminho à margem do lago por outras duas horas, até que enfim a estrada virou à direita e a charrete se afastou cada vez mais, entrando em campinas cada vez mais ermas. Os limites daqueles terrenos enormes e sem dono eram as florestas Al-u-bu ao sul e ao oeste, para onde estavam indo, e a Cordilheira do Norte.

— Vamos entrar na floresta? — Perguntou ela, quase berrando para serem ouvidos em meio ao barulho dos yutsis.

— Vamos! — Respondeu Richard. — Vai demorar um pouco pra chegar! Quer dormir?

— Quero! Vou lá!

Jen entrou na parte coberta da charrete pela lona negra, acomodando-se, compactada, em um espaço com alguns cobertores. Não era tão ruim, pensou.

Quando acordou, os últimos raios de sol ainda brilhavam. O carro saquejava demais para ainda estarem na mesma estrada desimpedida. Ela tomou o lugar ao lado de Richard novamente, que não se assustou. Passavam agora por um caminho estreito ladeado por oliveiras grandes e robustas, com as folhas ouriçadas e crespas, e o cheiro era ainda mais agradável e doce que o indefinido aroma leve das campinas.

Logo estava completamente escuro, e Jen precisou pegar dois minérios amarelos e colocá-los em uma pequena cesta de vime trançado acima das cabeças dos viajantes. Chegaram a uma clareira, um grande círculo sem árvores que a estrada cruzava. Era o lugar feito para parar e dormir; um verdadeiro convite. Richard pôs a charrete em um lugar afastado do caminho central, pelo qual outras carroças poderiam passar rápido demais. Deixou a charrete perto da borda da clareira, e eles se arranjaram para comer alguma coisa.

— O que poderíamos caçar aqui se precisássemos de carne?

Richard riu.

— Você *realmente* gosta de carne, não?

— Não, é que... Eu sei que vamos ter que caçar enquanto estivermos viajando para ver os monstros.

— Com sorte não vamos ter que fazer nada. Vamos alugar um soldado que faça isso por nós.

Jen meneou a cabeça. Não seria uma má ideia.

— Da outra vez... Você estava me contando sobre as reuniões.

— Sim.

— E... O que foi que você ouviu lá?

— Uau... Seria muita coisa. Precisaríamos ir conversando a viagem inteira.

— Temos tempo agora. Não precisamos acordar cedo amanhã.

Os barulhos dos mais minúsculos umenau da floresta acompanharam um sorriso travesso por parte de Richard.

— Eu ouvi muita coisa. Principalmente de Kinsley...

Jen balançou a cabeça afirmativamente. Arranjou os óculos antes de começar a perguntar parte do que tinha ficado em sua cabeça.

— Ele alguma vez já chegou a dizer que a...

— ... Rede de luz nunca existiu? — Se antecipou Richard. Jen se limitou a confirmar. — Já, sim.

— Ele me parecia incerto quanto a isso naquela vez que eu fui à reunião...

— Ele não faz das pesquisas anteriores dele base para as próximas. — Explicou ele. — Todas partem do que já sabemos e descobrem coisas independentemente.

— E quando juntamos as partes... — Disse Jen, pensativa.

— A história dos homens, Jen — Disse Richard, descascando uma maçã — é a história da *diferença*.

— Que frase... Você acabou de inventar?

— Não, é do Kinsley. Ele fala muitas coisas, Jen, mas... Você vai encontrar isso no que quer que ele diga. É isso que move ele, entende? O que motiva as pesquisas dele. É o que eu sinto, pelo menos.

— Mas o que exatamente isso significa? Todo mundo é diferente.

— Mas há muito tempo agimos como se fôssemos iguais. — Explicou ele. — Claro que existem as desigualdades, mas a rede de luz é uma coisa que faz as pessoas acreditarem que *devem* ser iguais.

— Bem... — Jen sentia-se desconfortável. Empertigou-se no chão. — Não é um objetivo ruim...

— Ele é se você destruir as diferenças em nome dele.

— E quando é que fizeram isso?

— Convenção da modernidade. Você deve saber o que é. — Jen sabia que havia sido uma grande reunião em Ia-u-jambu, convocada em todas as cidades para decidir uma série de padrões que deveriam ser válidos para toda Heelum. Na época em que fora idealizada, cada cidade falava de um

jeito tão único que línguas praticamente diferentes estavam surgindo. — Se ela não tivesse existido, os homens falariam várias línguas.

— Mas qual é o problema? Nós falávamos uma língua antes. As diferenças estavam começando a atrapalhar, e...

— Atrapalhar *quem*? — Respondeu ele, sem nunca deixar de sorrir. — Nas cidades nunca houve tanta repressão. As pessoas não *queriam* falar de um jeito só. Cada cidade queria manter seu próprio jeito de falar, de escrever. Voltar a uma linguagem comum... *Criar* uma linguagem comum foi uma decisão dos chefes, imposta a todo mundo pela força.

— Mas isso foi muito depois de termos perdido a luz, Richard. Enquanto ela existia vivíamos em paz, na Cidade Arcaica...

— *Aí* está. Você *supõe* que a luz existiu, e isso vira explicação para tudo. — Ele deu mais uma mordida na maçã. — Mas como explicar a luz?

Foi como se Jen tivesse levado um soco no estômago, mas sem dor. O que sobrou foi o atordoamento; ela tentava processar o que ouvira, sem conseguir conectar os pontos direito. Havia os mistérios, é claro. Heelum estava cheio deles, mas... E se houvesse razão para acreditar que não houvesse mesmo uma rede de luz?

Talvez entendera, enfim, por que seria tão difícil ter aquelas reuniões em público.

— E esses... al-u-bu-u-na? Ficam aqui perto? É essa a floresta, não é?

— É essa a floresta sim, mas eles ficam mais pro norte.

— E eles, pro Kinsley? O que aconteceu com eles? Como se separaram da Cidade Arcaica e foram parar lá?

— *Sempre* estiveram lá.



Terminaram o jantar em relativa paz. O silêncio não era exatamente constrangedor, uma vez que nenhum deles esperava dizer ou ouvir coisa alguma. Estavam perdidos em seus próprios pensamentos — Jen, especialmente. Adormeceram dentro da charrete, com a abertura planejada por Richard para acordá-los em um momento oportuno pela manhã.

Jen levantou no meio da noite, surpreendida por um pesadelo que imediatamente esquecera. Desperta e de alguma forma decepcionada, fechou os olhos novamente, procurando voltar a dormir.

Não conseguiu. Ouviu um barulho do lado de fora; um barulho de grama pisada. Era lento, como se alguém estivesse avançando em direção a ela e a Richard devagar — como se tentasse ver quem ou o quê estava do lado de dentro, sem ser visto. Jen pensou que não foi nada, e voltou a se concentrar em dormir, se é que algo assim existia. Devia ser um animal.

Outro passo.

O medo surgiu com força, acelerando os sentidos de Jen. Ainda que suspensa em uma sombria incerteza, pensou que poderia lidar com aquilo sozinha; tirou o cobertor de cima dos minérios, que estavam perto dos próprios pés. Logo ouviu mais passos, que pareciam ficar cada vez mais distantes.

Jen avançou, confiante. Saiu da charrete empurrando a parte da tenda que cobria por fora a entrada. Pôs o minério à frente de si com o braço, olhou em volta e pôde distinguir uma figura *certamente* humana embrenhando-se na floresta.

— Richard. — Chamou ela, voltando para dentro da charrete. — Richard... Acorda...

— Oi... Oi. — Ele levantou-se, os olhos ainda semicerrados.

— Tem alguém lá fora.

— Hmm... Outro viajante?

— Não tem charrete e fugiu pra floresta.

Ele olhou para ela por alguns segundos, piscando. Ela devolvia um olhar quase apavorado para ele.

— Eu vou verificar.

— *Não*, não me deixa aqui sozinha!

— Então o que fazer? Ficar sem dormir esperando ele voltar?

— Podemos... Ir embora agora?

— Humpf... — Ele começou a rir, de lado. — Você tem... Alguma noção... De quão *chatos* os yutsis são quando acordam?

— Piores que você? — Tentou ela, levemente irritada pela resistência oferecida.

— Eu não fico mal. — Respondeu ele, de bom humor, saindo da charrete. Ela o seguiu, olhando para os lados. — Como ele era? Você viu?

— Só as costas. Vestia uma capa preta.

— Certo. Não podia ter sido um... Animal?

Jen quase não acreditou.

— Eu acho que poucos animais se parecem tanto com homens a ponto de usarem capas com capuzes, Richard.

Ele pensou naquilo.

— É. Isso é verdade. — Ele se abaixou e começou a mexer vagarosamente na cauda de um dos yutsis. — Eu vou acordá-los. Vai demorar uma hora. Pode ir dormir enquanto isso. — Vendo que ela não parecia satisfeita, tentou tranquilizá-la. — Eu vou ficar bem.

— Não, não é isso. É que uma hora é muito, não é?

— A alternativa é eles não obedecendo ao meu comando e dando de cara numa árvore. É, eles são *assim* imprestáveis depois de acordar. — Ela enfim aquietou-se, a contragosto. — Bom saber que você não se preocupa comigo, aliás.

Ela abriu a boca para falar algo, mas ele a interrompeu com uma risada. Ela foi enfim contagiada de vez pelo humor. O homem estranho parecia uma memória distante.

— Pode dar a espada para mim? Para o caso de ele voltar.

— Certo.

Ela lhe entregou a espada e voltou para dentro. Com a luz, a passagem de uma ou duas charretes e os passos do colega, que se assemelhavam aos da pessoa que vira antes, não conseguiu dormir. Talvez cochilar por alguns minutos, no máximo. Cerca de uma hora depois, como o prometido, ele entrou na charrete para acordá-la — apenas para descobrir que ela não havia dormido. Negando a oportunidade de continuar tentando, ela assumiu seu posto na charrete e os dois saíram da clareira, voltando a entrar na estrada.

— Tem certeza que este é o lado certo?

— Sim. Sei onde coloquei a charrete ontem. Ela não mudou de lugar.

Prosseguiram a viagem mais devagar para que pudessem conversar. Os assuntos triviais logo fizeram Jen deixar o homem da floresta no lugar de onde veio. Chegaram a uma intersecção de estradas, já fora da mata Al-ubu. Richard os levou para a direita.

Ainda era escuro; não podiam perceber com toda a clareza o lugar em que estavam. À esquerda as colinas amontoavam-se num tapete verde. Gramíneas e abetos pontilhavam a paisagem irregular, mas com curvas perfeitas como as que uma navalha abre no momento de um corte rápido, inesperado, cheio de raiva. À direita a floresta assomava, tão densa quanto antes, com folhagens que em muito transbordavam os troncos finos das nogueiras amareladas e das mangueiras pálidas. Jen e Richard continuavam conversando, enrolados em cobertores, parando para se concentrar na estrada apenas quando precisavam virar mais à direita, dando passagem mais larga a quem vinha na direção contrária.

— Então você não acha que os monstros sejam tudo isso que dizem?

— Isso eu não sei, Richard. — Admitiu ela.

— Como é a história dos furturos?

— Foi na Segunda Guerra Moderna. — Começou ela, não sabendo se ainda lembrava-se de todos os nomes. — O governador era... Fennvir, de Al-u-tengo. Governadores são magos muito poderosos. Mais que os magos comuns. Ele se tornou o mestre da cidade, mas, diferente do Mosves, ele não queria dominar o resto de Heelum.

— Mosves foi o primeiro governador. — Confirmou ele.

— Sim. Mesmo assim foi considerado uma ameaça, e a guerra progrediu como sempre. Não sei dos detalhes, mas sei que no fim ele estava cercado por todos os lados, mas continuava de algum modo... *Forçando* os habitantes a continuar lutando, de alguma maneira.

— E aí eles viraram os furturos.

— Foram transformados, sim. Se tornaram algo que não era mais humano.

— E como dizem que são os furturos?

— Traíçoeiros, basicamente. — Respondeu ela, com um leve dar de ombros — Que vivem em grupos com hierarquias rígidas, mas que são sempre desrespeitadas.

— É... Não parecem gente boa.

— Não parecem nem gente, essa é a questão...

— Fisicamente, como eles são?

— Consegue imaginar macacos sem pelos?

— De pele rosada?

— Mais avermelhada. São mais ou menos isso.

O sol começou a nascer, pintando de amarelo e laranja as copas da floresta. Depois de um tempo os raios começaram a incidir diretamente sobre eles, que largaram os cobertores em favor do calor original. Agora viam a magnífica paisagem, mas fizeram o contrário do que se espera de quem as observa: decidiram ir mais rápido.

Chegaram logo a um ponto em que comer tornou-se imprescindível. Alimentaram-se rapidamente, sem delongas ou cerimônias. O sol já brilhava forte no céu de poucas nuvens quando partiram de novo. Deveriam estar com sono; acordaram muito cedo, dormiram pouco e a estrada era de traçado reto e monótono — como a maioria das rotas em Heelum. Estavam, contudo, bem dispostos; em duas horas chegaram ao ponto em que a floresta começava a subir colinas, encontrando-se mais adiante com a Cordilheira do Norte: montanhas enormes, rodeada por morros que a estrada cortava, agora subindo e descendo junto a eles.

Ficaram por algum tempo debaixo da sombra das montanhas, e então viram o sol novamente quando começaram a passar por campos parecidos com aqueles vistos quando deixaram Ia-u-jambu. Richard falava um pouco sobre aquelas planícies; dizia que ali podiam encontrar árvores cheias de flores e frutos — na época certa; durante o inasi-u-sana o mundo simplesmente não era tão bonito. Algumas árvores estavam, inclusive, completamente sem folhas, nuas em toda sua complexidade arterial.

Chegaram às primeiros jirs atravessando o meio-dia. Eram casas pequenas, parecidas com as de Ia-u-jambu, mas sem muita variedade: amarelas, fazendo uso intensivo de madeira, parecendo bastante apertadas para uma família. As pessoas que trabalhavam nas plantações e fazendas de minérios (viram duas fazendas do tipo já no começo da cidade) usavam gorros de goma escura que tapavam as orelhas, indo até o começo das costas.

— Por que eles usam esses gorros? — Perguntou Jen.

— Não sei. Tradição da cidade.

Outras charretes saíam da cidade, carregadas de produtos como roupas, minérios e armas. Os comerciantes, também usando os gorros, saudavam alegremente os viajantes. Jen sentia-se estranhamente bem-vinda. Não esperava se sentir daquela forma.

No começo as jirs eram espaçadas, mas quanto mais avançavam mais delas conseguiam ver. Viram então o centro da cidade: uma combinação confusa de prédios de dois e três andares, casas, tendas e gente. As construções tinham um aspecto de permanente provisoriidade, como se nunca ficassem prontas de fato. Uma tinha uma parede pintada pela metade; outra, janelas encostadas à parede externa, no chão, como se alguém logo logo fosse colocá-las. A regra era a incompletude; a exceção, as belas mansões que só podiam ser vistas por quem estivesse no centro, escondidas em um mar de reformismo perene.

Richard avisou que não poderiam prosseguir de charrete na cidade. Nenhuma charrete podia; havia muita gente nas ruas estreitas, e com todos os sons e todos os cheiros os yutsis poderiam se assustar e causar prejuízos de todo tipo.

Escolheram um hotel em uma área ainda não muito densamente ocupada; era tematicamente amarelo, com todas as paredes e decorações na cor, excetuando o eventual laranja e o vermelho que ajudam a dinamizar o ambiente. Enquanto o homem foi guardar o transporte e os animais, Jen foi até a sala de reservas para escolher um quarto. Reservou um com duas camas de solteiro, descobrindo logo depois o que mais isso significava: um armário simples, um banheiro anexo (tão ou mais simplista), nenhum sinal de água. Assumiram que podiam pedir por ela quando precisassem, mas de qualquer forma haviam trazido o próprio reservatório na charrete.

Jen olhou para fora da janela. A cidade movia-se de sua maneira habitual, embora para ela aquilo parecia uma algazarra: tantas pessoas, tanta energia; tantas coisas a fazer, tantas coisas a lembrar e lugares para se estar. . .

Ela não pôde deixar de perceber que não apenas os trabalhadores rurais e comerciantes-viajantes usavam os gorros. Todos o faziam, embora na cidade a variância artística fosse imensa. Alguns pintavam-no de uma ou várias cores, com ou sem padrões ou figuras; outros colavam coisas nele, como papeis ou mesmo cascas de frutas. Jen não vira uma pessoa sequer sem o gorro impermeável.

— Aqui estamos. — Anunciou Richard, saindo do banheiro. — Como se sente?

— Bem. Nossa aventura mal começou e já fomos quase assaltados por um estranho em uma floresta que devia estar vazia. . .

— É. — Ela não conseguia adivinhar qual era a opinião dele a respeito do incidente. — Fiquei um pouco cansado. Meu braço dói um pouco. Hoje

temos que dormir mais para compensar...

— Sim. Amanhã chegamos a Al-u-tengo?

— Sim. Chegamos amanhã à noite.

Jen suspirou ao voltar-se para os moradores de Enr-u-jir e seus gorros.

Parte III

Disfarces e Mentiras

Capítulo 22

As sutilezas do interesse

Na sala de jantar da casa na colina mais alta da cidade, Byron e Gisell jantavam um verdadeiro banquete. Ela, acostumada aos hábitos finos da corte de Den-u-tenbergo, comia pouco e regularmente agradecia a hospitalidade do mago.

— Eu que fico muito feliz em tê-la conosco, cara Gisell. — Dizia ele, em retorno. — Confesso que estou curioso. Como vocês, magos, agem em Den-u-tenbergo?

— Há gerações que lideramos o povo. — Respondeu ela, com um notável orgulho na voz. — Nossa cidade é produtiva como nenhuma outra, e temos orgulho de pertencer a uma grande família.

— Este é certamente um belo discurso. — Replicou ele, sorrindo. — Gostaria que pudéssemos sentir desta forma por aqui.

— Tenho certeza de que não é por acaso que conseguimos isto. Nosso esforço estende-se através das eras de Heelum!

— Infelizmente esta cidade ainda guarda rancores de um de nossos magos.

— Compreendo. Não omitirei nada, Byron. Devo confessar que às vezes temos pulso forte ao cuidar do nosso lugar.

— Mas é *necessário*, minha cara. — Concordou ele, compreensivo. — Tão necessário como a união daqueles preocupados com o bem-estar dos povos.

— Ora, Byron, rodeios são lisonjeiros, mas não ligeiros; é o que se diz em minha cidade. Sei que agora você já mudou de assunto completamente!

— Se a senhora não se importa... Já acabou seu jantar?

— Sim. Estava estupendo. Muito obrigada.

Byron fez um sinal com a mão esquerda e dois empregados encostados à parede começaram a retirar os pratos, os talheres, os copos e as travessas. Ele estava sentado em uma ponta da mesa de oito lugares, com ela na outra.

— Não é perigoso deixar que os empregados ouçam à conversa? — perguntou Gisell, desconfiada.

Byron sorriu, divertindo-se com a pergunta.

— Eles são fiéis o bastante. Agora, vejamos se temos em mente ainda o mesmo acordo. — Ele se arranjou na cadeira, com a postura mais reta, e juntou as duas mãos sobre a mesa. — Prima-u-jir possui muitos produtores de laranjas e de pêssegos. Muitos desses produtores estão dispostos a vendê-los para Den-u-tenbergo, eu mesmo inclusive, a um preço *módico*.

— Que os comerciantes de lá podem cobrir para o povo. Não temos um solo muito bom lá, Byron, e nossa experiência nos ensinou *muito* bem a aproveitar o pouco que temos.

— E o pouco que têm muito nos interessa, Gisell, pois vocês têm *minérios*.

— Não podemos trocar um minério por laranja, é claro. — Disse Gisell, com um sorriso transversal no rosto. — Mas mesmo a uma taxa diferente, a troca será conveniente para as *duas* cidades.

Byron reclinou-se.

— O acordo tratará de diminuir os preços de venda, mas não cobrirá o preço do *transporte*. Basta sermos *nós* a fazer isso e ganharemos na transação.

Gisell balançava a cabeça, em um movimento quase imperceptível de tão pequeno.

— Como funcionará a aprovação disto em Prima-u-jir, Byron? Isto você ainda não disse.

— Não tão simples e direta como em Den-u-tenbergo. — Disse ele, com um ar de preocupação. — Aqui temos um mestre e nove parlamentares. Eu trouxe você porque amanhã teremos a última rodada de argumentos, que é como chamamos as discussões antes de votar em uma lei ou um acordo como este. E *ainda* enfrentamos resistência, minha cara...

— Se me apontar um que não seja mago e possa ser favorável sem suspeitas, posso atacá-lo. — Ofereceu ela.

— Posso precisar deste tipo de ajuda... — Respondeu ele, surpreso com o quão direta ela podia ser. — Mas estou falando de um tipo de apoio mais... Explícito.



Caterina,

Por favor ajuda. A gente falou com o Rafaello, o menino bonito pro sul das colinas. Na ribeira do Prima. Ele disse pra gente mandar uma carta. Disse que você podia ajudar.

A situação aqui no sul tá ruim, porque nossas plantações vivem roubadas. A gente tem uma terrinha, dona Caterina, que cai pro sul das colinas também, mas é pro leste do Prima. É uma

*terrinha pequena que a gente tem laranja e uns pés de minério
que meu avô deixou pra mim. São...*

Caterina lia na sala de estar. Tinha as pernas cruzadas em uma avultada poltrona azul-marinho. Tirou da frente dos olhos cor-de-terra uma porção da franja, nas quais fez voltas com os dedos. Seu rosto compenetrado relaxou com a curiosa constatação de que a próxima frase havia sido riscada, borrada com tinta depois da metade do que parecia ser a palavra “São”. O papel não estava nas melhores condições, mas era possível ler com clareza a tinta azul, beirando o negro na concentração dos borrões ocasionais.

Ela sabia de onde vinha aquela carta. Conhecia aquela família, aquela jir constantemente depredado pelos donos do terreno vizinho. Estes quiseram comprar aquelas terras há algum tempo, mas as famílias foram irredutíveis. Não podiam levar as árvores de minério juntas — que eram poucas, mas tinham um significado particular para eles.

Fechou o livro, uma pesada peça original de Den-u-pra, trancando a súplica amassada ali. Ia juntar as mãos, mas mudou de ideia e levou a esquerda ao curto cabelo castanho mais uma vez. Suspirou sem respirar, só com pesar, estudando com cuidado o que poderia fazer por aquela gentil senhora que mal sabia escrever; alguém deveria tê-la ajudado com a carta.

Caterina morava sozinha em uma casa pequena na esquina das duas mais largas ruas de Prima-u-jir; uma das primeiras a ser construída naquilo que era ainda um vilarejo, e ponto de ligação entre um teatro e uma casa muito maior. O casebre de um andar e meio — um andar e um baixo sótão — no entanto, era tudo de que precisava. Nascida de uma família pobre e rural, interessou-se desde cedo pelos problemas da cidade e pela política. Não foi acolhida pelos magos, e hoje bendizia sua então falta de sorte: encontrou os alorfos em Kerlz-u-een e recebeu a educação que queria. Passou a morar sozinha e a defender o que achava certo por dentro do parlamento. Tinha alguns colegas, mas no geral precisava se esquivar sozinha pelos jogos sujos que aprendeu a identificar e a odiar; não sabia em quem podia depositar confiança, e quem tinha tantas armas para lutar quanto ela.

Passara dos quarenta rosanos naquela condição, e era assim que queria permanecer. Era jovem ainda, mas sua resolução vinha de um sentimento único e inalienável: nascera para aquilo.

Alguém bateu à porta. Desfazendo o enlace das pernas exíguas, levantou-se da poltrona e foi atender a porta, já surpresa com o homem por detrás dela.

— Byron. — Disse ela, de prontidão. Viu o castelo do visitante próximo ao dela, mas sem sinais de sua alma. Verificou as portas do próprio castelo, para ver se estavam de fato trancadas.

— Boa noite, Caterina. — Disse ele, sorridente. — Posso entrar?

— ... Fique à vontade! — Respondeu ela, abrindo caminho.

Byron deu alguns passos retos e logo voltou-se para ela, esperando a anfitriã fechar a porta. A sala era realmente minúscula, com espaço para duas frias poltronas em cima de um pequeno tapete quente. Um minério amarelo estava pendurado com uma tira de couro de Bufão na parede, amplificando o tom rústico do lugar que, embora reforçado estruturalmente com corvônia, fora decorado por dentro com placas de morena madeira.

— Bem, Caterina, não quero tomar muito de seu tempo.

— Tudo bem. De que se trata?

— Sabe que amanhã teremos uma votação importante.

— É claro. Tanto que ainda não sei qual é o benefício que teremos nessa troca.

— Conheço sua opinião. Também conheço sua atuação.

— Como? — Perguntou ela, sem saber se havia ouvido corretamente.

— Sei que você é uma alorfa.

— O quê? — Ela tentou não dar importância à declaração, nem destaque à sua surpresa. Sempre precisava calcular bem sua reação. — Isso é *ridículo*.

— Escute *bem*. — Disse ele, aproximando-se com passos mínimos. — Até agora tenho suportado suas artimanhas. Amanhã você estará conosco. *Votará* conosco.

— Como *ousa* me ameaçar desta forma na *minha própria casa*? — Os nervos estavam à flor da pele; ela se dividia entre ele e seu castelo, esperando por um ataque que não viria.

— Você sabe o que significa uma denúncia minha. Esta é a sua chance. Vote conosco ou é o seu fim.

— Saia da minha casa. — Ela apontou para a porta, decidida.

Ele a observou por alguns segundos, já sem sorrisos, e foi embora sem olhar para trás.

É claro que era uma questão de tempo até que descobrisse. Precisou de amigos da região para ocultar seu castelo durante reuniões e votações — evitando ataques, especialmente de espólicós — e em uma dessas ocasiões ele deve ter percebido sua ausência em Neborum.

Ela se via obrigada a jogar um jogo perigoso.

Capítulo 23

Argumentos

O parlamento de Prima-u-jir não era, quanto a qualquer aspecto arquitetônico, um prédio notável. De um amarelo esparramado, como tantos outros, misturava-se, com a sutileza de um yutsi jogando-se ao mar, ao cinza bruto dos pedregulhos das ruas do centro. Tinha dois andares e dimensões modestas que não impediam a controvérsia; alguns consideravam, com polida crítica, um exagero a alocação de um quarteirão inteiro para um prédio com aqueles requerimentos. O argumento ganhava força ao se notar que o espaço mais relevante era a sala de reuniões, de frente para os fundos do edifício, onde aconteciam as deliberações de rotina. O resto das salas variava entre banheiros, pequenas estantes-arquivo e salas particulares.

Duas fileiras de cadeiras estavam dispostas ao longo da larga mesa da sala de reuniões, mobília mais suntuosa que o prédio todo junto. No lado da mesa voltado para as janelas, bem ao centro, sentava Frederico. Tão velho quanto Byron, tinha olhos enevoados que pendiam, inescrutáveis, em direção à eriçada barba negra.

À esquerda do mestre estava Caterina, tratando de controlar suas mãos; primeiro a direita, e então a esquerda. Verônica sentava-se logo ao lado, uma ruiva de cabelos curtos e feições horizontais que olhava para a mesa sem demonstrar nenhuma emoção em particular. Vestia um casaco amarelo de lã típico do leste. Mais à esquerda ficavam Alessandro, postura reta, estatura média e lábios contraídos, e Leonardo, forte e careca. Havia pertencido ao exército de Prima-u-jir, e lá tinha desenvolvido o vício de bater os punhos contra madeira. Ele gostava do jeito particular com que sua pulsação parecia se avivar e, mais fria, se assustar com a incomum interação de que participava.

À direita de Frederico estavam aqueles abertamente a favor do projeto em razão do qual se reuniram para discutir. Byron, na posição mais longínqua da mesa, sentava-se ao lado de Gisell. Luca, de pernas cruzadas, parecia relutante em voltar-se para o lado de dentro. Vestia um casaco longo de pele de ronco, cheio de vincos inflexíveis. Marco posicionava-se ao lado, em uma expansiva posição de debate e reflexão. Olhava para todos os lados, e embora tivesse um semblante calmo, sentia-se profundamente irritado com

a chuva que caía jocosa lá fora. Ângela e Alice, completos opostos físicos, seguiam-se ao grupo. Esta, com um rosto macilento; aquela, cheia dos pés ao rosto bochechudo, passando pela batata das pernas, coxas e barriga. Do lado de fora da sala estava Tornero, sentado com a cabeça para baixo e as mãos na nuca.

Gisell levantou-se, incomodada com os gestos pouco sutis que seu corpo precisava fazer para deslocar-se na sala. Sentou-se, enfim, em frente ao mestre da cidade, que a observou com idosa impaciência.

— Caros parlamentares de Prima-u-jir. — Começou ela.

Em Neborum, Caterina tinha os olhos vidrados na porta; esperava, desconfortável e torta, pelo momento certo de agir. Nos outros castelos os magos observavam, apreensivos, o círculo de edifícios que se formara em uma campina grande e deserta. Ali não chovia, embora as nuvens escuras borbulhassem para baixo, galopando sem sair do lugar. O castelo de Tornero estava mais longe, fora do círculo, mas seu iauomo estava ao lado de Byron, no topo de uma alta torre no castelo de seu mestre.

— Devo dizer que me sinto honrada em representar Den-u-tenbergo nesta assembleia. — Continuava Gisell, dirigindo o olhar férreo a todos os presentes. — Há semanas vocês vêm discutindo o projeto. Ele foi aprovado em minha cidade. Lá, todos ficaram muito felizes com os óbvios benefícios desta troca. Garantiremos uma maior diversidade de alimentos, e vocês garantirão o progresso através de mais amplo acesso a minérios de toda sorte. Não vejo por que não assumir este compromisso que visa o benefício dos povos de Prima-u-jir e Den-u-tenbergo. Sem mais, espero pelo melhor resultado possível saindo desta escolha de hoje.

Ela se levantou novamente, sem delongas. Verônica e Caterina digeriam, em silêncio por razões diferentes, aquelas palavras; Leandro e Alessandro cochicharam. Byron sorriu de leve, tentando não parecer tão confiante, enquanto Marco observava os movimentos esguios de Gisell. Frederico pigarreou e, sentindo que falar não era necessário, fez um sinal com os dedos para Alessandro, que logo ocupou o indistinto lugar de discurso.

Já tradicional no meio político, Alessandro herdara de seus pais a carreira, mas não o conhecimento mágico. Quando eles faleceram, vítimas de uma estranhamente forte epidemia de doenças da noite, passou a viver entre parentes não-magos. Cresceu para tornar-se um político que irritava grande parte da bancada de parlamentares, fazendo crescer uma afinidade com Caterina — ainda que ela não ousasse confessar-se maga a ninguém, nem mesmo a ele.

Alessandro sentou-se, mecânico, e começou um discurso em tom cortante e seco.

— Esse pacto entre as cidades traz benefícios *pífios* à população. É um acordo entre *ricos* e para *ricos*.

Voltando-se para o céu que via através das janelas altas do próprio castelo, Caterina ajoelhou-se. Fechou os olhos e abaixou a cabeça; quando voltou a abri-los, estavam cinzentos. As nuvens começaram a se dissipar, revelando mais acima delas um céu negro, sem estrelas.

Os magos passaram a olhar para o espetáculo com curiosidade, embora Byron estivesse alerta, preocupado. Marco olhou para as janelas do parlamento, distraído do discurso, para ver se a chuva havia parado.

— Existem dois argumentos principais. Em primeiro lugar, que temos laranjas de sobra. Depois, que temos minérios faltando.

A luz que vinha dos castelos começava a ser abafada pela escuridão que descia à terra, como uma densa neblina negra sugasse pouco a pouco toda luminosidade. Em alguns segundos apenas, surpreendentemente, o lugar estava escuro como breu.

— Tornero! — Conclamou Byron.

O discípulo bomin saltou da torre e caiu agachado no chão vários andares abaixo. Sem dores nas articulações, pôs-se logo de pé e começou a correr, percorrendo a borda interna do círculo de castelos. Ficou mais e mais veloz; o que via transformava-se em um borrão quase sem sentido.

Suas mãos começaram a queimar. No início um fogo suave e superficial alastrou-se timidamente pelos membros superiores, mas logo ele parecia carregar duas gigantescas tochas incandescentes nos braços. Curvou-se para baixo enquanto corria, e o fogo encostou-se à grama. Um incêndio circular alastrou-se pelo campo, iluminando as imediações. A névoa foi recuando para o alto, dissipando-se como um vapor acuado. Tão rápido quanto descera, subiu.

— O primeiro argumento é uma mentira, como procurei mostrar. Nossas laranjas são bem aproveitadas. O que temos é *potencial*. — Leonardo e Verônica balançavam a cabeça, compenetrados. Ângela e Luca os observavam com gélida condenação. — O que não *precisamos* é os trabalhadores sendo mais explorados, sendo pagos *a menos* pelas laranjas que colherem. Ou alguém aqui é *ingênuo* de acreditar que novos trabalhadores serão contratados?

Tornero voltou num pulo confiante para o lado de Byron. Ambos observaram, com a respiração suspensa, o campo iluminado.

O tempo em que nada enxergaram foi suficiente para que Caterina vestisse uma capa negra e chegasse a um castelo com grossas divisões entre os tijolos pretos de sua superfície. Piras com tochas roxas iluminavam as paredes externas de um bloco de cerca de três andares, dentro do qual saíam três torres alinhadas, também negras, com no mínimo o dobro da altura da base do castelo.

As trancas abriram-se para ela, que entrou o mais rápido que pôde. A porta se fechou com um estampido forte e ela se virou, sem saber como

encontrar o que procurava.

Foi simples. Alice estava ali, no meio de um salão espaçoso cheio de arcos trilobados, descansando pernas e antebraços em uma velha e desbotada poltrona verde-escura.

Lançou um olhar curioso à frente. Parecia ofensiva ao chacoalhar de leve seu cabelo negro e espesso, mexendo os finos dedos como se quisesse mexer os fios do destino da inusitada convidada.

— Agora sei com certeza que você é uma *alorfa*. — Seus olhos se estreitavam, acompanhando uma traíçoeira inspiração.

— Já que você está falando comigo *aqui* — replicou Caterina, tirando a capa com displicência, que se desfez no ar — também sei que é uma maga. *Você* deve ser uma *alorfa*.

— Eu não *faço* o que você *faz*! — Sibilou Alice, irritada. — Como *ousa* ser tão...

— Como é aquela antiga canção mesmo? — Interrompeu ela, fingindo dificuldade em lembrar da letra. — Ah, claro...

*Tão logo o yutsi vermelho
Ponha roupa de homem
Veja, veja, ali no meio
Toda gente some!*

— O que você quer?

— Garantir a justiça.

— Humpf... — Desdenhou Alice, desviando o rosto por um instante. — Nós vamos vencer. Vamos aprovar esse projeto. Isso não tem *nada* a ver com justiça.

— Eu sei que vamos aprovar o projeto. — Alice condenou, com fogo nas entranhas, o uso da primeira pessoa do plural. Depois achou-o fatalmente curioso. — Estou falando de justiça com *você*, Alice.

— E quanto ao segundo? — Continuou Alessandro. Alice desviou o olhar. Caterina continuava alheia. — Sejamos francos. Minérios mais baratos não significam *nada* se ainda são caros. Minérios são *caros*. Nosso povo não tem condições de comprá-los.

— Justiça *comigo*? — Questionou Alice.

— É claro. Achei *injusto* quando soube que Byron não incluiu nenhum de vocês no plano dele.

— Não. — Disse Alice. — Você não vai conseguir *nada* do que quer.

— Me diga, Alice, por que é que Byron cuidou de tudo tão pessoalmente nesse caso? — Com mais um gesto, sem tirar os olhos da anfitriã, Caterina fez surgir um sofá marrom ainda mais sujo que o de Alice. Sentou-se e, sentindo a distância entre as duas diminuir, prosseguiu. — Por que vocês

nunca falaram diretamente com Gisell? Como é que ele pretendia dividir o lucro do transporte com vocês?

Alice silenciou, tentando decifrar Caterina.

— Como é?

— Eu estou com Byron, Alice. Ele não conseguiria aprovar essa votação se eu não cuidasse de distrair os meus colegas da questão que *realmente* importa.

— É tudo o que tenho a dizer. — Alessandro terminava seu argumento.

— Problemas novos demais que solucionam problemas imaginários. Primeira vez não precisa disso, mestre Frederico. — Deixou a cadeira para trás.

A mesa caiu em um silêncio desconfortável. Frederico pediu, baixinho, para que um assessor preparasse o sorteio da votação.

— Byron precisa de mim para saber o que meus colegas sabem. — Argumentou Caterina. — Eles tentam mudar a cabeça de Frederico, e a esperança deles é conseguir outra rodada de discussões.

— É o que vai acontecer... — Respondeu Alice, distante. — Cinco votos contra quatro garantem outra sessão...

— Mas se eu votar a decisão é de Frederico. E sabemos o que vai acontecer.

Alice olhava agora diretamente para ela. Seus olhos quase chamuscavam, mergulhados em um sentimento novo e irreverente, mas seu olhar parecia atravessar Caterina.

— Byron sempre disse que o transporte era um detalhe sem importância...

— Alice, *acorde!* Obrigados por um acordo entre as cidades, os fazendeiros aceitarão *qualquer* preço. É *daí* que vai sair o nosso ganho.

— Se você estiver mesmo metida nisso... — Ameaçava Alice, as palavras transbordando os lábios finos.

— Só vim avisá-la porque não acho justo. Pressione Byron. Ele deve lhes dar, a *todos* vocês, o que é de vocês por *direito* depois que esse acordo for aprovado.

As duas continuaram de frente uma para a outra por alguns momentos. Caterina sorriu, mais tranquila. Olhou para a porta e no momento seguinte não estava mais ali.

A Frederico foram entregues nove pedaços quadrados de papel numerados. Uma vez amassados, escolheu aleatoriamente um deles.

— Byron. Seu voto.

— Sou a favor. — Disse ele, sem sorrisos.

Em Neborum ele ralhava, baixinho, observando com um cuidado paranoico o gramado arrasado. O fogo já ia embora, morrendo aos poucos, mas ele ainda não vira sinal de movimentação fora dos castelos.

— Verônica.

— Sou contra. — Respondeu ela, ativa, olhando com um orgulhoso ar de vitória para Frederico como se os dois fossem os únicos na sala.

Caterina tinha os olhos blindados por um espelho d'água, brigando para se manter fria e indiferente. Logo isso seria mais difícil.

— Luca.

— A favor.

— Ângela.

— Sou a favor.

— Alessandro.

— Contra.

Frederico escolheu mais um papel.

— Caterina. — anunciou Frederico.

— A favor.

Alice arqueou as sobrancelhas. Byron sorria, mas não deixou de se preocupar; Tornero percorria o perímetro, olhando na parte de trás dos castelos. Alice voltou os olhos para Alessandro e Leonardo, que compartilhavam terror e raiva com olhares desesperados. Verônica parecia ainda mais chocada.

— Marco.

— A favor. — Disse ele, alternando olhares entre um e outro lado da mesa.

Cinco votos a favor e dois contrários.

— Alice.

— Contra.

Todos passaram a olhar para ela, como se sua escolha fosse ainda mais controversa que a de Caterina. Byron seguiu a direção das atenções por um instante, devastado de raiva. Percebeu logo o que tinha que fazer.

Ele e Tornero desceram a torre e correram por entre as chamas do gramado até o castelo oposto ao de Byron; logo viram de relance que Gisell os acompanhava, correndo ao lado.

— Leonardo. — chamou Frederico. — Seu voto.

Byron, ainda correndo, ergueu a mão aberta em direção aos portões do pequeno castelo. O cadeado explodiu. Tornero e Gisell pararam um pouco antes disso e, ajoelhados com as duas mãos no solo, abriam com tremores de terra um rasgo cada vez maior no chão. Byron atravessou a linha que lentamente separava o castelo de Leonardo dos outros; levantou o braço uma vez mais e a tranca cedeu. Uma lufada de vento escancarou a porta.

Gisell e Tornero levantaram-se e um terremoto de grande escala começou a balançar as estruturas daquele novo pedaço de terra que flutuava, cada vez mais distante, apartado deles mesmos por um literal abismo.

— Eu... — Disse o político, interrompendo a frase.

Leonardo sentiu-se zozzo e imediatamente caiu para frente, apoiando as palmas das duas mãos na mesa. Começou a tossir e a piscar os olhos compulsivamente, arqueando-se para a frente com traços de pânico na mandíbula trêmula

— Ah, não, não, MALDITOS! — Berrou Alessandro, levantando-se e tentando controlar o colega. Caterina olhava para o lado, entendendo o que havia de errado. Engoliu a angústia e permaneceu sentada. Captou um sutil aceno de Alice do outro lado da sala. — *PAREM!*

— Ale... Ale... — Leonardo voltava sua cabeça para o lado; passava por uma crise de falta de ar, e segurava com desespero inútil a borda da mesa. A outra mão puxava com força o tecido da capa carmim de Alessandro.

Byron entrou no pequeno pátio interno do castelo. Não tinha problemas para se manter constante, ainda que um terremoto atacasse o prédio com violência. Parou na estreita passagem entre dois pilares de pedra, e rapidamente se esgueirou para o lado. Bateu com as costas em uma das paredes e olhou, assustado, para o objeto que por pouco não o cortara: uma faca. Viu Marco, flutuando no meio de toda a bagunça. Conseguiu distinguir seu olhar severo e o movimento de seus lábios, que formava um grande, lento e claro “NÃO”.

— Água... Água... Um... — Leonardo tentava falar, choroso, virando-se para a esquerda e quase caindo de onde estava.

— Creio que ele não está em condições de *continuar*, Frederico! — Disse Byron, levantando-se com rispidez.

No subterrâneo azul mal-iluminado de um dos castelos, Alice procurava por algo em uma sala preenchida por várias colunas equidistantes. Ao brevemente deslizar a mão sobre um pilar, sorriu.

— *Frederico!* — Insistiu Byron. Marcos levantou, interpondo-se entre ele e Frederico.

Com um suave empurrão a coluna caiu para trás, derrubando todas as outras na mesma linha em um levantar monumental de poeira e pedra.

— *Não!* — Bradou o chefe político. Aquilo estava passando dos limites; era preciso respeitar uma cerimônia como aquela. — Não adiaremos *nada*, Byron.

Leonardo arfava, mergulhado no próprio suor com os olhos saltando às órbitas. Parecia mais controlado quando se abandonou de volta à cadeira.

— Leonardo, qual...

— *Contra!* — Disse ele, enfim conseguindo se concentrar. — *Contra...*

De Novo-u-joss a Dun-u-dengo

Os quatro músicos da banda Buscando deixavam Novo-u-joss às oito horas em ponto da manhã do vigésimo-nono dia de inasi-u-sana. Subiram algumas colinas, passando por outras jirs mais ao norte, e logo chegaram a uma extensa ponte de corvônia por sobre o rio da cidade. Aquele era o Rio Pudro, cuja nascente ficava na montanha Umejinsel, contornada pela estrada para o oeste.

Beneditt carregava um conjunto mínimo da bateria, o que já era peso o suficiente para ele. Leila carregava as duas guitarras; a dela e a de Leo. Este, por sua vez, carregava a mala com frutas, verduras e pães compridos, quase roscas de tão secos. Fjor levava seu baixo e uma pequena mala com roupas. Recebiam cumprimentos alegres de trabalhadores das jirs por onde passavam, já que alguns os reconheciam como músicos. Sentiam-se curiosamente apreciados, invadidos por boas sensações de justiça e autoestima.

Com uma decisão de partir tão rápida, motivada por incidentes tão repentinos, eles não sabiam muito o que ou como pensar agora que estavam indo — a despeito de todas as discussões. Não sabiam que tipo de público os esperava em Jinsel. A esperança variava entre eles.

— Vamos passar pela floresta Inasi. — Observou Fjor, olhando no mapa.

— O que ela tem a ver com Inasi-u-een? — Perguntou Beneditt.

— Logo vamos encontrar um rio. — Respondeu Fjor. — o rio Inasi. Nele a estrada se bifurca. Se formos para o norte vamos acabar em Inasi-u-een.

O logo de Fjor demorou a chegar. Depois de horas de paisagens semelhantes e pessoas cada vez menos cortesões, o desjejum parecia ter minguido completamente no estômago, e o entusiasmo de aguentar aquele ritmo de caminhada por dias a fio diminuiu consideravelmente.

— Não está na hora de comer? — Perguntou Leo, tentando não parecer muito cansado.

— É melhor a gente comer quando chegar na floresta. — Argumentou Fjor.

Ainda que os cedros e pinheiros comesçassem a ficar cada vez mais presentes, campos ermos mais limpos desenrolavam como tapete o mundo ao norte e ao leste. O caminho que até agora percorreram fizera a volta na

montanha Umejinsel, da qual começavam a ver a face norte, mais recortada que a oriental. Passadas as duas horas da tarde apenas chegaram ao que parecia ser o início da floresta de fato. Havia uma pequena clareira no ponto em que a estrada abria caminho por entre as coníferas, com folhas de um verde escuro, porém pálido. Compartilharam algumas frutas, sentados em um círculo, incertos sobre o quanto deveriam comer. Preferiram poupar o que tinham, comendo pouco.

— E então, Beni — chamou Leo. — como foi ontem à noite?

— Hmm... Bem. Meu pai não estava em casa... Mas falar com a mãe foi bom.

— Isso é bom. — Disse Leila, balançando positivamente a cabeça.

E a conversa terminou. Depois de planejar a viagem no dia anterior, entregaram-se ao palco de memórias da noite. Nenhum deles foi capaz de olhar para o futuro, na distância confortável e ameaçadora em que ele estava, sem tropeçar em um passado de peças incompletas. A mãe de Leo e Fjor fora embora há tempos — assim como o pai, que foi primeiro. A mãe de Leila também foi, mas sabia-se que já não estava mais em Heelum. Não retornaria mais, *nunca* mais. O pai, viúvo, vivia em Rirn-u-jir cuidando de uma família que tinha entre os membros mais doentes que sãos. Há algum tempo não se viam, pai e filha.

Beneditt, no entanto, tinha os dois pais vivos. A mãe, Serena, era uma atriz. Ficava em casa a tempos comparáveis aos do pai. Beneditt não sabia se deveria sentir alívio ou inveja ao olhar para os amigos. Sentia-se culpado por pensar daquele jeito, mas sempre que o fazia sorria com uma rápida expiração pelo nariz, abaixando os olhos para as mãos, como num cacoete; lembrava da imagem difusa da mãe levando pela mão um menino como ele. Com um cabelo como o dele, com uma roupa como a dele, caramelo, densa, de mangas e pernas longas. Ele resistia, começando a espernear. Serena, com uma expressão de profundo incômodo, lançou-lhe um intenso olhar verde, e as pupilas logo dilataram-se no reconhecimento de um erro. Depois o par de olhos que Beneditt herdara, mais calmos, voltam-se para o ponto de vista, e a farra musical da festa de torn-u-sana some numa nota que ecoa, polêmica, mais alto que o resto do arranjo.

Continuaram, com o clima ameno favorecendo a jornada por entre a floresta. Viram, invejosos, a primeira charrete mercante passar por eles. Pelo menos já não transpiravam sob o sol, que os encarava de frente, enternecido. Alguns veios de água corriam ao lado da estrada, pequenos, emprestando ao lugar cheiro de terra molhada. Mais à vontade, os viajantes chegaram a cantarolar algumas das próprias canções — ainda que a sugestão de caminhar tocando guitarra, por parte de Leo, não fora bem aceita.

A floresta Inasi fascinava Leila, que ficava imaginando o quanto ela gostaria de ser amiga daquelas árvores, fossem elas pessoas. Deviam ser

divertidas e espontâneas, mas com movimentos suaves e gentis. Leo também gostava da sensação de andar por aquela trilha, e gostava de sentir a textura das plantas com as pontas dos textos, numa mímica involuntária da companheira de banda.

A estrada seguia reta, sempre em frente. Foi ficando cada vez mais escuro, até que foram obrigados a parar.

— Não devíamos ter chegado a um rio? — Perguntou Leo.

— Não andamos o suficiente... Amanhã chegamos. — Respondeu Fjor.

Combinaram que deveriam dormir encostados a uma árvore para que, braço a braço, pudessem se aquecer em meio ao frio noturno da floresta. Não apenas a estação era gelada, mas aquela floresta não tinha aquele nome por acaso: inasi, na antiga língua, era *gelo*.

As mentes foram silenciadas, mas nem por isso o sono vinha. Estavam preocupados com a própria vulnerabilidade. As estradas não eram famosas por serem território de ladrões, mas tampouco eram conhecidas pelo oposto. Eles não tinham nada de valioso — com a exceção, talvez, dos instrumentos, mais caros em outras cidades — mas tinham medo principalmente pelos suprimentos.

A noite passou, contudo, sem maiores incidentes; se algum dos transportes que os incomodaram durante a madrugada fosse mal intencionado, nada fez. Ou se intimidou com um grupo mais numeroso — ou ainda simplesmente não os vira. No outro dia verificaram os pertences, que ficaram espremidos debaixo das pernas, e viram que estava tudo em ordem. Partiram enquanto o sol nascia, com a floresta fracamente iluminada.



Por volta das dez horas da manhã encontraram-se com o rio Inasi, de água gelada e clara. A trilha prosseguia, depois, pela margem do rio. Quando pararam mais uma vez, à noite, já não mais viam ou ouviam a água. O sono de Leila foi perturbado algumas vezes, mas com sorte sempre se tratava de uma charrete mais veloz. Surpresa foi o fato de os *outros* não acordarem — afinal, *o que mais* não ouviriam enquanto dormissem?

Foi apenas na tarde do terceiro dia que enfim saíram da floresta, entrando em campos largos e abertos. Fjor lhes disse que logo chegariam às jirs mais periféricas de Dun-u-dengo, às margens do Rio Noroeste.

Leila acordou no meio da noite novamente. Viu as estrelas ao abrir os olhos. Fjor e Leo dormiam ao seu lado, mas Beneditt não estava lá. Ele poderia ter ido a algum lugar mais afastado para urinar, mas Leila sentiu-se estranha — como se estivesse sendo observada. Levantou-se lentamente, tentando não acordar os irmãos, e olhou em volta. Não viu sinal do amigo.

Eles não traziam arma alguma, mas Leila pensou que se pelo menos pudesse fazer algum barulho poderia afastar alguém mal intencionado, ou no mínimo assustar algum animal, fosse esse o caso. Tirou sua guitarra de dentro da mala e levou-a consigo para perto de um grupo de árvores mais ao norte, próximo aos limites da floresta de que haviam saído algumas horas antes, mas que ainda prosseguia, paralela à estrada. Viu, ao se aproximar, algo se mover entre galhos e ramos; não sabia ao certo *o quê*, mas parecia ter percebido a presença dela.

— Leila?

Ela pulou, num susto, e deu uma palhetada involuntária na guitarra. O som — um Fá engatilhado — dissipou-se quando ela encostou a mão direita de novo nas cordas, interrompendo a algazarra que assustou até mesmo Beneditt por detrás dela.

— Quer me *matar*?

— Não, desculpa... O que você veio fazer aqui?

— Vim atrás de você. Devia acordar alguém antes de *sair por aí*, Beni!

— Desculpa. — Disse ele, ainda atordoado. — Vamos voltar?

— Vamos... — Disse ela, andando à frente.

— Bela espada, aliás. — Comentou ele. Ela não rira, nem repreendera: apenas olhou para trás, tentando ver de novo a silhueta que havia identificado. Não conseguiu discernir mais nada.



No quarto dia caminharam na maior parte do tempo por um caminho monótono, apesar de belo. Outras duas charretes passaram por eles, mas ninguém viajava a pé. Fjor dizia que já deviam estar na metade do caminho — o que era ótimo, considerando que estavam chegando à metade do tempo que tinham para chegar a Jinsel.

Estava anoitecendo quando avistaram as luzes de cinco casas, quatro verdes e uma rosa, formando uma linha à margem da estrada. Para além delas podiam ver arrozais alagados, nos quais o brilho vermelho e amarelo dos minérios refletia.

— Devemos parar? — Perguntou Leo.

— Podemos ver o que eles podem fazer pela gente. — Disse Fjor, decidido, avançando para a primeira casa. Os outros o seguiram, trocaram olhares de esperança indiferente.

Bateram à porta. A janela, à esquerda da porta, estava vedada com uma cortina alaranjada. Ouviram barulhos, e logo a cortina filtrou uma luz que surgia gradativamente. Alguém se aproximou da porta.

— Quem é? — Perguntou rudemente uma voz masculina.

— Somos viajantes, senhor. — Disse Fjor. — Queremos saber se...

— Vá embora! — Vociferou o homem, não deixando que a frase fosse terminada.

As luzes se apagaram na casa, e logo não se ouvia mais nada.

— Idiota. — Disse Leo, baixinho.

Ele mesmo saiu de onde estava, à direita de Fjor e um passo atrás, e foi para a próxima casa.

— Leo... — Começou Leila, mas ele não se deixou abalar. Bateu à porta.

— Quem é? — Disse uma voz diferente, mas tão hostil quanto a outra.

— Somos viajantes, senhor, e queríamos saber se...

— Não, não tenho nada. Vão embora!

Antes mesmo que o homem terminasse de mandá-los para longe Leo já se dirigia à próxima porta, de uma casa também verde. Leila olhou para cima, impaciente, sabendo o que os aguardava nas próximas três tentativas, mas foi atrás dele junto a Beneditt e Fjor, tão pouco esperançosos quanto ela. Não sabiam dizer se Leo tinha expectativas mais altas, mas ele certamente parecia obstinado, como se aquilo fosse algo que ele *tivesse* que fazer, mesmo sabendo o que aconteceria.

— Quem é?

— Estamos indo para Jinsel, vindo de Novo-u-joss, senhor, e...

— Então continuem *indo*!

Leo fechou os olhos, respirou fundo, ignorou um outro chamado tímido de Leila — que logo depois se transformou em um chamado sério — e partiu para a quarta porta. As casas eram bastante similares, mas esta era mais baixa que as outras, e a pintura parecia mais velha e desbotada. Leo precisou bater duas vezes na porta, e logo uma mulher, parecendo já bastante velha, veio recebê-los com a porta ainda fechada.

— Quem é?

— Estamos indo para Jinsel, e viemos de Novo-u-joss, e eu gostaria de saber se a senhora poderia nos ajudar de alguma forma.

— Ajudar com o quê? — perguntou ela, parecendo desconfiada. Do lado de fora puderam ouvir uma voz masculina dizer “Saia daí, Ann!”.

— Se a senhora puder nos deixar dormir encostados à casa, ou... Se tiver alguma comida que a senhora não queira...

— Não, não. Não temos nada disso aqui. — Respondeu ela, fazendo o barulho de quem ia embora. Mais uma vez a luz sumiu da janela, deixando o interior da casa às escuras.

— Leo, não *adianta*... — Disse Leila, irritada.

— Eu *vou* lá, Leila, me *deixa*! — Replicou Leo, andando em direção à última casa.

Aquela era uma residência igual, mas diferente; mais bonita e bem cuidada, tinha um parapeito na janela frontal, e flores vermelhas saíam de

vasos verdes. As paredes, rosadas, ficavam quase laranjas com a luz amarela de um minério pendurado acima da porta. Leo hesitou antes de bater, e Leila quase começou a pedir para que voltassem para a estrada. Mas ele foi em frente.

Demorou ainda mais que da segunda vez, mas ouviram barulhos do lado de dentro. Ouviram uma voz feminina, parecendo pertencer a uma senhora, como nos outros casos, de idade. Uma voz cansada, que arrastava-se pelo ar.

— Quem está aí?

— Estamos viajando para Jinsel a pé. Viemos de Novo-u-joss, e...

— Vocês sabem tocar *guitarra*? — Perguntou ela.

Todos se olharam, confusos e surpresos.

— Ham... Sim, senhora.

A porta foi destrancada e finalmente aberta. Atrás dela surgiu uma senhora com um sorriso doce estampado num rosto pequeno. Ralos cabelos loiros envolviam uma cabeça em formato de ovo, a ponta de um corpo baixo e roliço envolvido por puídas vestes roxas.

— Meu nome é Mary Ann. — disse ela, abrindo ainda mais o sorriso. — Entrem, vamos! Eu já volto...

Enquanto eles entravam timidamente em uma sala pequena, mas confortável, Mary Ann entrou em um quarto no fim de um curto corredor. Antes que todos pudessem se acomodar no sofá amarelo-queimado em formato de U, a dona da casa retornou com uma guitarra.

O instrumento era limpo, e brilhava à luz do minério amarelo suspenso em um canto da sala. Mas era também bastante arranhado, e a mão parecia estar lascada. A velha senhora olhou, esperançosa, para os quatro; estes não sabiam como responder ou mesmo como olhar de volta para ela.

— Qual de vocês sabe tocar? — perguntou Mary Ann.

— E-eu sei. — Disse Leo. — E ela também e eles também.

Ela rapidamente estendeu a guitarra, segura pelo braço, para Leila.

— Toque, por favor!

Leila sentiu-se mal. Aquela guitarra lhe dava arrepios; era como se exercesse uma força sobre ela, uma força nefasta que a fazia se sentir culpada. Pensou que deveria aceitar logo aquele pedido, mas não conseguia mover os braços. Vendo que ela começava a desviar os olhos em repulsa, Beneditt ofertou a mão.

— Eu toco, senhora.

Ela voltou os olhos para ele, exalando um silencioso agradecimento feliz. Beneditt ajeitou a guitarra na perna e, ignorando olhares que sabia serem certamente vacilantes, tocou uma nota — um Sol na corda mais fina. Sorriu, surpreso, com o som. Lembrava mel; o som se propagava como mel

caía de um favo suspenso. Mas, ao mesmo tempo, era cortante e ácido como limão forte.

Todos sorriram, deixando transparecer um estranho e tenso alívio. A senhora sentou-se ao lado de Leila, ainda desconcertada, e Beneditt começou a tocar uma canção sem letras que lembrava dos tempos de garoto. Seu solo inicial parecia ter sido feito com aquela guitarra em mente. Era perfeito o tom que emprestava a uma música que misturava sonho, ternura e nostalgia com, na opinião de Beneditt, perfeição.

Quando Beneditt terminou, todos olharam, apreensivos, para Mary Ann, que olhava para o chão com um ar ausente.

— Senhora? — Chamou Beneditt, tentando lhe devolver o instrumento.

— O homem que eu amava se foi.

Beneditt se recolheu, decidindo ficar com a guitarra.

— Seu nome era Scott.

O silêncio crescia.

— Sentimos muito, senhora. — Disse Beneditt.

— Ele tocava essa guitarra. — Continuou ela. — Ele mesmo a fez, sabem.

Leila confirmava de leve com a cabeça, sem saber se deveria admirá-la ou temê-la.

— Ela sempre... Teve esse som?

— Ficou melhor depois que ele se foi.

— Senhora... — Começou Leo, pensando em si mesmo como um ser sujo por ter que ser pragmático. — Queremos saber se pode nos ajudar de alguma maneira.

Mary olhou para ele enquanto os outros tentavam lhe repassar apoio.

— Para onde disse que estavam indo?

— Para Jinsel, senhora.

Leo não conseguiu suportar o momento em que ela lhe fixou os olhos. Nuvens; eram nuvens cheias, mas da cor do céu. Claros, mas carregados.

— Desculpem os meus vizinhos... Eles se ressentem *muito* dos viajantes. Ladrões, muitas vezes. — Ela continuava, séria. — Podem ficar com o minério em cima da porta.

Eles sorriram de alegria.

— Obrigado, senhora! — Disse Leo.

— Mas *cuidado!* — Interrompeu ela. — Jinsel é uma cidade traiçoeira... E você, minha pequena... — Ela se voltou diretamente para Leila, que engoliu em seco ao ver seus olhos prenderem os dela própria. — Você pode tentar evitar a tristeza... Mas ela *sempre* estará lá.

Mina de Prata

O quinto dia de viagem começou com nuvens negras, ameaçando uma chuva que nunca começava. Apesar do presente da velha mulher — que ainda deixou que dormissem na varanda dos fundos da casa, voltada para os arrozais — nenhum deles sentia-se verdadeiramente à vontade. A viagem drenava suas forças, e Fjor procurava manter a mente ocupada para não se irritar por antecipação. Se deixasse a cabeça à deriva, ele logo estaria prevendo a decepção de não conseguirem nada depois de terem passado dias na estrada.

Uma chuva fina começou a cair, e os peregrinos nada puderam fazer a não ser seguir em frente. Não podiam parar, e não havia nada com o que se proteger sem se cansar mais e diminuir o passo. Passaram através de algumas outras jirs à margem do Rio Noroeste, mas não tentaram mais a sorte com a hospitalidade de Dun-u-dengo.

A noite chegou quando estavam quase aos pés do pico mais ao leste do Triângulo Seco dos Rios, um vasto campo entre três montanhas. A passagem por entre as duas do norte levava ao centro de Dun-u-dengo, enquanto que o centro de Jinsel ficava próximo à do sul.

Dormiram preocupados. Puseram roupas secas, a comida bastava e a chuva dera uma trégua, mas nada lhes garantia que o céu continuaria tranquilo.

Acordaram no mesmo horário de sempre, e com o mesmo humor da noite anterior, especialmente em relação ao prognóstico climático. Antes do meio-dia chegaram a uma bifurcação na estrada. Avistaram a Fortaleza Leste de Dun-u-dengo, um largo castelo marrom no qual a estrada à direita, que ia para o norte, esbarrava. O caminho deles estava ao sul, desimpedido. Almoçaram e continuaram o percurso. Não pararam para mais nada, e raramente viam outros viajantes. Uma vez apenas viram dois homens magricelos, com casacos azul-bebê rasgados e pálpebras pesadas, caminharem com bengalas na direção contrária. Olhares constrangedores foram trocados, mas foi tudo. De resto só charretes indo e vindo, algumas mais tortas e desequilibradas — as que geralmente tinham mais pressa — outras decoradas, altas e pacientes.

Perto da noite a chuva caiu mais uma vez, com ainda mais força. Procuraram uma árvore com uma copa mais avantajada, e pararam ao encontrar alguns cedros, vizinhos de um bosque de pinheiros finos, rodeados por arbustos e azevinhos. Dormiram protegendo-se o quanto podiam da tempestade da madrugada.

Foi apenas no outro dia que os sorrisos surgiram novamente entre os músicos. Depois de comerem a última fatia de pão — embebida na polpa cremosa do último dos doces marrons que haviam trazido — recomeçaram a caminhada. A montanha sul do Triângulo figurava-se bem maior quando eles viram uma casa.

Ela parecia abandonada; o capim crescia em volta das paredes, que já não eram bonitas: retas e simples, pintadas com um amarelo sujo e irregular, as janelas pareciam como que buracos mal planejados e mal abertos em lugares que simplesmente não pareciam sob qualquer perspectiva ser os certos.

Começaram a correr, loucos de expectativa; pararam em frente à casa no momento em que uma mulher fechava a porta e saía. Ela mancava usando um vestido decotado que ia até o joelho — um tipo raramente visto em Novo-u-joss. O cabelo, desarrumado e sujo, combinava com um rosto mortalmente enjoado.

— Com licença... — Disse Beneditt, preenchendo o silêncio que ficou com o primeiro contato. — Chegamos a Jinsel?

A pergunta ficou sem resposta, já que a mulher foi embora, caminhando em direção ao mato do lado direito da estrada. Passou pelo meio do grupo enquanto uma lágrima descia pelo rosto.

— Que recepção... — Comentou Leo, incrédulo.

— Estamos ou não em Jinsel? — perguntou Beneditt.

— Sim, definitivamente estamos. — respondeu Fjor, olhando para o mapa.

Seguiram em frente. Não viram mais nenhuma jir: apenas terras pouco cultivadas ao lado de casas, esparsas umas entre as outras. A estrada era levemente curva, cobrindo toda a face oeste da montanha referência da cidade. Passaram a ganhar mais confiança quando viam mais trabalhadores simpáticos e receptivos à medida que avançavam. Nenhuma cidade é bela na fronteira mesmo, pensaram.

No fim da tarde as nuvens escuras moviam-se para o leste, deixando o sol aparecer no outro lado justamente no horário em que desaparecia. Caminharam mais um pouco, e finalmente perceberam que não havia charretes indo para o centro. Teriam que andar por mais um dia — no dia em que deveriam se apresentar no Mina de Prata.



O centro de Jinsel era multicolorido, mas havia algo de desproporcional naquelas cores. Ora muito pálidas ou de uma atratividade revoltante, distribuíam-se entre letreiros, prédios de três a quatro andares e gigantescas residências, que um mais minucioso exame revelava serem pequenas casas em uma mesma construção.

A cidade tinha uma diversidade natural de cheiros, mas havia um ar fétido que os músicos encontravam com frequência enquanto andavam pelas ruas abarrotadas. O mau odor poderia vir das fezes de yutsi, já que, não bastasse a quantidade de pessoas, muitas charretes particulares passavam apressadas pelo meio da multidão, quase atropelando desavisados. A polícia, vestindo uma farda negra que parecia particularmente quente — o que era, em teoria, bom em tempo de frio, mas devia ser horrível durante a torn-u-sana — era uma presença constante, e não inspirava confiança com seus olhares cheios de ângulos para baixo. Riram com um esgar zombeteiro quando perguntados sobre o Mina de Prata.

— Com licença... Vocês sabem onde fica o Mina de Prata?

Duas mulheres fizeram que não com a cabeça, e saíram de perto dos músicos depressa, olhando para o chão. Juntaram-se às correntes de gente que criavam a fervilhante malha das esquinas do centro. Ali a população, que pulava, sorria e atirava onomatopeias ao esmo, mas também evitava sustentar olhar para os esquisitos novatos, camuflava-se ao cenário vaporoso com a maestria dos nativos.

— E agora? — Perguntou Beneditt, frustrado.

— Calma, é o começo da tarde ainda... Temos até a noite para achar esse lugar.

— Um lugar que deveria ser fácil de achar... — Disse Fjor, com um leve sarcasmo, sem olhar para Leo.

Os dois irmãos trocaram olhares irritados por um momento. Leila virou-se de costas, evitando ver a possível briga que surgiria. Todos estavam sujos e cansados. Havia comido pouco durante uma viagem de oito dias que culminou em uma cidade estranha, em que estava sendo praticamente impossível alcançar o objetivo pelo qual fizeram tudo aquilo em primeiro lugar.

Leila não prestava mais atenção a nada; escutava o ruído das ruas do cruzamento em que estavam e também as vozes dos homens da banda, mas não os *ouvia*. Ao dar as costas para eles passara a olhar para um beco longo, estreito, e menos cheio. Ainda que o letreiro fosse pequeno, estivesse distante e em um ângulo desfavorável, Leila conseguia ver o que estava escrito nele.

— Ei. — Ela não falou alto o suficiente. — Ei, vocês... Olhem.



Os quatro foram correndo até o lugar; as malas balançavam dolorosamente no ar, batendo em braços e pernas, e os instrumentos, duros e pesados, os machucavam mais ainda. Chegaram tão rápido quanto a alegria de ter enfim um *fato* com o qual trabalhar: estavam diante da casa de shows prometida.

A entrada do lugar não indicava importância. Ficava numa pequena casa de um andar, sem telhado sobressalente. Tanto do lado esquerdo como do direito ficavam mais conjuntos habitacionais esquisitos. A parede era verde, e a porta de entrada era de vidro, forrada por dentro com uma tapeçaria de goma escura; não era possível ver coisa alguma no outro lado. O letreiro era simples: tipos retos de cor preta sobre uma faixa cinzenta.

Não havia o que fazer a não ser esperar que abrisse. Sentaram-se sobre o chão de lajotas, que formava uma faixa de rua entre as regiões mais distantes, de barro amarelo queimado. Não era confortável, mas estavam melhores. Conversaram, enfim jogando para fora uma lufada do que quer que tivessem prendido dentro de si nos últimos dias. Havia, naturalmente, muito o que dizer. Falaram sobre expectativas, sonhos, medos, e como os enfrentaram. Visões, dores de viagem, ideias para novas músicas. Falaram sobre a alucinada mulher de Dun-u-dengo, que, coitada, devia sofrer muito com a solidão e a perda. Leila não disse que a entendia, até porque não sabia se realmente esse era o caso; mal chegou a conhecer a mãe. Sentiam-se agradecidos pelo minério que não lhes deixou dormir no escuro naquelas últimas noites. Leila apenas desejava poder tirar da cabeça aquele provérbio particular. Enquanto falavam, comeram quase tudo que ainda restava, observando o dia passar sem pressa no indulgente banquete de parlamentares (dadas as circunstâncias) a que se entregaram.

— E essa cidade... O que acharam dela? — Perguntou Leo.

— Horrível. — Disse Fjor, e todos caíram na gargalhada.

— Concordo! — Disse Leo.

— Todo mundo, eu acho... — Adicionou Beneditt.

— Essa cidade é estranha, e... É como se não tivesse *vida*. — Disse Leila, mais séria.

— Todos nós já ouvimos histórias de Jinsel. Se metade forem verdade, estamos *mal*.

— Ah, não deve ser assim... — Começou Leo. — É uma cidade diferente, mas tem muita gente cheia de dinheiro aqui. As agências daqui levam a gente para qualquer lugar.

Leila refletiu quanto àquilo por algum tempo.

— Levam a gente de volta pra casa?

O sol estava perto do horizonte, no oeste, quando finalmente viram a figura conhecida surgir no começo da rua, andando em direção e eles com chaves na mão e um olhar satisfeito no rosto.

— Então vocês vieram mesmo.



Seimor abriu a Mina de Prata às seis e o relógio, pendurado na parede da diminuta sala, lhes dizia que já eram quase dez. Tudo o que Seimor lhes disse ao encaminhá-los pela porta dos fundos e deixá-los trancados ali foi um seco “fiquem prontos”. Havia água em cima da mesa quadrada, pequena e sem graça, mas não havia comida. Já era a segunda vez que tinham os instrumentos em punho. Já se prepararam antes havia mais de uma hora, mas depois de um terço de hora aquilo não fazia mais sentido. Talvez fosse hora de desistir por outros quarenta minutos.

— Acho estranho não podermos ver o lugar... — Comentou Beneditt.

— Escutem... — Leo também precisava falar. — Estamos aqui, não estamos? Viemos de longe, e-e essa é uma grande chance... Talvez haja outras bandas brigando pela mesma chance e Seimor não queria que soubéssemos disso.

— Por quê? — Perguntou Fjor, pensando que aquela era uma boa teoria.

— Não sei. Pra que possamos dar o nosso melhor, talvez. — Replicou o irmão. — E é isso que temos que fazer, entenderam?

Alguém bateu à porta. Surpreendidos, arrumaram a postura, preparando-se para o melhor.

— Entra! — Disse Leila, mais rápida que Leo.

Era Seimor. Parecia estar com um péssimo humor, e mandou que todos fossem logo para o palco, o que deixou Fjor irritado: gostaria de ter um momento com o irmão. Desde que chegaram e se preparavam para o show estivera pensando que tudo daria certo, afinal. Foi preciso que Leo acreditasse na banda para que ela fosse a algum lugar. Devia desculpas ao irmão — ou, no mínimo, agradecimentos.

Mas não houve tempo para isso. Seguiu os outros, com Seimor liderando a fila. Passaram por um corredor escuro, com luzes frias iluminando-os fracamente. O corredor não era longo, mas sentiram como se fosse infinito. Quando ele finalmente acabou, Seimor continuou a caminhada ao longo do pequeno palco e se misturou ao público, sentando-se no banco mais distante — que continuava sendo próximo. O banco, negro e redondo, estava encostado a uma chapa metálica azul-marinho que fazia as vezes de papel de parede. Quando Seimor enfim se acomodou nele e voltou-se para o palco, sorriu.

O palco em questão não era maior do que o quarto de Leila. A bateria de Beneditt — montada por funcionários da casa — ocupava mais de um quarto do espaço. Todos trocavam olhares confusos, mas foram tomando as posições usuais. Encararam o público: uma coleção aleatória de pessoas que

não prestava a menor atenção ao que estava acontecendo ali. Sentados em mesas de quatro, cinco ou mais integrantes, conversavam animadamente entre si. Não percebiam que havia uma banda prestes a tocar. O lugar era escuro; minérios azuis e rosas ficavam em um compartimento no teto, e criavam no lugar um aspecto difícil de explicar, e ainda mais contraditório de sentir.

— Certo. — Disse Leo, voltando-se para o grupo. Fjor e Leila chegaram mais ao centro para começar a reunião emergencial. — Já tivemos um público assim.

— Não era bem o que eu esperava, pra ser sincero... — Disse Beneditt, agitando as baquetas.

— Vamos ver se é isso mesmo. — Disse Fjor, voltando-se para frente. — Seimor! — Chamou ele, quase berrando. — Tem minérios de som aqui! Não precisamos deles!

Seimor balançou a cabeça num gesto sutil, e seu rosto claramente indicava um “Tanto faz”. Com os cantos dos olhos Fjor confirmou que ninguém mais percebera a conversa. Começou a esfregar o minério de som. Leila sorriu.

— É o que eu acho que é? — Perguntou ela.

Fjor e Leo concordaram.

— Vamos ver se não chamamos a atenção dessa gente...

Beneditt foi o último a ficar pronto. Cada um testou, da maneira mais silenciosa possível, o som — alto o suficiente para ser impossível de ignorar.

Todos começaram a tocar ao mesmo tempo, fortes, incisivos e rápidos; Beneditt atacava os tambores e os pratos com violência, e os guitarristas se olhavam furiosamente. Logo Leila começou um solo rápido, mas longo, e Leo a acompanhou enquanto Beneditt ficou ainda mais rápido, com Fjor ainda mais ousado. Leo começou a cantar, sorridente.

*Se quer chegar perto de mim
É melhor logo se decidir!
Você não parece fácil, mas
Se vier até mim vai cingir*

Leo cantava cada vez mais rápido, seguindo o ritmo pulsante; Fjor e Leila começavam a fazer vozes de fundo. O plano funcionava: mais e mais cabeças começavam a se virar para encarar a banda.

*Eu sei que você quer ver (Quer me ver)
O que eu tenho aqui pra você (Pra você)
E eu sei que vai até levar
Mas se for demorar
Pode ser que nunca vá voltar a me ter, sim*

Leila largava o braço com força, forçando a guitarra a soar forte e potente durante o refrão.

*Aposto o mundo que você quer me ler assim
Passa dor, passa tudo, seja até o fim
Faço tudo pra não ouvir um não*

Os três à frente cantaram em uníssono a segunda parte do refrão depois de uma virada na bateria.

*Aposto contra o mundo que você quer me ter aqui!
No calor, nesse chão, pode ser ali
Por um beijo me dá sua mão?*

Leila saía do refrão com suavidade, costurando um solo que a fazia sorrir para Leo, preocupado em acompanhá-la bem. Aquela era uma música difícil para ele, em que precisava se concentrar anormalmente na guitarra. Para Beneditt era simples, ainda que trabalhosa, e Fjor a tinha por fácil. Ela representava troca rara e valiosa no arranjo da banda: Leo a escrevera, enquanto Leila produzira a melodia rápida.

As pessoas do bar já não conversavam, e Fjor pôde perceber alguns rostos de aprovação e alegria. Ao mesmo tempo via feições carrancudas, como se odiassem completamente todo aquele barulho. Fjor não pôde deixar de perceber também outras cenas no meio do público mais à direita, em que a sala se alongava, quase sem visibilidade para o palco.

A música era tão rápida em duração quanto o próprio ritmo que engendrava; foram em frente sem parar para a batalha de solos — para uma audiência daquelas costumavam reservá-la para quando tivessem mais atenção. Ao final da música receberam aplausos não tão intensos quanto gostariam, e logo o burburinho de fundo voltou com força, como se ninguém esperasse por mais. Deram o interesse que lhes foi forçado (a música estava realmente alta, afinal) mas não precisavam de mais, obrigado. Voltaram-se para as próprias vidas.

Leo balançava de leve a cabeça, com a boca aberta sem que ele assim a mantivesse. Leila percebia, intrigada, o rosto quase lívido de Fjor.

Seimor fazia sinais para eles enquanto vinha em direção ao palco. Era isso o que ele queria. O show acabava ali mesmo.

As entrelinhas

— O que foi aquilo? — Perguntou Beneditt, entrando na sala dos músicos primeiro.

— Aquilo o quê? — Rebateu Leila, ansiosa.

— Você também viu, Beni. — Disse Fjor, que, apesar da intenção, não conseguiu articular uma pergunta.

— Muito bem, Banda Buscando! — Seimor entrava no corredor seguido do inquieto Leo. — Era *isso* que eu queria ver!

— Isso o *quê*? — Fjor estava ainda mais rude do que no primeiro encontro com o agente.

— A habilidade de entreter um público desinteressado, meu caro baixista. — Seimor sorria, visivelmente mais contente do que quando veio buscá-los. — Um show em Novo-u-joss em uma casa de shows é *fácil* de fazer.

— Mas não *era* uma casa de shows qualquer, era o *Colher de Limão*! — Respondeu Fjor, quase aos berros.

— *Calma*, Fjor! — Cortou Leo, a voz tão alterada quanto a do irmão. — Seimor, o q-que é o Mina de Prata?

— Ora, um bar, um bar qualquer!

— E aquilo acontece *todas as noites* num bar qualquer em Jinsel? — Cortou Fjor.

Leila não sabia mais para onde olhar. Achava que sua única preocupação era se a banda havia sido aprovada ou não, mas agora parecia que aquilo envolvia algo muito maior. Seimor tinha uma feição de profunda confusão no rosto.

— Do *quê* você está falando, rapaz?

— *Mataram* alguém lá! Um homem enfiou uma espada na barriga de outro num canto do bar! — Fjor terminou de falar e passou a mão na testa suada, dando as costas para o grupo. Leila não vira nada. Podia ver pela expressão dos companheiros que pelo menos Beneditt vira alguma coisa também.

— Ah, isso... — Seimor não parecia surpreso. — Lamento terem visto isto, eu... Eu não vi. Isto foi uma falha da segurança do bar. Não representa

uma ameaça à segurança de vocês.

Leila sentiu-se melhor depois daquela explicação. Todos no ambiente pareceram melhorar também. Seimor olhava para cada um deles, apreensivo, mudando de foco rapidamente.

— Isso não muda o fato de que viajamos por oito dias a pé pra tocar uma música. — Disse um Fjor mais calmo, mas ainda ríspido e claramente frustrado.

— O modo como vieram para cá não tem *nada* a ver comigo. — Respondeu Seimor, tão direto e firme quanto Fjor.

— Ele tem razão, Fjor...

— Leo!

— Senhor Seimor, o que vai ser daqui para frente? — Interrompeu Beneditt, com uma voz cansada. — O senhor tem interesse em nós ou não?

Leila já havia praticamente esquecido o que quer que havia acontecido ou o quanto foram mal recebidos naquela noite. Leo levantou a cabeça, como se a realidade da pergunta também ofuscasse tudo: seu cansaço, sua fome e o quanto não suportava mais o contato da própria pele com as roupas que vestia. Apenas esperava que tudo aquilo tivesse valido a pena. “Por favor”.

— Conversaremos amanhã. — Disse Seimor após mais uma rodada de olhares para todos os integrantes da banda. — Por agora eu levarei vocês a um hotel. Com tudo que merecem. — Um sorriso largo, mas claramente artificial brotava de seu rosto. Aquele sorriso *nunca* parecia estar no lugar certo. — Um bom banho, roupas limpas, camas...

— Espera. — Fjor estava cansado das conversas em que sempre era condenado por seu conservadorismo. Odiava ser uma voz de moderação em meio a sorrisos confiantes, e até mais que merecidos, mas *precisava* ser. — Seimor, pode... Nos deixar a sós por um instante?

Beneditt entendia aquela atitude, mas Leila e Leo pareciam não apenas desapontados, mas desesperados. Antes que pudessem pedir ao agente musical que ficasse, ele aquiesceu ao pedido e retirou-se, fechando a porta.

— O QUE É QUE VOCÊ *TEM*? — Berrou Leo, explodindo de raiva.

— Leo, *para*! — Disse Beneditt, também nervoso.

Leila não queria ouvir mais nada. Sentiu-se confusa, exausta... Queria só poder desligar seus sentidos. Simplesmente dormir de uma vez.

— Não podemos aceitar esse hotel sem poder *pagar* por ele. *Estamos. Completamente. Quebrados.*

— Exatamente por *isso*, Fjor! Onde você prefere dormir essa noite, nas ruas?

— Pode ser uma armadilha pra nos deixar com dívidas, seu *babaca*!

— *Babaca*, é? Essa é a nossa *chance*, Fjor, e você fica falando de... De coisas que você não tem nem *certeza* se viu!

- Leo, eu vi também, aquilo foi um negócio... *Mau..*
— *Cala a boca*, Beni...
— Não manda ele calar a boca, Leo. — Fjor se apressou a dizer, pacífico.
— *Por quê?* Por que não posso mandar ele calar a boca? Porque ele está do seu *lado*, é isso?
— Porque você não quer ouvir *ninguém* que não diga o que você quer *ouvir!*
— E o que isso quer *dizer*, homem?
— *Que essa cidade é ruim!* A gente tem que sair daqui, e eu...
A última coisa que Leila ouviu foi alguém berrando seu nome em meio a uma discussão cada vez mais barulhenta.



Abriu os olhos. Sentiu uma lufada de vento gentilmente atingir o rosto e o braço. O teto para o qual olhava era amarelo. Sentiu que ainda era noite; olhou para o lado e a janela semiaberta confirmou a estimativa. Um minério amarelo brilhava intensamente atrás de si, na cabeceira da cama.

Ao se levantar, tentou lembrar do que acontecera, mas só a discussão entre Fjor e Leo vinha à cabeça. Pesarosa, voltou a sentir-se ansiosa de novo. Duplamente, agora que a decisão poderia ter sido tomada: Seimor os aceitara ou não? O que aconteceu depois que ela desmaiou?

Onde estava?

Aquele era um quarto requintado. Passou a esperar tão pouco de Jinsel que não imaginava mais que podia encontrar dormitórios como aquele. A cama era larga, e o lençol verde-água estava impecavelmente liso sobre o colchão, que era *ótimo*. Leila notou que a penteadeira à frente estava vazia, incluindo as gavetas. Não obstante, era um móvel muito bem feito. Acima dele um grande espelho com uma grossa moldura de madeira mostrava que ela vestia algum tipo de camisola amarela. Não cobria os braços totalmente, e parava na metade da canela; sendo largo, o vento entrava pelas aberturas, mas o frio era compensado pelo tecido mais grosso que o usual.

Tomou coragem e testou a porta. Não estava trancada. Saiu do quarto, insegura, e se viu em um largo corredor amarelo com várias portas à esquerda e à direita; um tapete vermelho cobria todo o chão, e minérios alaranjados na parede ficavam mais fracos à medida que Leila, com os batimentos cardíacos acelerados, passava. Ela não tinha um bom pressentimento quanto àquilo.

À medida que chegava perto do corredor, percebia que à esquerda havia uma grande escada de corrimão prateado e degraus de corvônia. Alguém a carregara.

Chegou ao fim e, no limiar das escadarias, olhou para baixo. Podia ver parte de uma sala que parecia ser ampla. Era, pelo menos, bem clara; minérios azuis-piscina davam ao sofá vermelho e ao tapete caramelo felpudo um ar encantador. A porta de saída estava logo à frente do fim da escada; era grande e com bonitos detalhes curvos no que parecia ser uma grossa madeira escura.

Ela decidiu se aproximar; pé por pé descalço foi descendo as escadas, tentando ver algo a mais do lugar para onde estava indo. Encontrou um homem à frente de um grande e sóbrio relógio que ocupava toda a altura de uma das paredes da sala. O homem parecia segurar na mão direita um copo de um líquido verde, cristalino como um suco de limão. Ele certamente vestia as mesmas roupas de antes, assumindo que apenas algumas horas haviam se passado.

Sem perceber o que fazia, ela já estava na sala. Observava, temerosa, as costas do agente.

— Bom dia, Leila. — Disse Seimor, virando-se.

— Ainda é noite. — Disse ela, ríspida. Seu sangue pulsava; era assustador para ela conseguir senti-lo. — Que lugar é esse?

— É a minha casa. — Respondeu, começando a andar.

— Não chegue mais perto, p-por favor. — Pediu ela, mostrando vigorosamente as palmas das mãos para ele, que parou onde estava. — Então *este* é o hotel de luxo que você nos trouxe?

— Ah não, não, é claro que não! — Defendeu-se ele rapidamente. — Seus amigos já estão no hotel, aproveitando-o muito bem, eu diria.

— O que você *disse* a eles?

— Você quer saber a verdade ou o que eu disse a eles? — Perguntou ele, sério. A mente de Leila deu um nó. — Felizmente para você, as duas coisas são a mesma coisa.

— Para de brincar comigo. — Disse ela, tentando parecer ameaçadora.

— Como? Mas... Não há brincadeira alguma, Leila! — Disse ele, estupefato, quase ofendido. — Eu disse a eles que eu sou um agente musical, mas não sou o único responsável por escolher vocês. Minha opinião geralmente basta, mas há pessoas com as quais preciso *conversar* primeiro. Por isso disse que amanhã conversaríamos.

— E se nada der certo?

— Vocês saem de Jinsel sem dívidas. O hotel é *todo* por minha conta.

Leila deveria ficar mais tranquila. Pensou que se ele estivesse dizendo mesmo a verdade poderia enfim se acalmar.

— E eu? O que aconteceu comigo?

— Disse a eles que a levaria para uma casa de saúde.

Ela riu nervosamente.

— Mas me trouxe pra cá.

Ele se virou e deixou o copo em cima de uma mesa no canto da sala, logo ao lado do relógio. Leila viu que eram quase duas horas. Ele se virou novamente e se aproximou dela, ligeiro. Ela sentiu-se estranhamente mais calma, mas sabia que não deveria. Ele chegou tão perto que ela podia sentir sua respiração, ainda que os corpos não se encostassem. Uma respiração azeda. Sua mente lhe dizia para ter repulsa daquele homem, que agora a olhava de uma maneira penetrante e invasiva; ela esperava, numa curiosidade mórbida, para ver o que ele teria a dizer. Não percebeu que lágrimas começavam a sair dos próprios olhos até que teve que enxugá-los com um movimento brusco.

— Durma comigo, Leila. — Disse Seimor, lascivo, para o horror de Leila. — Durma comigo e terá *tudo* o que sempre quis!

— *NÃO!* — Ela berrava, mas não conseguia convencer a si mesma a sair de perto dele.

— *Durma*, Leila, e terá tudo o que sempre sonhou! — Ele avançou sobre ela, que recuou até bater na pedra gélida da escada. — Te darei *fama!* Uma *vida* com essa banda! Uma *noite*, Leila, uma *noite!*

— *NÃO, seu MONSTRO!* — Ela berrou, e saiu de perto dele, correndo desajeitada para a porta da frente. Estava trancada.

— Eu destranco pra você, Leila! — Disse ele, o que a fez virar e ouvi-lo. — ... Se você quiser. Mas pense, pense bem...

— Não quero pensar! Abre essa porta *agora*, Seimor!

— Não é só uma oportunidade, Leila. É *tudo* o seu futuro... Se você não aceitar, é possível que seja cada vez mais *difícil* encontrar lugares pra tocar...

Ela olhava para ele, despencando em um poço sem fundo de desespero. Se aquilo significava o que ela achava que significava...

— Seimor...

— *Chega* de brincar! — Ele vociferou, irritado. — Você tem que decidir, Leila... Não vou fazer nada à força com você. Estou cansado.

Ela percebeu o quanto odiava aquele homem, que lhe deu esperanças e agora dava terror. Não havia outra saída daquela casa. Talvez houvesse uma *saída*, mas não havia um modo de sair dela completamente. Para onde iria? Jamais poderia estar segura de que a influência dele não se espalhava pela cidade inteira. E os outros estavam presos a uma dívida naquele hotel — se ele a chantageava daquele jeito, nada que ele disse antes tinha mais credibilidade. O que ele seria capaz de fazer com eles até que ela se rendesse, aceitando suas condições?

Ela não podia deixar isso acontecer. Veio a Jinsel por um sonho. Não só o dela. O de Leo, de Beneditt, de Fjor.

Pensou em Leo. Pensou no próprio futuro, e no que a velha senhora de Dun-u-dengo disse.

Capítulo 27

Feiura

Os al-u-bu-u-na se organizavam dentro de uma clareira larga e bem protegida no coração da floresta Al-u-bu, perto das encostas austrais da Cordilheira do Norte. Prometeram fidelidade aos magos desde os primeiros tempos do Conselho, recebendo em troca a garantia de que ninguém exploraria a região à procura de novos minérios — uma ideia de forma alguma impensável, já que aqueles troncos intocados poderiam esconder algum segredo.

Os representantes do Conselho partiram pela manhã. Uma viagem incômoda, em que atravessaram as colinas do centro tendo que se proteger da chuva com a cobertura da charrete. Desmodes silenciosamente observava, despreocupado, o caminho que os yutsis venciam com agilidade. Robin estudava, frio, sua frieza. Não precisavam chegar rápido, mas Robin quis ver até onde Desmodes iria sem dizer nada. Não perguntou pela parada para o almoço, aceitando que a viagem seguisse dia adentro. Viraram ao sul na estrada que cortava a porção leste das colinas, e só pararam mais adiante, em um ponto do trajeto que, parecendo aleatório, era na verdade o lugar certo para avançar na floresta até os al-u-bu-u-na.

Comeram à sombra de copas pouco largas, que deixavam cair gotas aqui e ali; resquícios da tempestade que ia embora em direção ao oeste. Preparavam-se para começar uma curta caminhada; isso era tudo que ainda lhes restava, já que dali a cerca de uma hora seria preciso parar de vez. Não valeria a pena encontrar o povoado à noite, já que os guerreiros não deixavam nenhum estranho se aproximar. Estariam mortos antes que pudessem averiguar os castelos dos sentinelas.

Desmodes comia voraz e rapidamente, sem cruzar olhares com Robin uma única vez. O homem mais experiente ficava imaginando no que aquela estranha nova adição ao Conselho estava pensando. Como era possível que não se preocupasse, já que de nada sabia, com o lugar onde deixariam a charrete para entrar na mata mais fechada? Foram em frente, de qualquer forma, deixando o veículo para trás.

Desmodes não questionou o caminho, embora parecesse coletar avidamente cada detalhe do trajeto, olhando em todas as direções a todo mo-

mento. Ou era isso ou estava com medo, mas Robin conhecia o medo — e torcia a boca ao desistir de procurar por traços dele em Desmodes. Por outro lado, ainda não havia motivo para isso. Não havia sobressaltos de qualquer espécie na caminhada.

Robin parou em um lugar mais espaçado entre as árvores, perfeito para descansar. Já era escuro demais, e o passo ficara lento. Tirou quatro minérios amarelos de um bolso interior na capa laranja, que começou a pendurar em galhos baixos das árvores. Ao se aproximar da última árvore, a luz foi enfraquecendo, e ao pestanejar de Robin a luz revelou um rosto masculino embrenhado no escuro.

Desmodes afastou-se para trás aos tropeços, assustado com aquele mimetismo, certificando-se imediatamente quanto à falta de castelo à vista. O estranho, vestindo capa e capuz negros, ria, entretido. Robin olhava para o chão, respirando devagar com o minério ainda suspenso à mão; as sombras ao redor da floresta mostrando o quanto ela tremia.

— Robin. Que prazer em revê-lo.

Tudo nele, da voz à cor da sombra, parecia falso. Desmodes o observava, lívido, e via, com pupilas já atentas, um rosto de tal maneira desproporcional que os olhos pareciam sair dos eixos a cada vez que os músculos da face contraíam. Sua pele era clara, mas ao mesmo tempo escura; talvez cinzenta, um tom pobre de verde. Foi apenas preciso que ele falasse para que seu rosto alongado ficasse mais largo. Seu sorriso era tão maligno quanto civilizado.

— Qual é o seu nome? — Perguntou Robin.

— Meu nome é... — Olhos esbugalhados voltaram-se para o canto superior esquerdo, pensativos. — *Starcus*.

Robin assentiu.

— Tire essa luz de cima de mim. — Robin abaixou o braço. — Que motivo traz você aqui para falar com o meu povo, Robin? E vejo que trouxe um amigo...

— *Você é um alorfo?* — Perguntou Desmodes, irritado.

— Humpf... — Respondeu o homem, como se achasse a pergunta sarcástica. Ele foi circulando a dupla de magos até o próximo minério, a alguns pés de distância. Robin olhava torto para o outro mago. — Eu pareço aquilo que você vê quando olha para um. Mas não, não sou um alorfo. Nem um filinorfo.

— Mas não *veja* você.

— Fique *quieto*, Desmodes! — Repreendeu Robin.

— Hmm... Talvez por que eu não *exista*? — Respondeu Starcus, estreitando os olhos para o interlocutor. Eles não voltaram ao formato anterior ao voltarem-se para Robin. — ... E você não me respondeu ainda, Robin.

— Vim renovar o arranjo.

— Renovar? O que há de errado com ele?

O interesse em sua voz jamais deixava de soar falso. Era como se soubesse a resposta, mas perguntasse mesmo assim.

— Nada. Não há nada de errado. Vim garantir que continue em vigor.

Robin era mais imponente, alto e forte que Starcus, mas aquele parecia se encolher diante deste, com uma expressão corporal refreada, que suspirava “Por favor, deixe-nos em paz”. Starcus olhou de esguelha para Desmodes, que mantinha-se mais atrás exibindo a orgulhosa altivez.

— Não cuidarei da charrete dessa vez, Robin. Não gostei do seu amigo.

Starcus deu as costas e partiu. O minério mais próximo começou a brilhar mais forte, mas não se pôde ver muito mais do vulto negro, que logo misturou-se às plantas, sumindo na escuridão.

Robin voltou-se imediatamente para Desmodes.

— Você desconhece os mistérios de Heelum, seu insolente *estúpido!*

— Eu os conheço. — Respondia Desmodes com a mesma firmeza. — Sou um *magô*.

Robin bufou, pendurando o último minério de qualquer jeito e sentando no chão.

— Magia e minérios são processos... E *coisas*. — Explicou, tirando as botas. — Você não conhece os mistérios. Mistérios de verdade.

— *O que* era ele? — Perguntou Desmodes, ainda de pé.

— Não ouviu o que ele disse? Ele é o *Starcus*. — Robin olhou brevemente para Desmodes, que ainda estava no mesmo lugar, antes de continuar. — Seu nome é Lato-u-nau. *Ser feio*, em na-u-min.

— Ele não...

— ... Não *parece* feio, mas só porque jamais mostra a verdadeira forma. Todo dia tem uma aparência diferente. Escolhe um *nome* diferente.

Desmodes balançava a cabeça.

— Se sabe tanto sobre os mistérios, por que falou daquele jeito?

— Não sabia sobre ele.

— Ah... Sim.

Desmodes permaneceu em pé. Robin deitou de barriga para cima.

— Lato-u-nau é o inimigo de Al-u-bu. Al-u-bu é o mistério que cuida dos al-u-bu-u-na.

— O que Lato-u-nau quer?

— Não é o que *quer*, mas o que *faz*. — Robin já respondia de olhos fechados. — Armadilhas... Ele é ardiloso. Paciente. Brinca com os al-u-bu-u-na como se fossem caça. Al-u-bu os protege. Ele a vence, de vez em quando. Mas não sempre, já que ele é...

— ... Parte dela. — Completou Desmodes.

Robin assentiu com um aceno que Desmodes, olhando para baixo com o queixo rente em direção ao horizonte, pôde apenas intuir. Ajoelhou-se

à frente da cabeça de Robin e, com um golpe ligeiro, sacou a espada e encostou a lâmina sobre o pescoço do mago bomin, que limitou-se a abrir os olhos.

— O que está fazendo?

— Da próxima vez que pensar em me chamar de insolente estúpido, estará morto.

— Você é ambicioso. — Respondeu ele, levantando as sobrancelhas. — Mas se me matar, *já* sairá dessa floresta com vida. Ganhar a antipatia de Lato-u-nau não foi sábio, Desmodes.

O espólio sustentou o olhar para a vítima em potencial por algum tempo a mais antes de guardar a espada.



Quando Robin acordou, Desmodes já estava recolhendo os minérios depois de haver terminado o desjejum. Estava, em suma, pronto. Robin não recebeu uma palavra de explicação quanto àquilo, e tampouco o questionou. Desmodes parecia mais calmo; tão centrado quanto ficava na apatia que Robin já considerava seu normal. O fato de que já existia uma normalidade não tornava as coisas mais amenas: observava o companheiro com frequência, cuidando da distância entre eles.

Seguiram por cerca de uma hora e meia até que puderam ver os castelos murados e bem protegidos dos al-u-bu-u-na em Neborum — podiam vê-los ali, os três, rapidamente se aproximando, mesmo que não enxergassem mais ninguém na floresta Al-u-bu.

— Não faça nada precipitado. — Advertiu Robin, interrompendo a caminhada. — Não *tente* dominá-los.

Dois homens praticamente nus surgiram por detrás dos magos, surpreendendo-os.

— *Prima-u-na naufa ne!* — Exclamou Robin, com as mãos erguidas. — *Prima-u-na naufa ne!*

Eles tinham a pele bronzeada e vestiam cangas de palha entrelaçada, trazendo a perna desnuda da metade inferior da coxa para baixo, bem como o tronco e os membros superiores. Traziam na barriga lisa inscrições em vermelho vivo, pintadas numa caligrafia cuidadosa e perfeccionista; pareciam-se com as palavras “al-u-nauenago” em um e “revono”, embora as letras n eram mais compridas, e o g perigosamente próximo a um número oito. Carregavam arcos longos, feitos com uma espécie dourada de madeira; ergueram as armas, apontando-as para o tronco dos visitantes, que se viraram para eles.

— Neornauene! — Resmungou um dos guerreiros.

— Ma! — Disse Robin em retorno. Desmodes continuava parado mais atrás, encarando os cidadãos daquele povo enquanto eles dirigiam olhares afiados para o outro mago. — Robin naufa naue, ka prima-u-na naufa ne!

— No naufa onmo? — Perguntou o outro guerreiro, que não estava tão agitado.

— *Desmodes* naufa no. Prima-u-na naufa ne. Ne neor tun-u-jir.

Eles abaixaram as armas vagarosamente, ainda fitando-os de forma desconfiada.

— Eles nos entendem? — Perguntou Desmodes.

— Não.

— Podemos matá-los.

— *Não*. — Robin lançou a ele um instantâneo olhar de reprovação. — Se *eles* não chegarem vivos à aldeia nós não entramos nem saímos.



Não demorou muito para que o comboio chegasse à aldeia, com os al-u-bu-u-na atrás dos magos, incentivando-os a seguir em frente. Estava ali um espaço enorme sem árvores, com uma fumaça ganhando a liberdade do céu a partir do centro de um círculo limítrofe de cabanas marrons.

A luz do sol, em seu monopólio de claridade, emprestava ao lugar inteiro arenoso sotaque. Um veio de água passava ao largo da clareira, descendo da Cordilheira do Norte, para a qual eles tinham uma privilegiada visão. As roças à frente e às vezes ao lado de cada cabana floresciam e quebravam o clima pálido com verdes e vermelhos mais vivos, logo neutralizados pelos pêlos sujos de capivaras e coelhos que corriam pela área. A fumaça vinha de uma fogueira de razoável tamanho, atrás da qual estavam um homem sentado no chão com as pernas cruzadas e um outro de pé. O resto da aldeia estava em torno dos visitantes, em cerrada formação redonda, com apenas uma brecha preparada para que os dois passassem para o lado de dentro da roda.

Robin e Desmodes entraram, sentando-se à frente da fogueira. Desmodes cuidava para imitar Robin, seus movimentos sempre atrasados. Percebeu que reproduziam a posição do raquítico senhor sentado à frente deles, que tinha um rosto enrugado e a boca trêmula, mesmo enquanto não falava. Seus olhos pequenos e lúdicos se fixaram sobre Robin, mas ele não sorria. O que estava em pé, com as mãos para trás, era mais jovem, e portava-se de maneira disciplinada e ascética, o rosto imperturbável, simétrico e limpo. Parecia esconder, por debaixo do escuro e curto cabelo seco, um tipo nobre de bravura.

Desmodes olhou em volta enquanto os outros homens, divididos pela fogueira, não começavam formalmente a conversa. Os componentes do cír-

culo humano tinham a cor da pele e a dos olhos parecida — escura — com um formato do rosto bastante familiar entre todos. As palavras, por vezes duas ou três, em na-u-min, eram vistas em um festival majoritariamente rubro, negro e roxo ao longo de barrigas, braços e canelas; algumas expressões mais apagadas, outras mais orgulhosas. As mulheres vestiam a mesma saia de palha que os homens. Alguns usavam colares; outros, braceletes, e ainda havia duas ou três exceções que usavam vestes longas, geralmente azuis. Pessoas de todos os gêneros mantinham os cabelos curtos, à altura da orelha, e Desmodes não conseguia ver um único fio loiro, embora alguns fossem de um castanho que beirava o ruivo.

Uma última característica, desta vez mais circunstancial, fazia com que todos fossem bastante homogêneos aos olhos de recém-chegados: estavam armados com arcos, prontos para disparar flechas contra os estrangeiros.

De crianças a idosos, todos flexionavam a flecha contra o arco. Tensionados e virados de lado, não sorriam ou conversavam: como soldados, esperavam uma ordem para soltar a mão e dar início a uma morte inevitável. Os magos estavam com a vida por um fio, dependendo da mão firme de crianças que não deveriam ter sequer dezesseis rosanos.

— Por que fazem isso? — Perguntou Desmodes.

— Não somos de confiança. — Explicou Robin, sem desviar os olhos. — Se algum deles fizer algo inesperado, o resto dispara. É uma medida preventiva.

O velho homem falou algo em na-u-min. Robin estava acostumado com a língua, mas não a falava tão fluentemente a ponto de não precisar da tradução feita pelo homem mais novo.

— Os al-u-bu-u-na desejam saber o que os homens magos querem.

— Queremos saber se o acordo ainda é válido. — Disse Robin, olhando diretamente para o al-u-bu-u-na mais velho. O jovem traduziu a questão, e logo interpretou a resposta, que veio acompanhada de gestos com a mão, que veio de uma batida no peito do mestre ancião e viajou por uma demonstração abrangente de todo o entorno da aldeia.

— Enquanto nossas fronteiras estiverem protegidas eu, Termono, e nós, al-u-bu-u-na, seremos leais.

— Pedimos permissão para permanecer por algum tempo antes de retornar.

O rosto do homem mais velho se fechou ao entender o que Robin quis dizer. Parecia ressentido e até mesmo acuado enquanto resmungava algumas palavras no próprio idioma.

— Podem ficar, mas não são bem-vindos aqui.

— Obrigado. — Disse Robin, soando verdadeiramente agradecido.

Depois da tradução, o velho se levantou e, acompanhado pelo tradutor, juntou-se ao círculo de pessoas com os arcos prontos para o disparo. Não

sendo mais exceção, serviu-se de uma arma e assumiu um posto. Todos amontoavam-se para conseguir, mesmo por de trás de uma grande quantidade de pessoas, um ângulo bom para atirar.

— Você pediu para ficar. — Comentou Desmodes.

— Para consertar a *besteira* que você fez. — Respondeu Robin. — Temos que encontrar Starcus de novo para que você se desculpe, e o dia não serve para isso. Só fique *quieto* desta vez.

O Prólogo da Jornada de Nariomono

O pequeno riacho que descia das colinas cheias de árvores passava furtivamente pela clareira dos al-u-bu-u-na e entrava novamente na mata. Nariomono, que todos ali conheciam por Narion, seguiu o curso d'água até avistar o que procurava: A sombra de uma árvore cheia de histórias. Naquele momento, ela significava apenas um lugar afastado da reunião, onde poderia refletir em paz.

Agachou-se, acomodando os pés na terra escura até descobrir o lugar ideal para eles. Ouvia ao falso silêncio da mata, permitindo que aquilo lhe trouxesse harmonia. Ficara um pouco inquieto na presença dos magos, não sabia bem o porquê. Não confiava neles, embora sentisse uma espécie de simpatia que ele tratava de abafar.

Narion era o tradutor da aldeia, responsável por qualquer comunicação com “o mundo do lado de fora”. Sabia falar a língua moderna — que nunca ouvira ser designada como uma língua diferente, o que o irritava consideravelmente — porque passara cerca de quatro rosanos em Ia-u-jambu. Saíra, vira o mundo em toda sua exótica glória, e retornara incólume.

Olhou para o alto, com as negras pupilas dançando ao focalizar diferentes folhas, galhos e tons de verde. Não voltara incólume da viagem, ao contrário do conceito popular que o transformava pouco a pouco em quase mito.



Narion era um guerreiro com um inimigo particular. Na floresta Al-u-bu, lugar que o coração jamais abandonou, estava tudo que ele aprendera a amar, mas também dois dos maiores perigo que conhecera. Um deles era um perigo que vinha de dentro. Algo que nunca ia embora; apenas repousava, suspenso no ar.

Desde pequeno experimentava aquilo que não ousava nomear. Sensação forte e quente que o envolvia e o embebia pouco a pouco em insanidade — e vontade.

Lembrava-se com nitidez do dia em que ele e três amigos brincavam na mata, cansando-se por esporte em uma dança chamada treneur. Os pas-

sos de treneor eram simples, mas ficavam mais complicados, já que a ideia era que a velocidade crescesse com o tempo. Encaixados pelos quadris, as duplas pisavam para frente e para trás, seguindo o ritmo que todos cantarolavam com vozes ribombantes.

— U... Bi, Tro, U... Bi, Tro, U...

Não deviam ter mais de doze rosanos; os garotos, Nariomono e Kanmono, e as garotas, Kamoni e Barmoni — ou simplesmente Narion, Kan, Kami e Bari. Cada afastamento por parte de um dos integrantes da dupla significava uma chance de fazer algo diferente. Narion dançava com Bari e, levando os braços à frente, a jogou para trás, para depois puxá-la novamente em um giro rápido, que terminou com um giro dele mesmo. Logo estavam de volta à mesma posição de antes.

Dançar era divertido, mas não deixava de ser um jogo — um dos mais complexos, no qual Kan e Kami eram melhores. Conheciam mais movimentos. Com uma sutil indicação de Kami, Kan girou, mas logo foi travado pelo braço direito dela, que o girou na direção oposta. Ela então girou pelas costas, agachou-se para depois subir rapidamente, e os dois acabavam de frente um para o outro de novo. Com suavidade uniam-se, voltando para a dinâmica mais simples da dança, que ficava ainda mais rápida.

— U... Bi, Tro, U... Bi, Tro, U... Bi, Tro, U...

Dançar exigia coordenação e intimidade. Qualquer parceiro poderia tomar a iniciativa de se afastar, dando início a uma série de passos em que os dançarinos precisavam indicar o que podiam e queriam fazer. Entender os limites, as intenções e as vontades do outro era uma capacidade vital para não sair do ritmo ou estragar a dança com um movimento que não poderia ser desfeito, levando inevitavelmente à confusão dos parceiros e à derrota.

— U... Bi, Tro, U... Bi, Tro, U... Bi, Tro, U...

Narion suave e ofegava, tomando a dianteira: olhara para o que Kan fazia e tentava duplicar aquilo tudo. Não ia em frente por receber intenções contrárias de Bari, que não se sentia segura de acompanhá-lo. Narion acabava tendo que fazer o que a parceira podia, embora ele sabia que podia fazer o que o *amigo* podia.

O ritmo não dava trégua. Cantado por eles mesmos, parecia que ficava rápido *mais rápido*; Bari começava a ficar nervosa com o que Narion fazia, completamente absorto na dança.

— *Narion* — Chamava ela, com a mão doendo da força que fazia para tentar controlar o amigo. — *Narion!*

Ele não estava mais ouvindo.

— U, Bi, Tro, U, Bi, Tro, U, Bi, Tro, U...

Ignorava a força contrária que a parceira fazia, e não perdia um compasso sem a afastar para tentar algo novo. Os pés dela já estavam fora das

batidas.

— *Narion!*

Foi o fim. Quando ele tentou empurrá-la para um giro por detrás dele, ambos se desequilibraram com os próprios pés e caíram no chão, um de cada lado. Kami viu e parou a dança com Kan, e os dois pulavam, felizes, rindo dos perdedores.

— O que tem de *errado* contigo? Seu *idiota!* — Ralhou Bari, na própria língua.

Narion permaneceu sentado no chão, sem conseguir olhar para ninguém. Era pequeno demais para entender o que quis fazer. Bari se afastava, quase aos prantos de tanta raiva, e Kami olhava para ele com um jeito assustado que ele teve pouco tempo para assimilar; ela logo saiu dali com Kan.



No cair da noite do mesmo dia Narion não tinha nenhum lugar onde ficar para evitar a reprimenda do desconforto. Os irmãos e irmãs de casa recolhiam-se a olhares de pena. Narion tinha vontade de gritar que não estava doente, mas controlava-se, balançando para frente e pra trás no abraçar das pernas e no dedilhar dos pés.

Narion olhou para o progenitor e, em seus rudimentos de intelecto, identificou raiva. Raiva nos descontentes traços bem marcados em volta da boca, fazendo limite com bochechas infladas. Na sua mãe, Simoni, em pé logo ao lado do pai na parede curva da cabana, pensou ver apenas tristeza estampada em um rosto fino e descolorido. Não entendia por que tinha deixado o pai irritado e a mãe triste.

— Por que você fez aquilo? — Perguntou o pai, Bormono.

— Eu não sei...

Bormono desviou o olhar. Caminhou mais para o lado, para onde Narion não queria olhar. O pai logo voltou, agachando-se para ficar de frente para ele enquanto as luzes da fogueira tremeluziam na incômoda ausência de som.

— Você não pode querer essas coisas. — Disse ele. — Se você quiser essas coisas vai trazer muita tristeza para todos.

Nós só estávamos brincando, pensou Narion. Talvez devesse pedir desculpas a Bari por ter se esforçado tanto para ganhar.

— Bari está aqui. — Disse a mãe.

Narion olhou para ela, que estava ao lado da portinhola da cabana por onde Bari entrou, olhando primeiro para ela com um sorriso atravancado e então para ele, que se desviou, abraçando as pernas com ainda mais força.

Ela trazia uma larga vasilha com água, e cuidadosamente, para que nenhuma gota fosse derramada, sentou-se ao lado do garoto.

— Quer brincar, Narion?

Enquanto o pai sorria, encorajador, para a menina que parecia não saber exatamente o que estava fazendo, a mãe tentava pescar os olhos de Narion.

Quando mais velho, Narion precisaria se acostumar cada vez mais com a cerimônia noturna de água e de fogo em que se envolvia sempre depois de uma briga. Quanto mais crescia, menos parecia aos outros que ele queria realmente pertencer aos al-u-bu-u-na — pensar e agir como eles. Todos brigavam, e se reconciliavam com as mãos juntas na dor do fogo e no alívio da água, mas elas pareciam aprender a lição. Narion batalhava contra a própria opinião de que talvez a lição não fosse importante. Mas, mesmo não sendo, os olhares passivos e silêncios ativos batiam com dureza em sua consciência.



As noites eram um período do dia complicado para os al-u-bu-u-na. Eles cercavam as fronteiras da clareira com tochas, e mantinham seus arqueiros a postos, preparados para se defender de qualquer ameaça. Mesmo que animais pudessem atacá-los, eles não eram a maior causa de medo. O que todos realmente temiam era o aparecimento de Lato-u-nau, o estranho das mil faces e dos mil nomes.

Na maior parte das vezes, antes de o dia se transformar completamente em noite, grupos se sentavam ao redor de fogueiras para aproveitar o jantar. Costumavam dividir histórias do passado ou casos do dia; lamúrias do futuro e aventuras que talvez nunca aconteceram.

A maioria delas girava em torno de Lato-u-nau e de Al-u-bu. Dos heróis que haviam escapado das tramas do ser feio — com ou sem a ajuda da dama da natureza — ou dos valorosos guerreiros que haviam perdido ao longo do caminho.

Todo tipo de homem era ali retratado: covardes e corajosos, fortes e fracos, espertos e estúpidos. Sucumbiam ou venciam, muitas vezes arrastando consigo o destino da aldeia. Às vezes a história provocava risos. Às vezes, impressionava. Depois, fazia chorar, espalhando o medo pela madrugada e impedindo metade da tribo — a metade mais jovem, principalmente — de dormir.

Com o tempo Narion teve também sua própria experiência, mas uma que nunca compartilhara nas rodas noturnas. Era um dia nublado em que, já bem mais velho, banhava-se, solitário, no córrego mais próximo à clareira. Com o passar do tempo gostava mais e mais das horas solitárias que

conseguia ter de vez em quando; era quando podia ser ele mesmo. Ou pelo menos a parte de si que não causava problemas, brigas ou mágoas.

Foi quando a avistou. Uma alta figura feminina, sentada em uma pedra baixa e lisa na outra margem do córrego, em uma região mais distante.

Nua, a mulher de longos e ondulados cabelos castanhos apoiava-se sobre os braços, com o pescoço voltado para cima, relaxado. Esbelta, deixava um pé encostado ao fluxo de água, e o outro erguia-se por sobre a pedra, com a perna dobrada.

Narion sentiu-se imediatamente encantado por ela. Soube imediatamente quem ela era. Não poderia ser mais ninguém, e disso ele tinha certeza, mesmo que nunca a houvesse visto antes onde quer que fosse. Ela era tão diferente deles; marcante e singular, com uma difusa luz azul-clara saindo de seu entorno, parecendo prenunciar o chamado que viera a seguir.

Ela chamara por seu nome, sem se mover. Narion se sobressaltou com a voz clara e limpa, que ressoava como se viesse de dentro da própria garganta. *Aproxime-se*, pediu ela.

Ele chegou mais perto, receoso. Cruzou as águas em um ponto em que se estreitavam. Deu a volta na pedra e prostrou-se de joelhos, virado para as costas da mulher. Elas eram uniformes e regulares; negras, lisas, sem manchas ou sinais. Os braços eram finos, carregando os cotovelos mais graciosos e firmes que Narion já havia analisado.

— V-você é Al-u-bu? — Perguntou ele.

Mais veloz que o queixo de Narion, que caía em estupefação, Al-u-bu levou as mãos ao rosto do rapaz. Estava agora de frente para ele, nariz a nariz. Ele fazia força com a cabeça, tentando livrar-se daquilo: descobrira no momento em que a olhou de tão perto que não conseguia suportar o peso daquela íris negra profunda, em que folhas de árvores imaginárias caíam em um riacho muito mais sereno que aquele em que estavam. As folhas eram levadas pela correnteza vagarosa, e perdiam-se em um mundo sem fim, do qual era impossível apartar-se sem continuar se perguntando o que mais haveria nele que não a perfeição de uma planta de viço, do curso que não se interrompe, da vida que não cessa por desastre.

Por mais intrigante que ele fosse, o olhar do mistério era vazio e impreciso, já que Al-u-bu era cega.

— Nariomono, meu menino... — Disse ela, tentando tranquilizá-lo. Ele, tomando involuntariamente o caminho inverso, sentiu-se mais tenso. — Por que você diz *não* a mim?

A voz terminou com uma interrogação grave. Ele reconheceu aquela sensação. Atingia-o em seu estômago, enchia seus pulmões de algo que não era ar e fazia suas articulações pesarem como chumbo.

Levantou-se num pulo, sentindo o calor familiar; afastou-se de Al-u-bu, que continuava olhando para a frente como se ele ainda estivesse ali.

Arrebatou-lhe uma onda de pânico mais forte que tudo, e ele a abandonou, correndo dali o mais rápido que pôde.



Pesquisadores de Ia-u-jambu quebraram a rotina quando visitaram os al-u-bu-u-na muitos rosanos depois do incidente entre Narion e Al-u-bu. Termono, o mestre, fora chamado para uma conversa, conjecturando com preocupação o que aquilo poderia significar para o tratado entre o povo da floresta e o Conselho dos magos, mas ficou em paz ao saber que a investida nada tinha a ver com minérios. Os universitários perguntaram se alguém ali estava interessado em ajudá-los com a própria língua, a na-u-min — aprendendo, em troca, a língua moderna.

Narion ficou interessado. Já tinha quase trinta e oito rosanos quando a ouvira, junto a muitos companheiros. A maioria não via nada de bom na oportunidade. Era arriscado sair da proteção dos demais, pois Lato-u-nau estava à espreita. Além do mais, iriam demorar até aprender uma nova língua, e até então (ou mesmo depois) amargariam uma existência solitária na Universidade; seriam presença incompreendida numa cidade estranha.

Narion, contudo, não via problema algum nisso. Acostumara-se tanto aos momentos de solidão que preferiria o quanto pudesse alargá-los. Já não era compreendido ali dentro de qualquer forma, e perguntava-se o quanto o mundo do lado de fora poderia ser diferente. Talvez fosse melhor apreciado lá, já que seria distinto, experiente em coisas dos quais aquelas pessoas faziam pouca ideia.

E, pensou, olhando em volta ao procurar por olhares cruzados, deveria haver ali quem o considerasse um candidato perfeito para ir embora de vez.

Tomou sua decisão. Da família mais próxima recebeu palavras de apoio, carinho e coragem, ainda que ele percebesse um abismo entre todos: ele e seu pai, ele e sua mãe (que chorava copiosamente), ele e seus irmãos, que pareciam buscar um no outro sinais de que o manto de ofício já se havia desprendido e eles pudessem comemorar a partida do mau elemento. Depois das conversas monossilábicas de despedida que teve com tantos outros colegas, pensou que provavelmente superestimava viver ali. Por outro lado, não conhecia nada além. Era chegada a hora.

Narion ainda precisava pedir uma permissão final para Termono; uma espécie de última conversa, um acerto de contas entre ele e todos os outros que acontecia por intermédio do líder. Entrou na cabana, localizada nas bordas da floresta e guardando a maior distância possível das outras casas, sem imaginar o que poderia encontrar. A *chefia*, como era conhecida, era a residência vitalícia dos mestres dos al-u-bu-u-na. Eles viviam lá, um novo após a morte do outro, reclusos, justamente por causa da função que o

mestre exercia: saía apenas em ocasiões especiais, em que sua presença era absolutamente requerida. Aquilo, Narion nunca entendera. Por que o admiravam tanto? Em suas aparições, nunca fazia o que Narion faria. Decidir, demandar. Exigir. *Resolver*. Era um mediador carente de recursos, um mero conciliador superestimado, conversador que por vezes prolongava problemas que poderiam ser resolvidos de forma simples. Bastava que fossem mais práticos, que entregassem logo o cetro de juiz a quem fosse mais sábio. Mas os mestres nunca agiam como sábios. Não com *aquela* sabedoria.

Termono estava sentado no chão, ao lado de uma garrafa de barro. Dentro dela, um líquido de cheiro adocicado e insinuante que Narion não reconhecia.

— Sente-se. — Ofertou Termono, com um amistoso sorriso velho.

Narion obedeceu, sem abrir a boca. Mantinha a cabeça abaixada, mas lançava olhares furtivos às paredes do minúsculo lugar. Eram vazias, tanto quanto o chão. Não havia nada ali dentro. A passagem coberta com folhagens amalgamadas atrás do mestre deveria abrir caminho para uma espécie de depósito.

— Quer um pouco de chá? — Indagou Termono.

— Não, obrigado, mestre.

— Não precisa falar assim comigo, garoto. — Bebericou um pouco do líquido verde e quente.

— D-desculpe. Eu não conheço este chá.

— É feito com as folhas de uma pequena flor amarela, que se chama *rounalver*.

Narion tentou buscar aquilo na memória, mas não se lembrava de algum dia ter ouvido aquele nome.

— Nunca ouvi falar, mestre.

— É claro que não. É proibida para vocês! — Respondeu ele, com um travesso entortar da boca.

Bebeu outro gole, segurando a garrafa de forma desajeitada nas mãos — era grande demais — e a pôs de lado.

— Então você vai viver em Ia-u-jambu...

— Sim. — Respondeu Narion.

— Você sabe — continuou o mestre — que há quem queira ver você longe daqui.

Narion pigarreou, tomado por um agudo sentimento de exclusão. Não esperava ouvir aquilo.

— Mas você deve entender... O que você tem aí dentro é algo que evitamos. Não é assim que vivemos. Nós, al-u-bu-u-na, temos *medo* do poder que foge do controle. Mas nós, todos nós, somos sua família, e esta floresta é a sua casa. A luz não está mais entre nós, mas nós a fazemos existir. Não fique triste, sim?

— Está certo, mestre.

— Pode partir, Nariomono.

Narion se levantou, e de alguma forma estava grato por aquela conversa. Era como se, mesmo que não conseguisse resolver nada na prática, tivesse desfeito parte do nó que era entender por que não conseguia se relacionar bem com ninguém.

— Mestre? — Chamou ele, antes de partir.

— Sim?

— Por que o senhor vive desse jeito? Por que os mestres *têm* que viver assim?

Termono fechou os olhos miúdos, deu um sorriso discreto em que a pouca quantia de dentes se protuberou e balançou a cabeça. Narion estava começando a achá-lo cômico, com seu jeito despojado de exalar uma autoridade que não exercia.

— Sou o poder que eles podem controlar.



A Universidade e o Exército — duas instituições de que nunca ouvira falar na curta vida em meio aos al-u-bu-u-na. Elas, no entanto, não podiam ser maiores exemplos daquilo que passou a lhe inspirar admiração. Disciplina e hierarquia, respeito e ordem. Tudo aquilo o fascinara enormemente. Guerreiro que era, pleiteou fazer parte do exército, mas não podia por não ser da cidade. O lenço vermelho que usava no pescoço o denunciava, e aquela era, aliás, uma das coisas que mais o incomodava: as vestimentas grandes, cobrindo quase o corpo todo, além do lenço que não podia em hipótese alguma deixar de usar. Tinha muito contato com pessoas, o que era bom e ruim: se antes previra muito tempo sozinho, não imaginara que esse tempo fosse majoritariamente a hora de dormir. Aprendera a língua moderna com rapidez, e logo ia se tornando capaz de explicar algumas coisas, traduzindo do na-u-min, fazendo o serviço ao qual se dispusera.

Apesar de precisar se repreender nos hábitos, via como era possível (e até mesmo desejável) viver em meio à tudo aquilo. Ele não precisava ter dúvidas sobre o que sentia ou pensava. Aceitava-se por completo, sua parte mais obscura, sem ninguém que o refreasse. Sua escuridão ali não era menos comum e desejável que o amarelo das nuvens.

Se em alguns aspectos, entretanto, sentia-se enfim livre, longe do alance de regras e amarras, olhares de estranheza e incompreensão; se por vezes considerava-se um homem de sorte por estar longe da floresta que, embora sem limites de concreto ou corvônia, fazia dele prisioneiro, com seus postes vivos pronunciando sentenças de eternidade, não havia um dia em que não contorcia os dedos do pé ao sentir falta das raízes. Sua vida não

era Ia-u-jambu. Com o tempo a rotina tornou-se maçante, e a cidade das novidades não oferecia nada de novo. Narion não se interessava por nada que pudesse aprender (para estrangeiros a Universidade, diferentemente do Exército, estava de portas abertas) e intuiu que viajar para descobrir lugares novos não valia a pena; eram todos similares. Saciara uma fome que ele não sabia que podia ser vencida. Estava mais velho, mais forte, mais inteligente e mais experiente — era o que qualquer um diria. Ainda assim, quando sentava-se diante do lago do Meio, ao longo do qual a cidade do saber nascera grudada, o al-u-bu-u-na suspirava, querendo voltar.

Ele não era o mesmo sem aquela clareira no meio de lugar nenhum. Era como se o próprio corpo pedisse por aquilo: pedisse para estar de novo em contato com o chão daquela floresta, localizando-se de novo pela sutileza dos odores e a geometria irregular dos bosques. Os músculos do braço estavam murchados: precisava caçar. Precisava praticar o arco e a lança. Precisava dançar de novo, comer e beber como um al-u-bu-u-na de novo, e ver as estrelas do chão iluminado por fogo, sentindo a proteção dos seus, ao invés de uma cidade de minérios austeros e uma polícia que fazia dos visitantes, inimigos. Seus quatro rosanos de atividade acabariam em breve, e ele não queria estendê-los. Voltaria para casa.

Saíram da Universidade bem cedo na manhã do segundo dia de torn-u-sana; um dia em que o ar parecia ferver a pele, mesmo o céu estando nublado. Voltava de charrete com um condutor que falava pouco. Sorte, pois ainda que estivesse ansioso como quase nunca na vida, não gostaria de conversar com quem quer que fosse; pelo menos não até chegar à tribo.

Eram quase quatro horas da tarde quando enfim Narion avistou os teixos, as oliveiras e os pinheiros da floresta Al-u-bu, e sentiu um arrepio. Surpreendeu-se com a própria alegria, já que explodira em um sorriso quando a estrada deixou os vastos campos de onde a cidade de Ia-u-jambu tirara seu nome.

Um vulto negro passou pela frente da charrete sem que Narion conseguisse ver de onde viera ou para onde fora. Cortara a estrada, assustando os yutsis, que esganiçavam-se, completamente enlouquecidos. Passaram a correr mais e mais rapidamente, com o condutor incapaz de fazê-los parar, até que mais uma vez a volumosa sombra passou diante dos animais que, tão assustados quanto os homens, empinaram, perderam o equilíbrio e caíram para trás, destruindo a parte frontal da charrete com o brutal peso.

Narion estava caído na porção traseira da charrete, com as pernas jogadas para a direita. A porta lateral estava quebrada, já semiaberta. Na confusão, o al-u-bu-u-na apenas protegeu o rosto com os antebraços e esperou pelo pior, que não aconteceu. Saiu da charrete tentando recuperar os reflexos, que não pareciam mais tão atrofiados. Olhou para todos os lados; não via nada fora do comum.

Foi verificar como estava o condutor do veículo. Parou ao dar de cara com um homem de idade encostado em uma árvore à beira do caminho, vestindo uma esvoaçante capa negra. Seu rosto era torto, limpo e elástico.

— Bem-vindo de volta, Nariomono. — Disse ele, em na-u-min.

A partir do momento em que Narion prestou atenção ao jeito como o senhor falava, parecia estar vendo outra pessoa diante de si. Alguém certamente não menos velho — pelo contrário, já que tinha agora uma quantidade muito maior de rugas — mas com um rosto bem mais regular.

— F-fique longe.

— É assim que me recebe? Depois de *todo* esse tempo?

Logo depois de o homem se aproximar, rasteiro, o condutor tossiu, tentando rolar para fora das estacas quebradas da charrete.

— Você só mata al-u-bu-u-na, e ele *não é um!*

— E é *por isso* que ele *não está* morto...

— E eu, por que não estou?

O velho senhor o olhou como se estranhasse a pergunta.

— Humpf... Você parece nunca ter ouvido *falar* de mim! Como se não me *conhecesse!*

— Sei que você *mata*. Eu ainda sei lutar, Lato-u-nau!

— *CALE-SE!* — Ordenou o velho, furioso à menção do nome. Quase fez os olhos saltarem das órbitas ao tossir violentamente depois do berro. — Há pessoas que eu preservo, meu pequeno garoto, porque *gosto* delas.

— Não quero nada de você. Nem seu apreço nem sua simpatia! — Disse Narion, com o sangue correndo loucamente pelo corpo. — As coisas vão ser diferentes quando eu voltar. Eu sei quem eu sou e o que eu quero fazer. Vou lidar melhor com tudo o que...

— Então aceitou que deve ser o novo *mestre?*

Narion travou, indeciso quanto a como interpretar aquilo.

— Você é *ingênuo* se acredita que pode voltar e mudar as coisas. — Continuou ele, parecendo envelhecer dez rosanos em alguns instantes. Deu mais um passo à frente, começando a contornar os yutsis estirados no chão, que ainda faziam barulhos estridentes de dor e confusão. — Eles te *odeiam* porque querem que você se *adeque*, Narion... Você é diferente, e *nós dois* sabemos disso... Você não vai mudar. O único jeito de eles te terem por perto é te *castrando*. — Narion estremeceu à menção da palavra, que ecoou por um tempo desmedido em sua cabeça. — Eles vão te fazer mestre, Narion. Te dar todo poder que você sempre sonhou para que com ele não faça *nada!*

— Isso n-não vai acontecer.

— Se você aceitar o que quer fazer... Agir como quer agir... — Ele apontava, com o dedo tremendo, para o peito do al-u-bu-u-na. Narion desviou o olhar do dedo para o rosto barbudo e de claros olhos próximos —

Tenho certeza de que vai acontecer. E, se quer minha sincera opinião, é o que deveria fazer.

— *Não!*

Narion afastou com violência o dedo de Lato-u-nau, recuando até encostar nos ramos baixos de uma árvore próxima. Sentiu-se mais do que nunca um al-u-bu-u-na por considerá-lo seu adversário mortal; alguém com quem jamais faria um pacto ou um acordo. Arqui-inimigo de quem jamais aceitaria ajuda.

— Agora que você voltou, deve trazer de onde veio o que aprendeu. Deve aceitar quem você *é!*

— Eu não quero...

— Sim, sim, *nada que venha de você...* — Interrompeu, zombeteiro. — Eu *entendi*. Até logo, guerreiro.

Seria agora? Seria aquele o momento? Esperava por algo a mais; estava tenso até os dedos das mãos, o corpo pronto para lutar ou correr, para qualquer coisa — já havia aceitado a morte como possível fim. Seria digno. Falariam sobre ele à noite, diante da fogueira. Seria o herói que ninguém acreditava que pudesse ser.

Mas nada aconteceu. Lato-u-nau apenas deu uma lenta meia-volta e partiu, passo por passo, até não ser mais visível.



Narion não conseguia dizer quanto tempo ficou ali, sob o abrigo das próprias recordações. Resolveu caminhar de volta, mesmo sabendo que ao fazer isso perderia seu benefício de tradutor. Teria que assumir uma posição no círculo e, com o arco pronto em uma posição fixa e supostamente imutável, ameaçar os magos — mas era melhor que ficar remoendo seu passado. Sempre se torna mais difícil, com o passar do tempo, acreditar em redenção.

Capítulo 29

O Massacre

Parados como estátuas, assumiam seus postos com tanta dignidade e servitude que Desmodes chegou a pensar que poderia haver um lugar para eles em Heelum. Um lugar em que poderiam ser felizes se apenas soubessem ser um trecho ao invés de rebelde mancha. Em seus olhos cheios de desconfiança, contudo, em que raras vezes se via um lampejar de descontentamento, descanso ou preguiça, constatava-se a força de um tipo diferente de ser. Diferente demais para Desmodes.

Tudo aconteceu em um mover de olhos do espólio. Cada um dos guerreiros virou o arco contra outro deles em precisa sincronia e afrouxaram os dedos, sem que houvesse tempo para que os berros e os gritos de que algo estava errado se desenvolvessem plenamente. O alto zunido seco de flechas cortando o ar prevaleceu, logo antes do rasgar de pele e abrir de carne.

Robin teve pouco tempo para ver a cena antes que ela acabasse; levantou-se num salto desbalanceado, esbaforido em seu soar surdo, apenas depois da saraivada e dos urros dos al-u-bu-u-na que se atacavam sem critério ou distinção, numa loucura coletiva em que flechadas atingiam bocas abertas, olhos desesperados, corações adornados e gargantas vibrantes.

Robin não sabia que barulho seguir, e primeiro voltou-se para um lugar onde uma criança não fora atingida completamente, mas perdera muito sangue no braço; a menina estava de pé, fragilizada, chorando de dor com os olhos estreitados e enxaguados. Seus olhos perderam-se em incompreensão quando se encontraram com os de um apoplético Robin. Foi empurrada pra trás com o forte impacto de uma outra flecha, disparada por um al-u-bu-u-na ainda de pé. Robin virou-se para ele, apenas para vê-lo também atingido, caindo por cima de uma mulher completamente avermelhada que ainda tentava se reerguer.

Há apenas um momento os magos tinham a vida por um dedo. Agora estavam envoltos por um círculo agonizante de sangue e madeira.

As flechadas foram diminuindo, assim como o número de pessoas de pé e os sons que os caídos faziam. Os que sobraram por último não tentavam fugir, esquivando-se de novas flechas; apenas esperavam, com o rosto sério e apático. Robin viu, com os olhos completamente abertos enquanto che-

gava mais perto, o último suspiro de um corpo feminino irregular e flácido, logo ao lado de um outro masculino, pouco atlético e com uma pequena cicatriz na bochecha direita, mais visível por causa do sangue ali depositado depois de cair pela orelha.

Os sons, as lamúrias e as pragas na línguas antiga foram se esgotando aos poucos, fenecendo febrilmente, como água se afunilando por uma rachadura. Robin voltou-se para Desmodes, que permanecera exatamente onde estava o tempo inteiro.

— *O QUE FOI QUE VOCÊ FEZ, SEU IDIOTA?*

— Resolvi um futuro problema.

— *VOCÊ NÃO VÊ O QUE FAZ?*

Robin colocou as duas mãos na cabeça. Recomeçou a olhar em volta, e percebeu que ficava mais difícil encontrar qualquer sobrevivente.

Sentiu-se empurrado para frente, mas parou antes mesmo de começar a cair; fora atingido. Viu a ponta da espada de Desmodes, que atravessou seu tórax e, ao ser retirada, o fez finalmente cair para frente, de joelhos. Sua visão começou a ficar turva. Os sentidos, em alerta. O coração bombeava desesperadamente, já sem razão de ser.

O único sobrevivente da clareira olhou em volta. Viu que dos castelos sobravam ruínas que, pouco a pouco, desfaziam-se no ar como poeira no vento, nublando como um milhão de umenau esvoaçantes os campos em que uma rubra grama crescia indolentemente. No círculo de vítimas ficaram os al-u-bu-u-na, amontoados no chão. Alguns ainda apresentavam espasmos ocasionais; abriam os olhos, davam-se as mãos. Balbuciavam, os que ainda podiam falar, e choravam alguns outros, passando a mão por alguma tintaria no corpo.

Desmodes passou por uma parte do círculo menos densamente ocupada, o caminho por onde entrara na reunião, e entrou na floresta. Estava prestes a começar a caminhada de volta quando foi pego de surpresa; violentamente posto contra uma árvore, desembainhou a espada e virou-se, atrapalhado, para encarar o agressor. Não o reconhecia mais, mas certamente lembrava daquelas roupas.

— *Lato-u-nau.*

— Não me *CHAME* pelo nome! E *guarde* essa espada que você brande com *tanta* covardia!

Desmodes obedeceu, acalmando-se, sem tirar os olhos do homem de capa negra.

— Então você achou que escaparia, não é? — Continuou ele. — Achou que faria tudo isso e iria embora, simplesmente *caminhando*?

— Enfrente-me, então. — Desafiou Desmodes.

— Ora, não seja *toló!* Eu não enfrento, eu *mato!* — Rebateu ele, sibilando as palavras até que seus lábios tornaram-se finos e crispados.

O mago e o mistério continuaram se medindo.

— Mas não vou matá-lo agora... Não, não... Não agora. Mato quando for a hora certa. A hora em que você menos me quiser por perto. Mas agora... Só vá *embora* daqui.

Desmotes não se moveu. Lato-u-nau passou a encará-lo mais firmemente, como se estivesse prestes a entrar em combustão.

— VÁÁÁ! — Gritou ele, desafinado, cuspiando em seu afã hipertenso com os olhos lacrimejados e os punhos fechados.

Desmotes foi embora. Olhou uma única vez para trás, mas Lato-u-nau não estava mais lá.



Quando ele parou, foi como se o mundo parasse com ele. Como se tudo despendesse em absoluto silêncio, e nenhum movimento fosse permitido até que aquilo fosse declarado algum tipo de ilusão. Uma mentira, um mal-entendido, um jogo sádico e mórbido de Lato-u-nau. Para Narion, que forçou-se a fechar os olhos com força e abri-los com esperança, aquilo não tinha o direito de ser nada mais.

Dezenas e dezenas de pessoas no chão, amontoadas umas por cima das outras, embebidas em sangue, mortalmente feridas. Narion tremeu ao se aproximar. Virou o rosto bruscamente ao perceber duas silhuetas difusas de pé em meio à selvageria, perto à fogueira, que fumegava mais alto que nunca. Reconheceu o corpo irretocável de Al-u-bu olhando para algum ponto no chão, parada como uma estátua de corvônia.

— Nada vive... — Sussurrou ela. Ele, mesmo à distância, a ouviu como se ela tivesse lhe falado ao pé do ouvido.

O estômago de Narion se revirou, subitamente enojado; suas sobranceiras arquearam-se, vencido. Jogou-se no chão, segurando-se com a palma das mãos. Controlou-se, e olhou à frente; conhecia todos que estavam ali.

Só o que via era destruição. O irremediável, incurável e irreversível fim da vida.

— ... Ma... Ma...

A negação era tudo o que conseguia repetir, de novo e de novo e de novo.

Levantou-se e começou a passar pela massa de corpos. Achou que só depois de ver todos, cada um deles, podia ter certeza daquilo, mas depois de apenas alguns percebeu que não havia dúvida, não havia confusão. As lágrimas rolavam por suas bochechas tão rápido quanto suas passadas, que por vezes aterrissavam em cima de pedaços pontudos de flechas quebradas.

Viu seu pai. Aquele era definitivamente ele. Recebera uma flechada no peito. O irmão, o mais jovem e menor deles, estava logo ao lado, com uma

estaca no pescoço. O sangue se espalhara em todas as direções, como estrelas com dúzias de pontas. Os dois não se mexiam, não falavam. Tinham os olhos fixos. Narion chegou mais perto, procurando pela respiração. O peito, que o al-u-bu-u-na vivo tocou com a ponta dos dedos apenas, não se movia. Não encontrara coisa alguma. Ali estava uma casca vazia e nada mais.

Sua mãe não estava por perto. Ao olhar mais à direita viu outro de seus irmãos com o rosto cravado por duas flechas. Narion não suportou olhar para aquilo. Constatou, com um horror que parecia espremer seus olhos como frutas, que não podia fugir. Para onde quer que se voltasse via mais e mais sangue, músculos e ossos em lugares impróprios.

Ouviu um barulho próximo à fogueira. Al-u-bu ainda estava lá, imóvel. Um homem de capa negra andava por ali.

— Você...

Narion correu ao centro. Talvez fosse outro deles. Ao chegar mais perto, viu o rosto do homem. Nunca tinha visto aquela face transversa e suja, mas ela o fez tremer dos pés à cabeça, parando imediatamente e caindo para trás. Logo se recompôs, machucando a mão esquerda com outra ponta de flecha.

— Seu... Seu MALDITO! — Acusou Narion, ofegante. — Seu maldito, seu maldito, odioso, *mentiroso*... — Quase tropeçando, ligou a dor da mão à dor que poderia infligir; recuou e pegou do chão um arco qualquer e a primeira flecha inteira que pôde encontrar. Armando-as rápido como há muito não fazia, seguiu sofrivelmente em direção ao mistério, que manteve forte seu olhar com uma raiva que não era contra o iminente inimigo. — *SEU MALDITO!*

Narion atirou. A flecha perdeu força ao chegar perto dele, vergando-se até cair no chão, mole e flexível como uma simples folha de árvore. Narion quase engasgou. Pegou outra flecha e atirou mais uma vez. Não conseguiu atingi-lo. Caiu, Tateando em busca de outra flecha, mas só o que encontrava agora eram pedaços. Sua mão procurava por um projétil de forma cada vez mais alucinada até que ele desistiu, socando o chão com revolta. Seus pulmões rangiam.

Percebeu uma sombra acima dele. Ergueu-se e se viu frente a frente com o inimigo. Narion viu profundas olheiras debaixo dos olhos, ainda que ele não estivesse chorando. Quando Lato-u-nau se ajoelhou Narion tombou entre seus braços abertos.

— Acalme-se, Nariomono... — Pedia ele, dando desajeitados tapas nas costas do homem.

Narion desvencilhou-se do abraço com raiva. Caiu para trás, sentado, enxugando as lágrimas.

— Você conseguiu o q-que queria.

- Eu jamais quis isso.
- Você MATOU! *TODOS ELES!*
- Não fui eu.

Lato-u-nau levantou-se solenemente e foi para perto da fogueira. Narion o seguiu com o olhar até encontrar um corpo diferente no chão. Al-u-bu aproximava-se lentamente, com às mãos erguidas à frente. Um dos magos jazia ali, com os braços e pernas esticados, e uma larga mancha bordô sobre a capa laranja violada.

- Ele fugiu. — Disse Lato-u-nau.

Os dois se olharam. Narion demorou um tempo para entender. Lembrou-se de que havia dois magos.

- Você pode encontrá-lo, Nariomono.

Al-u-bu estava voltada para o sul, em absoluto silêncio. Narion esperava que ela dissesse algo, mesmo sem saber confiar nela nem pelo que esperar — além de, na abundância do silêncio, não saber o que retrucar.

- E-eu...

— O que é que você vai fazer daqui pra frente? — Perguntou Lato-u-nau.
— Você é o único que sobrou, Nariomono. É o único. Não há mais *nada* que valha a pena.

- Eu posso... Posso...

A raiva que tinha de Lato-u-nau o cegava; tudo o que tinha para dizer vinha da necessidade automática de contradizê-lo. A verdade é que não sabia o que podia fazer, mas o fato de que começava a enxergar com mais clareza lhe abria os olhos para o fato de que, embora não houvesse razão para querer contradizê-lo, fazer o que ele lhe propunha parecia igualmente sem sentido.

— Eu odeio esse mago tanto quanto você. Mas é você quem pode fazer alguma coisa.

- Por que *você* não faz?

— *Não é o tipo de coisa que eu faço!* — Respondeu ele, a voz saindo aos murros pela boca, o rosto parecendo crescer para cima de Narion.

- Porque é um *covarde!*

— Narion! — Disse Al-u-bu, engolindo em seco. — Você deve escolher. Isto não é mais sobre mim ou ele. É *sua* a escolha.

Ele queria, mas não tinha mais o que dizer. Não conseguia exprimir a indiferença que sentia em relação àquela tarefa. O quanto a achava inútil. Os al-u-bu-u-na se foram, e se apenas um sobrou, que diferença faria? Ele não conseguiria manter viva a chama daquela comunidade e de tudo que representavam. Narion estivera do outro lado, e viu como era diferente o mundo fora daquela floresta. Não havia mais ninguém como eles. Ninguém que quisesse viver como eles. Deveria era acabar com a própria vida de uma vez.

Narion sentiu o rosto quente e dolorido; viu-se repentinamente com os cotovelos apoiados no chão, e antes que pudesse entender o que aconteceu Lato-u-nau o levantou de novo e deu-lhe outro tapa. Desorientado, Narion tentou rastejar, mas sentiu uma força descomunal puxá-lo pelos pés e lançá-lo para longe. Caiu distante da fogueira, perto de outra parte do círculo de corpos, e apalçou as próprias costas e pernas doloridas.

— Para... *PARA!*

Não entendeu o que aconteceu, mas sentiu que revirava por completo no ar até que finalmente distinguiu um rosto enlouquecido acima do dele. Lato-u-nau o segurava pelos ombros, apertando-o brutalmente.

— Você pediu pra *PARAR*? — Berrou o mistério. — Agora *PEDE* pela própria vida? *QUEM* é o covarde aqui?

Narion estava tonto. Lato-u-nau o jogou de lado mais uma vez, olhando-o através de gélido julgamento.

— Não sei o que você vai fazer. Mas você tem uma dívida com estas pessoas. — Ele continuou, saindo do campo de visão do homem caído. — Você passou a sua vida tentando se impor sobre elas. Era sempre *você* contra *elas!* Como se Heelum *inteira* estivesse prestando *atenção* à sua vida. Você não vale *nada*, Nariomono. *Nada*. Mas você pode *prestar* ainda. — Narion fitava o céu azul, absorvendo com atenção a voz de Lato-u-nau. — Pode escolher fazer parte, e ser alguém por *elas* ao invés de pensar em você.

Demorou até que alguém falasse novamente. Lato-u-nau quebrou o silêncio, parecendo ter ido ainda mais longe de onde Narion estava.

— Se você quiser ir atrás dele, guerreiro... Saiba que ele foi para Enr-u-jir. E que seu nome é *Desmodes*.

Capítulo 30

Não saber, não poder, não ver

— Será que podemos falar do que a gente *fez* nesses dias? — Perguntou Amanda, esperançosa.

— Não sei.

Aquilo continuava sendo estranho para eles. Não podiam falar honestamente, sem medo de dizer alguma coisa perigosa. Seguravam as mãos um do outro, pedindo por uma compaixão que não podiam receber.

— Você foi a algum lugar? — Perguntou Tadeu.

— É, mas... — Respondeu ela, hesitante.

— Eu fui numa festa *bomin*.

— *Tadeu!* — Censurou Amanda, boquiaberta.

— Que foi?

— Por que você me disse isso?

— É uma festa, Amanda, muitas pessoas sabiam!

— Muitos *bomins* sabiam!

Eles compreendiam cada vez mais a loucura e a confusão em que se metiam cada vez mais fundo, como um passo em falso na lama. Havia muitas coisas que gostariam de dizer um ao outro, mas tudo ficou preso — como mais um passo na lama.

Viam um ao outro na torre mais alta de seus castelos. Era a primeira vez que faziam aquilo; o céu púrpura por detrás deles tinha nuvens azuis que apareciam e desapareciam em um ritmo alucinante. Voltaram logo a sentir a mão um do outro, no frio da colina de Al-u-ber, antes que ficassem tontos demais. Amanda levantou-se e, sem se despedir, foi embora. Tadeu percebeu o que acontecia quando era tarde demais; levantou-se também, chamando pela preculga, mas ela não mais ouvia.

Amanda descia a trilha da colina esfregando os braços e tentando evitar o choro. Não conseguiu. Dava passadas mais seguras que o habitual, já que vez ou outra a água nos olhos deixava a visão borrada.

Sempre se perguntara por que é que o pai implicava tanto com Tadeu. Chegara a imaginar uma porção de coisas. Das mais convencionais, como uma simples rixa política, às mais loucas, como o improvável fato de que Tadeu fosse um filinorfo disfarçado, um irmão gêmeo perdido, ou fosse ainda

um mistério — algo que, sem saber, teria ativado desconfianças paternas protecionistas.

Nada disso. Tudo fazia um esmagador sentido. Ao invés de algo que fosse simplesmente estranho demais para entender ou simples o suficiente para resolver, os dois tinham nas mãos uma lógica depressivamente óbvia, mas muito maior que eles: algo impossível de fazer sumir, seja com paga, seja com guerra. Eles eram magos de diferentes tradições. Não podiam se relacionar — ou, melhor, não podiam tornar público tudo que já fizeram, tudo que já eram e tudo que sentiam.

O caminho estava quase acabando. Partes da charrete que a levaria de volta para casa já podiam ser vistas através de muitas folhas, ramos e troncos. Respirou mais aliviada, sem saber por quê. Já havia pensado no que aquilo tudo significava antes, mas nunca daquele jeito. Tão lúcido. Tão real.

Não deveria ter saído de lá sem se despedir. Sentia-se realmente estúpida.

Com a testa encostada às rugas de um pinheiro, pensou que ainda havia um jeito. Uma chance pequena, que iria requerer muito esforço. Continuar se encontrando às escondidas e, quando estivessem mais velhos e consolidados, fingiriam enfim um interesse romântico, que seria bem regulado por toda a comunidade mágica. Valeria a pena?

Amanda fechou os olhos, expirou a pergunta e deixou-se encostar por completo na árvore, sem acreditar que estava de fato se perguntando aquilo. “É claro que vale”.

Mas seria preciso investigar.



— Como foi seu dia? — Perguntou Galvino, alimentando o fogo da lareira.

Na sala de reuniões Tadeu aprendera a entrar em Neborum e a fazer sentido de uma realidade que, à primeira vista, lhe pareceu fluida como vapor d’água. Perguntava-se como seria o treinamento quando estivesse aprendendo a fazer aquilo que os magos faziam — controlar pessoas. Mudar seus sentimentos. Como *praticaria* aquilo?

— Foi bom... Pai, eu... Preciso fazer uma pergunta.

Galvino abriu os braços, convidativo, incentivando o filho a falar.

— O que... *Exatamente* os outros não podem saber?

O som de ar entrando nos pulmões do pai foi tudo o que se ouviu na sala até o leve arrastar do vidro de um copo de água por sobre o console da lareira.

— De quem estamos falando?

- Outros bomin. P-por exemplo.
Galvino balançava a cabeça.
- Isso tudo depende. *Em quem* você está pensando?
- Eu conheci uma garota. — Tadeu nunca falava muito com o pai sobre amizades, e logo enrubescou ao pensar que aquela conversa parecia muito mais do que uma conversa sobre amizades. — Na festa.
- Sim, lembro da festa. Não me lembro da *garota*. — Disse Galvino, olhando com um estranho interesse para Tadeu.
- Fiquei me perguntando, se... O que cada pessoa pode saber. E se, por exemplo — disparou Tadeu, engolindo em seco ao ter uma maligna ideia esbaforida — eu contasse a um *espólico* que fui numa *festa* bomin? Isso seria perigoso?
- Não, é claro que não. — Assegurou o pai. — Festas e reuniões só são secretas se isto for deixado bem claro.
- Então é o que aprendemos *aqui* que eu não posso contar pra ninguém.
- Preste atenção, Tadeu. — Galvino enfim sentou-se de frente para Tadeu, em seu lugar característico. — Você tem que entender que magia é conhecimento e poder. Você não pode contar sobre nossas técnicas para um espólico ou um preculgo. Mas você pode contá-las para um outro bomin. O único problema é que isso significa que ele saberá algo que *você* sabe, sem garantia de que *você* saiba algo que *ele* sabe. Não é porque ele é um bomin que ele não pode atacá-lo. Se você contar o que sabe a qualquer um, você vai se tornar mais vulnerável.
- Tadeu digeriu aquelas informações. Não tinha medo de que Anabel pudesse atacá-lo — ela certamente *podia*, mas de alguma forma ele confiava nela. Talvez fosse seu ato heroico e benéfico daquela noite que transformara a relação dos dois em algo tranquilo e amável — mas, por outro lado, talvez ele não devesse se pôr tanto assim nas mãos de alguém.
- E quando alguém nos invade... Pode acabar descobrindo alguma coisa? Uma memória, uma informação, ou...
- Tadeu parou de falar ao perceber que aquilo estava mesmo estranho. Não precisou olhar para o pai para saber o tipo de olhar que dele vinha, ou que a próxima frase seria lentamente sibilada.
- O que está acontecendo, Tadeu?
- Tadeu pensou que, ironicamente, *contaria* ao pai sobre o acontecido.
- Alguns garotos da festa falaram umas coisas sobre iniciação... Disseram que iam me atacar, e pensei que eles pudessem saber coisas sobre mim. E aí eu não quis que eles me atacassem.
- Por um momento Tadeu pensou ter visto Galvino relaxar ao ouvir do que se tratava.
- O que aconteceu depois?
- “Doce ilusão...”

— Eles foram embora.

O pai pensou um pouco antes de responder.

— Bom... É difícil dizer. É possível estar dentro do castelo de alguém e ver um desenho... Uma pintura de algo em uma parede. Pode ser uma memória, mas também um sonho. Um plano para o futuro, um desenho que a pessoa fez. Não há como saber.

Tadeu concordava, com o olhar perdido.

— E há também a sala verde.



Amanda achou que já havia ouvido tudo o que precisava para refazer tudo que havia desmoronado com Tadeu, mas parecia haver mais.

— Sala verde?

— É... — Respondeu Barnabás, fechando a porta. Ele e Amanda acomodaram-se na notavelmente arejada sala em que já tradicionalmente estudavam magia. — É o que me vem à mente quando penso em obter informações, minha querida... Mas ainda assim não é nada preciso.

— M-mas o que é essa sala?

— É onde ficam as coisas que nos são mais caras. — Explicou ele. — Mas de que adianta? Mesmo se houver retratos de uma pessoa na sala, o que é bastante comum... Podem ser de uma pessoa que se admira. Ou de um grande amigo. Um irmão, uma irmã. Raras vezes temos como obter *dados*, filha, esta é a triste verdade.

— Mas... Como eu acho essa sala? — Perguntou Amanda.

— Hmm... Bem...

Barnabás deu uma livre risada, olhando num leve ângulo para a filha, querendo lembrá-la de algo.

— Hmm... Certo. Desculpa, pai.

— Não há problema.

Amanda lembrou-se do que Barnabás havia dito a ela logo depois de começarem a entender melhor a estranha realidade de Neborum, em que quase tudo era modificável, maleável, simplesmente passageiro coisas podiam aparecer ou desaparecer sem razão aparente, pessoas podiam ir a qualquer lugar ou fazer coisas que ela, sentada no chão em seu corpo de carne e osso, jamais conseguiria. E o segredo para fazer tudo aquilo não era o *como*, mas uma mistura curiosa de conhecimento e intenção, já que em Neborum nem tudo se torna possível apenas *porque* é possível. Para que se faça algo, é preciso saber de antemão que *aquilo em particular* é possível, e *por que* se desejaria fazê-lo.

Saber da existência da sala verde — e para quê ela existia — era o suficiente para que Amanda conseguisse achá-la se quisesse. Ela sabia que

conseguiria usar seu iaumo como uma espécie particular de guia, sentindo a direção empurrá-la em direção à sala, a sala ser puxada em direção a ela.

— Agora... — Disse Barnabás. — Durante todo esse tempo temos treinado seu acesso a Neborum e como você se *porta* por lá.

— Sim.

— Você já consegue ficar de pé, andar, correr... O mundo lhe parece melhor?

— É... Acho que sim.

— Muito bem, filha. Muito bem. Agora é hora de fazer tudo isso sem mexer sequer um *músculo* desse seu corpo que está aqui, nesta sala.

Capítulo 31

Infiltrado

Dois dias haviam se passado desde que Dalki estivera na casa de Hourin, e a filha do falecido parlamentar ainda não estava bem. Continuava na casa de saúde, num estado delicado. Sem poder contar com ela, Dalki fez o usual: refez os traços que compunham a vida de Hourin e chegou a um número de pessoas com as quais deveria conversar. Aquilo ia levar algum tempo.

A primeira visita seria justamente aquela da qual o chefe de polícia esperava obter menos informações úteis. Ianni já estava próxima aos cem rosanos, sendo mais jovem que o irmão Hourin. Vivia em uma jir ao oeste de Al-u-een, numa casa confortável e amistosa, que não parecia ter sido construída com muito dinheiro: tudo tinha um característico ar de segunda mão, desde o sofá caqui ao vaso verde no corredor oblíquo, passando pela mesa bamba, as cadeiras consertadas com tiras grossas de goma escura e os borrados azulejos vermelhos da cozinha, de onde vinha o cheiro agriçoce de um molho de tomate em fervura.

— Deve saber por que estou aqui, senhora Ianni.

— É claro. — Aquiesceu ela, fechando os olhos e sentando-se no sofá. — Meu irmão.

— Sinto muito.

— Ele não me fará falta, senhor Dalki. — Ela era uma senhora magra e baixa, com um ralo cabelo cinza escuro caindo do lado de um longo rosto. Sua voz era baixa, embalsamada em experiente aceitação. — Espero que o senhor encontre quem o matou, pois este é um crime lamentável, é claro... Mesmo se fosse outra pessoa. Mas meu irmão, ele... Infelizmente não era mais parte da minha vida.

— Por quê? O que houve?

— Bem, ele... — Ela parecia sobretudo cansada. — Ele deixou de participar da nossa família há muito tempo. Já era *fechado* antes disso, mas... Não há muito a dizer.

— Entendo. Quando foi a última vez que falou com ele?

— Já faz rosanos! Encontrei-o no centro da cidade. Trocamos algumas palavras, nada demais.

— Certamente a senhora sabe do que dizem a respeito dele.

— Sei, é claro.

— A senhora acaso *sabe* se ele era realmente um mago?

— É o tipo de coisa que ele mataria para encobrir, senhor Dalki. Eu não estaria aqui se *soubesse* desse tipo de coisa.

Dalki se limitou a concordar.

— Peço desculpas. — Retratou-se ela, respirando fundo. — É que o senhor não sabe o quanto têm me perguntado sobre isso. Eu só quero esquecer o meu irmão. Ele nunca me fez nada de bom e desde que morreu é só motivo de tormenta para mim.

— Quero acabar com isso para a senhora. Quanto mais cedo soubermos o que aconteceu, melhor. Ele tinha propriedades aqui por perto?

Ela negou.

— As terras que ele tinha ficavam no norte. Disso eu sei!

Dalki percebeu que ela passou a olhar para a cozinha. Talvez o molho no fogo estivesse quase queimando, ainda que o cheiro continuasse convidativo.

— ... Bom, creio estar incomodando a senhora por tempo demais. — Disse ele, levantando-se. Ianni levantou-se ainda mais rapidamente, olhando-o com um belo par de olhos inocente. — Se houver algo que a senhora tenha para me dizer, saiba que posso ouvi-la a qualquer momento.

— Bem, na verdade... — Disse ela, lembrando-se de algo. — Não deve ser nada demais, é claro, mas talvez... Talvez *meu filho* possa saber de mais pessoas que tenham entrado em *contato* com o meu irmão nesses últimos dias.

— Seu filho. — Repetiu Dalki, intrigado.

— Lembro que Lenzo, este meu filho que falei, esteve aqui há algum tempo e... Durante a visita perguntou sobre Hourin. Queria saber onde ele morava. Acho que o senhor pode fazer algumas perguntas para ele. Alguém devia querer saber, não é? Por isso perguntou para ele, e ele perguntou para mim.



Alguns policiais foram designados para vasculhar a casa de Hourin a fim de encontrar novas informações, uma busca minuciosa e atenta para a qual Dalki não tinha paciência. Enquanto ele terminava a conversa com Ianni, Kenner acabava o andar de baixo da casa. O alto homem com negros cabelos de caracóis e um ar malandro que jamais o abandonava, mesmo quando vestia a farda de policial, foi encarregado da revista. Kenner passou os olhos por todo o escritório, cheio de registros de terras em Al-u-een, Al-u-ber e Karmen-u-een, além de correspondências quanto a decisões financeiras e administrativas em cada uma das propriedades. Afora isso —

coisas sem substância ou referência a quaisquer problemas; frias cartas com comunicados simples e impessoais — ficavam ali algumas barras de ouro que já haviam sido levadas para o prédio da polícia por Dalki, além de uma porção de roupas que não pareciam ser usadas há bastante tempo. Todas melhores que o uniforme azul-escuro que vestia.

Lumier, que nascera em Den-u-tenbergo, era um atlético garoto, no desabrochar da idade, que trabalhava com ele naquela operação. Acabara de entrar para a força policial de Al-u-een e, afoito por mostrar-se útil, investigara com esmerada dedicação o quarto de hóspedes da casa no segundo andar. Ele descia as escadas quando anunciou que terminou de vasculhar os pertences da filha do político.

— Qual é o nome dela mesmo?

— Não sei... Dalki não me disse. — Respondeu Kenner. — O que falta lá em cima?

— O quarto do *próprio* Hourin. Deixei por último... Vou lá agora.

— Não, Lumier, olha... — Kenner pensava em um jeito casual de dizer aquilo. — Você pode ir. Embora. Você trabalhou bastante, já. Eu cuido daquele quarto.

— Não, essa é a *sua* chance de descansar! Eu posso cuidar de lá, já cuidei do segundo andar todo mesmo, e...

Lumier sentiu-se estranho por um momento, com a visão turva seguida por uma visão de si mesmo descendo a escada, passando por Kenner.

— Eu... Tudo bem, então, chefe. — Disse ele, por fim.

Kenner não sorria, e seus penetrantes olhos verdes pareciam deixar clara a violência para a qual só faltava a agressão. Sem dizer mais nada, começou a subir as escadas.

Lumier achou aquilo um pouco estranho, mas seguiu em frente. Não sabia mais o que tinha visto, afinal; quando tinha aquelas dores de cabeça ficava mal-humorado e tendia a ver tudo com olhos maldosos. Kenner deve ter achado sua atitude esquisita; só isso. Descer a escada daquele jeito, com a mão na cabeça... Talvez tivesse passado tempo demais em contato com a poeira dos quartos de hóspedes. Já havia sentido aquelas sensações antes, em Den-u-tenbergo, mas achava que elas tivessem ficado no passado. Talvez fosse hora de procurar um médico. Chegou até mesmo a chamar Kenner de *chefe*, posição de autoridade que não lhe correspondia. Estranha confusão.

Kenner, do topo da varanda que o corredor do segundo andar formava, observava Lumier ir embora da residência bloqueada pela investigação. Estava sozinho na casa do político mais controverso da cidade, e agora era sua chance: se pudesse descobrir *alguma coisa* naquela casa...

A magia nem sempre funcionava maravilhosamente para todos os magos. Em Al-u-een, em particular, era difícil tentar alcançar tudo o que se

quisesse sem se expor demais. Kenner era policial há bastante tempo; um sonho muito antigo. A ideia de ser o responsável por manter a ordem na cidade fazia com que ele se sentisse uma pessoa de valor. Sonhava com um maior *reconhecimento* para esse valor — “Isso é crime, por acaso?”, pensava.

Ainda assim, não conseguira subir de posto tanto quanto gostaria. Sendo um espóico, naturalmente conhecia outros magos, mas naquela cidade a influência precisava de tempo para agir. Para Kenner, estava demorando tempo demais. Tinha que encontrar algo. Algo irrefutável. Algo que fizesse surgir uma oferta — uma proposta, um pedido, uma *demanda* — irrecusável. Aquela era a oportunidade de ouro para descobrir algo que expusesse os magos de Al-u-een.

Ou Hourin era um mago, pensava Kenner, ou era um yutsi flamejante.

Procurou no armário. Nada encontrou entre as roupas, nas gavetas e portinholas. Procurou no banheiro. O baú de viagens estava vazio. Mas o que procurava jamais seria guardado de maneira tão óbvia. O que procurava estava em um lugar um pouco menos simples.

O chão da casa era de corvônia. Não havia uma parte que fosse móvel, visível, debaixo da cama ou em qualquer lugar acessível. Kenner costumava esconder moedas de ouro debaixo de um assoalho de madeira solto durante a infância. Aquilo não era possível naquela casa.

Não no chão, certamente... Mas as paredes do lugar eram todas de madeira.

As casas da rua, da vizinhança inteira eram assim, afinal: estruturadas em corvônia, mas cobertas com madeira. O quarto de Hourin era sóbrio e comum: os móveis eram marrons, nem muito escuros, nem muito claros, e as placas retas que formavam as paredes eram de um empalidecido amarelo solar.

A pintura era mantida em dia, mas se houvesse alguma brecha nas tábuas que compunham a parede — especialmente uma que tenha sido usada recente e regularmente — ela seria vista se o observador se aproximasse o bastante.

Com o rosto quase colado à parede, o policial espóico observou algo que parecia ser um desnível de luz na parede na parede em frente à cama. Olhou por um ângulo menor, ao custo de um pouco menos da luz da tarde que entrava pela janela aberta. Deu um sorriso matreiro pensando no que estava prestes a fazer.

Deu um chute no lugar certo: com um forte rangido seco, a metade de baixo de uma tábua que ia até meia-altura da parede afundou para dentro, com a metade de cima saltando em direção a Kenner. Pó e partículas secas de tinta voavam sem rumo. A parte de baixo da tábua encostava na ponta do que parecia ser um pedaço de tecido, escondido mais à esquerda no compartimento que Kenner desvelara.

Era uma espécie de sacola de algodão. Com o tecido amontoado no topo, estava fechada com uma fina corda de couro de bufão num laço simples. Dentro havia uma série de papéis dobrados. Estavam bem dispostos, enchendo a sacola de maneira comportada.

Kenner pegou um dos papéis encaixados em um dos cantos. Leu o conteúdo com dificuldade: a letra não era das melhores, mas tampouco contribuíu a pouca habilidade com a leitura.

Entusiasmado como há muito tempo não ficava, a ponto de ter finos calafrios de excitação, leu outra.

Perdeu cerca de meia hora ali, sentado na mesma posição de quando começou a primeira carta. Não havia mais dúvida quanto ao que achara. Não havia mais dúvida quanto ao lugar para onde ir a partir dali.



Kenner entrou no saguão principal do parlamento de Al-u-een com um sorriso travesso. Aquele era um lugar de pouca luz, onde uma série de estátuas representando grandes momentos da cidade foi erigida ao longo da parede, construindo um abrangente arco em torno dos recém-chegados. No meio de coleções coesas de homens, todos trabalhando em prol de algo, ficava uma bancada pétrea em que um homem loiro, de longos cílios e pele brilhante, informou a Kenner o caminho até o gabinete.

— Bom dia, Kenner.

— Bom dia, senhor Kent.

Kenner o conhecia de seus primeiros anos enquanto policial, fazendo trabalhos de segurança na instituição. Agora os dois se encontravam na escada para o terceiro andar; ele descendo, Kenner subindo. Nada que provocasse suspeitas, afinal.

Bateu à porta, o que era uma formalidade: sabia que a pessoa com quem queria conversar estava ali, e sabia que estava sozinho. Podia vê-lo, solitário, no topo de um grande e intrincado castelo murado. Hideo, que não o conhecia pelo nome, abriu a porta do gabinete francamente surpreso com a visita de um oficial da ordem.

— Boa tarde.

— Boa tarde. Quero falar com o senhor.

— Quem é você?

— Meu nome é Kenner. Posso entrar ou não?

Seus olhos, bem empacotados num rosto achatado, acompanhavam uma boca e um nariz medianos; suas orelhas de aspecto retangular iam bem com a apresentação impecável da roupa, do cheiro, do seco cabelo preto bem aparado. O homem que, em suma, tinha tudo no lugar verificou o vazio do

corredor antes de fechar a porta. Lidar com um policial não era exatamente preocupante, mas receber um policial *magô*...

— Sente-se. Sobre o que se trata?

Kenner admirava a luxuosidade clássica da sala enquanto sentava-se à frente da mesa do político. Armários grandes no ambiente pequeno, uma janela fechada, um sofá planejado, uma planta podada e uma mesa de canto.

— Hideo, eu vim aqui porque...

— Perdão, mas nós por acaso nos conhecemos? — Perguntou Hideo.

— Ham... Não, não nos conhecemos. — Kenner ria, assumindo uma postura cada vez mais casual enquanto avançava. — Sou um dos policiais que está cuidando da casa do Hourin. O senhor deve ter ouvido falar.

— Do caso, é claro. Do senhor é que não. — Ele baixou os olhos por um momento, pensativo. — Achei que somente o *chefe* podia fazer entrevistas.

— Não estou aqui para entrevistar ninguém.

Hideo juntou as mãos, entrelaçando os dedos acima da superfície metálica presa ao tampo da escrivaninha. Arqueou-se para frente, ensaiando um sorriso, e desviou o olhar ao escolher as palavras da reprimenda.

— É que... Você continua me chamando pelo meu *nome*. Não entendo nossa proximidade, garoto, me desculpe.

— Você vai logo entender.

— Diga o que quer de uma vez. — Sugeriu ele, desfazendo-se em incômodo, cruzando os braços. — Pelo seu bem e o bem dessa cidade você sabe que eu não tenho tempo a perder.

Kenner tirou de dentro da longa jaqueta negra um papel, mais amarelado que o usual e um pouco amassado depois de ter sido irregularmente dobrado. Hideo o tomou nas mãos e o abriu, iniciando uma leitura descompromissada.

— ... Talvez agora entenda, Hideo.

Kenner seguia a pupila de Hideo como um predador. Ela parou de se mover; sinal de entendimento. Ele estava refletindo. Seus dedos não se moviam; ele sequer ajustava a carta para poder ler a metade de baixo.

Em Neborum, nenhum movimento.

— Você não faz *ideia* do que está fazendo, seu *moleque*! — Vociferou em voz baixa Hideo.

— Faço sim.

— *Quanto* você quer?

— Não *quanto*, o *quê*! — Consertou Kenner. — Somos *criminosos*, eu e você. Mas *eu* ainda sou leal à cidade. Leal de *verdade*.

— Você é um hipócrita. O que a cidade ganha se você me chantagear?

— Isso é você quem decide. O que eu sei é que eu quero ser chefe de polícia de Al-u-een. Nada demais.

Capítulo 32

Planos

Já eram mais de duas horas da manhã quando bateram à porta do simpório casebre. Saíram das entranhas da cidade logo depois que Lenzo partiu; uma fuga que Hiram entendera. Lenzo era um neófito assustado. Não vivera o suficiente para entender o quão necessário era salvar Heelum dos magos. Ele deveria descobrir a si mesmo — não podia ser forçado a nada, afinal.

Kan guardou para si o conselho que lhe dera.

O percurso foi cansativo e um tanto quanto inseguro, especialmente durante a noite, quando abandonaram a charrete e seguiram por passagens inabitadas entre as colinas ao sul do rio Ia. Estavam em uma afastada jir próxima aos gêiseres de goma escura em que aquela população trabalhava, amontoada em casas. Algumas eram pintadas; outras ficavam só na madeira, despidas de vaidade pelos donos quase desprovidos de coisas mais importantes.

Ouviram um estalido metálico. As trancas da porta se abriram, e um homem do lado de dentro se revelou na luz do minério vermelho que Hiram trazia consigo. Tinha no corpo e no rosto marcas indeléveis de labuta e idade. Com barba e cabelo desorganizados, estava com o maxilar inchado.

— Vocês demoraram... — Disse ele, parecendo mal-humorado.

Entravam rapidamente, procurando em outras casas sinais de indesejável vigília.

— O que aconteceu com você? — Perguntou Hiram, apertando os olhos em frente ao rosto do dono da casa.

— Ah, nada. Um problema na boca. — Falava como se estivesse com a boca cheia. — O que você fez dessa vez, Hiram?

— Você não soube, então...

— Ah, aqui tudo chega tarde. — Ele fechou os olhos e balançou a cabeça, desgostoso. — Diga!

— Pegamos Hourin. — Disparou Raquel.

Os olhos do homem vidraram-se nela, que sentava-se em uma cadeira no canto da pequena sala. Gagé estava alerta, de olho no lado de fora através de uma pequena abertura na janela esquelética. Kan e Hiram perma-

neciam de pé enquanto o homem sentava-se lentamente, quase em estado de choque, próximo à parede que dividia a sala da cozinha. Uma, decorada com cores quentes; a outra, com uma pintura azul-clara mal acabada.

— Hourin? *Aquele* Hourin?

— Até o Hourin? — Perguntou Kan, confuso.

— *Aquele* Hourin? — Repetiu o homem.

— Sim. O parlamentar, Toroko.

Um tenso silêncio seguiu-se. Kan, habituado com a casa, foi servir-se de água. Raquel parecia esperar que Hiram se virasse para ela. Queria poder apressá-lo.

— Você... Ah, *Hiram*... — Dizia Toroko, soando ao mesmo tempo compreensivo e triste.

— Não precisa, meu amigo. Não precisa. — Interrompeu Hiram, sorridente, colocando a mão por sobre o ombro de Toroko.

— Bem... Aquele homem *mereceu*. Já conheci muita gente boa que trabalhou pra ele... Ele é um *monstro*!

Kan não havia entendido direito o que Toroko disse, mas preferiu não perguntar.

— Queremos saber se pode nos ajudar com alguma coisa, Toroko. — Disse Raquel.

— Já deixamos a charrete no meio do caminho, como você pode ver. — Hiram fez um aceno com a cabeça para a bagagem que Gagé carregava nas costas. Kan voltava da cozinha com o copo à mão. — Qualquer coisa nos ajudaria. De verdade.

— Para onde vocês vão?

— Para Roun-u-joss.

— Certo... — Disse Toroko, inquieto. — Não se preocupem, que eu não vou dizer nada a ninguém.

— Não tem problema. — Disse Kan. — Eles vão saber que fomos pra lá.

— Kan... — Advertiu Hiram.

— Como?

— Lenzo. Um dos nossos que... Desistiu de fugir.

— Não! Gente *detestável* que não se pode confiar! — Toroko pôs a mão no queixo depois de uma pontada de dor no rosto.

— Ele diz que nós o atacamos para forçá-lo a nos ajudar. Piamente acredita nisso, e é o que ele vai dizer à polícia.

— E vocês *fizeram* isso?

— É claro que não.

Novamente a quietude desceu sobre a casa. Gagé prosseguia, quase imóvel, parado em frente à janela. Ninguém queria apressar Toroko, mas quase sentiam que precisavam. Ele levantou-se e entrou na cozinha, passando por Hiram e Kan. Estes se olhavam, um sem conseguir fazer sentido

do que o outro queria dizer. Era apenas um medo; velado, escondido, calado.

Os barulhos de portas abrindo e fechando com estrondos lembravam Kan, que dera uma rápida olhada no que havia na cozinha além da água, que não podiam contar com muito mais que um pedaço mordido de pão e alguns tomates. Toroko voltava do cômodo carregando dois deles.

— É o que tenho... — Disse ele, sério. Hiram os entregou a Gagé, que começou a arranjar espaço para eles. — Você sabe que eu estou do seu lado, Hiram. É difícil não ter muita comida... Mas deve ser mais difícil não ter uma casa para morar!

Raquel levantou-se, andando ansiosamente por perto de Kan. Pensou que pareciam bandoleiros, roubando no meio da noite comida de quem já tinha pouco.

— É difícil, Toroko, é verdade que é difícil. — Disse Hiram, respirando fundo. — E *you* também sabe como é. Eu não me sinto em casa em lugar nenhum. Não me sinto em casa no meu próprio *corpo*, sejamos honestos. Nesse mundo não existe mais autonomia, meu amigo. Não existe mais *liberdade*.

Toroko parecia quase prestes a chorar quando aceitou de Hiram um abraço cheio de energia vacilante. Tiveram todos uma vigorosa despedida, seguida de desejos de boa viagem na escuridão.

De Enr-u-jir a Al-u-tengo

O centro de Al-u-tengo era tão parecido com todo o resto da cidade que seria fácil passar direto por ele sem percebê-lo. Mas o fim da estrada para o norte, justamente em frente à união entre o Rio dos Roncos e o Rio Podre, deixava claro que eles chegaram às entranhas da cidade dos arqueiros.

A arquitetura baixa e despretensiosa construía um céu estranhamente amplo para um lugar populoso. Jen e Richard chegaram ao hotel na manhã do vigésimo-sétimo dia de inasi-u-sana, por perto das onze horas da manhã. O lugar tinha escandalosos dois pavimentos — uma verdadeira raridade — mas não era de qualquer maneira espetacular. Logo saíram para ir ao único lugar que os interessava: o exército.

A viagem que terminaram fora rápida e tranquila — com a exceção, talvez, do desaparecimento do mapa. Ele seria útil, mas não era realmente necessário para chegar a Al-u-tengo. Seguiram em frente durante todo o dia anterior, passando a maior parte do tempo na Grande Floresta de Heelum, muitas vezes margeando o Rio dos Roncos.

Os roncoss eram animais quadrúpedes de porte médio, com uma acinzentada pele enrugada e seca. Eram pesados para o tamanho que tinham e levemente assustadores — não apenas pelos sons que faziam, que deram nome aos animais, mas pelo rosto, que parecia exibir uma constante reprovação irritada. Tinham uma carne tenra e succulenta, o que dava forma à cidade: jirs pequenas, em sua maioria familiares, espalhavam-se pela floresta com criações do bicho herbívoro. Jen o achava bonito, o que provocava risadas em Richard.

- O que *foi*? — Dizia ela, alegre.
- Os roncoss são *muito feios*, Jen! Você é louca!
- Você tem que olhar para eles sem procurar ver o rosto de uma pessoa.
- Replicou ela. — Eu sei que eles parecem estar sempre mal-humorados.
- Olham para você como se você tivesse feito uma coisa muito, *muito* ruim. — Melhorou ele.
- Tudo bem. Mas os olhos deles são muito bonitos, na verdade.
- Ah, que romântico! — Bradou ele, rindo alto.

Não viram nenhum ronco pela estrada, seja porque os bichos realmente não estavam ali ou porque passaram rápido demais por eles. Jen sabia que só teria outra chance de vê-los no caminho de volta para Enr-u-jir, já que a jornada não os levaria a outra parte da floresta em que aqueles animais vivessem. Mas contentou-se, sabendo que teria muito tempo ainda para ver roncoss selvagens.

— Você não pode me deixar esquecer do mapa. — Comentou Richard.

— Sim.

— É sério. Temos que comprar um *assim* que chegarmos lá.

— Ou podemos esperar para voltar pra Enr-u-jir, Richard. Lá eles devem ser até mais baratos...

Ele balançou a cabeça, ponderando a situação.

— É, acho que não precisamos de um até sair de lá de novo.

Jen deixou escapar um sorriso. Pensara em algo absurdo.

— Os magos não podem fazer isso, podem?

Richard olhou para ela, confuso.

— Fazer o quê?

— Sumir com o mapa.

Ele negou com um sorriso surpreso.

— É claro que não...

— Ah... Desculpa.

— Ah, Jen, por favor... Me desculpe. — Disse ele, arrependido. — Talvez p-possam... M-mas até onde eu sei os magos não mexem com as coisas, entende? Eles mexem com a gente.

— Certo.

— Sabia que dizem que Kinsley é um mago? — Perguntou Richard.

Ela voltou a olhar para ele, intrigada.

— É sério?

— Não sei. Quer dizer, dizem mesmo. Mas se é verdade eu não sei.

— Mas ele não *usa* o lenço!

Richard voltou a atenção para a estrada.

— É o que faz a acusação toda ficar bem séria.



O exército ficava do outro lado do Rio Podre, ao qual Richard e Jen logo chegaram: uma larga depressão pela qual passavam ondas e ondas calmas de água limpa e clara. Jen viu que havia várias pontes, não muito distantes umas das outras, continuando ao longo da cidade nas duas direções. Saindo da rota, admirou o rápido fluxo de cima da estreita, mas segura ponte de madeira em que estavam.

— Por que fizeram tantas pontes?

— Você não conhece a história do rio? — Perguntou Richard, juntando-se a ela.

— Não sei nem porque chamam de podre. É tão... — Ela não sabia como exatamente descrever aquilo que parecia ser simplesmente puro. — *Claro...*

— Ele tem esse nome porque ninguém consegue atravessar o rio.

— Por quê? Ele é muito rápido?

— Não.

— Então por quê?

Richard deu de ombros.

— Simplesmente não conseguem. Não conseguem ir em frente. Ninguém consegue. Todos morrem tentando. A correnteza leva. Gente que sabe nadar muito bem se afoga, e... As histórias são muitas.

A pesquisadora de Ia-u-jambu olhou para baixo de novo; para as águas que pareciam tranquilas e amigáveis. Não conseguia acreditar naquilo. O rio não era tão rápido, nem tão largo. Também não devia ser muito profundo, e a transparência fazia de qualquer peixe mal intencionado um péssimo vilão no que diz respeito ao quesito surpresa. A não ser que ele fosse rápido demais. Rápido demais para que qualquer um, até quem se preparasse para ele. Por outro lado, Richard dizia que “a correnteza levava” as pessoas. Não era um peixe. É claro que não era um simples *peixe*.

— Ninguém que morreu acreditava nelas. — Reiterou ele, afastando-se da borda.

Em cima da ponte o vento parecia soprar mais forte, como numa voz de vento, mas inocente ao invés de bruta e disforme. Uma voz maliciosamente pura, como aquelas águas. E sedutora.

Seriam aquelas águas venenosas? Seria esse o segredo?

Jen tentou se concentrar, decifrar o que o rio parecia querer lhe dizer. Sentiu como se os ouvidos fossem libertados de uma bolha de ar quando enfim ouviu Richard quase berrar seu nome.

— Jen! — Ela olhou de volta para ele. Já era a terceira vez que a chamava. — Vamos ou não?

O rio não deixava ninguém atravessá-lo, mas aparentemente permitia a passagem pelas pontes. Era curioso como o perigo forçara aquele povo a construir uma infinidade de passarelas, muito parecidas umas com as outras — com a exceção de algumas maiores, estruturadas em corvônia — como se aquilo pudesse conter a força da natureza que erigiu aquele mistério. Era a força do humano que precisava fazer alguma coisa, qualquer coisa que fosse, em face do inevitável.

Jen suspirou. Não podia controlar o rio, evitando que funcionasse como funcionava. Não sabia nem mesmo se desejaria fazê-lo se pudesse, ou ser capaz de fazê-lo, no mínimo. Nem mesmo entendê-lo, afinal, mistério de

Heelum que era. Mas o que a cidade podia fazer era enchê-lo de desvios; lembretes de que deveria ser evitado. No final das contas, pensava Jen, as pontes nunca impediriam que alguém se jogasse, dali pulasse, que caísse. Não eram à prova de deliberada ignorância. Ou de bravura. Nem mesmo de estupidez ou desconhecimento. Ou de suicídio. Tudo que era possível fazer era entender uma mão benevolente, esperando que a oferta de ajuda fosse aceita.

Mas os monstros ela podia tentar entender. Talvez não fossem de forma alguma misteriosos. Mas como isso era relacionado àquele rio Jen não fazia ideia.

Passaram por ruas cada vez mais apertadas depois que saíram da avenida que margeava o curso d'água. O caminho era aconchegante de tão diminuto, e o cheiro de pães e biscoitos entrava nas narinas sem pedir licença — algo capaz de provocar sorrisos igualmente não requisitados. Por todo lado havia lojas de café e doces, todas muito similares, com portas e janelas de madeira subdivididas em quadrados envidraçados, balcões com minérios de luz e balconistas seguindo os forasteiros com o rosto entediado. Não havia muitos clientes, mas os poucos pareciam obstinadamente relaxados, sem compromissos de qualquer espécie esperando por eles. O segundo andar sobrado da maioria das padarias estava ocupado por salas em que as mais diversas profissões se exerciam. Havia ceramicistas, arquitetos, escribas, relojoeiros, tecelões e até mesmo professores de guitarras ou instrumentos tradicionais, agrupados tão próximos que tornava impressionante, algo beirando o esquisito, o relativo silêncio da feira sob a pele das paredes.

Desembocaram então em uma outra avenida, um pouco menos larga que a beira-rio. Uma charrete entrava, naquele momento, em um pequeno pátio em frente a uma casa de fachada comprida, pintada uniformemente com um verde pouco vivo — poder-se-ia dizer que já em seus últimos suspiros. As janelas pequenas eram mais próximas ao teto que o usual, e a porta principal era simples e velha, com uma aparência desgastada. Era o lugar que procuravam. O exército de Al-u-tengo.

Passaram pelo portão sem que o homem dentro de uma pequena guarita à esquerda da entrada perguntasse qualquer coisa. A sala de entrada do prédio era escura; a parca iluminação vinha de alguns minérios amarelos, posicionados distantemente da entrada, perto de uma porta por detrás de um balcão. Tudo ali era marrom: o assoalho, de tábuas, e também as paredes, pintadas com um tom mais pálido da cor sisuda. O balcão, angular e simples como um gigante bloco sobre o chão, segurava alguns papeis rabiscados com coisas que Richard e Jen não tiveram tempo de ver, já que uma mulher com um cabelo loiro preso veio se apresentar.

— Bom dia. — Disse ela, com um sorriso surpreendentemente feliz para

uma militar daquele porte. — O que desejam?

— Olá, meu nome é Richard. — Apresentou-se ele, com Jen logo apertando também a mão firme da anfitriã. — Está é Jen, uma pesquisadora de la-u-jambu. Estamos em viagem e precisamos de companhia.

— Meu nome é Anika. Bem-vindos ao exército de Al-u-tengo. Que espécie de companhia?

— Obrigado... Hum... Bem, precisamos de alguém forte... Acostumado a viver em meio à floresta. De preferência um arqueiro. — Ele olhou para Jen, buscando apoio no que dizia.

— Vieram ao lugar certo, naturalmente. — Respondeu Anika, parecendo vasculhar a mente em busca de algo. — Sigam-me, por favor.

Ela deu as costas para os dois, que apressaram-se para seguir o passo marchado da mulher de ombros largos. Entraram na ala esquerda do prédio, atravessando um corredor lotado de portas de madeira iguais, básicas como a porta de entrada: sem detalhes ou identificação de qualquer tipo. Viraram à esquerda no final do corredor, depois de passar por quase trinta portas, e viraram à direita novamente para entrar em um pequeno escritório.

Jen e Richard pararam, um tanto acabrunhados, em frente a uma pequena mesinha no centro da mínima sala. Por dentro a sala era um trabalho em progresso: um jeito otimista de descrevê-la. Anika foi para detrás da mesa, abrindo uma gaveta cinzenta dentre uma série de outras parecidas, sem etiquetas ou papéis que ajudassem a categorizar o conteúdo. Jen se arrepiou; Richard percebeu, sem entender bem o que ela estava tendo. Anika leu um papel que a dupla não conseguia ler.

— Para onde estão indo?

— Pântano dos Furturos. — Respondeu Richard.

Anika voltou-se para os dois, solene.

— O *que* vão fazer lá?

Jen e Richard trocaram olhares.

— Eu não... Acho que você precisa perguntar isso para nos mostrar um *arqueiro*. — Disse Richard, tentando não fazer a frase soar muito rude.

— Perdão. — Disse Anika, recompondo-se. Fechou a gaveta. — Sigam-me, por favor.

Anika passou por entre eles sem olhar em seus olhos, como se fossem duas colunas próximas demais em uma passagem apertada, e os levou até uma das salas do corredor do qual saíram há pouco.

A sala era exígua; tinha o ausente luxo estimado para um cômodo em concordância com o resto do prédio: uma cama e um armário pequeno, com duas portas e uma gaveta. A parede não parecia ter sido pintada com o mesmo marrom, e na verdade parecia ter dado *errado*: a tinta era uma espécie de vermelho que cansava os olhos com apenas alguns segundos de observação.

Encostado ao pequeno armário estava o arco de aparência compacta, mas com curvas perfeitamente esculpidas: era letal como nenhum outro; uma genuína arma de Al-u-tengo. Em cima da cama estava a fânetra que carregava uma série volumosa de flechas, e ao lado dela um homem alto e forte, sentado com os pés no chão — o que deixava seus joelhos acima da linha da própria cintura. Ele lia um livro de capa negra felpuda, logo guardado quando o guerreiro percebeu que a porta se abrira. Levantou-se e olhou com firmeza para Jen e Richard, que o encararam de volta.

— Gregor. — Disse Anika. — Estas pessoas de Ia-u-jambu estão indo para o Pântano dos Furtivos. Acredito que precisarão de você.



— Então todas as suas atribuições estão esclarecidas?

Gregor fez que sim, e sorriu. Jen e Richard descobriram — na maior parte do tempo adivinharam, fazendo estimativas baseadas em evidências — que ele era um homem experiente; certamente muito bem treinado. Tranquilo e monossilábico, apenas afirmava que faria todas as tarefas com excelência. Não fez nenhuma pergunta além do básico.

— Então pode subir e dormir. Partimos pela manhã.

Ele assentiu, e logo deixou a mesa murmurando um simpático e quase tímido “boa noite”. Jen o fitou com apreço enquanto ele carregava escada acima o corpo construído, a grande e larga face retangular e o cabelo negro seco e preguiçoso.

— Ele parece perfeito. — Disse Jen assim que ele estava longe o suficiente.

— É, é verdade. — Concordou Richard, bebendo o resto de água do copo.

— Acho que finalmente vou viver uma aventura. Vamos, q-quer dizer, nós dois. Nós três.

— É... Mas você que não vá viver uma aventura com *ele*, hum?

Jen se surpreendeu, fazendo Richard abrir um sorriso inquisidor.

— Que ideia é essa, Richard? É claro que não!

— Sei. — Ele fez uma voz fina para imitá-la. — “Ele parece *perfeito*!”

— Ah, Richard, por favor... Eu não quero nenhum tipo de envolvimento.

— É, eu também não. — Respondeu ele, recebendo um olhar curioso por parte dela. — E não se preocupe que você não corre risco.

— Ah, certo. Então *eu* que devo te alertar para você não viver uma aventura com ele, porque se vocês brigarem eu não vou ter *forças* para lutar com ele, obviamente...

— Ele é a nossa fonte de comida e nossa garantia de proteção. Eu não sou *louco* de mexer com isso... — Argumentou ele. — Mas me diga... Por que você não está procurando por alguém?

— Não sei. Penso que... Autoconhecimento, sabe? Penso que não é só por monstros que eu procuro nessa viagem...

Eles mantiveram um olhar firme, recíproco, por mais algum tempo. Jen pediu mais água para o copo de Richard e, tomando-o do colega, levantou-o.

— Bebo à nossa viagem e ao nosso futuro, meu caro Richard!

E ela bebeu um gole, entregando o copo de volta a ele, que sorriu.

— À nossa viagem e ao nosso futuro, Jen.

Mal educados

— Pare.

Byron e Tornero estavam do lado de dentro da carruagem laranja do mestre. O silêncio, quente e nervoso, atravessava as paredes, as portas e as janelas vedadas por cortinas cor-de-lavanda. Estavam em um lugar ao leste da cidade, com algumas baixas colinas separando-os do Rio da Discórdia.

— Chame um deles aqui.

— Acredito que sim, mestre, mas se eles não estiverem...

— *CHAME UM DELES AQUI*, Tornero! — Ralhou Byron, furioso.

Tornero gostava dos riscos e sabia que não seria realmente difícil conseguir aquilo, mas o problema naquele momento era o fino equilíbrio que a relação entre Byron e ele sempre exigira. Um era tipicamente o homem da estratégia, enquanto o outro jamais se cansaria de ser aquele a sentir o fogo da batalha arder à frente do próprio rosto. Mas Tornero sentia-se terrivelmente amedrontado quando convivia com o lado perturbado do mestre, que vinha à tona quando ele era contrariado. Sentia-se pego pelos calcanhares com um golpe rápido e indefensável, e tudo o que podia fazer era se balançar como um peixe. Odiava se sentir daquele jeito.

Logo ouviram passos acelerados na grama, que acabaram quando a porta lateral da charrete se abriu bruscamente com um estalido fino. Uma mulher com cabelos longos, de um loiro sem brilho, olhou para o interior da charrete com olhos curvados, como se permanentemente cansados.

Byron tomou conta da situação, expulsando-o do castelo dela com as próprias mãos. Há um segundo estava próximo à alma daquela mulher, girando-a rudemente em uma ventania que ele não tinha paciência de molder. A próxima coisa que percebera foi que estava rolando na grama, indo parar a vários pés da porta principal do castelo que invadira, dolorido e sujo. Fechou os olhos e esmurrou a grama.

A mulher entrou na charrete, sentando-se ao lado de Tornero cheia de reservas.

— Quem é você? — Perguntou Byron.

— Enrita... — Ela respondeu, distraída.

— O que estão aprendendo?

Ela olhou para ele com as pupilas tremendo e o corpo acuado, que deixava claro sua vontade de fugir dali o quanto antes.

Agora, por outro lado, queria ficar.

— Lamar contou histórias... — Respondeu ela.

— O que estão aprendendo a *fazer*, sua *ignorante*! — Respondeu ele. Ela desviou o rosto, assustada, enquanto ele gesticulava grosseiramente, entortando a boca ao falar. — Em *magia*!

— E-eu não sei, não é nada não, nós só... Fazemos uma s-sensação nos outros, d-de... De conforto, eu...

O rosto de Byron começou a se transformar.

— *Conforto*? Vocês andam por *Neborum normalmente*?

A confusão no rosto da entrevistada se acentuou de forma aguda. Olhou por um instante para Tornero, que ainda estava arqueado para frente, pondo os cotovelos nos joelhos.

— *Neborum*? O que é isso?

A consternação sumiu da face de Byron tão rapidamente quanto surgira, e um riso dormiente tomou seu lugar.

— Ouviu isso, Tornero? — O pupilo assentiu discretamente. — Eles não sabem o que é *Neborum*, Tornero.

Sua risada ficou cada vez mais cheia e satisfeita, mas nem por isso menos trôpega. Enrita o encarava com um tipo peculiar de vergonha. Não estava entendendo quase nada do que acontecia.

— Pode ir, mulher. — Disse Byron.

Sem pensar duas vezes, Enrita abriu a porta da charrete e saiu correndo para longe. A porta foi voltando devagar, sem ranger, ocultando para Tornero a visão da fugitiva.

— Tranquelize-a, Tornero.

— Estou fazendo isso.

— Faça *mais*. — Ordenou ele. — ... Você estava certo, Tornero. Arranje tudo como quiser. Isto é uma permissão e uma ordem.



Antes do encontro parcialmente espontâneo com Enrita, Byron visitara Caterina. Pediu a Tornero que permanecesse na charrete, cuidando de qualquer atenção que lhe fosse dirigida. Andou decisivamente até a porta da alorfa, que a abriu antes mesmo que ele se anunciasse. Eles se viram, então. Em *Neborum* e ali, a um braço e meio de distância um do outro. Ela marcara sua posição como uma fortaleza do lado de dentro. Ele, do lado de fora, não fez menção de entrar.

— Você me deve uma explicação.

— Você está surpreendentemente alterado para um bomin, Byron. — Afirmou Caterina, tão assertiva quanto ele, cruzando os braços.

— Sei usar o que sinto contra quem merece.

— Você deve estar falando de Alice. — Cortou Caterina. — *Ela* foi o problema, não eu. Eu votei com *ocê*.

— *Quieta!* — Disse ele, num impulso.

— Ou suas intenções são fáceis de descobrir — continuou ela, desafiadora — ou pensamos de forma parecida.

Ele deu um passo à frente. Ela bateu a porta à parede depois de uma leve recuada, afirmando-se com postura. Os dois se olhavam também, frente a frente, do lado de fora do castelo de cada um. Ele saíra primeiro, com mãos quentes de onde saía uma volumosa fumaça de fuligem; ela, com um longo chicote negro nas mãos, tentava disfarçar as pernas trêmulas ao regularmente trocar de lado o peso corporal.

— É exatamente por *isso* — replicou ele — que nós dois não podemos ocupar a mesma cidade.

— Você não pode me derrubar, Byron. E isso não é um desafio. É um *fato*.

Um vento seco atingia insidiosamente Neborum ao redor dos dois castelos.

— Muitos me colocaram onde eu estou e eu *não vou* desistir de lutar esta luta. — Continuou ela. — Uma luta que muitos deles nem sabem que *existe* ou *o que é*.

— Você não tem condições de ganhar essa luta. — Ele abaixou o tom de voz, copiando o jeito passivo-agressivo da parlamentar. — Prima-u-jir não é o seu lugar.

— O meu lugar é onde eu estou.

— Não. Você ainda não está no seu lugar.

Byron virou-se e começou a ir embora, desaparecendo de cena também em Neborum. O pulso de Caterina disparava, e ela sentiu uma onda de ousadia que não conseguiu impedir de explodir.

— As pessoas estão acordando, Byron! — Ele parou, ouvindo de costas. — Você não pode controlar tantos por tanto tempo! As pessoas estão começando a entender como tudo funciona, Byron!

Ele recommçou a andar. Caterina controlou a vontade de perguntar se ele havia entendido o que ela dissera, e entrou de novo no próprio castelo e na própria casa. Trancou ambas as portas.

Parte IV

Memória

Vida bandida

A prisão de Prima-u-jir era um anexo apodrecido do exército da cidade, que por sua vez era um grande prédio verde-claro, notavelmente bem administrado. As paredes da cadeia eram vermelhas, tanto do lado de dentro quanto de fora, e recebiam externamente a iluminação de tochas acopladas à laje do andar único, que pressionava com um amarelo sujo e mofado as cabeças dos prisioneiros. Do lado de dentro, cada cela era uma versão menos luxuosa dos cômodos mais miseráveis da cidade; um grupo de trapos, uma espécie de prato côncavo acobreado e uma latrina rasa, fétida mesmo quando vazia.

Nade de anormal havia acontecido naquela aula até então, com a exceção, talvez, da chuva, que ameaçava cair com força nas próximas horas. Lamar percebera que menos pessoas vieram, e nesse cenário isso era perfeitamente compreensível.

Lamar começara a aula ao propor, em luz de acontecimentos que ele considerou prudente guardar para si, que as aulas fossem transferidas para outro lugar. Logo alguns alunos aventaram possibilidades. Algumas bastante ruins, envolvendo espaços completamente desconexos da rede de estradas — o que poderia significar uma verdadeira viagem de duas ou três horas a pé até o local. Outras eram interessantes, mas poderiam chamar muita atenção. Lamar percebera que a sugestão deixara os alunos inquietos. Nada anormal tampouco.

Começaram a aula de fato, deixando a discussão para depois. Apenas alguns minutos haviam se passado quando o professor ouviu um barulho incômodo. Num reflexo automático lembrou-se dos risos histéricos que Tornero provocara em uma das aulas, mas não eram risos que ele ouvia. Era algo de todo tímido e contido; um choro pequeno.

As duplas começaram a se dar conta do pranto, e Lamar correria para alcançar uma mulher de pele escura e olhos grandes. Agarrou-a pelos ombros, num gesto bruto, mas preocupado. O vento cada vez mais forte entortava o caminho de lágrimas no rosto da moça de vestes esmeraldinas. Ela ocupara suas têmporas com as palmas das mãos, retas, e não parecia disposta a dizer qualquer coisa.

Ouviram outra voz feminina chorar, e um homem próximo a ela na prática que faziam também começou a estreitar os olhos e soluçar, ajoelhando-se ao chão.

Os alunos, atordoados, pensavam se seriam os próximos na inexplicável sinfonia, e olhavam em volta como se um monstro estivesse à espreita. Lamar tentava pensar no que fazer quando ouviu uma voz masculina, que reconheceu ser trazida até a aula por um minério de som.

“Esta é a polícia de Prima-u-jir.”

A voz veio de um lugar atrás da colina, mas não parecia muito longe.

— *CORRAM!*

Os alunos dispersaram-se o quanto antes para todos os lados, desordenados, e logo os policiais surgiram. Vestindo grossas capas negras e brandindo espadas, avançaram contra alguns alunos que tentaram escapar, inutilmente, pelo lugar por onde vieram. Outros conseguiram fugir. Estavam em maior número e muitos, mais jovens, corriam mais rápido.

Lamar lamentava a cena com um misto de raiva e desespero desde o instante em que começou. Ainda assim, tudo aquilo parecia surreal; aquelas pessoas correndo, fugindo, e ele ficando para trás. Uma brincadeira, uma interrupção sem sentido, uma encenação que estava se prolongando demais.

— Deixem! Deixem! — Dizia Tornero, ordenando que os perseguidores não se preocupassem com os alunos.

Lamar sentiu um agudo arrepio, e o dia pareceu ter escurecido ainda mais. Deu meia-volta, engolindo em seco. Os policiais se aproximavam. Tinham a boca leve e mecanicamente curvada para baixo, verdadeiras estátuas de guerreiros que eram, donos de uma legítima força sem misericórdia.

— Não p-p...

Lamar tentou falar, mas um dos guardas o interrompeu com um soco na bochecha esquerda.

Lamar queria dizer que iria cooperar, mas o discurso sequer começou. Caiu com o rosto no chão, tingindo a grama com um pouco de sangue. Foi posto de pé novamente; não viu quem torceu suas mãos para trás das costas. Contou pelo menos dez agentes da lei de Prima-u-jir, que se reuniram em torno dele.

— Então nos encontramos. — Disse Tornero, sorridente. — Tem alguma coisa a dizer, Lamar?

Não conseguia pensar. Ainda tremia com o impacto que recebera, e a sensação em seu rosto era esquisita, os músculos ainda procurando por uma forma de se rearticular. Foi logo levado para um grupo de charretes, que avançaram para o centro da cidade num turbilhão.

Incrédulo, envergonhado, por fim esperando que aquilo tudo fosse um pesadelo, Lamar era arrastado de um lado para outro, quase inconsciente do

que lhe acontecia. Foi recuperar parte do autocontrole quando foi jogado na cela por dois brutos soldados.

Lamar não dormiu naquela noite. Sua cabeça formigava com culpa, raiva, frustração — nunca se sentira tão mal, dentro de um jogo tão sórdido. Sentado, apoiava as costas na parede da janela; o cubículo em que fora colocado fazia fronteira com outros dois. Uma parede separava os cômodos, vazios. À frente havia barras de ferro sujas e arranhadas, e para além delas o pequeno corredor que dividia as celas do lugar. Depois disso, mais e mais celas, iguais umas às outras, vazias como as expectativas de Lamar.

Myrthes e Ramon ficaram para trás. Esse era o fato mais aterrador, do qual não conseguia se livrar. Gastava boa parte do tempo imaginando como eles estavam. Se o governo da cidade conseguiu pôr as mãos neles de alguma forma ou se estavam em casa, preocupados com seu sumiço.

Logo após pensar em algo, encontrava argumentos para defender o cenário. Quando ele era muito preocupante, logo se punha a procurar por motivos que fariam tudo aquilo perder o sentido.

Aquilo que deveria fazer o deixava ainda mais angustiado. Era nesses momentos da reflexão que o cansaço era brevemente vencido, e Lamar acabava *precisando* andar dentro da cela. Não podia se comunicar com Kerinu. Não podia se comunicar com a família. O problema era, afinal, o *quanto* Tornero sabia sobre ele. Será que teria ido até Kerlz-u-een para buscar informações? Teria se dado a esse trabalho? Se ele sabia da existência de Myrthes e de Ramon — e nesse caso, ainda, onde encontrá-los — então seria inteligente barganhar pela segurança da família. Daria qualquer coisa. Faria qualquer coisa.

Por outro lado, sabia que não podia fazer ou dar qualquer coisa a ele. Se Tornero queria apenas vingança, punição, prazer — o que tudo indicava, afinal — então a única coisa que teria a oferecer era justamente a separação em relação à família, ou coisas ainda piores. Pensou em cenários absurdos, que o fizeram segurar-se à parede por alguns instantes de vertigem. Uma onda de calor passou por seu corpo, alertando-o de que uma barganha não seria nada inteligente. Ele precisava ser *prudente*. Precisava estar seguro e colocá-los em segurança. Não podia mencioná-los. Não podia se preocupar com eles.

Lágrimas de impotência enchiam os olhos de Lamar enquanto ele percebia quão pouco ele podia fazer.

Um dia se passara. Lamar deveria ter voltado para casa. Myrthes *deveria* ter começado a procurar por ele. E certamente o faria na cadeia primeiro. Ou, no máximo, na casa de saúde, na esperança de que fosse antes uma doença do que a prisão.

Ele deveria ter pressentido aquilo. Coisas assim não simplesmente *acontecem*. Quanto mais pensava mais ele chegava à conclusão de que aquilo era

inevitável.

Ainda que *tivesse sido* evitável.

Estava cansado daquele jeito, preso ao mundo da lucidez. Ao mundo do que escolheu e do que fez. Pensava nisso enquanto percebia, ao longe, o som de uma porta próxima. Tentou se arrumar no chão, mas desistiu ao sentir dor nas articulações.

— Já está pensando que foi uma má ideia ter começado a dar aulas, Lamar? — Perguntou Tornero, aparecendo no corredor por detrás das barras de ferro.

Lamar tentou dar a ele um olhar cheio de desprezo. Respirou fundo, pensando que devia evitar até mesmo esse tipo de sentimento.

— Não.

Tornero pôs os cotovelos em alguns dos espaços entre barras, apoiando-os em um cano transversal, e encaixou o rosto em outra reentrância. Lamar recostou-se ainda mais à parede.

— Eu não vou parar... — sussurrou o homem do lado de fora — Entenda bem... Até que você sinta, Lamar, que foi uma má ideia ter *nascido*.

— E é isso que eu mereço? P-por ensinar as pessoas o que acontece em Prima-u-jir?

Tornero distanciou-se, parecendo mais soturno com o olho esquerdo por detrás de uma séria sombra vertical.

— Talvez. Talvez mereça *mais*.

Lamar olhou para o chão, balançando a cabeça. Não fazia sentido olhar para Tornero.

— Por que você me odeia? Foi porque eu fui escolhido primeiro?

— *EU* era pra estar lá! *EU!* — Vociferou ele, prontamente apontando para o próprio peito.

— E eu não queria nada daquilo... — Replicou Lamar, voltando-se para o inimigo por momento. Viu de relance que Tornero ainda tinha os olhos bem abertos, em uma postura exaltada. — Eu não entendo. Você *conseguiu* o que você queria... Você conseguiu tudo.

— Escute bem, Lamar... Nós temos o que temos porque merecemos. Não vamos deixar ninguém se meter nisso. Não vamos deixar ninguém tirar isso de nós.

Lamar não respondeu. Ficou um pouco tonto, mas sabia que não estava sendo controlado. Sentia-se, de certa forma, protegido pelas barras da cadeia. Tornero podia vir insultá-lo e prometer que ele sofreria; poderia até torturá-lo enquanto isso não acontecia, mas enquanto Lamar estivesse ali nada de *pior* lhe aconteceria.

— Você, Lamar, não deveria ter voltado.

Com um olhar de quem confere pela terceira última vez se o alvo fora mesmo atingido, foi embora.



Qualquer acontecimento demorava um tempo longo demais para acontecer. Entre os horários em que recebia alguma comida — arroz e pão, secos; água; por vezes uma porção de uvas roxas, a maioria podre ou batida — sofria com a solidão e a incerteza quanto ao que estaria acontecendo no mundo de que fora excluído.

Passou a dormir mais, aproveitando ao máximo o débil pano azul bordado com motivos vermelhos. Era feio e gasto, mas servia; ora como colchão, ora como cobertor. Não podia usá-lo com os dois propósitos sem torná-lo inútil para ambos. Seu sono era agitado e inconstante, descontinuado por fome, sede ou por momentos de vigília em que ele não sabia se estava verdadeiramente acordado.

Houve um momento em que pensou ter ouvido a voz da mulher; talvez o choro do filho. Não deu muita importância, já que ouvira também a voz do próprio pai, a voz de um Byron muitos rosanos menos velho, e imagens de si mesmo mais jovem — de todo tipo de experiência que tivera — assaltavam sua mente, aleatórias e tingidas com uma espécie de dor que não costumava estar lá. Não daquele jeito.

No terceiro dia de clausura fora avisado que seria levado mais tarde para um banho. Ele esperou, tentando novamente lembrar-se do que significava o tempo, e como contá-lo. Ele não deveria ser muito grande, nem muito dolorido de ver passar.

No entanto, a próxima pessoa a aparecer não foi um guarda. Um homem de meia-idade, alto e vestindo uma elegante capa azul, abriu a porta de barras de ferro com a chave da cela. Lamar não entendia o que estava acontecendo. O homem não sorria, mas tampouco demonstrava qualquer emoção hostil. Olhou para o lado e chamou, com chiados discretos, um garoto.

Ele devia ter vinte e cinco rosanos, com certeza não mais que isso; baixo, vestia uma versão menor e mais fechada da capa azul do misterioso homem. Reconheceu as mesmas feições nos dois: o mesmo formato do rosto, a mesma inexpressividade.

O homem de azul olhou para o menino e fez um sinal para o lado de dentro. O garoto obedeceu, de braços cruzados, parecendo levemente acuado por alguma espécie de louca novidade que o prisioneiro representava. Olhou diretamente para Lamar, que sentiu uma espécie de curiosidade hesitante crescer em um olhar que, antes de temeroso — notava ele agora — declarava-se decididamente fascinado.

Lamar levantou-se, devagar. Percebeu que o homem estava tenso, olhando ora para ele, ora para o garoto. As pernas de Lamar dóiam, e os braços por pouco não excediam os membros inferiores em desconforto. Curvado

e praticamente manco, Lamar avançou lentamente em direção às barras da própria cela, para se apoiar e voltar ao normal. O menino acompanhara seus passos com um interesse que beirava o macabro.

— Quem são vocês?

Lamar apoiou-se na barra de ferro horizontal à frente quando começou a sentir frio; um frio incomum, surgindo como se uma pedra de gelo tivesse se materializado dentro do próprio tronco. Uma pontada o fez fechar os olhos. Sua perna tremia, mas o que antes eram movimentos rápidos transformaram-se em uma contração de músculos cheia de intenção. Como num reflexo, a perna direita queria dar a volta em direção à parede.

Lamar olhou para o menino, que apertava os dentes com força ao fixar um olhar raivoso no peito de Lamar. O suor começava a encharcar seu pescoço.

Lamar começou a ser puxado para trás. Deixou de se segurar por um momento, enlouquecido pela surrealidade daquele momento: o mestre trouxe o discípulo para treinar. Para treinar *nele*.

Deu dois passos para trás e se desequilibrou, mas não caiu; as coxas doeram ainda mais. Seus ombros gritavam por socorro. Tentava manter o pé direito no chão, mas o esquerdo começava a tremer loucamente. Tentava manter a mão direita sobre o próprio quadril, impedindo-a de fazer qualquer outra coisa, mas sentia a esquerda dormente. Desistira de tentar prevenir uma queda que parecia inevitável.

— Não... — Murmurou ele, instantes antes de sentir-se vencido.

Deu uma desastrada meia-volta e, tomando um impulso que não sabia que tinha, jogou-se com força contra a parede.

Caiu de costas no chão, tonto e gemendo de dor. Sua visão ficou turva, mas levantou-se como se alguém o estivesse puxando.

Depois de ficar em pé foi até as barras. Virou-se e correu como pôde em direção à parede. Estatelou-se no chão com a cabeça latejando, os lábios arrebentados e o corpo desconjuntado como um saco de ossos desconexos.

Lamar sentiu os braços livres de uma pressão que não tinha percebido que sofriam. Fechou os olhos e tentou respirar fundo; seu rosto estava molhado de suor e sangue. Ouviu algo indistinto, e então sentiu uma presença quente e sorrateira ao lado. Não teve coragem de abrir os olhos e ver o rosto genuinamente impressionado do menino.

— Você é um alorfo, não é? — Disse ele, sem precisar da resposta para seguir adiante. — Quer ensinar magia para todo mundo? Você *acha* que eu quero todo mundo fazendo isso *comigo*? Seu *idiota*!

E partiram, trancando a porta ao sair.

Capítulo 36

Vida nova

O céu, perfeitamente azulado e alinhado, parecia ter planejado os mínimos detalhes. Conspirador, é isso que ele foi. O céu encontrou uma maneira magnífica de favorecê-los — e era *importantíssimo* que nada desse errado.

Sentavam, os dois, debaixo de um baobá frondoso, tão vigoroso quanto sábio. A luz ficava à vontade sob as folhas, e eles também. Ficaram de joelhos na grama, empertigando-se. A Leila de vinte rosanos não tinha nada para proteger suas articulações, tão fraquinhas, já que usava um vestido quadriculado amarelo e laranja. Ele usava uma calça azul-escura. A melhor que tinha, ainda que esse não fosse fato notório e público.

Ela olhou bem no fundo dos olhos verdes de Beneditt, apenas um pouquinho mais velho que ela. Aquele seria o primeiro beijo dos dois, e eles sorriam e tremiam juntos, divertindo-se, de mãos dadas, ao curvarem-se para frente e encostar os lábios em um toque carinhoso, sincronizado com a inspiração profunda de cada um.

A versão infantil de Leila lembrava-se, sorrindo como boba, daquele dia. Espraiou-se na grama enquanto o pai, de quem herdara os lábios faceiros, sentava em um banquinho ao lado dela, tocando um ritmo leve na guitarra.

Ele parou e olhou para ela, que escondia os olhos da luz do gigante sol com uma das mãos.

— O que foi?

— Nada, pai...

Ele olhou para os campos e árvores ao redor, como se procurasse por algo.

— Não, o rio não está por aqui. Não consigo nadar sem água.

— *Ah, pai!* — disse ela, dando uma risada.

Ele mexeu um pouco na afinação da guitarra, e ela disparou, incontrolável:

— Pai, sexo é ruim?

Ele olhou para ela, curioso.

— Não, filha. De onde você tirou isso?

— Ah, é que... Todo mundo fala bem pouco nisso, e quando falam parece que é uma coisa... Ruim. — Argumentou ela.

O pai voltou-se para a guitarra, pensativo.

— Não, filha, é que... É que nós de Novo-u-joss temos *pudores*, é só isso.

— *Pudores*? — Perguntou ela, sem entender.

— É... Nós achamos que existem horas *apropriadas* pra falar sobre sexo, entende? Horas, lugares... *Pessoas*. — Ela balançava a cabeça afirmativamente. — Você, por exemplo. Você é a minha filha, então tudo bem falar com você. Você sabe que pode falar comigo sobre tudo, não sabe?

— Claro, pai! — Ela sorriu. Assim que o assunto ficou suspenso sua mente se voltou para o beijo de Beneditt mais uma vez.

— Isso é ter pudor, filha. Nem em todos os lugares é assim. Então a gente não fala... Nem *faz*... — Ressaltou ele. — Sexo em qualquer circunstância...

Leila continuava balançando a cabeça, começando a sentir na vergonha das bochechas o sentido do pudor. Tinha toda a liberdade para usar a palavra, mas seu conhecimento era tão vago e frio do que sexo *de fato* era que o uso parecia imerecido; um cálice de sabedoria e poder que tinha que ser ganho na ponta de uma espada.

— Está vendo aquela árvore, filha?

Ele apontou para uma planta baixa e seca que, com quase nenhuma folha, retorcia-se em direção ao chão. Leila não pôde deixar de compará-la a um corvo. Ela parecia agonizar lentamente rumo à morte do mundo vegetal, que era sempre sutil e graciosa.

— Uhum.

— Ela parece feia, não é?

Leila deu uma olhada mais criteriosa na árvore.

— Não é bonita como as outras...

— É porque ninguém fez nada com ela. *Ainda*. — Disse ele, com uma voz didática. — A natureza é capaz de coisas fantásticas, Leila, mas ela é muito... Irregular. Bruta, até! Mas se soubermos o que fazer... Podemos tirar beleza de *tudo*.

Leila observava a árvore com mais cuidado, e agora até um pouco de carinho. Tendo admiração por tudo que o pai fazia, dera àquela testemunha da crueldade do tempo um status especial. Fora exemplo de um ensinamento, afinal.

— E isso não é pouco, não é? — Riu ele. Ela franziu o cenho. — Sexo também é natural... Mas depende de nós. — Disse ele, seu dedo em riste. — E isto é um sonho, filha.

Leila observou o tempo parar enquanto o rosto do pai travava-se em uma espécie de decepção sombria. Um estranho som de fundo surgia aos poucos, preenchendo a cena com o ímpeto da destruição iminente.

Ela acordou num nervosismo rápido. A luz da manhã incidia sobre seu corpo em um quarto azul-bebê, agravando a súbita dor de cabeça. Passou a mão pela barriga, braços, cabelo. Certificou-se de que não era mais uma criança. Duvidava pela milionésima vez seus procedimentos para tal.

Tombou na cama de novo, com o cérebro em frangalhos. Sentiu um arrepio que perpassou o corpo inteiro, revelando numa onda cada dor que sentia; nas costas, nas pernas, nos braços. Reconstituía os acontecimentos da noite anterior, e viu com amargor que lembrava de tudo. De cada detalhe asqueroso. Da pressão dos dedos do homem rude que grunhia como ronco doente. Do percurso tenebroso que fizera de madrugada em direção ao hotel. Fechou os olhos, esfregando as mãos na testa e deixando a culpa consumi-la pelas beiradas da consciência, criminosa, injusta.

Sentia-se engasgada, e desejava não ter que levantar e enfrentar o que quer que aquele dia reservasse. Mas, por outro lado, sabia que tinha um lugar para ir se quisesse transformar sua dor em um sacrifício minimamente racional.



Leo estava de braços cruzados, a cintura encostada ao roupeiro. Beneditt estava ao lado, também apreensivo. Seimor, de costas para eles, olhava para fora pela janela. Fjor, sentado na cama com uma perna cruzada, lia o contrato que a banda deveria assinar.

Os quartos do hotel eram todos parecidos; as diferenças se deviam ao lado do prédio em que foram construídos. Padronizados, todos tinham as mesmas paredes azul-bebê, com a mesma cama de colchão confortável e cabeceira azul real, um guarda-roupa espaçoso que estendia-se até o teto e, por fim, um criado mudo de gavetas que parecia um rebento do gigantesco armário.

Um barulho na porta causou comoção. Leo e Beneditt chegaram mais perto, afoitos, enquanto Seimor limitou-se a voltar a cabeça para o curto corredor de entrada. Leila entrava vestindo a mesma roupa do outro dia, suja e amassada, enquanto os outros usavam vestes limpas, ainda que de gosto duvidoso.

— Leila? Você está bem? — Perguntou Leo. — Por que você não trocou de roupa?

Ela deu de ombros, passando direto pelos olhares de incompreensão e estranhamento. Acenou friamente com a cabeça para Seimor, que sorriu por um instante, e sentou-se ao lado de Fjor. Ele entregou os papeis à recém-chegada, que pegou na mão o contrato, olhando por cima algumas palavras. *Música. Agente. Cidades. Viagens.*

A verdade é que estar naquele lugar dava vontade de vomitar.

Leo e Beneditt trocaram olhares consternados, mas assumiram que ela ainda não tivesse se recuperado totalmente da noite anterior. Seimor tinha levado a guitarrista desmaiada para uma casa de saúde, e os convencera a aceitar a generosa oferta de abrigo e ajuda; era o mínimo que podia fazer. Foram informados de que ela voltara para o hotel durante a manhã, mas preferiu dormir mais. “Ela vai melhorar”, pensou Leo. O *futuro* a faria melhorar logo, logo.

— Parece bom. — Disse Fjor. — Só não entendi o porquê da polícia. — Indagou ele, voltando-se para Seimor.

— É uma tradição da cidade. A polícia resolve as disputas legais.

— Fjor está sempre dizendo alguma coisa... — Disse Leo, rindo nervosamente.

Fjor ignorou o comentário do irmão e fez um aceno rápido para o agente, considerando a explicação boa o bastante. Leila entregou o contrato nas mãos de Leo.

— Bem, se ninguém mais tem nada pra falar... — Disse Leo, dando um passo à frente, em direção à ponta da cama. Leila percebeu o quanto ele se controlava para impedir que a mão tremesse loucamente. — E-eu... Quero uma caneta, senhor Seimor. O senhor tem uma?

— É claro.

O agente tirou de dentro de vestes verde-berrantes uma caneta e um pote cilíndrico de tinta fechado. Leo o abriu cuidadosamente, equilibrando-o sobre a cama, e mergulhou a ponta metálica do pequeno bastão de madeira no líquido negro e viscoso. Levou tudo até a estante em frente à cama, atrapalhado, e rabiscou seu nome por cima da última página.

— É isso? — Leila via o brilho intenso nos olhos de Leo. — É isso, Seimor?

— É, meu caro rapaz. — Disse ele, se aproximando e, com um gesto muito mais seguro e preciso, pôs ali sua assinatura. — Parabéns, Buscando. Vocês têm um agente musical de agora em diante.

Leo abriu um sorriso de orelha a orelha, e pôs as mãos atrás na nuca, rindo em um tipo desorientado de alegria; olhava para Fjor, que comemorava de um jeito mais discreto, e Beneditt, que estava nervoso demais para fazer qualquer coisa.

Leila achava que aquilo poderia ser mais fácil se a barganha fosse completa. Quando tudo tivesse dado certo, e ela enfim pudesse ver um sorriso que compensasse a escolha que fizera. Mas ainda não era mais fácil, mais simples ou indolor. A imagem magoada e ressentida da mulher de Dun-u-dengo não saía de lá; daquele lugar de onde sua mente não saía.

— Bem, meu trabalho aqui está feito por ora. — Disse Seimor, reunindo os papéis em sua mão.

— Obrigado, senhor. — Disse Leo, mais do que rápido ao oferecer a mão para um aperto grato. — *Muito* obrigado por tudo.

Leila não conseguiu se controlar a ponto de impedir que uma lágrima caísse do olho direito. Com a mão que segurava a boca secou-a rapidamente, querendo evitar que alguém a visse fazendo aquilo. Precisava começar a fingir que estava bem. Não podia ter um desconforto tão duradouro.

— Quando teremos nosso primeiro ensaio?

— Que bom que mencionou. — Respondeu Seimor. — Amanhã mesmo! Uma charrete virá buscá-los em torno das duas horas. Já estamos com os instrumentos.

— Que ótimo. Que ótimo, senhor Seimor. . .

Era inspirador, de uma forma amargamente trágica, que aqueles sorrisos coexistissem com a tristeza que ela sentia.

Seimor foi embora, e Fjor levantou-se para falar algo que parecia muito importante. Ele e Leo se olhavam, e um parecia estar pedindo desculpas ao outro. Fjor agradecia Leo por ter acreditado. Leo agradecia Fjor por ter acreditado, mesmo sem ter acreditado. Leila via tudo pelo canto dos olhos, seguindo os sons como iscas mas sem entender o que era dito. No silêncio artificial desenvolvia uma linha de baixo e uma sequência de acordes de guitarra.

Levantou-se e, com um olhar ausente, anunciou que iria voltar para o quarto; que os veria no ensaio, que precisava descansar, que logo estaria melhor. Não soube como a mensagem saiu, mas a intenção foi sincera e bem organizada. Saiu e encontrou o caminho das escadas.

Então era isso que ganhava? Era isso que sobrava depois do último — talvez o mais importante — esforço? Sentia-se subitamente traída pela imaginação. Queria tanto falar com o próprio pai — vontade que o sonho daquela manhã revelou ou instigou. Não sabia se devia pedir desculpas, ou simplesmente chorar em seu ombro acolhedor, mas queria decididamente ser capaz de vê-lo.

Como podia tirar beleza daquilo? Como podia transformar aquilo?

Deveria haver um jeito.

Tinha que haver um jeito.

— Leila. . . Leila!

Beneditt a interrompeu no meio de uma vertigem; quando ela se recuperou, percebeu que estava encostada à parede, escorregando lentamente para o chão. Beneditt estava ao seu lado, segurando-a nos ombros, assustado com a garota lívida que via à frente.

— Leila, o que houve? Fala comigo, Leila!

— Eu. . . Eu estou bem, Beni, é sério. . . — Respondeu ela, colocando a mão na cabeça dolorida.

— Está vendendo saúde, é claro. Anda, vem comigo.

Ela já estava se sentindo melhor mas, por receio da solidão e por apreço à companhia de Beneditt, aceitou apoiar-se no amigo. Caminharam juntos para fora das escadas do hotel, entrando em um dos pavimentos.

— Esse não é o meu andar.

— Eu sei. É o meu.

Chegaram ao quarto vinte e dois.



Leila dormira a maior parte da tarde. Foi um sono tranquilo, vigiado por Beneditt, que se perguntava o que é que a havia deixado daquele jeito inédito. Beneditt passou a mão pelo longo e relativamente grosso cabelo escuro de Leila, que espalhava-se selvagememente pela cama. Com as pontas dos dedos pôs sua franja lateral atrás da orelha, e com os nós acariciou seu rosto suave. Já escurecia e nem uma vez ela se mexera. Que bom, pensava ele; um sono provavelmente livre de pesadelos.

Mais tarde saiu do quarto, trancando a porta pelo lado de fora por precaução. Foi até o bar do hotel, feito de um luxo marrom que os minérios amarelos, uniformemente distribuídos pelas paredes, não conseguiam tornar claro; O ambiente era sustentado pelas sombras e pelo olhar cansado do atendente, cujas pálpebras caídas inspiravam simpatia. Beneditt pediu por uma jarra de água. Quando voltou para o quarto, Leila já estava sentada na cama, com um meio-sorriso.

— Desculpa, eu te acordei? — Perguntou ele.

— Não.

Ele deixou a jarra em cima do criado mudo e sentou-se à cama.

— O que aconteceu com você, Leila?

— Nada. Sua barba está grande.

— É... — Ele riu um pouco. “Não vai ser assim fácil, Leila”, pensou ele.

— Oito dias, sabe. Ficamos num hotel bom, mas não quis tirar ela ainda.

Leila balançou a cabeça, criando com o movimento uma afirmação lenta e compreensiva. Ele lançou um olhar de julgamento para a companheira de banda.

— *Leila?*

— Sim?

— Você ainda não me disse.

— Beni... Se você é meu amigo, vai me distrair hoje. É só isso que eu quero.

Ele olhou para baixo, pensando nas várias coisas erradas e perigosas naquele pedido.

— Beni, por favor...

Ele menou a cabeça.

— Sobre o que eu não posso falar? — Perguntou ele.
— Por quê?
— Podemos falar sobre o Leo, por exemplo?
— Beni, eu já te *disse*. . . — Começou ela, impaciente.
— Baixa a guarda, Leila! — Interrompeu ele. — Pode ser sincera comigo.
Eu sei que é isso que está te incomodando. É ou não é?

Leila pensou que seria preferível um assunto desconfortável a outro. Aplicando a lógica torta de que apenas uma doença pior para que a menor deixe de fazer sofrer, Leila confirmou com os olhos. Continuava indecisa, entretanto, quanto à gravidade do problema. Não era uma doença pior, mas esperava que funcionasse mesmo assim.

— Certo. . . Você pensou que ficaria mais feliz quando tudo desse certo.
— É. . . É. — Ela não sabia se estava sendo sincera, o que tornava aquela conversa ainda mais confusa.

— Mas. . . Esse *ainda* não é o problema. . .
Beneditt tentava adivinhar o que ela sentia. Seria melhor ajudá-lo a ir na direção oposta.

— É que. . . Eu sinto tanto por ele, mas. . .
Os dois conheciam a história. Ela nunca conseguia se livrar da sensação de que queria mais de Leo; de que queria estar com ele, ser sua mulher — de que o *queria* — mas que aquilo nunca parecia ser o certo a fazer.

— É louco, eu sei. É tolo. Eu sei que te chateio falando disso.
Ele não respondeu. Ela continuou.
— Mas é como se. . . Se algo me. . . *Impedisse* de chegar nele, sabe? Não *chegar*, como. . . Como se eu fosse ficar com ele por uma noite. — Beneditt olhava para o chão do quarto. Esse era seu jeito; Leila sabia que ele estava ouvindo. — Como se houvesse alguma coisa se *colocando* entre nós dois, algum. . . Obstáculo. Quer dizer, isso sou eu. . . Quanto a ele eu não sei.

— Ele fica com outras mulheres. Você fica com outros homens.
— Não tanto quanto ele, você sabe disso.
— Assim parece que ele faz isso demais.
— Não, mas. . .
— Tudo bem, não é *isso* que é importante. — Disse Beneditt, encerrando aquela discussão.

— Sim. . . Você tem razão. É, sim. . . Eu ter que ver ele com outras mulheres é bem ruim, mas. . . É como as coisas são.

Beneditt olhou para ela com um olhar curioso, espremendo os olhos como se tivesse encontrado algo estranho no que ela disse.

— Eu sonhei com o nosso beijo hoje de manhã. — Disparou ela.
Beneditt afastou-se, ludicamente assustado.
— Que beijo? O que não deu certo, quando éramos crianças?
— É. Mas no meu sonho deu certo.

— Hm... Foi só isso o sonho?

— Não. Depois eu vi o meu pai.

Beneditt abriu um singelo sorriso.

— E o que aconteceu?

— Conversamos. Até a parte que ele disse que tudo era um sonho. — Beneditt riu, lembrando de alguns de seus sonhos que já haviam acabado daquele jeito. — Eu ainda tinha uns... Vinte rosanos. Era pequena ainda...

— E conversaram sobre o quê?

Ela travou. Passar tempo com Beneditt era sempre bom, e a conversa ia bem. Satisfazia a necessidade que tinha de esquecer o que acontecera, mas chegavam novamente ao assunto que ela preferia erradicar de sua cabeça.

— Sexo.

Ele concordou, silencioso. Não sabia o que dizer.

— E... Essa aconteceu? A conversa aconteceu de verdade?

— Sim. Só um pouco diferente, eu acho.

— Na original ele não dizia que tudo era um sonho, eu imagino.

— É... — Disse ela, perdida em pensamentos. — Você acha que a gente é *exagerado*, Beni? Q-quanto a s-sexo.

— *Exagerado*? — Perguntou ele, não entendendo a pergunta.

— É. Muito... Não sei, hm... *Cuidadosos*.

— Hm. Quem é “a gente”?

— Você sabe, nós... De Novo-u-joss.

— ... Não sei, Leila.

— Você não sai muito, Beni. Nunca vi você namorar por muito tempo, na verdade. — Disse Leila, buscando brevemente na memória momentos em que vira Beneditt com outra pessoa.

— É... — Concordou ele, ausente. — Eu acho que para algo valer a pena... Para... Ser *artístico* de verdade... Precisamos ter a pessoa certa. Não só a situação ou... O sentimento. Entende? — Ele parecia um pouco frustrado por não conseguir dizer o que queria. — Tem que ser algo... Ah, eu... Não sei como explicar.

— Você é contraditório, Beni! — Comentou Leila, surpreendendo-o. — Você diz que não sente como se quisesse ter uma casa, um lugar pra ficar o tempo todo, mas quer ter uma pessoa especial. É a mesma coisa, é como querer ter uma casa, um... Um *lugar*, entende?

— É normal ser contraditório, Leila. — Defendeu-se ele. — E depois... Eu posso encontrar uma mulher que queira ser minha companheira de viagem.

— Você acha que é normal ser contraditório? — Ela falava como se considerasse tal ideia como uma opção. Acreditar nisso seria bom.

— Claro. Você, por exemplo. Aceita viver essa situação com o Leo como se isso fosse uma arte.

— *Quê?* — Perguntou ela. — *Claro* que não!

— *Claro* que sim. — Rebateu ele, efusivo. — Eu sei dizer quando você encontra algo que você gosta. No sentido artístico, pelo menos...

— E qual é o problema disso?

Se aquilo fosse verdade, pensou, pelo menos conheceria uma de suas contradições.

— O problema é que você acha que arte é a gente que faz, não as coisas como elas são. Então como você pode admirar uma coisa assim com o Leo e pensar em arte desse jeito?

Se havia algo que Leila nunca vira como algo que pudesse mudar era o estrangulamento que sentia quanto a Leo. Beneditt tinha razão, e por isso não conseguiu falar depois de abrir a boca com essa intenção. Isso a incomodava. Talvez fosse por isso que nunca conseguia ver a história deles, dela e de Leo, como algo bonito.

— Você não devia me incomodar. Devia me distrair. — Reclamou ela.



Logo depois de sair do banheiro, Leo escutou batidas na porta. Pela impaciência, calculou que devia ser algo importante.

— Quem é?

— Sou eu. — Respondeu Fjor.

Abriu a porta, receoso quanto ao tipo de conversa que poderia vir a ter com o irmão em uma hora tão avançada. Fjor apoiava a testa no antebraço, encostado no batente da porta.

— Faltou dizer uma coisa hoje.

Leo cruzou os braços, curioso.

— Peço desculpas também por ter dito que você não corre atrás de todos os seus sonhos.

Leo respirou fundo, lembrando da cena.

— Bom, mas... Infelizmente você tem razão.

— É, eu sei. — Disse Fjor, sorrindo. — Eu peço desculpas por ter dito isso quando eu estava nervoso, mas... É verdade. Você não vai atrás dela, Leo.

— Mas ela não gosta de mim, Fjor.

— Como você *sabe* disso? — Argumentou ele, irritando-se toda vez que ele mencionava o mesmo dilema. — Você já ficou com outras pessoas, mas *sabe* o que sente. *Sabe* que você é dela. Por que ia ser diferente com ela?

Fjor sempre via fraqueza onde quer que percebesse hesitação para aquilo que considerava uma das coisas mais simples da vida. Uma pessoa gosta de outra; vai até ela, e se tiver sorte os dois têm prazer juntos. Por um dia,

uma noite, ou muito mais tempo; qual seria a diferença? Tudo o mais era sofrimento desnecessário.

Leo, contudo, sempre absorvia aquela opinião de maneira cética.

— Não sei. Eu *sei* que eu sinto alguma coisa, e é algo que... — Ele parou, fazendo um gesto no ar. Não adianta tentar explicar aquilo, e a palavra que deixava reservada era forte demais para ser usada na presença de Fjor. Especialmente com aquela acusação pendente de covardia e inanição. — Mas eu não sei, eu não... Eu não sinto o mesmo *nela*...

— Para, Leo. Você não sente porque o medo não te deixa. — Fjor afastou-se da porta e olhou para o nada em algum ponto da parede alaranjada do corredor, como se permitisse a si mesmo sonhar um pouco. — Isso aqui vai ser uma nova vida pra todo mundo. Você deveria tentar uma nova vida com ela também.

Leo parecia ter sido pego de surpresa por aquela ideia fascinante.

— É?

— Você só precisa de coragem.

Impensável

Desmodes parou a charrete um pouco antes da entrada do castelo do Conselho dos magos. Encontrou dois companheiros se preparando para deixar o lugar no meio da tarde nublada.

— Desmodes? — Perguntou Elton, ligeiramente surpreso. — Onde está Robin?

— Não veio. Voltou para cuidar de negócios.

— Ele não *avisou* que faria isso. — Elton lançou um olhar interrogatório ao mago que chegava. Janar, que viajaria com o bomin, levantou as sobranceiras grossas com um ar de curiosidade, acompanhando com leve curiosidade a conversa.

— Houve um imprevisto.

— Como ele *soube* do imprevisto se estava entre os *al-u-bu-u-na*?

— Ele esqueceu. Foi um imprevisto para *mim*.

— Desmodes... Nós não *fazemos* isto por aqui. — Disse Elton, em tom de sermão. — Se temos algo a fazer, algo que determinamos em uma reunião, nós *vamos* e nós *voltamos*. Quando um mago não volta assumimos que *algo* aconteceu.

— Nada aconteceu, Elton. Duvida de mim?

Os dois mediam-se, um tentando parecer menos desafiado que o outro. Janar pigarreou, tentando lembrar Elton de que queria ir embora.

— Para onde ele foi, Desmodes?

— Eu já disse.

— Você não disse o nome da cidade. De onde Robin é, Desmodes?

— O que faz você pensar que ele tenha me *dito* isso?

Elton balançou a cabeça afirmativamente. Estreitou os olhos um pouco, passou a língua pelos lábios, e murmurou um inaudível “está certo”.

— Vamos de uma vez, Elton, que eu estou farto daqui... — Disse Janar, subindo a bordo.

Elton concordou com um aceno rápido e, despedindo-se de Desmodes com outro balançar esguio de cabeça, entrou também na negra charrete. Partiram, apressados, e Desmodes observou o transporte virar a curva da passagem entre as montanhas.

Os magos geralmente permaneciam no Conselho por algum tempo após uma congregação. Já se passavam seis dias desde a última, e muitos deles já haviam partido — especialmente os que viviam em cidades distantes. Outros partiriam dali a pouco, e alguns aproveitavam o lugar para descansar mais antes de retornar às atividades do lugar onde viviam.

Desmodes subiu por uma das escadas, indo direto ao próprio quarto. Tudo estava como ele havia deixado; apenas um pouco mais limpo.

— Desmodes? — Perguntou Dresden, passando pelo corredor. — Quando chegaram?

— Nesse instante. — Respondeu ele, virando-se para o mago-rei. — Cheguei sozinho.

— O que houve?

— Robin lembrou-se de que tinha algo urgente a fazer, e então partiu.

— Foi para onde?

— Para a cidade dele. — Desmodes tentou respirar fundo sem tornar o ato óbvio. — Quem ainda está aqui?

— Não sei ao certo... Eu parto amanhã. Poucas pessoas ainda estão aqui, temos... Sylvie e Anke. Cássio, também. Como foi com os al-u-bu-u-na?

— Foi bem. Nosso acordo ainda é válido.

— Bom saber disso. Quanto ao que disse na reunião, Desmodes... — Dresden pareceu estar tocando em um assunto que o incomodava. Olhou para os lados, certificando-se de que estavam sozinhos, e prosseguiu. — Não tive a chance de te dizer, mas... Há extremistas aqui, Desmodes. Pessoas como você. — Desmodes assumiu feições de surpresa quando Dresden o repreendeu de leve com a centelha de perspicácia que faiscava em seus olhos. — Pessoas que acham que poderíamos fazer mais, e que isso significa ir lá fora e caçar todo mundo. Não seja mais um, Desmodes. Ou pelo menos não os incentive. Devemos estar *juntos* agora, e precisamos ter cuidado. Este conselho já sobreviveu a guerras demais sem ser descoberto. Nós já passamos muito tempo sem sermos contestados. A hora chegou, e se lutarmos de frente será o nosso *fim*.

Desmodes confirmava, resignado, as palavras do rei. Apertaram as mãos.

— Minha charrete está esperando por mim. Preciso falar com o general e então irei embora. Ficará aqui?

— Sim. Penso em ficar até a próxima reunião.

— Vejo-o na reunião, então.

Dirigiu-se às escadas que levavam ao térreo depois de dispensar um sorriso. Desmodes o seguia com os olhos.



— Entre.

Desmodes sabia que ela estava no quarto, e ela sabia que era ele do lado de fora. Já haviam se cumprimentado do alto das torres dos castelos, o dela consistindo em seis altas e delgadas torres, agrupadas de maneira irregular dentro de uma pequena área murada. O dele era mais baixo, porém mais extenso. Possuía compartimentos de alturas diferentes, que formavam uma espécie de pirâmide de prédios. As torres de Anke eram douradas, e por entre os blocos floresciam trepadeiras claras como os olhos da maga. O complexo de Desmodes era uniforme e reto, cada prédio um bloco regular e com janelas finas. Militarmente ornado, era feito de uma espécie de pedra negra que era mais arenosa que corvônia, mas ainda assim parecia escurecer a atmosfera circundante em Neborum.

— Vejo que está de volta. A viagem foi agradável?

— Sim. — Respondeu Desmodes, fechando a porta atrás de si.

— Espero que tenha boas notícias.

— Está tudo conforme o esperado.

— Ótimo.

Anke vestia um felpudo roupão verde-escuro, cruzando os braços enquanto estudava o visitante. Corria com os olhos cada parte de seu corpo, querendo encontrar aquilo que não sabia o que era, mas procurava; algo que a despertava, que a interessava, e que ele por cuidado ou ignorância não revelava.

— Pois bem... Por que veio falar comigo, Desmodes? — Perguntou ela, mostrando o sofá verde com um abrangente gesto da mão.

— Tenho uma ideia. Gostaria que ouvisse.

Ambos sentaram-se, ele seguindo o exemplo dela, que estreitou os olhos.

— Uma ideia sobre o que, exatamente?

— Nós sabemos como as coisas estão, Anke. Não estão nada fáceis.

Ela mudou de posição no sofá, mostrando-se desconfortável. Passou a olhar para o chão.

— Você precisou de muito treino e muita dedicação para ser a maga que é. — Continuou Desmodes em um ritmo mecânico. — E Heelum há muito sofre com as disputas entre cidades e entre as pessoas, que estão desorientadas...

— Aonde quer chegar, Desmodes?

Ela notou que ele nunca falava como se estivesse realmente prestando atenção na conversa. Era como se alguém lhe dissesse ao ouvido o que dizer, e ele apenas repetisse.

— Precisamos nos unir, Anke.

Ela se levantou, evitando que ele visse seus olhos cansados daquele tipo de discurso. Foi até a janela buscar serenidade para suportar aquela chateação, embora pensasse consigo que o mandaria embora assim que pudesse.

- Eu já ouvi isso, Desmodes. Há muito tempo ouvimos isso de Dresden.
- Dresden quer um tipo de união. Eu quero *outro*.
- Que outro tipo? — Indagou ela, virando-se para ele de novo.



- Deixe-me ver se eu entendi...

Cássio era um bomim que agia como se fosse mais alto do que realmente era. Com um atopetado cabelo escuro e um rosto pontudo e obtuso, andava pelo tapete do próprio quarto — cheio de cores das obras de arte que entulhavam o lugar — carregando uma taça de água meio-cheia.

— Você está me dizendo que sua ideia é... Basicamente — Dizia ele, gesticulando. — fazer do Conselho um governo para Heelum inteira.

— É um jeito de frasear a ideia. — Respondeu Desmodes, colocando o punho fechado contra a mesa no canto do quarto.

— E então poderemos... — Cássio ia reduzindo a voz a cada palavra, passando para a ironia com uma ambiguidade simples, porém efetiva. — Governar Heelum e fazer as coisas do nosso jeito...

Desmodes voltou-se para ele, assentindo com a cabeça.

— Desmodes, me desculpe, mas isto não é aceitável.

— Você está dizendo que não é direito *nosso* liderarmos este mundo?

Cássio abriu um sorriso amarelo. Atravessou a sala e pôs a taça em cima da mesa, ao lado da mão de Desmodes. Suspirou e olhou para o teto, como se tivesse de lidar com um terrível inconveniente. Olhou para Desmodes novamente, tão próximos que não podiam ver o corpo um do outro ao olhar para a frente. Focavam-se um no rosto do outro, defendendo suas posições em uma batalha verbal que começara antes dos verbos.

— Desmodes, Desmodes... Como dizer... Devo admitir que você me deixa *intrigado*. Você é assim *ingênuo* ou está se fazendo de *idiota* mesmo? — Cássio pôs as mãos na cintura, encarando o companheiro de Conselho sem ressalvas. — Se fôssemos fazer isso mesmo Heelum se levantaria contra nós. Em *peso*, Desmodes. As *piores*, mais... *Asquerosas* cidades viriam aqui atravessar uma lança que nos partiria ao *meio*!

— Só perderemos se não estivermos juntos, e ao invés disso estivermos discutindo qual cidade ou tradição é a melhor.

Cássio riu de soslaio, e Desmodes saiu do diminuto espaço pela lateral.

— Eu não *acabei*, Desmodes!

— Obrigado por seu tempo.

— Me *escute* aqui! — Ralhou Cássio. Desmodes estava parado, de costas, já perto da porta. — Eu já sei o que você guarda aí dentro... Essa, essa *confiança* arrogante. Você acha que é bom o bastante para ser um *governor*.

Olha aqui, *espólio*, é melhor você ficar quieto. Você não vai *sequer* *propôr* um absurdo desses ao rei!

O silêncio tomou conta da sala, largo e denso como o espaço entre o dedo levantado de Cássio e as costas imóveis de Desmodes.

— E se você tentar alguma gracinha... — Continuou, pegando a taça novamente na mão esquerda. — Eu vou *acabar* com AAAII!

Num estouro estilhaçante, a taça quebrou na mão de Cássio. Quando o mago percebeu, sua mão, que agora sangrava, apertava com força a haste do cálice. À frente, viu que Desmodes dava-lhe um sorriso contido como despedida, fechando suavemente a porta do quarto. Seu castelo se afastava rapidamente, levando consigo as últimas nuvens da tarde.

Hostilidade urbana

A cidade do comércio adormecia, abraçada por sombras compridas. Muitos sonhavam que viviam na cidade do ouro, mas aquela era a cidade do esforço e do reforço, não do oásis da recompensa. Voltavam a dormir logo depois de despertar. Pela manhã já se esqueciam de tudo.

Uma figura passeava pelas estreitas ruas, observando, impaciente, os estandes fechados. Vislumbrava vez por outra os produtos soltos, esquecidos ou negligenciados do lado de fora das travas e trancas, mas nada lhe interessava. Deteve-se ao virar uma esquina, observando do canto o homem que, vestindo um grosso sobretudo azul-marinho, andava em círculos, sem pressa. Era como se esperasse por alguém com a consciência serena de que ninguém viria. Não parecia ter metas a cumprir ou lugar para ir. As mãos para trás, que encostavam nas costas dedos doidos de frio, indicavam calma. O gorro azul com o reconhecível símbolo de duas tochas acesas cruzadas em “X” sinalizava sua profissão.

O homem, por sua vez, viu um sujeito moreno de peito nu e rosto jovial — os primeiros detalhes a emergirem nas luzes rosadas e anis dos postes — sair das sombras e rapidamente armar um arco, apontando-o com firmeza contra ele.

— O que... — Começou o policial, confuso, pondo as mãos para o alto.

— Fique quieto. — Disse friamente o agressor. — Você conhece o Desmodes?

— Quem?

— *Desmodes!*

— Não conheço ninguém com esse nome, rapaz. Por que não abaixa essa, es-esse arco — A arma era de um vermelho tão orgânico que por um momento duvidou que fosse mesmo de verdade. — e vamos conversar?

Nariomono abaixou o arco e num rápido movimento o pôs nas costas.

Surpreso com a audácia daquele desconhecido, o homem da lei respirou fundo e meneou a cabeça, sentindo um leve formigamento nas mãos. Um forasteiro não podia simplesmente fazer o que quisesse com o comandante da polícia de Enr-u-jir.

Narion estancou depois de dar alguns passos, tentando ir embora. Seus pés pareciam ter se grudado ao chão, mas por mais que fizesse força não conseguia tirar o calcanhar dos blocos e da terra. Achou estranho, já que não sentia nada minimamente grudento na sola do pé descalço.

Olhou para trás, e o policial exibia um sorriso cheio de satisfação, de braços cruzados, se aproximando. Narion percebeu que os dois eram os únicos homens na rua.

— Você não pode fazer isso, sabe? Apontar um *arco* pra mim. — Os músculos do pescoço de Narion se contraíram. Sua cabeça virou para frente com um duro movimento espasmico. — Quem é você?

Narion não respondeu. O policial continuou dando a volta no guerreiro preso ao solo.

— Hein, rapaz? Quem é você?

Narion movia os olhos, sentindo como se fossem as únicas partes do corpo das quais ainda era dono, percebendo em detalhes a ignomínia feliz daquele rosto fino de dentes tortos e olhos um tanto fora do lugar. Tentava se libertar da prisão sem ferro de todas as maneiras que concebia. Forçou as pernas, os braços, o tórax — mas ele estava completamente enrijecido.

— Não vai responder? — O oficial estava de novo atrás dele, bem próximo, falando baixinho. Narion podia sentir o quente bafo do homem passando pelos ombros, acompanhando a cinzenta fumaça que ganhava os céus nos dias frios a cada expiração. — Vai ou não vai? Eu posso fazer você falar, mas eu queria ouvir você. Ande, rapaz, *diga*.

— Eu procuro por Desmodes.

O policial fez que sim com a cabeça.

— Bem... Acho que você não vai fazer falta, então.

O policial desembainhou a espada e deu um passo para trás. Narion sentiu-se ainda mais apertado, como se dezenas de cordas de aço o prendessem e o tentassem matar por estrangulamento antes mesmo que a lâmina o atravessasse.

Sentiu câimbras no braço e uma espécie de vertigem enquanto a mão esquerda alcançava o arco. A mão direita puxou pela ponta uma flecha e, com duas pressões sutis de ambos os polegares, o arco girou e a flecha contornou o pescoço do dono; encaixando-se no arco com perfeição, disparou com uma mínima tensão que o al-u-bu-u-na conseguiu imprimir antes que a mão parecesse ter sido atravessada por uma espada em chamas.

A impressão foi real, mas a espada do policial despencou sem ter sido usada. Narion atirou-se no chão, de joelhos, perdendo a força que o mantinha tensionado de pé; sentiu tremores violentos nos braços e nas coxas, e caiu mais, rolando para o lado até ficar de barriga para cima. Logo sentiu-se normal novamente, e pôde se levantar.

Viu que a flecha atingira a garganta daquele homem com uma força inimaginável. O sangue, viscoso, se espalhava em volta da cabeça do comandante, preenchendo as divisórias entre os blocos de pedra no chão. Narion não sabia se o arco havia funcionado como Al-u-bu prometera, mas intuía que fosse mesmo o caso.

Não queria ter feito aquilo. Na floresta, nunca teve de matar um outro homem — muito menos em Ia-u-jambu. Olhou para o policial, pedindo silenciosas desculpas, lembrando todas as mortes semelhantes que vira não fazia muitos dias.

Captou algo com o canto do olho, e então viu que debaixo de um poste mais largo e mais baixo, na esquina com outra rua, estavam um homem e uma mulher vestindo trajes semelhantes aos do homem que deixara a vida para trás. Narion conseguiu discernir rostos horrorizados embaixo de uma fraquejada luz salmão.

A surpresa e o choque logo desapareceram. Começaram a perseguir Narion.

A fuga durou um bom tempo, atravessando diversas partes da cidade, e embora cada um dos pitorescos cenários tivesse sua particularidade todos tinham coisas em comum. Feiras ao ar livre, lojas com fachadas claras e janelas largas, protegidas por grades metálicas retráteis, casas com pinturas estranhas e improvisações de todos os tipos. Não se via avenidas, embora algumas ruas parecessem mais largas que outras, com casas maiores e mais bem arrumadas.

Narion virou à direita ao perceber um espaço com um pouco menos de luz. Atraía atenção dos poucos cidadãos que encontrava pelo caminho, alguns passeando tranquilamente sob o bonito céu, outros que tinham alguma função noturna — parte destes, função duvidosa.

Os policiais continuavam atrás dele, parecendo cada vez mais próximos; sempre presentes, emboscavam-no, forçavam-no a mudar de direção, faziam barulho. Pareciam trazer reforços a cada nova região pela qual passavam.

Viu então que foi um erro ter escolhido aquele caminho: tinha menos luz porque as árvores da primeira praça que encontrara, no fim da rua, escondiam-na; ela ainda estava lá, vindo forte de um numeroso grupo de minérios verdes no centro do parque. Não estava distanciando-se do centro. Embrenhava-se mais nele.

Suado, acabou parando, arcando-se para frente e pondo as mãos nos joelhos. Os policiais não estavam naquela rua, mas Narion sentia-se observado. Aquela oportunidade de tomar uma decisão lhe trouxe, em péssima hora, uma renovada consciência corporal. Estava cansado. Mais cansado do que se sentira em toda a longa viagem até aquela cidade.

Erigiu o tronco e, olhando em volta, pensou melhor: a verdade é que não tinha chances contra a polícia de Enr-u-jir. Eles conheciam a cidade. Sabiam o caminho que ele estava tomando, até onde podia chegar. Se eles não estavam ali ainda, é porque o esperavam na frente. Aquela seria a última das armadilhas.

Enquanto olhava para trás, viu algo que lhe chamou atenção. Uma casa de três andares, tijolos vermelhos à vista e janelas fechadas. A porta, grande e marrom, envernizada e amigável, estava semiaberta.



Narion não conseguia ver um palmo à frente do nariz. Entrou naquilo que julgava ser uma sala, avistando apenas um vaso escuro, com flores quase mortas dentro, ao lado de uma estreita escadaria de madeira. Fechou a porta suavemente, e esperou, imóvel.

Ouviu passos do lado de fora. Chegavam mais perto rapidamente, e Narion tentava se acalmar, retornando ao normal depois de uma intensa corrida. Enfim o silêncio reinou, do lado de dentro e do lado de fora.

— Vai, vai... — Disse uma preocupada voz feminina. Os passos começaram, agora se afastando.

Narion fechou os olhos, pensando que poderia enfim relaxar. Mas antes de poder dormir tinha que se certificar de que a casa estava abandonada, ou que houvesse algum lugar em que podia ficar sem ser notado.

— F-fique parado. Eu posso ver no escuro!

Narion teria ficado horrorizado com a afirmação, se não fosse pela voz do interlocutor oculto — jovial e insegura — e pela dúvida considerável que o al-u-bu-u-na tinha de que alguém possuía mesmo aquela habilidade.

— Quem é você?

— Eu disse pra ficar parado!

— Eu estou parado.

— Ah, é... Fique quieto também!

Narion levantou os braços, abrindo um sorriso. Calculava uns vinte e cinco rosanos para o garoto, no máximo.

— O que eu devo fazer agora? — Perguntou.

— Eu não sei... S-saia da minha casa!

— Esta casa é sua?

— Para de falar comigo... E saia já daqui!

— Eu não posso. Eles vão me matar.

— Eu não me importo.

— Por favor?

— *Por favor saia...*

— Não, eu não. . . — Narion balançou a cabeça, irritado com a confusão.
— Não pedi para você me pedir com educação. Eu estou pedindo para *você*. Eu posso ficar?

Narion podia enxergar melhor agora que os olhos se acostumaram à escuridão, aproveitando ao máximo a escarça luz que conseguia atravessar a grossa cortina da janela semicerrada. Ainda assim, não via com quem estava falando.

A voz parecia vir da frente; estando em um pequeno corredor, avistava um portal à esquerda que conduzia para algum lugar com armários altos — poderia ser um escritório, mas também uma cozinha. À direita havia uma porta fechada, e o caminho paralelo ao primeiro lance de escada, cujo canto era marcado pelo vaso de duvidoso gosto, levava a um lugar do qual Narion nada sabia. Não via os movimentos que vinham de lá, mas ouvia coisas: transferências de peso nas pernas, o tecido das provavelmente numerosas roupas mudando de posição, esfregando a pele de leve, o estalar de articulações — burburinhos e farfalhares que Narion poderia provavelmente usar para atacar aquele incauto morador, não fosse ele inofensivo.

— Quem é você?

— Meu nome é Nariomono. Você tem luz?

— Não. — Mentiu ele.

— Sabe como conseguir?

— Por que você quer?

— Qual é o seu nome, menino?

— P-por que menino?

— Quantos rosanos você tem?

— *Para com isso!* — Disse ele, veemente.

— Como posso chamar você? — Parecia estar em Ia-u-jambu de novo. Sempre tinha que perguntar isso.

— . . . Meu nome é Ralf.

— Ralf. . . Eu não vou fazer mal.

— Quem me garante?

— *Eu. Por favor*, você pode buscar um pouco de luz?

Contornos moviam-se por entre as folhagens murchas; Ralf ia mais para dentro do corredor. Logo voltou, desembulhando de dentro de um pano grosso cor de sujeira um minério azul-piscina, que brilhava fracamente.

Narion imaginara o garoto de um jeito bastante realista; só não esperava as sardas e a ainda menor idade. Não devendo ter mais de vinte rosanos, era bochechudo. Tinha olhos fundos e vacilantes, e a parte do cabelo que escapava por debaixo do gorro negro era de um loiro acobreado.

— Você é esquisito. — Disse Ralf, fazendo Narion se lembrar de que tinha que lidar com o estranhamento do garoto, que não era desmerecido: ele provavelmente nunca vira um al-u-bu-u-na, afinal. — Por que você está

sem camisa? Você... — Ele arregalou os olhos, mudando de posição no corredor. — Você é um *al-u-bu-u-na*?

— Sim.

Narion examinou a casa enquanto o menino ficava boquiaberto. A sala à esquerda era uma cozinha; havia frutas e panelas nos armários inferiores da parede. As paredes foram cobertas com um papel de parede caramelo, em que rosadas linhas verticais davam um tom quase infantil, apesar de organizado, ao lugar. A mesma ideia fora aplicada no assoalho da escada, embora o corrimão fosse da mesma cor que o piso, todo feito de lustrosas tábuas. Narion percebeu que não gostava da sensação de seu pé em contato com aquele chão.

— Por que você entrou aqui? — Perguntou ele.

— Estou... Fugindo.

— De quem?

— Da polícia. De Enr-u-jir.

Ralf franziu o cenho.

— O que você fez?

— É uma história complicada.

Ralf abaixou o olhar, como se não tivesse gostado daquela situação. Sabia que não podia ganhar, de qualquer forma. Não poderia mandá-lo embora pela força, e Narion parecia bastante disposto a ficar ali.

— Meus pais vão me matar se virem você aqui...

Narion achou aquilo estranho.

— Por quê?

— Porque eles dizem pra nunca entrar em problemas com a polícia...

Narion esqueceu por um momento o que veio fazer naquela cidade, provavelmente o lugar mais longínquo que ele já visitara. Desfez-se da postura quase paternal em que, sem perceber, investira até aquele momento. Lembrou-se dos próprios pais, e com eles vieram toneladas de recordações indesejadas, amontoando-se em um negrume cada vez maior. No topo da pilha de memórias que vinha tentando reprimir estava a de todos aqueles ícones deitados no chão, mutilados, feridos, mortos.

— O que foi? — Perguntou Ralf, preocupado.

Narion chegou mais perto do jovem, que se afastou um pouco antes de aceitar a aproximação. Narion ajoelhou, ficando um pouco mais baixo que o garoto.

— Um homem matou todas as pessoas que importavam para mim.

Ralf não sabia como reagir àquilo. Deveria acreditar nele?

Ele era quem dizia ser; sequer sabia quem era?

— Todos eles se foram. Só eu sobrei.

— Sério? — Perguntou Ralf.

— Sim.

— Então os al-u-bu-u-na não existem mais?

— Não. Não existem mais.

Para Narion, foi como se a cidade tivesse parado para que ele pudesse fazer aquela declaração. Levantou-se, respirando fundo pela boca, e encostou-se à parede contrária à escada. Não havia dito para ninguém ainda o que acontecera, assim, em voz alta, e acabou se abrindo pela primeira vez desde a solidão a que se submeteu para um menino qualquer. Não que falar adiantasse, de qualquer forma.

— E por que você veio para cá?

— Eu acho que esse homem está aqui. Nessa cidade.

— E você quer pegar ele?

— Quero. — A vingança parecia apropriada. — ... Mas é-é mais complicado que isso.

— E quem é o homem?

— Ele se chama Desmodes. É um mago.

— Um mago... — Disse Ralf, baixinho, repetindo a frase para si mesmo.

O garoto contraiu os lábios, pensativo, e andou em direção à porta. Narion ficou preocupado por um momento, mas ele se virou ao invés de abri-la, e parecia querer dizer alguma coisa sem saber como.

— Você está dizendo a verdade mesmo?

Os olhos espetados em brilho do al-u-bu-u-na encontraram os receosos anseios do garoto.

— Sim.

— Então... Então eu acho que eu posso ajudar.

Capítulo 39

Decepção

Depois que as aulas com os respectivos pais começaram, cada encontro parecia demorar o dobro do tempo para acontecer. A saudade apertava, porquanto a distância não estava só no tempo. Cada coisa que aprendiam os unia e os separava mais, já que cresciam, a passos seguros e largos, em um mundo que não podiam compartilhar, mesmo o frequentando todas as noites.

As memórias atacavam o garoto, famintas, sedentas por nova companhia no arcabouço do passado. Nos últimos dias, Tadeu repensava com frequência quase obsessiva cada uma das vezes em que viram o pôr do sol naquele lugar. O lugar secreto. Tentava se lembrar de tudo; das conversas, dos risos, dos beijos — muitas vezes detalhes que se perderam. Coisas que, mesmo não parecendo importantes na época, valiam agora mais que ouro para ele.

Eram quatro horas da tarde quando ele resolveu sair mais cedo. Esperaria por Amanda lá, no topo do morro, surpreendendo-a. Abriu a porta para sair, com um sorriso de aventura no rosto, mas parou logo depois.

— Então é aqui que você mora!

Anabel olhava para a casa com os olhos apertados debaixo da palma da mão; o sol incidia diretamente sobre o seu rosto. Vestia um suéter verde por cima de uma calça azul larga e elástica, e parecia estar de bom humor. Tadeu continuou no mesmo lugar, surpreso em frente ao curioso empecilho.

— Oi, Anabel. Por que você está aqui?

— Bem... Eu ia te perguntar isso, mas você obviamente *mora* aqui. — Ela continuava admirando o castelo. — É uma bela casa.

— É.

— Bela mesmo. — Depois de uma última olhada para a casa, indo da esquerda à direita, Anabel deixou cair a mão e deu um passo ou dois para trás. — Agora vem, vamos!

— Vem? — Repetiu ele.

— É. Você vem comigo à biblioteca, não vem? — Disse ela, com um rosto distendido em um sorriso esperançoso. — Eu queria alguém pra ir comigo, mas não tinha ninguém. Foi sorte ter encontrado você aqui!

— Não, mas eu não posso... — Respondeu ele, mecanicamente.

— Ah, por que não? Você está ocupado *agora*?

— *Agora* não, mas...

Provocando o imediato arrependimento do menino sem cabelo, que concluiu que a mentira teria sido melhor, a ruiva o puxou pela mão, murmurando um autoritário “então...” — ajustado com um sorriso doce, ainda que desajeitado.

Tadeu nunca tinha ido à biblioteca da cidade; sequer conhecia o caminho. Nunca precisou de um livro que o pai não tivesse em casa. Anabel precisou guiá-lo por entre algumas ruas largas e movimentadas até começar a avançar por ruas estreitas, com casas de alvenaria pintadas em cores claras e abetos longos nos jardins. Tadeu ficou surpreso ao passar pelo cartório da cidade naquela área — com seu roxo telhado pontudo por cima das pedras marrons que muito lembravam a própria casa.

Ela o levou então por uma série de escadas no meio de uma rua em que os prédios eram mais frequentes, e as pessoas, mais raras. Entraram por um úmido túnel, que revelou-se o sótão do cartório, e saíram à frente de uma praça que Tadeu às vezes visitara, quando era menor, mas nunca saindo do chão. Agora, no entanto, tinha uma vista privilegiada, atravessando uma das pontes que corriam de um lado a outro por cima da praça, ligando, apoiadas em numerosas colunas, o cartório a um hotel que funcionava em um antigo castelo com cerca de cinco andares. Lá embaixo algumas crianças, jogando fecha-roda, pareciam umenau carregando migalhas coloridas para debaixo da terra, correndo suadas ao sabor da tática.

Andaram por corredores e uma galeria alta até uma série quadrada de escadas que, espiralando, levava-os em direção ao andar térreo. Mas Anabel interrompeu a descida no terceiro andar e os levou por uma outra conexão com um prédio ao lado, mais austero e dividido em escritórios com portas de tábuas juntas de qualquer jeito, feias e provisórias.

Tadeu se perguntava, rindo, onde estavam.

Foram a outras praças, centros de bairros de nomes desconhecidos, atravessando mais um ou dois através de atalhos e ruelas pelas quais poucos passavam de pé em pleno dia, ainda que muitos relapsos de olhar torto faziam daquelas paragens suas casas. Passaram até mesmo por uma porta improvisada no canto de um muro, que os levou ao fim supostamente sem saída de um beco.

Tadeu respirava pesadamente porque estava cansado de tanto subir e descer por aqueles vãos da cidade, mas também porque estava exasperado com toda a selvageria urbana que ele, sempre acostumado a andar sob proteções e tutelas, com cascos e rodas ao invés de pernas, nunca havia experimentado. Agora admirava, ainda que vacilante e assim, só de passagem, a beleza daquele labirinto cheio de força e variedade. Anabel complementava

o caminho com explicações pessoais e históricas de vários lugares pelos quais passavam. A primeira bela torre — a mais nova sendo ainda mais alta e muito mais próxima ao mar; a primeira casa em que morou quando chegou à cidade, ainda pequena; a melhor loja da cidade para se comprar guitarras — especialmente porque era possível experimentá-las sem de fato comprar o instrumento.

A biblioteca era um castelo comum visto pelo lado de fora. O único componente da construção era largo, com três andares e um teto cercado por uma murada denteada, cheio de mesas e *decks* de observação nos cantos, que não chegavam a formar torres.

Por dentro a visão era similar: bonita, mas nada espetacular. Havia pouca, mas suficiente luz que entrava por longas e finas janelas. As estantes eram grandes, aproveitando bem o espaço deixado por pavimentos altos, mas não cobriam horizontalmente nem mesmo a maior parte do que era possível cobrir, e muitas estantes tinham cerca de três ou quatro livros em exibição. Nenhuma estava cheia.

Sentaram-se em uma mesa no meio do primeiro andar, onde não havia ninguém por perto. Um senhor, exibindo galhardamente seus certos mais de oitenta rosanos, lia alguma coisa atrás do balcão principal, e além dele havia menos que meia-dúzia de cidadãos aleatórios espalhados pelo salão. Coincidentemente, a maioria deles de idade semelhante à de Anabel e Tadeu.

— Aqui não é uma biblioteca *boa*, mas é a melhor de Al-u-ber.

— Imagine a pior. — Comentou Tadeu, olhando em volta. — Uma biblioteca não deveria ser... Cheia de livros?

— Eu sei. Nem se compara às de Al-u-een, ou às da Cidade Arcaica. Muito menos às de Ia-u-jambu...

— E o que você vem fazer aqui?

— Vou te mostrar. — Disse ela.

Tadeu podia jurar ter visto um brilho incendiário nos olhos de Anabel enquanto ela se levantava. Ela logo voltou, trazendo um livro grosso com uma capa negra de goma escura e pequenos cortes na lombada.

— Esse livro — começou Anabel — está na seção sobre a história de Al-u-ber. Aqui ele fala sobre a construção da Torre Bela, a segunda delas.

— E por que eu estou aqui? — Perguntou Tadeu, confuso.

Anabel lhe lançou um olhar de decepção que o congelou por dentro.

— Pode ir embora se quiser...

— Não, não é *isso*... Desculpa, eu... É que eu não entendo. Se você vai ler, precisa estar sozinha, não é?

— É. Mais ou menos. — Respondeu ela. Agora Tadeu não sabia se *ela* sabia o que estava fazendo. — É que... Eu costumo fazer isso com alguém.

A gente gosta muito de história, então pegamos uns livros. Vamos lendo, e contando um para o outro o que a gente vai vendo.

Tadeu balançava a cabeça, entendendo e incentivando.

— Parece bom.

Anabel parecia sentar no limiar de um sorriso, mas algo a segurava para trás. Quebrando a conexão entre os dois, ela olhou para baixo e respirou um pouco, tirando do ar coragem e inspiração.

— Tadeu, eu... — Disse ela, imprimindo calma a uma mensagem aparentemente importante. — Eu tenho que dizer... Você é legal.

“Ah, não”, pensou ele.

— ... Mas é melhor dizer antes que isso acabe em confusão. É só amizade que eu quero de você. Entendeu? Eu já tenho alguém.

— Ótimo! — Disse ele, mais alto e rápido do que imaginava.

De tato Anabel passou a surpresa, quebrando a expressão cuidadosa com risadas.

— Você está complicado hoje, Tadeu...

— Não, é que... Eu entendo. Eu também tenho alguém, e... Eu entendo mesmo, Anabel. — Explicou ele, e os dois balançavam a cabeça, concordando no acordo de paz e amizade.

— Pode me chamar de Bel. Ou Ana, eu não ligo. Só acho meu nome muito grande.

— Tudo bem.

— É por isso que você não quis deixar eles te invadirem? — Perguntou ela.

— Sim. — Respondeu ele.

Tadeu sentiu vontade de falar mais, explicando que na época não sabia o quanto eles podiam saber sobre ele ao invadi-lo, e por que era perigoso que soubessem de qualquer coisa que fosse. Queria perguntar a ela o que ela sabia sobre a sala verde, se é que sabia. Mas conteve-se, afastando as intenções com rejeição.

— Tadeu, você sabe ler?

— Sim, é claro. — Respondeu ele, ainda que estatisticamente aquela fosse uma pergunta válida.

— Ah, que bom. Então pegue um livro. Vou te mostrar como isso aqui é legal...



Se Amanda olhasse por uma das seis janelas daquela sala empoeirada poderia ver o último corte transversal que a luz de Roun fazia sobre a Praça do Estuário, um bosque simples cercado por pedras que dividiam a paisagem das ruas circundantes. Se não fosse pela fortaleza logo do outro lado

ela poderia estar olhando para o mar, mas tinha que se contentar com apenas uma vertente do Trojinsel, que se desgrudava do curso principal antes de ir parar no mesmo destino salino que o resto do rio.

— ... *Atenção, Amanda!*

Ela voltou os olhos para Oscar, que a observava com a boca em um estranho formato; era como se ele tivesse acabado de comer algo amargo, mas não pudesse demonstrar sua insatisfação. Seus lábios sempre tremiam um pouco, e seu hálito era particularmente azedo e velho, mas Amanda achava que o aspecto mais detestável de seu professor eram as orelhas peludas, grandes a tal ponto desproporcional que seus ferozes olhos verdes, já escondidos por detrás de grossos óculos, não conseguiam consertar para ela a imagem do mestre de tradição.

— A festa mais importante de Al-u-ber, Amanda. — Recomeçou ele, andando pelo espaço livre à frente da sala com os olhos fixos na única aluna. — Qual é?

Amanda não sabia porque estudara, ou porque prestara atenção; sabia porque morava em Al-u-ber. Certamente nada lhe faria menos falta do que as aulas de tradição; do que sentar nas cadeiras bambas de uma sala modorrenta, cuja abóbada esverdeada descascava regularmente, fazendo com que quem quer que escolhesse ter ou dar aulas ali vivesse com medo de que um pedaço de alguma coisa vindo do céu esmeraldino atingisse alguém.

— É a festa de Torn-u-sana.

Oscar não confirmou, mas tampouco lhe disse que ela estava errada. Juntou as mãos atrás das costas e, com seus passos ecoando, foi abrindo caminho pelas filas e colunas de assentos até estar a apenas alguns espaços de Amanda. Ela, por sua vez, esperava por alguma reação. Qualquer que fosse — só deveria se controlar e não olhar para o bosque. *Não olhar para a praça.*

— Muito bem, Amanda.

Ele finalmente deu meia-volta, mas mesmo que a jovem maga sentisse que podia piscar livremente de novo, não era sua intenção descansar.

— Para os próximos dias...

— Professor. — Interrompeu ela.

Ela entrou em seu campo de visão novamente. Ele esperou. Ela não queria esperar mais. Precisava descobrir o que pudesse. Quais eram suas chances.

— É sobre as tradições mágicas.

Oscar desviou-se, e num passo acelerado continuou a rota anterior em direção à mesa, bege como o resto das cadeiras, para arranjar seus livros e papéis dentro da bolsa que trouxera.

— Professor? — Disse Amanda, levantando-se.

— Seu pai deve lhe ensinar quanto a isso. — Respondeu ele, sem olhar de volta para ela. — Eu não sou. . .

— Mas eu quero ouvir do *senhor!*

Ele bateu com um livro na mesa, criando um baque que se espalhou pela sala com vivacidade. Virando-se, mostrou que balançava a cabeça negativamente. Amanda sentia-se irritada, mas ao mesmo tempo estimulada — sem nem ao menos saber por quê.

— E-essas tradições. Elas m-mudam com o tempo, não mudam? Elas podem mudar, não podem?

Seus olhos se estreitaram de uma maneira peculiar. Amanda seguiu, preocupada.

— E-eu me lembro que o senhor disse que. . .

— Lembra *errado*. As tradições não *mudam*. As tradições *permanecem*.

— Sim, mas. . .

— É *impossível*. — Completou ele. — Agora, me dê licença. . .

Amanda viu as sobrancelhas grossas do velho homem se virarem para a parede frontal. A bolsa dele estava praticamente pronta para partir; com um novo olhar para trás colocou as alças por sobre a cabeça, e enfim partiu.

Amanda sentou-se de novo. É claro que ele iria afirmar que a tradição nunca pode mudar, pensou ela. Se ela mudasse do jeito que ela desejava, ele provavelmente teria menos coisas pra ensinar.



— Ei, Ana, escuta isso. . . — Dizia Tadeu, apontando para um parágrafo no livro à sua frente. — “Al-u-ber foi a primeira cidade a mandar guerreiros contra Al-u-tengo. A maioria deles tinha menos que vinte e cinco rosanos. Depois do fim da guerra, a cidade não quis jovens de outras cidades. Ao invés disso, muitas mulheres com mais de setenta rosanos deram à luz uma nova geração na cidade”. Qual é o problema com isso?

— Por que você acha que tem um problema? — Disse Anabel, inclinándose para examinar a página.

— Porque tem tinta vermelha em volta, e é um trecho de texto meio. . . Separado do resto.

— Ah, é claro. . . — Riu ela, lembrando de algo. — Porque mulheres com mais de setenta rosanos não *deveriam* ficar grávidas. Os bebês podem nascer com doenças, ou. . . Nascer mortos.

— Certo. — Respondeu ele, brincando com os pensamentos. — Mas. . . Elas não sabiam disso?

— Sabiam. Mas Al-u-ber é orgulhosa. — Explicou ela, fazendo um muxoxo de desconsideração. — Sempre foi. Eles se apegam a tradições idiotas.

Coisas *tolas*. Bem, não só eles, mas... Ah! — Ela disse, mudando instantaneamente de humor. — Lembrei de algo que eu *preciso* ler pra você! Já volto.

Anabel levantou-se e, quase correndo, foi parar na estante mais abastecida da biblioteca. Tadeu tinha que dar o braço a torcer; aquilo era mesmo empolgante.

Voltou-se para frente, observando as outras pessoas. Um jovem barbudo abria a porta, saindo da empobrecida casa dos livros com um rosto compenetrado.

Tadeu se retesou na cadeira. A porta já se fechara, mas na fração de segundo em que ficou aberta ele percebeu que já devia ser a hora de um evento importante. Um evento que tingia o céu daquela mesma cor que acabara de ver, e que por um breve momento se mesclara com força em todos os objetos ao alcance da visão.

Anabel voltou, falando alguma coisa que Tadeu não entendia. Um zumbido surdo estourou em seus ouvidos; ele pediu desculpas, correndo para fora da biblioteca. Não parou, nem olhou para trás, pois sabia que lutava contra o tempo. Consumia todas as suas energias naquele esforço, mas tinha o terrível pressentimento de que seu suor não seria o suficiente.

Quando chegou à entrada para a trilha, depois de perceber que o lugar por onde passara era só um borrão em sua memória, olhou em volta, preocupado. Não via ninguém. Subiu, correndo por onde antes andava, tropeçando por onde antes era cauteloso. Chegou ao topo segurando-se com a palma da mão na torta parede de terra na qual ele esperava se encostar com Amanda naquele fim de tarde.

O sol se punha. Amanda não estava mais ali.

Capítulo 40

Fogo

Amanda caminhava nas sombras. Ignorou a charrete, mandando-a de volta para casa. Preferiu voltar a pé, esperando que andar fosse fazer algum bem. Descobriu, minutos depois, que seu maior desejo era poder arrancar com as unhas a pele do corpo e jogá-la fora, num amontoado de folhas caídas.

Sentia raiva de todos que passavam por ela, por motivo nenhum. Chorou o trajeto inteiro, em acessos espremidos, tendo um acesso de raiva a cada vez que se imaginava perguntando para Tadeu por que ele não estava lá. Imaginava que ele pediria desculpas de joelhos, mas não sabia o que visualizar quando ele começava a se explicar. Ele gaguejava e a olhava, suplicante, e este era o momento em que ela apagava aquilo da mente como se passasse a mão por uma névoa grossa.

Não soube dizer se o pai a vira quando ela entrou em casa, ou mesmo se ele estava ali. Trancou a porta do quarto e jogou-se de qualquer jeito na cama feita. Amassou quase que de propósito a colcha rosa em que pequenos pássaros azuis, de bicos longos e asas abertas, voavam no céu simulado. Fechou os olhos. Sentia até mesmo seus pulmões doerem a cada vez que tinha contrações de pranto.

Virou-se de barriga para cima. Pensou em um jeito de ficar definitivamente sozinha, num lugar onde pudesse fazer o que quisesse.

Fechou os olhos e deixou que o formigamento tomasse conta de si. Em breve sentia como se o corpo todo estivesse suspenso; uma dor nas têmporas surgiu enquanto ela deixava de sentir os membros. As lágrimas no rosto evaporaram, e ela podia senti-las se despedindo com o vento. Não havia mais distância entre ela, as mesmas lágrimas levadiças e o céu púrpura acima do próprio castelo. Tudo era uma borrada junção de coisas e seres, que se destacou como papel rasgado quando ela finalmente abriu os olhos.

Olhou para si mesma. Usava um vestido longo e rodado, com bastos ombros preenchidos, feito de um quente tecido roxo e bordado com marcantes fios vermelhos. Estava dentro do próprio castelo, em um corredor suspenso que ligava pelo segundo andar um grande saguão a outro. A parede tinha aberturas em toda sua extensão, janelas sem vidro, e a débil luz

de um gigantesco sol quase completamente desaparecido formava fileiras de sombras compridas atrás dela.

A preculga debruçou-se sobre uma das janelas, sentindo-se enfim em casa. Respirou fundo, percebendo que não tinha vontade de fechar os olhos, de chorar ou de gritar. Só queria ficar ali, parada, por muito e muito tempo.

Ao olhar para frente, viu que o cenário se alterava de uma maneira estranha. A planície perto de si continuava a mesma, com jovens eucaliptos fazendo companhia à grama sem fim. O problema era o próprio horizonte, que parecia rolar para dentro em direção a ela, absoluto, gigantesco, fanto.

Amanda se afastou do parapeito, dando passos estabaneados para trás. Um castelo surgia, avançando como uma espécie navio; ele barrava a vista para o que sobrava do sol, crescendo a cada instante, até enfim parar exatamente à frente do castelo de Amanda. Uma pequena torre destacada lateralmente de uma outra, esta mais alta e mais grossa, ficou a apenas alguns pés de distância da entristecida maga.

— AMANDA! — Berrou Tadeu, do chão. — AMANDA!

Ela voltou à janela, inclinando-se mais para a frente. Viu que ele estava com as mãos apoiadas sobre os joelhos. Ao sentir a presença dela, olhou para cima; balançava o corpo, desconfortável com o cansaço.

— Amanda...

— Por que você não foi, Tadeu? — Perguntou Amanda, desabafando. — *Por quê?*

— Amanda, desça aqui, eu posso...

Amanda teve um pensamento terrível que a empurrou para fora da cama num pulo. Embora não tivesse caído totalmente no chão, demorou a recobrar o equilíbrio; escorregando um pouco, foi até a janela. Tadeu estava ali, praticamente idêntico ao seu iaumo em Neborum — logo abaixo da janela do quarto, no meio da rua.

— Amanda! — Disse ele, ao vê-la.

— *Ficou louco?* — Disse ela, desesperada.

Queria gritar contra ele, berrar para que ele saísse dali, mas sabia que isso só chamaria mais atenção. Olhou para os lados; umas poucas pessoas passavam por ali, mas ainda assim estavam longe, com sorte se afastando cada vez mais.

— Amanda, desce aqui, por favor...

— Tadeu, *não*... Você precisa...

Ela não conseguia dizer a frase. Estava presa na garganta, e ela não queria que ela saísse de verdade. Queria dizer o oposto. Queria pedir que ele entrasse em casa.

Voltou-se com força para dentro do quarto, esfregando as mãos contra o rosto. Retornou, fechou a janela e se jogou na cama de novo.

Olhou para os lados e se sentiu desconfortável: viu que estava deitada em uma das colunas que dividia as janelas do parapeito. Avistava o destacamento do castelo à frente como se ele estivesse acima dela, prestes a despencar.

Fez a força que julgou suficiente, o que ainda pareceu maior do que seria preciso para normalmente se levantar do chão, e o mundo endireitou-se com um solavanco, lançando Amanda para frente. Começava a ficar enjoada, e, como se Neborum fosse um barco frágil, tudo parecia virar para o outro lado.

— Tadeu... — Murmurou, procurando por sinais dele.

— Amanda... ? *Amanda!* Me deixe entrar!

— Não... Não... — Ela se recompôs, encontrando o bomin no mesmo lugar de antes. — *Vá embora, Tadeu, é perigoso!*

— Amanda, eu não... Abra a porta!

— VÁ EMBORA, TADEU! — Gritou ela, sentindo que não podia suportar muito mais.

Seu rosto começou a arder. Achava que eram as lágrimas até que elas começaram a puxar sua pele como em centenas de pequenos beliscões. Depois de enxugar o rosto com as costas da mão, viu um aquoso líquido vermelho caindo dos pulsos em direção aos antebraços. A repulsa a deixou instantaneamente tonta.

— Amanda, você...

— Vá *EMBORA!* P-por favor, vá embora... — Ela saiu da janela, caindo sentada no chão. — Se você me ama... *Vá embora...*

Antes mesmo que os castelos completassem a lenta volta que refaziam, entortando-se num giro que deixaria Amanda virada para o céu mais uma vez, o mundo desinflou. Era como se tivesse sido achatado; logo a fina superfície daquilo que Amanda via recebia gigantescas gotas de chuva. O primeiro pinga caiu no rosto desolado de Tadeu, e Amanda rolou na cama, sentindo uma dor lancinante no pescoço.

Respirou fundo por alguns segundos, e a tontura passou. Levantou-se e, com medo de ainda encontrar Tadeu em frente à janela, foi até lá. Olhou por alto; aos poucos, sem pressa e sem intenção de ser notada por ninguém do lado de fora. A rua estava relativamente cheia agora, com mais passantes — nenhum deles parecendo procurar por nada, pelo menos naquele ângulo limitado. De Tadeu, contudo, não via sinal.



A porta bateu com um estrondo, mas não provocou em Galvino mais susto que curiosa surpresa. Sabia que o filho chegava, e chegava *rápido*, mas não esperava que batesse a porta daquele jeito.

— Tadeu? — Chamou ele. O castelo estava indo para longe, quase saindo de vista, mas parou de se movimentar. — *Tadeu?*

— Estou aqui, pai! — Respondeu ele, da sala.

Galvino continuou o que fazia antes. Colocou um pouco mais de água em seu copo e sentou-se ao sofá, pensando que Eva aprovaria sua calma. Não brigaria com Tadeu. Certamente o repreenderia por se atrasar, mas ele teria que vir por vontade própria para a aula. É claro que, se ele não viesse, uma conversa séria estaria na ordem do dia.

Eva aprovaria sua calma?

Galvino começou a percorrer algumas das salas dentro do próprio castelo, dando uma olhada em cada uma, às vezes de relance, apenas garantindo que tudo estava como da última vez que havia visto. Sorriu ao ver que o filho chegara, sem interromper a pesquisa em Neborum. Tadeu sentou-se ao sofá, visivelmente cansado.

— Eu... — Disse o filho. Galvino pensou ter visto ele tremer por um momento. Voltou parte de si para o castelo de novo. — Me atrasei porque eu estava com a-aquela menina que eu conheci na... Festa. Me desculpe, pai.

Galvino tornou-se completamente presente outra vez.

— Pois... Está tudo bem. Mas não se atrase mais.

Tadeu confirmou com um aceno de cabeça.

— Vocês estão se dando bem?

— Sim. — Respondeu ele, rápido.

Galvino sorriu, coçando a nuca.

— Fico feliz.



Amanda desceu as escadas de casa, que estava silenciosa como se tivesse sido abandonada. A residência era grande, mas principalmente por fora; Com a exceção do terceiro andar, as salas do primeiro e do segundo piso eram atulhadas — o espaço parecia encolher, mas o que perdiam em liberdade de movimentos ganhavam em aconchego. Amanda se sentia melhor na sala de visitantes, com seus minérios pentagonais roxos e seu sofá verde exageradamente grande, que no próprio quarto.

Ouviu vozes perto da janela. Balançou a cabeça, buscando acordar por completo, e foi até a porta.

— ... Não, eu penso que *disso* não precisarei. — Disse Barnabás, com uma voz decidida. Amanda destrancou a porta, abrindo-a ao sentir que o pai estava prestes a fazê-lo. — Olá, minha filha.

— Oi, pai.

Três homens entravam na casa. Ela imediatamente reconheceu o último da fila.

— Este é Jorge. — Disse o pai, e um sujeito mais velho sorriu, quase com isso fazendo balançar seu desgrenhado cabelo loiro. Tinha a barba por fazer, e olhos pequenos que ela reconheceria mesmo sem precisar olhar para quem vinha ao lado. — Ele é o meu novo médico. Por isso, é o seu também, é claro. Este é Gustavo, seu filho.

— Oi, Amanda. — Respondeu ele, com um sorriso confiante.

Jorge e Barnabás trocaram olhares confusos.

— Vocês... Se conhecem? — Perguntou Jorge, com uma voz rombuda e volumosa.

— Sim. Nos conhecemos na festa bomin há uns dias.

Barnabás olhou para a filha com um sorriso de satisfação pessimamente represado.

— Bem... Vamos subir até o meu escritório para conversarmos melhor, sim, Jorge? Prometo que será rápido.

Jorge fez para Amanda um gesto cordial com a cabeça e seguiu Barnabás. A amabilidade contradizia, pensou Amanda, sua voz montanhosa. Ele era um médico, afinal. Não um monstro.

— Seu pai ficou feliz? — Disse Gustavo, arrancando Amanda de seus pensamentos.

— É... Ficou. Entra, tira a mão da porta.

Ele obedeceu, dando alguns passos tímidos. Observou o lugar de ombros encolhidos, balançando a cabeça em aprovação.

— Aqui é legal.

— É, eu gosto também.

— Você não está bem.

— Não estou mesmo.

— E o que aconteceu?

Ele se virou para olhá-la nos olhos, como se exigisse aquela conexão. Dava para perceber o quanto seu olhar realmente exalava confiança, pensou Amanda. Logo depois alertou a si mesma que aquela sensação podia ser, ao invés de verdadeira, fruto de uma peça pregada pela desesperada vontade de confiar em alguém. Em um *outro* alguém.

— Problemas.

— Sabe que... — Explicou ele, gesticulando vagamente com as mãos abertas. — Se quiser conversar...

— Obrigada. Não precisa.

Ela desviou o olhar, constrangida. O silêncio aumentava a tensão da falta do que dizer enquanto Gustavo a olhava, fixamente, como se ele não pudesse sentir o quão irritante isso estava sendo para Amanda.

— Para com isso... — Pediu ela, sentindo-se violada por aquele olhar sem licença. Gustavo riu, zombeteiro, e os dois ouviram as vozes dos pais surgindo na sala de novo.

— Eu acho que se você não falar alguma coisa vai acabar explodindo, mas... Tudo bem...

— Para, Gustavo... — Reiterou ela, falando mais e mais entre os dentes, já podendo ouvir Jorge retornando à sala.

— Verei onde posso conseguir este. Mas se eu não conseguir podemos escolher aquele que eu recomendei?

— Certamente. — Respondeu Barnabás, sorridente.

— Perfeito... Vamos, filho.

Gustavo assentiu no momento em que o pai parou à sua frente, e fez uma sutil saudação educada para Amanda. Depois chegou perto do ouvido dela, fazendo ela quase dar um passo para trás no sobressalto do movimento.

— Se precisar conversar é só mandar um recado pelos nossos pais.

Sua voz era suave; a proximidade acústica fazia com que parecesse respirada, como segredo que se esvai da concha das mãos para a orelha.

— Tá bom! — Disse ela rapidamente, querendo que ele se afastasse logo.

Jorge apertou a mão de Amanda, que permanecia presa à indecisão de como se sentir com aquela visita. Ele tinha um aperto forte, que combinava com as mãos grandes. Quando eles estavam longe o bastante, Barnabás trancou a porta e virou-se para a filha. Era hora de aula.



— Existem duas coisas que se deve fazer — dizia Galvino — para invadir alguém. Isto é, depois de encontrar o castelo. Em primeiro lugar, destrancar a porta do castelo.

— Não posso entrar pela janela? — Perguntou Tadeu, displicente.

— Não. A porta é o único jeito de entrar em um castelo, e o único jeito de sair se você quiser ir para outro lugar que não seja o seu próprio castelo. Ela é muito importante, Tadeu, entenda bem: ela diz *muito* sobre alguém. Pode estar aberta quando a pessoa estiver emocionalmente vulnerável. Ou doente.

Tadeu acordou com aquelas palavras, ponderando, com crescente angústia, como estavam as próprias portas.

— Ou pode estar cheio de travas, fechaduras e cadeados quando a pessoa é cheia de... Desconfianças.

A angústia transformou-se em um instinto de proteção: de qualquer jeito sua porta levantaria suspeitas.

Uma vez em Neborum, correu para o saguão principal de seu castelo, acelerando a uma velocidade que não sabia poder alcançar. As paredes ao seu redor viraram um único borrão, e ele corria sem nem mesmo saber quando parar. Ao ver um negrume cada vez mais forte em meio ao cinza das paredes internas, pensou estar olhando para o céu através da porta aberta. Tudo se recompôs à sua volta como névoa que se dissipa, e ele viu seu pai examinando a porta do próprio castelo do lado de fora.

— Você não pode... Deixar a porta aberta...

Tadeu ficou parado, sem saber o que fazer. Nunca seu pai se aproximara tanto do próprio castelo — ou pelo menos não nas aulas. Naquele momento Galvino não o advertira num tom de urgente alerta. Parecia estar distraído olhando para o portão. Tadeu logo percebeu por quê.

— Pai... E-eu não coloquei essas... Fechaduras...

A porta, que tinha quase oito pés e meio de altura e era feita de uma madeira marrom antiga e bastante arranhada — sulcada fundo, como se tivesse sofrido com várias machadadas — tinha também quase vinte fechaduras, todas de um ferro escuro e sujo, mas grandes e densas.

— Eu sei... — Disse ele, e subitamente deixou de olhar para elas. Deu as costas e foi para o campo do lado de fora do castelo. — Venha, meu filho.

Tadeu o acompanhou.

— Nós, bomins — reiniciou o pai — destrancamos portas ao manipular fogo, gelo, água, ar e terra. Os preculgos usam ferramentas para produzir uma chave que funcione nas fechaduras. Os espólicos as derrubam com a força física.

Tadeu parou, estupefato.

— Como você *sabe* disso?

— Isso todos nós sabemos, Tadeu. — Galvino fez um aceno com a mão, desconsiderando a preocupação. — Todos os magos sabem. Isso é o que mais demoramos para aprender a fazer bem, então não é prejudicial que saibamos. Você vai passar tanto tempo treinando suas próprias técnicas de ataque que não vai querer desenvolver as dos outros. É perda de tempo.

— O que são técnicas de ataque?

— As que eu acabei de lhe dizer. Técnicas para abrir as portas.

— Mas por que têm esse nome?

— Porque se você estiver tentando invadir o castelo de um mago... — Explicou Galvino. — Ele vai lutar com você quando você entrar. Ou antes disso. E as técnicas que vocês usarão para lutar são as mesmas que usam para abrir as portas. Essa é a segunda coisa a fazer para invadir alguém.

— E se a pessoa não for um mago?

Galvino deu de ombros.

— Ela não lutará. A alma dela estará adormecida em algum lugar. Você pode entrar e fazer o que quiser.

Os dois pararam em frente ao castelo de Galvino. Ele era grande e simétrico, com três grandes torres em formação triangular e uma porta quadrada, pouco usual nos poucos castelos que Tadeu já vira em Neborum.

— Tenho que abrir a porta? — Perguntou Tadeu.

— Sim. A primeira coisa que vai aprender a fazer é fogo.

Tadeu olhou para a porta, apreensivo. Ela parecia desafiá-lo, forte e orgulhosa, exibindo três fechaduras douradas que se destacavam na madeira escura. Minérios amarelos pendiam das paredes externas das torres, em pares, até o topo; o portão recebia pouco daquelas luzes.

— E-e como eu tenho que fazer?

— Apenas *faça!* — Respondeu Galvino, falando baixinho, mais perto do ouvido do filho. — *Sinta* sua mão mais e mais quente até ela pegar fogo.

Tadeu abriu a palma da mão direita e olhou para ela, sentindo-se envergonhado.

— Sua mão não vai se machucar, Tadeu. É o *seu* fogo. Você não vai se ferir.

Tadeu ainda não havia pensado *naquela* possibilidade, e agora não podia deixar o medo de lado. E se o pai estivesse mentindo apenas para incentivá-lo? E se ele não fosse capaz de fazer aquilo? Seu pai nem mesmo piscava ao observar o filho e sua concentração. Quase podia ouvir o sangue de Galvino passar mais rápido por artérias e veias, pulsando fervorosamente à espera do fogo.

— A raiva pode ajudar. — Disse Galvino.

Tadeu sentiu-se liberto. Então era *esse* o segredo?

Pensou naquela mesma tarde. Pensou em Amanda e em seu atraso. No rosto lavado em lágrimas rubras; em Anabel e na própria mente estúpida que não pôde recusar uma oferta abusada e inoportuna. Pensou principalmente em seu pai e naquelas aulas.

Aulas estúpidas.

— Isso, Tadeu, *isso!* — Disse o pai, entusiasmado.

Tadeu não percebera, mas sua mão havia ficado vermelha. O que chamou sua atenção foi a dor incipiente, que evoluía para um embrulhar e alfinetar internos que espalhava-se lentamente para o pulso.

— Não... Não consigo...

— *Consegue.*

— Não...

— Não seja *fraco*, Tadeu! — Sussurrou o pai.

Tadeu rejeitou os impulsos de olhar para o pai e o de sair correndo. Não era necessário sequer ativamente resistir: aquela frase o imobilizara completamente antes de arrancar uma dúzia de arrepios simultâneos.

Tadeu lembrou-se de seus colegas aproveitadores de rosanos atrás; da briga entre os pais e do namoro secreto com Amanda. Lembrou-se da inici-

ação da qual escapara por um triz — e dessa vez a lembrança de Anabel já não vinha acompanhada de raiva — e de sua frustração por estar envolvido com aquilo tudo.

Sua mão já estava vermelha de novo, e a dor voltou, mais forte. Tadeu pedia para si mesmo que o fogo surgisse, e ignorava a dor; a vermelhidão abrandou-se, e a mão ficou rosada, ainda que mais brilhante. E ela surgiu.

Tadeu sorriu, expirando irregularmente. Cambaleou para trás, mas logo se recompôs; não perdera o controle da pequena chama vermelha que segurava na mão, flutuando acima das linhas e vilosidades da pele.

— Muito bem. — Disse Galvino. — A raiva não é necessária.

Tadeu olhou para ele, cuidando, de uma forma inconscientemente bem trabalhada, para não deixar a chama se apagar.

— Por que mentiu?

— Apague o fogo.

— Por quê?

— *Apague*, Tadeu.

— *Por quê?*

Galvino estalou os dedos e criou uma onda que se chocou contra o filho, encharcando-o por inteiro e apagando a chama. Tadeu ficou parado, de olhos fechados, sentindo as gotas caírem rapidamente da ponta do nariz e das unhas das mãos.

Não acreditava no que havia acabado de acontecer.

— Acenda de novo.

Tadeu olhou para a mão e sentiu tudo de novo. Desta vez foi até o fim, obstinado. A dor foi menor. Pareceu apenas um tipo de cócega, uma leve irritação muito mais gerenciável. Tadeu logo produziu novamente o fogo, que desta vez bruxuleava, mais instável.

— O que eu vou ensinar — disse Galvino, de braços cruzados — é a fazer fogo sem se *preocupar* com fogo. Sem ficar com raiva. Sem olhar para a sua mão.

Tadeu balançou a cabeça, passando a mão esquerda pelos olhos incomodados tanto pela água quanto pelo calor.

— Apague o fogo.

Capítulo 41

Culpa

Era um abrir de olhos, mas era também um respirar. Era um respirar profundo, um encher-se dolorosamente de espaço em busca de ar.

Piscou os olhos mais algumas vezes. Sua cabeça era tudo o que sentia. Era tudo o que era. Cabeça, ar e teto febril.

Engoliu com dificuldade, e a partir daí tudo veio à tona. Estava deitada de barriga para cima, vestida de azul em um pano sem graça, definitivamente mais apropriado para uma toalha. Movimentou os braços e as pernas, e viu que estavam livres; apenas cobertos por um lençol esverdeado.

O resto voltou lentamente, mas voltou com convicção. A testa parecia querer abrir-se ao meio; este foi o retorno da cefaleia. Ela fechou os olhos e desviou a cabeça. Quis puxar a mão em direção ao rosto, mas mexeu-se de leve apenas, descobrindo-se fraca.

A fome a atingiu também, gritando, pressionando para que desse atenção à barriga, que se contorcia com ardor. Um formigamento incômodo nos dedos dos pés também apareceu para dar as boas vindas.



Dalki entrou com pressa no prédio amarelo de quatro andares. Uma construção reta, sem muitos atrativos além das vigas de pedra bruta nas arestas e das janelas envidraçadas, que formavam do lado de fora, todas juntas, um hexágono vermelho em meio a um fundo azul.

Quando o chefe de polícia ladeado por outros três agentes parou na recepção, confuso frente aos possíveis caminhos, um homem calvo vestido de verde aproximou-se depressa.

— Dalki, não é? Chefe de...

— Sou eu. — Cortou ele.

— P-por aqui, por favor.

O médico os levou na direção das escadas largas e escuras. Subiram até o terceiro andar. Os corredores eram longos, espaçados e, ao contrário das escadas de acesso, bem iluminados, cheios de portas claras e lembretes de que o silêncio era fundamental. As luzes iam ficando mais fracas por onde passavam, acompanhando com desvanecimento os quatro homens e

uma mulher que rumavam com passos decididos até a última porta à direita. O médico abriu passagem e, antes de entrar, Dalki virou-se para os outros policiais, apontando para si mesmo com um olhar suficientemente comunicativo.

A janela estava fechada, mas ainda assim o lugar mantinha-se arejado. Dalki sentia-se de forma ambígua ao estar ali; se por um lado tudo naquele local fora projetado para ser agradável, este mesmo objetivo marcava cada móvel, cada lençol, cada canto com estigmas de luta e perigo. Aquele era ou um lugar de morte ou um lugar para não se estar. Entre esses dois havia desesperada resistência, como a que a filha de Hourin visivelmente enfrentara. Os caracóis de seus cabelos estavam espalhados pelo travesseiro verde, e seu rosto maltratado pela doença e pelo pesar acompanhava de maneira pouco graciosa suas madeixas.

— Eu sei que ele morreu. — Disse ela, com olhos enlameados.

— Queremos punir quem fez isso. — Disse Dalki. — Queremos saber...

— Eu vi tudo. — Interrompeu ela.

Rainha fechou os olhos e fez uma careta de desgosto; Dalki olhou para o médico, que o despreocupou. Foi até uma pequena mesa ao lado da cama, e de lá tomou um minério de seis lados, prateado e opaco, e o quebrou batendo-o na parede com agilidade. Colocou as duas metades perto do pescoço da garota, e uma fumaça cinza começou a subir do interior rasurado das pedras. Ela abriu os olhos, respirando fundo o vapor curativo.

— Por que não posso usar isso o tempo todo? — Perguntou ela.

— Porque precisamos saber se você ainda tem dor de cabeça. — Respondeu o médico, sereno.

— Rainha... O que você viu?

Ela estudou cada policial antes de responder.

— Eram dois. Um homem e uma mulher.

— Como era o homem?

Ela balançou a cabeça, voltando a olhar para o teto.

— Grande e mulato... É só isso que eu lembro dele...

Dalki assentiu.

— Foi ele que feriu o seu pai?

— Foi. — Ela engoliu, parecendo soluçar por um momento. — Com uma espada...

— E a mulher?

— Era forte... — Desviou o olhar mais ainda, preferindo a mesa ao lado do médico. — Ficou em cima de mim... Eu não conseguia gritar... Eu não... Eu não conseguia me mexer...

— Você já estava fraca, Rainha... — Disse o médico, preocupado em fazer com que ela não se culpasse. Lágrimas já caíam do olho esquerdo.

— Eu sei... Mas ela era... — Ela apertou os olhos, esforçando-se para lembrar. — Alta... Tinha um rosto magro, era... Um cabelo castanho...

— Certo. Kazuo... — Dalki virou-se para trás, chamando um dos policiais.

— O nome dela era Raquel.

Dalki voltou a olhar para ela.

— E o nome dele, Rainha, você lembra do nome *dele*?

Ela negou com um movimento contido de cabeça, ainda sem olhar de volta para o chefe de polícia, que aceitou a situação após um olhar agradecido para o médico. Um nome seria bom, mas não realmente necessário. Ele sabia de quem ela estava falando.

— Vão até a delegacia e chamem *todos* que estiverem lá. Vão para *todas* as primeiras jirs saindo da cidade e perguntem por Hiram, um homem alto, forte, moreno. Pode estar junto com uma mulher chamada Raquel, vocês já ouviram a descrição.

Os policiais saíram do quarto e correram pelo corredor. Dalki virou-se para Rainha, que olhava para o nada no teto. O médico verificava sua temperatura com as costas da mão, e tornou a olhar para o agente da lei.

— Sinto muito. — Disse Dalki.

Ele saiu antes de ver ela menear a cabeça em agradecimento.



Ao sair do hospital Dalki teve a sorte de encontrar uma charrete. Embarcou e pediu ao condutor que fosse para o norte. No caminho, passaram pela rua da delegacia, incorporada num edifício de três andares com seis colunas sustentando a laje do topo. As colunas eram distribuídas em três pares em frente a uma longa escadaria. Detalhadas bordas azul-escuras em torno das janelas tornavam mais belos e encaixados os uniformes de mesma cor de todos que ali trabalhavam.

Naquele momento, os policiais deveriam estar saindo do lugar em massa, pegando as charretes que estivessem disponíveis e viajando para as jirs no perímetro da cidade. No entanto, nada disso acontecia; passantes caminhavam pelos arredores normalmente, na pressa corriqueira daquela beirada da cidade, com suas calças escuras e longos casacos de cores atenuantes. Uma charrete do parlamento estava parada em frente às escadas de forma quase desleixada.

— ... Pare aqui, por favor. — Pediu Dalki, incomodado.

Subiu as escadas com calma, com a intenção de perguntar a quem quer que dali sáísse alguma coisa quanto à falta de movimentação. Nada parecia estar fora do lugar, mas por outro lado não havia como confirmar com ninguém. Passou pela comprida recepção e, ao ver enfim outros funcionários,

recebeu olhares furtivos — quase imperceptíveis, mas presentes, fitando-o quando ele não podia mais saber que eles o faziam.

Chegou no saguão de trabalho, como era conhecida a área cúbica no centro do prédio. No teto havia janelas que ficavam sempre abertas para os corredores do terceiro andar, e é dali que vinha a maior parte da luz durante o dia. No chão, muitas e muitas mesas com papeis, armamentos e eventuais pacotes de goma escura com comida espalhados por todas as estações de trabalho.

Os policiais estavam virados de costas para a entrada, olhando para um púlpito encostado à parede, o gabinete do chefe de polícia — *seu* gabinete, pensou Dalki. Ali estavam, de pé, o parlamentar Hideo e o policial Kenner, aquele fazendo um discurso sem intonação para este, que trazia os braços à frente do corpo, e para uma plateia de braços cruzados.

— ... E a bravura deve ser recompensada, sempre, é claro, jamais nos devemos esquecer. Mas o bom trabalho também merece reconhecimento.

Nenhum policial vira Dalki na entrada, mas o chefe via duplas de colegas entreolhando-se com feições de total incompreensão.

— Sendo assim, é um grande prazer reiterar que Kenner é o novo chefe de polícia de Al-u-een. Muito obrigado.

Aquele seria o momento em que a plateia de agentes explodiria em “vivas” e congratulações, parabenizando com entusiasmo e alegria o novo chefe enquanto o parlamentar apertava a mão do policial promovido. Mas apenas o silêncio, decorado com o borbulhante burburinho de sussurros condenáveis e condenatórios, preencheu o ambiente da delegacia enquanto Hideo entregava a Kenner um documento amarelo com escritos que nenhum dos presentes, distantes do condecorado, conseguia ler.

Solenes e mandatórias palmas surgiram, vindo a existir tendo por mãe a estranheza e a desconfiança. Kenner vira que o agora ex-chefe de polícia entrara no saguão, e o olhava com um sorriso de lábios apertados. Dalki apertou os dentes, deu uma lenta meia-volta, e foi embora sem olhar para trás.



Era compacta a casa de apenas um andar; um verde rosado cobria as paredes, que erguiam-se logo depois de uma fina faixa de grama que separava a propriedade da rua. A porta, amarela, tinha dois retângulos desenhados em relevo na superfície, e a maçaneta era feita com a mesma madeira marrom das bordas das janelas quadriculadas, comuns e opacas.

Dalki bateu à porta e esperou, aproveitando para ver se alguém o observava. Ninguém nas redondezas. O morador apresentou-se, abrindo a porta num vagaroso passo a passo acuado.

— Boa tarde, senhor Lenzo.

— Boa tarde.

— Meu nome é Dalki. Sou o chefe de polícia de Al-u-een. Posso entrar?

Dalki apontou para o interior da casa, que começava com uma minúscula sala de estar.

— Sim.

Lenzo abriu espaço para o visitante, que examinou o ambiente de pé. A parede do lado de dentro era azul, e uma cadeira clara com finos pés fazia companhia a outra, definindo a mobília da sala em sua totalidade. À frente havia um curto corredor em que todas as portas, espécimes menos enfeitadas que a da frente, estavam fechadas.

— Quer sentar? — Ofereceu Lenzo, mostrando com a mão as cadeiras.

Dalki viu que elas tremiam, e depois de observá-las por alguns instantes lançou um olhar divertido ao anfitrião.

— Não prefere sentar primeiro? Você parece nervoso.

Lenzo recolheu a mão, tornando-se mais consciente de seus movimentos. Esperou para engolir, e concentrou-se em não tremer nem respirar pesadamente. Ainda assim, desviou o olhar pelo tempo em que quis escapar do escrutínio do investigador.

— O que o senhor quer? — Disse, numa expiração só.

Dalki fez subir as sobrancelhas e, tranquilo, sentou-se em uma das cadeiras.

— Vim falar do assassinato do seu tio, Hourin.

— Eu n-não sei nada sobre isso.

— É mesmo? Eu acho que sabe.

— Mas eu não sei.

— Eu acho que você o matou.

— O quê? — Lenzo deixou escapar uma risada esbaforida. — Isso é ridículo!

— Você o visitou nos últimos dias, Lenzo?

— Eu? Não, eu...

— Nós sabemos que sim, Lenzo. — Disse Dalki, olhando-o de um ângulo acusador. — Não minta para a polícia.

— Eu não vi o meu tio, eu...

— Você está *brincando* comigo, Lenzo? — Dalki se levantou de novo e ficou peito a peito com o homem de olhos amendoados. — *Hã?* Você acha que sou *idiota*?

— Eu não matei meu tio... — Respondeu Lenzo, dividindo as palavras com a respiração irregular.

— Eu sei de *Raquel*. — Apostou Dalki, parabenizando à si mesmo por dentro quando os olhos de Lenzo encheram de terror. — E sei de *Hiram*.

— Eles me *forçaram!* — Disse Lenzo, com a voz afinando ao longo da confissão.

— O quê?

— Eles me forçaram, eles me levaram e me atacaram e eu não sabia o que eu estava fazendo!

— Você vai *sentar* naquela cadeira. . . — Disse Dalki, por entre os dentes, apontando para o assento que ainda estava frio. — E vai me *contar* essa história.



O quadro se desenhou com fluidez a partir da narrativa cheia de cuidados de Lenzo. Raquel e Hiram de fato subiram no quarto através da escada do lado de fora. Um deles assassinou Hourin — Dalki já sabia que fora Hiram. O sobrinho da vítima, um filinorfo chamado Kan e outro chamado Gagé distraíram o político. Isso já estava planejado há muito tempo, e Hiram enganara Lenzo, atacando-o magicamente para que fizesse aquilo tudo. Depois do crime, esconderam-se na casa de Kan e então Lenzo cortou relações com o grupo. A mais útil das informações chegou no final da narrativa, sempre cheia de alusões a sensações estranhas quando na presença de Hiram: os quatro foram para Roun-u-joss.

Quando tudo terminou, Lenzo parecia ter tirado uma adaga do coração com as próprias mãos e sobrevivido. Dalki não sabia se tinha pena ou raiva daquele homem, que lhe parecia ora perturbado, ora oportunista.

— Lenzo. . . Obrigado por me contar isso. Foi uma história e tanto.

— Era o meu dever, não era?

Dalki meneou a cabeça.

— Sem dúvida. Para ser sincero, eu não sou mais o chefe de polícia.

Lenzo piscou mais forte.

— Não?

— Não. Soube antes de vir para cá que um policial me substituiu.

— Então. . . O que vai acontecer comigo?

Dalki levantou-se, ajeitou a cadeira para deixá-la na posição em que estava antes, e olhou para a rua vazia.

— Eu vou ser preso?

Dalki fazia planos. Tudo se encaixava perfeitamente.

— Não. Você foi a vítima, Lenzo, claramente.



Havia um ditado em Al-u-een: um filho, depois que deixa de morar com os pais ou tutores da infância, jamais retorna à casa antiga do mesmo jeito

— exceto uma única vez. Lenzo experimentava a sensação, desejando, sem muita esperança, não ter que senti-la outra vez.

Chegou enfim em frente à pequena casa que cheirava a tomates. Bateu na rude madeira vermelha, com um olho na porta e o outro nos campos do entorno. Ianni o recebeu com um alegre sorriso cansado, que se desfez à medida que pescava no ar que algo estava errado.

— O que foi, meu filho? — Perguntou ela, com uma toalha amarela nas mãos. — Você está cansado?

— Sim, mãe, sim. — Ele respondeu, evasivo. Sentou-se ao sofá e pôs as mãos na testa. — Traz um pouco de água pra mim, mãe...

— Nada de água... — Disse ela, paciente. Ocupou o lugar em frente a Lenzo, passando as mãos de duras articulações e macios gomos de carne nos cabelos do filho.

— Preciso de água, mãe...

— Nada de água... Fale primeiro. Fale comigo.

Ele olhou para ela, querendo olhar para qualquer outro lugar.

— Vamos, filho, fale... É sobre Hourin?

— Sim.

— Você sabe quem matou Hourin? O policial o procurou?

— Sim.

— Você disse a ele?

Seus olhos aumentavam a cada pergunta, incentivando-o com a inocente ansiedade a seguir em frente. Lenzo fechou os olhos.

— Sim.

— Fez muito bem, querido... Você não tem culpa de confiar nas pessoas erradas. Quem foi, meu filho?

Ele abriu os olhos de novo, e uma lágrima desceu por sua bochecha. Viu um confuso medo estourar no rosto enrugado da mãe.

— Foram quatro pessoas, mãe, e... E-eu ajudei elas.

Ianni levou as mãos à boca, afastando-se para trás no sofá num instante depois.

— Eles eram filinorfos, mãe, e... E ficaram me dizendo coisas sobre como ele era horrível e... Como os magos eram horríveis e... E a senhora sempre dizia...

— Como você... Como você *pôde*, filho?

— Eu fui *atacado*, mãe! — Defendeu-se ele, exaltado. — Eles *também* eram magos, e precisavam de mim e me *forçaram* a fazer isso! Eles precisavam que eu, que eu distraísse o Hourin, e... E...

— Ah, filho...

Ela cobria o rosto inteiro com as palmas das mãos. Ele fez o mesmo, soluçando por sobre as pernas. Quando voltou a olhar para frente, viu que

a pena tomava seus olhos comprimidos, voltados para ele de lado, emoldurados no róseo rosto trêmulo de vergonha.

— Mãe... Eu não durmo direito há *dias*... Nem antes de fazer aquilo, eu não... Eu não queria, mas eles me *forçaram*... Eu *juro* que eles me forçaram...

— Isso vai ser o seu fim, meu filho...

— Não, mãe, o Dalki disse que eu não vou ser preso, ele...

Ianni parou o rosto do filho com as mãos, forçando-o a olhar para ela.

— Filho... *Você vai para a cadeia*.

Lenzo foi forçado a ouvir a verdade. Percebia que ela crescia dentro de si num baque sem som: Dalki obviamente mentiu para ele. A esperança foi a única a lhe assegurar o contrário.

— Mas você pode ir para Ia-u-jambu.

— Ia-u-jambu?

— Você foi *tolo* para fazer o que fez, mas se esqueceu do seu *irmão*? — Disse ela, com a voz punitiva. — *Fuja!* Vá viver com o Koti onde a polícia desta cidade não vai te achar, filho. *Você tem* que *ir*.

O afago na bochecha, aquele em que a mão desliza para baixo até que só o que Lenzo sentia era a ponta das unhas da mãe, durou tão pouco que ele não conseguiu virar o rosto a tempo, fazendo os dedos dela tocarem sua boca. Ianni levantou-se e foi para a cozinha.

Lenzo virou-se, preocupado não sabia com o quê. Ela entrara, e ele não sabia se devia. Deu-se por perdido ao entender que aquela parecia ser uma despedida; a mais torta de todas. A voz alta para se fazer ouvir, mas também fria e aconselhando a fuga sem beijos e abraços de despedida, só podia significar que as costas da mãe seriam provavelmente a última parte de seu corpo que ele veria no solo de Al-u-een, se ousasse ainda aproximar-se da porta do cômodo. Começou a soluçar, a garganta involuntariamente expulsando o choro. Afundou-se mais e mais no sofá.

Parte V

Resistência

A potência de ceder

Lamar acordou com o barulho de porta que já lhe era familiar. Levantou-se e esfregou os olhos, percebendo que a luz do sol entrava timidamente na cela, abafada por uma atmosfera úmida. Do céu caíam gotas d'água de grosso calibre.

Lamar virou-se e demorou alguns segundos até reconhecer o homem moreno que entrava nas celas, escoltado por um guarda. Seu cabelo negro e levemente encaracolado, seus escuros olhos de cansaço intermitente, seu rosto macilento — tudo estava em seu exato lugar. Uma torta capa cinza de viagem, por cima de roupas esgotadas de algodão e lã, cobria o corpo relativamente alto do amigo de Kerlz-u-een.

Do lado de dentro veio um sorriso apodrecido, tanto mais sincero quanto mais os segundos passavam; do lado de fora, um rosto fechado, simpático de relance. Quando os dois lados se encontraram, no limiar, um abraço forte os uniu.

— Kerinu... — Lamar disse, buscando o ar com força. A pressão encheu os olhos com lágrimas furtivas, que arderam. — Kerinu, eu... Me desculpe...

— Tudo bem. — Disse Kerinu, afastando o abraço. Parecia ocupado observando alguma coisa acima do ombro do amigo.

— O-os dois estão bem?

— Bem, todos bem... — Disse ele, ainda perdido.

— Eles não podem me visitar?

— É *perigoso*. — Respondeu Kerinu, em um tom de última palavra, finalmente olhando para Lamar.

Algo estava certamente fora do padrão, mas havia algo a mais no ar. Lamar sentia-se desconfortável — ao invés de livre — na presença dele.

— E-Eles sabem de mim, pelo menos?

— Sabem. Tentaram te ver, mas a polícia não deixou. Lamar... — Ele deu uma olhada de esguelha para o guarda, de frente para os dois do lado de fora da cela. — Como tem dormido?

— *Mal*. Muito mal, Kerinu, durmo mais de dia que de noite, e...

— Que pena... — Kerinu piscou com o olho esquerdo. — Acho que não posso te ajudar com isso. Você vai continuar passando muitas noites ruins aqui.

Lamar balançou a cabeça. Lembrava-se mais e mais, pelo exercício indiscreto, do que era sorrir. Ainda assim, nem mesmo sob a proteção dos ângulos certos Kerinu sorria.

— Farei o possível pra ajudar. — Terminou ele.

Surpreendendo o policial, que imaginava que aquilo ia durar mais, Kerinu foi embora sem nem olhar para trás.

Lamar estava simultaneamente tranquilo, preocupado e animado. Tinha vontade de elevar o braço, clamando pelo retorno do amigo, mas ele se fora rápido demais. Voltou para seu canto e fechou os olhos, pensando em Myrthes e Ramon. Estavam bem, “todos bem”. Tal pensamento o manteve acordado, e depois o fez dormir melhor que a chuva no telhado.



Prima-u-jir não ficava acordada até tarde. As casas da cidade exibiam luzes envergonhadas durante a madrugada, e raríssimos noctívagos ocupavam varandas e janelas com seus sonhos e suspiros.

Apenas um policial era responsável pela guarda da cadeia. Quando não havia nenhum preso, ou algum que não importasse tão pessoalmente a Byron ou a algum outro parlamentar, não havia sequer um policial — mas com Lamar, as coisas mudaram. Uma mulher de rosto duro e fino, com um escuro cabelo preso para trás com uma tira de algodão, cuidava da mal-cuidada sala de entrada da prisão. Vestia o negro uniforme policial da cidade, e passava aquelas horas solitárias entre o sono e a entediada vigília.

Olhou para o relógio na parede, uma combinação horrenda de tinta azul e vermelha por sobre pedaços de madeira em vários pontos rachada. Já passava das três horas da manhã, e ela não teria companhia até as quatro e meia. Sentiu os olhos pesados novamente, as pálpebras escorregando de encontro ao chão.

Levantou-se rapidamente, pulando da cadeira que cairia no chão se não fosse pela mesa atrás dela. Tremendo, tirou a espada da bainha e girou sem sair do lugar, apontando para todos os lugares.

Definitivamente ouvira alguma coisa; algo como o barulho de uma pedra caindo no chão, ricocheteando e parando. Talvez fosse o prisioneiro arranjando uma brincadeira para passar o tempo. Mas podia ser, com igual chance, alguém tentando entrar na cadeia para ajudá-lo a fugir.

A guarda, tentando cobrir com os olhos todos os cantos da sala, caminhou lentamente em direção às celas depois de pegar na parede as chaves

dos portões internos. Certificou-se uma última vez de que não havia ninguém ali com ela, e entrou de vez na região mais fria e escura das jaulas para humanos.

Muitos raios de luz de todas as cores, dos poucos que entravam no lugar, eram absorvidos pelas barras de ferro. O chão do corredor por onde a mulher passava era um mosaico confuso de todas as cores mutuamente sobrepostas — cada uma mais pálida e arrefecida que a outra.

O fundo de cada cela era escuro como um abismo. Ela sabia onde Lamar deveria estar, mas não conseguia vê-lo ou ouvi-lo.

Um barulho distinto começou a vir de uma cela à esquerda, no final do corredor. O medo e o susto logo se transformaram em uma curiosidade absurdamente acentuada. O barulho que ela ouvia era um choro; mais especialmente, um choro infantil.

O espaço envolto em trevas de onde vinha o choro, fraco e asmático, começou a ser lentamente iluminado por uma névoa marrom; uma espécie de grossa poeira que revelou, em um redemoinho pacientemente revolto, um menino com cerca de oito rosanos sentado no chão, vestido com uma enrugada roupa preta dos pés à cabeça: bota, calça e jaqueta com capuz, tudo de certa forma brilhante e plástico como roupa de goma escura. Com os braços cruzados, fazia pequenos movimentos soluçantes.

— Ei... — Chamou ela, destrancando e abrindo a porta. — Ei... O que foi? O que você está fazendo aqui?

Ela se aproximou, sentindo um arrepio ao pensar que tipo de mistério em Heelum teria trazido aquele pequeno garotinho até uma cela trancada da cadeia. O choro continuava, no mesmo ritmo, na mesma cadência, e a guarda se aproximou, com a mão estendida, até chegar perto o bastante para ver o rosto da criança.

Com um último soluço, o choro acabou-se em um eco profundo. A roupa esfacelou-se nas mãos da policial, misturando-se ao ar marrom, que agitou-se em reviravoltas enquanto a mulher via, com espanto, duas partes daquilo que fora antes uma lustrosa esfera marrom.

Balançando a cabeça para os lados em uma nítida revelação, voltou-se para trás, começando a correr — mas foi interrompida por alguém que não conseguiu ver antes de ser atingida.



Um único yutsi, marrom e magérrimo, levava a charrete de Lamar e Kerinu, resfolegando-se ao correr no ritmo que o alorfo de Kerlz-u-een exigia. Já saíram de perto da cadeia e o centro ficara para trás, mas ainda viam muitas casas em ruas que em outro horário seriam movimentadas. Estavam indo para o sul, fugindo das nuvens carregadas que se distanciavam para o

oeste; corriam pelo molde urbano do que viria a ser a estrada que levava a Den-u-pira. Em menos de uma hora já não viam mais casas que não estivessem cercadas por terras cultivadas, como grandes ilhas em um oceano de propriedade.

O homem liberto, com rara satisfação, deixava o ar bater-lhe o rosto. Não podia reclamar do vento que açoitava — era, dadas as circunstâncias, uma gentileza.

— Como você fez aquilo? Me deixou com medo.

— Esfera de bronze. — Explicou ele. — Um minério difícil de conseguir.

— Hm... E-ele é caro?

Kerinu fechou os olhos e balançou a cabeça, confirmando. Avançavam aos trancos e solavancos; A estrada que descia por entre colinas, que agora só os cercavam pela esquerda, acompanhava em direção e sentido o Rio Prima.

— Desculpe, e-eu...

— Não precisa.

— ... Você não tem dinheiro pra gastar comigo.

Kerinu deu de ombros.

— Você também não.

O animal continuava sendo guiado com perícia através do trecho, que não era sinuoso, mas conseguia balançá-los o bastante para deixá-los inseguros àquela velocidade. Lamar agarrou-se mais às bordas da charrete.

— Como sabia quando fazer tudo?

— Temos alguém com influência na cidade, Lamar. Você não é o único alorfo aqui.

Lamar voltou a olhar para a estrada, mas concentrava-se em si mesmo. Vestia trapos imundos, muito piores que as já puídas roupas de Kerinu. Suas costas doíam. Suas orelhas doíam. Seu peito e suas coxas doíam. As pontas dos dedos das mãos estavam duros e ressecados; uma grossa crosta quase totalmente negra por cima da pele — e a sola do pé por pouco não estava igual. Sentia-se tão sujo que nenhum ponto no corpo lhe parecia mais limpo que outro. Ainda assim, sentia mais coceira no meio das costas e em um ponto perto do calcanhar. Pelo menos, pensou, sabia que não estava condenado àquilo por mais do que um ou dois dias.

— Obrigado, amigo. — Disse ele. — Obrigado por vir me buscar. Por voltar por mim.

Kerinu não virou totalmente a cabeça, mas Lamar viu que seus olhos rolaram para o lado, querendo fazer contato. O amigo engoliu em seco e mais uma vez confirmou com a cabeça — dessa vez de um jeito longo e contido, como se dessa vez aquele balançar significasse de fato algo.

— Não há de quê, amigo.

— Se você não precisar de mim, eu... Vou dormir um pouco. Acho que vou dormir melhor aqui...

Kerinu assentiu, e Lamar jogou seu corpo para trás com cuidado, aterrisando na fria e dura madeira do carro aberto, com laterais tão frágeis quanto a base. Ele percebeu que as rodas faziam barulhos frenéticos a cada rotação. Depois disso, adormeceu profunda e tranquilamente ao lado de uma sacola negra cheia de frutas e biscoitos salgados.



Por perto das cinco horas a dupla saía, ainda à mesma velocidade, do entorno das colinas e de uma pacata jir completamente às escuras. Kerinu não encontrou um único olhar que os registrasse.

Tudo estava indo bem, mas foi preciso sair da estrada, tomando um caminho alternativo à esquerda. Se fossem em frente, seriam obrigados a parar na Fortaleza de Prima-u-jir, um posto avançado ao sul. O yutsi recebeu o puxão das rédeas e virou, começando a jornada pelo interior sudeste da cidade rumo a Kerlz-u-een.

Lamar roncava baixinho enquanto se recuperava. Depois que o sol nasceu e as jirs que a charrete atravessava já não estavam tão silenciosas e inativas, Kerinu percebeu o sangue seco e os hematomas no rosto do amigo de um jeito mais próximo e claro. Ficou se perguntando o que haviam feito com ele na prisão, e dizendo a si mesmo que, fosse o que fosse, não serviria como desculpa. Ou como motivo para pena. Não podia deixar isso acontecer. Não — não agora que estavam só os dois, sem Myrthes ou outros do grupo.

Faltavam ainda dezesseis dias para o fim da inasi-u-sana, mas aquela manhã estava mais quente que o usual. As nuvens começavam a despontar no céu, querendo um pedaço do cenário, e elas testemunharam o momento em que, diminuindo a velocidade, os alorfos entraram na Floresta dos Onitos. Depois de um pouco de mata esparsa, cheia de árvores enfraquecidas de praxe, estavam prestes a entrar em um terreno em que a charrete mais atrapalharia do que ajudaria.

— Lamar, lembra.

— Sim... — Ele se levantou com dificuldade, mas logo recobrou a consciência. Olhou em volta e fez que sim com a cabeça. — Sim, claro... Já chegamos?

— Não. Longe ainda.

— Quanto tempo?

— Vamos dormir na floresta uma vez.

— Ah... Certo. — Lamar não contava com tanto tempo antes de chegar a um lugar em que pudesse se sentir em casa.



Com o dia mais ameno, os viajantes abriram caminho facilmente por árvores que pareciam cair para dentro da terra ao invés de almejar subir aos céus. Suas folhas eram encantadoras e de médio comprimento, e estavam cada vez menos presentes e mais amareladas. Por todos os cantos da terra esfarelada brotavam arbustos radiais, sorridentes acompanhantes dos peregrinos.

Andavam silenciosamente, e se em um primeiro momento o ar puro e a paisagem eloquente conquistaram Lamar, depois já o desanimava o ambiente menos entusiasmante entre ele e seu amigo. Kerinu estava estranho; isso já estava fora de questão. Todas as oportunidades para que ele desamarrasse o semblante e se mostrasse como um dia fora já haviam aparecido, e nada de aquilo acontecer. Ele continuava a levá-lo pelo caminho como o líder de uma expedição de vida ou morte. Não falava sem que fosse antes perguntado especificamente sobre alguma coisa, e suas respostas eram brutalmente minimalistas.

— A comida da cadeia — dizia Lamar antes de dar outra mordida em um pêssego. — era horrível.

Kerinu concordou de leve, cuspidando sementes de laranja no chão.

— Sabe, tinha... Arroz. Um arroz muito ruim. Bem amassado, e... Sem sal. Nem do tipo vermelho, nem do tipo amarelo. *Nenhum* outro tempero! Era... Muito ruim.

Kerinu olhou para o chão, lambendo os lábios.

— Lamar, eu...

O ex-prisioneiro ergueu as sobrancelhas.

— O que foi?

— Eu ia esperar para dizer isso quando a gente chegasse, mas é complicado.

Lamar engoliu em seco.

— Eu tenho muito respeito por você. — Continuou Kerinu. — Você é um grande amigo meu, e... É também o amor de minha irmã. É o pai do meu sobrinho... Entende? — Ele se levantou, limpando as mãos na calça e ficando de costas por um tempo. — E você sabe que eu sempre achei muito arriscado isso tudo de você ir pra Prima-u-jir e ser um professor...

Alternativo.

— Kerinu, mas...

— Lamar, não é por ensinar. É por *você*, e é por Myrthes e é por *Ramon*. — Kerinu já estava de frente para o amigo, mas não olhava em seus olhos. — Ou você abandona tudo isso, *todos* eles... Ou aprende magia.

Lamar tremeu, levantando-se também. Pensou em Myrthes e em como gostaria de tê-la ali ao seu lado. Mas ela não estava; apenas o irmão, que o

apunhalava pelas costas depois de todo o trabalho que tiveram para fazer aquilo em que acreditavam dar certo.

— Eu achei que a gente tivesse resolvido tudo, e...

— Lamar, você tem que entender...

— ... Eu sou diferente, Kerinu, você sabe...

— ... Questão disso, e eu *sei*, mas...

— ... Ela arranhou tudo isso, mas não *pode* ter sido só por isso...

— ... Mas é por *ELA*, Lamar, é por *ELA*, você não *VÊ*?

Lamar enrijeceu, e ao mesmo tempo em que queria virar o rosto, queria continuar enfrentando Kerinu.

— É por ela... É por *eles*!

— É por um futuro digno pro meu filho que...

— Você tem *sorte*, Lamar! Sorte que eles foram atrás de *você*, e não *deles*!

Admita, Lamar, você *não vai conseguir defendê-los*! Você está lutando sem armas, sem forças, sem *nada*! Você não tem *nada*, e eles têm tudo! Eu não vou deixar você colocar *minha* irmã e o *seu* filho em perigo desse jeito de novo. Já me arrependi demais disso... Você vai aprender magia *sim*, quer você goste da ideia ou não.

— Eu já tentei, Kerinu, você sabe disso...

— Você não tentou sabendo que são *eles* que você arriscaria.

Lamar abriu a boca, sentindo seus pulmões borbulharem com alguma coisa, mas nada saiu. Sua cabeça dava voltas em antecipação ao que sentiria. Não queria aquilo. Não queria se lembrar de como era entrar em Neborum e lá permanecer.

Não queria ser um mago.

— Você ama a minha irmã, Lamar?

— Kerinu...

— *Ama*, Lamar?

— É *claro*!

Lamar não percebera até então o quão intenso era o olhar de Kerinu durante toda aquela conversa — e o quanto aquele olhar lembrava o de Myrthes em situações como aquelas. Um meio-soluço forçou a garganta de Lamar, que se controlou. Os irmãos tinham a mesma firmeza pétrea que decidia e imperava sem violência.

— Foi ela quem me ensinou que as pessoas não são só... Magos ou gente que *quer ser* mago.

Kerinu sorriu pelo nariz.

— Engraçado... Isso achei que fosse eu...

— É... Você me ensinou. Mas ela me deu o melhor exemplo.

— E você quer perder a minha irmã, Lamar? Quer ver ela... Morta, o-ou pior?

— É claro que não, Kerinu...

— Então você não tem outra escolha. — Interrompeu ele, definitivo. — Quando chegarmos em casa, você vai aprender a entrar em Neborum e a se defender um pouco que seja lá dentro. Ou eu juro, Lamar, juro por nós dois que você *nunca mais* vai ver a minha irmã. Eu juro que não vai. Juro pela rede de luz, por aquilo que há de mais branco, justo e bom em Heelum, Lamar. Juro.

O papel do agente

A banda entrou sem demora em uma charrete espaçosa e confortável. Vermelha por fora e por dentro, tinha janelas diminutas cobertas por uma fina cortina azulada, depois da qual era possível ver, de uma forma borrada e imprecisa, a grande montanha aos pés da qual a cidade havia crescido. Circundavam-na devagar, com o transporte movendo-se lentamente pelas estradas cheias de irregularidades. A montanha não era inspiradora, bela ou mesmo a mais alta de Heelum — era, contudo, notável baluarte de força bruta, intimidante.

A guitarrista permitiu que Beneditt, que sentava ao seu lado, seguisse sua mão. Leo conversava com Fjor, mas sua mente já pouco presente absteve-se ainda mais quando viu aquela cena. Tentando fingir que não vira nada, voltou-se para Fjor o tempo inteiro.

A paisagem mudou sem que percebessem; viam-se não mais envolvidos pela ambiguidade do centro, e sim por uma região de casas espremidas umas nas outras, compartilhando paredes e segredos. Crianças sem muitas roupas quentes ou, coincidentemente, muitos dentes, caminhavam nas sombras magras nas ruas, virando o rosto para a charrete com expressões retas, bocas mudas abertas para o lado. Na densa jir, arranjada em torno de uma praça, ficava um galpão amarelo de dois andares. A parede à direita da porta metálica, que parecia um improviso, estava suja e remendada com amontoados de madeira e pregos, mas nenhum deles se importou o suficiente para comentar em voz alta. O condutor da charrete confirmou o lugar, e avisou que estaria de volta para pegá-los no pôr do sol.

Leo foi o primeiro a entrar. Por dentro, o galpão era cinza com muitos minérios de luz azuis. Era alto o bastante para conter dois andares, mas tinha apenas um. O teto curvo era sustentado por colunas de corvônia distribuídas mais lateralmente, deixando um grande espaço central no qual estavam dispostos, em um círculo, os instrumentos musicais.

Um homem estava ajoelhado sobre o baixo de Fjor, terminando de afiná-lo. Vestia roupas simples, de sólidas cores neutras, e um gorro negro. Ele havia percebido que os músicos chegaram, mas nada disse. Levantou a cabeça, e então viram seu rosto cheio de dobras, marcado por um escuro

bigode desalinhado e pequenos olhos escuros. Tornou a baixá-la. Os músicos se olharam, dando de ombros, mas terminada a tarefa o empregado levantou-se e veio, com um sorriso estanke, cumprimentá-los com apertos de mão.

— Boa tarde! Meu nome é Mumba. Vou ser o técnico de som de vocês. Qual é o nome da banda?

— Buscando, senhor. — Respondeu Leo.

— Ah, excelente, excelente! — Respondeu ele, parecendo ansioso ao tentar olhar para os quatro ao mesmo tempo, sem sucesso. — A maioria das bandas c-como vocês fica meio chateada quando ganha um técnico de som. Estão acostumadas a lidar com os próprios instrumentos. Vocês não se incomodam, não?

Leo balançou a cabeça, sem saber se deveria responder tão rapidamente pelos colegas. Beneditt vira de relance o rosto de Fjor enquanto Mumba arrumava o baixo e resolveu logo apelar as coisas.

— A-acho que não.

— Ah, ótimo! — Os dentes cheios de contraste se mostravam agora em seu sorriso quase frenético. — Ótimo, ótimo... — Ele fez um rosto de estupefação, como se agora se lembrasse de algo, e um abrangente gesto para trás com a mão. — Querem tocar alguma coisa enquanto o senhor Seimor não chega?

— Por favor... — Murmurou Leila enquanto avançava com a cabeça baixa em direção à guitarra vermelha.



Já estavam na metade da quinta música quando Seimor chegou, fechando a porta e fazendo um sinal para que fossem até o final. Mumba ficara o tempo todo encostado em uma das colunas, observando-os sem sinais de reprovação — mas sem, contudo, se entusiasmar muito. Viam sua cabeça balançar no ritmo da bateria, e só.

Terminaram de cantar e tocar. Fjor estava de costas para Seimor, mas logo se virou, abrindo o círculo. Beneditt sorria e olhava para Leo e Leila, estes também ofegantes e alegres no calor do momento. Seimor chamou atenção ao bater palmas duas ou três vezes, entrando na roda com notável falta de desenvoltura.

— Muito bem! Muito bem...

O silêncio foi aos poucos conquistando o som das guitarras, que morriam nos cantos do prédio. Reverberaram ainda por um tempo, resistentes, centelhas daquilo em que Leila preferia continuar se concentrando.

— Eu estive pensando... — Seimor baixou a cabeça, aproximando-se deles. — E acho que tenho um bom *nome* para vocês.

Leo parou de alisar sua guitarra, levantando o olhar.

— Nome? Pra *banda*?

— Sim.

— Mas... Nós já temos um nome, senhor.

— Sim. E agora terão um novo.

— O que ele quer *dizer* — começou Fjor — é que *gostamos* do nosso nome.

— Não quer dizer que ele seja *bom*. — Retrucou Seimor. Fjor ia dizer alguma coisa, mas Leila o alcançou e, segurando-o pelo braço, pediu baixinho para que parasse. — Mumba, o que acha?

— Que foi, senhor? — disse ele, do outro lado da banda.

— O que pensa do nome “Buscando”?

Ele meneou a cabeça, jogando-a para a esquerda e a direita várias vezes, formando a resposta aos poucos a partir de um som fino e especulativo.

— ... É... Não é bem o *melhor* nome...

— Ele representa a busca por perfeição, que é uma busca que nunca *termina*! — Disse Leo, virando-se para Seimor novamente.

— É bom vocês se sentirem assim. Mas se esse é o caso, devem reconhecer que o nome não é perfeito... E buscar um *novo*.

— Qual é a sua ideia, então, Seimor? — Perguntou Beneditt.

Ele deu um sorriso para o baterista, pondo as mãos para trás.

— Ponte Alta.

Leo e Fjor tiveram reações parecidas: fecharam os olhos, virando o rosto como se quisessem a chance de ignorar um comentário ignorante, uma atitude estúpida. Leila continuou olhando para o chão, tentando descobrir o que pensar — e também o que *fazer*. Não achava que tinha muita escolha.

— Ponte Alta? — Perguntou Leo.

— Ponte Alta.

— Ponte Alta.

— Não parece ruim... — Murmurou Leila.

— *Leila*! — Disse Fjor, chamando a atenção da amiga.

— Não gostaram? — Perguntou Seimor.

— É que... — Disse Leo, voltando a olhar para a guitarra. Estimava, por alto, quão inútil seria o que ele estava prestes a dizer. — É que realmente gostamos desse nome, senhor. Buscando. Só isso.

— Vão gostar mais *deste*. Todos os outros. E quando *eles* gostarem, *vocês* vão gostar. Vamos, toquem outra.

Seimor, com as sobrancelhas ainda um tanto levantadas, deu as costas e foi se encostar em uma das colunas. Leo evitou o olhar irado de Fjor, que tocou uma nota no baixo, displicente, apenas para poder puxar a corda mais grossa com tanta força que ela quase encostou na mais fina. Leila e Beneditt trocaram olhares de compreensão.

— Vamos tocar a do Mina de Prata. Bem daquele jeito. — Disse Fjor, com uma voz decidida.

— Por quê? — Perguntou Leo.

— Porque eu *quero*, Leo.

Fjor começou sozinho com sua linha de baixo, e Beneditt logo o acompanhou. As guitarras entraram por último, com entusiasmo e inegável raiva.

Leila olhou para Leo e este olhou de volta, indicando uma discreta desistência. Leila entendeu e começou com o solo enquanto ele apenas a acompanhava.

Não demorou muito para que Seimor interrompesse o treino.

— Espera, para um pouco... Isto está bom. Tem vitalidade... Eu gosto.

— Seimor olhava para todos, um a um. Leila virou o rosto quando chegou sua vez. — Mas Leila, você... Você deve tocar o que o Leo toca, e tanto você quanto o Leo tem que transformar as notas-chave em acordes.

Leo e Leila imediatamente se olharam, confundidos.

— C-como, senhor? — Perguntou Leo.

— Vocês entenderam o que eu disse? — Perguntou Seimor, olhando agora para o vocalista.

— S-Sim, mas por que fazer isso?

— Façam. — Explicou Seimor, mais didático do que esperavam que ele fosse ser. — Vamos ver o resultado.

Recomeçaram a música. Depois do trecho inicial, que nada mudaram, tiveram que fazer um som que parecia mais um paredão musical caindo aos pedaços a partir de uma série de marretadas sônicas sem sentido. A música tornou-se barulhenta e até mesmo irritante com as palhetadas coalhadas de duas guitarras com acordes contínuos.

Eles pararam sem que Seimor precisasse pedir, embora o agente já estivesse vindo a eles novamente.

— Não ficou bom. Precisamos de mais ajustes.

— É, pra ficar bom desse jeito temos que deixar essa música mais lenta, eu acho. — Opinou Leo.

— Ou que tal deixá-la como *está*? — Indagou Fjor, tricotando com ousadia a ênfase da última palavra.

— Escute aqui, garoto. — Seimor chegou mais perto, e Beneditt se levantou. Leo aproximou-se num movimento automático. Seimor virou-se novamente, passando a encarar a todos. — Escutem *todos* vocês. Eu não estou aqui para facilitar a vida de ninguém. Meu trabalho não é ver quão bons vocês são, mas o quanto vocês *podem* ser. Eu sei o que dá certo e o que não dá. Se vocês querem ser alguma coisa, vão ter que confiar em *mim*.

Seimor terminou o discurso com o dedo em riste. Fjor olhava para baixo, com algum estranho tipo de frustração resignada. Leo, que já balançava a cabeça desde a metade do discurso, olhava na mesma direção. Beneditt

olhava para o agente com um rosto impassível. Leila mantivera a distância, cruzando os braços.

— Ou, como alternativa, vocês podem ir embora.

— Não, senhor, é... — As palavras esbarravam em pensamentos fora do lugar. — Vamos ficar bem, vai... Vai dar tudo certo. Vamos confiar no senhor.

Seimor pareceu ter sido satisfeito parcialmente, apenas. Com os punhos fechados ao lado de seu corpanzil aviltante, girou mais uma vez a cabeça, procurando olhar para todos e assertar a dominação. Leila gostaria de ter a coragem de lhe dar um soco. Mas aí a humilhação de Leo, não tendo nem esfriado, perderia o sentido. A dele e a própria.

— Então vamos lá. De novo, com tempo menor. Leila será a líder.

Antes mesmo de voltar aos instrumentos todos pararam, olhando para a única mulher no ensaio. Leila sentiu o rosto ruborizar, e algo dentro de si afundar lentamente. Buscou apoio nas feições dos colegas, mas só encontrou pupilas vingativas, ressentidas, cansadas. Seimor virou-se assim que chegou ao final da caminhada.

— O que foi que eu *acabei* de falar?

Fjor soltou uma risada de incredulidade e balançou a cabeça. Com um olhar de esguelha solto antes de arranjar o baixo no corpo, ativou uma espécie de válvula pela qual Leila não pode deixar de expressar fúria.

— O que foi, Fjor?

— Nada, Leila, nada. — Respondeu o baixista, dando as costas para ela. — Canta. Pode ser uma boa ideia.

Beneditt começou a marcação prévia, e quando Leila entrou na música, largou o braço na palhetada da maneira mais descuidada em toda sua vida.

Capítulo 44

Tudo vai mudar

O exército do Conselho dos Magos se preparava para o jantar. Cada soldado, designado em rodadas igualitárias, levava à sua tenda uma quantidade exata de comida. Na tenda do general, Evan, Desmodes sentava-se em uma das pontas da curta mesa de madeira com pés dobráveis. O teto flácido de goma escura, pelo qual o acelerado vento passava, arrastado, não ficava muito acima das cabeças de ambos, e as cadeiras em que ambos sentavam também foram construídas tendo a mobilidade por princípio mais valioso que o conforto. Com um gesto da mão coberta com uma luva vermelha, Evan dispensou o soldado que trouxera duas grossas peças da carne azulada de onioto, além de, em outra bandeja, acompanhamentos diversos.

— Está com fome, Desmodes? Aqui comemos cedo. — Perguntou Evan, com o tornozelo posto sobre a coxa.

— Posso acompanhá-lo. — Respondeu o mago do Conselho.

Evan sorriu, e Desmodes não foi menos cordial. Os dois aproximaram a prataria do centro da mesa, que não ficava muito longe de nenhum deles, e serviram-se sem reservas. Voltaram a falar assim que assentaram os pratos.

— Desculpe-me a franqueza, Desmodes, mas sinto-me tão... *Surpreso* quanto feliz com a sua companhia. — Disse Evan, fazendo uma pausa para encher a boca de arroz e tomate. — ... Não costumo receber visitas de magos do Conselho que não sejam os reis.

— E os reis devem visitar com frequência.

— Sim, naturalmente. É uma das responsabilidades deles, afinal...

— E razão pela qual nós estamos comendo em prataria do castelo do Conselho, mas os soldados não.

— Desculpe, não... Entendi o que quis dizer. — Disse Evan, atencioso, interrompendo a faca que já estava a meio caminho de cortar um bom pedaço de carne.

— Quis dizer que todo mago-rei precisa de um bom general.

Evan tinha uma fisionomia similar à de Desmodes; um cabelo curto e escuro, um rosto reto e pálido. Curiosamente, vestiam roupas similares ali também: tanto um quanto o outro trazia em capas fechadas e longas alguma tonalidade de azul.

No entanto, quando Evan sorria, sua boca complementava o ardor dos olhos expansivos, e o ambiente parecia se iluminar como se houvesse algum minério de luz novo por perto. Depois de um daqueles sorrisos cheios de conforto, Evan voltou à refeição sem deixar de prestar atenção ao visitante.

— Por um momento pensei que estivesse falando de alguma revolução.

— E estou.

Desta vez Evan não parou de comer. Desmodes, no entanto, juntou as palmas das mãos à frente do queijo.

— Não me tome por tolo, Desmodes. — Disse Evan, tranquilo. — Eu *entendi* o que você quis dizer.

— Não sei se entendeu.

Enquanto o visitante espólico punha os antebraços sobre a superfície da mesa, Evan terminava de mastigar uma garfada. O general deixou os talheres encostados ao prato e olhou para Desmodes.

— Eu sou mago também, Desmodes. Você sabe que o Conselho jamais deixaria suas tropas nas mãos de um não-mago, se é que há *algum* general em Heelum que não seja mago... — Desmodes assentiu, sem tirar os olhos do militar. — Mas isso não quer dizer que eu me importo com os jogos de poder que acontecem naquele castelo. Sinceramente, eu não poderia me importar *menos* com eles. Eu sou o responsável pelo exército, e *só*. Fico *aqui*. Nunca vou lá.

Desmodes se recostou na cadeira.

— O que quer dizer?

— *Eu* que pergunto. Agora que sabe disso, ainda quer dizer o que veio aqui me dizer? Se você se tornar o mago-rei, Desmodes, eu não me importo. Não vou atrapalhá-lo, e não posso prometer que vou ajudá-lo. Eu não vou fazer nada. Provavelmente só saberei se alguém vier aqui me contar.

Desmodes olhou para o lado. A tenda não tinha rupturas no tecido que funcionassem como janelas, mas Evan notou que o companheiro apenas seguia com o pescoço o som daquilo que parecia ser uma discussão calorosa entre soldados.

— Não vai fazer nada?

— Não é preciso.

— Eu posso resolver, se quiser.

— Não se incomode. Eles logo param.

Evan percebeu que Desmodes concordava, de leve.

— É difícil gerenciá-los?

Evan deu de ombros.

— Estes são tão difíceis quanto todos os outros.

— Eu acho que não. Acho que eles são mais resistentes a treinar e a lutar ao lado de pessoas de cidades diferentes.

Evan abriu os braços em um movimento contido, com as palmas das mãos para cima.

— O que podemos fazer?

— Houve um tempo em que isso não existia.

Mais uma garfada por parte do general.

— Está falando da *luz*?

— Um tempo de união em favor de um interesse comum? Isso não foi só a *luz* quem promoveu.

— Certo.

Evan coçou a bochecha, olhando para um ponto aleatório no chão de terra parda.

— Está falando da Aurora da União.

Desmodes concordou com uma simples troca de feições.

— Nós, magos, *podemos e devemos* fazer isso.

— Isso o quê?

— *Guiar* as pessoas. Como um dia fizemos.

— Guiar as pessoas para seus papéis.

— Sim! — Exclamou Desmodes, encerrando o punho como se segurasse ali algo que quisesse esmagar. — Para seus *lugares*!

— E qual seria o lugar de cada um, Desmodes?

— Aqueles que têm coragem e talento, como nós, comem com prataria.

— Desmodes olhou para a quantidade razoável de comida intocada dentro de seu vasilhame de prata. — Os que não têm. . .

— Mas não podemos fazer isso com os alorfos e os filinorfos à solta.

— É claro que não. Nem se vivermos em um mundo desunido, que não nos *respeita* da forma como devemos ser respeitados.

Evan comeu mais um pouco em três garfadas sucessivas. Percebia, entre as investidas contra o alimento, que Desmodes continuava a observá-lo, sem jantar.

— A questão é. . . — Disse Evan, passando as costas da mão nos lábios.

— Por *que* está me dizendo isto agora?

Evan percebeu que havia algo de psicótico nas duas poças negras que o encaravam decididamente, onde, duvidava ele, alguém jamais encontraria misericórdia, incerteza ou tolerância.

— Você precisa estar pronto. Haverá uma guerra. Muitos estarão conosco, mas muitos não estarão. E você vai liderar o exército de todos as que estiverem do nosso lado para a vitória.

— . . . Quão certo você está disso?

Desmodes balançou a cabeça de leve, não mudando em medida alguma sua expressão.

— Vai acontecer.

O general mais uma vez reiniciou o jantar.

— É verdade que você nasceu em Ia-u-jambu? — Perguntou Desmodes.



Uma ou duas horas depois do encontro no acampamento do exército, o castelo começou a receber de novo as charretes dos membros do Conselho. Desmodes notou a movimentação, mas não achou nada atípico. Faltavam apenas dois dias, afinal, para a segunda reunião de inasi-u-sana, e quase todos os magos já haviam chegado. Desmodes saiu de sua sala assim que percebeu que Dresden havia chegado, buscando conversar com ele. Quando o mago-rei notou que o espólio o esperava do lado de fora do próprio quarto, fez um olhar torto, ainda que a cumplicidade estivesse presente.

— Desmodes... É uma péssima hora.

— Por quê?

— Dois magos mortos. *Dois!* — Enquanto falava, Dresden procurava sua chave dentro de duas grandes malas. — Maxim, um espólio da Cidade Arcaica, e Hourin, um bomin de Al-u-een.

— Como foram mortos?

— Maxim tinha uma loja de minérios. Você deve ter ouvido falar dela, sua fama ia muito além da cidade ou do Conselho... — Dresden pôs a chave na fechadura, destrancando a porta, e não parou de falar enquanto entrava no quarto. — Foi morto por uma criança que trabalhava para ele. Ele provavelmente a dominava para que trabalhasse, e ela se vingou, mas nesses casos nunca se sabe.

— Como sabem que foi a criança?

— Ela se matou logo depois. Tinha a faca que foi usada para matar Maxim nas mãos. — Dresden desfazia as malas com pressa. Tirou delas muitas roupas, sua espada e um grande cantil com água. — Desmodes, poderia por favor deixar este cantil em cima da mesa de canto?

— É claro.

Desmodes tomou o cantil em suas mãos e passou pela cama para ir até o final do quarto.

— Já Hourin foi morto em casa, enquanto cuidava da filha doente. Não descobriram ainda por que, mas... Humpf... É *claro* que foram filinorfos...

— É claro... — Dizia Desmodes, virado para a mesa.

Dresden entrou no banheiro, fechando a porta atrás de si. Desmodes tirou de dentro da capa a pedra marrom e verde de sete lados e a pôs em cima da mesa. Pôs a mão por dentro das vestes novamente e tirou dali uma pequena faca, que sem titubear usou para fazer um corte na base do polegar. O corte não foi violento, mas a linha que o metal deixou foi longa. O sangue logo apareceu, cobrindo o machucado com um bordô vivo, que

Desmodes deixou cair no minério. Sem esperar por qualquer reação, ele recolheu o objeto e o fez passar, ainda que com dificuldade, pelo bocal do cantil. Agitou bem o reservatório de água e despejou um pouco sobre um dos cálice encostados à parede azul acinzentada.

Dresden saiu do banheiro e encontrou Desmodes o esperando com um copo de água. O mago mais velho, sorridente, pegou o copo oferecido pelo mais jovem e o bebeu em alguns instantes, com um salutar brinde no final.

— Obrigado, Desmodes. Não temos muito o que comemorar hoje, mas... Brindo à cordialidade!

Desmodes concordou, com o canto da boca ascendendo brevemente em seu rosto claro e limpo.

Capítulo 45

Informação

Eu matei o policial

Mande um salvo-conduto

*Ou conto **TUDO***

Mande o documento para a segunda rua do parque

É a casa de tijolos vermelhos e três andares

Você tem dois dias

N

Elton dobrou a carta com vagaroso cuidado, sem olhar para ela. O grupo de policiais que a trouxera estava parado em frente à mesa do mago em seu amplo gabinete cinzento, esperando por instruções.

— O chefe de polícia foi *morto*?

Os policiais concordaram, retraídos na presença do mago. Um deles, barbudo e roliço, parecia liderar a comitiva, indicando a representatividade com o queixo levemente acima da linha do horizonte.

— Uma flechada, senhor. Na garganta.

Elton olhou para a mesa, terminando de organizar os pensamentos.

— Certo, deem a ele o que ele quer. E mandem mais policiais para esse lugar.



Narion podia sentir-se quase em casa, como se ela ainda existisse em algum lugar fora da floresta Al-u-bu. Os pés mergulhados no lago não eram tão familiares aos sentidos porque os al-u-bu-u-na não tinham exatamente um lago; o riacho servia bem. Ainda assim, tendo ele se acostumado com a água fria até as canelas, a sensação era nada menos que boa. Atrás de si tinha apenas a estrada para Al-u-tengo, que comerciantes e trabalhadores tomavam — nenhum dos dois, por motivos diversos, o tipo de viajante que se importaria com aquele homem tranquilo descansando o corpo no ócio. As barras da calça foram puxadas para cima, e ele vestia uma camisa qualquer de Ralf, transformada em colete. Era pouco menos que o ideal para o frio atenuado pelo sol ativo, mas Narion não se importava mais com isso.

O lago era imenso não era possível ver o outro lado com clareza, embora uma linha fina de árvores altas fosse distinguível. Ou, talvez, fosse a imaginação de quem já sabia o que havia do outro lado.

O jovem comparsa de Narion se aproximou correndo, trazendo a tiracolo uma bolsa de goma escura. Ele vestia uma roupa toda amarela, usando também um chapéu por cima do gorro para esconder o rosto inteiro do sol — prática costumeira entre os carteiros da cidade.

— Veio alguma coisa? — Perguntou Narion, saindo da água.

— Não sei... Vamos ver! — Respondeu ele, com um sorriso aventureiro.

Ralf pôs a bolsa no chão, e os dois puseram-se a tirar montes de papéis de dentro dela. Papéis pardos; alguns mais claros e pálidos, outros mais alaranjados. Alguns mais grossos, outros mais finos, meras cartas de pouca pompa.

Espalharam as correspondências por uma área grande no chão, e Ralf logo avistou um largo embrulho azul-claro com o desenho quadrado de um prédio.

— É esse.

— Tem certeza?

— Sim! Quer abrir?

— Não, pode abrir.

Ralf arrancou a tira de papel que fechava o envelope, e de dentro puxou um outro papel azul, desta vez dobrado e de superfície brilhosa.

— Ah, isso é papel de *aviso*! — Comentou Ralf, analisando-o sem desdobrá-lo. — São feitos com uma *pequena* porção de goma escura misturada a uma porção de bÍlis de ronco, e aí eles envernizam o papel depois que ele acaba de secar...

— Ralf, você pode... — Disse Narion, pouco preocupado com a natureza do papel.

— Ah... Sim.

Ralf desdobrou o papel com o polegar, fazendo um barulho que fez Narion fechar os olhos após um ligeiro arrepio. Lá estava o salvo-conduto, assinado por Elton, envolto com uma linear borda negra. O documento explicava que seu portador estava livre para cruzar a (e o papel especificava, nesse caso, *sair da*) cidade, imune à ação da força policial ou do exército.

— Uau... — Disse Ralf, impressionado.

Narion logo dobrou o papel duas vezes, sentindo mais arrepios, e colocou o passe livre no bolso.

— Obrigado.

— De nada... Você tem que pegar o homem que te fez mal, não é?

Narion concordou com um aceno contido de cabeça. Ralf juntava as cartas para colocar de novo em sua sacola.

— Você matou mesmo aquele policial? — Ele perguntou, sem interromper o que fazia.

— Não. — Mentiu Narion. — Mas foi bom colocar na carta, não é? A-acho que eles tiveram medo...

— Uhum.

— E você? Como sabia de tudo aquilo?

Ralf estava quase terminando de colocar as cartas na sacola quando parou, com o último punhado na mão, engolindo em seco.

— E-eu não posso dizer.

— Seus pais contaram? — Perguntou Narion, duvidando muito da hipótese.

— Não.

Os dois continuaram de frente um para o outro por mais um tempo, sem um motivo claro. Ralf desviou o olhar, terminando de reorganizar sua bolsa, e Narion se levantou.

— Bem... Obrigado, Ralf. Desculpe por ter pedido isso.

— Tudo bem. — Disse o garoto. — Eu nunca fiz algo assim, sabe.

— Assim? Ajudar alguém?

— É... Com uma coisa assim... Importante.

Os dois se olharam por mais um tempo até que, com um último aceno de mãos, Ralf voltou para a estrada, seguindo em frente rumo ao leste. Ele gostaria de ficar mais com Narion, mas sabia que ele não estaria nem um pouco a altura das expectativas que tinha quanto a um amigo daquele tipo — alguém que viveu aventuras de verdade — já que ele estava abatido. Queria perguntar se aquilo ainda doía muito. Deveria ser tão desconfortável quanto a própria orelha por debaixo do gorro.

Quando olhou para trás mais uma vez, viu que Narion voltava para a margem do lago. Pegava o arco e as flechas. Não sabia se teria medo do al-u-bu-u-na se ele tivesse realmente matado o policial. Não sabia se ele seria uma pessoa má se tivesse feito aquilo.



Narion aguardava dentro de uma sala sem janelas. As quatro paredes curtas que formavam o pequeno espaço eram duras como corvônia, embora fossem feitas de comum alvenaria. Pintadas de cinza, serviam de apoio a dois minérios pentagonais azuis enfraquecidos pelo calor. A porta, barata e simples, estava trancada. Combinando com ela, havia no recinto apenas uma mesa quadrada com duas cadeiras extremamente desconfortáveis — e o fato de que Narion trazia nas costas a aljava e o arco tornava o assento ainda pior.

A porta foi destrancada pelo lado de fora; depois de aberta, Elton, o negro com corpo e camada capilar finos, entrou na sala vestindo uma roupa pouco delatora de sua posição social.

— Então você é “N”. — Disse ele, sentando-se com paciência na cadeira em frente ao al-u-bu-u-na.

— Me chamo Nariomono. Você deve ser Elton.

— Muito bem. — Sorriu ele. — O que exatamente sabe sobre mim?

— Sei sobre o lugar onde você esconde os corpos dos alorfos e filinorfos que mata. Sei que os guarda como prêmios ao invés de queimá-los. Sei onde ele fica.

Elton balançava a cabeça, entendendo a mensagem, com os braços cruzados sobre a mesa.

— Vejo que alguém mais sabe. — Narion percebeu que o mago olhou para suas orelhas por um instante.

— Ninguém que vai dizer o que sabe.

— Mas você vai me dizer quem é.

— Eu não quero nada com você, Elton. — Disse Narion, procurando acalmar o mago ao ir direto ao ponto. — Eu não vou dizer *nada*. E quem me ajudou também não vai. Eu só quero *informação*.

Elton ergueu a sobrancelha.

— Informação?

— Sim.

O bomim ergueu-se vagarosamente e, com cuidado, sentou-se à mesa, com as pernas a um pé de distância do tronco de Narion.

— Que *tipo* de informação?

— Quero saber onde Desmodes está.

Elton estreitou os olhos.

— Desmodes?

— Você deve saber quem é.

— O que *quer* com ele?

— Ele destruiu a minha família. Matou... Matou todos que eu conhecia, todos que eu amava. Ele destruiu minha *vida*.

Elton olhava para Narion, mas não prestava mais atenção nele. Estava surpreso demais com as conjecturas aparecendo em sua mente, explodindo em progressão geométrica.

— Você... É um *al-u-bu-u-na*...

— Era. — Respondeu Narion. — Não existem mais os al-u-bu-u-na. Desmodes matou todos. Matou também outro mago.

— *Robin?!*

Narion deu de ombros, sem saber responder.

Elton levantou-se rapidamente e abriu a porta da sala, fazendo menção de sair. Narion rapidamente puxou o arco por uma ponta e com a outra

puxou o mago de volta pela mão, fazendo-o se debruçar sobre a mesa. Depois, largando o arco num canto, pegou o mago pela gola da camisa azul, que mostrou-se mais elástica e frágil do que parecia, e o prensou contra a parede.

— *Onde* está Desmodes? Você não *disse*!

— Está no Conselho dos Magos... — Disse Elton, falando com furiosa dificuldade.

— Em que *cidade*?

— Em *NENHUMA*! — Resmungou Elton, ofegante. — Não fica em *nenhuma* cidade!

Já havia entrado no saguão principal de Narion, e corria com o sangue em brasa para encontrar a sala certa.

— Fica *ONDE*, Elton? *ONDE*? — Narion berrava a pergunta, furioso.

Elton sentiu a pressão no corpo afrouxar quando Narion caiu no chão, contorcendo-se de dor com as mãos por cima do abdômen.

— Idiota... — Comentou Elton ao alisar as dobras na camisa. Segurou o trinco da porta semiaberta apenas pelo breve tempo em que olhou uma última vez para Narion.

Principiante

De um lado para o outro os lábios e as línguas encontravam-se, furiosos, vívidos, ávidos. Separavam-se e uniam-se, digladiavam-se com sorrisos, entrechocavam-se indecisos, sem saber a hora de parar de celebrar o retorno de uma metade do beijo à outra.

Os magos principiantes reencontravam-se cinco dias depois do desastre que foi a catastrófica (falta de) memória de Tadeu, e olhavam-se a um palmo de distância um do outro no costumeiro covil.

— Eu nem sei o que dizer... — Disse ele, segurando o queixo de Amanda entre os dedos.

— Eu tenho algumas coisas pra dizer, mas você pode falar primeiro.

— Bem, quanto àquele dia... Eu fui horrível.

— É. — Ela riu, mas ele pouco fez para acompanhá-la.

— Eu fui realmente... Despreocupado, e...

— Não, Tadeu, desculpa. Eu exagerei. — Admitiu ela. — É só que nunca passamos por isso antes. Sempre conseguimos combinar quando vir ou não... Eu fiquei com medo.

— Eu sei, e-eu não vou fazer isso de novo.

— As *duas* coisas. — Repreendeu ela. — Aquilo foi muito arriscado, Tadeu.

— Ninguém me viu.

— Tem certeza?

Tadeu balançou a cabeça, confirmando.

— Onde você estava? — Perguntou ela.

Ele respirou fundo, molhando os lábios antes de olhar para o lado, construindo o que deveria dizer.

— Lembra que eu disse que eu ia a uma festa bomin?

— Sim.

— Eu fiz uma amiga lá.

— Uma amiga? — Disse ela, surpresa.

Amanda ouviu com atenção a narrativa que se seguiu. Tadeu falou tudo sobre a iniciação da qual não participou, e ela riu da coincidência, contando o que acontecera com ela. Falou sobre Gustavo e o novo médico do pai.

Tadeu explicou o que estava fazendo na biblioteca com Anabel, e a conversa seguiu seu curso até o fim da tarde, preenchendo-a tão rápido que pareceu que falaram pouquíssimo.



Amanda passava pelas ruas do centro de Al-u-ber com um sorriso largo e adocicado na maior parte do tempo, sem prestar atenção ao que acontecia do lado de fora. As pedras e as pessoas provavam de sua alegre indiferença enquanto ela encostava a cabeça no apoio traseiro da carruagem. Havia manchas no que deveria ser imaculado: ela não podia negar que pensava indecisivamente quanto a Anabel. Desejava ser uma maga boa o suficiente para substituí-la. Queria defender Tadeu — e esperava, simultaneamente condenando a si mesma, que Tadeu desejasse o mesmo.

A charrete parou, mas Amanda não precisou pedir por uma explicação. O cocheiro, um homem magro e de bom porte com um rosto tão antiquado quanto antigo, abriu o compartimento de comunicação com o vagão, olhou através da cortina puxada para o lado com os dedos, e avisou que iria ao mercado de frutas a pedido de Barnabás, e que não demoraria. Amanda fez que entendeu com um despreocupado aceno. Depois de um leve balançar de carruagem, sentiu-se sozinha. Sentiu-se também estúpida ao lembrar que estava duplamente no meio de uma aglomeração.

Passou a observar uma paisagem estonteante do alto da ponte entre os dois prédios de seu castelo. De uma forma surpreendentemente estável assistia ao ir e vir de castelos que moviam o chão em todas as direções, uma construção quase esbarrando em outra debaixo de um céu de nuvens carregadas — uma tempestade em Al-u-ber deveria estar por vir. Ao longe, colinas, árvores secas e arbustos faziam-se e desfaziam-se, e um desfile de muralhas, torres e colunas de todos os estilos e tamanhos acontecia diante dos olhos da jovem.

Um dos castelos parou bem em frente ao dela; era grande, exibindo uma trindade de torres idênticas. A frontal dentre elas exibia uma grande porta quadrada. Amanda parou de prestar atenção à porta quando uma das janelas nas grossas pontas das torres se abriu, e de lá surgiu alguém que ela imediatamente reconheceu.

Amanda quase não teve tempo de se jogar no chão; O fez instintivamente, mas não sabia ao certo por quê; é claro que ele já sabia ou supunha que ela estava aprendendo magia.

Aproximou-se da porta da charrete e ouviu duas vozes em contraste: a do pai de Tadeu, feita de experiência e belicosa completude, e a de um jovem garoto, repleta de audácia.

— ... Qual é o seu nome mesmo? — Ela ouviu Galvino perguntar.

- É Alex, senhor.
- Alex... — Sussurrou Amanda, tentando se lembrar do nome. Era familiar.
- O que foi que disse, Alex?
- Estou apenas dizendo que acho uma iniciativa *louvável* a dele, senhor.
- Que iniciativa?
- Se aproximar de outras tradições. Eu o vi no outro dia. Ele estava tentando falar com a filha de Barnabás.
- *Tentando* falar?
- É... — Amanda podia sentir um sorriso vitorioso escapar do rosto de Alex. — Ele estava do lado de fora da casa dela, e tentou falar com ela por ali mesmo, pela janela. Acho que o nome dela é... Amanda, não é? Depois foi embora. Acho que ela não estava, ou... Não sei. Eu já ouvi dizer que os preculgos não eram amistosos, mas se ela estava lá mesmo isso foi uma falta de respeito, não acha, senhor?



Começara a chover forte, e Tadeu sentiu-se bem por já esperar o pai na sala apropriada para a aula quando ele chegou em casa, fazendo um barulho estranhamente alto com a porta de entrada. Tadeu pensou ser capaz de ver se algo esquisito estava acontecendo com o castelo do pai. Viu, através de todos os pingos d'água, que sua alma vinha em direção a ele com uma expressão de furor no rosto, como se uma decisão tivesse sido tomada em caráter de indiscutibilidade.

Galvino entrou na sala, parando à entrada.

— O que foi?

Amanda, já completamente encharcada, viu que Galvino se aproximava e deu a volta na torre principal do castelo de Tadeu. Contou com a falta de iluminação naquela área para escapar por pouco das vistas do experiente bomim, cujas roupas começaram a esvoaçar com violência quando ele parou em frente aos portões bem trancados do filho.

Tadeu olhou para o próprio tronco ao sentir um repentino frio na barriga. Foi até o saguão principal do próprio castelo, chegando no exato momento em que o local inteiro parecia ranger loucamente ao ritmo da ventania que tomara a noite de assalto. Algumas trancas já haviam voado para o chão do lado de dentro com um estalido surdo. Todas iam sendo desarmadas, uma a uma, pela intensa pressão que entortava cada vez mais a madeira da porta.

— Filho! — Chamou Eva atrás dele, olhando fixa e seriamente para a porta. — *Suba!*

Sem tempo para entender o que a mãe fazia dentro de seu castelo, obedeceu; correu para uma pequena sala onde havia uma escada, que circundava toda a torre até o topo. Tadeu não chegou ao segundo andar; tropeçou sozinho, mas não caiu nos degraus. Caiu em uma escuridão que logo se transformou, à medida que sua cambalhota se completava, na imagem do pai jogando-o contra o sofá.

— Você tem *mentido* para mim, Tadeu?

— Pai...

— TEM *MENTIDO*, TADEU? — Berrou ele, expulsando fúria dos pulmões.

As portas do castelo arrebentaram-se, e os pedaços voaram baixo com o vento e a água até caírem com estrondo no chão e se arrastarem adiante, suaves. Galvino entrou no saguão, sem nem mesmo olhar para os lados; encarou diretamente a mulher.

— Ele mentiu.

— *Saia* do castelo dele.

— Você vai ter que me impedir.

— Farei isso quantas vezes for preciso.

Ela se agachou ao lançar a mão para frente; de seu punho saiu uma enorme labareda que Galvino desviou ao rolar para a direita. O vento recomeçou, trazendo com ele um pouco da chuva absurda do lado de fora e jogando Eva contra uma das paredes do castelo.

Amanda observava à luta, atônita; não havia outro jeito de entrar no castelo — precisava passar pela porta que Galvino abria, mas a única esperança de seguir adiante seria andar despercebida pelo cenário do conflito, ou esperar até que ele continuasse em outra sala.

Um tufo de barro e vegetação rasteira em frente à porta do castelo ergueu-se do chão como se alguém houvesse chutado a terra, e a corrente de ar que Galvino controlava a trouxe diretamente para Eva.

A terra se reagrupou e num rápido movimento formou um paredão tenso que parecia tão sólido e inquebrantável quanto o próprio chão. O vento, impedido pelo solo recém-arranjado, parou de segurar Eva na parede. Caindo de pé, a mulher jogou o bloco de terra contra Galvino, que foi atingido com um baque surdo.

— Pai... Pai, o que está...

— *Quieto!* — Respondeu ele, apontando o dedo para o filho.

Galvino se recuperava no chão quando Eva se aproximou.

— Saia daqui. — Exigiu ela.

— E o seu castelo, Eva? — Perguntou ele, passando o punho pelo canto da boca após uma cuspidinha. — Você está aqui por *inteiro*?

Amanda viu Eva dar uma olhada rápida para o lado de fora. A preculga se retraiu nos muros externos, tirando a cabeça da porta. Sentiu o céu

enrolar-se de medo; tinha clara em mente a perspectiva de que tinha sido vista pelo menos pela mãe de Tadeu. Mas, segundos depois de fechar os olhos, forçando-se o autocontrole, só o que ouviu foi um sussurro que ela não pôde entender.

— Eu *não menti*, pai. . . — Dizia Tadeu na sala da lareira.

— Eu já disse pra ficar *quieto*, Tadeu! — Dizia Galvino, olhando fixamente para o filho, ainda que este soubesse que ele não estava presente. — Dessa vez não vou tomar sua palavra em vão.

Tadeu levantou os olhos lacrimejados para o rosto do pai, sentindo que o olhar era retribuído. Sentiu-se pela primeira vez de fato invadido. Virou a cabeça para o lado e viu que a mãe entrava na sala, com uma postura tão atordoada quanto a do pai.

Amanda viu que nem Galvino nem Eva estavam mais no saguão principal do castelo. Entrou, pisando com cuidado no chão cheio de terra e peças de ferrolho. Pensou que ou invadir castelos não lhe daria nenhuma sensação de diferença ou estava tão preocupada que não sentiu nada ao atravessar o portal violado.

Ficou parada, indecisa; percebeu que não havia muito que ela pudesse fazer. Podia fazer crescer uma adaga na própria mão, mas de que isso adiantaria? Sem uma técnica, não sabia ainda o que podia fazer.

Pensou que não havia muito tempo. Olhou para o teto relativamente baixo da sala em que estava e, pedindo omissas desculpas, começou a gritar.

No começo apenas fez de tudo para que seu berro fosse o mais alto que conseguisse produzir, mas logo pensou que não deveria se revelar tanto. Enrouqueceu a voz, perdendo um pouco de potência, mas conseguindo o que queria; via as luzes amarelas das paredes oscilarem como se a temperatura mudasse em frações de segundos, e pôde sentir a estrutura do castelo se abalar ao ritmo do corpo, que tremia de forma cada vez mais intensa. Sua visão ficava borrada, e mesmo depois de parar de tremer continuava vendo tudo daquela perspectiva. Tonta, cambaleou até apoiar-se naquilo que achava ser uma parede. Não seria a escolha mais inteligente continuar ali. Fechou os olhos e deixou-se levar para o próprio castelo.

Desabou, envolta pela noite chuvosa e hostil, batendo com as costas na fria corvônia. Estava encostada em uma reentrância do lado de fora da casa de Tadeu, e pestanejou enquanto escutava, ligeiramente desconfortável, um som que ainda não conseguia identificar. Não entendia por que, mas não gostava do que ouvia.

Arrastando-se com as vértebras pela parede, sua visão ficou turva, assim como a visão do próprio iauomo, até que ela enfim sentou-se, perdendo as forças. Desmaiou, empalidecida, vendo um rosto conhecido e amigável aproximando-se dela na escuridão.

Intervenção

— E para isso quer o cargo de volta.

Kent estava em pé em seu escritório, que não era muito diferente do de Hideo. Os móveis e o estilo eram padronizados em todas as salas do gênero no prédio, de modo que ambos viviam em um ambiente de austera ostentação. O espaço do político idoso era mais limpo, entretanto; seus óculos o faziam enxergar de uma maneira excepcionalmente boa, de modo que suas lentes, mantidas sempre em aguda transparência, não o deixariam em paz se ele tivesse uma sala exclusiva que fosse suja e bagunçada.

Enquanto o parlamentar limpava energicamente os óculos, pensando a proposta de Dalki, o ex-chefe de polícia fitava-o tranquilamente próximo à parede. Preferia a mesma posição do político a se sentar. Sabia que não conseguiria manter boa postura; que se sentiria estranhamente diminuído, como alguém estranhamente indefeso, fazendo negócios com um homem cheio de astúcia e experiência — isso sem sequer precisar supor Kent como um mago.

— Se você quer pegar os assassinos de Hourin, eu quero meu cargo de volta.

— Nada me garante que você sabe quem eles são. — Kent colocou os óculos de volta, ajustando a manga das vestes negras. — Quero o que sabe primeiro.

— Com todo o respeito, senhor Kent. — Disse Dalki, sorrindo com cuidadoso sarcasmo. — Não vou negociar desse jeito com um político.

— Al-u-eeen não é uma cidade que se arrisca, Dalki. Por que acha que vou me arriscar com você?

O policial, que desta vez não se vestia a caráter, olhou para Kent sem entender como ele não via como era absurdo o que dissera.

— Isso demonstra sua ignorância quanto à história dessa cidade, senhor parlamentar.

— Não, meu caro. — Riu Kent, exibindo uma torção de músculos faciais que se traduzia em sabedoria tácita. — Demonstra a *sua* ignorância de pensar que o passado ainda diz algo sobre quem *nós* somos.

— Então quem nós somos, senhor Kent?

— Assassinos *cruéis*.

Kent deu a volta na mesa, indo ocupar a própria cadeira.

— Nem todos, senhor Kent.

— Então você quer *ajudar* a prender os assassinos cruéis! — Kent dizia, irônico, com as mãos fazendo abrangentes gestos sobre a mesa. — Mas *apenas* se isso lhe beneficiar.

— Não quero benefícios, senhor Kent. Quero as coisas como eram antes, sem *magos* para me dar ordens no trabalho *ao qual* há *rosanos* me dedico.

— Magos? — Outra desconfortável torção de rosto em que o velho homem deixava clara, com a sanção das rugas, sua opinião. — Ora, Dalki...

— Então não acredita que eles são magos. Ou pelo menos *ele*.

— Sinceramente...

— Como explica que um policial que nunca foi destaque apareça com um parlamentar a tiracolo e seja declarado *chefe* de um dia para o outro?

Kent abriu a boca, mas logo a fechou, contentando-se em usá-la para respirar.

— E a sua teoria — começou ele — é que há um mago na polícia mexendo com um parlamentar.

— O senhor tem uma melhor?

Polícia e parlamento se olharam, entrando em um acordo de olhares com muitas cláusulas não ditas, todas múltiplas e contraditórias, abarrotadas até o ponto final de esperanças e contrapesos.

— Senhor Kent, estou pedindo o que é meu de direito para dar ao senhor o que o senhor quer. *Justiça*.

— Tudo bem... Mas preciso de tempo até encontrar alguma coisa que...

— Já se passaram *seis dias* desde o assassinato. — Interrompeu Dalki, curvando-se sobre a mesa do político. — E eles começaram a fugir desde o primeiro momento.



Estavam os dois dentro da sala particular de Kenner, cheia de coisas que ele não tivera tempo de transportar para o gabinete de chefe.

— Não estou surpreso. — Disse Hideo. — Você não iria durar muito, de qualquer forma. Dalki é sólido aqui dentro, garoto. Estava no *meio* de uma investigação. Foi tolice *sua* ter tentado tirá-lo de lá.

Kenner apoiava-se com os cotovelos na janela. Suas escápulas destacadas pareciam lhe transformar em uma espécie de pássaro agourento, e a visão de seu rosto transtornado fez Hideo dar um passo para trás e ficar ainda mais alerta quanto à porta do próprio castelo.

— Você cala essa *boca*. — Disse Kenner, com o indicador em riste. — Não *esqueça* do que eu posso fazer contra você.

Hideo levantou as mãos à altura do peito e abaixou a cabeça, resignando-se. Kenner começou a andar irregularmente no pequeno espaço entre o sofá e uma parede cinza-escura em que várias anotações e papéis estavam presos; a mão, fechada em um punho por sobre os lábios, tremia de leve com teorias. Repetia com tanto afinco o mantra de que “tem que haver um outro jeito...” que Hideo sentiu-se compelido a responder.

— Não há.

— E se Dalki sair da cidade...

— *Kenner!* — Objetou Hideo.

— Eu não vou sujar as mãos, é claro, mas *você* pode...

— *Kenner!* Há outras coisas que posso *oferecer* para você! Tenho ouro, tenho *terras!*

— Não QUERO! — Explodiu Kenner. — Quero o meu cargo de *volta!*

— Então você é *estúpido*. — Acusou o parlamentar. — Poderia usar a magia para ser rico e ter tudo o que quer, mas quer insistir em um emprego miserável e *toló!*

No auge de sua coragem, o homem de preto sustentou o olhar voraz contra o homem fardado, cujas pupilas oscilavam, surpresas. Kenner passou a balançar a cabeça negativamente.

— Não, não... Você acabou de dizer que com a magia posso ter *tudo* o que eu quero. E o que é esse *tudo*? Tudo *menos* o que eu quero? Não. Não é. Não é mesmo...

Hideo desviou o corpo, caminhando em direção à janela. Queria poder matar aquele homem ali mesmo, apenas houvesse uma chance.

Na falta desta, contudo, sua outra solução certamente não falharia.

Voltou a Neborum para se certificar de que estava seguro. Sob as nuvens crepascas do dia nublado, sentou-se no saguão principal, cansado e dolorido, esperando poder sair da presença daquele detestável rapaz o mais rápido possível.

— *Quer saber*, Hideo? — A pergunta, jocosa, puxou-o de volta à diminuta sala. — Você tem razão. Se eu quero ser um policial, não é mesmo... Eu tenho que ser um policial.

E Kenner foi embora, quase fazendo vento ao passar pela porta e fechá-la sem cerimônia. Hideo demorou alguns instantes para entender o que aquilo queria dizer.

Mas não fazia muita diferença. As coisas logo voltariam ao lugar.



Kenner atravessou a cidade o mais rápido que pôde — a pé, já que a charrete demorou para chegar. Passou por muitos lugares quietos, por algumas aglomerações barulhentas, com cheiro de gordura, e por duas pequenas praças de sedutora beleza, nelas quase pulando por cima dos bancos duros sem encosto.

Ele morava em um bairro afastado, nas bordas do centro, onde as casas eram bastante similares em seu tamanho e arranjo básico. A sua tinha uma alegre parede externa — um tom salmão, iluminado por dois minérios verdes, e janelas de um marrom vivo, quase vermelho. Kenner meteu sua chave no trinco de qualquer maneira e, forçando-o como sempre tinha que fazer, entrou na sala.

Virou-se para o lado de fora antes de entrar, obrigando-se a parar e a observar a rua. Visitou o próprio castelo e viu que havia outros — distantes; eram provavelmente vizinhos. Um deles, no entanto, se avolumava nas proximidades; um castelo escuro e alto, com torres que surgiam nos cantos e no centro de uma vasta construção de cerca de quatro andares. Iluminado com minérios azuis, assemelhava-se a um grande urso de pedra, com centenas de olhos luminosos.

Viu o homem antes de fechar a porta de casa. Ele era negro, alto e forte, embora o casaco azul-escuro que usava fizesse de seu corpo um bloco parcialmente compreensível apenas. Tinha um cabelo curto que deixava visível o formato da cabeça, adornada por olhos pequenos e grandes lábios curvilíneos.

— Você é... — Começou Kenner, sentindo que o conhecia de algum lugar.

Espiou o castelo do homem mais uma vez, de longe, mas não viu atividade.

— Sim, sou eu. Monji. — Sua voz era grave e livre de incongruências. — Vamos entrar, sim?

— Espera aí. — Monji continuou a andar até encontrar-se face a face com o policial. — Essa aqui é a minha casa, o que quer fazer aqui?

— Fique feliz que estou *pedindo* para entrar. Agora entre logo ou vai entrar de outro jeito.

Kenner abriu passagem após perceber que o homem sustentava um olhar rígido. Não havia concessões naquela frase.

Monji olhou com fraco interesse para o interior bem organizado. Iluminado por um minério verde no canto, ao lado de uma janela fechada, o lugar combinava móveis de madeira forte, como a das portas e janelas, a um aconchegante caramelo nas paredes e no sofá. O tapete vermelho em frente à lareira, cheio de grossos fios sobressalentes em toda sua extensão, era agradável a pés descalços.

No entanto, ambos estavam bem calçados. Com botas sem fios ou marcações de qualquer tipo, Monji sentou-se no sofá, sem ser convidado. Kenner, secretamente estupefato, sentou-se também.

— Você deve saber quem eu sou. — Disse Monji.

Kenner sabia. Monji era um das pessoas mais ricas de Al-u-een, dono do indubitavelmente maior banco de toda região a leste da Cidade Arcaica. Sua reputação o precedia, e Kenner se limitou a confirmar a presunção do banqueiro com a cabeça.

— Sabe, Kenner... É esse o seu nome, não é? — Kenner confirmou mais uma vez. — Você sabe como eu cheguei aonde eu cheguei?

Kenner riu.

— Eu esmaguei os meus inimigos. — Disse Monji, com simplicidade. — Tirei eles do meu caminho. Usando magia, ou... Dinheiro. O que foi preciso. Hoje em dia sou o maior banqueiro de Al-u-een. Existem bancos menores, mas... Eles não realmente *competem* comigo. Não são páreo para mim. Então... Não me preocupo. Deixo-os viver.

— Sua vida é um sucesso.

— Minha vida é um sucesso. — Repetiu Monji, balançando a cabeça. — Mas sabe o que eu nunca fiz, Kenner? Há duas coisas que eu nunca fiz, na verdade. — Kenner estava parcialmente por ali. Vigia a movimentação no castelo do banqueiro, freneticamente alternando entre a janela na varanda do terceiro andar e o saguão principal. — Em primeiro lugar, eu sempre fui leal aos magos. É claro... Alguns de meus *inimigos* eram magos. Mas aos magos que me apoiaram, eu nunca faltei.

— Como Hourin. — Comentou Kenner.

Monji permitiu-se sorrir com um lado do rosto.

— Você foi bem informado.

— Você também.

— A segunda coisa que nunca fiz, Kenner, foi querer subir muito *rápido*. Eu levei *tempo* para chegar onde estou.

— Eu não tenho paciência, Monji, e o que eu quero é simples. Eu não preciso esperar.

— Se você não quer expor muitos dos magos dessa cidade, sim, você precisa esperar. — Rebateu Monji.

Kenner pigarreou, extremamente incomodado. Monji continuava olhando para ele; o silêncio sepulcral do mundo que naquele instante continha apenas os dois castelos em perigosa proximidade abafava-o, e toda a realidade parecia estar pendurada por um fio, o menor desbalanço podendo causar uma ruptura sem volta.

— Vamos entender o que está acontecendo aqui. — Disse Monji. — Hideo me contou o que aconteceu. Planejava vir aqui hoje de qualquer forma, mas Hideo me alertou antes e vim para cá imediatamente, portanto

já estou bastante irritado com a perda de tempo que isto é. Eu sou mais forte que você. Já estou aqui e você não consegue me expulsar. Se você tentar sair, eu o invado e trago de volta. — Disse, fazendo um gesto com o dedo da porta até onde Kenner estava sentado. — Se o que eu *quero* demorar *demais* para acontecer, eu o invadirei da mesma maneira.

Um calor arrepiou o corpo de Kenner, fazendo-o sentir cada gota de suor frio que surgia na nuca. Seu coração palpitava, e ao mesmo ritmo ele mudava de foco, prestando atenção ao que acontecia em seu castelo.

— É *muita* presunção, não *acha*?

— Você é o presunçoso, Kenner. — Respondeu Monji, estralando os dedos das mãos. — Vá pegar as cartas. Eu quero que você as queime ali na sua lareira.

Kenner riu em um arroubo desesperadamente forçado, desviando o rosto. Lágrimas de raiva contidas ainda dentro dos olhos separavam ânsia furiosa de ação efetiva.

— Quer me impedir de mandar você fazer isso? — Perguntou Monji.

Kenner não sabia se respirava fundo ou não respirava. Não respondeu à pergunta.

Abriu a porta do castelo, partindo para a briga, mas não conseguiu dar dois passos para fora; levou um soco de Monji, que parecia maior e mais musculoso do que a versão de carne e osso. Não vestia camisa, e seus punhos pareciam grudados como se moldados na pétrea posição.

Atingiu de novo o rosto de Kenner, que rolou pelo chão. Tudo foi ficando cada vez mais escuro até que o negrume desfez-se no rosto do Monji real, que o pegou pelo colarinho e o jogou contra a parede caramelo da sala. O impacto fez o minério de luz cair no chão, e Kenner, ainda desorientado, só teve tempo para desviar de outro soco num rápido reflexo.

Alertado por uma dor no abdômen, Kenner se viu sendo chutado no chão pelo Monji que parecia um animal selvagem, engrossando a veia pululante na testa. Enquanto Kenner se arrastava para longe, aos poucos levantando-se, viu que os olhos do inimigo eram vermelhos e vidrados.

Um tremor de terra fez com que olhasse para o teto do castelo, que veio com estabilidade ao seu encontro; ao abaixar os olhos se viu caído no chão do outro lado da sala. Intuiu que fora jogado por cima do sofá, virado para trás sob suas pernas. Percebeu que havia uma desconfortável pressão contrária ao seu corpo no chão — vinha da espada, que não se vergara totalmente.

Monji contornava o sofá, e vinha ao encontro de Kenner quando este sacou a arma com um rápido movimento lateral.

Tudo o que ouviu foi um fino ruído metálico seguido de perto por um som esponjoso.

Monji cambaleou para trás, curvado e com a mão no rosto. Kenner levantou-se, sentindo porções intermitentes de dor.

O banqueiro olhava para ele com um ódio gratificante, em que seu olho quase ficara vermelho. Um corte reto e fino abundava em sangue quente e escuro na bochecha esquerda de Monji.

Já recuperado e vendo que o invasor sem camisa estava desequilibrado, Kenner partiu para o ataque. Ao mesmo tempo, levou a espada de leve para a direita para desferir um golpe massivo.

Monji estava preparado em ambos os cenários da luta, e desviou do golpe de espada deslocando-se para trás, reagindo também ao golpe em Neborum segurando a mão do policial e o empurrando para trás. Com um chute lateral jogou-o para a esquerda um instante depois, e o homem surpreendido cambaleou até se encontrar com a parede.

Kenner, já desesperado por ter perdido a oportunidade de expulsá-lo de seu castelo, seguiu golpeando-o com a força dos afobados; uma, duas, três vezes, mirando na cabeça, nos braços, mais uma vez na cabeça — com saltos e esquivadas ligeiras para um homem daquele tamanho, Monji escapou ileso e, aproveitando-se de um momento de cansaço e fraqueza, aproximou-se do ofensor armado e puxou sua cabeça para um encontrão com seu joelho.

Kenner passou a enxergar círculos e formas estranhas fustigando um caleidoscópio tonto em cima da imagem do irritado inimigo. Sentiu a espada escapar da mão com um chute depois de um ou dois passos cambaleantes para trás, e uma espécie de sufocação fez dos círculos, agora já todos rosados, a imagem da parede do outro lado do castelo, na qual bateu com força.

Estava preso pelo pescoço, como se usasse uma coleira. O anel ao redor da garganta ligava-se a um chicote que a versão maior de Monji segurava. Tudo, do início do chicote àquilo que por pouco não impedia Kenner de engolir, era feito de uma espécie de negro líquido gelatinoso. Apesar de congelante e flexível, era resistente e impossível de desfazer tentando arrebatá-lo com as mãos.

Monji sorriu, desta vez com os dois lados do rosto. Satisfeito, fez um breve gesto com o braço, brandindo o chicote para cima. Kenner levantou voo com incrível facilidade; foi suspenso no ar, leve como um punhado de terra, e depois jogado com força contra a parede quando Monji estendeu o braço, abrindo a palma da mão em direção ao homem controlado.

O chicote começou a se tornar mais grosso, e o brilho de sua superfície mostrava que transformava-se em uma espécie de fluxo. A gargantilha sufocante desfez-se à medida que todos os membros do corpo de Kenner eram presos à parede, imobilizados e esticados, até que a cabeça também foi co-

berta pela cola obscura que logo o tomou por completo, enclausurando-o em uma prisão absoluta.



Kenner abriu os olhos, e observou a si mesmo sentado no sofá. Seus ouvidos zumbiam de leve, e os ruídos do ambiente chegavam a ele abafados e distantes. Sentia seu coração bater com absurda precisão, e podia ouvir com clareza asmática o ar entrar e sair dos pulmões, pouco a pouco, e então cada vez mais rápido, resultado da própria agonia de ter consciência daquilo.

Levantou-se. Seu corpo fazia sentido apenas da cintura para cima; as pernas moviam-se, independentes e cheias de energia.

Olhou para frente. Passou por um curto corredor e entrou no quarto. Foi a vez das mãos serem tomadas dele, transformadas em algo alheio e dormente.

Aquilo que ele sentia como instrumentos ligados aos punhos abriram o armário, e depois uma gaveta. Chegaram, então, à sacola encontrada na casa de Hourin — com todas as mais de quarenta cartas incriminatórias.

A mão direita pôs a sacola nas costas e as pernas levaram Kenner à cozinha. Lá, a mão esquerda abriu uma porta no armário de baixo e puxou para fora uma estufada sacola de papelão. De dentro tirou um punhado de tiras de madeira, que a barriga ajudou a carregar apressadamente para a sala.

Monji estava sentado com o calcanhar sobre a coxa. Supervisionava Kenner, que colocou o carvão na lareira, acendeu o fogo com um longo bastão de porosa e suja ponta vermelha, e jogou as cartas, uma a uma, na chama crescente.



Lenzo olhava para trás com um misto de saudade e arrependimento. Saía da jir em que sua mãe morava, e embora pudesse avistar outra jir logo adiante, sentia como se abandonasse todo sinal de vida humana. Cada pessoa que já valera a pena ter conhecido.

Vestido da cabeça aos pés com um grosso casaco, calça e capa com capuz, todos de um tom de preto quase verde, levava nas costas uma pesada bolsa contendo tudo o que ele julgara importante levar. A casa, deixara para trás, sem aviso; acreditava no que a mãe dizia. A polícia viria atrás dele, não importa o quão inocente fosse.

Andava na estrada para o norte, e pretendia chegar à Fortaleza de Al-u-een no dia seguinte, fizesse chuva ou sol, o meio-termo sendo mais provável. Os campos ao seu redor, a maioria deles cultivados com feijoeiros de dois pés de altura, pareciam desejar-lhe boa viagem.

Sentiu a terra tremer; sabia que uma charrete aproximava-se. O coração quase pulou pela boca, reagindo mais rápido do que ele poderia prever. Por um momento parou, considerando se deveria se esconder ou continuar o caminho enquanto o viajante seguia em frente.

Ela chegou mais perto, até que parou abruptamente ao lado de Lenzo, que não conseguiu ignorá-la. Dalki desceu da plataforma ao lado do cocheiro e sorriu, com a mão na cintura, sem sequer olhar para o fugitivo: observava a paisagem, ignorando-o completamente.

— Escolheu um dia bonito para fugir. — Comentou, estreitando os olhos para aquilo que parecia ser uma solitária árvore alta em meio às mudas menores.

— Fugir? E-eu não estou fugindo!

— Não? — Perguntou Dalki, fazendo um gesto com a cabeça.

Lenzo olhou para o lado. Dois policiais andaram a passos firmes em direção a ele, amarrando suas mãos enquanto ele se debatia, respirando tresloucamente.

— *Dalki!* Você... Você d-disse que eu não ia ser preso, você *DISSE!*

Seu capuz caiu pra trás, desajeitado. Dalki aproximou-se, balançando a cabeça.

— Eu menti.

— Você... Mas você não é *chefe!*

— Agora eu sou. Longa história.

— Mas... — Os policiais terminaram de atar um punho a outro, e já o carregavam pelos cotovelos para dentro da charrete quando Dalki pediu que parassem. — Mas eu não fiz *nada*, Dalki!

— Era *dever* seu, como *cidadão* de Al-u-een, ir à polícia *assim* que soube de alguém aqui dentro que fosse um mago. — Disse Dalki, aproximando-se do prisioneiro, que retraiu-se, quase se jogando nos braços dos policiais por detrás dele. — Mas você não foi, e preferiu brincar de filinorfo. Se fez o que fez porque foi atacado ou não, pouco me importa. Você é culpado por deixá-los chegar *perto*.

Lenzo engoliu e sentiu a saliva se arrastar estranhamente pela garganta, como se trouxesse junto aquelas palavras de desencanto. Olhou para Dalki, perdendo já as esperanças e as forças para resistir à prisão.

— Você vai para Roun-u-joss agora?

— Já *fomos*. — Respondeu o chefe, frio, acenando mais uma vez para os policiais.

Lenzo entrou na carruagem depois de olhar uma última vez para o caminho à sua frente. Conseguiu suspirar em pesar apenas já sentado, pensando que sua carta chegaria ao destino e seu irmão esperaria por ele em la-u-jambu, completamente desavisado. Lenzo jamais chegaria.

Parte VI

Pedidos e arranjos

Instável

Byron examinava de pé a cena do atentado, trazendo no corpo a capa laranja que usava para se orgulhar de sua tradição. Naquele dia, entretanto, ostentava um semblante de alguém que tinha poucas coisas valiosas na vida — e observava, em silêncio, as cinzas de uma delas. Na cela estavam duas metades de uma esfera de bronze. Tornero voltava da cela de Lamar, tendo visto que ele não estava lá.

— Ele teve ajuda...

— Não *diga!* — Disse Byron, sem tirar os olhos do mineral quebrado. — O que vai me dizer depois, Tornero? Que o policial foi *iludido* por este minério na madrugada de ontem?

Tornero calou-se, juntando as mãos à frente do corpo. Percebia, disfarçando neutralidade, o olhar de exaustão que Byron lhe lançava com o canto do olho.

— Pensei que os policiais dessa cidade fossem menos estúpidos...

— Cuidado com as palavras, parlamentar. — Disse um homem de uniforme policial que entrava no vão central do lugar.

Ele andava com determinação tal que seu rosto parecia uma extensão das rígidas pernas e dos fortes braços. Byron manteve sua posição, olhando com curiosidade para o — observaram imediatamente os magos — homem comum que entrava no cenário da fuga.

— Quem é você?

— Sou o chefe de polícia de Prima-u-jir, e digo que...

— *Nome*, chefe de polícia. — Interrompeu Byron. — Eu quero um *nome*.

O homem de grossas sobrancelhas escuras olhou por um instante para Tornero, que não ousaria se intrometer, e voltou-se para o político novamente.

— Meu nome é Francesco. E nós somos policiais, pagos para cuidar da cidade, não dos seus presos particulares.

— Policiais são homens e mulheres que devem fazer um trabalho bem feito e saber onde são seus *lugares*.

Byron caminhou tranquilamente em direção a Francesco, que desviou o olhar ao perceber o aumento na própria temperatura; sua pressão disparara,

descontrolada. Byron se perguntava, por diversão, se precisaria ser um mago para causar aquele tipo de efeito — se não conseguiria apenas por sua autoridade e figura deixar o policial arisco, dotá-lo de passos vacilantes, enredá-lo em indecisão e temeroso respeito.

— A policial de ontem viu alguma coisa?

— Não. — Respondeu Francesco, de cabeça baixa.

— Ela não viu nada. Nem um *vulto* sequer.

— Não.

— Não ouviu um nome.

— *Não*.

A resposta com ênfase atacou os nervos de Byron, que teve vontade de causar alguma espécie de *agudo* desconforto naquele homem abusado. Mas, entendendo que a resistência faria parte da cooperação, controlou-se.

— Você entende que uma *grave* falha de segurança aconteceu aqui, Francesco?

O policial concordou com um balanço enérgico de cabeça. Byron o acompanhou mais lentamente.

— Devemos pegar o prisioneiro de volta, não?

— Sim.

— Posso esperar por sua cooperação? — Perguntou Byron, amigável.

— Sim.

— É claro. Tornero, alguma ideia de quem poderia ajudá-lo?

— Creio que ele tenha ajudantes o *suficiente*, mestre.

— Estava falando de Lamar.

Tornero piscou com veemência por um segundou ou mais.

— Ele veio para a cidade depois de viver em Kerlz-u-een. Trouxe uma companheira e um filho.

— Quem são eles?

— Já perguntei. — Tornero respirou pesadamente, fazendo um sinal impaciente para o chefe de polícia. — Para *eles*. Quando chegamos com Lamar, dei ordens para que ninguém o visitasse... A mulher e a criança tentaram, mas foram impedidos. — Voltou a olhar para o mestre, dando de ombros. — Como não entraram, ninguém registrou nomes.

— Ontem — disse Francesco — houve uma visita, mas nenhum dos policiais que estavam na guarda fizeram o registro. E-eu não sei o que aconteceu. Nós *sempre* fazemos registros.

Byron balançou a cabeça um pouco menos energicamente antes de voltar a olhar para o minério. Francesco, como se acordasse em um susto, olhou para os pedaços perfeitamente curvos da pedra e os juntou do chão.

— Quem fez isso tinha acesso a minérios como este. — Raciocinou Byron, andando pela cela. — Também atacou policiais. Se a mulher de Lamar veio até aqui com o filho, não se arriscaria a tanto.

— E isso foi há dias.

— Não eram as mesmas pessoas. — Completou Francesco.

— Muito bem... Pode ir, Francesco.

O policial quis que sua despedida fosse profissional, salpicada com obstinada vontade de fazer um bom trabalho, mas pareceu antes uma comemoração para a sorte que teve de poder ir embora.

— O que eu penso — explicou Byron enquanto adentrava, seguido por Tornero, o corredor da área de celas — é que Lamar fez amigos em Kerlz-ueen. Outros alorfos.

— É provável.

— Esse amigo veio ao resgate... E agora já está longe demais para nós. Mas você, Tornero, vai ver onde a família de Lamar está. Quero os *nomes* deles. E se eles não estiverem aqui, você me avisará.

— O que você vai fazer?

— Faça o que eu disse, Tornero.

— Eu *farei*, mas preciso saber onde você vai *estar*, mestre.

Byron assentiu, com a mente distante.

— Procure por mim no parlamento.

Perdendo tudo

O dia de sol tornava mais suportável, até mesmo alegre, toda a rotina de trabalho com a qual a família se acostumara. O sol, que a tudo aquecia e tudo revelava, transformava também em esperançosa e promissora uma tarefa que até então só trouxera aflição à curta vida de Ramon: guardar os pertences importantes, preparando-os para uma longa viagem. Desta vez, uma muito mais difícil, percorrida por uma vasta região desértica e sem a presença do pai.

Myrthes e o filho entraram em casa. Metade do lugar estava virado de cabeça para baixo: a cozinha estava organizada como quase nunca antes esteve, e os incisivos raios amarelados deixavam a vista com ares de uma sensível organização. Os quartos, no entanto, quase nunca viram tamanha bagunça; as roupas estavam jogadas de qualquer forma em cima dos colchões, emboladas em uma grande tempestade mental de vestuário. Parte do bolo já havia sido retirada; roupas que não seriam mais úteis foram vendidas — convenientes pechinchas. Destino semelhante teve o minério azul da cozinha que os acompanhara desde a época em que moraram em casas maiores e melhores. Tempos de harmonia com os pais de Lamar — mas também de mentiras e segredos, e disso Myrthes não podia dizer que tinha saudades.

Vender tudo aquilo era necessário: precisavam guardar tudo o que pudessem, já que precisavam de comida, água e segurança em uma cidade cheia de desconhecidos.

— Vamos, filho. Está na hora de colocar as roupas nos sacos de viagem.

Desanimado, ele foi andando de um jeito estranho, com passadas duras e aborrecidas, em direção ao quarto. Myrthes sentiu dó do pequeno, tão desolado e fora de contexto.

— Ramon? — Chamou ela.

O filho virou-se, olhando para os joelhos da mãe.

— Vem cá...

Ela se agachou para recebê-lo. Ela não pôde evitar que as frases que construísse fossem interrompidas, já na origem, pela observação que fazia dos braços e das pernas do filho. Os trechos descobertos — as canelas, os

antebraços, os cotovelos pontudos — mostravam, abrindo feridas no coração da mãe, o quanto eles não conseguiam se alimentar direito naqueles últimos tempos. Ela mesma já estava começando a se parecer com ele.

— Você sabe pra onde nós vamos, não é, filho?

— Iminorina. — Respondeu ele, baixinho.

— *Imiorina* — Corrigiu ela, gentil. — E algum tempo depois que a gente chegar lá, vamos poder ver o papai de novo, está bem?

— E a gente vai ajudar o papai?

— Também, filho, também! — Concordou ela, sorrindo. — Vamos ajudar o papai a sair de uma situação *muito* ruim se formos para lá.

— O papai fez algo perigoso, mãe? — Perguntou ele, fazendo uma feição única que misturava medo e asco.

— Hmm... Mais ou menos. Um dia ele vai explicar pra você, está bem? Você vai sentir muito orgulho dele, filho. — Ela passou a mão pelos cabelos grossos do rebento. — Ele não merecia estar na prisão.

— O papai ainda está na prisão, mamãe?

Myrthes olhou para os lados, esticando-se para ver o mais longe possível para além da janela, e apurou os ouvidos.

— Provavelmente não, filho. Mas olha... *Silêncio*, viu? *Shhhhhh* — fez ela, com o dedo sobre os lábios — *Ninguém* pode saber! Finge que ele ainda está preso!

— Tio Kerinu tirou ele de lá? — Ele dava pulos animados enquanto a mãe fazia sinais enérgicos para que ele ficasse quieto.

— Eu acho que sim, meu amor, mas *silêncio!* Confia na mamãe, você precisa ficar quietinho...

— Está bem! — Sussurrou ele.

O olhar dos dois se encontrou, leve, solto e espontâneo, em todos os longos momentos que antecederam um abraço forte e agitado.

— Agora vamos, faz o que a mamãe pediu.

Ele foi correndo para o próprio quarto, e começou a dispor ludicamente das roupas que estavam na ponta do colchão. Myrthes levantou-se devagar, lidando com a dor que surgiu nas pernas depois do tempo que passou agachada, e olhou em volta. Aquela casa não tinha um grande número de recordações positivas. Foi o pior lugar em que moraram, e também o lugar em que menos coisas boas aconteceram. Justiça seja feita, pensou ela, talvez não fora o lugar mais cheio de eventos negativos tampouco.

— Mãe! Posso levar meu dente que caiu? — Perguntou Ramon, berrando do quarto.

Ela riu, surpreendendo-se com um bom momento recente.

— Pode, filho!

Alguém bateu à porta. Myrthes virou-se, curiosa, e olhou para o quarto de Ramon: ele estava lá, seguro, ignorando o visitante.

Abriu a porta. Viu, do lado de fora, um homem magro e com orelhas excepcionalmente grandes. Todas as suas outras características eram — ou pareciam — diminutas, exceto por seu rosto grave e suas roupas oficiais: *aquele* azul misturado *àquele* preto só poderiam significar que aquele era um funcionário da cidade de Prima-u-jir. Para completar a situação, ainda que desnecessariamente, ele trazia nas mãos uma folha de papel.

— Pois não?

— Boa tarde. A senhora se chama... — Ele olhou rapidamente para o papel. — *Myrthes?*

— P-por quê?

— Perdão... Meu nome é Rouguer, eu trabalho no prédio de registros de Prima-u-jir. A senhora mora sozinha nesta casa?

— Se isto é sobre o aluguel, eu...

— Não, senhora, perdão... Por favor, a senhora mora sozinha?

— Eu... — Ela refletiu sobre qual seria a resposta mais apropriada. — Com o meu filho.

— Nenhum homem adulto?

Impaciente, *Myrthes* resolveu ir logo ao cerne da questão.

— Ele está preso.

O funcionário fez um breve “sim” com a cabeça, e olhou pra baixo. Não parecia estar lendo o papel.

— Senhora, eu... Lamento ter que informar isto, mas houve uma tentativa de fuga na noite passada.

Por um momento *Myrthes* sorriu — ou sentiu-se sorrindo, contente — com a notícia. O riso esfacelou-se logo depois.

— D-desculpe, *tentativa?* D-de *fuga?*

— Sim. O homem, é... — Rouguer tornou a ler o papel. — *Lamar*, estou certo?

— Sim, o que houve?

— Ele tentou fugir e foi capturado.

— E o senhor está aqui para... — Ela fez a pergunta, mas não esperava realmente por respostas. Olhou brevemente para o quarto, e sentiu seu coração bater mais rápido.

— Ele resistiu à prisão, senhora, e lutou. Ele foi mortalmente ferido.

— C-como?

— Ele está morto, senhora. Sinto muito.

Myrthes riu, mais por necessidade do que vontade. Era uma risada nervosa, como se os músculos do rosto precisassem se mexer para utilizar todo o sangue que o coração bombeava em um ritmo desumano. Vendo que Rouguer falava seriamente, engoliu, descobrindo o quão seca sua boca e garganta estavam.

— Não, isso... Isso não pode ser... Isso é um *engano*, isso...

— Ele era o único homem na prisão, senhora.

— Mas isso... Ele... *Jamais* lutaria, ele...

— Senhora...

— ... *Jamais* resistiria à prisão, eu tenho certeza...

— *Senhora!* — Disse ele, conseguindo falar mais alto. — Eu *sei* que é difícil...

— *Mais alguém?* Mais alguém foi ferido?

Se Lamar foi capturado... Se ele foi...

Kerinu.

O mundo parecia desabar; a notícia ainda lhe soava mais do que irreal, e o mundo acompanhava o ambiente como se fosse cúmplice de uma mentira elaborada. O céu parecia uma cortina clara que, fragilizando-se com o tempo, despencava do bordo da janela, podre, destruindo-se por completo.

Rouguer vacilou diante da pergunta.

— Eu... Isso é algo que eu não posso lhe dizer, senhora. Mas sim, ele..., Teve ajuda na tentativa de fuga.

— E o que aconteceu?

— Senhora, eu... Não deveria dizer isso.

— Por favor... *Por favor.*

Ela se esforçou, barganhando com os olhos por mais informação.

— A pessoa que o ajudava foi morta também.

Ela fechou os olhos quando um soluço surgiu, pondo abaixo o que quer que a estava impedindo de chorar. Lágrimas rolavam em disparada pelo rosto, buscando o chão tanto quanto ela.

— Eu quero ver... Onde ele está?

Rouguer continuou quieto.

— Onde ele está, R-Rouguer, não é? Onde ele está? *Onde?* — Suplicou ela em meio a um pranto ainda mais forte.

— Senhora... Fomos informados de que não havia família, e infelizmente ele...

— Não... — Disse ela, cobrindo o rosto com a palma das mãos. — Não, isso não, *não*...

— Ele já foi cremado, senhora, me... Infelizmente, eu...

Myrthes achou que ia enlouquecer, mas sentiu que não tinha por quê. Olhou para o lado, para a vastidão do céu, e deixou que as mãos caíssem. Não tinham forças para apertar uma à outra, e ao invés disso acudiam inutilmente a barriga, que doía. Olhou mais uma vez para trás. Viu que o filho continuava brincando.

— Eu sinto muito, senhora. Aqui está.

Ela olhou para o papel que ele carregava, e agora oferecia.

— O que é isso?

— Um registro de óbito, senhora.

Ela olhou com ódio para o papel que ela negava a aceitar como verdadeiro.

— E o que é que eu devo fazer com isso? *Hã?* O *QUÊ?*

Myrthes tomou o papel das mãos de Rouguer e, com um puxão forte, rasgou o papel. Rouguer observou, incomodado, fechando e abrindo a boca várias vezes.

— M-Mais uma vez, eu... Sinto muito.

— *Vá embora.*

Ela fechou a porta em tempo de ver um último olhar de pena por parte dele. Trancou a porta em um estrondo descuidado que Ramon não pôde deixar de perceber, já em alerta desde os berros.

O que a criança viu foi uma mãe irreconhecível. Ao invés da figura decidida, que sempre tinha uma resposta tranquilizadora para tudo, viu uma mulher esquisita, sustentada por uma coluna torta, com ombros caídos e um vestido rosado que parecia um pano velho cilíndrico. Viu um rosto cheio de sombra, lavado por dois fluxos de lágrimas, e assombrado por uma força muito além de sua compreensão.

— *Mãe?*

— Volta pro quarto, Ramon.

— Mas a gente tem que... A gente tem que arrumar os sacos, e...

— Vai pro *quarto*.

Demorou-se mais um tempo até obedecer a ordem, largando o blusão bordô de qualquer jeito e dedicando-se enfim à tarefa. Ela sentou em uma das cadeiras da cozinha. Cobriu a metade de baixo do rosto com uma das mãos, e não conseguiu impedir um outro soluço, que rompeu o silêncio crasso como um trovão atarantado. O barulho, fanho e dolorido, fez Ramon estancar no quarto, petrificado de medo.

Logo o que passou a sentir, por mais ininteligível que fosse, tornou-se palpável como o que fosse aquilo que a mãe sentia. Sentimento molhado, com gosto de sal e temor.

Capítulo 50

Sacrifícios

A chuva caía sem cuidados, desculpas ou não-me-toques em Jinsel. Batia sem misericórdia no chão, nos raros transeuntes, nos edifícios e nas charretes. Encharcava o que podia, invadia as aberturas do que não era sólido o bastante e ricocheteava no que era. Como resultado, o cinza das ruas virava o marrom alaranjado da lama e a escuridão tolerante das poças. Os toldos de goma escura vergavam-se um pouco para o chão, criando cachoeiras ruidosas, e as luzes e cores dos minérios provocavam um mar de reflexões nas paredes banhadas por caminhos d'água; veias vertendo para o chão o que não lhes era próprio, verdadeiros espelhos foscos aqui e acolá.

Era difícil dizer qual lado — o de dentro ou o de fora da charrete que cruzava a cidade, solitária, rumo a um hotel — estava mais soturno. Leo olhava para algum lugar entre a barriga e o pescoço de Beneditt, que estava coberto por uma grossa camisa azul real. Fjor tinha um semblante carregado, pendurado em uma cabeça inquieta. Beneditt olhava com frequência para Leila que, parecendo estar em algum tipo de choque, nunca o correspondia.

— Para a charrete! — Disse Beneditt, estimando a voz para que o cocheiro escutasse.

A charrete seguiu em frente. O ruído da chuva estava muito alta para o condutor, mas não o suficiente para todos os outros, que viraram-se para o baterista sem saber o que estava acontecendo. Beneditt abriu a pequena janela que dava para a parte da frente do veículo.

— PARA A CHARRETE!

Ele fechou a portinhola de novo, um pouco constrangido com o próprio berro e com o rosto ainda mais molhado. Leila observou os olhares dos irmãos quando os yutsis enfim descansaram e todos estabilizaram-se, parando de tremer. Por fim, Fjor virou o rosto enquanto Leo voltou a observar o nada.

— Nós temos que conversar.

— Não há nada pra dizer, Beni. — Disse Fjor, sem olhar para o amigo.

— Não, há *muito* pra dizer, Fjor!

— Fizemos um show ruim, é só isso.

— E quando é que fizemos um show ruim, Fjor? Ruim desse jeito?

— A culpa é minha. — Disse Leo, cortando os ânimos. — Eu vim pra cá prometendo que seríamos grandes, que daríamos certo... Mas talvez nenhuma banda seja assim, eu acho...

— Como assim? — Perguntou Beneditt.

— É... Toda banda tem problemas, tem... Coisas ruins e shows ruins antes de ficar boa.

— Nós já *éramos* bons, Leo... — Disse Fjor, tapando a fronte com a mão que massageava as têmporas.

— Não, nós *éramos* bons pra o que a gente queria, e nós estávamos confortáveis demais... Acho que é bom a gente fazer algo diferente, e...

— E ficarmos ruins no processo? — Perguntou Beneditt, sarcástico.

— M-mas é isso, Beni, é um... *Processo*, entende? Estamos passando por um *processo*, é só isso!

— Nós *éramos* bons pra o que a gente queria. — Repetiu Fjor.

— Quê?

— Nós *éramos* bons pra o que a gente queria. Foi o que você disse. — Respondeu Fjor, encarando Leo. — Por que isso mudou, Leo? Por que temos que ficar aguentando o que esse agente diz para a gente fazer?

— Porque queremos *viver* disso, Fjor, e se a gente quer *viver* disso, temos que fazer o que as pessoas gostam!

— De novo falando do que a *gente* quer...

— O *quê*? — Perguntou Leo, remexendo-se como se quisesse levantar do banco. Não podia. — *Você* aceitou vir pra cá, você está colocando a culpa em mim de novo?

— Não, a culpa é minha também.

— E vocês ficam falando de *culpa*! Como se tudo tivesse sido um *desastre*!

— Desastre é estarmos falando disso, Beni — Rebateu Leo — porque nos sentimos mal, mas isso é *normal*!

— O nome da nossa banda agora é *Ponte Alta*, Leo. Isso não é normal. — Disse Fjor, fazendo as mãos levantadas de Leo caírem sobre as coxas, sem gestos para dizer coisa alguma.

— Eu só acho que... As coisas não têm sido como a gente esperava. — Disse Beneditt.

— É. — Concordou Fjor.

— É o *quê*, Fjor?

— Esquece, Leo.

— Esquece?

— Esquece.

— Você diz que as coisas não têm sido como você esperava, e espera que eu *esqueça*?

A chuva continuava a cair, immortalizando o momento em que Leo apontava para si mesmo. Naquele ínterim Fjor decidia se respondia com sinceridade ou com mais pedidos de desistência de assunto.

— Fala, Fjor. — Pediu Beneditt.

— É que está tudo horrível! *Essa é a verdade!* — Vociferou Fjor, engolindo a forte pulsação no meio de um discurso desembestado. — Tudo que aconteceu até agora foi a gente *mudar isso, mudar aquilo, mudar isso, mudar aquilo e nunca* se divertir tocando, nunca tocar o que nós queremos!

Beneditt e Leo estavam boquiabertos, ofendendo-se um pouco com cada palavra que ouviram.

— Não é isso que eu queria, e... Era isso. Vocês pediram.

Leo olhou para frente, com um barulho que não vinha da chuva chamando sua atenção. Fjor viu o que estava acontecendo, mas manteve o olhar determinado. Beneditt foi o último a perceber, confuso que estava com tudo o que descobria dentro da banda.

Leila chorava, com os lábios trêmulos segurando como represas cheias de rachaduras as lágrimas salgadas.

— O que foi, Leila?

Ela continuava, apertando os olhos de onde saía mais e mais choro. Desviando o rosto e afastando-se para trás, evitou a aproximação de Leo. Com a palma da mão pediu que ele ficasse longe.

— Eu... Eu... — Começou ela, controlando-se ao começar a falar. — Eu quero saber... Por que vocês vieram.

— Eu vim porque achei boa a ideia de ganhar dinheiro fazendo o que eu gosto. — Respondeu Fjor, duro e direto. — E o que eu gosto é de rock. Do rock que a gente fazia.

— *Fjor...* — Repreendeu Beneditt.

— Não, tudo bem... — Intercedeu Leila. — ... Não tem problema.

— Eu acho que você está exagerando, Fjor. — Disse Leo.

— Eu já falei que está tudo bem, Leo, eu...

— Não estou falando disso, Leila. — Ele voltou-se para o irmão mais uma vez. — Você se faz de responsável e-e forte, e...

— ... Se faz? Quer dizer que acha que eu não *sou* responsável?

— ... E você acha que pode escolher *tudo* na sua vida, e fica reclamando quando as coisas não dão certo...

— ... É *claro*, porque eu *sempre* fiz isso, não é, Leo?

— ... *Claro que fez, e ainda faz, você vive* fazendo isso, Fjor!

— ... Eu sempre fui atrás do que eu quero, mas eu *reclamo* quando eu não tenho o que eu quero por causa do que *você quer!*

— Por favor... — Implorava Beneditt, cansado das brigas.

— Mas é *claro!* Porque tudo o que importa é que *você* tenha o que *você quer*, não é mesmo?

— Para o que *eu* quero e o que *eu* preciso eu não preciso levar os outros junto comigo. *Você* é quem vive pensando que todo mundo quer a mesma coisa que você!

— Se você quisesse ter uma banda, então, não precisava ser com a gente, é isso que você quis dizer? — Beneditt tentava mediar a conversa enquanto Fjor rugia de estupefação ao ouvir, incrédulo, as conclusões retorcidas do irmão — Muito prático, isso, Fjor. Até me lembra o *pai*!

— Você não disse... — Falou Fjor, com os olhos ganhando um colorido louco. — *VOCÊ* se parece com o pai, abandonando TUDO pelos seus “sonhos”!

— Eu não abandonei *ninguém*, Fjor!

— Se o Seimor transformar mais a “Ponte Alta” — Conjecturou Fjor, com mais sarcástica intonação — vamos virar uma banda de rock de cidade.

— E qual é o problema?

— Você ficou louco... Quer *envergonhar* nossa vó. Nossa cidade. Quer abandonar *tudo* em que acreditamos...

— Você acha que eu *penso* em ficar agradando a vó, Fjor?! Você acha que eu *ligo* para o que “acreditamos”? E você me diz que *eu* falo dos outros por mim!

— Tanto faz, Leo. Você só quer o dinheiro.

— Seu HIPÓCRITA! — Berrou Leo. Leila levou as mãos aos ouvidos, ainda instável. — Você preferia estar aqui ou *lá*? Lá, em uma fazenda qualquer, ganhando só o que dava pro aluguel e pra comida?

— Leo... Por favor...

Fjor engoliu em seco. A mão em frente ao rosto fechava-se em um punho nervoso.

— Eu prefiro ir embora.

— Fjor, *não*!

Foi tarde. Beneditt não conseguiu agarrar nenhuma parte da vestimenta esverdeada do músico, que saiu da charrete em meio à chuva intensa, e fechou a porta com um estrondo que fez Leo fechar os olhos.

— ... Por que você fez isso, Leo? — Perguntou Leila, baixinho.

— Leila, eu... Perdi a cabeça.

— Você não devia.

— Não me julga, Leila. Por favor.

Leo lançou um olhar chateado para Leila, seguido de um esgar de desapontamento para Beneditt. Os dois músicos que estavam no mesmo banco da charrete se olharam, sem entender.

— Leo?

— O quê?

— O que foi aquilo?

— O que foi aquilo o quê?

- Você olhou pra mim de um jeito estranho.
- Não olhei.
- *Leo*. — Disse Leila, meneando a cabeça, clamando por sinceridade. Ele respondeu com um olhar hostil que nenhum deles tinha jamais visto.
- O que *foi*, agora? *Tudo é minha culpa?*
- Se eu bem me lembro você começou essa conversa dizendo que *era* tudo culpa sua. — Disse Beneditt, sem entender o motivo daquela fúria repentina.
- E se *eu* bem me lembro, você disse que ninguém tinha culpa de nada.
- Não é sobre culpa, *Leo*! — Disse Leila, angustiada. — O que *foi* aquele olhar?
- O que é que você *tem*, Leila? — Soltou ele, parecendo instantaneamente aliviado, mesmo que nem um pouco menos nervoso. — Já faz uns dez dias que você está assim. *Desde* o Mina de Prata. Você me *evita*, você... Você parece sempre triste, ou... Ou sentindo... *Dores*. O que é que você *tem*?
- Não é *nada*, *Leo*...
- Você pensa como o Fjor? Quer ir embora, também?
- *Leo*, *para* com isso!
- *Beneditt*, o *conciliador*! — Riu-se *Leo*, com olhos lacrimejados. — Talvez eu devesse perguntar pra *você* o que ela tem.
- Beneditt parou, honestamente esperando por uma explicação. *Leo* se esforçava para transformar a contração do rosto, que insistia em provocar o choro, em um sorriso amarelo.
- O que isso quer dizer, *Leo*? Eu não...
- Pra quem mais eu perguntaria? Se não para o confidente e companheiro de Leila?
- A guitarrista fechou os olhos, balançando a cabeça.
- *Leo*, não... Não fala isso. — Disse ela, dividida entre a incredulidade e a mágoa.
- Vocês ficam o *tempo* todo juntos, devem saber *tudo* um do outro!
- PARA, LEO!
- Leo* ofegava, esfregando num rompante uma única lágrima que ousou cair.
- Que foi, Leila? Está *mandando* em mim agora também? Ah, mas é *assim mesmo*, não é? Esqueci que você é a *líder*, agora!
- Não seja *ridículo*, *Leo*! — Bradou Beneditt.
- *Leo*, eu não... — Começava Leila, balbuciando explicações.
- Como eu pude *não enxergar*, Leila? É *claro* que você é a *líder*! Você é sempre a primeira a pedir calma quando o Seimor muda *tudo* que a gente faz!

— Há CINCO minutos atrás você disse que não se *IMPORTAVA!* — Brigou Leila, com a voz rouca, passando a mão pelo cabelo enquanto se extenuava falando.

— Eu RELEVO, Leila, eu *IGNORO*, mas é *CLARO* que eu não gosto!

Beneditt não havia percebido o quanto estava nervoso. Estava meio sentado, meio levantado dentro da charrete, assim como os outros dois passageiros. A chuva parecia ter diminuído..

— E eu te...

— Não. — Interrompeu Leila. — Você é um *ingrato*, Leo.

Leo ficou paralisado, com o cérebro começando a doer. Percebeu o quão zozno estava. Olhou para frente para ver uma Leila que praticamente desconhecia: seu cabelo despenteado, seus olhos rudemente machucados, uma expressão de profundo e inextinguível descontentamento. Beneditt não estava muito longe de representar as mesmas coisas. Leo estava sozinho naquela charrete.

Leila deu um soco surdo na parede às suas costas, que ficavam atrás do condutor.

— Vamos *embora!*

E entraram em movimento de novo.



O salão, grandioso em todas as dimensões, estava propositalmente escuro. O teto não tinha cor, não uma que importasse; assim como as mulheres que falavam com ele não tinham nome; nem elas, nem as quase-salas criadas por cortinas semitransparentes, nem qualquer outra coisa. Escadas roxas levavam a um segundo andar que apenas circundava, em sacadas internas, a grande pista central da boate.

— Diretamente de Den-u-pira para Jinsel... — Anunciava um homem negro com uma aveludada e sorridente voz. — *Clarissa... Camp!*

Todos foram ao delírio, aplaudindo e urrando em direção ao palco — e como era massiva a participação daqueles todos, ocasionalmente iluminados mas certamente afins com a escuridão; sombras satisfeitas, pessoas cuja carne e osso enchiam o lugar de vida mas também de ausência.

Coberto com frias luzes azuis que desciam do teto oculto, um vulto feminino alto e esguio ascendeu. Luzes amarelas surgiram, e então outras laranjas, e enfim vermelhas. A tensão construía-se enquanto a sombra, cada vez melhor iluminada, desfazia a exagerada pose e aparecia por completo: uma mulher loira e brilhante, vestindo uma roupa quadriculada vermelha e púrpura, além de um torto chapéu prateado.

Com um sorriso oportuno e sofrivelmente charmoso, Clarissa começou a andar no palco ao ritmo de uma batida que parecia vir de uma bateria. Fjor

logo percebeu que a batida estava sincronizada com uma série de rápidos flashes vermelhos que vinham do fundo do palco. Ao esticar o pescoço, viu que havia uma pequena esfera rubra girando e brilhando a intervalos regulares no palco à esquerda de Clarissa.

— Então... — Disse a garota de escorridos cabelos escuros que Fjor envolvia pela cintura. — Você parou de falar na parte que você... Dizia que era um músico... É *verdade*?



Viraram à direita e enfim entraram em uma rua completamente ocupada pelo bosque frontal do hotel, adornado com uma série de pinheiros e alguns exemplares admiráveis de sequoias. Comprido, ainda que pouco espesso, o prédio tinha cinco andares cheios de quartos com móveis confortáveis, uma jarra de água sempre disponível em cima de uma bem acabada estante e um conjunto amarelo de roupas de cama com cheiro de erva-doce.

A charrete parou logo à frente da entrada sem portas. A frente em si do hotel contava apenas com essa porta e pequenas janelas com grades, úteis apenas para a ventilação. A parede, de um rosa claro e verde-água aplicado à toda altura da construção, fora rebocada de um jeito diferente, com rasuras verticais ásperas. Em momentos parecia um trabalho inacabado. Em outros casos, uma verdadeira obra de arte.

Leila, Beneditt e Leo saíram do transporte e viram que Seimor esperava por eles, com as mãos para trás. Leila parou por um tempo; olhou para o agente, mas retomou a marcha em frente sem dizer nada. Leo escolheu o mesmo caminho. Beneditt, indeciso, seguiu os dois de cabeça baixa.

Parou no segundo degrau da escada em direção ao interior do hotel. Olhou para trás, no início movido por certa curiosidade, mas logo tomado por uma espécie de pena. Seimor continuava parado, mas agora olhava para o chão com o rosto voltado para onde Leila e Leo tinham ido. Beneditt não o tinha em alta conta, mas passou a considerar uma maldade ignorá-lo daquela forma.

— Seimor, eu... Peço desculpas.

— Não deveriam chegar tarde. — Disse ele, num tom seco. — Onde está Fjor?

— Ficou pelo caminho.

Seimor estreitou os olhos e balançou a cabeça num movimento rápido e curto, como se quisesse tirar algo estranho da frente do rosto.

— Como “ficou pelo caminho”?

— Nós brigamos. O Leo falou umas coisas pra ele, ele falou umas coisas pro Leo... No final abriu as portas e foi embora.

— Ele saiu da *banda*? — Perguntou Seimor, aproximando-se e desconectando as mãos.

— Não... Não. — Beneditt sequer havia considerado aquela possibilidade. — Ele só está nervoso. Ele vai voltar.

— É claro que vai. Ele tem um *contrato* a cumprir. Vocês pararam perto de onde?

— N-não sei, eu não... Eu não conheço a cidade. Era uma rua cheia de casas, eu... Não vi nada especial.

— Humpf... Certo.

Seimor deu meia-volta. Beneditt ficou observando por um tempo enquanto ele começava a andar em direção ao condutor, que procurava por alguma coisa em uma das patas traseiras de um yutsi. Voltou-se também para ir embora, mas antes que completasse o giro Seimor virou-se e chamou por ele.

— Ah, e Beneditt... Obrigado.

Beneditt respondeu com um aceno de mão, e enfim entrou no hotel.



— É... Eu faço música! — Respondeu Fjor, quase berrando para poder ser ouvido.

Havia três esferas vermelhas atrás de Clarissa Camp, que cantava e dançava no palco. A da esquerda continuava brilhando no ritmo das fortes e estáveis batidas, enquanto que a do meio estava mais frenética, criando um som diferente de tudo o que Fjor já ouvira. Era incisivo, reverberante e abrasivo, lembrando uma forma sólida e ramificada da água do mar. A terceira era mais calma, criando com um som similar um ritmo de fundo.

— Que música? — Perguntou, com um sorriso solícito, ainda que transversal, a mulher loira ao lado do casal.

— *Rock!* — Bradou ele, suspirando ao final da frase.

Seus olhos focaram com uma dose de estranheza as duas mulheres que o cercavam. Nunca nada tinha acontecido *tão* rápido com ele. Bonitas. Com a pele aparentemente saudável, lisa. Fjor gostava disso. Disso e dos vestidinhos.

— Eu gostava de rock, sabe? Mas aqui é mais divertido. — Diz a loira, com um riso tímido.

— Essa aí não sabe de nada! — Disse a morena, rindo alto. Mesmo não vendo graça, Fjor sentiu-se compelido a rir. Um segundo depois pensou que estava sendo artificial e ridículo. Para elas, de qualquer forma, não parecia fazer diferença.

— Devo dizer... É *difícil*... — Ressaltou Fjor, apertando os olhos e afinando a voz. — ... Fazer *rock* nessa cidade!

— Mas *por quê?*

Fjor abriu a boca, puxando um pouco de ar, e parou para olhar com breve desconfiança para a garota. Ela havia perguntado aquilo de um jeito quase irônico de tão exagerado, mas ele resolveu ignorar aquilo. Ela sorria para ele, boba, esperando por uma resposta sincera com, assumia ele, semelhante sinceridade.

— Porque esse *rock* que eles querem *enfiar* garganta abaixo de todo mundo é um *rock falso*, chato... Estranho... Isso nunca foi o que eu sonhei.

— Meu querido... — Tirando uma das mãos das costas do músico, tocou seu rosto. Na tentativa de fazer um sutil carinho, acabou com uma grosseira pressão do polegar. — Essa conversa de *sonho* é muito estranha pra mim... Eu vou te dizer uma coisa... *Sonhos* são coisas que *não existem*.

— Isso é verdade! — Concordou a loira, balançando a cabeça afirmativamente.

— E se não existem, por que a gente tem que se preocupar com eles, não é *mesmo*, meu guitarrista?

— Eu sou baixista. — Disse Fjor, sério.

— Ah, tanto faz... — Clarissa acabou uma música, e o fim da melodia dançante revelou uma pequena dor de cabeça que ele não percebera que estava ali. Relevou, deixando-a facilmente em segundo plano, quando a mulher a quem abraçava segurou seu queixo. — Ouve só, outra dia a gente estava se perguntando... Qual é a melhor coisa do mundo?

— E eu disse sonhos... — Sussurrou a loira, com a mão à frente da boca para simular ludicamente um segredo.

— Mas ela estava errada, não é mesmo, *Fjor*? Eu lembrei ela que a melhor coisa do mundo são as *mulheres*!

— E *isso* é verdade, amiga...

— Você não concorda, *Fjor*?

— É... — Respondeu ele, começando a rir novamente. — ... Acho que sim...

— Então eu só acho *justo* que quem goste da gente gaste um pouco com a gente, já que a gente é a melhor coisa do mundo. Você tem dinheiro aí, *Fjor*? A gente podia ir para outro lugar...

— Eu? Não... Saí correndo de uma briga com o meu irmão. — As duas imediatamente fizeram um rosto de típica pena. — Não tenho *nada* aqui comigo.

— Como você *entrou* aqui?

— Hmm... — Fjor se aproximou do ouvido esquerdo da garota, chamando a outra para mais perto também. — Acho que eu *penetrei*.

A loira cobriu a boca com as mãos enquanto a morena jogou a cabeça para trás, fascinada em histeria hilária.

— Ai, safado!

Fjor olhou para o palco, ao longe, com um riso mais que satisfeito. Clarissa, com um rosto confiante e poderoso, convidava todos a imitá-la ao bater palmas no ritmo incipiente da música. A esfera de fogo da direita começava a emitir um som chamativo e envolvente, e Fjor teve vontade de dançar por um breve momento que logo deixou existir.

A garota o puxou para um beijo ardente. Ele gostou, vendo com os olhos fechados a fraca luminosidade da festa alucinante ao redor. Quando os dois se separaram, sorrindo e respirando de um jeito que dava ainda mais material para risadas, a loira voltou com um copo de água na mão.

— Quem quer água?

Fjor tomou o copo da mão dela, tomando um gole. De pronto a porção frontal inteira da cabeça doeu em uma pontada que o fez pôr a mão no rosto.

— O que é isso, hein? Esse *jeito* que eu me sinto...

— Está tonto?

— Um pouco...

— Mas é bom, não é? — Perguntou baixinho a morena, já desfeito o abraço.

— É... Acho que sim. No geral...

— Você não conhece mesmo? — Disse a loira, surpresa. — É magia espontânea!

— Aqui a gente chama de *esponta*.

— *Esponta*? — Perguntou Fjor. — É magia, é?

— Aham! Mas sem magos! — Disse a loira, maravilhada.

— Deixa a gente mais relaxada, mais engraçada... — Foi citando a morena — Mais bonita, até, não é amiga?

— Bota o mundo no lugar de novo, isso sim! — Falou a loira, voltando-se para o palco por um instante. — *Uhul!*

Fjor nem percebeu que sorria para a mulher à sua frente, cujos olhos negros já não brilhavam.

— É... Acho que isso vai ser bom pra mim. Botar o mundo no lugar.

— Então a gente vai ficar juntos? — Perguntou a morena, fazendo a loira virar o rosto, agora mais séria, para ouvir a conversa.

— Sim.

— Por causa do *esponta* ou por causa de mim?

— Os dois... — Fjor olhou para a mulher ao lado, e no encontro de olhares um acordo ia se desenhando, para a transparente felicidade de todos. — Pelos três...



— Então foi lá... — Disse Seimor, coçando o nariz. — Deve ter entrado no show da Camp... Não duvido que volte com alguém grudado no pescoço...

O condutor, um homem de sobrancelhas grossas acompanhadas por uma verruga no lado direito do rosto, o informou do lugar onde Beneditt pediu que ele parasse. Seimor, tendo a resposta que queria, começava a se afastar quando viu Leila saindo do hotel.

— Ei — disse, voltando-se mais uma vez para o cocheiro — vá até lá e espere ele sair. Não quero que ele arranje confusão lá.

O homem assentiu com um mexer singelo de cabeça e os olhos fechados. Voltou a andar rumo à última tarefa do dia.

— O quê? — Perguntou Leila, ouvindo parte do que Seimor dissera.

— O que quer?

— Por que você me fez líder, Seimor? — Perguntou ela, serenamente direta. — Você não me disse.

— O que você acha?

— Acho que está tentando me compensar. — Seimor desviou o rosto, desconsiderando a hipótese. — Se for isso, Seimor, eu...

— Não seja *tola*, Leila. — Interrompeu ele. — Acha que eu sinto *remorso*? Acha que eu me *arrependo*? — Ele gesticulava, apontando com as mãos abertas para cima em direção a si mesmo. — Você é muito *dramática*, Leila.

— Então por quê? Por que você me colocou como líder?

— Me responda *você*, Leila, até quando vai fingir que é só um apoio do Leo quando na verdade é a *única* que tem potencial pra *muito mais* nessa banda.

Leila, que percebera ter adotado uma postura ofensiva ao pressionar o agente, agora jogava o corpo para trás.

— C-como é?

— Boa noite, Leila. — Disse Seimor, passando por ela em direção ao hotel.

Capítulo 51

Desastre

Não havia um olhar que não vagasse pela sala sem rumo, sem porto seguro, evitando ao máximo o contato ao preparar-se em Neborum para o que viesse a acontecer — uma batalha de proporções inimagináveis ou um saudável acordo entre damas e cavalheiros, para o bem de todos.

Ramos, possivelmente por ser um dos magos mais velhos e mais antigos no Conselho, foi o votado para ir visitar o quarto de Dresden. Há horas que o castelo dele não estava mais visível, e tanto os sentinelas do centro de Heelum quanto os próprios funcionários do castelo do Conselho disseram não tê-lo visto sair. Preocupados, os magos se reuniram um dia antes do que foi combinado para a segunda reunião de Inasi-u-een e, votando por uma inspeção forçada do quarto do mago-rei, um deveria ser escolhido para ser o invasor.

A quietude sepulcral só perdia em tensão para o intenso barulho de vento do lado de fora dos castelos, trancados nos portões do pé à ponta com cadeados e trincos os mais sofisticados. Olhares cruzaram-se ainda mais assiduamente quando perceberam que o castelo de Ramos se aproximava, remexendo a grama apodrecida. Ramos entrou na sala de reunião com um semblante de paciente surpresa.

— ... Ele está morto.

Silenciosamente exaltados, os magos aprumaram-se em suas cadeiras enquanto restabeleciam os pensamentos.

— O que fazer, agora? — Perguntou Saana.

— Primeiro temos que saber quem foi. — Disse o loiro e despojado espólio de Den-u-pra, Brunno. — Isso foi obviamente obra de um mago.

— Mas como aconteceu? — Perguntou Janar.

— Bem... — Disse Ramos, lembrando-se do que vira no quarto. — Eu não sei, ele... Estava deitado na cama. Não havia sangue. Ele não parecia ferido de modo algum.

— Ele já não era tão jovem... Podem ter sido causas naturais — Pensou alto Saana.

— A quem estamos enganando ou querendo enganar aqui, hã? — Disse Souta, ao lado de Igor. — Vocês *sabem* como ele foi morto. *Ouviram a*

história também, não ouviram?

— Do que é que você está falando? — Perguntou Sylvie, de frente para ele.

— O *roubo*. Maxim, o vendedor de minérios da Cidade Arcaica, que foi morto também. — Alguns balançaram a cabeça, confirmando conhecer o caso perante o olhar inquisidor do espólio e seu escuro bigode de cerdas pontiagudas. — Pelo que encontraram quando o viram na loja dele, alguém deve ter levado alguns minérios de sete lados de lá. . .

— Achava que ele não os vendia mais. . . — Comentou Anke, passando as costas da mão pelo queixo.

— Então procurou por eles, Anke? — Cutucou Duglas.

— Você sabe. . . Temos inimigos. — Respondeu ela, levantando uma sobrancelha para o preculgo de Den-u-pira.

Ninguém mais falou. Ao longe, nenhum deles podia ouvir o som da carruagem, que se aproximava rapidamente. O condutor fez uma parada repentina em frente ao castelo, e Elton saiu de dentro do reboque, andando a passos rápidos em direção à porta do Conselho.

Passou por entre dezenas de castelos no idílico cenário de Neborum com uma velocidade tamanha que nenhum dos magos, intocados dentro dos respectivos saguões de entrada, puderam ver quem era. No entanto, sentiram quando um amontoado de terra elevou-se do terreno em frente a um dos castelos e forçou a porta para dentro com gigantesca força, derrubando-a definitivamente.

Elton passou pelo pequeno morro de terra, parando em cima de seu cume no limite do castelo que estava invadindo, procurando pela alma adversária em um saguão escuro, iluminado por minérios de luz dourados em colunas cilíndricas. Estas abriam um corredor largo até uma outra porta, também dotada de trincos e cadeados.

O monte de terra no qual pisava revoltou-se e, num movimento surpreendentemente rápido, abriu-se e o soterrou, recebendo a adição de mais terra que vinha em lufadas sub-reptícias pela porta, fazendo-o rolar enquanto era englobado por todos os lados, impedindo-o de respirar. Quando ele abriu os olhos novamente, sentindo como se apenas um segundo tivesse se passado, irritou-se com toda a terra que permanecera nas pálpebras e cílios. Zonzo, viu que todo o solo que manipulou estava dividido em dois pequenos morros dos dois lados do saguão, no espaço obscuro para além das colunas.

Não teve tempo de considerar que o mago que ele invadia não deveria ser capaz de fazer aquilo. Tudo o que sentiu antes de ter seu corpo unido ao chão em uma simbiose gelatinosa foi a fria substância preta que emanava da mão de Desmodes.

— O que foi isso? — Perguntou Duglas.

— Entrou no seu castelo, Desmodes... — Disse Anke, com olhos fixos no mago de Jinsel.

— *Saiu* de meu castelo. — Corrigiu Desmodes, devolvendo os olhares dos companheiros. — Fui me certificar de que não era um invasor.

— Isto pode ter sido obra de um filinorfo, não podemos descartar isso. — Disse Janar, apoiando Desmodes.

— Cerca de *vinete* magos como nós nesse prédio e ninguém *viu* um filinorfo?

— Não significa muito, já que eles podem tornar seus castelos invisíveis...

A porta se abriu e Elton entrou, com um rosto suado e duro como pedra em que desgosto e repulsa foram esculpidos.

— Chegou em má hora.

— O que houve? — Perguntou ele.

— Dresden faleceu. — Informou Ramos, em pé ao lado do recém-chegado.

— Não... — Disse ele, rapidamente, olhando para o chão. — Ora... Uma lástima, sem dúvida.

Depois do comentário minimalista e aparvalhado, foi sentar-se entre Sylvie e Peri, do lado da mesa voltado para o fundo do castelo.

— Se ele tiver sido assassinado, apenas um de nós pode ter feito isso. — Reiterou Brunno.

— Alguém pode ter adicionar o minério a um cantil fechado. Ele tinha um? — Perguntou Souta.

— Isso ainda não explicaria como esse alguém passou despercebido por nós todos. — Rebateu Duglas.

— Nossos funcionários estão sob rígido controle, mas quem sabe? — Prosseguiu Brunno.

— Eles nunca teriam acesso a um minério heptagonal... — Complementou Anke, distante. — Seria difícil...

— Desmodes pode ter tido interesse. — Disse Cássio.

Os pescoços voltaram-se novamente para a ponta da mesa oposta à vaga vazia do mago-rei.

— Por que eu teria? — Questionou Desmodes.

— Você tinha ideias de transformação *bem* radicais. Ideias que a gente *sabe* que Dresden *nunca* ia aceitar.

— Esse é um conselho deliberativo, Cássio. — Respondeu prontamente Desmodes. — Dresden *escolhe*, mas ele tem que nos ouvir. Eu iria apresentar a ideia à mesa. Seria estúpido assassiná-lo. Atrasaria meus planos.

— Que planos são esses? — Perguntou Brunno, debruçando-se sobre a mesa.

— Não é hora de falar de propostas. — Intrometeu-se Elton. — Temos que pensar na cremação e em eleições.

A sugestão pegou muitos de surpresa. A pergunta que surgia para muitos era qual seria, em tempos assíncronos, a real necessidade de pressa para as eleições.

— Dresden estava preocupado com o papel do Conselho. — Explicou Elton, olhando cada um dos magos nos olhos. — Hoje *mais do que nunca* precisamos estar *unidos e organizados* contra a ameaça que nos cerca *todos* os dias. Uma eleição rápida e a reunião de Inasi-u-een é o que Dresden iria querer se soubesse que seu tempo estava chegando ao fim. Depois podemos reiniciar as investigações quanto à morte dele. Amanhã mesmo podemos entrevistar os empregados. E não se esqueçam dos soldados lá embaixo.

Os magos deliberaram em implícita harmonia, murmurando concordâncias sem que alguém se arriscasse a dizer em voz alta o que fazer. Desmodes balançava a cabeça, comungando com a opinião geral. Olhou para Elton, que desviou-se para voltar a falar.

— Sugiro que votemos amanhã mesmo.

Informação inútil

Narion permaneceu por incontáveis horas na mesma sala. A dor no abdômen havia acabado, mas isso não o deixava menos preocupado. Ela era, na verdade, o menor dos problemas, já que a última vez que ouvira qualquer coisa do lado de fora foi quando Elton foi embora. Ninguém havia vindo lhe trazer comida, água; uma ameaça ou uma oportunidade. Não conseguia arrombar a porta, por mais que tentasse. Já dormira uma ou duas vezes, sem saber por quanto tempo, e passava seu tempo consumindo-se em memórias pontudas, irrealizáveis planos grosseiros e reflexões circulares.

Captou uma presença do lado de fora do cubículo; quase pensou que aquele era um barulho acidental de quando se mexia. Pôs-se de pé, alerta, quando a porta foi destrancada e três policiais entraram na sala com espadas em punho. Vacilantes, vestiam o traje azul escuro aveludado que Narion reconheceu, piscando na morosa intenção de fechar os olhos. A única mulher entre eles tremia tanto quanto os outros; com um rosto fino e cabelo loiro preso para trás, chegava a quase se agachar em uma posição de luta desconfortável. O homem ao seu lado na triangular formação do grupo também segurava a espada com as duas mãos e, compartilhando do entusiasmo em relação àquela tarefa, trazia nos olhos raiva e uma porção considerável de receio. O mais gordo homem à frente, no entanto, trazia menos medo nas enormes pupilas negras, exibindo uma fascinação sanguínea pura e filtrada.

— Gostou do cativeiro?

— Eu... — Narion observou-os e, paciente, resolveu tentar negociar sua saída. Pensou que suas chances, contudo, eram pequenas. — Não. Na verdade, não.

— É? É mesmo? *Tanto faz.* Viemos aqui te dar o teu próprio *veneno*, al-u-bu-u-na *maldito!*

Com a voz trincando os dentes com esforço, os três avançaram ruidosamente contra Narion, o policial da ponta batendo com a bacia na quina da mesa — ainda que isso não os tornasse menos letais.

Narion não teve tempo de reagir; via os rostos suados e absolutamente exaltados comandarem uma vingança premeditada e intencionalmente cruel,

com o fio perfeito da lâmina descendo em direção aos próprios ombros com letal precisão.

Antes que se desse conta, puxou com o braço direito o arco e em um rápido movimento lateral interceptou as três espadas com brutalidade, afastando os policiais por um momento.

Foi só o que foi preciso para que ele o arranjasse na mão esquerda e puxasse três flechas com a direita, alinhando-as de forma ameaçadora.

— *NÃO!* Não atire! — Pediu o policial à frente, com as emoções em metamorfose.

— Eu não quero atirar. — Disse Narion, ainda tensionando o arco com força. — Mas não duvide que eu *vou* se algum de vocês tentar ir embora.

Com as mãos para o alto, os três olhavam para o algoz que há segundos tinham por alvo fácil.

— Quem é você? Como... Como consegue...

— Não importa. Mas eu não quero matar mais ninguém.

Não quero matar nenhum de vocês, pelo menos.

— Vão até a parede.

— Ele vai matar a gente... — Balbuciou o outro policial à esquerda.

— Não, não vou. Eu *s-só* quero ir embora.

Permaneceram imóveis, sem conseguir acreditar. Narion estava cansado e faminto. Estava pronto para atirar, e sabia que não havia como voltar atrás — não dependia mais dele. Ainda que belicoso, parecia um mendigo à beira de um desmaio.

— P-por favor... — Narion pediu, num quase sussurro.



Andava vagarosamente agora que estava mais seguro; correria do prédio em que ficara trancado por aparentemente uma tarde e uma noite — duvidava que mais de um dia houvesse se passado. Arranjando os pensamentos, recostou-se em uma murada amarela e tirou do fundo da aljava um papel azul dobrado e amassado que, mesmo cheio de rugas e detritos inexplicáveis, servia bem. Era um mapa abrangente e detalhado, mas no qual Narion não conseguia confiar; fora um presente de Lato-u-nau. Ainda assim, era tudo o que ele tinha, e já que o havia levado com segurança a Enr-u-jir poderia muito bem levá-lo ao Conselho dos Magos com a mesma exatidão.

Abriu a folha, que manteve os dois braços bem esticados quando completamente usada. Passou os olhos pela região noroeste, procurando pelo conselho entre Novo-u-joss e Jinsel, mas nada encontrou. Na região sudoeste havia uma miríade de cidades — mas nenhum Conselho.

O mesmo processo desalentador se repetiu em todas as regiões. O Conselho simplesmente não estava no mapa, e Narion pensou que, mesmo tendo morado em uma cidade cheia de mapas e de conhecimento, jamais ouvira falar de nenhum Conselho como esse. Com raiva, Narion começou a caminhar sem caminho pela ruela praticamente deserta em que entrara. O mapa ficou para baixo por um tempo, ao sabor do vento e do chão, no qual roçava em desleixo até que Narion resolveu dobrá-lo e colocá-lo de volta junto às flechas.

Conferiu o entorno. Via um cenário velho e alaranjado, decadente antes mesmo de ter atingido um ápice. Poderia, tendo em vista as escolhas mais óbvias, voltar à avenida de onde viera, ou seguir pelo caminho quase labiríntico de pequenas vias que formavam aquela parte pouco notável da cidade.

Logo na primeira curva viu uma banca simples e quase unidimensional de madeira. Comandada por um homem de pele vermelha e cabelos escuros quebradiços, vendia uma variedade pequena de frutas que, já pecando pela quantidade, tampouco transbordavam qualidade.

Aproximou-se da venda, pensando que pelo menos poderia localizar-se um pouco mais. Viu que havia mais alguém ali: um senhor de idade semelhante à do dono da frutaria, vestindo uma camisa azul-clara com finas listras verticais vermelhas. A calça marrom fazia par com um gorro grosso de tom exatamente igual. Estava sentado em um banquinho, parecendo entretido com as próprias ideias.

— Que dia é hoje? — Perguntou Narion.

— Olá, amigo! — Disse o homem, falando alto. — Como posso ser útil?

— ... Que dia é hoje? — Repetiu Narion.

— Hoje? É... Trinta e nove!

O homem tinha um sorriso bem disposto constante e afinado. Expansivo, dava a impressão de que a única coisa o impedindo de abraçar o freguês em potencial era o próprio estabelecimento comercial.

— Obrigado, senhor.

— Não quer uma maçã, homem? — Disse ele, fazendo o al-u-bu-u-na parar e virar-se novamente. — Vai sair daqui de mãos vazias? *Que isso!* Olha, eu tenho abacaxi, manga, la...

— ... N-não, obrigado. Não tenho dinheiro.

— Ah, certo... — O vendedor lançou um olhar condescendente a Narion, que acabou tendo uma ideia.

— ... Você sabe onde posso arranjar dinheiro?

— Você quer dizer trabalho?

— Sim.

Ele assumiu uma expressão de quem não poderia estar mais longe de saber daquilo, balançando a cabeça para os lados.

— Não sei... Mas sabe que...

— Austino...

O homem de gorro marrom chamava o vendedor com o dedo indicador levantado, e só então Narion percebeu seus olhos estreitos e seus movimentos perniciosamente suaves.

Austino olhou para ele, de volta para Narion e, decidindo-se, pediu por um momento. Juntou-se ao homem e ouviu algo que Narion não conseguia discernir; estavam longe demais para isso. Austino voltou-se para o fugitivo que procurava emprego e, com um sorriso de constrangido alívio, pôs as mãos na cintura.

— Bem... Quem diria? Acho que eu tenho alguma coisa pra você aqui, homem.

Capítulo 53

Ataque-me

— Eu já disse. Foi o Alex.

Galvino, Tadeu e Eva sentavam-se nas cadeiras prateadas, diminuindo a luz dos minérios vermelhos nelas cravejados. Tomavam desjejum em um quase-silêncio que se tornara regra durante os últimos três dias. Tadeu suportou tudo pacientemente — não tinha outra escolha; o que quer que dissesse era encarado com desconfiança, e qualquer coisa a mais o denunciaria sem esperanças de recuperação.

Galvino abriu o pão de trigo e arrancou uma porção generosa do miolo amarelado com a mão, colocando no lugar um omelete laranja e verde, espalhando-o com uma colher. Tadeu balançou a cabeça para os lados; aquele era o dia em que deveria encontrar Amanda, mas ainda não podia sair de casa.

— Você não... Está nem *ouvindo*... — Reclamou Tadeu em baixo tom.

— Você *viu* o Alex? — Perguntou Galvino, ainda concentrado na refeição.

— Sim. Eu fui o único que vi porque vocês estavam preocupados em *lutar*...

— E ele faria tudo isso *apenas* para te irritar. Correria *tantos* riscos, em um dia chuvoso, apenas para pregar uma *peça*.

— Ele já começou tudo mentindo pra você antes da chuva. Você não conhece ele, eu *sei* que ele faria isso.

— Eu conheço o pai dele. A família dele.

— Você é meu pai. — Comentou Tadeu, sem ter encostado um dedo em qualquer um dos alimentos à mesa. Eva comia pouco também, ouvindo a discussão com a já clássica apatia. — Se não confia em mim não deve ser confiável também...

Galvino não repreendeu o filho. Tadeu ainda pensara em perguntar por que o pai jantava com Barnabás antigamente de maneira tão frequente, mas concluiu que se o plano era desbancar a ideia de que tinha algum sentimento por Amanda, uma pergunta desse tipo não ajudaria.

Havia outras perguntas que ele preferia perguntar. Que provavelmente sairiam boca afora quer ele quisesse ou não.

— Para onde quer ir?
— Ninguém me disse como você estava dentro do meu castelo, mãe.
— Para onde quer ir, Tadeu? — Reforçou o pai, como se nada tivesse ouvido.

— O único jeito de entrar é pela *porta*, foi isso que você me disse, pai, e...

Galvino apontou para o filho com o dedo indicador firmemente ereto.

— Esta é a sua última chance. Para *onde* quer ir hoje à tarde?

Tadeu suspirou, evitando devolver o olhar frio do pai.

— Para a aula de cultivo.

Galvino voltou a se concentrar no pão, balançando a cabeça de um jeito sutil demais para que Tadeu entendesse a resposta.



A voz que pronunciava uma saudação elaborada morreu num abraço forte logo depois de surgir.

— ... Você conseguiu *vir*! Eu fiquei com tanto medo, Tadeu...

— Eu também.

— Não sabia do que aconteceu com você depois, eu só...

— Eu estou bem. — Disse Tadeu, sugerindo que sentassem no chão. — Como você fez aquilo?

— Eu berrei. — Respondeu ela, rindo. — Eu não conheço nenhuma técnica, então... Eu só queria fazer alguma coisa louca para chamar a atenção.

— E conseguiu... Mas *onde* você estava?

— Do lado de fora, no lugar mais próximo da sala que vocês estavam, eu acho. Eu andei em torno da casa inteira até encontrar o seu castelo.

— E depois, você ficou... Normal?

— Não, claro que não! — Respondeu ela, enfatizando a afirmação com os olhos. — Eu acabei desmaiando, mas o condutor me achou e me trouxe de volta para casa.

— O que ele falou pro seu pai?

— Ele disse a verdade.

Tadeu continuou esperando.

— Bem, pra nossa sorte ele não *sabia* qual era a verdade, então... — Explicou ela.

— Mas e você, o que disse?

— Que eu fui atacada por um espólio, e que ele fez isso por diversão.

— Seu pai...

— ... Ficou muito nervoso, é claro. Parece que ele fez uma ameaça para os espólios que têm filhos em treinamento. Não sei ainda o que exatamente ele fez, mas... Ele ficou bem chateado.

— Deve ter achado que você não soube se defender.

Amanda deu de ombros, voltando-se para Nauimior com uma expressão menos divertida que antes.

— Obrigado. Você me salvou.

— Sim, mas e você? — Perguntou ela, chacoalhando a cabeça. — O que aconteceu?

— Eu disse que foi o Alex.

— Aquele idiota... — Comentou ela. Tadeu sentiu-se paradoxalmente bem ao ver o quanto ela parecia irritada. Afinal, ela havia se identificado com a raiva dele por um de seus amigos. — Seu pai acreditou?

— Não sei. Mas ele me deixou vir hoje. Não pude ir pra lugar nenhum desde aquele dia.

— Sério?

— Sim. Faltei a aula de tradição. — Amanda sorriu, querendo aproveitar para falar sobre uma das últimas aulas; ambos sabiam bem o quanto detestavam as horas gastas com os ortodoxos professores. No fim das contas, Tadeu já estava adianta na próxima frase, e a ideia desvaneceu. — Nem para uma reunião que o meu pai marcou para mim ele me deixou ir.

— Que reunião?

— Parece que os bomins são responsáveis pela festa de Kerlz-u-sana.

— ... A-acho que não... — Disse ela, estreitando os olhos. — Eu lembro de ter ajudado uma vez quando eu era menor. Só coisas pequenas, que eu podia fazer e quem era adulto não tinha mais paciência. Devem ser todas as tradições que são responsáveis. — Tadeu concordou com tímidas vocalizações. — Mas está um pouco cedo pra isso, não está?

Foi a vez de Tadeu dar de ombros, passando também a encarar o horizonte. Havia esperado por aquele momento, por aquela coleção inteira de momentos, que amarrava proximidade, carinho e intimidade. Mas algo o incomodava. Todas aquelas mentiras, todos aqueles segredos... Tadeu queria a calma do passado, mas conseguia no máximo ser tranquilizado por medidas cautelares no presente, e o futuro não era mais certo do que quando tinham apenas que se esconder sob a desculpa de plantas e raízes.

Amanda arrumou-se como se fosse deitar no colo de Tadeu, mas de última hora parou, olhando para o peito do namorado com uma expressão de incerteza. Ele, que esperava por ela, percebeu que havia algo fora do lugar.

— O que foi? — Perguntou ele.

— Tadeu... É que... Não, não é nada.

Desistindo de continuar aquela frase, Amanda se ajeitou de novo, ficando com os dois joelhos juntos em contato com o chão. Tadeu pressentiu que ela estava preparando-se para dizer algo importante — potencialmente polêmico — e, portanto, arrumou-se também, mais inquieto que ela.

— Amanda?

Estava vindo. Ele quase podia senti-la tremer.

— ... É que... Não é porque o que eu fiz é *necessário*, que... Que tenha sido... *Certo*.

Mesmo depois de alguns segundos processando a mensagem Tadeu não havia entendido o propósito.

— T-tudo bem...

— Não, não *está* tudo bem, Tadeu. — Disse Amanda, com a postura desabando. — Eu te *ataquei*. Te *invadi*. Isso não é certo.

— Bom... As minhas portas já estavam abertas quando você entrou, então...

— Ainda estão, na verdade... — Comentou ela, baixinho, desviando o olhar.

— *Amanda!* — Protestou Tadeu, chocado.

— *Desculpa!* Desculpa, Tadeu! — Pediu ela, tão ou mais assustada que ele. — Desculpa...

Ele queria dizer que estava tudo bem, mas estava surpreso demais. Os dois continuaram se olhando, cobrindo-se com mantos de remorso. A cada segundo em que nenhum sorriso conseguia se libertar, parecia ser mais e mais difícil relaxar de novo.

— Tadeu, eu... Eu só quero que saiba que eu não vou mais fazer isso e que... Que eu quero que você me invada.

O mago bomin piscou uma ou duas vezes; balançou a cabeça a esmo, abriu a boca apenas o suficiente para que um quase som dela saísse, mas mesmo assim não conseguiu afastar a estupefação que o atacara.

— Amanda, isso não...

— É isso que eu quero.

— Amanda, *eu* não quero.

— Mas não é *justo*, Tadeu! — Argumentou ela. — Eu te invadi, você *tem* que ter a mesma chance!

— *Não!* Você fez o q-que tinha que fazer, e eu faria o mesmo no seu lugar, e-e eu não *quero* te atacar!

Amanda desistiu de discutir, bufando com as mãos apoiadas nas coxas.

— E depois... O que é que eu faria com você? Eu não sei fazer nada.

— Sim, mas... — Amanda levantou a mão direita, fazendo-a voar indeterminada pelo ar até pousá-la de novo na perna. — Deixa.

Ela não voltou a se encostar nele, preferindo a parede consideravelmente mais sólida. Encarou o sol com um rosto que Tadeu estava cansado

de decodificar. Seria raiva? Ou era aquela péssima sensação indefinida que ele sentia em relação a si mesmo que o impedia de achar coerentes aqueles momentos de silêncio?

— Amanda. — Chamou ele. Ela passou a olhar para ele. — Estamos fazendo a coisa certa?

— Sobre o quê?

— Nada vai acontecer com a gente?

Amanda desviou os olhos para baixo, de leve.

— Eu não sei. O Alex te viu.

— Meu pai ainda não tem certeza se foi ele quem me atacou.

— É. Isso quer dizer que, se o Alex contar a mais alguém, o seu pai pode ficar do seu lado achando que ele está indo longe demais com uma brincadeira *ou* — Enfatizou ela, pondo a mão no braço dele. — Pode ficar do lado dele.

— É... — Tadeu desviou o olhar, triste com a perspectiva que tinha para o futuro. Talvez aquilo *estivesse* se tornando perigoso demais.

— Se eu já soubesse fazer isso... Eu podia fazer o seu pai acreditar em você.

Amanda trazia no rosto uma arquitetônica decepção.

— Você... Você *faria* mesmo isso? — Perguntou Tadeu, indeciso quanto ao que pensar.

Seria aquilo um confortante desejo de um futuro melhor ou uma frustrada vontade de dobrar alguém a ela?

— É claro. — Disse ela, achando a pergunta estranha. — Isso é por nós dois, Tadeu.

— E você ia invadir *meu pai*?

— Você está... *Defendendo* ele agora?

Os dois continuaram se olhando, percebendo o abismo de incompreensão que se abria entre eles. Tadeu ainda se perguntava se ela estava magoada.

— É só que... Eu pensei que nenhum de nós *gostasse* de usar magia. Eu acho... Meio *errado*.

— Mas é *necessário*, Tadeu. — Disse ela, baixando o tom de voz sem quebrar um constrangedor contato entre os olhos. — Se...

— ... Você viu, Amanda, isso tudo — interrompeu ele, exasperado — está tornando *tudo* mais difícil!

— Não é culpa nossa, Tadeu!

— Mas... — Ele parou, ficando sem palavras.

— Tadeu, não fica assim... Você conhece a magia agora, você sabe do que os magos são capazes... Nós temos que proteger o nosso segredo.

Tadeu a puxou para mais perto, beijou-a com romântica simplicidade e a encostou no próprio peito, acariciando seus cabelos, que já estavam um

pouco mais compridos do que o normal. Perguntava-se se ela os cortaria logo, ou se os deixaria crescer, como a maioria das garotas fazia.



O recente bomin chegou em casa com o máximo cuidado para não se atrasar. Tampouco queria chamar atenção; fechou a porta silenciosamente e subiu as escadas com cuidado. Estava prestes a virar à direita, em direção ao quarto, quando sentiu que alguém o observava.

— Oi, filho. — Disse Eva, de braços cruzados na base da escada.

— Oi, mãe. O pai já está esperando por mim?

Ela balançou a cabeça.

— Será mais tarde hoje. Como foi a aula?

— Foi boa... Senti falta dela.

— O que aprendeu hoje? — Indagou ela, levantando as sobrancelhas em expectativa.

— É... — Ele olhou para o esquerda, controlando seu nervosismo repentino. Não esperava por aquilo. — É... Foi... Alcaçuz.

— Alcaçuz? — Perguntou Eva, balançando positivamente a cabeça.

— É, em Inasi-u-een, ela é boa para...

— Tosse?

Mesmo já estando parado, Tadeu sentiu cada músculo do corpo paralisar de medo. A memória voltava como ferro quente, marcando em toda a extensão de sua pele o ardor da miserável queda inevitável. Já havia usado aquele mesmo exemplo, que há muito tempo Amanda lhe ensinara. A mãe não havia esquecido.

— Filho... Venha aqui um instante.

— Mãe, eu...

— Filho. — Interrompeu ela, olhando-o com uma expressão firmemente indecifrável. — Venha aqui. Comigo. Por favor.

Ele desceu as escadas degrau por degrau, segurando-se ao corrimão. Era necessário; não sabia se poderia ou não cair. Não sabia pelo quê esperar; por uma surra, ou por uma repreensão que chegaria aos ouvidos do pai — o repúdio por parte da mãe, que também era maga? A lentidão era sua forma de tentar enganar a morte, que o espreitava no fim do caminho. Escondida, longínqua. Mas anunciada.

Por que ela parecia uma brincadeira? Uma coisa que não *podia* acontecer com ele?

Eva o levou até a mesa da sala e o fez sentar na cadeira da ponta. Ela sentou-se em outra, próxima à dele. Tadeu não conseguia olhar para ela, e adivinhava que estava provavelmente pálido — de qualquer forma tremia, e começava a sentir gotas de suor por detrás das orelhas, nas axilas e nas

pernas, fazendo a calça parecer mais apertada. Assustou-se quando a mãe segurou sua mão em cima da mesa, com um olhar doce de uma situação como qualquer outra.

— Filho... Se isso for verdade... O que Alex disse de você...

— Não é, mãe, não é... — Suplicou ele, sendo interrompido pelos olhos fechados de Eva.

— ... Tudo bem, filho, mas ouça. *Se for*... Eu quero que você entenda os riscos que está correndo.

— O pai já me disse, ele falou que...

— Seu pai, meu filho, não soube explicar *direito*. — Disse ela. — Eu quero te explicar. Se você for pego, é possível que você não morra. Seu pai não vai querer isso. *Eu* não vou querer isso.

“Talvez por isso ela não pareça real”, pensou Tadeu.

— Mas é possível que *Amanda* morra. É possível que *ela* morra por sua causa.

— Mãe, eu...

— Tadeu, me *escute*. Eu entendo como é. Não conseguir pensar na eternidade. Em coisas que são “para sempre”. Humpf... — Riu-se ela, olhando para o lado por um momento. — Quando eu aprendi a ser uma maga, eu... Usei *muito* a magia. Eu consertava tudo. Fazia tudo ser do jeito como eu queria.

— Eu não sou assim.

— Não foi o que eu quis dizer. O que eu quero *dizer*, filho, é que para mim era *difícil* entender coisas que são para sempre. Sempre foi difícil. Até eu ter você.

Tadeu olhava para os olhos ligeiramente marejados da mãe com uma atenção renovada.

— Eu sou sua mãe, Tadeu. E isso... É *permanente*. Nada *nunca* vai mudar isso, entende? *Consegue* entender?

Ele fez que sim com a cabeça.

— Agora imagine um fato como este... Que você não pode mudar, e é para *sempre*. Mas que seja ruim. E você se culpa *todos* os dias por ele.

Ele pensou em Amanda, e surpreendeu-se com o peso que viu, afiado, afundar em seu peito. Era como se estivesse jogando na lareira da sala onde tinha aulas com o pai todas as memórias que os dois tinham juntos. Aquele era um sacrifício que ele precisava fazer; era libertador, antes de sofrível. Era necessário antes mesmo de desejável, mas ele não se sentia mal.

Ele estava errado, afinal. A morte não esperava por ele. A vida esperava por ele. E isso era irreversível.

— Então, filho... Se você *realmente* a ama... Deve deixá-la ir.

Por rosanos se encontraram no topo de um morro que para ambos tornar-se-ia logo sinônimo de perdição. Por quanto tempo aguentariam?

Quanto tempo até alguém descobrir alguma coisa e eles serem condenados? De que forma morreriam? Jogados ao fogo, degolados, envenenados?

— Na verdade, deve *fazê-la* ir.

Tadeu encostou a mão no pescoço. Tornou a olhar para a mãe, que desenhava círculos com o polegar nas costas de sua mão esquerda.

— Você *sabe* que é o certo a fazer. E você sabe *como*.

— Obrigado, mãe. — Disse ele, tirando a mão da mesa e levantando-se em um salto. — Fica tranquila. N-não precisa. O que o Alex disse é mentira.

E, ainda debaixo do olhar da mãe, subiu as escadas e correu para o quarto, sentindo-se ao mesmo tempo devastado e reconstruído. Fechou a porta e, ao olhar ao redor, tomou a decisão que sentia ser a única que os salvaria — mesmo à expensa de si mesmo, deles dois, e de tudo que já havia sido.

Morte ao Conselho

Era noite alta e iluminada quando os quatro viajantes chegaram à fortaleza norte de Roun-u-joss. Vinham andando, mas só eles sabiam da força que faziam para não rastejar pelo chão até um lugar afastado da estrada, onde sonhavam poder dormir em paz e acordar misteriosamente saciados e sem preocupações. Continuavam andando, sendo ajudados pela certeza de que não tardaria muito para chegar a um descanso minimamente similar.

A fortaleza norte era uma região murada que a estrada atravessava; a não ser que fosse contornada, era a única estrada para Roun-u-joss para quem viesse de Al-u-een. Os muros escuros iluminavam a área exterior e interior a partir de uma miríade de minérios, e do lado de dentro havia uma pequena vila de administradores, fazendeiros e pecuaristas, com uma área para a criação de bufões e plantações diversas, as residências dos moradores e uma zona militar com uma porção notável do exército da cidade. Aqueles que, como Hiram, Kan, Raquel e Gagé, vinham da estrada norte, encaravam uma torre de seis andares, marrom e quadrangular, com um portão suficientemente resistente em seu andar térreo.

Enfim chegaram. Olharam uns para os outros, de posições relativas diferentes no bando. Estavam ansiosos por sorrir mas cansados demais para tentar. Hiram respirou fundo e se aproximou de uma espécie de minúscula janela do lado direito da porta. Kan observava as muralhas, que logo faziam curvas, mas não via nenhum sentinela caminhando por elas; as janelas da torre também estavam fechadas. O lugar parecia inabitado.

Hiram bateu algumas vezes na janela, que assustou ao se abrir imediatamente.

— Mas quem são? — Perguntou uma voz masculina.

Hiram era capaz de enxergar apenas os olhos do rapaz, realçados por uma luz azul parcialmente encoberta.

— Meu nome é Hiram. Joana nos espera.

— Um instante.

O homem tornou a fechar a portinhola, e Hiram olhou para os companheiros. Poucos segundos depois, um estrondoso som de correntes fez-se presente. Todos entraram na fortaleza pela porta, que se abria rangendo.

Não havia ninguém no grande pátio logo após a porta, onde se podia ver claramente a estrada continuar o caminho que logo ladeava casas de um ou dois andares. Por dentro os muros projetavam, perto das bordas, espaços em que alguns soldados se escondiam e pelo qual outros ainda patrulhavam, ocultos para quem estivesse do lado de fora. O chão à margem da rua já não era verde como antes, mas coberto de terra batida e seca.

O homem que os atendera tinha olhos grandes e um rosto alongado. Apesar de sua postura militar, era baixo e andava com dificuldade, mancando na perna direita. Saindo da torre por uma porta ao lado do portão principal, que agora se fechava com mais uma sequência de torcimentos metálicos, lançou a Hiram um olhar respeitoso que continha uma centelha distinguível de orgulho alheio.

— Vou comunicar a Joana que estão aqui.

Hiram balançou a cabeça de leve, e um agradecimento quase mudo de tão rouco saiu de sua garganta.

— É isso? — Perguntou Raquel, analisando o bairro familiar quando o homem se fora. — Estamos salvos?



Depois de virar a esquina de uma rua cheia de casas fixas ao ritmo parado da madrugada, o grupo de filinorfos enfim enxergou uma convidativa luz amarela vindo de uma porta aberta. Era uma casa diferenciada; tinha apenas um andar e pouco espaço, com o exterior pintado em um verde alegre e cativante. Joana estava em pé, encostada ao batente da porta com os braços cruzados. Era uma sorridente mulher alta de curto cabelo claro, cortado de maneira estranha, e cultos olhos esverdeados que se divertiam ao observar os extenuados viajantes.

— Pensei que nunca mais fossem chegar... — Disse ela, lentamente envolvendo Hiram em um abraço.

— Eu pensei também, minha cara... — Respondeu ele, gentilmente. — Estes são Gagé e Kan.

— Muito prazer. — Disse ela, recebendo cordiais e singelos cumprimentos em retorno. — E você... Eu acho que eu já te *conheço*...

— Sua loba... — Disse Raquel, apertando a amiga em um quente abraço.

— Diga-me que tem algo para nos oferecer, Joana, por favor.

— Ora, mas duvidas de minhas provisões, Hiram? — Perguntou a anfitriã, com as mãos na cintura. — Vamos entrando, amigos, vamos, vocês não *sabem* o que espera por vocês...

Eles entraram na casa, observando que ela era tão diminuta quanto o exterior dava a entender. Havia uma mesa retangular de nogueira em uma sala cheia de pacotes e papeis pardos encostados e empilhados às paredes.

Hiram e Kan sentaram-se de um lado, apertados, e Raquel e Gag , de outro. A cozinha ficava logo   frente, sem divisas, e um fogo baixo crepitava   lenha no canto do cômodo. Joana fechou a porta e foi para l , de onde tirou alguns pedaços de carne e colocou em uma tábua.

— O que   que nos espera, Joana? — Perguntou Hiram, alisando sua suja camisa azul-escura.

— Isto! — Disse ela ao colocar a tábua cheia de pedaços de carne em frente a eles.

Todos reagiram exclamando murmúrios de fome. Começaram a comer, pegando os pedaços bem assados com a mão e os despedaçando vorazmente.

— Ficaram bons? — Perguntou Joana, que os observava sem participar da refeição.

— Muito, Joana... — Disse Kan, provocando risadas com sua paixão pela comida.

— Posso perguntar o que é isto?

—   carne de coxa, não  ? — Perguntou Raquel, apontando para Joana para conferir se o chute fora acurado.

—   isso, Quel,   carne de coxa, sim.

— Você cozinha muito bem. — Elogiou Gag .

— Obrigada! — Sorriu ela. — Mas digam... — Joana pediu licença e espremeu-se ao lado de Raquel. — O que aconteceu em Al-u-een?

— Hourin está morto.

— Ah, que  timo. Menos um *rato*...

— E você, o que tem feito?

— Trabalhado aqui, sendo sincera. Recentemente prendemos um mago.

—  timo também. Parabéns, Joana. Como aconteceu?

— Foi engraçado, na verdade... — Começou ela. — Uma senhora veio procurar a polícia há uns dias. Disse que um homem estava perseguindo a pobrezinha.

— O mago. — Arriscou Kan.

— Sim, era ele, mas a polícia não sabia de nada. O engraçado mesmo é o *jeito* que ela descrevia o homem. Parece que quando ela chegava em casa, ele surgia e pedia para entrar. Aí sabe o que ela disse que sentia dele? Pena.

— Ele fazia ela sentir pena dela para deixar ele entrar? — Deduziu Raquel, franzindo o cenho.

— Mas tu sabe que era *essa* a estratégia dele, Quel. — Confirmou Joana, balançando a cabeça. — O maldito fazia ela ter pena, para ela abrir a porta para ele e ele entrava e conversava com ela. Queria ficar ótimo dela, descobrir as coisas, fazer ela confiar nele.

— Mas por que pena? — Indagou Kan, partindo com os dentes um outro pedaço de carne.

— Então, pelo que eu ouvi a mulher era muito fechada, muito tímida, sabe? Ele deve ter tentado fazer ela aceitar ele na casa dela várias vezes, mas ela não aceitava. A pena foi o único jeito.

— Esperto.

— Nem tanto, Quel, aí que está. Ele fazia ela sentir *pena*, mas esqueceu de tranquilizar ela porque ela sempre fingia estar calma, mas na verdade estava morrendo de medo dele.

— Por isso ela foi à polícia. — Completou Kan.

— Os policiais perguntaram para ela se da próxima vez ela ia querer abrir a porta para ele. Ela disse que na verdade queria que ele *nunca mais* aparecesse na casa dela. Aí eles só precisaram se esconder perto da casa dela. Ele apareceu de novo e conseguiu fazer ela abrir a porta. Foi aí que prenderam ele.

A história trazia um elemento a mais de calma para as bocas cheias dos filinorfos, que se limitaram a se sentir bem com a refeição.

— Vocês já decidiram para onde vão? — Perguntou Joana.

Hiram olhou para os outros, buscando confirmação.

— Nós não discutimos isso ainda, Joana, nós... Ainda não decidimos.

— Bom. — Disse ela, continuando a olhar para a mesa. — Há algo que eu preciso mostrar a vocês, mas podem...

Ela foi interrompida por três batidas fortes na porta. Sobressaltada, Joana se levantou, indo até a porta. Ao inspecionar o castelo do intruso, precavidos, sabiam de quem se tratava.

— O que foi? — Disse Joana ao abrir a porta.

O que eles não puderam perceber através de Neborum era o quanto o guardião das portas da fortaleza estava ofegante.

— A polícia de Al-u-een... Está lá fora... Dizendo... Que vão entrar de qualquer jeito!

Os filinorfos à mesa pararam de comer, entreolhando-se.

— Não se preocupem. — Disse Joana, com o corpo já do lado de fora da casa. — Eles não vão entrar, mas mesmo assim escondam seus castelos!



Joana abriu a janela do segundo andar da torre. Nas do primeiro e do terceiro andar arqueiros já estavam posicionados, prontos para atirar. Nas muralhas ao lado, mais de vinte soldados tomavam suas posições, com outros do lado de dentro preparados para substituí-los caso fosse necessário.

Do lado de fora três charretes estavam paradas; no mínimo oito policiais carregados por seis yutsis. Apenas dois deles traziam arcos, e estes, mais afastados, olhavam para o topo como se procurassem por brechas de segurança. Do resto do grupo de agentes que traziam espadas na cintura,

um se adiantara com as mãos para trás, as largas feições barbadas e os olhos estreitos voltados para cima, diretamente para a janela de Joana.

— O que querem?

— Temos razão para acreditar que fugitivos de Al-u-een entraram nesta fortaleza, senhora. — Respondeu o porta-voz.

— Perguntei o que vocês *querem*, policial.

— Queremos entrar e vasculhar por eles.

— Infelizmente não posso deixar.

— Eu fui autorizado pelo delegado e pelo parlamento de Al-u-een. — Argumentou ele, olhando para a frente por um tempo. — Tenho que cumprir minha missão, senhora.

— Aqui não é Al-u-een, senhor. — Respondeu ela, impaciente. — Para mim de nada importa que a permissão venha de Al-u-een ou de Dun-u-dengo. Se quer uma permissão que me faça começar a pensar, contorne a fortaleza e vá até a cidade.

O policial recuou, sem voltar a olhar para a chefe de segurança, e reuniu os outros oficiais. Joana esperava com a ponta do pé batendo nervosamente no chão.

— Vamos buscar a permissão. — Disse o policial de Al-u-een, voltando-se para o portão de novo. — Mas alguns de nós ficarão aqui.

Joana ponderou a decisão.

— Afinal... A fortaleza fica dentro dos muros, não é mesmo? — Insistiu o policial.

— É claro. — Disse ela, por fim. — Podes fazer o que quiser fora daqui.

— Obrigado.

Joana rispidamente fechou a janela e, encostando as duas mãos na testa, organizou a mente enquanto o porteiro da fortaleza a observava, com as sobranceiras arqueadas.

— Vigie-os. — Recomendou ela, por fim. — Não precisamos de muitos soldados para isso, mas... Toma cuidado.



Quando Joana entrou em casa novamente, viu que todos já estavam de pé, os braços fechados ao lado do corpo, praticamente prontos para partir. A carne já era carniça, e Gagé estava acabando de pôr a bolsa de mantimentos nas costas.

— E então? — Perguntou Raquel.

— Vieram procurar vocês. Mas não os deixei entrar.

— Mas eles *vão* entrar, não *vão*?

— Eventualmente... — Confessou Joana, já sem prestar atenção. Foi até a cozinha, com os outros a seguindo com o olhar enquanto ela alcançava uma pequena caixa preta em uma estante particularmente alta.

— Precisamos ir embora. — Disse Kan. — Para onde você vai?

— Não, já é gente demais para onde o meu grupo vai... — Disse ela, pondo a caixa sobre a mesa e retirando dela um papel dobrado, de aparência frágil. — Aqui. Leiam isto.

Joana entregou o papel a Hiram, que abriu-o cautelosamente.

— Leia logo... — Disse Raquel, voltando a se sentar. Kan posicionou-se atrás do ombro de Hiram, procurando ler com ele. Gagé observava a cena de longe, encostado à parede.

Robin,

Há um tempo não nos dedicamos palavras; seja no papel, seja face a face. Como vai? Ouvi dizer que adquiriste uma nova casa na velha cidade. É verdade? Acaso me convidarás para um jantar? Saiba que trarei suculentas frutas e gordos bufões. Isto, é claro, se eu for convidado.

Perdoe-me também pela ausência. Sei que parte da culpa por há muito não nos falarmos é minha, mas devo dizer que a vida em Roun-u-joss para um mago como eu não é simples. Por outro lado, pensei que já tivéssemos superado aquela fase de nossa amizade em que ficaste irritado por eu ter escolhido esta cidade para viver. Como poderia não fazê-lo? Tu és um solitário que nunca amou, tu não me entendes. Não sairei daqui até ter o amor da mulher que amo. Não tem problema viver entre esses grossos orgulhosos que só o que sabem fazer de bom é cozinhar.

— Não entendo. — Disse Hiram. — O que...

— Leia até o fim, Hiram. — Repreendeu Joana.

Ouvi dizer outras coisas a seu respeito também. Se forem verdade, meus parabéns. Por que nunca me contaste? De que importa, de qualquer forma, se podes ainda fazer um favor ao teu velho companheiro, diga ao Conselho que não esqueça de Roun-u-joss. Há magos bons nesta cidade que não podem se comprometer a participar, mas desejariam muito. Ah, como desejaria que alguns espólicios pudessem vir aqui nos ajudar... Como fazem os preculgos em Al-u-een, estou supondo. Esta cidade é rica, Robin, consegues crer nisto? E ainda assim, eles cometem o erro de purgar todos os cargos de magos. Só precisamos de uma pequena ajuda e teremos muito o que comemorar.

Mas isto deixamos para outra hora; para quando me convidares para o jantar, por exemplo.

Saudações,

Renan

— Quem escreveu isto, Joana?

Os outros magos ficaram alertas, curiosos. Raquel levantou-se e tirou o papel da mão de Hiram. Logo dividiu a leitura com Gagé.

— Renan foi o mago que prendemos. — Explicou Joana. — Essa carta nunca foi enviada.

— Então você acha que...

— Eu não *acho*, Kan. Eu tenho *certeza!* — A mulher tinha um brilho tão intenso e resoluto em seu olhar que quando Raquel acabou de ler, não conseguia deixar de olhar para ela. — A aliança magocrata é *real!* Os magos se *ajudam*, não são inimigos! Ajudam uns aos outros. A *controlar* as cidades. Eles controlam *tudo*.

— Conselho... — Solto Hiram, reflexivo.

— Isso tem que acabar. E vocês... E nós... Podemos pôr um fim a isso.

— É para onde você vai? — Perguntou Kan.

— Não. Eu e mais três de nós vamos a Al-u-ber. Temos uma missão lá. Já estamos nos preparando há muito tempo para mudar as coisas de última hora. Mas *vocês*, por outro lado, precisam sair daqui. *Hoje*, ainda. *Agora*.

— Joana, isso é... Um *absurdo*... — Disse Raquel, sem desgrudar os olhos dos dela.

Joana respondeu com um expirar cansado, comprimindo os lábios. Concordava com todos os pesos da frase.

— Esse mago, chamado Robin, eu não conheço. — Recomeçou ela. — Mas vocês podem ir até a Cidade Arcaica para descobrir mais sobre ele. Segui-lo, ou... Ou mesmo fazê-lo dizer onde *fica* o Conselho.

— Nós temos que ir, Hiram. — Disse Raquel.

Gagé balançava a cabeça energeticamente ao olhar para o filinorfo que mais frequentemente tomava decisões. Hiram olhou para a direita, procurando aprovação nos olhos de Kan, mas encontrou uma feição séria que não ousava olhar de volta para ele.

— Nós temos que ir. — Concordou ele, por fim, andando para longe do grupo.

— E têm mesmo. — Confirmou Joana. — *Agora*, antes que seja tarde. Eu conheço um lugar que os policiais de Al-u-een não conhecem.

Raquel dobrou a carta e a entregou para Gagé, que começou a encaixá-la na mala às costas.

— Venham. — Disse Joana, abrindo a porta novamente. — Vou dizendo como encontrar o que comer no caminho até a estrada para o oeste.

Lutar por alguém

— Você... *Quer?*

Tadeu imaginou que Amanda fosse ter paz ao satisfazer qualquer senso de justiça que ela havia desenvolvido ao invadi-lo.

— Não é o que você queria?

— Não, é só que não é o que *você* queria... — Respondeu ela, diminuindo a velocidade ao longo da frase.

— Eu só... — Disse ele, segurando as duas mãos delas com um um carinho que quase o fez hesitar. — Percebi que é o certo a fazer.

— Tudo bem. — Disse ela, parecendo ainda procurar por uma centelha de novidade em seus olhos, que não hesitavam. — Eu vou abrir a porta para você.



Quando Galvino chegou, Tadeu andava de um lado para o outro, visivelmente perdido em pensamentos. Ele poderia apostar que ele estaria em Neborum, mas achou uma aposta muito arriscada.

— O que foi, Tadeu?

— Oi, pai. Eu quero perguntar uma coisa.

— Você não parece bem.

— Eu queria saber se...

— Acalme-se. — Galvino levantou a mão, interrompendo-o, e logo transformou o sinal de parada em um convite para que ele se sentasse. O fogo ardia na lareira; ele não *podia* estar daquele jeito por causa do frio. — Pergunte.

— Antes de começar a aula eu queria saber se existe alguma técnica para fazer alguém gostar de outra pessoa. E se você podia me ensinar.

Galvino sentou-se em frente ao filho e, sem tirar os olhos dele durante todo o processo, respirou pesadamente antes de começar a responder..

— Existem... *Muitas* técnicas quanto a isso, meu filho, mas não vou lhe ensinar nenhuma.

— Por que não? — Perguntou Tadeu, franzindo o cenho.

— Você não está pronto. — Disse ele, fazendo cair o olhar do aprendiz.
— Sim, Tadeu, essa é a realidade. Técnicas dessa natureza são complexas demais.

— Por quê? O que é preciso para dar certo?

— Não vou lhe dizer, Tadeu, não insista. — Reforçou Galvino. — Mas posso explicar por que elas não são simples.

Tadeu não piscava enquanto apertava uma mão com a outra, com os dois antebraços sobre as pernas.

— Pessoas que não são magas, Tadeu, e até mesmo os magos que não sentem a sua presença no castelo deles... Eles podem não lutar contra você enquanto você os ataca, mas não significa que sua técnica terá o efeito que espera.

— C-como assim?

— Você pode controlar as pessoas de muitas formas, Tadeu. — Galvino ajeitou-se, voltando a encarar o filho com mais proximidade. — Mas elas também podem resistir. Você pode tentar fazer com que eu sinta vontade de me jogar na lareira, mas não significa que eu vá fazer isso.

— Mesmo que você tenha vontade...

— Sim, mesmo que eu tenha *muita* vontade, eu ainda posso vencer se acreditar naquilo que eu *penso*.

— Funciona com todas as tradições?

Galvino meneou a cabeça, calculando as palavras.

— Sim... Você pode resistir a uma técnica preculga se acreditar no que você *sente*, e tudo aquilo que você *sente e pensa* pode fazer você resistir ao que um espólico queira que você faça. Tudo depende de muitas coisas. Depende do mago também. Da força dele, no caso dos espólicos, mas também da discrição, por exemplo.

Tadeu concordou, olhando para o chão. Quais eram suas opções?

— E não é possível *mesmo* fazer magia em si mesmo?

— Não, isso não é possível. Você sabe disso, não é assim que magia funciona. Magia acontece quando uma pessoa ataca outra. *Isso* é magia.



Tadeu passou pela porta de uma das largas torres do castelo de Amanda. O iauomo da garota fechou a porta com suavidade, e Tadeu não pôde deixar de olhar para as costas dele. Amanda estava reconhecível, mas diferente. Em Neborum ela parecia brilhar; parecia ser mais alta, ter um cabelo mais claro e uma pele mais limpa.

O saguão, ocupando toda a extensão e forma da torre, estava bem iluminado pela luz do sol que entrava pelas paredes. Nelas desenhos rudimentares se formavam com as divisórias de pedra entre pedaços planeados de

vidro. Enquanto animais e formas humanoides eram representados nas janelas, um mosaico gigantesco e colorido de formas geométricas cercava a área de uma escada circular de corvônia.

Agora era Amanda quem o via, atônito, analisando com a boca semiberta o trabalho meticuloso no interior do castelo. Ele se voltou para ela, que sorria.

Os dois ainda estavam de mãos dadas e o sol ainda não começara a se pôr; Tadeu não resistiu e beijou-a de surpresa, demorada e calorosamente, apertando sua mão por volta da cintura dela.

— Seu bobo. — Disse ela, risonha, ao afastá-lo gentilmente. — Ficou tudo tremendo lá...

Tadeu abafou um riso e voltou a observar a companheira no castelo dela.

— Sobe! — Disse Amanda, apontando para a escada. — Dê uma olhada... Eu vou ficar esperando.



Tadeu reencontrou, com a ajuda do condutor da família, a biblioteca que tinha visitado com Anabel. Entrou e varreu o lugar com os olhos, encontrando quem procurava. Aproximou-se dela no fundo do primeiro andar ao sentar em uma cadeira livre na mesa. A jovem, sem se assustar, simplesmente virou uma página do livro que lia, sem entusiasmo. Logo fechou-o de todo, olhando para o visitante.

— Oi, Tadeu. — Saudou-o Anabel, com um sorriso tristonho. — Como vai?

— Bem. — Respondeu ele, sem a menor preocupação de esconder a urgência da voz. — Eu preciso de você.

— O quê?

— Eu preciso da sua ajuda. Quero saber se você consegue fazer uma coisa.

— Fazer o quê?

— Uma técnica bomim de...

— *Sshh!* — Disse ela, automaticamente procurando por alguém que tivesse acidentalmente escutado àquilo. Não havia ninguém perto o suficiente. — Fala mais *baixo!*

— Desculpa... — Pediu Tadeu. — Quero saber se você consegue fazer alguém gostar de outra pessoa.

Anabel entreabriu a boca, olhando com curiosidade para Tadeu.

— Gostar... Gostar *como?*

— Eu quis dizer... *Amar.*

— Hm... Por que você está perguntando isso pra mim?

— Porque meu pai não quer me ensinar e... Eu sei que você é mais experiente, então...

— Eu... — Começou ela, sem conseguir terminar o que quer que pretendia dizer.

Tadeu a olhava fixamente, como se esperasse dela uma decisão que fosse salvá-lo de uma doença.

— É muito importante, Anabel. Por favor. Eu *sei* que magos não costumam compartilhar as coisas assim, mas eu não *vou* usar isso contra você.

— É *claro* que não. — Disse ela. — ... Você quer fazer alguém gostar de você?

Tadeu negou, olhando cautelosamente para os lados.

— Quero fazer *outras* duas pessoas se gostarem.

Anabel parecia julgar a questão internamente. Passou os dedos pela grossa capa do livro sobre a mesa, que ela acabara de fechar.

— Vai haver consequências, Tadeu. Sempre vai.

— Eu sei. Eu *quero* as consequências.



Amanda abriu os olhos, mas Tadeu continuava com os seus fechados. Era estranho, pensava ela, que ele ainda não conseguia fazer algo tão simples quanto simplesmente andar por Neborum de olhos abertos. Apenas para se certificar de que ele já tinha subido as escadas, olhou para o saguão. Não encontrou mais ninguém ali.

Ela suspirou enquanto esperava o fim da visita. Pensou que era curioso que não sentisse nada, mesmo *sabendo* que alguém a invadia. Nenhuma dor ou sensação estranha. Nem mesmo cócegas. Ou cólicas.

Tadeu, por sua vez, parecia estranhamente compenetrado. Engolia com dificuldade, e por vezes apertava os olhos, como se tivesse um pesadelo. Pigarreou uma ou duas vezes, e começava a apertar fortemente as mãos dela.

— Ai! — Reclamou Amanda. — Cuidado, Tadeu...

— D-desculpa... — Pediu ele.

Ela não disse mais nada, temendo atrapalhar sua concentração. Por que ele precisava se concentrar tanto, afinal?

Deixou sua cabeça vagar para longe daquilo; não adiantava pensar muito naquele instante. Mais tarde teria outra aula com o pai — e aprenderia a lutar. Se houvera alguma aula que ela tinha esperado não ter era uma daquele tipo; jamais se dera bem com o corpo em movimento e nunca se interessara por armas. Era um grande azar que os preculgos lutassem justamente assim.

A imagem de Jorge, grandiloquente e levemente ameaçadora, surgiu em sua cabeça. É, talvez o pai tivesse alguma reunião com ele ou algo do gênero, e a deixasse sem uma aula por um dia. Mas que diferença faria? *Al-gum dia* teria que aprender aquilo de qualquer maneira, ou jamais seguiria adiante.

Pensou logo em Gustavo. Em quanta sorte tinha por encontrá-lo. Ou, talvez, nem *tanta* sorte; ele não a estava ajudando muito ultimamente. Mas, por outro lado, por que precisava de sua ajuda? Gostava dele, independente de o quanto ele fosse útil ou não — talvez ele até voltasse para a cidade da qual tanto sentia falta, mas... Mesmo se o fizesse, ela ainda gostaria dele. E sentiria sua falta. Que *ótimo* seria se não precisasse senti-la!

Voltou a se lembrar da primeira vez em que o viu. Como ele foi solícito, ainda que intrometido, e como a honestidade dela acabou ferindo-o um pouco. Será que ele já havia se recuperado daquilo, e agora confiava nela? Amanda não queria perder sua confiança. Não, *definitivamente* não queria.

Sorriu, pensando que era realmente algo ter começado a se importar tanto com ele.

Abriu os olhos, percebendo com um constrangido susto que os fechara.

— Tadeu? — Perguntou ela. Ele continuava de olhos fechados. — *Tadeu?*

— Acabei. — Disse ele, de supetão, abrindo os olhos. — V-voltei pro meu castelo.

— Acabou *o quê?* — Perguntou ela, afastando-se dele.

— Eu não fiz nada, Amanda. — Defendeu-se ele.

— Não é *justo*, Tadeu! Eu disse a você o que eu fiz, e-e você me invade e...

— Eu não fiz nada, eu juro! — Amanda sentiu um arrepio ao ver a imagem de um Tadeu assustado. Ela o havia deixado daquele jeito? — Só caminhei pelo castelo, mais nada!

— Mas... — Dizia ela, percebendo o quanto ofegava. — P-por que você estava de olhos fechados, então?

— Eu... Não sou tão bom quanto você.

Ele a olhava como se esperasse por alguma reação; uma que ela não sabia corresponder. Forçou um sorriso e avançou em direção a ele, abraçando-o forte. Pôs a mão na nuca quente do rapaz, revisando a estranha experiência.

— É só praticar, Tadeu. Você vai melhorar.

— Eu não sei se eu quero melhorar...

O sorriso desapareceu do rosto de Amanda, que sentiu como se uma âncora a puxasse para do mar, arrastando-a por toda a cidade em direção à praia.

— C-como assim?

— Eu não sei se gosto de ser um mago, Amanda.

— Tadeu, isso é o nosso *futuro*. — Disse ela, voltando a segurar as mãos do namorado. — Isso vai ajudar a gente a sermos o que a gente quiser, porque...

— Menos um casal, Amanda. — Disse ele, quebrando com crueldade o pensamento de Amanda, que passou a olhar para ele com olhos assustados. — Podemos ser qualquer coisa, menos estar juntos, então...

— *Tadeu!*

— ... Se eu tiver que escolher entre ser um mago e estar com você, eu...

— Tadeu, *não dá* pra voltar atrás! — Ela o segurava pelos pulsos, chacoalhando-o. — E-e você tem que... Tem que *abraçar* a magia e ficar o melhor que você puder para que não controlem a gente e-e...

— Amanda, você não *faria* o mesmo por mim?

Ela parou de agitá-lo, percebendo o quão nervosa ficara. Ele a olhava com um rosto deprimido. Ela viu-se desviando o olhar, envergonhada.

— Tadeu, eu... Heelum é dos magos. Você tem ideia de como os que não são magos vivem?

— Eu sei. Muitos são pobres.

— Mas você não sabe o que é ser pobre, Tadeu...

— *Você também não!* — Argumentou ele, aumentando o tom de voz.

— Eu *sei*, mas o que eu *sei* é que eu não *quero* ser pobre... Se nós não usarmos a magia em nosso favor, vai haver outros magos que vão usar, e nós vamos ficar para trás. Nós *temos* que fazer isso.

Ele deixou de olhar para ela.

— Tadeu?

Engolindo o choro que se aproximava com uma força monstruosa, o mago bomin balançou a cabeça e esfregou o nariz. No silêncio, prevaleceram os signos; ele a trouxe pra perto e a apertou, barrando as lágrimas com uma determinação que ele nunca havia sentido. Ele certamente entendera. Ele *tinha* que fazer aquilo.

Parte VII

Brilhante futuro

Capítulo 56

Vencedor

O silêncio, artificial, era um bloqueio surdo e opressor dos sons que a cada segundo apertavam-se contra as orelhas de Lamar naquela noite. Kerinu encostava a palma e os dedos da mão nas costas e no braço do mago, respectivamente, e se antes eram completamente percebidos agora queimavam como brasa, alastrando pelo corpo uma sensação de dormência que Lamar interrompeu, mais uma vez assustado. Arrepios assentaram Lamar em si mesmo; a dormência sumiu como capa que se despe, e ele pôde ouvir de novo a voz de Kerinu.

— Lamar... *Lamar!*

Ele ainda não havia percebido que Lamar voltara. Passou alguns segundos fingindo se concentrar antes de perceber que não conseguiria mais nada naquele momento. Soltou os ombros, enfim, murmurando desculpas.

Kerinu saiu de perto, bufando depois de um silêncio curto. Lamar sentia-se frio. Abraçou-se enquanto olhava para o assoalho de madeira, tremendo de desconforto e vergonha. Sentava no chão. Vestia roupas verdes e velhas de Kerinu, que nele ficavam apertadas; pensava, contudo, que o objetivo de fugir não era ter conforto.

— Está pronto? — Perguntou Kerinu, voltando com um tom de voz controlado.

— Estou.

Lamar fechou os olhos e baixou ainda mais o pescoço. Sentiu Kerinu apoiá-lo nas costas enquanto sua visão ficava vermelha.

Contraíu o tronco pra frente, sem querer ou saber; Kerinu forçou o peito do mago para trás, segurando-o num equilíbrio forçado e difícil. Luzes, tonitura, sons de ferro e fogo tomaram seu crânio de assalto. Procurou a cabeça com as mãos; encontrou-as e sentiu tanto alívio quanto Kerinu permitiu que sentisse — o mestre logo arrancou as mãos de lá com violência, e os mundos oscilaram.

Ele abria os olhos, piscando, mas via apenas escuridão. Mesmo sem enxergar intuía uma sala em expansão, com as paredes para todos os lados tornando-se mais e mais distantes. Via-se em um mundo gigantesco, escuro e solitário.

Seu corpo enrijeceu; já não tinha mais certeza se sentia mesmo seu corpo ou se olhava para mãos que eram suas de fantasia; meros brinquedos de verdade. Não sentia Kerinu ao seu lado, mas de alguma forma sabia que ele estava ali. Foi criando uma consciência cada vez maior, recuperando os sentidos, e a dormência tomou conta de um envólucro que ele sentia unir-se mais e mais aos próprios pensamentos tristes. Entendeu que fechara os olhos. Ao abri-los, recuperou a audição.

Só então ouviu que berrava a intervalos regulares, num lamurio urgente. Sua barriga fremia em espasmos no mesmo ritmo tresloucado do peito.

Kerinu se levantou. Lamar, caindo de lado, não conseguia ver a expressão em seu rosto.



A casa ficava perto das copas das árvores mais altas que Lamar já vira em sua vida; sequoias eretas como soldados destemidos. Mesmo feito com uma madeira feia e irregular a casa dava uma suficiente impressão de solidez. No chão havia minúsculos buracos e frestas em que se podia vislumbrar o *verdadeiro* chão, distante e cheio de folhas.

Não havia portas ou janelas; apenas lugares em que tábuas não foram postas. A diferença entre os cômodos era marcada por tiras de folhagens que balançavam quando alguém passava, devolvendo o distúrbio em leves cócegas, e aquilo que convencionou-se ser o quarto era atravessado do chão ao teto por um tronco de espessura média e textura doce.

Kerinu estava sentado em um canto, olhando para cima enquanto os dedos de uma das mãos massageavam os da outra. Lamar estava em frente a ele, inerte. Já havia dois dias que estava ali e o resultado era sempre o mesmo; tentativas fracassadas de chegar a Neborum.

Lamar se assustou quando ouviu um som esganiçado vindo do céu, parecendo terrivelmente próximo a eles. Quando o eco se acabou e a sombra do onioto passou, Lamar olhou para Kerinu com um sorriso conciliatório, buscando naquilo uma fatia de humor que fosse.

— Eu tinha me esquecido de como eles eram grandes.

— Lamar... — Retorqui Kerinu.

— Eu acho que você não precisa ficar as...

— Você *tem* que fazer isso, Lamar... — Interrompeu Kerinu, apertando a testa com os dedos.

Lamar não sabia para onde olhar. Suava como se precisasse contar uma notícia ruim.

— Por favor... Por favor, Lamar, você *tem* que fazer isso...

— Eu estou tentando, eu *juro* que tento, mas...

— Não está tentando o *bastante*.
— Eu *estou*, Kerinu, é que...
— Você não pode nem dizer que eu não *sei* como é, porque eu *sei*...
Você só tem que se *entregar*...
— ... E depois começa o *horror* de viver naquele lugar...
— Enquanto você pensar assim...
— Não é fácil para mim, nunca foi, e...
— Não vai ser *fácil* quando eu me *arrepender* da decisão da Myrthes, Lamar! — disse Kerinu, levantando-se abruptamente.

Segundos vazios seguiram-se à hesitação de Lamar. Kerinu deu uma volta no quarto, como se precisasse dar vazão com as pernas ao que pensava.

— N-nós somos amigos, Kerinu — começou Lamar — c-como você pode se arrepender d-da decisão da...

— Porque ela é *MINHA IRMÃ*, Lamar! Ela é irmã de um *alorfo*, você não *entende*? As coisas... — Ele apontava para si mesmo com mais tristeza do que raiva. — As coisas que eu *faria* por ela, você... Se descobrissem quem eu sou e quem ela é de mim seria tão *fácil* machucá-la para me *atingir*!

— E você não acha que eu *sinto* isso? Eu me *preocupo*!

— Enquanto você não souber se defender, Lamar, minha irmã não vai ficar em segurança.

Os dois trocavam meias certezas com peculiar fatalismo. Kerinu estava irredutível, e Lamar rendia-se de coração ao alto àquelas palavras. Lembrou-se de tantos momentos ao mesmo tempo que soluçou, os olhos enchendo-se de lágrimas numa pancada só. Kerinu fechou os olhos, irritado com a reação.

— Eu... Eu juro, Kerinu, eu...

— Não jure, Lamar. Só *faça*... — Respondeu Kerinu, voltando a se sentar no canto. Virou a cabeça e fechou os olhos, ignorando os outros sons na sala.



O sol já não estava mais tão baixo no horizonte de folhas quando os dois acordaram.

Nenhum deles descansou o bastante. Lamar esfregava os olhos enquanto Kerinu já enchia uma tigela com cereais frios. Sentavam no chão, meio distantes, meio próximos. A luz amarela entrava no quarto através de raios irregularmente distribuídos; a árvore ao centro do cômodo fazia dos feixes verdadeiras espadas de fogo.

Kerinu comeu com velocidade, e Lamar apressou-se para acompanhá-lo. Não se olharam ou se falaram; os sons da floresta lhes fizeram companhia

por um tempo que esticava-se, modorrento. Depois que percebeu, com o canto do olho, que Lamar acabara, Kerinu foi até ele para recolher os recipientes. Logo voltou, sentando-se ao lado do aprendiz.

— Vamos lá. — Murmurou com objetividade Kerinu.

Lamar sentiu o cauteloso toque do alorfo em seu ombro e fechou os olhos, sentindo arrepios que ele já não mais sabia de onde vinham. Já estava quase indiferente a eles, de qualquer forma. Respirou fundo e deixou os ombros caírem, tentando relaxar o quanto pudesse, preocupando-se pouco com o próprio corpo.

Deixou de ver a negritude dos olhos fechados e passou a enxergar a cor de sangue, viva e quente. A mesma pressão nos ouvidos do outro dia selou sua audição, e ele a sentiu em seu corpo todo, horivelmente forte, como se fosse puxado por cinquenta correntes. Lamar sentia sua pele sendo tragada cada vez mais para o fundo. Sua garganta se fechava, e alguém parecia apertar algo em seu nariz e seus olhos. Tentou apertá-los; acabou respirando mais fundo e ouvindo de algum lugar acima de si uma cristalina mensagem de esperança. Precisava deixar acontecer.

Kerinu observava com preocupação a respiração apavorada de Lamar, que vergara-se para trás como se esperasse eternamente por um espirro. Uma mão espalmou-se contra o chão em uma contração súbita.

Sua cabeça foi atravessada por uma dor lancinante, como se as correntes que o puxavam se concentrassem ali — em pressionar sua cabeça; em apertá-la, puxá-la, torturá-la. Depois que a dor passou, era como se estivesse dentro de um corpo novamente. Um corpo que parecia muito o seu. Estável e sólido como o seu, e não etéreo como o que quer que tinha sido até então.

Quando abriu os olhos, sentiu-os queimando imediatamente. A vermelhidão intensificara, escurecendo, e era tudo o que ele via; ao abrir a boca para expressar sua dor começou a sufocar com uma ânsia de vômito que nunca se realizava. Ele dizia a si mesmo que devia deixar acontecer, mas nada acontecia. Nem as lágrimas ele sentia mais.

Agarrou o pulso de Kerinu, mesmo sem saber. Abriu bem os olhos e, arrastando a garganta para formar um arranhado sussurro, clamou:

— A... *Ajuda...*

Kerinu engasgou.

Em dois segundos já estava atravessando o corredor estreito de gramíneas que separava os dois castelos. Explodiu o portão do muro decadente de Lamar, e fez o mesmo com facilidade na porta, mesmo sem ser preciso; estava entreaberta, e com um estrondo abriu caminho, irrelevante.

— ONDE? *ONDE*, LAMAR? — Berrava Kerinu para um corpo que já não respondia com palavras.

Kerinu examinou o saguão de entrada e estava tudo no seu lugar, como ele se recordava de ter visto há apenas algumas horas. O salão era cinzento e pequeno — o castelo de Lamar em geral não era espaçoso. As colunas eram as únicas coisas limpas em meio a um caos de poeira e abandono, e no canto direito havia um amontoado gigantesco de terra contra a parede. Kerinu estava prestes a começar a procurar por Lamar em uma das salas do primeiro andar quando um pouco da terra caiu, rolando até o chão a partir de um tremor em toda a estrutura da pirâmide de gleba.

Kerinu olhou de novo, incrédulo. Mexeu-se, enfim, passando rapidamente a cavar a terra. Achou um indício de tecido; passou a cavar ainda mais rápido, achando enfim o rosto de Lamar.

Kerinu sentiu algo estranho e voltou à casa na árvore. Percebeu que acompanhava Lamar, que se levantara e agora cambaleava no mesmo lugar.

Lamar começou a libertar-se da terra e de raízes persistentes, fazendo força para sair de dentro da terra. Kerinu começou a ajudar enquanto, de volta à casa na árvore, viu que Lamar começava a empurrá-lo para fora da sala.

— Lamar! *Lamar!*

Kerinu tentava resistir, mas dividia sua atenção entre o corpo e o iauomo de Lamar, que tossia e esfregava freneticamente os olhos.

— Calma... *Lamar, CAL...*

Não chegou a terminar. Lamar o fez atravessar os dois cômodos. Chegaram até uma área completamente aberta; uma espécie de varanda sem apoios, usada como via de acesso através de um pequeno elevador lateral. Lamar, completamente alheio, só parou quando perdeu contato com Kerinu, que caiu.

— LAMAAAAAAR!

Kerinu berrou de dor quando conseguiu agarrar algumas tábuas sobresalentes, ficando suspenso pelas mãos. Os galhos embaixo eram finos e raros demais para salvá-lo de uma queda brusca.

— LAMAR, VOL... LAMAAAAAR...

Lamar andava de um lado para o outro, absolutamente tonto e com os olhos marejados. Tudo o que via era formas e cores que não faziam sentido.

— Lamar... — Ofegou Kerinu, com o corpo perpassado por calafrios. — Perdão...

Ergueu a palma da mão direita, projetando uma corda negra que voou em direção ao pescoço do mago aturdido.

Kerinu continuava pendurado na sacada, suportando a dor nas mãos e nos braços; já não balançava mais, mas não sabia quanto tempo conseguiria aguentar.

A corda girou o iauomo de Lamar e o levou em direção à parede, transformando-se logo em uma massa que o cobriu por inteiro.

Lamar parou de zanzar sem rumo no primeiro cômodo da casa d'árvore e, recuperando o tino, correu até a varanda. Desprovido de expressões ou palavras, começou a puxar Kerinu de volta pelos pulsos. Ele não era muito forte, mas Kerinu o obrigou a dispor de toda sua força.

Depois de um momento de adrenalina, estavam ambos com todos os braços e pernas seguros, descansando ao léu. Kerinu dissipou a corda que prendia Lamar à parede do próprio castelo e saiu dali, deixando de prestar atenção a Neborum completamente. Deixou que a bochecha ficasse encostada na fria e úmida madeira do chão e fechou os olhos. Sentia a própria respiração em uníssono com a de Lamar, que simplesmente olhava para o céu.

— Kerinu... — Disse ele, voltando-se para o lado. — Kerinu, eu voltei... Está tudo bem?

— O que foi, Lamar? — Indagou ele, sem abrir os olhos.

— Eu te... Eu te levo para dentro...

Lamar observou o corpo, olhando para os membros com indecisa vontade de agir. Não sabia qual era a melhor forma de carregá-lo, mas preferiu tentar levá-lo pelos braços. Não conseguiu nada além de puxá-lo um pouco, o que foi o suficiente para incentivá-lo a se mexer. Kerinu levantou-se sozinho e, com Lamar o acompanhando, sentou-se no chão da sala com um tom semimelancólico no rosto exausto.

— O que aconteceu no meu castelo, Kerinu? Eu vi que eu saí de dentro de... Alguma coisa.

— Eu não... Consigo imaginar o que você sentiu ou *viu*, Lamar, eu... Não imagino.

Kerinu balançou a cabeça antes de continuar, ainda se recompondo.

— Você estava debaixo de um monte de terra. Sua alma. Um *monte de terra*. Por isso foi tudo tão... Ou *mais*... Difícil para você.

— Um monte de terra? *Dentro* do castelo?

Kerinu confirmou com a cabeça.

— Não sei como, mas você estava lá. Soterrado.

Lamar franziu o cenho enquanto olhava para os próprios pés. Não prestava atenção aos pelos que cresciam, desgovernados, ou às unhas completamente rosadas.

— Foi Tornero.

— O quê?

— Foi Tornero, ele... Na minha segunda aula em Prima-u-jir ele me visitou, e... Foi à aula e me atacou para que eu não notasse quem ele era e depois veio pedir que eu parasse.

— Que parasse de dar aulas?

— Sim, e-ele contou que me atacou e atacou os meus alunos, e... Eu lembro que ele disse que me soterrou... No meu próprio castelo.

Kerinu inspirou lentamente, deixando as pálpebras caírem sobre os olhos.

— Eu fui atacado depois disso. — Continuou Lamar, comprimindo a memória. — Mas foi tudo arranjado por ele. Devo ter sido deixado debaixo da terra de novo...

— Sim, você *estava* debaixo da terra.

Os dois ponderaram a situação por mais alguns momentos de paz após a guerra. Aquilo mudava tudo; Kerinu pensava em como pedir desculpas ao amigo por ter sido tão duro — embora não duvidasse de que se não fosse por isso talvez jamais chegassem àquele ponto. Lamar parecia poder perceber o vento passando por dentro dele, como se toda aquela terra na qual estivera tivesse sido retirada, deixando-o oco.

Deixando-o finalmente pronto.

— Ainda não consigo ver direito em Neborum, Kerinu.

— Confie em mim. — Kerinu esboçou um sorriso tremeluzente, ainda de olhos fechados. — Você *vai* ver.

Eleição

Os soldados foram organizados em filas, ainda que necessariamente tortas, já que de outra maneira não desviariam das barracas. As linhas de homens e mulheres sérios, com as mãos para trás e a postura ereta, convergiam para uma grande fogueira no meio do acampamento. O corpo de Dresden queimava sobre toras de madeira, e uma negra fumaça subia aos céus, rápida como neurótica fugitiva, juntando-se às nuvens amarelas que já populavam o firmamento e empestecendo o ar ao redor. Dezenove magos estavam de pé em frente ao corpo, comportados enquanto a silenciosa cerimônia prosseguia. O calor das altas labaredas, no entanto, não impedia as reuniões que aconteciam a céu aberto em Neborum.

As quase duas dezenas de castelos estavam dispostas em duas fileiras, formando uma espécie de avenida. Para além de bosques cheios de flores esparsas e escurecidas ficavam os contornos difusos de centenas de outros prédios, formando a silhueta de uma gigantesca cidade da qual os magos se afastavam, preferindo aquele simulacro de uma pequena vila rural. Como sinal de respeito, não falavam enquanto o corpo queimava, mas como prova e requerimento de sincera abertura, conversavam entre si em pequenos grupos na terra em que não havia luto.

— Precisamos nos coordenar — Dizia Maya, em frente a seu castelo. — Onde está Elton?

— Resolveu ficar no castelo. — Respondeu Peri. — Disse que não estava se sentindo bem.

— Será que está envenenado também?

— Não, não é assim que funciona, Sylvie. — Disse Saana, olhando para o chão. — Quem morre por um minério morre sem dor. Morre rápido. Sem esperança de saber que precisa de uma cura.

— Não é tão ruim morrer assim, com calma. — Opinou Peri.

— E ela existe? — Perguntou Sylvie. — Há uma cura?

Saana voltou a sentir o calor da fogueira por alguns momentos, incomodada.

— Não.

O silêncio caiu sobre eles, num desconforto que queriam evitar a qualquer custo. Tinham braços cruzados e olhares vazios, desviados, que viraram-se ao mesmo tempo para a sombra que chegava rapidamente, transformando-se num segundo em Cássio.

— Olá. — Disse ele, não menos sério que os outros. — Estou aqui para tratar do nosso *futuro*.

— O agora já não é complicado o bastante? — Perguntou Sylvie, levantando as sobrancelhas.

— Infelizmente... Não. — Respondeu Cássio, chamando a atenção dos magos novamente. — Vocês têm que me ouvir... Desmodes *não* é minério que se esfregue.

— Acha que não percebemos isso? — Indagou Maya, olhando para os companheiros.

— Na verdade eu não percebi, não. Qual é o problema com ele? — Disse Peri, frustrando a maga que contava com o consenso.

— Ele veio me procurar, faz uns dias já. — Contou Cássio. — Disse que tinha um plano que ele ia apresentar a Dresden. Um plano para que nós nos *declarássemos* a Heelum, *exigindo* a obediência delas.

— Por que ele faria isso? — Questionou Eiji, fazendo a cabeça tremer em um balançar de confusão.

— Isto é estupidez, me perdoem, mas... Isso nos destruiria. — Disse Peri, pondo a mão no pescoço.

— Ele não *acha*. Olhem...

Cássio fez um sinal para trás com a cabeça e abriu um pouco de caminho. Os seis magos passaram a observar um grupo em frente a um castelo intensamente decorado com minérios de luz vermelhos. Era o castelo de Valeri. Além dela estavam lá Duglas, Janar, Kevin, Souta e Brunno; dispunham-se como numa mesa retangular, e em uma das pontas estava Desmodes, que falava com sua calma assertividade usual.

— Com aquele tom de voz... — Comentou Saana, atraindo olhares inquisidores.

— Ele é um espólico, então não temos que nos preocupar com ele alterando nosso julgamento. — Disse Cássio. — Precisamos votar em uma pessoa só. Nos *concentrar* e mostrar para os outros uma opção *viável*.

— E quem seria essa opção viável? — Perguntou Maya.

— Bem... Eu gostaria de sê-la.

Todos passaram se concentrar em Cássio, que devolveu gentilmente cada um dos olhares que buscavam vislumbrar nele um líder, como se perguntassem honestamente e sem ofensas se aquela imagem era factível. Antes que algum deles dissesse algo, Cássio abriu a boca, puxando ar para o que viria a seguir.

— Eu sei... Sei que é repentino. Mas isto é *tudo* repentino, não é?

— Cássio, não se faça de herói... — Disse Maya, entortando o olhar. Alguns seguiram seu exemplo, enfim expressando a desconfiança que por educação preferiram guardar. — Se formos lutar contra alguém, pode ser qualquer um de nós. *Mostre-nos* o que você quer fazer.

Cássio segurou uma mão com a outra, mexendo as bochechas enquanto pensava. Sentia a pressão de sessenta dedos sobre seu peito e doze olhares sobre seu rosto, todos prestes a julgá-lo por suas ideias.

— Bem, eu... Aumentarei a representatividade de cada cidade.

Maya estreitou os olhos. Eiji soltou uma risada que beirou perigosamente o sarcasmo, certamente adentrando o terreno da descrença.

— Está dizendo que vai trazer *quantos* magos para cá por cidade?

Cássio abriu as mãos para o alto, sinalizando indeterminação.

— Vamos discutir, *meus caros*... Quantos vocês querem?

— Não temos estrutura para isso... — Comentou Peri, preocupado.

— Sempre podemos reformar o prédio, não é? — Sugeriu Cássio. Olhou para Desmodes por um instante. — Não é como se fôssemos usá-lo como *quartel general* ou coisa parecida...



Na outra ponta do conjunto de prédios ficava um terceiro grupo de magos; reuniam-se em frente ao castelo de Anke, em que cada uma das torres parecia brigar com as outras por supremacia.

— Nunca gostei dessas reuniões em dias solenes. — Disse Ramos, caminhando até o círculo e assumindo um lugar entre Lucy e Igor. — Sempre achei um desrespeito, mesmo que os outros não vejam.

— Acredite, Ramos, isto é importante. — Ressaltou Anke, persuasiva. Olhou para Sandra, que se mostrava desanimada ao dirigir os olhos de brasa para o chão, pondo as mãos nos bolsos externos da longa capa alaranjada que vestia.

— Isto é sobre as eleições? — Perguntou Igor.

— Não... Não totalmente. Eu quero lhes dizer que eu tenho um conhecimento que pertence aos alorfos e aos filinorfos.

Sandra pareceu ficar imediatamente mais inquieta; Ramos, Lucy e Igor franziram seus cenhos de maneiras particulares, cada um deles ao mesmo tempo maravilhado e estupefato por aquilo.

— C-como você...

— Isto não é importante. — Interrompeu Anke. — O que é relevante é que eu consigo deixar os castelos de vocês invisíveis.

— E você quer fazer isso? — Perguntou Lucy, olhando para as redondezas primeiro.

— Eu acredito que consigo expor o assassino de Dresden.

Igor estancou seu olhar, não sabendo se deveria confiar na maga. O que ela propunha era difícil de acreditar para Ramos também, que não conseguia encontrar uma posição confortável para as pernas enquanto permanecia parado de pé. Sandra estava tão atônita quanto Lucy, que aproximou-se de Anke ao invadir o centro do círculo, fechando a mão ao redor do pulso da preculga.

— Você tem *certeza*? — Perguntou ela.

— Não. *Estou sendo sincera*. — Sublinhou ela ao ver os rostos de meia decepção. — Mas não posso fazê-lo falar se ele souber que está sendo vigiado. Preciso escondê-los.

— Quando quer fazer isso? — Indagou Sandra.

— Daqui a pouco.

— Acho que sei de quem estamos falando... — Disse Ramos, num tom de monólogo interno. Igor concordou com a cabeça e olhou para Anke, confirmando o plano. Depois foi a vez de as magas à direita, com a mesma ausência de palavras, dizerem sim.



A cerimônia há muito já acabara, e a tarde caía com peso. A eleição fora marcada para a noite, e Desmodes se preparava com cuidados que beiravam o ritual. Pôs a capa azul escura, a peça de roupa que faltava, e começava a abotoá-la em frente ao espelho quando Anke bateu à porta.

— Entre.

A maga esgueirou-se pela porta, fechando-a de novo em seguida. Vestia uma bela capa azul curta por sobre calças negras, chamando a atenção do espóico quando colocou-se em um ângulo em que podia ser vista.

— Você está usando azul.

— É. — Disse ela, com um suave dar de ombros. — Eu não me importo com as cores, na verdade.

Desmodes terminou e, considerando-se perfeitamente pronto para aquela noite, virou-se para a visitante.

— O que veio fazer aqui?

— Vim fazer uma pergunta.

— O que quer?

— Por que você matou Dresden?

Desmodes continuou olhando para ela, impassível, deixando o silêncio ditar a inação.

— Por que acredita que eu o matei?

— Eu *sei*, Desmodes. Não *mint*a. O que pretende?

— O que você sabe eu também sei.

Um barulho à esquerda chamou a atenção da maga, que viu a porta se abrir. Ramos, Igor, Lucy e Sandra entravam na sala, enfileirados, sem qualquer expressão facial que denotasse medo ou pavor.

Anke viu, ao visitar Neborum, os castelos dos magos controlados aparecerem, um a um, como se um lençol invisível estivesse sendo puxado pelo ar, misturando-se ao belicoso céu arroxeadado.

— Então você acha que é páreo para mim. — Disse Desmodes, começando a andar em direção aos magos, que se encostaram à parede em frente à cama.

— Desmodes, eu não sou. . . — Anke tentou correr em direção aos castelos, mas tudo o que viu foi uma grossa escuridão, impedindo-a de se mover. — Eu não. . .

Ele a impedia de falar. Anke sentiu um calor de revolta subir a garganta, uma coceira impertinente, mas não conseguia transformar aquilo em coisa alguma. Desmodes dava passos lentos com as mãos para trás. Parou quando chegou a Ramos, que olhava para frente sem parecer sentir coisa alguma.

— Você pode se juntar a mim, Anke. Me ajudar a construir esta Heelum que nós sabemos ser a certa. A Heelum que nós *merecemos*.

Anke não estava mais nervosa, nem mais sob o efeito da proibição de Desmodes. Sentindo que podia falar, recuperara a postura, tentando não se deixar abalar por ter sido desmascarada.

— Eu ainda penso que isto é loucura, mas. . . Posso colaborar com você.

Desmodes começou a fazer o caminho inverso. Começou a sorrir quando chegou perto de Anke o suficiente para encostar em seu ombro. Ela virou o rosto, apreensiva com o toque mecânico e sem vida, e quis que aquele pesadelo terminasse.

— Como você *consegue* controlar. . . *Cinco* magos. . . Como *nós*?

O sorriso de Desmodes transformou-se em uma expressão sonora de arrogante superioridade. Quando ele se virou para a porta a impaciência e a tranquilidade tomaram conta de Anke; um de cada vez, dividindo o segundo em que a paz perturbada durou. Num movimento ríspido e seco, Desmodes estapeou o rosto da maga.

Anke caiu na cama; não gritou, mas ouviu alguém grunhir, a solidariedade escapando ao domínio de Desmodes por outro segundo de liberdade. A bochecha ardia quando ela fixou-se de novo ao chão.

— *Mentirosa*. — Disse Desmodes, olhando para ela com um ódio cheio de profundas raízes. — Você não terá *opções*. Não vou confiar em você. Em *nenhum* de vocês. — Completou, voltando-se para os outros. — Já está na hora.

Desmodes saiu do quarto em um passo apressado, e logo Anke começou a andar com as pernas que não mais obedeciam ao seu desejo de ficar.



A maioria dos magos já estava em seus lugares na sala de reuniões. Jogavam conversa fora: estavam preocupados com a alarmante proximidade dos seis magos que ainda não estavam ali. Cássio, em especial, visitou Saana em Neborum, que andava nervosamente no saguão de seu castelo. Perguntou se ela havia conversado com algum deles a respeito da eleição. Ela negou, também consternada. A espera continuou.

Os castelos começaram a se mover instantes depois. Desmodes chegou, sentando-se em seu lugar sem maior alarde. Logo depois veio Anke, e então todos os outros em um compacto grupo.

— Vamos, Ramos. Dê início à cerimônia. — Disse Elton, com uma voz de quase monotonia.

Ramos olhou para a mesa, parecendo desorientado. Tão sério e comprometido quanto os outros que chegaram, espalhou pela mesa, com a hesitação, a insegurança da solenidade. Sentou-se no lugar de Dresden e, entrelaçando os dedos das mãos por sobre a mesa, olhou para o centro da longa tábua.

— Iniciemos a eleição. Quem deseja se candidatar?

Alguns segundos de silêncio contiveram o olhar que Cássio lançou a Desmodes, desafiador e imerso em despeito.

— Eu, Ramos. — Disse ele, bradando as palavras. — E acredito que Desmodes também.

— Você está certo, Cássio.

— O que aconteceu com o seu plano de fazer uma proposta a Dresden?

— Perguntou Cássio, pendendo a cabeça para um lado ao fingir curiosidade.

— Com todo o discurso de que matá-lo não seria útil para você?

— Dresden ter morrido foi uma fatalidade. — Respondeu Brunno, sentado à diagonal do primeiro candidato. — Mas nós não precisamos que outra pessoa implemente uma *boa* ideia para Heelum. Desmodes pode fazer isso.

Cássio balançou a cabeça afirmativamente, voltando a olhar para o oponente.

— Já vejo que fez boas alianças.

— Chega, Cássio. — Alertou Ramos. — Na condição de membro mais antigo e de maior idade, presidirei a eleição. Saana... Seu voto.

— Cássio. — Disse ela, sem pestanejar.

— Muito bem. — Confirmou Ramos, com a voz distante e cansada. Anke mordiscava a própria boca ao olhar para Desmodes. — Duglas.

— Desmodes. — Disse ele, sorrindo para a outra ponta da mesa.

— Igor.

— Desmodes. — Respondeu ele, tão desapaixonadamente quanto Saana.

Cássio esfregava os próprios joelhos por debaixo da mesa, respirando pesadamente.

— Souta. — Conclamou Ramos.

— Desmodes.

— Eiji.

— Cássio.

O candidato bomin comemorou com uma inspiração tranquila e um sorriso confiante, que Eiji devolveu de forma mais singela.

— Brunno.

— Desmodes.

— É claro... — Cássio ironizou, em voz baixa.

— Lucy.

— Desmodes.

Quando Ramos chegou à própria cadeira, que estava vazia, fixou toda a raiva, angústia e promessa de vingança que poderia fazer em Desmodes, pela primeira vez tirando o foco da mesa. Momentos depois engoliu em seco e, voltando a olhar para frente, simplesmente ditou o nome de Desmodes.

— Janar. — Prosseguiu ele.

— Desmodes.

— Desmodes.

— Voto em mim.

Cássio via-se em uma situação difícil. Com nove votos a favor do adversário e apenas dezenove votantes, precisava que todos votassem a seu favor. Naquele momento, sentia que seu estômago dava voltas aletivas em torno da perspectiva de que teria Desmodes como mago-rei.

— Maya.

— Cássio.

— Anke.

Anke levantou os punhos cerrados mas não os bateu na mesa como dera a entender. Cássio fechou os olhos, pensando que aquela certamente não estava sendo uma votação justa.

— Eu... — Depois de um balançar de cabeça e um acalmar de mãos, olhou para o nada à sua frente e votou. — Desmodes.

— Sylvie.

— Cássio.

— Elton.

— Desmodes.

— Peri.

— Cássio. — Disse ele, abrindo as mãos. Via que alguns magos, de Brunno a Janar, passando por Duglas e Souta, sorriam, regozijando-se com o resultado e congratulando-se da maneira mais discreta que podiam.

- Kevin.
- Desmodes.
- Cássio.
- Em mim...
- Sandra.
- Desmodes.
- Valeri.
- Desmodes.

A partir da última resposta Cássio expirou, irritado. Não ousava olhar para Desmodes, mas não podia evitar os olhares vitoriosos de metade dos magos daquela mesa. Tinha a forte impressão de que nada ali havia sido justo ou positivo, e que aquela escolha lhe custaria caro — que custaria caro, na verdade, a todos eles.

— Robin não se juntou a nós nesta reunião. — Anunciou Ramos, finalizando a votação. — Como ela estava marcada, de qualquer maneira, ele perde o direito ao voto. Desmodes... — Ramos titubeou antes de terminar a frase. — ... Você é o novo mago-rei do Conselho dos Magos.

O contrato

O tempo passava a machadadas no escritório ao mesmo tempo interessante e falecido. Sobre as paredes de um vermelho hipnotizante ficavam, pendurados em molduras escuras, documentos que descreviam sucintamente bandas que já passaram pelas mãos de Seimor. Serviam muito mais como borda para as assinaturas dos músicos em peças que deveriam orgulhar, mas conseguiam apenas assombrar de um jeito bastante peculiar.

Leila olhava para a frente, séria, enquanto esfregava a concavidade do braço esquerdo com a mão direita. Leo piscava, quase no ritmo dos segundos, pensando com desilusão no que acontecera na outra noite. Fjor cruzava os braços, isolado, largado, mal-dormido; Beneditt o acompanhava com misantrópico estilo, rançoso do mais prontificado sarcasmo.

Seimor entrou na sala, provocando uma série de pequenas comoções. Olhou criticamente para os artistas enquanto passava ao largo deles. Sentou-se, enfim, na poltrona confortável por detrás da mesa na qual tão displicentemente Leila prestava atenção. Uma vez em repouso, Seimor não ocultou que pretendia transformar seu olhar em instrumento de dor.

— Eu entendo que temos uma briga aqui dentro.

O agente procurou por confirmação, mas ela não surgiu nos longos segundos que se seguiram.

— O que está acontecendo? — Insistiu ele.

— Brigamos sim. Foi só isso. — Respondeu Fjor.

Seimor, que vestia uma espécie de capa marrom mal cortada, pôs os cotovelos em cima da mesa, afastando um bloco de goma escura bom de apertar. Assumiu uma posição pensativa, quase tão distante quanto os músicos — o que os trouxe mais para perto.

— Nós não esperávamos por isso. — Disse Beneditt.

Seimor concordou, torcendo os lábios.

— Vocês vão melhorar.

— Melhorar como? — Perguntou Fjor, arrumando-se na cadeira. Cruzou as pernas e, jogando-se para trás, sentia-se de alguma forma em um momento privilegiado. — O que você vai fazer com a gente?

Seimor lançou um olhar duro ao baixista.

- Vocês treinarão mais. Vou fazer mais *ajustes* em vocês.
- Eu não quero nada disso, sabe.
- É mesmo? Quer sair por aí, dançar? Se divertir?
- Não... — Respondeu ele, irritado. A pergunta atraía olhares tortos.
- Eu quero voltar a ser da banda Buscando. Quero voltar a fazer o rock pelo qual nós *éramos* respeitados.
- Você assinou um contrato, Fjor. — Alertou Seimor.
- *Eu* não assinei. Leo assinou.
- Em *nome* de vocês, e portanto você *tente* nos abandonar e veja o que acontece!

— O que acontece? — Perguntou Beneditt.

Leila engoliu em seco. Leo girava o pescoço com frequência, acompanhando o debate. A conversa ficou suspensa pela pergunta de Beneditt; Seimor só se pronunciou depois de um tempo que serviu para acalmar os ânimos de todos.

Era como se inalassem camomila.

— Vocês... A banda *Ponte Alta*... Não *podem*... Abandonar a banda. A cidade. A *vida* que escolheram.

Beneditt ia a seu modo compreendendo, juntando pedaços que se encaixavam bem uns nos outros. Sentiu uma lufada inesperada de gratidão. Acompanhava bem a passividade em que mergulhava.

Franziu o cenho ao pensar naquilo. Por que deveria se sentir daquele jeito, se tudo estava dando errado? Os planos, a realidade; não sobrava nem um nem outro. A ideia de que tudo estava sob controle era falsa, e falso era também o sentimento que Seimor queria transmitir com atitudes medidas e palavras brandas. Não estava tudo sob controle. Estava tudo caindo aos pedaços.

Estranhamente, um olhar em volta revelou cabeças balançantes, conformadas com a aparência das coisas e com uma morna certeza de justiça. Em algum lugar no futuro.

- Agora... Quanto à apresentação. Vamos ter mais uma.
- Onde? — Perguntou Leo, parecendo mais animado.
- Em um lugar em uma jir no sul. Temos que ensaiar mais, então estou pensando que vamos ensaiar todos os dias, e...
- Seimor, por que... — Disse Fjor, inclinando-se para a frente.— ... Você não desiste de nós de uma vez?

Leo e Leila se olharam, neutros, enquanto Seimor tentava entender a pergunta.

— Somos um fracasso. — Argumentou Fjor, com simplicidade. — Nós não fazemos o que você quer, *resistimos* ao que você manda. Não é mais fácil trabalhar com quem *queira* fazer isso?

— E vocês não *querem*?

— Queremos, Seimor... — Começou a dizer Leo o mais rápido que pôde.

— Não! — Interrompeu Fjor, lutando para ser ouvido. — Eu quero poder viver de música, mas da *minha* música!

— Então você acha — Seimor teve que mostrar a palma da mão a Leo, pedindo que parasse de tentar se explicar — que *nada* que eu falo tem valor, Fjor?

— Não, não é... Isso. — Fjor colocou a mão na cabeça, sentindo-se preso em um labirinto de palavras.

— Olhe à sua volta, Fjor. — Recomendou Seimor. Beneditt pensou que aquela era uma expressão retórica, mas mesmo assim olhou. — Esta sala está *repleta* de artistas que confiaram em mim, e hoje estão *muito* bem.

Crescia dentro de Fjor uma raiva — de si e de Seimor — que só tinha por par a quietude que sobre ele se abatia, abafando o fogo como se tentasse sufocar um ser imortal; uma luta da qual este não podia fugir, mas aquele não podia ganhar.

— Se eu preferia trabalhar com alguém menos arrogante que você? É *claro*. — Fjor teve sucesso em converter aguda irritação em sorriso culpado. — Mas vocês têm *talento*. Isso, acredite ou não... — Seimor virou-se para Leila, que desviou-se na direção de Leo. — É difícil de encontrar.



Era fim da apressada tarde quando Beneditt finalmente achou o que procurava. A casa de documentos não era muito distante do hotel, para onde foram logo depois da reunião. Ainda assim foi preciso pedir por direções para vários comerciantes até encontrar o antigo prédio amarelo e laranja.

A porta estava aberta, mas as janelas estavam fechadas. Minérios verdes pendurados em pedestais próximos ao teto eram os responsáveis por complementar a luz que vinha do lado de fora, já não muito útil perto do balcão. Por detrás dele duas mulheres trabalhavam, e uma delas ouvia o requerimento de um elegante homem negro, alto e de roupas azuis. Beneditt abordou a outra mulher, que nada fazia; loira, de envidraçados olhos azuis e um sorriso prestativo.

— Oi. — Disse Beneditt.

— Olá. Procura alguma coisa?

— Sim... Na verdade, e-eu não sei se você vai poder achar.

— O que é?

— É um contrato.

— De que tipo?

— Um contrato musical. Um que os músicos assinam com um agente.

— É um contrato de agenciamento. — Explicou ela, balançando a cabeça.
— Se ele estiver em valência, ele está aqui.

— É mesmo? Eu não sei como isso funciona...

— É assim: se está tudo assinado como deveria colocamos o contrato aqui. Enquanto ele estiver aqui, ele é válido. Está em *valência*, como se diz. Se todos concordarem em acabar com ele, todos que assinaram têm que vir aqui e então ele é destruído. Então se o seu contrato for válido eu ainda vou poder achá-lo.

— Certo... — Beneditt pensou em algo que pudesse identificá-lo. Não sabia como catalogavam os contratos. — O que eu preciso te dizer para você achá-lo?

— Nesse caso, o nome do agente. — Respondeu ela, com o sorriso infinito. — E se ele tiver vários contratos, o nome dos músicos.

— O nome do agente é Seimor. E eu não sei como está no nome dos músicos.

— Por quê? — Perguntou ela, levantando-se da cadeira e girando o corpo levemente para trás.

— É uma banda, mas quem assinou foi o vocalista, ou... *Ex-vocalista*, então...

— Qual é o nome dele?

— É Leo.

— Leo. Volto já.

Ela passou por um batente sem porta a alguns pés de distância do balcão e fez uma curva, embrenhando-se no que parecia ser uma das muitas salas do lugar repletas de estantes nas quais papeis empilhavam-se, brotando e ramificando-se loucamente por seções, subseções e trechos que, ao crescer, tornavam-se selvagens e ininteligíveis.

Pensou, ao ver que alguns segundos depois ela voltava com um papel na mão, que talvez as estantes fossem mais bem cuidadas.

— Aqui está.

— Obrigado. — Disse Beneditt, pegando-o nas mãos com um apreensivo suspiro.

As folhas estavam unidas por um pregador metálico que o baterista arrancou em primeiro lugar. Contou rapidamente os papeis, e observou que havia mais folhas do que ele havia contado no dia em que vira o contrato. Olhou para a atendente, que levantou as sobrancelhas.

— Algum problema? — Perguntou ela.

— Não. — Disse ele, voltando a atenção para o papel.

Passou os olhos por cima do texto. A primeira página era bastante similar àquilo que ele se lembrava de ter lido. A segunda também lembrava a primeira com bastante acuidade, mas a terceira fez da pulsação do músico um instrumento audível.

Em letras normais, misturadas entre os parágrafos normativos de praxe, estavam linhas que Beneditt jamais havia lido:

OS MÚSICOS NÃO PODEM SE SEPARAR DA BANDA.

OS MÚSICOS NÃO TÊM A PALAVRA FINAL QUANTO À PRODUÇÃO MUSICAL.

O AGENTE TEM O DIREITO DE INTERFERIR NA PRODUÇÃO MUSICAL DOS MÚSICOS.

— Você está bem? — Perguntou a mulher, preocupada.

Como Beneditt não respondia, ela com um olhar discreto chamou a outra, mais velha e menos sorridente, que pediu licença a uma mulher que estava prestes a atender.

— Qual é o problema, senhor? — Perguntou ela.

— N-nenhum, eu só... — Beneditt não conseguiu terminar de responder. Foi imediatamente até a última página para verificar a assinatura, e lá estavam as duas: a de Seimor e a de Leo, lado a lado como ele se lembrava de tê-las visto.

— O que foi? *Há algo errado neste documento*, senhor?

— Não. — Respondeu ele, veemente. — Eu só estou... Olhando.

— ... C-creio que o senhor já achou o que procurava, não é mesmo? — Sugeriu a primeira mulher, amedrontada.

— Não, espera...

Beneditt voltou a folhear o contrato, procurando por outras diferenças. Na oitava página, a penúltima, encontrou outras frases que não lhe eram familiares. Duas gritaram por sua atenção, fazendo com que seus ouvidos doessem em uma sintonia que logo o atingiria por inteiro, tirando-lhe as palavras para reagir às mulheres. O documento foi preso e, depois de um olhar protetor da funcionária loira, levado novamente para os escombros em que se escondera a liberdade da banda Buscando. Onde a própria banda se enterrara, deixando de existir para dar vida à Ponte Alta.

Enquanto a mulher mais velha pedia para que Beneditt se afastasse com um olhar acuado e uma grande palma da mão aberta, o artista só conseguia pensar nas duas frases que lera. Lera e ficaram gravadas em sua mente como símbolos e ícones; ele não conseguira sequer ler as determinações legais para si mesmo, imaginando o vulgar vozerio de Seimor reprimindo-o com elas.

Saiu da casa sentindo que estava no pior lugar para se estar. O som aos poucos lhe voltava, e então tudo fez sentido. Dos narizes dos guardas ao fedor árido das charretes, passando pelas roupas das mulheres aos olhares dos homens, sem curvas nem sombras.

Estavam proibidos de lutar. Proibidos de reagir. Desrespeitar qualquer cláusula do contrato lhes levaria à cadeia, mas Beneditt sentia que aquela não era mais uma consequência possível: era uma realidade que ele sentia na pele, no vento e na textura — na textura vertical daquele balcão onde o som se perdera.

Capítulo 59

A sala verde

Gustavo morava em uma região ao norte de Al-u-ber. Era preciso atravessar uma ponte de corvônia por sobre o Rio Trojinsel e continuar andando por alguns minutos em uma rua parcialmente sustentada por grossas colunas antigas. Abaixo da avenida elevada ficavam casas mais próximas à margem do rio, que descia abruptamente naquele ponto ao ficar mais próximo do mar revolto.

Amanda seguiu em frente, passando por restaurantes alojados em prédios de arquitetura semelhante à da ponte; blocos dourados constituíam as paredes e as colunas que, ao redor de todo um quarteirão, serviam como passagens sem portas. Entrou em uma rua à direita, logo depois de uma praça pela qual algumas pessoas de idade passeavam, com os olhares caídos e o andar precário. Amanda não se demorou ao observá-los, mas o fez por tempo suficiente para que um homem sem cabelo ou barba, com roupas azuis por cima da fina pele, balançasse a cabeça. Estava de braços abertos, os cotovelos enganchados em um banco de tiras de madeira. A maga apertou o passo.

Logo avistou a casa de Gustavo, uma residência que, embora simples, transbordava classe — elegante até mesmo no modo como humilhava a vizinhança com janelas meticulosamente pintadas de um vivo vermelho e uma bem arranjada alvenaria marrom.

Amanda abriu o portão de ferro, que deslizou suavemente pelas dobradiças negras. A frente da casa não era muito larga, e a proteção parecia meramente decorativa; as barras eram espaçadas e finas, sem pontas no topo que pudessem machucar um intruso. Ainda assim, *havia* um portão, e Amanda sorriu levemente ao terminar a divagação fechando-o novamente.

Aproximou-se da porta. Era escura e escovada, levemente envernizada, com uma maçaneta cúbica que fez Amanda levantar as sobranceiras, impressionada. O único detalhe engravado na madeira com precisão e majestade era um opaco minério hexagonal — símbolo da medicina. Aquele era azul, e Amanda sabia o que ele fazia. Aproximou a mão dele, esperando que o frio daquele quase fim de tarde de céu sépia passasse, pelo menos em uma parte do corpo. Nada aconteceu, e ela voltou a cruzar os braços ao se

lembrar de que o minério precisava ser rachado.

Vasculhou a área rapidamente, percebendo dois castelos ao todo: um próximo ao dela, que parecia ser o que ela vagamente lembrava do castelo de Gustavo. Outro, muito menor e mais longínquo, movia-se vagarosamente, quase saindo de vista no horizonte alaranjado. Olhou em volta e não viu coisa alguma se mexendo. Devia ser um transeunte; talvez até mesmo um dos idosos da esquina passada.

Amanda sentiu-se um pouco nervosa ao pensar que poderia acabar encontrando o pai de Gustavo mais uma vez. Balançou a cabeça, tentando fazer cair a própria agonia. Não havia por que ficar nervosa, afinal. Gustavo apareceu à porta depois que Amanda se anunciou.

— Oi. — Disse ele, apertando os olhos. — Não esperava ver você aqui.

— E você não viu meu castelo antes de abrir a porta? — Perguntou ela, sorrindo.

— Bem, na verdade... Na verdade sim. Mesmo assim não esperava ver seu castelo por detrás da porta.

— É, bem... Eu vim de surpresa.

— Como sabe onde eu moro? — Perguntou ele, em uma mistura de curiosidade e desconfiança. — Perguntou ao seu pai?

— É, perguntei. — Ela olhou para o lado de dentro, pensando que provavelmente admiraria mais o interior da casa do que o exterior. Contraiu os lábios e olhou para o mago com outro sorriso melindroso. — Não vai me convidar para entrar?

— Ah... Claro. Entra.

Amanda viu-se dentro de um cômodo que combinava com artística maestria luz e escuridão. A base de todas as paredes era coberta por tábuas uniformes de madeira escura; na parte de cima um amarelo decidido era adornado por pares de minérios verdes e beges que enchiam o teto com uma dança estática de paz. Havia uma lareira de corvônia que se destacava de uma das paredes, sem fogo. De frente para ela ficava um sofá da mesma cor da madeira nas paredes, e um tapete vermelho e caramelo seco e raso, mas cheio de motivos circulares e espirais.

— Esta é minha casa. — Disse Gustavo. — Eu gosto do teto.

— Eu também. — Respondeu Amanda, voltando-se para ele. — O que você estava fazendo?

— Ah... Lendo. Nada demais.

— Eu atrapalhei você? — Perguntou ela, preocupada.

— Não, não, de modo algum. — Respondeu ele, apressado. — Sente-se, por favor. Ângela vai trazer água para você...

— Não, não é preciso! — Disse ela, rapidamente, enquanto encaminhava-se ao sofá. — Ângela é... O outro castelo?

— Sim, se chamar aquilo de castelo... — Disse ele, com um sorriso de deboche que Amanda não conseguiu acompanhar. — Ela trabalha para nós.

— Não estou com sede, Gustavo, não precisa tra...

Era tarde demais, denotava o sorriso do anfitrião. Passos macios pelo corredor denunciavam a presença da Ângela, mulher magra cujo rosto de olhos e lábios grandes empalideceu assim que viu Amanda.

A empregada estancou no limiar da sala, surpresa como se visse um animal selvagem estirado no sofá, morto e dissecado. Amanda ficou apenas alguns segundos sem compreender que aquele profundo olhar castanho estava espantado. Uma onda de vergonha varreu seu corpo dos pés à cabeça, e ela se virou para a parede, analisando os minérios de luz com uma estranha sensação no peito.

Amanda ouviu Gustavo respirar pesadamente. Virou-se e, passando reto pelo olhar incômodo de Ângela, viu que ele a encarava de modo parecido, mas preenchido com uma espécie de indignada fúria. A empregada enfim despertou da própria expressão, largou o copo no sofá entre os dois e saiu da sala num passo apurado. Amanda teve que segurar o copo negro para que a água não fosse derramada quando Gustavo levantou-se de supetão, fazendo menção de ir atrás da empregada.

— Gustavo! — Chamou Amanda, fazendo-o parar e olhar para trás. — Não tem problema, olha, eu...

— Ela é uma *IDIOTA!* — Berrou ele, fora de si, passando a andar pela sala a passos largos. — *IDIOTA* se pensa que vai ficar assim!

— *Gustavo!* — Amanda levantou-se e pôs o copo no console da lareira. Puxou o preculgo pelo braço e segurou-o, forçando-o a olhar em seus olhos. — Gustavo, *deixa* isso, não foi *nada!*

— Amanda... Me desculpe. — Disse ele, bufando para recuperar o equilíbrio. — Me desculpe...

— Tudo bem... Senta comigo no sofá.

Ele aquiesceu com um balançar de cabeça, apesar de olhares sugestivos que ainda lançava em direção ao corredor.

— Bem... Me desculpe mesmo, Amanda.

— Tudo bem.

— ... Ahm... Já está ficando tarde, e eu não ouvi barulho de yutsis. Você veio a *pé?*

— N-na verdade vim.

— Por quê?

— Porque... — Ela parou, sem saber como dizer aos olhos prestativos de Gustavo que por alguma razão precisava falar com ele sem que seu pai ficasse sabendo. Sem que *ninguém* ficasse sabendo. — Eu não sei.

— Você está bem? É sobre aquele dia em que você estava mal?

— Sim, eu... Quer dizer, não... Tem algo que eu preciso pedir para você.

— O que é?

Amanda ajeitou-se no sofá. Queria poder bebericar um pouco da água, mas não quis levantar-se e ir até a lareira.

— Eu quero que entre no meu castelo.

Gustavo a olhou com surpresa similar à de Ângela, terminando a inspeção momentânea com uma risada seca.

— Você não está bem...

— Não, eu estou sim, é que... Eu posso explicar.

— Por favor, explique. — Disse ele, angulando o rosto em desconfiança.

— É que você é um mago mais experiente, e... Desde ontem eu me sinto realmente estranha. Eu deixei que um outro mago me invadissem, e ele me disse que não fez nada em mim, mas... Eu *realmente* me sinto estranha. Tenho pensamentos que *não tinha* antes.

— Que *tipo* de pensamentos?

— Eu... Não devo dizer. — Disse ela, fechando os olhos enquanto Gustavo começava a balançar a cabeça. — Mas *por favor*, Gustavo, você está nisso há mais tempo que eu. Não sei se eu poderia *ver* alguma coisa mesmo que estivesse na frente do meu nariz...

Eles se olharam por mais um tempo, e ele agora balançava a cabeça em uma direção diferente.

— É verdade. Não acho que conseguiria se tentasse.

— Por quê? — Perguntou Amanda, pega de surpresa.

— Veja, Amanda, seu pai provavelmente não te disse... Ainda... Mas nós não podemos fazer magia em nós mesmos.

— Sim, foi uma das primeiras coisas que ele me disse, na verdade...

— Sim, é claro, é claro, mas isso não é tudo. Mesmo quando nós olhamos dentro do nosso castelo, nós não vemos as mesmas coisas que outras pessoas.

— C-como assim?

— Você pode ver uma coisa, e eu posso ver outra. Você pode acabar identificando uma magia que eu não veria, mas eu também posso ver algo que *você* não veria.

— Entendo. — Confirmou Amanda, olhando para o tapete ao organizar as ideias. — Mas... Tudo bem. Eu ainda iria me sentir mais segura se você olhasse o meu castelo.

— Amanda... — Disse ele, com tom e olhar repressivos. — *Você não pode* sair por aí convidando magos para te *invadir*, o que *aconteceu* com você?

— Eu *sei!* — Disse ela, engolindo em seco. Seu coração estava prestes a pular da boca com aquele pensamento que não parava de lhe atravessar,

cortando a própria liberdade pelos lábios. — Eu convidei *você* porque somos *amigos*!

Ele recebeu as palavras com mudo e contundente abalo; pasmo que não queria ser descoberto. Amanda sentiu fundo aqueles duros momentos em que ele nada disse. Ainda assim, foi ele o primeiro a quebrar o próprio silêncio.

— ... Eu... Ah, tudo bem.

— ... Mesmo? — Indagou ela, num quase sussurro.

— Sim.

O subsequente sorriso de Gustavo causou um sorriso duas vezes maior em Amanda, que inclinou-se para frente em rejubilante familiaridade.

— Posso? — Perguntou ele.

— Claro. Vou abrir as... Portas.

— Amanda... — Disse ele, antes que ela começasse a se concentrar. — Eu fico feliz de saber que nós somos amigos. Desculpe meu... Pequeno...

— Não tem problema. — Respondeu ela, fechando os olhos e perdendo, assim, um olhar contente do jovem mago.

Gustavo saiu de seu castelo, uma construção preta e de interior obscuro cujos muros, de similar negrume, eram quase tão altos quanto a própria torre principal, grosseiramente genérica e de sujas telhas vermelhas. Vestindo uma sedosa roupa verde, passava por um bosque onde esparsas árvores o impediam de ver com clareza os contornos do castelo de Ângela, à direita. Ao voltar-se para a esquerda, parou no meio do caminho ao ver um outro castelo.

Amanda abriu os olhos ao sentir que Gustavo saíra do sofá, indo até a janela que dava para a parte da frente de casa. Abriu as cortinas com violência, e do outro lado da rua viu um homem idoso de roupas azuis. Amanda, esticando-se por curiosidade, percebeu que era o mesmo homem que ela vira na praça.

— Quem é ele? — Perguntou Amanda.

— Ninguém. — Respondeu Gustavo, fechando as cortinas com outro movimento descuidado.



Aquilo *tinha* que funcionar.

Assim que viu o preculgo fechar as cortinas, Tadeu correu para a frente da casa. O senhor para o qual pediu ajuda continuava lá, encostado ao muro da casa à frente como se esperasse por alguém.

— Muito obrigado, senhor. — Disse Tadeu.

— Espero que ajude, meu rapaz. — Respondeu ele, com uma voz gentil e rouca.

O homem começou a se afastar, e Tadeu não parou de observá-lo até se dar conta, pela centésima vez, do que estava fazendo. Tinha certeza de que não podia abandonar a ideia, mas mesmo assim aquela era a coisa mais difícil que já fizera.

Pôs um pé em frente ao outro, quase esquecendo-se de como andar. Já era difícil o suficiente, afinal, controlar aquele batimento cardíaco.

Encostou-se com peso à murada acinzentada do vizinho da esquerda, longe do olhar da janela. Passou por um calafrio que o levou a uma terra ainda mais congelante do que a Heelum daquele quase fim de inasi-u-sana; via-se já fora do próprio castelo, escorado atrás de uma árvore retorcida.

Não perdeu tempo; calculando o cenário, correu por entre as plantas e chegou à porta do castelo que sabia não ser o de Amanda. Sem olhar para trás, viu que precisaria de muita força para derrubar a porta de mais de treze pés de altura.

Olhou para a própria mão. Sabia que o calor que sentia vinha da própria determinação, mas por um segundo conspiratório pensou estar sendo observado; olhou para trás, procurando nos agora mais esparsos carvalhos sinal de outro mago. Nada viu, e assim que constatou-se sozinho observou fragmentos do castelo de Amanda.

Concentrou-se no inimigo imediato. Sua mão logo incendiou-se, ardendo como ferida cortante. A dor logo passou e a chama trêmula construiu corpo, ficando cada vez maior e mais cheia. O bomin esticou o braço, impedindo que o fogo chegasse ao rosto — e ele diminuiu, acuada.

Tadeu suave demais; quis olhar para trás, mas concentrou-se na tarefa: não podia deixar que o medo vencesse.

Logo o fogo chegou ao nível que ele desejava. Estava pesado, difícil de manter, mas ele estava dando tudo de si para gerar aquilo — uma chance; uma solução acima de tudo. Por um momento achou que ia desmaiar, ou pelo menos cair para trás, mas conseguiu se equilibrar com passos vacilantes e, arcando o corpo para trás o quanto podia, jogou-se para frente, lançando a labareda contra a muralha.

A porta recebeu o impacto com dificuldade; as estruturas pareceram balançar e o fogo não se dissipou sem causar danos colaterais: porções cada vez maiores do portão viravam lenha, crepitando em estalos de absoluta rendição. Tadeu ria, neurótico, do espetáculo. Enquanto esperava que alguma brecha fosse aberta, olhou mais uma vez para trás.

Ninguém.

Agora não havia mais volta.

Avançou sobre a porta, já completamente em chamas, e chutou algumas largas tábuas. Abriu um buraco grande o suficiente para que ele se esgueirasse para dentro. Não esperou para se localizar ou entender o lugar;

viu árvores em um pequeno bosque interno, e uma pobre porta entreaberta na qual Tadeu esbarrou ao entrar na torre principal.

Subiu as primeiras escadas que encontrou, que eram curtas e sem corrimãos. Chegou ao terceiro e último andar por instinto; suas pernas corriam usando seu cérebro para farejar o que procurava. Podia sentir a textura do papel novo, bem organizado e dobrado, e das molduras com cheiro de serragem.

Estava em frente à porta.

Tremeu para estender a mão até a maçaneta redonda e envernizada. Apertou-a com desproporcional força e jogou a porta para frente, abrindo-a com um empurrão nervoso.

Paralisou de susto. O que deveria ser um grito abafado transformou-se em uma respiração mal-sucedida, uma espécie de soluço incompleto.

Apertou os olhos, abrindo-os já no conforto do próprio castelo e, instantes depois, na pujante escuridão da noite iminente. Sabia o que tinha que fazer.



Amanda e Gustavo caminhavam por um corredor no segundo andar de um dos prédios que formavam o castelo de Amanda. Ele parou em frente a uma porta clara, de maçaneta e batente dourados, e ela o olhou com lúdica curiosidade.

— Nós já não... Passamos por aqui?

— Na verdade sim, mas eu ignorei esta porta. — Respondeu Gustavo, olhando para ela com particular interesse. — Deixei por último.

— Que sala é essa?

— Qual sala ainda não visitamos?

O sorriso de Amanda foi lenta e gradualmente desaparecendo, e no lugar dele surgiu uma desesperada, ainda que silenciosa, preocupação.

— Já que não achamos nada nos outros lugares, acho que se você realmente se sente estranha...

— ... Gustavo... — Disse ela, baixinho, tentando interrompê-lo.

— ... Então o que procura está aqui.

— Gustavo, não entre.

Dividindo a atenção entre a porta fechada e Amanda, Gustavo reagiu ao pedido com um sorriso machucado.

— Achei que fôssemos amigos.

— E nós *somos*! — Disse Amanda, chegando mais perto dele para agarrar seus pulsos. — Mas... Para sua *própria segurança*, acredite em mim... *Não entre*. Você não *quer* saber o que... Você não quer entrar.

— E você? Não quer?

— Quero, mas... Nesse caso não posso envolver você. Não mais.

A boca aberta indicava que ele queria dizer algo a mais, mas ela fechou-se instantes depois, aliviando-a imensamente. Os dois sorriram, constrangidos, e Gustavo afastou-se da porta, olhando para uma janela que mostrava intermináveis campos gramados em um céu quase completamente escuro.

— Gustavo, está ficando tarde. Eu preciso ir embora.

— Tudo bem. — Disse ele e, com um último sorriso, sumiu do castelo.

Amanda suspirou uma última vez ainda, olhando de relance para a própria sala verde antes de tornar a prestar integral atenção na sala da casa de Gustavo.

— Bem... — Disse ele num tom mais sério, já de pé em frente à lareira.

— Já está ficando escuro *mesmo*. Você tem que ir.

— Sim.

Ela se levantou e, aproximando-se do anfitrião, não sabia o que deveria fazer. Não poderia abraçá-lo, embora certamente tinha vontade de fazê-lo. Queria pedir desculpas, mas não sabia se ele estava chateado. Como não tinha nenhuma resposta àquelas inquietações, apenas parou em frente a ele e, tentando ser clara quanto ao que sentia, seja com minúsculos vincos nas bochechas ou através da combinação entre posição das sobrancelhas e brilho nos olhos, sorriu antes de dirigir-se à porta.

— Amanda. — Chamou ele, antes que ela chegasse à saída. — Obrigado. Me desculpe.

— Não tem problema. — Respondeu ela. — Obrigada.

— Tenha cuidado.

— Terei.

E, com o clique da porta e o baque do portão, voltou às ruas de Al-u-ber, pensando que provavelmente chegaria atrasada para a aula com o pai. Apressou o passo, perguntando-se por que fora até lá em segredo. Respondeu a si mesma, com um calor simultaneamente reconfortante e amedrontador, que a resposta podia muito bem estar na própria sala verde.



Chegou enfim à mesma casa velha e deprimente em que estivera, para vergonha da moradora, há apenas alguns dias. Não ficava muito longe da modesta mansão de Gustavo, embora fosse necessário atravessar o rio de volta.

O bairro todo era feito de casas pouco caprichadas, mas aquela era diferente: memorável, mesmo em face de todos os problemas. Pequena e de estrutura torta, contava com dezenas de rachaduras na alvenaria coberta

com uma forte tinta vermelha. As trincas tornavam-se ainda mais evidentes e grossas à luz de um minério verde-escuro do lado de fora, à esquerda da porta de madeira mal trabalhada.

Não foi preciso que Tadeu batesse nela. Enquanto pensava se deveria realmente fazer aquilo, Anabel a abriu.

— O que está fazendo aqui? — Perguntou ela, irritada.

Tadeu notou que ela vestia uma espécie de roupão felpudo esverdeado. Rendia-se a uma noite em casa — coisa que ele deveria estar fazendo ao ter aulas de magia com o pai. Já estava prestes a se atrasar. Não se importava mais.

— Eu sei do Gustavo.

O rosto da maga tornou-se impassível, e Tadeu sorriu com o susto que conseguira aplicar, ainda que involuntariamente.

— E-eu não sei de nenhum...

— Eu vi os retratos, Anabel.

Ela continuava com uma das mãos no batente da porta. Com o olhar vago e levemente lacrimejado, recuou um pouco para dentro de casa.

— Tadeu... — Sussurrou ela, triste.

— Você não precisa se preocupar. Eu *posso ajudar*.

Aquelas palavras foram acordando-a como água fria, com uma vivacidade que fez Tadeu ter certeza de que haviam finalmente entrado em sintonia um com o outro.

— Me *ajudar*?

— Sim. Eu posso explicar tudo. Me deixa entrar!

Olhando furtivamente para a rua, Anabel puxou o visitante para dentro de casa e trancou a porta.



— Gustavo! — Dizia Jorge, numa voz cheia de urgência.

O filho irritava-se com a demanda, nervoso como já estava. Andava de um lado para o outro no quarto de cortinas azul-claras fechadas, cheio de compartimentos, gavetas e portas de armários. Fizera algumas besteiras. Brigar com Ângela foi uma delas, certamente, e uma da qual poderia vir a se arrepender. Mas confiar em Amanda foi muito pior: *deveria* ter percebido que só havia um segredo do qual ele não pudesse participar em segurança. Uma porta que ele não pudesse abrir sem se arriscar.

Maldita.

Ainda não sabia, como se o resto não bastasse, como consertar a porta do próprio castelo. Via apenas pedaços cinzas largados ao chão, frangalhos do que antes era um grande e resistente obstáculo. Viu a porta resistir a algumas tentativas de invasão durante sua vida. Nenhum deles veio de

alguém realmente competente, mas aquele incêndio deveria ter sido realmente grande.

— Gustavo! — Chamou o pai novamente.

Jorge bufou e, batendo a porta ao sair, deu passadas ruidosas pela escada até o corredor, e então virou à direita. Chegou na sala, e viu uma cena que denunciava o que estava para acontecer. O pai provavelmente passara alguns minutos depois da chegada conversando com Ângela — que estava de pé ao lado dele, no sofá, com rosto de quem foi ameaçado e sofreu a ameaça prometida. A mala que o pai carregava durante o dia inteiro ainda estava no sofá, jogada.

Ele nunca fazia aquilo.

— Que foi?

Jorge levantou-se e aproximou-se do filho, silencioso. Arranjou o punho da camisa que vestia; a capa já estava jogada no sofá, ao lado da maleta. Olhou para o rebento durante um segundo de terror e raiva, e esbofeteou-lhe na bochecha esquerda instantes depois de Gustavo ter visto nos olhos vidrados, cheios de pequenas veias ao longo do espaço amarelado, o desejo ardente de severamente punir.

Gustavo se desequilibrou, chocando-se com a madeira na parede. Seu rosto ardia ao ponto de fazê-lo gemer, e ele olhou com absoluta incompreensão para o pai.

— Seu *idiota*. — Disse o pai, impiedoso.

— Pai... — Disse Gustavo, conseguindo soltar-se da parede. Olhou para Ângela, que de cabeça abaixa simplesmente permaneceu em seu lugar.

— Sabe, filho... — Começou Jorge, voltando a se sentar. Gustavo não sabia o que fazer ou pelo quê esperar; permaneceu de pé, olhando para o braço do pai. — Se há uma coisa que eu sempre fiz é atacar meus empregados, ou quem quer que me servisse, para que eles *acreditassem* que me servir bem traria *recompensas*. E funciona, Gustavo! Não era *sempre* preciso *dar* uma recompensa, mas eu era tratado da melhor das maneiras.

— Pai, por...

— Calado. — Cortou Jorge. — Agora, filho, eu não sou como a maioria dos preculgos. Eles querem resultados rápidos. Mais eficientes. Mas, é engraçado, filho, são os que deixam mais rastros, e, no final das contas, é o que gera uma série de problemas, me entende? — Ele falava cada vez mais rápido, cortando fonema ou outro. Gustavo podia sentir seus pulmões contraindo no ritmo das palavras, sabendo que o pai estava apenas se aquecendo. — A maioria dos preculgos faz o empregado pensar que se não obedecer vai ser mandado embora.

— Ela estava sendo impertinente com uma *convidada*! — Disse Gustavo, empurrando a frase por entre os dentes, incapaz de entender por que o pai lhe batera em nome de uma mera serva.

— Que convidada, Gustavo? Anabel?

Gustavo engoliu em seco, esperando passar a tontura de entender o que se passava. Ângela levantou-se e, correndo tanto quanto podia, saiu da sala em direção à cozinha.

— Pai...

— Não apenas descobri que meu filho é um *péssimo* preculgo, mas através de minha *cara* Ângela — levantou a mão para ela, com um sorriso — descobri também que você anda compartilhando conhecimento com uma bomin.

— É mais do que isso, pai, você não entende...

— Não *ENTENDO?* — Descontrolou-se ele, levantando-se lentamente, num ritmo diferente do tom de voz bárbaro. — *NÃO ENTENDO, GUSTAVO?*

— *NÃO, NÃO ENTENDE!*

— Vamos *VER* se não entendo, Gustavo!

Jorge foi até o filho como uma charrete com a intenção de atropelar e agarrou-o pela camisa. Jogou-o contra a parede, apertando a palma da mão aberta contra seu peito. Gustavo ofegava, confuso; logo viu que o pai havia laçado seu corpo no pequeno bosque do castelo sem defesa. Jorge, com um puxão de uma longa corda, jogou-o para o alto.

Gustavo viu o horizonte descer enquanto o vento passeava pelos seus ouvidos. Depois, começou a cair e, antes que entendesse onde estava, quebrou vidro e madeira. Embolou-se no chão, aterrissando sobre estilhaços e farpas. Procurou por um lugar seguro para apoiar as mãos e se levantar, mas o pai já o jogava para dentro de uma sala que ele acabara de abrir com um chute.

— *Não, pai!* — Dizia Gustavo, choroso, enquanto o pai mantinha suas costas pressionadas contra a parede ao lado da porta.

— *OLHE! OLHE* para isso, Gustavo! — Dizia Jorge.

Estavam na sala verde de Gustavo, e ele podia ver agora toda a glória do trabalho que Anabel havia feito. Retratos dela, coloridos e precisos, por todo o lugar: mesas e mais mesas cheias de retratos entulhados sobre o tampo e por debaixo delas. Nenhuma luz poderia entrar pelas janelas, pois estavam cobertas por retratos. Apenas os minérios alaranjados nas paredes foram poupados da cobertura dos desenhos emoldurados em rosada madeira.

Jorge tirou a mão do peito do filho, que caiu para frente antes de voltar a se apoiar nos móveis da casa.

— Eu a amava, pai... Eu a amo...

— Não. *Ela* ama os magos preculgos. *Ela* precisava que você a amasse também.



— Eu e Amanda podemos continuar nos encontrando — explicava Tadeu — e você e Gustavo também. Nós temos um lugar que ninguém nunca descobriu, e se *fingirmos* estar juntos *ninguém* vai desconfiar de nada.

Era difícil para o jovem bomin entender o que Anabel sentia. Seu rosto estava estático, como se o choque da descoberta do amigo ainda não tivesse passado. Seus olhos, que o ouviam sempre de lado, não mostravam confiança. As mãos juntas sobre as pernas, paradas como se ela estivesse morta, tampouco ajudavam a entender o humor da menina.

— Podemos ficar juntos, então. Eu e Gustavo.

— Sim. Eu não sei se concordo com o seu método, Ana, mas... Eu vi que havia molduras que não eram rosas ali. Havia molduras de outros tipos também, d-devem ser as genuínas...

— S-sim. — Respondeu ela, com um curto e frenético balançar de cabeça.

— ... Então vocês se amam também. Vocês merecem isso tanto quanto nós.

Anabel esfregou o roupão por um momento e, olhando para baixo, confirmou com um aceno tímido de cabeça.

— Tudo bem.

— *Ótimo!*

— Mas deixe que *eu* falo com Gustavo. — Pediu ela, firme.

— Sim. É-é claro.

— Você tem que ir, agora.

Tadeu concordou e levantou-se num salto. Anabel o acompanhou até a porta, e o silêncio dos segredos perigosos que agora guardavam juntos estourava entre os dois. Despediram-se simplesmente ao trocar olhares cúmplices.



— Eu sempre expliquei, Gustavo, sempre disse o quanto devemos nos controlar. Tentei *enfiar* isso nessa sua cabeça. — Ralhava Jorge, andando de um lado para outro na sala. Gustavo sentava no sofá, as canelas cruzadas perto do chão, a cabeça pendendo em direção a elas. — Você tem muito a aprender, mas quero que saiba o quão *desapontado* estou com você... Você nem mesmo *viu* que esta bomin *destroçou* a sua porta!

— Não foi ela.

Jorge interrompeu a mão, que levava um copo até a boca, e olhou com preocupação para o filho.

— Quem foi?

— Hoje à tarde a filha de Barnabás veio aqui. Amanda. Eu confiei nela... Mas ela me disse que tinha um segredo perigoso na sala verde dela.

— Não... — Sussurrou Jorge, com o olhar perdido.

— Foi ela, pai. Ela pôs fogo à minha porta. Deve saber se duplicar, essa é a *única* forma, pai. Ela *também* está com um bomin, *também* tem aprendido coisas com eles...

Gustavo foi interrompido pelo som de Jorge chutando com força um dos pés do sofá.

— É a *SEGUNDA* pessoa que você confia e que não DEVERIA, Gustavo! Amanhã você vai até ela e vai *forçá-la* a dizer o que sabe. Entendeu? — Ele fez que sim. — Temos que garantir que ela não vai dizer nada. Vamos fazer isso antes de partir.

Jorge amontou mais um copo no console da lareira ainda sem fogo. Gustavo precisou de algum tempo para entender o que o pai dizia.

— *Partir?*

— Vamos embora. De volta pra Den-u-pa.

— *NÃO!* — Berrou ele, quase tropeçando ao levantar-se do sofá. Pretendia pedir ao pai que ficassem, mas Jorge virou-se completamente para o filho com um olhar do mais puro repúdio. — E... E Anabel?

— A essa hora... — Disse ele, com a sincera voz de quem não se importava. — Deve estar presa.

Capítulo 60

Refém

A charrete, simplíssima, descia as colinas suaves e convidativas a pequena distância do Rio da Discórdia. Os viajantes vestiam roupas ainda mais longas do que as esperadas na baixa temperatura: casacões negros e calças pardas, além de panos que cobriam a cabeça, deixando espaço para o nariz e os olhos.

Retornar à cidade de origem pela segunda vez era algo surpreendentemente novo. Desde quando voltara da vida que vivera em Kerlz-u-een já não via Prima-u-jir com os mesmos olhos. *Não tinha* os mesmos olhos; eles ficaram para trás. Tudo havia mudado. Da primeira vez, voltara com uma companheira e um filho, com um propósito oculto e com mais experiência. Era um ser novo em pele antiga.

Dessa vez era diferente. Voltava sem a mulher e o filho, mas com a ciência de que logo os sentiria mais próximos que nunca. Tinha também outros olhos, outra mente e um coração razoavelmente mais fibroso. Seu propósito era um só: sair daquela cidade e morar onde fosse aceito. Tinha que conhecer seus limites antes que pagasse um preço alto demais. Não tinha mais a família para a qual uma vez voltou — aquela se foi, decomposta por julgamentos e medos de toda sorte. Todo aquele bosque, todas aquelas jirs; toda aquela gente pouco significava agora.

— Para onde vamos? — Perguntou ele.

— Primeiro vamos fazer uma visita. — Respondeu o condutor, falando mais alto para que a voz ultrapassasse os panos ao redor da boca. — Descobrir se está tudo bem.

— Certo.

Lamar virou o pescoço para o norte, que expressava promessas e desafios com a ousadia dos invencíveis — como se, querendo pôr-se como prova à coragem do alorfo, punha-se entre ele e aqueles que ele amava. Roun, o sol, menos provocador, estava no topo dos céus, de onde logo desceria com moribundo conforto; entregava-se a Nauimior para que Heelum pudesse existir, e Lamar sentia-se grato. Em apenas cinco dias Inasi-u-sana chegaria ao fim e Roun se tornaria mais forte. A força não o impediria de sucumbir no fim do dia, é claro, todos os dias. Lamar esperava adquirir com o

tempo aquele tipo de sabedoria, que ele não sabia explicar e dissecar, mas silenciosamente admirava.



A parte preocupante era estar no centro: Lamar poderia ser reconhecido e todo o plano cair por terra. Tornero e Byron poderiam aparecer a qualquer momento.

Mas isso não aconteceu. Cortaram caminho o quanto puderam por ruas de pedra e às vezes mesmo puro chão batido: estranhos, certamente que poderiam chamar a atenção. A paranoia crescia, e alcançou um pico particular quando chegaram a uma esquina entre duas largas ruas. Kerinu parou a charrete em frente a uma pequena casa baixa, e os pelos de Lamar se eriçaram.

— Quem mora aqui? — Perguntou Lamar.

Kerinu desceu da charrete, e Lamar logo fez o mesmo. Checaram duas ou três vezes a retaguarda. Ninguém parecia particularmente interessado neles.

— Nosso contato. — Respondeu Kerinu, baixinho.

Seu castelo estava ali desde que chegaram, e a cada passo tornava-se mais vivo e presente. Lamar o enxergara rapidamente, logo voltando a se concentrar na curta caminhada até a soleira da porta. Demorou um pouco mais do que eles secretamente desejavam, mas alguém abriu caminho para dentro da residência.

Lamar a olhou como pôde com o rosto coberto. A mulher de cabelos castanho-escuros deixou-os entrar sem precisar pedir por segredos. Deslizou o corpo com pesada suavidade e fez um gesto bruto com a mão. Não os encarou; preferiu o chão.

Os visitantes ficaram parados na entrada da pequena sala. Havia apenas duas poltronas, e nenhum dos homens avançou sobre um assento. Não foi problema para Caterina, que sentou-se virando para eles.

— Caterina. — Disse Kerinu. — Este é Lamar.

Ela olhou para ele com muda e bela gravidade. Os barulhos da rua, que já não eram muitos, abafavam-se completamente dentro da casa. A poeira sonora começava a incomodar Kerinu, que olhou para o teto por um instante.

— Caterina... Quem está aqui?

— Ele está comigo. — Respondeu ela, fechando os olhos. Abriu-os novamente e, pondo os pulsos sobre os braços da poltrona verde-clara, balançou a cabeça negativamente. — Não quero envolvê-lo em nada disso.

— É justo. — Concordou Kerinu. — Aconteceu alguma coisa?

— Sim.

Lamar engoliu em seco, não sabendo se falavam em símbolos e expressões internas ou se havia *realmente* acontecido alguma coisa. Sabia que aquela mulher, que agora parecia tão abalada e inerte, ficara responsável por cuidar de Myrthes e Ramon por alguns dias antes de eles viajarem.

— O quê?

— Eu fui falar com ela porque um homem foi falar com ela antes. Um homem estranho, que eu não conhecia.

Kerinu levantou uma sobrancelha.

— Você sabe que não devia. Agora ela sabe quem você é.

— Não mais.

Foi a vez dela de engolir, voltando as atenções para Lamar.

— O que... — Começou ele, buscando confirmação em Kerinu. — O que está... ?

— Ela morreu, Lamar. Me desculpe.

— Caterina... — Interveio Kerinu, como se ela tivesse dito algo fora de contexto.

— Ela se foi. — Insistiu ela, com simplicidade.

Kerinu arqueou as sobrancelhas. Ela não voltou atrás.

— Mas... — Disse Kerinu, estupefato — *C-como*, o-o que...

Pouco a pouco sentia a falta de resposta à pergunta que não foi feita, e uma revolta contra aquele silêncio maldito crescia em seu estômago como um turbilhão enquanto Caterina batia nervosamente com os dedos indicadores na poltrona.

Lamar estava paralisado, sem fazer qualquer esforço que não fosse o de se manter em pé. O que foi que tinha *acabado* de ouvir? Era o barulho dos passos nervosos de Kerinu no espaço diminuto atrás de si ou o olhar cirúrgico daquela mulher *odiosa* à sua frente?

— Caterina, o que... *Quem*... — Dizia Kerinu, alternando perguntas e respirações. — Quem fez isso, Caterina?

— Foi Tornero. Ele pôs fogo à casa na noite anterior à viagem deles.

Caterina não mexia mais os dedos. Olhava incisivamente para Lamar, que mantinha os braços presos ao tronco e nada mais.

— Caterina... — Começou Kerinu, parecendo mais controlado. — Eu... Eu preciso de um... Preciso ir ao banheiro. Pode me dizer onde fica?

Caterina moveu os olhos, brusca. Balançou a cabeça efusivamente e apontou com o dedo indicador uma porta à direita.

Kerinu observou o caminho. Pediu a Lamar, quase sem olhar para ele, que não saísse dali. Também ouvia pouco além das próprias batidas aceleradas no peito.

O corredor que Kerinu adentrava era baixo e pouco largo. Amarelo do início ao fim, perdera a única esperança de transmitir alegria ao invés de

repulsa quando foi projetado sem janelas. Logo no início uma porta singela dava para o banheiro.

Sem querer apostar no acaso, vasculhou-o; não encontrou nada. Havia ali um pequeno baú de roupas, duas jarras de água feitas de barro, um minúsculo espelho torto em cima de um prato fundo sobre um suporte metálico e a tampa cinzenta de uma latrina. Mais ao fundo, uma enorme tina metálica que não conseguiria esconder ninguém.

Kerinu deixara a porta aberta, segurando-a com a mão enquanto investigava o cômodo. O banheiro tinha apenas duas aberturas — a própria porta e uma para cima, o que fazia com que a luz dourada invadissem indiretamente o recinto. Curioso, o alorfo esticou o pescoço para conseguir ver algo do telhado, mas nada viu de concreto.

Sabia que o castelo estranho não estava *tão* perto, de qualquer maneira.

Fechou o banheiro e voltou ao corredor, avançando sem pudores em direção à última porta. Por ali entrava outra porção de claridade, fragmentada e lúcida.

Virou-se de pronto, jogando o corpo contra a porta aberta encostada à parede. Os cantos do quarto, de corvônia, enquadravam de maneira bizarra paredes de madeira pintadas de azul-bebê. O armário, logo à direita, e a armação da cama, logo à frente, eram puro marrom. O juiz do jogo horrendo de cores era a janela pastel de comum paradigma quadriculado voltada para a cama. Sem cortinas, deixava ver um estreito corredor sem teto que fora bloqueado pela casa ao lado, uma construção muito maior. Do outro lado da área aberta, uma porta para a cozinha.

Kerinu, com os olhos vidrados em adrenalina, não conseguia ver nenhum movimento estranho, sombra suspeita ou respiração abafada. Afirmando todos os sentidos. Não deixava o saguão de seu castelo, e adicionava mais trancas ao portão principal, fazendo-o balançar com leves estrépitos.

Deu um passo para trás e agachou-se, olhando por debaixo da cama. Não havia ninguém. Levantou-se, ligeiro, e permitiu-se olhar para fora da janela. O outro castelo, de tamanho mediano, continuava ali. Logo à frente. Tão próximo que seria um erro considerar aquilo um acaso.

Tinha que ser a janela.

Kerinu avançou; um, dois, três passos, a cada um deles virando o pescoço. Nada se movia, nada vivia; nada era tão ameaçador quanto aquela presença estranha, aquele corpo incômodo, a única chance de explicar aquela loucura.

Ao chegar aos pés da cama e ser capaz de enxergar a maior parte do pequeno pátio externo, viu o castelo se afastar levemente.

Virou-se tarde; a porta do guarda-roupa se abriu com um grito comprimido e de lá saiu uma espada que, passando rente ao corpo esquivante de Kerinu, quase lhe tirou o dedo.

Tudo agitou-se dentro do castelo, com os limites e os tijolos misturando-se em um flácido baque. O alorfo rolou para o centro do saguão, assustado com a força do impacto sobre o portão; viu o mundo todo inclinar-se tortuosamente enquanto era encurralado no quarto de Caterina, onde a ponta da lâmina aproximava-se do peito de Kerinu enquanto os olhos encaixotados do inimigo faiscavam.

Kerinu avançou à direita para tentar escapar ao golpe, mas sofreu um longo e ardido corte nas costelas; caiu com um giro por sobre a cama. Um segundo mais tarde via a mesma lâmina, sedenta, preparada para descer-lhe outro golpe.

Com um gemido retesou o corpo e chutou o homem para o canto. Rolou para o chão, sentindo os cortes se abrirem mais um pouco quando agachado; o inimigo ficou desorientado ao bater na parede. A espada pingava sangue no chão, desleixada.

Kerinu levantou-se em uma explosão de raiva e prensou o nêmesis na parede. Voltou a Neborum, onde percebeu a pressão que a porta recebia. Correu para lá e encostou as palmas das mãos na parede à esquerda da entrada sob ataque; optava por uma tática arriscada.

Num momento de confusão e medo os corpos tontos digladiaram-se; um queria libertar-se de um julgo pífilo para usar a vantagem da espada, enquanto o outro tentava ganhar tempo, sem estratégia. Kerinu afastara-se o mais rápido que pôde com o tronco para dar um soco no rosto do outro mago. Dois socos depois e já o segurava com a mão esquerda pelo ombro. Um soco depois e ficou lento demais; o ferimento e o despreparo atingindo-o com força.

Abriu os olhos para Neborum, e viu que integrava-se com sucesso à parede do próprio castelo, o corpo derretendo-se nas extremidades e deslizando para o muro obscuro que o envolvia em frio, grandiosidade e onisciência. As pancadas e chutes decididos que o invasor lançava aos portões do castelo passaram a ser verdadeiras estacas no abdômen; resistiu ao contrair-se por inteiro.

Via agora a face do inimigo. Os lábios tremiam, deixando a boca entreaberta; sua barba suja se projetava, sua sobrancelha desalinhada arpejava-se e as notórias orelhas permaneciam ali, fazendo nada. Kerinu estava preso à imagem deplorável do agressor que lhe cortara parte das costas com a espada na mão direita.

Rouguer arrancou a espada com rispidez para trás, fazendo Kerinu cambalear. Chutou o alorfo, que caiu de costas.

Kerinu entrou em pânico ao pensar que não podia respirar daquele jeito. Devia se controlar, acima de tudo se controlar. As costas ficavam cada vez mais molhadas em rubro desespero, passando a palpitar em contrações fora de ritmo quando a cabeça de Rouguer apareceu em meio ao teto negro e

alaranjado. Kerinu balançava a cabeça, sentindo frio, agonia, ódio; raiva, tristeza, incerteza; acima de tudo, seus braços.

Rouguer levantou a espada e tentou enterrá-la sem misericórdia no peito do mago caído, que reuniu o que lhe restava de força e jogou os antebraços para a esquerda, defendendo-se da espada. Rouguer, bufando de raiva, logo se arrumou para terminar a tarefa, mas Kerinu aproveitou a deixa e, num esforço, chutou a canela firme do inimigo.

Rouguer caiu por completo, perdendo o equilíbrio; cego de raiva, ficou no chão por tempo demais. Expulsando o ar dos pulmões com força, Kerinu bateu pela guarda da espada que caíra entre eles.

Rouguer se apurava mas, de cócoras, conseguiu apenas se esquivar de um ataque aleatório do alorfo. Kerinu não conseguiu se levantar quando tentou se apoiar no cotovelo esquerdo, com a espada na mão direita voltada para o chão, e ao cair viu que Rouguer já se avolumava junto a ele para recuperar a arma.

Em um suspiro que julgou ser seu último esforço, usou a espada como uma adaga.

Arregalou os olhos enquanto assistia, com a mandíbula suspensa, a vida quente verter do pescoço torto de Rouguer. Ele tremia, desfalecendo por etapas. Kerinu viu o tempo perder o sentido dentro de olhos cheios de rancor e desespero. Ainda apertava o cabo da espada com força quando pensou que já não olhava para pupilas animadas.

A dor aumentou, vingando-se de Kerinu por tê-la ignorado. Quando julgou não sentir mais resistência alguma deixou tudo de lado, caindo em cima do peito do corpo morno.

Sentia ainda os batimentos fracos e frementes de um coração abatido. Seu castelo devia estar desaparecendo em chamas ou na bruma, mas também o próprio devia estar. Não tinha certeza, uma vez que não conseguia ver Neborum. Nem desejava.

Ouviu passos. Revigorou-se com os sons, mas não conseguiu reunir forças para ver quem estava ali.

— *Não!*

Ele sentiu a mão de Caterina tocar-lhe o rosto e virá-lo; engoliu e sorriu, ignorando todas as dores que o atacavam como unhas escavando suas entranhas.

Caterina olhou por alto o ferimento que Kerinu não conseguia avaliar e foi embora. Kerinu fechou os olhos, começando a sentir uma quantidade confusa de pontadas e repuxões.

Fechava os olhos para não abri-los mais. Pensava em Myrthes. Em Ramon, que há tempos não via — deveria estar muito maior, já. Do tamanho de uma árvore velha. Ou não... Menor, um pouco menor que isso. Sorriu.

Pensou em outros amigos e companheiros, de luta e de vida, de infância e de amor, de casa e de família. Dos pais aos primos, dos próximos aos distantes. Tentou revisitar cada lugar que um dia importou. Sentiu o pescoço tremer, e o sorriso foi vencido pelo medo.

Relembrava cada momento de solidão e decisão. Cada vez em que se questionara se estava fazendo a coisa certa, e cada desagradável momento que, se não destruía a dúvida, aplacava-a com ponderação equilibrada que tornou-se, um dia, insuportável de ignorar. Aquilo não podia ser só uma opinião guardada e escondida. Seria sua vida ou não seria nada; foi sua vida e agora era sua morte.



Lamar chegara enfim ao topo. Mesmo sendo a colina mais alta da cidade, aquele não era um percurso por demais exigente. Era o justo, não mais que o necessário; aquele era o lugar certo para a mansão bege do homem mais poderoso que já conhecera. O homem que tentara lhe dar tudo — tudo que Lamar não queria — e, por despeito e orgulho, destruía sua vida.

Ali estava o decadente e patético mago alorfo que quase tornou-se um grande bomin. Praticamente nu por dentro. Despira-se, fora despido; despiram-lhe todos os sonhos e medos, todas as rotas de fuga e planos auxiliares. Tornara-se casca, abandonado à sorte de ser só alguém, sem ninguém nem nada.

Estavam ali todos os jovens rosanos de angústia.

A mão vacilante girou a maçaneta da porta principal. Não esperava que estivesse aberta, apesar do gesto, mas se enganou.

Fechando-se no covil dos bomin, admirou a suntuosidade rubra dos móveis e atapetamentos que cobriam o largo cômodo. Minérios vermelhos, verdes e amarelos iluminavam o ambiente com nobreza por detrás de empoeirados prismas de vidro afixados às paredes. Lançavam raios surpreendentemente harmoniosos por sobre o tampo envernizado de uma longa mesa no centro deslocado do ambiente.

Segurando-se com uma das mãos na parede esquerda, Lamar arriscou um olhar pela janela do próprio castelo em Neborum. Via um outro longínquo e indiscernível, mais ao longe. Movendo-se em uma linha de frente bem mais próxima estava um outro, com um gramado que misturava-se ao da paisagem geral, convidando o desavisado a passear por um corredor que cingia o conjunto mais vigilante e sombrio de torres que Lamar jamais vira.



Kerinu ouviu um estalo distante e, instantes depois, foi tomado por um formigamento intenso na pele das costas e da barriga. A sensação, que no começo só provocou um mórbido sorriso, foi convergindo para suas feridas e cortes, e passou a borbulhar numa mistura misteriosamente fugaz de calor e frio. Sentiu com aguda clareza um puxão violento que Caterina deu em seu corpo para afastá-lo do de Rouguer, e começou a perceber que ela apertava um objeto duro e levemente áspero nos machucados que antes lhe afligiam.

Lentamente abriu os olhos. Caterina, visivelmente aliviada, o envolvia nos braços. Kerinu experimentou se levantar e, para sua surpresa, conseguiu sentar sem problemas ou dores. Virou o corpo para Caterina, encostada aos pés da cama, e ela lhe mostrou o que trazia na mão direita: metade de um minério dourado de seis lados.

Kerinu balançou a cabeça, olhando para o próprio corpo; suas roupas estavam encharcadas, com apenas partes do braço, da gola e dos tornozelos intocados por sangue. Levantou o casaco e a camisa para poder ver do que fora curado, e tanto a grande perfuração como o longo corte, todos do lado esquerdo, pareciam machucados simples e superficiais há muito cicatrizados. A pele estava rosada e árida, mas completamente reconstituída.

— Isso é... Incrível. — Disse ele, voltando a olhar para a dona da casa. — ... Obrigado, Caterina.

Ela pôs a pedra opaca sobre a cama, sorrindo com leveza para o nada da memória.

— Desde antes de entrar no parlamento eu carregava esse minério para onde quer que eu fosse. Achei que ele... Poderia me salvar um dia. Achava que podiam tentar me matar a qualquer hora. Depois de um tempo guardei ele no banheiro. Se eu o levasse para todos os lugares poderia ser roubada, ou poderia perdê-lo de vez... — Balançando a cabeça, voltou a olhar para Kerinu. — De qualquer forma... Você também me salvou.

— Quanto a isso... — Disse ele, assumindo um tom preocupado. — Ela está *viva*, não está?

— Sim. Me perdoe, Kerinu, eu estava sendo controlada. Eu não quis dizer nada daquilo, você sa... —

— Está tudo bem, Caterina. Eu entendi a sua mensagem. Sabia que era mentira.

— Sim, uma mentira de *Rouguer*. Ela foi para Imiorina, eu mesma a vi partir... Mas ele *conversou* com ela.

Kerinu olhou para o corpo a apenas dois pés de distância.

— Este é Rouguer. Quem é ele?

— Um espólio que trabalha com documentos. Eu *não faço ideia* do que ele fazia falando com Myrthes, Kerinu, mas eu sei que tudo correu como o planejado, eu tenho certeza...

— E quando começou a dar errado?

— Tornero ateou fogo à casa. Não sei se ele sabia que não havia mais ninguém ali, mas ele não fez nada para *capturar* alguém do lado de dentro. Simplesmente cobriu o lugar em chamas e foi embora.

— E depois Rouguer veio?

— Sim, ele veio aqui. Me controlou... E o resto você sabe. — Contou ela, com um quê de impaciência na voz.

Levantou-se, finalmente, apoiando-se na borda da cama. Ofereceu prontamente a mão para Kerinu, que destacou-se das próprias paredes, saindo pelo lado de fora do castelo em passos trôpegos. Reconheceu por alguns felizes instantes o majoritariamente vazio terreno ensolarado ao seu redor: via apenas o castelo da amiga nas redondezas.

Voltou ao quarto, percebendo que Caterina olhava com abjeção o corpo de Rouguer. Kerinu ficava cada vez menos à vontade naquele lugar.

— Temos outro problema. — Disse ela.



Lamar tirou a mão da parede, assustado, quando viu que Tornero o observava do outro lado da sala. Vestia uma capa laranja e trazia no rosto sua austeridade carregada; desceu do nível do corredor e os dois se olharam por alguns instantes.

— Como você quer que eu o mate, Lamar? — Perguntou Tornero, dando um passo à frente. — Narrando cada passo que dou de acordo com a sua atenção ou... O que é um *privilégio*... Silenciosamente?

Visitou Neborum e encostou o punho na madeira torta da própria porta, agora cheia de travas e cadeados. Voltou a observar Tornero, percebendo que perdera por pouco o surgimento de um sorriso malicioso.

Pensou no garoto que conhecera. Um garoto presunçoso, é claro, mas Lamar chegara a duvidar que ele guardasse em si a mais fria das vocações. Por outro lado, desde que aquele garoto se transformara em um bomin Lamar não podia mais dizer que o conhecia.

O que é que eu quero, afinal?, pensou Lamar. Que propósito teria aquilo? Deixou as mãos caírem, saindo de perto da porta em seu castelo. O que Tornero fez não tinha um nome certo.

— O que foi, Lamar? — Perguntou ele, com os braços abertos. Tornero dava passos curtos à frente e Lamar dava outros para trás, fazendo a curva em direção à grande mesa da sala.

Queria brigar com ele. Sair do castelo e fazer o que achava que seria capaz de fazer; sem controle, sem regras, sem estratégia. Queria dar socos naquele rosto intrometido, arrogante e pretensioso. Arrancar dentes com as mãos fechadas.

Secou uma lágrima na bochecha direita com uma mão desgovernada. Todo aquele trabalho foi por eles. Tudo o que ele passou foi para poder voltar e ir embora com eles. Eles eram mais importantes — tinham sido mais importantes, tinham se tornado mais importantes, definitivamente — qualquer coisa por eles. Não valeria à pena se ele acabaria preso ou morto. Não, queria viver com eles. Eles foram mais importantes.

— Byron quer você *morto* por que você nos desafiou. Ele não *se importa* com você. Você foi para a cadeia porque isso era mais fácil, mas agora todos pensam que você fugiu. Se te matarmos agora *ninguém* vai saber. Mesmo assim, é pra *cá* que você vem. Você é... — Ele não conseguiu segurar o sorriso dentro da boca. — *Ah, Lamar...*

Tornero ainda disse algo que Lamar ouviu pela metade, em um som abafado. Prestou atenção por um momento no saguão de seu castelo, ainda inabalado e silencioso, e logo voltou a olhar para Tornero, que se aproximou mais. Lamar andou para trás, ficando no final do espaço entre as cadeiras e a parede decorada com um grande espelho emoldurado em corvônia.

— Você parece ter medo. — Disse Tornero, analítico. — ... *Mesmo sem ter nada a temer...*

Lamar permaneceu quieto, segurando com desproporcional força o encosto de uma das cadeiras. O olhar de Tornero era o de um monstro. Era um monstro que ele enfrentava. Não um garoto, não um homem.

— Você quer vingança... Mas não sabe se vai conseguir.

O céu continuava claro e cristalino em Neborum, mas Lamar podia sentir uma mudança no tempo. O vento reunia-se em tufos, assoprando timidamente as janelas; as torres de Tornero estavam por perto, mas não havia nenhum sinal de seu iauomo.

— Tem razão, Lamar. Você não vai conseguir.

Desvencilhando-se do sorriso, Tornero puxou com rapidez a espada por debaixo da capa e avançou com golpes ágeis, mas displicentes. Lamar sabia que tinham a função de deixá-lo ocupado, e conseguiam. Cortavam o ar, faziam o alorfo fugir, esquivando-se pelos espaços limitados da sala.

Correu como pôde e conseguiu ficar do outro lado da mesa. Olhou para o próprio castelo, sem saber como socorrê-lo; baques explosivos traziam a fumaça para dentro do saguão. Duas trancas já estavam no chão do lado de dentro, estouradas, e a ventania fazia uma crônica premonição; focos de negra fuligem chegavam aos céus, espalhando a escuridão por todo o cenário.

— Pode ficar o quanto *quiser*, Lamar! — Disse Tornero, interrompendo os golpes.

— *Você não PRECISAVA*, Tornero! Não *PRECISAVA*!

— Não *precisava*, Lamar, mas eu *fiz*. *Você não precisava voltar a Primau-jir, MAS VOCÊ VOLTOU!*

— *Isso não é MOTIVO!*

— PARA MIM Ê!

A porta foi enfim arreventada, caindo em chamas à frente de Lamar. O cenário do lado de fora estava arrasado; um campo de brasas com o qual Tornero cercara o castelo.

— Nada aqui mudou. — Comentou ele, invadindo triunfalmente o castelo. Olhava para o teto e as paredes, pensativo. — Mas lá — apontou para um canto atrás do iauomo de Lamar. — havia terra.

Lamar voltou à sala de Byron, com medo do que podia estar acontecendo, mas Tornero sorria com a espada embainhada novamente.

— Vamos lá, Lamar, volte! *VOLTE!* Eu quero que *veja tudo!*

Lamar voltou. Não perdeu mais tempo e, concentrando-se, reuniu toda a repulsa trancada em cada músculo do corpo.

Virou as palmas das mãos para cima. Tornero observou com curiosidade o surgimento das chamas por todo o chão do castelo. Lamar aos poucos juntava as mãos à altura do peito, aproximando-as como se apertasse algum objeto no ar até reduzi-lo a nada. As labaredas tornavam-se mais intensas e, bruxuleando com violência ao redor dos magos, fez brotar um sorriso no rosto mágico de Tornero. Seu olhar enviesado durou pouco; só o tempo que custou a Lamar, com as pernas tremendo com a pressão e o calor que provocara, libertar toda a fúria que conjurara com um berro de dor e ódio criado no fundo da garganta.

O fogo juntou-se numa torrente horizontal que voou em direção a Tornero. O alvo não se moveu; o fogo o atravessava, consumindo-o, mas Lamar nada via; o deslocamento das chamas produzia tanta fumaça que todo o castelo encheu-se de uma densa neblina.

As mãos de Lamar caíram, formigando de uma forma inédita para ele. Caiu de joelhos, com a planta dos pés em frangalhos.

A névoa invadiu Lamar ao mesmo tempo em que, assumindo um borrão de cores quentes, transformava-se em uma pancada. Atordoado, percebeu que fora buscado do outro lado da mesa e jogado no chão. Ouvia os passos da bota de Tornero aproximando-se. Apoiou-se sobre os cotovelos e viu o sorriso debochado do inimigo, que o levou à bruma cinza do próprio saguão.

O fogo se extinguiu, e só as nuvens baixas sobraram. Lamar conseguia distinguir a luz azul escura vinda das janelas, e também a luz amarela dos minérios perto do teto do saguão. Todos os focos de luz estavam borrados e distantes, e não colaboravam muito com a visibilidade do lugar, cujas colunas continuavam ocultas sob o manto da poeira. Ao olhar para a frente, onde antes estava Tornero, uma sombra humanoide projetava-se imóvel e tranquila.

Lamar tremeu instantes antes de ter toda aquela vista despedaçada. Viu-se novamente na mansão, caído para o lado direito. Seu rosto ardia, e ele

instintivamente levou a mão à bochecha esquerda. Voltou o pescoço para trás e viu um Tornero serenamente psicótico. Arrastou-se como pôde para longe dele, mas parou ao alcançar o desnível que levava ao corredor.

— Eu treinei *muito* com fogo, Lamar. — Elucidou ele. — *Nenhum* fogo me machuca.

Sons do lado de fora chamaram a atenção dos combatentes, que se viraram para a porta de entrada. Kerinu e Caterina subiram correndo as escadarias e quase derrubaram a porta ao abri-la com violência.

— NÃO! — Bradou Lamar. — Vão *EMBORA!* Não *ERA* pra vocês estarem aqui, *NÃO, NÃO, N-*

— Eles *não estão* mortos, Lamar! — Caterina cortou.

Tornero fechou os olhos, bufando em impaciência. Lamar olhou para a feição cheia de culpa e urgência de Caterina, e por alguns segundos seu coração adquiriu uma leveza que fez o mundo suspender-se em um só momento de salvação.

Porque ele *sabia* que ela dizia a verdade.

— Lamar — Chamou Kerinu, que olhava fixamente para Tornero — Você tem que ir embora. *Agora.*

Lamar levantou-se sem coordenação e juntou-se ao grupo de alorfos na entrada da casa. Tornero parecia estranhamente conformado com o resgate, parado em frente aos sofás tintos da sala.

— Vocês dois vão. — Disse Kerinu, dando um passo à frente. — Eu cuido dele.

— Kerinu...

— *Não discuta, Lamar.* — Respondeu o reconhecível mestre. — ... Vá embora.

— Vamos... — Disse Caterina, decidida, puxando o braço de Lamar.

Kerinu esperou que os dois descessem os últimos pétreos degraus e fechou a porta atrás de si.

— Seu grande erro... *Kerinu* — Disse Tornero, com nojo espumando na boca — foi achar que você pode *cuidar* de mim.

Kerinu balançou a cabeça, respirando fundo.

— Vamos ver.

Sacaram a espada ao mesmo tempo e correram ao encontro um do outro, chocando-se no ar e trocando de posições na sala. Seus castelos moviam-se na terra, criando tremores no círculo onde as duas almas se encaravam, furiosas.

Lamar e Caterina começavam o declive que os levaria de volta à cidade quando a maga estancou.

— O que foi? — Perguntou Lamar.

Caterina olhava para ele com uma expressão de puro terror. Ela não precisou responder, tampouco ele precisou voltar a Neborum para entender.

O som dos yutsis anunciava a chegada da charrete laranja, que subiu a uma velocidade espantosamente desesperada a última parte do morro. De dentro do veículo saiu Byron, que dirigiu-se à dupla com tranquilidade.

— Vocês não vão a lugar algum. — Disse ele, arrumando a capa negra que alongava-se até os pés.

Tornero e Kerinu continuavam lutando na sala, com o alorfo golpeando-o com rapidez; Tornero escapou a um ataque por baixo, quase acertando as costas de Kerinu num contra-ataque; Kerinu defendeu-se ao conseguir pôr força na espada para empurrar o inimigo, os dois trocando de posições novamente. Continuaram medindo forças enquanto Tornero corria em direção a Kerinu com as mãos flamejantes em Neborum.

Kerinu correu em direção a ele também, e no choque os dois foram jogados para longe, caindo de bruços no chão. Kerinu levantou-se prontamente, mas não tão rápido quanto Tornero, que já lançava chamas contra ele.

Kerinu desviou do fogo ao jogar-se para a direita e, em uma cambalhota que lhe colocou de pé de novo, correu até sentir que não estava mais perto do inimigo. Olhou ao longe e o avistou em frente aos castelos que tremiam e ziguezagueavam no entorno do céu cada vez mais lilás.

Tornero levantou o braço direito e uma linha fogo surgiu no chão, provocando explosões cada vez maiores ao atravessar os ares, agora cheios da perigosa infusão de vermelho e amarelo que tanto agradava ao bomim. Com um outro gesto, as chamas preguiçosas que lambiam e sujavam ainda mais o céu organizaram-se e voaram, ainda mais cheias de vida e combustível, na direção de Kerinu.

Tornero encurralava Kerinu com a espada, que passara a receber impactos mais do que atacar; num descuido abriu demais a guarda, foi lento, e Tornero avançou contra o peito do alorfo, que precisou atacar a lâmina inimiga para o alto, tirando-a do caminho. Tornero voltou a golpeá-lo com ainda mais força e, escorregando na ponta do tapete, Kerinu perdeu o equilíbrio e recuou ainda mais, por pouco não conseguindo se defender de mais uma investida de Tornero, definitivamente um melhor espadachim.

O fogo estava chegando perigosamente perto quando Kerinu cruzou os dois antebraços em frente à cabeça baixa. Uma fina parede de vidro ergueu-se a partir dele, dividindo o mundo em duas partes do chão ao céu. O fogo chocou-se com a muralha parcamente visível, desaparecendo imediatamente.

— Lamar, não. . .

— Tarde deAAAAAAHHHHH!

Lamar caiu no chão de joelhos, pondo as mãos na cabeça; logo todo seu corpo estava no chão, contorcendo-se em uma posição cada vez mais fetal.

Caterina saiu de seu castelo e encontrou Byron esperando por ela. Uma lufada de vento a jogou, imobilizada, de volta contra a própria porta tran-

cada.

— LAMAR, *LUTE!* — Gritava ela para o corpo desesperado no chão, que espremia lágrimas dos olhos. Byron recebia, impassível, os olhares de esguelha da maga.

Ela bateu com as duas mãos nas portas do próprio castelo, que se abriram. O vento a empurrou para o fundo do saguão de entrada, e da mão direita esticou-se um negro e longe chicote que ela lançou contra uma coluna, enroscando-se. O ventou a levou, mas a pressão da corda a catapultou para fora, jogando-a contra o corpo de um Byron despreparado.

O vidro que Kerinu construía pegava fogo, derretendo ao mesmo tempo que se decompunha, com a chama se alastrando por toda a extensão mais e mais rápido. Quando ele deixou que os braços caíssem, o fogo desapareceu por completo. Tornero olhou em volta em antecipação.

No instante seguinte o vidro se estilhaçou com um estrondo ensurdecedor, e milhares de cacos voaram, indefensáveis, contra o corpo em acelerada fuga de Tornero.

Lamar cambaleava pelos corredores do próprio castelo, vendo neles formas geométricas de todas as cores, sons e texturas. Seu castelo tremia, saía de sintonia e ele, sentindo ora as dores de cabeça ora o próprio corpo sem membros, monolítico, tentava subir até a torre mais alta do próprio castelo frágil, cheio de obras e alas inacabadas.

Byron empurrou Caterina para longe; os dois se levantaram juntos e ela, ligeira, chicoteou o mago, que se esquivou do golpe. Quando ela tentou atacá-lo pela esquerda, foi atingida por uma onda que a fez cair para trás. A água rapidamente desapareceu na terra, que começou a amontoar-se por cima da maga, lamacenta.

Kerinu perdia a força e a concentração necessárias para manejar a espada. Tornero atacou-o com especial força ao ser atingido pelos pedaços de vidro nas costas, e o alorfo caiu sentado no sofá. Fechou os olhos no susto, mas logo abriu-os, alerta, e bloqueou um ataque definidor de Tornero. Girou a espada para fora, empurrando o bomin; num salto que misturava coragem e fuga, jogou-se no chão e girou com o auxílio do punho livre, alcançando a espada contra as pernas de Tornero, que recuou.

Tornero estava de pé, cambaleante. Kerinu lançou a negra e viscosa corda espólica em direção a seu pescoço, mas ela foi interrompida por chamas que Tornero, rugindo de raiva, conjurou ao inutilmente se afastar. Kerinu chegou mais perto e o chutou, sem misericórdia. Tornero caiu, com longos cortes abertos no corpo inteiro, e Kerinu o dominou por completo.

Tornero recuou até uma das cadeiras. Controlou sua respiração e pôs a mão sobre o peito. Olhava para o chão, piscando compulsivamente. Kerinu, ainda se equilibrando, olhava com desprezo para o discípulo bomin. Fez

questão de fazê-lo olhar em seus olhos. Sob novas ordens, Tornero pôs a espada sobre a mesa.

Lamar chegou num cômodo ao fim de uma feia e suja escada circular com os sentidos divididos entre a psicodélica visão de Neborum e o cheiro de terra quente do chão no qual se amontoava de punhos cerrados, esperando poder resistir à dor. O lugar ardia com um fogo traiçoeiro, que ele sabia — se conseguisse — como apagar.

Caterina lutou contra o solo que parara de se erguer sobre ela. Conseguiu sair de baixo do amontoado de terra e corria em direção ao castelo de portas escancaradas quando o céu clareou-se e ela, sentindo-se tropeçar e rolar sem ver isso acontecendo, soube estar olhando para o céu pacífico de Prima-u-jir.

Era a vez dela de cair no chão e ter vontade de arrancar cada fio de cabelo com as próprias unhas.

Deitou-se de qualquer jeito ao lado de Lamar. Byron assistia impassível ao conjunto de gritos, gemidos e prantos dos dois alorfos. Olhou então para a porta da própria casa.

Kerinu saía à frente. Não tinha uma espada, e andava com a cabeça baixa e as mãos para trás. Logo atrás vinha Tornero, carregando duas armas.

— Lamar é *meu*. — Disse Tornero, caminhando em direção ao nêmesis.

Kerinu engoliu em seco. Tentava não fazer movimento algum.

Quando olhou para o lado em Neborum, de pé em frente à massa escura que encobria Tornero no chão, viu um sorridente Byron de braços cruzados.

— Não sou facilmente enganado.

Byron avançou contra ele, que desfez o encordoamento negro na mão. Fechando o punho, jogou-se para trás e no momento em que Byron estava à sua frente, pronto para queimar por completo seu iaumo, e abriu a palma da mão em um violento e perfeito tapa na testa do velho mago, que desapareceu no mesmo instante.

Tornero parou no meio do caminho. Olhou para Kerinu com o canto do olho e, sem dizer nada, prosseguiu o caminho como se ainda estivesse sob controle do alorfo.

— *TORNERO!* — Disse Byron, cujo discípulo lhe entregou uma das espadas e continuou seu caminho.

Com a outra, preparou-se para atravessar o peito de Lamar que, com um ar extenuado, abria-se em entorpecido êxtase para o céu.

Kerinu retomou o controle do debilitado Tornero no momento em que Byron passou-o o atacá-lo em frente às escadas cinzas da mansão. Ele estava mais nervoso que o aprendiz, e atacava rápido e com força; Kerinu contentava-se em recuar, esquivando o quanto podia da busca incessante do inimigo por um bom golpe.

Tornero estava parado acima de Lamar, imóvel como uma estátua. A espada apontava para baixo, e seus olhos ignoravam as ordens de Kerinu, que os queria fechados. Os punhos, acima da cabeça, estavam prontos para fincar a estaca de metal no homem que reconhecia pouco a pouco o perigo em que estava.

Caterina via que ele ajustava a ponta da espada de acordo com os espasmos esparsos de Lamar, que diminuía cada vez mais. Percebeu que a dor desaparecia, e agarrou como pôde Lamar para tirá-lo de baixo do bomin.

— Lamar... Lamar... Lamar, por favor...

— Ca... Caterina... Meu... — Lamar tossiu duas ou três vezes. — ... Filho...

— Ele *precisa* de você, Lamar... Nós temos que ir *embora*...

Os dois ouviram um curto gemido de dor após um estrépito metálico. Lamar sentia os efeitos colaterais do dano que Byron lhe causara, mas virou-se na direção do chamado e assistiu Byron apontar a espada para o queixo de Kerinu, caído e desarmado.

— CORRAM! — Berrou ele, soando como se aquelas fossem suas últimas energias. — *CORRAM!*

— Vamos, Lamar, VAMOS! — Disse Caterina, forçando-o a se levantar.

— *SAIAM DAQUI!*

Byron recolheu a mão e num gesto irritado fez um corte transversal no rosto do alorfo, ao que Lamar respondeu com um urro lacrimado de pesar.

— LAMAR! LAMAR!

Caterina venceu a resistência do mago e os dois correram colina abaixo. Byron observou-os sair de seu campo de influência. Olhava pela janela de seu castelo para Kerinu, que, inabalável, continuava alimentando o domínio sobre Tornero.

— Solte-o. — Disse Byron.

Kerinu, exausto e com o rosto sangrando do canto do nariz à base da orelha, balançou a cabeça afirmativamente. Fechou os olhos, e ouviu a expressão de ódio e frustração de Tornero quando ele fincou a espada na terra seca.

— Tornero. — Chamou Byron. — Ajude-me a levá-lo para dentro.

— NÃO! — Resmungou ele. — NÃO! Eu posso ir atrás deles, eles não foram muito...

— *TORNERO!* — Ralhou Byron. Kerinu observou uma profunda frustração crescer no rosto do subordinado, tomado por suor, vermelhidão e vergonha. — ... Em *instantes* poderei sair de meu castelo de novo. Preciso que me ajude a *levá-lo para dentro*. Isto é uma *ordem*.

O novo mago-rei

Ordenada diretamente pelo novo mago-rei, a guarda militar do Conselho dos Magos reuniu-se e enfileirou-se, esplendidamente âmbar, ao redor do castelo do Conselho. Os outros magos estavam ali também — alguns com orgulho, outros a contragosto — em um púlpito de madeira feito para aquela ocasião misteriosamente forjada. Por detrás deles um conjunto de dez charretes, cada uma com três soldados do exército do Conselho, preparadas para partir.

Desmodes, numa elevação na região central do púlpito, observava as feições disciplinadas dos guerreiros. À frente da tropa, que não cabia toda na pequena planície nivelada acima da área do acampamento, estava o general Evan. Sua seriedade não incomodava o novo detentor do poder máximo no órgão. Evan seria fundamental em seu plano.

— Bravos guerreiros do Conselho dos Magos. — Começara Desmodes, falando perto de um minério de som apoiado por um rudimentar braço vertical de madeira. — Meu nome é Desmodes, e na condição de novo mago-rei, reuni a todos para um anúncio da mais extrema urgência e importância.

“Durante a gestão anterior muito ficou por ser feito. Dresden foi um mago honroso e digno, que lutou por nossos interesses, por nossos direitos e por nossa existência. Temos que honrá-lo, mas não é preciso concordar com seus feitos e suas escolhas. Podemos fazer mais. *Devemos* fazer mais.

É por isto que representantes, nossos soldados, irão percorrer Heelum e entregar a cada cidade um comunicado. Nós nos revelaremos, explicaremos nossos objetivos e a razão de nossa existência. Nós entendemos que o papel dos magos é liderar; é mostrar o caminho. Um caminho melhor. Mais organizado, integrado, inteligente e próspero, onde todos nós nos encaixamos e vivemos como devemos.

Às cidades será pedido que demonstrem sua lealdade ao entregar seu exército para a formação de uma força conjunta, que atuará na segurança deste projeto. Sabemos, afinal... Que algumas cidades são movidas por interesses baixos e ultrapassados. Elas não concordarão em deixar o passado para trás para se juntar a esta nova ordem. Devemos convencê-las, e lutaremos com tudo que temos. Usaremos todo e qualquer meio de que

dispormos.”

— Guerra. — Disse Peri, baixinho, com Elton e Kevin, cada um de um lado, olhando de soslaio para ele.

— ... Podemos dar início aos procedimentos diplomáticos.

Com um aceno discreto de Desmodes, os soldados começaram a puxar as rédeas dos yutsis, dando partida às charretes. Saíam, uma a uma em cada vez maior velocidade, para ganhar as colinas do centro de Heelum, depois as estradas e, por fim, as vinte e duas cidades de Heelum.

Sob o som de surpreendentes — e surpresos — urros e brados de excitação, Desmodes dava início a uma nova era.

Mapas

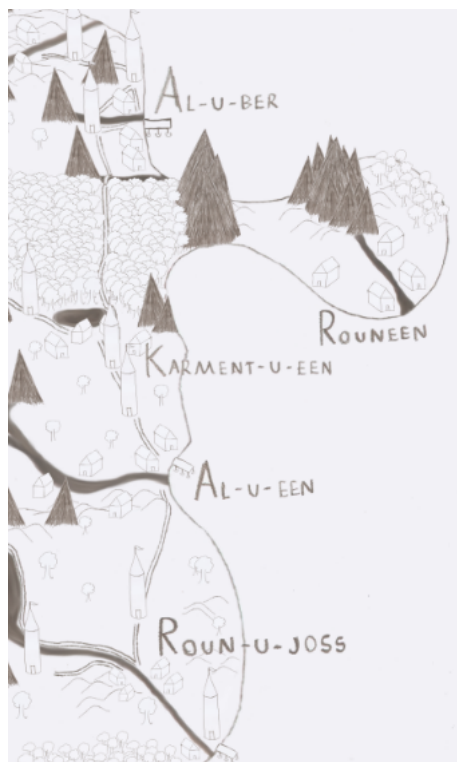


Região noroeste de Heelum, divididas do resto do continente pelas Grandes Cordilheiras (Occidental e Oriental). Entre elas, a Grande Floresta de Heelum e a Floresta Noroeste, a cidade de Rirn-u-jir.



Região central de Heelum, ao sudeste da Grande Cordilheira Oriental do Noroeste. Em proeminência parte da Grande Floresta de Heelum, ao norte.

O rio Al-u-bu (ao sul da floresta homônima) separa a região central da região sudeste.



Região leste de Heelum, com parte de Ten-u-rezin aparecendo ao norte.



Região sudoeste de Heelum. O rio Imioraunk corta o deserto Imiorina. Mais ao sudeste de Kerlz-u-een (que fica em meio à Floresta dos Oniotos), pode-se ver parte de Kor-u-een.



